



OPAL REYNE

A SOUL^{TO}
TOUCH

DUSKWALKER BRIDES BOOK 3

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



OPAL REYNE

A SOUL^{TO}
TOUCH

DUSKWALKER BRIDES BOOK 3

DUST WALKER BRIDES

ORDEM DE LEITURA



SINOPSE

Tudo o que Mayumi sempre quis foi caçar Demônios.

Depois de ser dispensada da guilda de Caçadores de Demônios, Mayumi optou por se isolar na floresta. O melhor lugar para caçar e matar Demônios. Mas, uma noite, ela se surpreende quando um monstro diferente é atraído por suas iscas.

Pouco antes de disparar uma flecha com o objetivo de matar, Mayumi faz uma pausa. Ela percebe que já viu aquele rosto felino com caveira antes e que uma vez salvou sua vida.

Tudo o que Faunus sempre quis foi ela.

Depois que o Rei Demônio quebrou seu crânio, Faunus retorna para cuidar da única humana de quem ele já cuidou. Ele sabe o que seu futuro reserva, ela nunca se tornaria sua noiva, mas ele quer passar o que resta de sua vida protegendo-a.

Ele nunca esperou que ela fosse amiga dele, ou que ela o desejasse abertamente. Ela é tão ardente quanto sua paixão ardente, e ele está desesperado para deixá-la consumi-lo.

Mas seu tempo neste mundo é curto, e Faunus não sabe como pode ficar com Mayumi quando sabe que nada o salvará.

CAPÍTULO 1

A neve pressionou contra sua carne, causando arrepios em suas pernas nuas até que agrediram sua espinha. Mayumi estremeceu, suas perninhas de quatro anos afundando tanto no pó frio e seco que chegava até os joelhos trêmulos.

Ela não precisava cair muito, constantemente tendo que se firmar com as mãos para cavar para poder avançar pela floresta.

Estava escuro.

Mas ela estava marchando pela noite há tanto tempo que seus olhos se

acostumaram a isso. Ela podia dizer a diferença entre troncos de árvores sombrios, seus galhos folhosos se estendendo e os arbustos no chão. O céu estava azul-escuro, ajudando-a a saber onde estavam os obstáculos mais escuros para que ela pudesse evitá-los.

O brilho da lua ricocheteava na neve, ajudando sua visão enquanto ela procurava.

Ela, uma criança, deveria estar caminhando sozinha pela perigosa floresta? Definitivamente não, especialmente porque sua família residia fora de um vilarejo e seus altos muros protetores.

Eles eram uma das raras famílias a viver na região potencialmente Florestas cheias de demônios, mas seu pai garantiu que eles estavam seguros - ainda mais quando ela estava com medo e precisava de conforto.

Seus pais sabiam onde ela estava? Ela sinceramente esperava que não - caso contrário, seu pai iria ter uma conversa dura com ela. Ele era reconfortante e ainda muito assustador. Ele era rigoroso; ele tinha que ser com uma garota tão curiosa quanto sua filha.

Então, o que ela estava fazendo lá fora na floresta sozinha em uma das noites mais escuras do inverno, quando ela sabia que estaria em apuros por isso?

Suas pequenas respirações saíram como bufos que embaçaram na frente de seu rosto. Eles fizeram cócegas em seu nariz gelado, dando-lhe um momento de calor antes de desaparecer. Uma narina estava pingando e ela fungava constantemente.

Seus pés pareciam congelados em suas botas de dormir e doíam com uma espécie de dor entorpecente. Era o mesmo em suas mãos e dedos. Uma de suas mãos puxou a jaqueta que ela jogou sobre si mesma, enquanto a outra a firmou para que ela pudesse, mais uma vez, cavar-se para fora da neve.

Felizmente, ela era pequena e leve. Ela tinha visto seus pais lutarem para caminhar através de um pó tão espesso e fresco.

— Sombra! — ela chamou, sua voz jovem ecoando. — Sombra! Aqui gatinho!

Ela não obteve resposta.

Seu cabelo grosso e preto caiu sobre a testa enquanto ela procurava. Como fizeram muitas vezes durante sua marcha obstinada, as lágrimas começaram a brotar em seus olhos.

– Por favor! Me desculpe por puxar seu rabo!

Sua gata, que era quase preta, exceto por uma máscara branca em seu rosto, estava desaparecido a maior parte do dia. Normalmente, ela voltava para casa depois de fugir, mas não havia voltado para o jantar.

Ela se foi e Mayumi ficou com o coração partido.

Como Mayumi sempre ficava em casa com a mãe, pois era muito jovem para viajar pela floresta com segurança, ela não conheceu nenhum outro humano de sua idade. Sombra era sua única amiga. Elas se conheciam desde sempre.

Mayumi conteve habilmente as lágrimas e franziu a testa com determinação. Ela até franziu os lábios, mais do lado esquerdo do que do lado direito – ela odiava quando sua mãe zombava de seu beicinho.

Mas era o rosto corajoso de menina grande de Mayumi.

Ela iria encontrar sua gatinha e então voltaria para casa antes que qualquer um de seus pais soubesse que ela havia partido.

No entanto, à medida que a noite avançava e de alguma forma ficava mais fria - o vento suave, mas cortante com dentes congelados - ela começou a diminuir a velocidade. Embora seus dentes estivessem batendo de sua mandíbula trêmula, eventualmente ela começou a se sentir... quente.

Tão quente, na verdade, que o suor escorria em sua testa.

As árvores começaram a se dividir em duas, assim como os arbustos. O chão ficou ondulado e ela tropeçou.

– Aqui, G-gatinha, G-gatinha, G-gatinha.

Não importa o quão longe ela vagou, Shadow nunca veio.

Mayumi não sabia a que distância estava de casa agora, mas sabia que precisava voltar se não quisesse que ninguém notasse sua falta.

Ela se virou, acreditando tolamente que sua casa estava logo atrás dela, jovem demais para levar em consideração que ela estava desviando de árvores, arbustos e pedras estranhas.

Um som de quebra e trituração chamou sua atenção.

Seu coração disparou com uma esperança delirante, e ela foi direto para o barulho. Era Sombra. Tinha que ser Sombra. Claro, era o gato dela - nada mais poderia estar à espreita no escuro.

Involuntariamente, Mayumi correu direto para o perigo, sua mente nebulosa e sua febre piorando a cada segundo.

Uma criatura, tão negra que tornava quase impossível ver seu tamanho no escuro, virou a cabeça para ela. Olhos amarelos chamaram sua atenção, grandes, assim como os de Sombra. Mayumi sorriu brilhantemente. Como a máscara de Sombra, o rosto era branco e, com a visão embaçada dela, era fácil confundir o que realmente era.

Yay! Eu a encontrei! Mayumi tropeçou na neve de emoção. Isso a distraiu o suficiente para que ela não notasse a mancha reflexiva da neve que revelou que o brilho amarelo havia se tornado vermelho.

A boca estava se abrindo quando um rosnado ecoou, mas ela interpretou aquele baixo como um ronronar estrondoso. Ela estava vindo para cumprimentá-la.

Uma pata preta pousou bem na frente dela quando ela se levantou. Mayumi saltou cegamente com as mãos estendidas.

– Gatinha! – ela gritou alegremente, envolvendo os braços em volta do pescoço grosso.

Todos os sons estrondosos de repente ficaram quietos.

Mayumi começou a esfregar o rosto no familiar pelo macio ao qual estava acostumada. Eles eram quentes, e ela se perdeu neles, seu corpo buscando o calor.

– N-não, – ela começou, sua voz rouca e ficando mais suave. – Não me deixe de novo. Senti a sua falta.

Mayumi ficou fraca. Toda a sua determinação desapareceu agora que ela encontrou seu animal de estimação e, eventualmente, seus braços afrouxaram seu abraço apertado. Ela caiu para o lado, batendo em um membro fofo, como se a criatura estivesse de quatro.

Ao ar livre, pensando que estava deitada na frente de sua gata, Mayumi desmaiou quando a febre aumentou...

– Porra! – Mayumi gritou, o cobertor caindo de seu peito até os quadris enquanto ela rapidamente se sentava na cama.

Seu longo cabelo preto balançava para a frente. As pontas se assentaram contra seu peito enquanto o comprimento emoldurava seu rosto.

Ela ofegou, a respiração entrando e saindo rapidamente de seu peito arfante enquanto o suor pontilhava sua testa. Ela olhou em volta, certificando-se de que sabia onde estava antes de levantar as pernas.

Ela colocou o cotovelo esquerdo sobre os joelhos dobrados para poder segurar a testa, ignorando a transpiração ali enquanto olhava para o cobertor com os olhos arregalados.

É aquele sonho de novo. Um sonho... ou uma lembrança?

Mayumi realmente não sabia. Ela era muito jovem para se lembrar do que tinha visto, muito doente para realmente acreditar no que seus olhos viram naquela noite.

Tudo o que ela sabia... tudo o que ela sabia era que nunca havia encontrado sua gata. Sombra nunca voltou; ela nunca mais a viu.

Mas o que quer que seu eu de quatro anos tenha tropeçado... seja lá o que diabos foi, não a comeu. Pelo menos, ela não achava que tinha tentado.

Depois de desmaiar na neve quando ela tinha quatro anos, ela acordou na cama, com febre, com seus pais em pânico - principalmente sua mãe. Alguém ou *alguma coisa* a havia trazido para casa.

Eles não bateram, não gritaram pelos pais dela, não ficaram por perto para explicar nada.

Seus pais a encontraram em frente aos degraus da varanda, deitada na neve depois de *procurá-la*. Claro, seus pais perceberam que ela tinha ido embora no meio da noite.

Eles pensaram que ela estava morta, provavelmente comida por um Demônio que a atacou enquanto ela andava estupidamente. Alguém teria tropeçado em seu cadáver congelado e a comido eventualmente.

Com a ajuda dos sacerdotes que vinham a sua casa para ajudá-la, eles curaram sua febre ao longo de muitos dias.

A repreensão e punição que ela recebeu de seu pai depois que ela melhorou foram brutais o suficiente para que ela nunca mais deixasse sua casa depois de escurecer.

— *Foda-se* — ela amaldiçoou novamente em voz baixa. — O que diabos eu vi naquela noite?

Era uma pergunta que ela havia feito a si mesma muitas vezes ao longo de sua vida. Muitas vezes ela teve esse sonho recorrente de memória.

Havia apenas duas opções disponíveis: um Demônio ou um

Caminhante do Crepúsculo.

Cegamente, Mayumi estendeu a mão ao lado de sua cama futon. Ela deu um tapinha no chão antes de seus dedos roçarem uma garrafa de cerâmica fria que tentou rolar. Ela a abriu.

— Eu realmente preciso parar de beber, — ela murmurou, levantando a garrafa acima de sua cabeça para que as gotas restantes de álcool cobrissem sua língua. — Sempre tenho sonhos estranhos e vívidos quando bebo.

Ela esperava que houvesse mais do que algumas gotas no frasco, mas ao virar o olhar para o lado, ela percebeu que a derrubou e derramou seu conteúdo. Antes ou depois de adormecer, ela não tinha certeza. Pelo menos caiu para o outro lado e não estragou seu futon.

Largando a garrafa para o lado, ela se pôs de joelhos para rastejar até o último tronco seco. Ela a jogou na lareira, sabendo que as brasas restantes acabariam por incendiá-la e reaquecer a casa.

Completa e totalmente nua, já que não havia mais ninguém nesta casa vazia além dela mesma, ela arrastou sua bunda de ressaca até o balcão da cozinha.

Ela destrancou as persianas de madeira e as empurrou para os lados para revelar a longa janela gradeada atrás delas. Nevava levemente, o mundo era um mar branco. Com olhos sonolentos, ela não deu atenção ao mundo exterior. Estava quente o suficiente dentro de sua casa, e isso era tudo com o que ela se importava.

Ela estendeu a mão sobre o balcão de madeira bem conservado para o pote de cerâmica que ela queria, removeu a tampa, então *imediatamente* suspirou e revirou os olhos.

— Esqueci que estava fora do meu chá matinal.

Ela pegou outro frasco, um que ela raramente abria porque seu conteúdo era precioso e extremamente difícil de obter – e caro. Ela abriu.

— Que diabos? — ela rosnou, virando o frasco vazio de cabeça para baixo para ver algumas manchas marrons caindo dele. — O café também?

Ela bateu o pé, inclinou-se sobre o balcão enquanto apoiava os cotovelos sobre ele e gemeu em suas mãos. *Eu não quero ir para a cidade*

hoje!

Ela vinha dizendo isso há três dias.

No entanto, ela agora estava oficialmente fora de tudo decente nesta casa. Sem chá, sem café, e ela estava bem ciente de que estava sem bebida.

Não. Não. Não estou fazendo isso. Ela se inclinou para trás para poder ficar ereta, rolando os ombros para trás desafiadoramente para ninguém além de si mesma. *Eu posso sobreviver sem essa merda. Eu tenho feito isso por anos.*

Seus olhos se desviaram para a porta da frente.

— Só resta uma opção.

CAPÍTULO 2

Um suspiro foi dado por Mayumi no momento em que todo o seu corpo nu atingiu a neve. Ela se jogou da varanda e caiu na poeira espessa bem na frente da escada, basicamente mergulhando como um salmão.

Todo o seu torpor se dissipou em um instante.

— Ai! — ela gritou, sentando-se e jogando ambos os punhos no ar. Ela piscou com o brilho ao seu redor no sol da manhã, enquanto os flocos de neve caindo lentamente se acumulavam em seu cabelo. — Isso nunca deixa de acertar o alvo.

Sua pele clara e fulva começou a ficar rosada em algumas áreas, o ar gelado e cruel com sua tez.

Ela rapidamente se levantou, acidentalmente afundando até a panturrilha na neve fresca e tendo que se equilibrar. Ela soltou o pé e agarrou o balde de metal que trouxera para começar a jogar neve nele.

Seus mamilos estavam tensos e desconfortavelmente duros, quase beliscando. Eles apontaram o caminho enquanto ela corria para dentro de sua casa para escapar dos elementos do inverno, certificando-se de limpar os pés antes de entrar em casa.

Ela colocou o balde de metal sobre uma grade de aquecimento dentro da lareira antes de se ajoelhar em frente a ela para aquecer seu corpo e as pontas dos dedos tingidas de azul.

Não demorou muito para ela ter água fresca e usou uma concha como xícara para umedecer a língua. Então ela deixou a água esquentar por tempo suficiente para poder usá-la para limpar o corpo com um pano úmido.

Ela tinha pouco mais para ocupar seus pensamentos e não pôde deixar de olhar ao redor de sua casa enquanto esperava.

A maioria diria que era modesta. Ela tinha apenas um quarto adicional e era feito principalmente de madeira, mas era robusto e resistiu ao teste do tempo. Sua família residia nesta casa de tamanho médio há séculos.

Na parede esquerda atrás dela, havia uma ampla cozinha com uma prateleira aninhada entre a bancada e a porta. Não havia armários

acima dos balcões, mas muitos se estendiam por baixo, e havia uma prateleira atrás da porta escondendo suas frutas e legumes que estavam diminuindo. No lado direito dos balcões havia uma mesa de jantar que havia sido empurrada contra a parede para economizar espaço, mas que podia ser puxada para acomodar quatro pessoas confortavelmente.

Atualmente, havia apenas uma cadeira disponível. As outras três estavam guardados do lado de fora em um galpão de madeira.

Ao lado da mesa, no canto esquerdo, havia uma porta que dava para um depósito, onde Mayumi guardava principalmente suas roupas. Ele foi projetado para ser um espaço para todos os moradores da casa guardarem itens pessoais. Roupas, brinquedos, *armas*.

Era onde seu futon estava atualmente. Ela o enrolou e guardou com toda a roupa de cama antes de sair. A maioria dos que viviam fora das aldeias protegidas usavam futons para economizar espaço, especialmente porque o número de pessoas dentro da casa podia mudar com frequência.

Ela geralmente dormia ao lado da lareira, pois geralmente tinha o espaço mais livre - seus pais também faziam isso. Também era mais quente no inverno.

À sua esquerda, que também ficava nos fundos da casa, havia uma espécie de área de estar. Havia dois sacos cheios de lã de ovelha; felizmente, eles eram leves e fáceis de mover. Um deles estava no chão, como ela frequentemente se sentava, enquanto o outro descansava em uma poltrona sem uso feita de couro e madeira.

O último assento era uma cadeira de balanço, e ela olhou para ela, sabendo que era a favorita de sua mãe antes de falecer.

Ela suspirou, desviando os olhos da cadeira de balanço com desejo antes de caírem de volta na lareira. Era totalmente feita de tijolo, e acima do manto havia vários ornamentos de proteção de Demônios que eles descobriram ao longo dos séculos - se eles realmente funcionavam, ela não tinha certeza.

A espada pessoal de seu pai descansava acima dela como um lembrete e advertência.

Por fim, entre a lareira e a porta à direita, havia um espelho de

corpo inteiro que ia do chão ao teto com um cabideiro ao lado. O espelho estava lá para que pudessem conferir suas roupas antes de sair de casa. Se alguém não gostasse de olhar para seu próprio reflexo, seria difícil evitar fazê-lo por causa de sua colocação.

Muitas vezes refletia a expressão entediada e cansada de Mayumi.

Apesar da falta de móveis, encostada ou pregada em todas as paredes havia uma decoração pessoal coletada por sua família ao longo dos séculos. Uma pintura antiga de um prado e um rio desenhado com tinta preta em uma tela creme. Uma lanterna ornamentada que nunca havia sido usada porque era muito preciosa. Um quadro que uma criança havia pintado acima do balcão da cozinha.

Havia uma fita de flores que Mayumi havia feito pregada na parte de trás da porta da frente, que era um arco-íris porque cada pétala tinha uma cor diferente.

Havia tantas memórias coletadas aqui. Se alguém viesse aqui e a encontrasse vazao, ela tinha certeza de que seria doloroso. Muitas vezes em sua vida, Mayumi entrou na casa de um estranho para encontrá-la manchada de sangue, mas com evidências de um lar principalmente humilde e feliz.

Às vezes essas lembranças perduravam, e ela se afastava de seus pensamentos sombrios para se concentrar em sua tarefa.

Eu não posso mudar o passado.

Uma vez que ela terminou de se limpar, Mayumi vestiu calças justas de couro marrom, enganchando os botões no quadril direito. Então ela vestiu uma camiseta antes de colocar uma túnica grossa de algodão cinza sobre seu torso. Por fim, ela vestiu uma jaqueta de pele de lobo branca - algo inestimável, pois apenas caçadores poderiam obter uma pele dessa cor.

Mayumi parou na frente do espelho de corpo inteiro situado permanentemente contra a parede. Tinha algumas manchas envelhecidas, mas fora isso estava quase transparente - exceto pelo canto superior direito fosco.

Seu olhar mal registrou sua aparência desmazelada. Não

demorou em seus olhos castanhos que pareciam negros nas sombras, mas brilhavam quase fulvos na luz. Também não se demorava em seu queixo pequeno e pontudo, em suas orelhas ou em seus lábios de cupido. Seu corpo estava escondido pela jaqueta grossa, tornando fácil confundir sua estrutura esbelta - o que enganava sua força.

O que ela realmente queria ver era seu cabelo preto grosso, na altura da cintura. Depois de debater se deveria ou não escovar a bagunça emaranhada que parecia mais um ninho de pássaro do que cabelo, ela percebeu que não dava a mínima. Ela apenas o jogou para cima em seu habitual rabo de cavalo alto para não obscurecer sua visão.

Ela enfiou o dedo nas barras da gaiola de seu pombo-correio para coçar a nuca dele. Ele murmurou deliciosamente em resposta.

Antes de sair de casa, ela enrolou o cinturão da espada na cintura, verificando se a adaga também estava segura. Então ela pendurou a aljava e o arco nas costas.

Mayumi passou muitas tardes fazendo suas flechas à mão. As pontas de flecha foram forjadas em aço pela pequena e rudimentar estação de ferraria que ela tinha nos fundos de sua casa. As penas eram de cores estranhas, pois ela usava qualquer pássaro que conseguia abater para suas penas.

Vestida para o clima e os perigos que poderiam estar à espreita, ela abriu a porta para entrar na varanda de madeira. A área da varanda se estendia por dois lados de sua casa, envolvendo a frente e o lado direito da entrada da porta da frente.

Ela se inclinou e sacudi suas botas de couro e pele de qualquer neve que pudesse ter se acumulado dentro delas durante a noite antes de colocá-las em seus pés. Havia muitos outros sapatos na prateleira ao lado da porta da frente, desde botas de trabalho até sapatilhas sem cadarço.

Agora que ela estava pronta com o que usava na maioria dos dias, ela caminhou ao longo de cada canto da varanda para verificar o *omamori*. Seus ancestrais acreditavam que os *omamori* os protegiam dos demônios e dos maus espíritos. Datando de séculos antes de ficarem presos nesta parte do mundo depois que os Demônios vieram

para a Terra, sua família continuou a tradição de enforcá-los.

Ao lado deles havia placas de amuletos de madeira dadas a ela pelos Sacerdotes e Sacerdotisas da cidade mais próxima. Isso não criava nenhum tipo de barreira, mas aparentemente era mais um impedimento.

Sua casa nunca foi invadida por demônios, e isso é tudo que ela realmente se importava.

Não parece que vou precisar obter novos pratos tão cedo, ela pensou enquanto os agarrava com força.

Mayumi então estendeu a mão para tocar a bolsa de seda brocada do omamori que continha algum tipo de madeira - ninguém sabia de que tipo, pois era costume nunca abri-los. Eram velhas e tão puídas que ela fez questão de tocá-las com cuidado. *Estas não vão durar muito mais tempo.*

Elas ainda tinham alguns anos antes que a corda de seda que as segurava arrebentasse. Ela acreditava que funcionavam, mas também sabia que isso poderia ser uma falsa esperança, pois não eram abençoados há centenas de anos.

Às vezes era mais fácil acreditar.

Ela juntou as mãos em concha, curvou a cabeça e rezou para que seus ancestrais continuassem a cuidar dela. Então ela recuou enquanto abaixava as mãos, dando-lhes um pequeno olhar.

É melhor eles estarem cuidando de mim. Eu sou a última que resta. Pelo menos do lado do pai.

Ela não tinha ideia sobre as origens de sua mãe, pois sua mãe também não. Sua família foi morta por demônios quando ela era jovem, deixando-a órfã.

Por outro lado, Mayumi sabia tudo sobre o lado paterno da família.

Ela revirou os olhos. *Não vou me dar uma aula de história. Meu pai me deu muitas dessas.*

Não, ela tinha coisas muito mais importantes para fazer.

Ajustando o arco para que ficasse melhor em seu peito quase todo plano, ela desceu os degraus da varanda. No momento em que suas botas estalaram na neve, ela se dirigiu para a direita em direção

aos fundos de sua casa.

Pressionado contra a parte de trás da casa havia um galpão de madeira. Ela empurrou o longo e pesado trinco de madeira que o fechava completamente para abri-lo. Pegando uma longa corda, ela atirou-a sobre o ombro antes de pegar um machado e prendê-lo no cinto de sua arma.

Depois de fechar o galpão e prendê-lo, ela caminhou sob o dossel preso à parede dos fundos que fornecia abrigo durante todo o caminho. Era aqui que ficava sua estação de ferraria. Havia um banho de primavera que havia sido feito por alguém de sua família anos atrás. Ele se conectava ao riacho próximo, que poderia ser manipulado por canos de terracota e barragens para bloquear ou liberar o fluxo de água diretamente para ele.

Mas um banho lá fora no meio do inverno era péssimo. Demorava muito para aquecer com o forno externo.

Assim que ela passou, ela começou a descer a montanha. Ela nem se deu ao trabalho de olhar para trás; não havia sentido.

A floresta ao redor estava cheia de árvores altas e finas, a maioria das quais cedro ou abeto. Elas criavam sombra suficiente para fazer qualquer humano se sentir cauteloso. Mayumi examinou seu ambiente cuidadosamente enquanto caminhava.

A neve era espessa no chão, caindo mais lentamente a cada segundo, mas ela a atravessou com facilidade. Ela estava criando uma trilha atrás de si e sabia que seria capaz de segui-la até em casa.

Mayumi sabia para onde estava indo e sempre encontraria o caminho de volta. Ela cresceu nesta floresta. Ela sabia disso melhor do que ninguém. Não importava que tivesse crescido nos poucos anos em que ela estivera longe dela.

Um som à distância fez com que sua cabeça se erguesse em sua direção, mas ela não parou. Ela apenas colocou uma mão firmemente em torno de seu arco e a outra em sua espada curta em preparação.

Nada se aproximou, e tudo ficou quieto mais uma vez, exceto seus passos e sua respiração constante.

Havia uma árvore caída que ela começou a cortar alguns dias atrás para sua lenha, e ela finalmente a viu descendo a longa colina.

Suas reservas estavam vazias desde que ela jogou a última peça na lareira naquela mesma manhã. Se ela não queria congelar nas próximas noites, ela precisava de mais.

Uma forte tempestade de neve também pode acontecer sobre ela a qualquer momento.

Mais uma razão para ir para a cidade, eu acho. Se eu ficar presa por mais de dois dias, não terei comida. Ela gemeu alto quando se deparou com a árvore que queria. *Eu vou ter que ir amanhã, não há dúvida sobre isso.*

Ela soltou o machado do clipe no cinto e o girou em um círculo para preparar o pulso. Ela também começou a esticar os braços, as costas e o pescoço enquanto se aproximava.

Com o machado apoiado sobre o ombro, ela olhou para o último galho comprido que restava, pois já havia removido o resto. Então ela agarrou o cabo do machado com as duas mãos e o enfiou na base grossa.

Um guincho bufante soou ao lado dela em um arbusto, o primeiro golpe de Mayumi assustando o que quer que estivesse dentro dele. A apenas uma árvore de distância dela, farfalhava descontroladamente.

Ela imediatamente largou o machado e tirou o arco das costas enquanto pegava uma flecha. Ela ergueu os dois, puxando a corda para trás até que seu corpo travasse na posição, e mirou na direção do arbusto. Algo pequeno, preto e peludo saiu correndo dela.

Um demônio? Não.

Uma isca demoníaca? Sim, e ela estava absolutamente levando para casa.

Com uma habilidade que levou anos para aprimorar, ela lançou sua flecha, sua respiração exalada seguindo-a direto para um jovem javali. Ele deu um guincho de porco quando o tiro o atingiu no ombro, fazendo-o tropeçar. Ela já estava correndo atrás disso.

Quando estava prestes a se levantar e começar a correr novamente, Mayumi saltou. Com seu peso pressionando-o, ela amarrou sua boca fechada para mantê-lo quieto antes de amarrá-lo.

Com ele se contorcendo para se libertar, sem sucesso, ela o içou

nas costas. Era pesado, pois os javalis geralmente eram bastante densos. Ela teve sorte de ser relativamente pequeno e de ser extraordinariamente forte.

Todo aquele treinamento me fez maravilhas.

Ela o deixou cair no chão ao lado da árvore. Ela precisava dele vivo para o que queria fazer, precisava dele fresco, mas também precisava de lenha.

Apalpando a testa antes de tirar algumas mechas de cabelo solto do rosto, os cachos rebeldes incapazes de serem domados, ela se perguntou o que deveria fazer.

Ela usou a corda com a qual pretendia carregar a lenha de volta. De alguma forma, ela ficou impossivelmente cansada, apesar da adrenalina que a percorria.

Com sua respiração quente embaçando no ar frio, o javali recebeu um olhar feroz.

— *Você.* Você simplesmente não poderia estar em um arbusto perto de casa, poderia? — Ela arrancou o machado da neve e começou a cortar o galho novamente. — Agora vou ter que carregar você e este galho de volta ao mesmo tempo. Você sabe o quão difícil isso vai ser?! E eu não tenho nenhuma bebida para me recompensar!

Ela planejou originalmente cortar este galho em pedaços e carregá-lo nas costas como uma mochila com a corda enrolada nas bordas. Agora ela teria que agarrar a ponta fina do galho e arrastá-lo pelo chão enquanto carregava o animal nas costas.

Suas palavras eram tensas, muitas vezes seguidas de um grunhido quando ela usava o machado, quando dizia: — Então, novamente, isso me dará algo para fazer esta noite.

Era melhor do que beber e olhar para as chamas, ou pela janela, ou para o maldito teto.

Preciso de um namorado ou algo assim. Ela fez uma pausa e torceu o nariz para si mesma. *Ai credo. Não, eu não. Os homens são muito complicados.*

Namorada então? Ela pensou nisso por um longo tempo, seus olhos escaneando o dossel de folhas acima... e então ela balançou a cabeça. *Mesmo problema. Muito complicado.*

Independentemente disso, ela estava se sentindo um pouco solitária. *Eu prefiro apenas foder e esquecer o rosto deles.*

Outra razão para ir à cidade, ela imaginou.

Assim que ela terminou de cortar o galho do cedro que estava meio enterrado na neve, ela içou o javali para as costas dela. Então ela deu a volta para agarrar a ponta do galho da árvore, puxando-o para começar sua traiçoeira escalada de volta a montanha.

Ela criou uma trilha perceptível na neve atrás dela, mas estava mais focada em não tropeçar enquanto carregava sua carga pesada. Seu coração disparou com o esforço, sua respiração ficando mais rápida conforme os segundos passavam com cada levantamento de perna tenso.

Isso vai levar uma eternidade, ela pensou depois de cinco minutos e descobrindo que mal havia percorrido qualquer distância. *Caramba.*

CAPÍTULO 3

Depois de voltar para casa e esperar o anoitecer, Mayumi amarrou com segurança as patas traseiras do javali e puxou o longo pedaço de corda conectado a ele para poder pendurá-lo de cabeça para baixo. No meio da pequena clareira na frente de sua casa havia uma estaca de madeira de três metros de altura. No topo da estaca havia uma fenda esculpida para guiar a corda sem que ela escorregasse para o lado enquanto ela puxava.

Quando estava na altura do peito, ela enrolou temporariamente a corda em uma estaca de metal que estava cravada no chão.

O javali fez ruídos de angústia. Ela tinha certeza de que era desconfortável ou doloroso, mas há muito tempo ela se tornou insensível a esse tipo de crueldade. Seu sofrimento terminaria em breve.

Isso não significava que no início do dia ela não havia cuidado do javali ferido. Ela limpou a ferida infligida por sua flecha e enfaixou-a enquanto dava remédios à base de ervas na esperança de aliviar a dor.

Ela odiava fazer isso com um animal indefeso, mas era uma necessidade na realidade da Era dos Demônios em que o mundo estava atualmente.

Removendo a lâmina de corte entre os dentes e o sorriso de curvar os lábios que impedia que seu rosto fosse cortado, Mayumi agarrou o cabo com força com um punho. Então ela enfiou a lâmina no intestino do javali logo abaixo de sua pélvis.

Ela deu um passo para trás enquanto cortava para baixo, deixando seu sangue e entranhas cair no chão para se certificar de que muito pouco, ou esperançosamente, nenhum, a tocasse.

Sabendo que precisava descartá-la para não carregar o cheiro de sangue fresco, ela largou a faca no chão e então olhou para o céu.

O crepúsculo estava se estabelecendo e as sombras já eram longas. Mais alguns minutos e o sol terminaria de cair no horizonte.

Mayumi agarrou a corda e ergueu a carcaça do javali mais alto na estaca de madeira para dificultar o alcance. Seus movimentos eram

rápidos, apressados, mas não em pânico.

Uma vez amarrado permanentemente, ela correu para dentro.

Ela não tirou as botas, embora normalmente o fizesse, para que pudesse ser rápida. Suas mãos tinham algumas gotas vermelhas e ela as lavou em uma tigela rasa.

O espelho foi sua próxima parada para verificar se não havia sangue em nenhum outro lugar antes de dar uma olhada final em suas botas com seus próprios olhos.

A roupa que ela usava era preta da cabeça aos pés.

Suas botas pareciam mais meias, pois eram flexíveis e duráveis, moldando-se entre os dedões para que ela tivesse destreza com elas. Suas calças de couro estavam embebidas em tinta preta, assim como sua camisa justa e jaqueta de couro. Suas luvas eram finas, não feitas para proteger do frio, mas sim para esconder a pele.

Sobre sua cabeça havia um capuz especializado com um botão do lado de dentro para que ela pudesse colocar uma máscara sobre o rosto que escondia tudo, menos os olhos.

E aqueles olhos, que antes estavam entediados e cansados, agora olhavam para ela do espelho com uma nitidez distinta que só exibiam quando ela usava essa roupa.

O último detalhe em sua roupa simples era uma insígnia de prata pressionada na parte superior do peito em seu esterno. Uma espada perfurando todo o caminho através de um círculo que se afunilava no final antes que pudesse terminar.

Era o símbolo da guilda dos caçadores de demônios.

Essa roupa era uma réplica perfeita de centenas que eram usadas pela guilda, desde o capuz e as calças até os próprios sapatos.

Tudo era uniforme, tudo igual, exceto por um detalhe importante – a cor da insígnia revelava o status da pessoa dentro da guilda.

A cor mais alta era o ouro, a mais baixa era o preto.

Sua narina esquerda se contorceu de irritação com a insígnia de prata em seu peito que designava o segundo posto mais alto da guilda. Ela se afastou de seu reflexo.

Mayumi deixou a área principal de sua casa para entrar na

única outra sala.

Ela ignorou a variedade de itens pessoais que pertenciam a vários ancestrais. Roupas empoeiradas, sapatos que não serviam porque não lhe serviam, uma boneca da bisavó. A área estava lotada até o teto com itens que ninguém teve coragem de descartar.

Nem mesmo ela.

Ela sempre notava o cheiro velho e ligeiramente mofado nesta sala, e ocasionalmente desencadeava sua leve febre do feno se ela mexesse em algo demais.

A máscara que cobria seu rosto era fina. Destinava-se apenas a esconder sua pele, mas não fazer com que sua respiração se tornasse profunda e alta, e fez pouco para protegê-la do cheiro desconfortável e encharcado de história.

Ela puxou a corda presa ao teto no meio da sala para destravar a escotilha de uma porta. As escadas se inclinaram para baixo e ela puxou a corda sob a primeira seção para desdobrá-la para que pudesse subir.

Ela abaixou o corpo para a frente, quase abraçando a escada para evitar que seu arco, aljava e flechas impedissem sua ascensão ao sótão.

A área aqui era empoeirada, mas mostrava evidências de uso recente e frequente. Ela riscou um fósforo assim que se ajoelhou no nível, acendendo uma vela que sabia estar bem perto da abertura.

Muito pouco estava escondido aqui.

Estava quase vazio, exceto por algumas armas espalhadas que permaneceram aqui propositadamente, apenas em caso de emergência.

O sótão proporcionava uma fuga em duas direções diferentes. Para cima se os Demônios entrassem pelo nível mais baixo, ou para baixo se eles precisassem sair do telhado – que era para onde ela estava indo atualmente.

No momento em que ela abriu a porta que dava para fora do sótão, o ar frio da noite a assaltou. Ela se abaixou, colocando rapidamente um manto marrom sobre o corpo para camuflá-la.

Mayumi içou-se para o telhado, rastejando sobre as mãos e os joelhos até chegar onde queria. Ela estava deitada no telhado

inclinado. Seus olhos observaram a clareira onde o javali estava pendurado enquanto ela puxava o arco e a aljava dos ombros.

Ela encaixou a ponta de uma flecha na corda do arco, mas a colocou contra o teto em uma posição relaxada e esperou.

Ela estava acostumada a ficar do lado de fora no escuro da noite caçando os monstros que frequentemente a caçavam de volta. Com seus olhos experientes, ela podia ver tudo claramente.

O javali era sua isca. Ela precisou esperar até que estivesse quase escuro antes de poder utilizá-lo, precisando de seu sangue recém-derramado para liderar Demônios ali. Sangue seco só era útil quando o animal era maior, como um cervo ou lobo.

Ela teve que matá-lo onde o fez, da maneira que fez, para conduzi-los a esse local específico. A última coisa que ela queria era atrair os Demônios para vários lugares, tornando desorientador para ela caçar de seu ponto de tiro. Também significava que eles não estariam farejando em busca de mais sangue, o que poderia revelá-la.

A roupa de Mayumi estava saturada de ervas com cheiro forte e sua pele estava coberta por um óleo que já havia começado a penetrar em sua pele. Isso foi o suficiente para diluir seu cheiro humano, mas não o suficiente para apagá-lo.

Ajudou que a neve fresca a cobrisse lentamente, mas ela estava quente o suficiente sob sua capa. Ela estava acostumada com os elementos duros de seu treinamento.

Como sua casa era bem pensada em termos de localização, a espera foi longa.

Seus ancestrais construíram a casa entre duas grandes aldeias ao norte da floresta do Véu, ambas repletas de centenas de pessoas. As aldeias encobriam a casa da família de Mayumi sob a esmagadora massa da humanidade.

Casas pequenas como a dela eram frequentemente seguras porque os Demônios eram atraídos pelas populações maiores.

Embora as aldeias estivessem longe da casa dos Demônios no Véu, elas estavam, infelizmente, perto das montanhas. Muitos Demônios gostavam de construir seus ninhos fora do Véu nas cavernas escuras da montanha e nas antigas minas.

Era assim que todos os que viviam fora das aldeias permaneciam seguros. Era estranho que seus lares na floresta fossem atacados, e geralmente acontecia quando um Demônio errante percebia a presença deles à distância.

Atraí-los era um jogo de paciência, um que Mayumi havia jogado muitas vezes em sua vida – não tanto aqui, mas para a guilda.

De uma bolsa em seu quadril, ela puxou pão ou fruta para comer, nunca saindo de sua posição.

Mais ou menos depois da meia-noite, ela ouviu – os primeiros sons da vida feia.

As sombras engolidas deram a ele o abrigo perfeito para se esconder da vista até que estivesse na clareira, mas os rosnados vindos da esquerda a notificaram onde ela precisava olhar.

Ela puxou a flecha para trás, estendendo a corda do arco para uma posição média enquanto a alinhava. Ela eventualmente recuaria com mais força quando soubesse o quão grande era e onde atirar. Não adiantava cansar os braços quando não precisava.

Não houve sorriso de triunfo quando irrompeu na clareira e foi direto para o javali. Era de tamanho médio, um oponente difícil de lutar sozinho, mas se ela atirasse no lugar certo, poderia matá-lo quase instantaneamente.

Como a carcaça estava tão alta no ar, o corpo preto e vazio do Demônio saltou para cima e para baixo para alcançá-la. Ele arranhou a estaca enquanto tentava se apoiar para escalar, aumentando as muitas marcas já na madeira desgastada.

Ele tinha a forma de um lagarto com uma longa cauda atrás de sua bunda fina e emitia silvos enquanto lutava por sua presa.

— Vem cá, vem cá! — ele ofegou, espuma começando a se formar em sua boca.

Os olhos de Mayumi apenas se estreitaram, tendo ouvido muitos Demônios falarem no passado. Ela não soltou sua flecha, mesmo quando o Demônio parou seu salto frenético para farejar a base da estaca para descobrir outra maneira de chegar à carcaça.

Só havia uma maneira de subir, e era estúpido demais perceber que cortar a corda amarrada à estaca de metal no chão iria soltá-la.

Vamos, ela pensou, preparando-se ainda mais, trazendo as penas de sua flecha para roçar sua bochecha. *Se apresse!*

Finalmente, conseguiu se firmar e começou a cravar as garras para escalar. O Demônio estava se movendo rapidamente. Ela esperou que ele agarrasse o javali com os dentes e começasse a puxar antes de realmente alinhar sua tacada.

Conseguí.

Logo antes de lançar sua flecha, um rugido indutor de arrepios soou da esquerda.

Mayumi fez uma pausa, sabendo que aquele rugido só poderia ser criado por um Demônio maior, e apontou seu tiro naquela direção.

Vou precisar esperar. Os Demônios lutariam por sua refeição.

Seria inútil para o Demônio menor, pois o maior provavelmente venceria, mas significava que o último seria enfraquecido antes que ela tentasse matá-lo sozinha.

Passos altos, estalantes e pesados vinham da esquerda da casa, um pouco atrás dela, tornando difícil ver seu rosto. A velocidade com que ele correu foi mais rápida do que qualquer coisa que ela já tinha visto, mostrando a criatura como nada além de um borrão preto com a escuridão da noite sombreando-a.

O que ela pensou que seria uma batalha acabou sendo uma enxurrada de garras quando o Demônio maior invadiu a clareira. Ele matou o pequeno antes mesmo de terminar de levantar a cabeça do javali que conseguiu rasgar no chão.

Isso foi tão rápido! Felizmente ela não engasgou e revelou seu esconderijo, mas ela começou de surpresa, e normalmente nada surpreendeu Mayumi.

O Demônio menor foi esquecido, mal se movendo, enquanto o maior comia o que restava do pequeno javali. Era tão grande que apenas o jogou no ar e o engoliu inteiro.

Então seu lábio superior torceu com um sorriso de desgosto quando se virou para o Demônio menor. *Malditos canibais.*

O Demônio maior ficou de costas para ela enquanto comia o menor. Desse ângulo, ela só podia vê-lo balançando a cabeça de um lado para o outro até rasgá-la ao meio.

Sem hesitar, ela alinhou sua tacada e esperou.

Eu tenho que colocá-la entre os olhos.

Era... era enorme pelo que ela podia dizer, maior do que qualquer outro Demônio que ela já havia enfrentado. Um desse tamanho seria classificado como uma missão suicida para um Caçador de demônios solitário - a menos que eles atirassem entre os olhos.

A parte de trás da cabeça não era suficiente. A flecha poderia atravessar sua garganta com o ângulo descendente de onde ela estava atirando.

De quatro, ele continuou a comer desordenadamente, nunca se virando para ela conseguir um tiro certo.

Vire, maldito!

Mayumi era um alvo fácil assim. No momento em que terminasse sua refeição, provavelmente começaria a investigar o cheiro humano que exalava de sua casa. No momento, ele estava procurando sangue fresco, uma refeição grátis, mas logo iria se interessar por *ela*.

O incenso de máscara que ela acendeu na grade da varanda não seria suficiente, não depois que a carcaça tivesse desaparecido.

VAMOS!

Então aconteceu. Não terminou de comer sua própria espécie como um maldito selvagem, mas virou a cabeça para o lado para olhar para a floresta.

Esferas vermelhas brilhantes apareceram.

Ela esperava olhos vermelhos, mas estes eram estranhos. Os dela se alargaram quando ela percebeu que não era um Demônio, e a lua crescente destacou o lado de uma caveira branca.

Merda! Mayumi se abaixou e estendeu os braços para se esconder. *Um Caminhante do Crepúsculo?*

Ela franziu os lábios enquanto franzia as sobrancelhas com força. Seus olhos traçaram a neve reflexiva ao lado dela enquanto ela pensava.

Eu não posso lutar contra um Caminhante do Crepúsculo sozinha.

Ainda assim, ela ergueu a cabeça um pouco para poder vê-lo comer o último Demônio que havia matado. Foi só agora que ela percebeu que tinha sido capaz de ver a parte de trás de um crânio o

tempo todo.

Eu nunca lutei com um Caminhante do Crepúsculo antes. Quão diferente poderia realmente ser? Nada poderia sobreviver a uma flecha entre os olhos, bem na testa onde estava o cérebro. Ela duvidava que um Caminhante do Crepúsculo fosse diferente.

Hum. Mas ouvi dizer que seus crânios são basicamente impenetráveis.
Um debate mental guerreou fortemente dentro dela.

Ela não sabia quantos Caminhante do Crepúsculos havia no mundo, mas a guilda tinha certeza de cinco deles.

Havia um chifre de Impala com um crânio de lobo como rosto - um que muitos rastrearam e perderam a vida. Um chifre de veado com um crânio de raposa. Um com caveira de urso com chifres de touro espetados na cabeça como o próprio diabo - era implacável. Cada Caçador de demônios dentro da guilda foi instruído a nunca enfrentá-lo.

Havia um novo que só havia sido avistado uma vez nas últimas duas semanas. Ela recebeu uma mensagem de pombo sobre isso, assim como a maioria das cidades e aldeias.

O novo Caminhante do Crepúsculo tinha chifres na cabeça e um crânio de coelho. Era maior do que qualquer um que eles já tinham ouvido falar e era raivoso, atacando tudo e qualquer coisa ao alcance da voz. Outro aviso *de 'não se envolver'* foi dado por Caçadores de demônios agora mortos que lançaram um pássaro mensageiro antes de sua morte.

Houve avistamentos de um quinto, mas ninguém conseguiu dar uma boa olhada nele antes de recuar para a segurança até agora.

Muitos membros da guilda morreram nas mãos de Caminhantes do Crepúsculos e Demônios. Ela tinha certeza de que havia muito mais de ambos. Muitas vezes, as informações eram perdidas devido à morte constante.

Mayumi levantou-se, mais uma vez apontando sua arma.

Mas se eu matar um Caminhante do Crepúsculo e obter seu crânio como prova... Ela puxou a corda do arco o mais longe que pôde, esperando por um golpe poderoso o suficiente para atravessar seu crânio. *Eles podem me deixar voltar para a guilda.*

Mayumi foi dispensada por violar uma ordem.

Era uma ordem que ela nunca seguiria, mesmo que isso significasse que ela nunca poderia fazer parte da guilda e só poderia caçar Demônios como fazia agora - em sua casa ou em suas andanças.

Ela não tinha mais permissão para lutar ao lado dos membros da guilda, caçar com eles ou ficar a menos de dezesseis quilômetros de uma fortaleza de Caçador de demônios. Ela não tinha permissão nem para usar o uniforme, mas era a coisa mais segura de se usar. Ele a escondeu nas sombras, assim como os próprios Demônios.

Eu vou matá-lo. Eu tenho que fazer.

Ela sentiu o sorriso malicioso se formar quando seu lábio superior se contraiu, seus olhos se curvando com ele. O Caminhante do Crepúsculo começou a se virar, finalmente terminada sua refeição.

Se não, morrerei tentando.

Ela encontrou seus orbes vermelhos brilhantes e, em seguida, obteve uma visão frontal completa de seu rosto com caveira.

Todo o fogo em suas veias, todo o calor determinado, instantaneamente se esvaiu dela. Tanto que um suspiro surpreso saiu dela.

Felizmente, não a ouviu. Ele apenas balançou a cabeça como se estivesse tentando limpar seus pensamentos antes de se lançar para a direita, depois para a esquerda, antes de olhar para a casa.

A cor branca apagou o vermelho em seus orbes, seu corpo congelado como se estivesse nas garras do medo. Era quase como se tivesse visto um Fantasma.

O Caminhante do Crepúsculo disparou para o lado e desapareceu na floresta.

Aparentemente, nunca viu uma agora chocada Mayumi em cima dela, que começou a se curvar sobre as pernas enquanto ela se ajoelhava lá. Seu arco e flecha caíram de cada lado dela para descansar contra o telhado enquanto a compreensão soprou através dela, limpando a névoa de suas memórias.

Uma caveira de gato... Tinha uma caveira de gato.

Ela deixou seus olhos arregalados e incrédulos caírem sobre o telhado coberto de neve. Ela nunca hesitou antes, nunca se esquivou

de um inimigo uma vez que decidiu matá-lo - mesmo que fosse um risco. Ela até teve uma foto perfeita dele quando ele olhou para a varanda imóvel como pedra.

Em vez disso, ela perdeu completamente toda a sua vontade.

Eu vi um Caminhante do Crepúsculo naquela noite. Isso é o que ela tinha visto quando era pequena. Foi isso que a trouxe para casa.

Era difícil confundir aquela caveira quando ela a vira brevemente no passado. Ela vinha tentando há *anos* limpar a névoa embaçada de sua memória, juntá-la, mas nunca teve nada real para colocá-la ao lado. Até agora.

A criatura me salvou.

Por que?

CAPÍTULO 4

Mayumi sentou-se de pernas cruzadas na cama e apoiou as pontas dos cotovelos nas coxas. Curvada para a frente com o cabelo espesso cobrindo os dois lados da cabeça e o cobertor enrolado nos quadris, ela piscou preguiçosamente.

Ela fechou um olho antes do outro e então abriu os dois para encontrar sua visão momentaneamente turva. *Eu estou tão cansada.*

Depois que o Caminhante do Crepúsculo de caveira felina desapareceu nas árvores, Mayumi esperou até que o sol nascesse e nenhum Demônio chegasse à clareira. Uma vez que aquela luz brilhante acabou de perseguir tudo, ela rastejou em direção ao sótão para entrar.

Embora tivesse estendido o futon, não conseguia se lembrar quanto tempo ficara sentada com as cobertas sobre as pernas enquanto olhava para a lareira.

O que antes eram visões obscuras de seu passado, agora eram mais claras.

Sua pequena mente havia confundido o crânio felino do Caminhante do Crepúsculo com a máscara branca de Sombra. Ela estava muito tonta e infantil para perceber que a coisa gigantesca na frente dela não era normal.

Mas ao vê-lo novamente, ela sabia que era verdade.

Mayumi tinha tantas perguntas, e aquelas perguntas que ela teve toda a sua vida agora ressurgiram dez vezes, fazendo com que adormecer fosse quase impossível. Em vez disso, ela permaneceu hipnotizada pelas chamas.

Como de costume, ela acordou no meio da manhã - não importava que mal tivesse tido duas ou três horas de sono *inquieto*. Era um hábito profundamente arraigado de ser um Caçador de demônios. A maioria estava de plantão durante a noite, quando os Demônios geralmente vagavam.

Ser um caçador de Demônios muitas vezes os fazia se sentir noturnos.

Claro, seu primeiro pensamento ao acordar foi o Caminhante

do Crepúsculo.

Um pequeno sorriso começou a curvar seus lábios. *Eu meio que desejei que ele viesse dizer olá.* Mayumi jogou a cabeça para trás e soltou uma risada profunda. *Tolice! Ele provavelmente me comeria em um piscar de olhos.*

Mas ela não podia deixar de se sentir assim. Ele salvou sua vida, e ela nunca, *nunca*, esqueceu isso.

Talvez eu não fosse um lanche atraente o suficiente quando criança.

Embora se ele tentasse matá-la agora, ela não lhe mostraria um pingo de misericórdia e retribuiria o sentimento.

Sabendo que estava sem chá e café, Mayumi pegou seu balde de metal e o carregou para fora debaixo do braço. Nua no ar gelado, sua pele instantaneamente ficou arrepiada.

Ela mergulhou como um salmão na neve para poder congelar e eliminar o cansaço de si mesma. Então ela recolheu a neve no balde como no dia anterior, derreteu-a no fogo e enxugou o corpo antes de se vestir.

Desde que ela chegou em casa mais tarde do que queria no dia anterior, ela não cortou completamente o galho da árvore em toras. Ela só tinha feito o suficiente para a noite.

Ela se dirigiu para a parte de trás da casa ao lado do banho de primavera onde ela havia deixado seu galho. Demorou mais do que deveria para Mayumi perceber que seu pescoço estava formigando com a consciência. Antes mesmo de começar a cortar, ela parou e lançou seu olhar para a floresta ao seu redor.

Ela teve o notável pressentimento de que estava sendo... observada.

Ela não ouviu e não viu nada.

Apesar disso, a sensação de estar sendo observada nunca se dissipou enquanto ela continuava sua tarefa. Talvez a pessoa que poderia estar observando ela estivesse com medo de se aproximar dela enquanto ela tivesse armas. Afinal, ela estava usando o cinturão da espada e balançando um machado afiado como se não fosse nada.

Caramba. Eu estava indo para a cidade hoje.

Mayumi não era uma pessoa tola.

Se alguém ou *alguma coisa* - o que sempre era uma possibilidade, já que os Demônios perduravam, mesmo na sombra - a espionava, deixar seu ambiente mais seguro serviria apenas para colocá-la em perigo.

Ela não sairia valsando pela floresta para que algo se esgueirasse por trás. Aqui ela tinha armas. Aqui ela tinha feitiços de proteção.

Seus olhos se ergueram para olhar o céu quase sem nuvens. *Não parece que haverá tempestades de neve tão cedo.* Ela poderia passar outro dia sem sair.

Também havia a possibilidade de ela estar apenas inventando desculpas novamente. *Acho que são batatas para o jantar.* Ela não tinha muito mais.

Estava quieto, além de seus próprios grunhidos, o que tornava ainda mais perceptível o som de uma grande vara quebrando à distância.



Sentado no longo comprimento de um galho forte e robusto, Gatinho - seu nome autoproclamado - observou a pequena mulher caçadora de demônios passar o dia. Suas orbes amarelas seguiam cada movimento dela, desde balançar o machado bem acima de sua cabeça até o maneira como seus ombros se ergueram quando ela mexeu a lâmina para cima e para baixo para liberá-la. Ele até notou seus pequenos tremores frios ocasionais.

Ela já havia cortado uma dúzia de toras consideráveis e, assim que terminou, levou as maiores para um toco de árvore onde as partiu ao meio com seu machado.

Não parece que ela me viu.

Quando Gatinho estava rastejando pela encosta da montanha

de quatro em sua forma monstruosa na noite passada, ele não esperava ser saudado pelo cheiro de sangue no vento. Sangue de javali, para ser exato.

Por mais que ele tentasse não cair em uma mania e caçar por isso, ele eventualmente perderia a batalha quanto mais perto viajasse. Era sempre difícil lembrar claramente de suas memórias nebulosas e desconcertantes sempre que sua mente mudava.

Sedento de sangue, estúpido e sempre faminto, ele se lembrava vagamente de ter destruído um Demônio que já havia caído sobre sua presa, que ele consumiu depois de comer o javali.

Uma vez que a ameaça e sua carne se foram, não demorou muito para Gatinho cair em si - na frente da casa que ele estava procurando. Ele nunca pensou que isso o levaria até aqui.

Preocupado em ser visto pela ocupante feminina e talvez por sua família, seu primeiro pensamento foi fugir e se esconder nas sombras da floresta. Ele agora percebeu que não precisava ter se preocupado.

Eu não esperava que ela realmente estivesse aqui... ou sozinha.

A última vez que Gatinho se sentiu... compelido a vir para esta mesma casa, Mayumi, a humana que ele estava observando, não estava aqui. Apenas seu pai havia permanecido.

Ele foi desgastado pelo tempo e por muitos anos de trabalho duro, apoiando-se com uma bengala por algum ferimento que sofreu no passado.

Gatinho ficou desapontado ao descobrir que Mayumi estava ausente.

Ela tinha ocupado esta casa quase todas as vezes que Gatinho tinha vindo para verificar o pequeno ser humano que ele salvou, e ele a testemunhou crescer na mulher forte que ele via agora.

Não sei quantos anos se passaram. Fazia vinte e três, talvez vinte e cinco anos desde que a vira pela primeira vez?

Ela estava terrivelmente doente com febre quando ele a resgatou. Ele ficou preocupado com a vida dela, mas uma vez que ela melhorou, Gatinho permaneceu até que ele tivesse certeza de que ela estava bem.

Ele sempre voltava.

Ele a observou como uma criança mais velha sendo treinada por seu pai para manejar uma espada de madeira, enquanto sua mãe a ensinava a cozinhar e limpar.

Ele tinha visto Mayumi quando adolescente, treinando sozinha na floresta. Ela frequentemente parecia desajeitada, seu corpo em um estágio estranho de crescimento com todos esses pontos vermelhos em seu rosto que ele viu muitos outros humanos em idades semelhantes possuídos. Alguns foram repreendidos por tocá-los, enquanto Mayumi sempre demonstrou disciplina.

Ele a achava bonita na época, mas nada havia preparado Gatinho para seu primeiro vislumbre de tirar o fôlego quando adulta. Mesmo sendo um Caminhante do Crepúsculo, ele não foi capaz de parar de pensar que ela estava linda.

Infelizmente, sua visita foi breve desde que ela partiu.

Ele tinha seguido ela e seu pai enquanto ambos faziam seu caminho para a fortaleza de caçadores de demônios. Ele só sabia que eles estavam indo naquela direção porque estavam com seus uniformes pretos. Ele parou de seguir no meio do caminho, sabendo que a direção que eles estavam indo não era segura para ele, mas ele olhou para o espaço em que eles desapareceram muito depois de terem ido embora.

Ele não esperava vê-la na próxima vez que se sentiu compelido a vir aqui, mas ela apareceu enquanto ele estava cuidando de seus pais. Pelo que ele ouviu, a mãe dela estava morrendo. Gatinho tinha testemunhado esta mulher retê-la emoções, assim como seu pai, até que a frágil mulher faleceu, e ela saiu orgulhosamente em seu uniforme – deixando seu pai sozinho.

A quase meio dia de caminhada desta casa, Mayumi acabou deixando suas emoções dominá-la na floresta.

Embora ela não soubesse que ele estava lá, ele agiu como seus olhos e ouvidos para garantir que ela permanecesse ilesa até que ela se recompusesse. Era uma lembrança que ele apreciava, testemunhar a dor desta mulher que só tinha sido destinada a ela mesma. Especialmente desde o meio da primavera e ela caiu de quatro em um

mar de flores coloridas para gritar e chorar sua dor.

Ele se divertiu e se interessou pela maneira repentina como ela enterrou suas emoções e se dirigiu para a fortaleza com a cabeça erguida. Ela bateu os pés o tempo todo que ele a seguiu até que ele não pudesse ir mais longe.

Ele sempre admirou essa parte dela; ele tinha visto seu queixo erguido com superioridade muitas vezes.

Ela estava fazendo isso agora enquanto completava sua tarefa.

Parece que ela não mudou.

Gatinho recostou-se no tronco da árvore e cruzou os braços atrás da cabeça para se apoiar neles como um travesseiro. Ele estremeceu quando sobrepôs seus pés felinos em forma de pata e acidentalmente quebrou outro graveto. Já era a segunda vez.

Mayumi ergueu a cabeça, mas ela só olhava para o horizonte, nunca para o alto das árvores. Ele parou o balançar de seu longo rabo preto para evitar chamar a atenção dela, então deixou-o terminar de enrolar quando ela parou de procurar.

Seus sentidos estão mais aguçados do que antes. O amarelo de seus orbes se iluminou. *Coisinha perigosa.* Ela tinha um olhar que ele pensou que poderia transformar um Demônio em chamas com concentração suficiente.

Ele pensou que gostaria de ver um Demônio entrar em combustão de repente – seria muito hilário.

Assim que ela terminou de cortar, o que ele presumiu ser sua lenha, ela saiu para entrar.

Isso deu a ele tempo para si mesmo. Gatinho desceu cuidadosamente de seu poleiro e circulou toda a casa em um grande raio para não ser visto pelas janelas.

Ele se certificou de que nenhum demônio se aproximasse usando as sombras para viajar durante o dia. Mesmo quando ele confirmou que não havia nenhum, ele continuou a andar de quatro em sua forma mais monstruosa enquanto pensava.

Ele estava verificando duas vezes, não, *três vezes, já que os orifícios de seu nariz estavam atualmente tampados com sujeira.* Ele havia entupido o nariz para sugar sua capacidade de cheirar qualquer coisa

que o levasse ao frenesi novamente, como sangue ou o cheiro do medo.

Embora Gatinho não planejasse deixar o lado de Mayumi nunca mais - a menos que ela fosse para a fortaleza de caçadores de demônios - ele também não pretendia se revelar.

Serei seu guarda até que um de nós morra.

Ninguém sabia se seria ela ou ele primeiro.

Gatinho ergueu a mão para acariciar a rachadura que atravessava o lado esquerdo de seu crânio. O azul da tristeza entrou em sua visão enquanto seu coração murchava em seu peito, mas ele eventualmente balançou a cabeça de qualquer pensamento negativo.

Contanto que eu sobreviva a todos os anos dela, tudo bem.

Ele esperava que Mayumi chegasse a um estado frágil e velho, mas também tinha certeza de que ela logo voltaria para lutar contra mais Demônios.

E ele estaria lá esperando fora do aviso de sua equipe para protegê-la. Isso ou eles o descobririam e finalmente matariam um Caminhante do Crepúsculo sob o nome de sua grande guilda.

Ele tentou soltar um bufo pelo nariz felino entupido.

Eu deixaria que eles me matassem para não machucá-la eu mesmo.

Parte dele esperava que fosse Mayumi quem acabasse com sua vida. Ela era a única humana que ele considerava digna de fazê-lo.

Quando ela saiu de casa mais uma vez, Gatinho já estava de volta na mesma árvore de antes. Isso deu a ele o melhor ponto de vista de sua casa de cima, enquanto também tinha um cobertor de folhas para cobri-lo por baixo, para que ela não pudesse vê-lo.

Ele a observou varrer sua varanda da neve que se acumulou nela.

Embora Gatinho coçasse o pano irritante que cobria seu focinho, agitado por ele e pela lama seca em seu nariz, seus orbes brilharam novamente em sua tonalidade amarela normal.

Eu espero que ela saia nua amanhã como ela fez hoje. Completamente nua para o mundo, e involuntariamente para ele, ela se jogaria na neve.

Gatinho sentiu seu pênis formigar atrás de sua costura com o

vislumbre que ele teve no outro dia. E assim como então, deu-lhe a mesma sensação agora, seu pênis dando um empurrão entusiasmado atrás de sua costura. Ele teve que suprimir a vontade de rir, especialmente porque os olhos dela estavam desconfiados enquanto ela olhava ao seu redor.

Esta mulher perigosa seria mais rápida em me esfaquear na costura do que me deixar tocá-la. Ainda assim, Gatinho não se importava com suas fantasias sombrias e unilaterais.

Ele veio aqui para protegê-la e nada mais.

Uma vibração agradável começou a ressoar em seu peito, uma que ele só experimentava quando ela estava perto. Sua cauda longa e fina balançava sob o galho em que ele estava sentado.

Aqui, Mayumi, Mayumi, Mayumi, ele chamou mentalmente, assim como ela chamou uma vez por sua preciosa gatinha.

CAPÍTULO 5

Mayumi sabia exatamente por que sentiu vontade de se cobrir com um manto de seda antes de se jogar na neve hoje. Ou ela ainda estava sendo vigiada um dia depois, ou estava ficando paranóica.

A irritação piorou quando ela deitou de barriga para cima no pó branco e frio. Esticando a longa coluna de sua garganta, ela inclinou a cabeça para trás para olhar para trás na floresta.

Ela jurou que viu um lampejo de amarelo entre as árvores, mas quando voltou o olhar para lá, não estava mais presente.

Um humano já teria se dado a conhecer. Ela olhou para o céu azul, a neve finalmente cessando suas lágrimas suaves e congeladas por um curto período. *E um Demônio teria atacado até agora.*

Ela sabia que um Caminhante do Crepúsculo não era melhor do que um Demônio.

Mas esse sentimento simplesmente não vai embora.

Com um suspiro, ela se levantou e olhou para o balde de metal na neve. Sua vida havia se tornado um ciclo chato e mundano dos mesmos hábitos.

Era a mesma coisa todas as manhãs, chá, café ou mergulho na neve, depois um enxágue antes de decidir primeiro coletar lenha ou limpar a casa já impecável. O que ela descobriu em sua viagem para a floresta determinaria se ela montaria uma armadilha para Demônios ou não, muitas vezes deixando a isca vir até ela, e não o contrário.

E pensamentos sempre constantes, incessantes.

Sua mente era como uma tagarela sem parar. O que muitas vezes era irritante, pois ela gostava de silêncio completo e absoluto - apenas para ser frustrada por ela mesma.

Olha, Mayumi. Você está sendo vigiada ou não, mas precisa ir para a cidade hoje mesmo assim. Com uma insinuação agressiva em seus movimentos dissonantes, ela pegou o balde. *Não há mais desculpas.*

Houve muitas outras desculpas que ela inventou, mas menos de uma hora depois, Mayumi estava equipada e bem no meio da floresta.

Ela não ouviu nenhum vestígio de vida enquanto viajava para

Posto Avançado de Colt, uma das maiores aldeias ao norte do cânion fronteiro do Véu. Recebeu esse nome porque tinha sido um posto militar avançado antes que o flagelo dos Demônios chegasse à Terra no início de 1700, acabou se transformando em uma das aldeias mais superpovoadas, mas mais seguras.

Também era relativamente perto de Espinheiro, a base principal do setor de caçadores de demônios de Mayumi.

Ela tinha que andar com cuidado, pois não era permitida dentro de dezesseis quilômetros do Espinheiro como um membro da guilda dispensado à força, e o Posto Avançado de Colt ficava fora dessa distância.

Ela usava uma roupa de caçadora, a mesma que usava nos últimos dias, embora a tivesse lavado. Ela agarrou o punho de sua espada com força enquanto caminhava pela campina vazia que se estendia na frente dela.

Em frente à ponte levadiça de madeira, dois soldados montavam guarda. Seus braços e pernas estavam cobertos por armaduras de couro, mas seus torsos eram de aço polido. Ela estreitou os olhos para eles, sabendo exatamente quem eles eram e que provavelmente iriam irritá-la.

— Abram o portão, — ela exigiu uma vez que ela estava de pé diante deles.

— Sinto muito, — um deles disse antes de olhar para o outro através de seu capacete de metal. — Mas não permitimos que trolls da floresta entrem em nossa cidade.

— Yoshida, — Mayumi resmungou enquanto esfregava as têmporas. — Eu juro que se você me der trabalho hoje, eu vou escalar a parede da torre e jogar esterco de vaca em você de novo.

Henry, o soldado de pele escura ao lado de Yoshida, jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada em seu capacete.

— Eu disse para você não fazer isso. Eu poderia dizer que ela estava de mau humor hoje pela forma como ela atravessou a campina! — Henry começou a bater as pernas com movimentos exagerados, fazendo com que a armadura que ele usava estalasse e repicasse. — Você anda como se fosse um urso raivoso quando algo está te

protegendo.

Yoshida, que tinha características asiáticas semelhantes a ela, mas de origem diferente, estreitou seus olhos castanhos claros para ela.

— Você não faria isso.

— Eu sabia que vocês dois iam me dar problemas só de ver vocês do outro lado da campina. — Ela apontou o caminho que ela acabou de vir. — Posso dizer que são vocês dois idiotas porque estão sempre encostados na parede, em vez de ficarem atentos ao perigo como deveriam.

— É dia, — Yoshida argumentou rapidamente. — Nunca houve um ataque de Demônio no meio do dia.

— Aposto que vocês bagunçaram alguma coisa para conseguir esse turno *novamente*.

Ser designado para guardar o portão durante o dia era considerado uma punição. Não importa se eles estavam assando no calor do sol de verão ou congelando no meio de uma tempestade de neve, eles não podiam deixar seu posto. Era sempre chato e monótono, exceto para o estranho viajante como ela.

— Oh, apenas entre — Yoshida suspirou, batendo com o punho na ponte levadiça para que os soldados do outro lado iria abaixar. — Eu só queria me divertir um pouco e você tinha que estar de péssimo humor. Tornar-se uma Caçadora de Demônios de alto escalão fez de você uma idiota durona.

Tanto Henry quanto Yoshida se moveram para o lado quando ouviram o zumbido de engrenagens e o tilintar de correntes.

— Nós não somos mais crianças, — Mayumi respondeu severamente. — Não importa o seu cargo; cada posição tem sua importância. Só porque não há Demônios ao longo do dia não significa que não haja bandidos.

Henry ergueu a manopla para enfiar um dedo sob o capacete e coçar a orelha.

— Estamos recebendo outro puxão de orelha, e já recebemos um ontem. Você nunca teve jurisdição para nos dizer o que fazer desde que somos soldados, e você perdeu qualquer autoridade que tinha quando foi expurgada da guilda.

— Eu daria ouvidos a um Aprendiz de Caçador de Demônios em vez de você, — Yoshida entrou na conversa. — Não que eu fosse ouvir um deles de qualquer maneira.

— Qualquer um que seja exilado da guilda é considerado um traidor.

Ela baixou as pálpebras para retratar a falta de cuidado.

— Fui dispensada com honra — afirmou Mayumi com um tom descuidado, inclinando o nariz na direção deles. — E as fileiras dos Anciões informaram todas as aldeias próximas disso.

Henry acenou com a mão para cima e para baixo com desdém.

— Sim, sim, foi o que nos disseram.

Felizmente, salvando-a dessa conversa sombria, o portão acabou baixando entre os dois soldados. Os sons altos de engrenagens girando e correntes finalmente pararam quando o portão bateu contra o chão.

Antes que ela pudesse entrar, Yoshida agarrou seu pulso em sua manopla.

— Você nunca nos contou o que aconteceu para você ser expurgada da guilda, Yumi.

Yumi. Ela não ouvia esse apelido desde que era uma adolescente saindo com os meninos desta vila. Ela treinou com alguns deles que se tornaram soldados, como Yoshida e Henry, ou Caçadores de demônios, que estavam todos mortos agora. Alguns foram para diferentes ofícios, como ferreiro ou carpinteiro.

Ela se contorceu enquanto soltava o braço.

— Eu não tenho que te dizer nada. O que aconteceu é da minha conta pessoal.

— Somente aqueles que são incapazes de lutar devido a uma lesão são dispensados com honra. Você, no entanto, está mais forte do que nunca.

Mayumi não desviou o olhar, mesmo quando sentiu vontade de desviar o olhar. Em vez disso, ela o colocou dentro de seu capacete, fazendo Yoshida estreitar os olhos para ela com desconfiança.

— Estou sob um juramento que me proíbe de falar sobre isso.

— Ela esfregou o pulso em aborrecimento ao invés de dor. Sua jaqueta

de pele a impedia de ser esfolada por seu aperto. — Essa é uma resposta boa o suficiente para você, Yoshi?

— O que ele está tentando dizer... — Henry se intrometeu, dando a Yoshida um olhar de lado, quase balançando a cabeça em descrença em seu comportamento. — é que nos preocupamos com você. Costumávamos ser amigos.

— Ainda somos, — Mayumi admitiu enquanto revirava os olhos para o lado. Ela não podia acreditar que a força de sua amizade era tão fina como papel. — Estou bem. Não preciso da ajuda de ninguém.

— Nunca — acrescentou Henry.

Então Yoshida riu, — Nunca vai?

Mayumi bufou uma risada leve, ouvindo seu próprio canto teimoso de quando ela era uma adolescente repetida de volta para ela.

Esse não era mais o caso de Mayumi. Embora muitas vezes ela não precisasse de ajuda, nem a desejasse, apenas um *toló* rejeitaria uma oferta de ajuda quando necessário.

Como um Caçador de demônios, eles tiveram que trabalhar como uma equipe unida dentro de seus regimentos. A falta de trabalho em equipe causava mortes, e qualquer um que rejeitasse ajuda nesses tempos difíceis era um idiota arrogante.

— Sim, algo assim, — ela resmungou.

Mayumi entrou, mas não antes de ouvir Henry gritar para ela comprar uma maçã para cada um. Decidida a agradar a ambos por suportarem seu mau humor, ela mostrou a cada um deles um dedo do meio sem olhar para trás.

Ela nunca ouviu a resposta deles, mas tinha certeza de que havia uma.

O Posto Avançado de Colt era estranho em comparação com muitas outras aldeias na Terra. Foi dividido em quatro partes de vida humana, com uma seção adicional na parte de trás que era uma pequena fazenda.

O que costumava ser um castelo militar para treinar soldados do exército em preparação para invadir outra cidade humana, agora era o ponto central deste refúgio.

A fortaleza no centro era onde todos os soldados viviam juntos e treinavam ferozmente todos os dias.

Eles também permitiram que os civis entrassem durante os horários designados ao longo do dia para aulas básicas de defesa, a fim de se protegerem de bandidos e demônios fora dos muros. Este último costumava ser uma tentativa risível de apenas sobreviver por um período mais longo antes de ser inevitavelmente comido.

A menos que eles fossem um soldado de alto escalão ou houvesse mais de um deles, matar um Demônio sozinho era improvável.

A fortaleza era de forma retangular, com a extremidade mais distante contendo os quartos de dormir. O final mais próximo era o ponto de entrada, e as pessoas tinham que passar por aquela seção do castelo para obter acesso à área de terra aberta dentro dele.

No meio não havia nada além de um campo de treinamento com uma variedade de armas diferentes. Havia alvos para treinamento de arco e flecha e outros maiores para arremesso de lança. Bonecos de palha para luta de espadas estavam de um lado, enquanto o outro lado tinha mais bonecos para machados.

O combate corpo a corpo era um requisito básico antes que alguém pudesse manusear uma arma de qualquer tipo. Os civis muitas vezes eram ensinados apenas a manejar um machado ou espada, dependendo de sua preferência, e os funcionários os ajudariam a selecionar sua arma com base em sua força física e mobilidade.

Não havia muito sentido em dar a um homem alto, mas magro, uma espada de argila quando ele seria muito mais proficiente com uma espada curta. Ela preferia a leveza de uma arma curta.

Muitas aldeias ao norte do Véu instruíram seus próprios soldados a viajar para cá para receber o melhor treinamento possível.

A fortaleza estava aqui muito antes dos Demônios chegarem, e se tornou um refúgio antes que eles construíssem as áreas ao redor.

Cada área era isolada da outra por pedra, e as pessoas exigiam certos passes ou cartas de convite para ir mais fundo no Posto Avançado do Colt sem serem acompanhadas por guardas. Havia portões que eram constantemente ocupados, embora abertos

livremente, ao contrário do portão de entrada na cidade grande.

Como a fortaleza era o ponto central, apenas os soldados e seus convidados tinham acesso livre. Os civis tinham que ser escoltados por soldados para treinamento.

A área retangular murada para fora da torre de menagem central era considerada o setor nobre. Eles estavam mais próximos dos soldados que poderiam protegê-los e mais longe dos perigos apresentados aos que estavam no anel externo.

Era limpo, quase sem ratos e espaçoso, já que os ricos tendiam a odiar viver um em cima do outro. A maioria dos que aqui viviam trabalhava diretamente para a manutenção da funcionalidade dos Postos Avançados de Colt, inclusive negociando com outras aldeias ou dirigindo os soldados como comandante militar, ou era um de seus parentes.

Para ter um reinado livre e desprotegido do setor nobre, uma pessoa era obrigada a ter uma placa especial ou uma moeda de soldado. Ambos eram difíceis de replicar.

O próximo anel era o distrito comercial que qualquer um poderia acessar. Era bastante auto-explicativo sobre o que foi projetado para ser.

Por fim, o anel mais distante da fortaleza central era o setor camponês.

Embora este setor fosse o maior, era terrivelmente superpovoado. Todos eram pobres, em sua maioria lutadores, e trabalhavam como peões ou empregados domésticos nos setores internos.

Muitas vezes eles tinham medo. Não apenas porque havia uma probabilidade maior de se infectar com a doença por causa dos aposentos próximos - as casas estavam lotadas de pessoas que não eram todas parentes - mas porque demônios foram vistos nesse setor.

As paredes de pedra podiam ser escaladas ou até mesmo sobrevoadas para que os demônios arrebatassem suas presas.

Era uma ocorrência extremamente rara, mas quase todas as aldeias enfrentavam o mesmo problema - não importa o quão forte ou compacto fosse seu exército.

Mayumi sabia muito bem que os demônios podiam ser astutos.

Eu odeio vir aqui, ela pensou enquanto olhava ao redor.

A triste realidade da sociedade sempre a lembrava por que ela preferia viver no Espinheiro ou em seu chalé na floresta.

Ela ignorou a mulher magra sentada contra a parede, fazendo uma pausa rápida em sua caminhada ou o que quer que estivesse fazendo para tossir em sua mão. Ela também ignorou o homem mancando horivelmente que puxava uma cabra por uma corda e oferecia seu leite, tentando chamar a atenção de alguém para comprar seus produtos, provavelmente para poder comprar remédios.

Embora ela mantivesse suas feições frias e neutras, seu coração doía especialmente pelo menino segurando um prato de cerâmica quebrado na esperança de que alguém fosse gentil o suficiente para lhe dar uma moeda.

Não havia nada que ela pudesse fazer por eles.

No momento em que Mayumi tentava ajudar uma pessoa, mesmo que fosse aquele garotinho, outros a procuravam em desespero. Os adultos eram especialmente cruéis, pois tentavam roubar seus bolsos ou compartilhar histórias na esperança de manipulá-la para doar dinheiro. Eles poderiam até segui-la até uma área isolada e tentar vencê-la por isso - o que só os machucaria, já que ela venceria qualquer luta que enfrentasse.

Ela também não estava interessada em lutar com civis pobres, lutando, doentes e desesperados. Ela entendia seus motivos. Era difícil odiá-los por isso.

Por mais que ela quisesse ajudar, a moeda que ela tinha não duraria tanto se ela começasse a doá-la. Ela havia sido expurgada da guilda de Caçadores de demônios, suas finanças, embora bastante grandes, também eram finitas.

A poeira subiu sob suas botas desde que os trabalhadores removeram a neve que se acumulava todos os dias, colocando-a do lado de fora das paredes para derreter na primavera. Estava sempre sujo aqui, sempre sombreado, pois os prédios eram altos para compensar o número de pessoas que viviam no Posto Avançado de Colt. Faltava qualquer tipo de vegetação.

As casas eram feitas de barro e tijolo com topos de palha. As janelas não tinham vidro no setor camponês e, em vez disso, tinham venezianas de madeira. Grande parte do anel externo parecia desgastado, enquanto mais adiante, em direção à fortaleza, era melhor mantido com mais acesso a materiais estruturais, como janelas de vidro.

Mayumi passou pelos portões que levavam ao distrito comercial e direto para uma grande multidão de pedestres que passavam. O som da conversa e da atividade geral dos pedestres era alto, mas havia muito pouca alegria ou riso.

As pessoas no setor de compras eram compostas por camponeses, nobres e um punhado de viajantes de outras cidades, vilas ou cidades relativamente próximas.

Mayumi completou suas tarefas habituais, trocando peças de ouro, prata e bronze prensadas em diferentes barracas por comida, como frutas, vegetais e uma pequena quantidade de carne. Ela também comprou chá. Não havia café porque estavam esgotados, e ela duvidava que conseguiria algum em um futuro próximo.

Ela também comprou ervas de incenso e óleos de banho que ajudariam a proteger seu cheiro – embora não o escondessem completamente.

Alguns dos lugares que ela frequentava eram barracas temporárias, enquanto outras ficavam dentro de edifícios permanentes de vários níveis.

Mayumi não se demorou em nenhum local. Ela vinha a esta cidade toda a sua vida e sabia onde ficavam todas as lojas – além das estranhas e raras mudanças que aconteciam ao longo do tempo.

Ela trocou seu arco de descanso em seu torso para balançar sobre um ombro, sentindo-o bater na parte de trás do joelho esquerdo quando ela andava. Isso permitia que sua liberdade fosse pesada confortavelmente pela mochila que ela carregava nas costas cheia de todos os ingredientes de sua comida e as duas bolsas que ela carregava em ambos os lados do corpo.

Embora a vila fosse uma caminhada constante de três horas aqui e outras três horas de volta, se não mais, já que ela estava

transportando muito, ela sempre comprava demais para não ter que voltar com frequência.

Havia um pequeno jardim em sua casa, mas estava enterrado sob a neve e mal crescia no atual clima de inverno.

Seus olhos vagaram acima dela para as nuvens que estavam se formando. Ela estreitou os olhos para elas.

O inverno era uma das épocas mais perigosas do ano.

A geada não era apenas mortal para aqueles que não estavam acostumados a se expor aos elementos, mas os dias eram mais curtos e muitas vezes havia nuvens.

Demônios viajavam acima da superfície em dias nublados.

Mayumi olhou para o céu. *A noite começará a cair em algumas horas.*

Ela se dirigiu para o lado do caminho em que estava para evitar ser atropelada por pedestres. Ela abriu as três mochilas e anotou mentalmente tudo o que comprou para ter certeza de que estava satisfeita.

Tudo bem. Só falta um lugar para ir. Afinal, era o lugar mais importante.

As portas estilo saloon se abriram com um ruído baixo e característico enquanto ela entrava em uma das muitas tabernas do Posto Avançado. Ela frequentemente visitava esta taverna, já que era a que a maioria dos soldados e mercenários visitavam para afogar suas mágoas em álcool amargo, porém forte.

A vibração era solene a ponto de parecer quase física, pesando muito sobre todos. Ela imaginou que a iluminação era fraca de propósito para esconder os olhares cansados e deprimidos no rosto de todos.

Muitos observaram sua entrada quando ela se aproximou de uma borda solitária do bar, mas ninguém realmente se importou em prestar mais atenção a ela do que isso.

Além do bar, a maioria dos clientes sentava-se em mesas redondas ou quadradas incompatíveis, com uma grande retangular no meio que permitia que mais pessoas conversassem. Havia pouca decoração e muitas vezes cheirava a óleos de limpeza de armaduras,

metal e couro, feno e odor corporal.

Mayumi enfiou as mochilas entre e ao redor das pernas enquanto se sentava no banquinho disponível.

A atendente da taberna parou na frente dela, jogou o pano de bar sobre o ombro e apoiou o cotovelo na mesa. Quando Mayumi pegou seus olhos azuis, ela levantou uma sobrancelha loira para ela.

Marianna tinha duas tranças de rabo de cavalo que balançavam em ambos os lados de sua cabeça para descansar além de seu seio de tamanho médio. Seu rosto era sardento, embora bronzeado por muito sol, com lábios finos. Seu corpo era magro por baixo de seu vestido marrom simples - era difícil ser gordo nesta cidade a menos que você fosse rico - mas ela não se importava com nenhum bêbado dentro de seu estabelecimento.

Seus dois irmãos também trabalhavam no negócio, principalmente como reforços e garçons.

— Uma caneca de hidromel e três garrafas de Sono da Marianna, — Mayumi exigiu. — Eu também gostaria do ensopado especial do dia.

— Barato, e ainda não está dormindo bem, hein? — Marianna bufou, estendendo a mão imediatamente sob o balcão para pegar uma caneca de madeira. Então ela se virou para pegar o hidromel em uma garrafa de vidro verde da prateleira atrás dela.

— Eu durmo bem, — Mayumi resmungou, observando-a encher a caneca antes de colocá-la no balcão pegajoso onde Mayumi descansou os antebraços. — É só *conseguir* dormir que é o problema.

— Existem demônios em todos nós. — Marianna colocou três garrafas de vidro altas e redondas na mesa para Mayumi colocar dentro de uma de suas mochilas. — É por isso que fiz isso especialmente.

Mayumi jogou uma peça de bronze no balcão, seguida por três de prata, então acenou com a cabeça para cima de uma forma que disse a Marianna para deixá-la sozinha até que sua comida estivesse pronta.

Ela não precisava nem queria uma terapeuta, e só veio aqui para uma refeição saudável para encher a barriga e obter um calor

líquido antes de voltar para o frio cortante.

CAPÍTULO 6

Caminhando pela neve quase na altura dos joelhos, Mayumi fez uma pausa para esticar o pescoço para um lado e depois para o outro antes de se encolher quando acidentalmente fez um lado rachar. Então ela reajustou a alça de uma mochila que estava cortando diretamente no arco macio onde seu pescoço e ombro se encontravam.

Ela continuou sua cansativa caminhada para casa.

Ela não havia cruzado há muito tempo o prado que atravessava a frente do Posto Avançado de Colt, a cidade há muito tempo deliberadamente cortou as árvores ao redor, antes de começar a atravessar a floresta. Em poucos minutos, ela ouviu ruídos.

Uma respiração profunda ali, um *shhh* e o som de neve esmagada aqui.

Caramba. Ela virou a cabeça para o céu, amaldiçoando silenciosamente alguma divindade desconhecida e impiedosa. *Estou cansada e só queria ir para casa.*

Mayumi esticou a cabeça para o lado para poder abrir uma mochila do pescoço e colocá-la cuidadosamente no chão antes de dobrá-la para o outro lado para fazer o outro. Sua mochila era pesada, mas fora isso estava bom para ela sair – por enquanto.

Ela colocou seu arco em cima de suas mochilas.

— Não adianta se esconder, — ela disse com um suspiro subjacente ao seu tom. — Eu já ouvi você.

Dois homens, um empunhando uma adaga e o outro uma longa espada, ergueram suas cabeças sobre um monte de neve antes de se levantarem para se revelarem completamente. Outro homem brandindo um machado saiu de trás de uma árvore.

A primeira coisa que notou foi que a espada estava opaca e parcialmente enferrujada pelo desuso. O machado também não passava de uma pequena lâmina de corte de madeira bruta projetada para pequenos galhos. Os portadores do machado e da espada eram mais velhos, ambos com barbas desgrenhadas, enquanto o terceiro homem era jovem. O jovem segurava a adaga com tanta força com as duas mãos que a lâmina tremia levemente, como se fosse pesada

demais para seus braços de galho.

Todas as roupas eram finas, sujas, cheias de buracos e provavelmente malcheirosas. O portador da espada não tinha dois sapatos nos pés. O sapato esquerdo que ele usava tinha um buraco no dedão e se projetava como se a bota que ele usava fosse pequena demais para ele.

— Se vocês querem dinheiro, — Mayumi começou enquanto desabotoava sua bolsa de moedas. — Não me resta muito. Talvez uma prata e algumas peças de bronze.

— Dê-nos as mochilas — exigiu o homem com o machado. Ele usava um gorro na cabeça em uma tentativa desesperada de se manter aquecido. Então, pensando melhor em sua demanda singular, ele acrescentou: — As moedas também.

Mayumi levantou uma das sobrancelhas para isso.

— Pegue as peças que estou oferecendo e vão embora, — ela avisou, finalmente tirando a mochila. — Agradeçam por estar oferecendo-as, já que posso ver que vocês são pobres e desesperados. Não quero machucar vocês.

— Ouça aqui, garotinha — avisou o Sr. Machado. Ela o chamava assim por enquanto, já que ele parecia ser o mais inclinado a falar. — Eu não importa que você seja uma ex-Caçadora de demônios boba. Somos três e uma de você.

— P-por favor, apenas nos dê as mochilas, senhorita Mayumi — implorou o trêmulo titular da adaga. Ela não tinha certeza se ele estava tremendo de frio ou medo. Seus olhos estavam tão abertos que ela pensou que eles poderiam cair de seu rosto. — Temos famílias para alimentar.

— Ok, vocês podem ficar com elas.

Em seu periférico, ela observou o Sr. Machado abaixar sua arma. Parecia que eles realmente não queriam machucá-la.

Eles não eram pessoas verdadeiramente maliciosas. Eles não estavam se esforçando para roubá-la porque eram bandidos arrogantes.

— R-realmente? — O adaga perguntou com esperança em sua voz.

— Sim, claro, — ela respondeu, antes de levar a mão direita ao punho da espada e puxar a lâmina para fora da bainha. Uma espada curta prateada, brilhante e afiada tocou uma vez que foi liberada e posicionada na frente de seu torso. Ela ergueu a cabeça com o maxilar inferior projetando-se para a frente, ajudando a dar um sorriso de escárnio aos lábios. — Se vocês puderem tirar elas de mim.

Já que eles obviamente vieram encurralá-la especificamente, não havia sentido em tentar convencê-los do contrário. Pessoas desesperadas não podiam ser negociadas, não quando suas barrigas estavam vazias, e elas fariam qualquer coisa apenas para sobreviver a mais um dia lamentável.

Esta também não foi a primeira vez que algo assim aconteceu com ela, e com certeza não seria a última.

O Sr. Machado rugiu enquanto corria para a frente, cruzando o braço sobre o tronco para dar um golpe para baixo com o machado cortante.

Mayumi deu um passo para trás enquanto se abaixava e levantava a ponta plana de sua espada. Ela o enganchou atrás do ombro do machado e o empurrou, junto com o braço do homem, para o lado. O portador da espada investiu enquanto a segurava com as duas mãos acima da cabeça, a lâmina cega como uma barbatana de vela no ar.

Ela ergueu a perna e deu um chute na barriga dele.

— Blergh — ele engasgou, segurando o estômago enquanto tombava para a frente. Ela sabia que tinha atingido seu diafragma quando ele soltou um estrangulamento.

Infelizmente, isso a colocou em uma posição em que o Sr. Machado estava bem na frente dela com o braço levantado para bater a lâmina em seu crânio ou ombro. De qualquer maneira, ele estava apontando a lâmina para ela em vez do bastão cego, o que significava que ele realmente pretendia matá-la. A arma veio para ela rapidamente.

Mayumi caiu de bruços, perdendo por pouco o arco do golpe de sua lâmina. O machado continuou entre suas pernas abertas, felizmente evitando cortar seu próprio corpo.

Deixando a espada por um momento, ela empurrou as mãos contra o chão para se erguer sobre os braços e torceu o corpo. Ela deslizou pelo chão e bateu com as duas pernas nas dele.

Ele caiu de quadril em um movimento rápido, seu machado girando no ar antes de pousar na neve.

De costas, ela colocou as mãos atrás da cabeça, trouxe os joelhos até o peito e empurrou enquanto chutava. O impulso a jogou de pé, e ela caiu agachada.

Ao se levantar, ela deu um passo para trás rapidamente quando o porta-adaga, que ainda a segurava tolamente com as duas mãos, correu para ela com ela apontando para a frente. Ela facilmente se esquivou dando um passo para trás porque seus olhos estavam fodidamente fechados enquanto ele corria para ela. *Idiota!* Ele tropeçou e quase caiu de cara na neve.

No momento em que o menino da adaga estava se firmando em seus pés, o Sr. Machado estava voltando aos seus.

Ela mergulhou e rolou para frente para ficar mais perto de sua arma para que pudesse alcançá-la se fosse necessário. Ela caiu de pé e se virou. Mayumi esperava ver o portador da espada, mas como ela girou em um círculo rápido, pisando com o pé direito para ajudá-la a virar, ele... sumiu.

Onde ele foi?

Ela continuou procurando até que seus olhos a trouxeram de volta para o Sr. Machado, que estava cavando na neve em busca de sua arma.

O garoto da adaga, ou homem, ela não sabia dizer quantos anos ele tinha, finalmente colocou sua arma em uma das mãos. Ele começou a passar esporadicamente pelo ar.

Mayumi apenas recuou, jogando a cabeça para um lado e depois para o outro enquanto atirava de volta para evitar ser atingida no rosto.

— Pare com essa tolice! — ela gritou, usando ambas as mãos para capturar o braço dele.

Assim que conseguiu segurá-lo bem, ela empurrou a mão dele para trás, torceu o braço dele e esticou demais o pulso dele.

— AH! — Ele estremeceu quando deixou cair sua adaga na neve com um plop. — Por favor! Isso machuca.

Ela o puxou para frente enquanto se lançava para trás, forçando o Sr. Machado, que nunca encontrou sua arma, a socar o próprio camarada no rosto com seu punho poderoso.

Ela jogou o garoto da adaga chorando para o lado e rapidamente encarou o Sr. Machado.

Ela levantou a perna para chutá-lo na cabeça com a frente do pé. Ele recuou para se esquivar antes de avançar para acertá-la enquanto ela estava ligeiramente virada. Mayumi apenas quicou o pé no chão e o chutou com a parte de trás do calcanhar enquanto girava para ficar de frente novamente.

Constantemente olhando ao seu redor, ela pensou que aquele que segurava a espada reapareceria, mas ele nunca apareceu. O garoto da adaga recuou, seu tremor parecendo piorar agora que ele não tinha mais sua arma.

A adaga dele estava em algum lugar embaixo dela e dos pés do Sr. Machado enquanto eles lutavam por cima dela.

Ele olhou para a espada dela.

— Eu não tocaria nisso se fosse você, — ela avisou, enquanto começava a chover socos contra o Sr. Machado.

Ela primeiro o atingiu do lado direito da barriga até o rim, depois usou o punho esquerdo para acertá-lo no diafragma.

Ele se inclinou para a frente como o portador da espada e, incidentalmente, desceu ao nível dela. Mayumi agarrou o cabelo dele pelo gorro e empurrou a cabeça dele para baixo enquanto levantava o joelho. O barulho de seu nariz quebrando foi abafado por seu grito.

Um olhar para cima disse que seu garoto da adaga havia pegado sua espada e estava apontando para ela. Mayumi deu a ele pouca atenção, já que ele parecia incerto.

Em vez disso, ela não perdeu tempo com o Sr. Machado, que estava atrás dele. Ela montou em seu torso e usou as duas mãos para socá-lo no rosto, jogando a cabeça para a esquerda e para a direita.

Por causa de sua estatura baixa e esbelta, ninguém jamais suspeitou que ela teria um soco tão pesado.

O Sr. Machado desmaiou quando ela o atingiu na têmpora.

Assim que ele o fez, ela ergueu os olhos para enfrentar o menino da adaga, seus olhos se estreitando nele. Com sangue cobrindo os nós dos dedos, ela começou a se levantar.

Quando ela ficou com as pernas abertas sobre o homem inconsciente abaixo dela, ela jogou os ombros para trás. Mayumi só parou quando viu que as calças dele estavam molhadas e o amarelo começava a manchar a neve a seus pés.

— Você está brincando. Você está realmente se mijando?

Ela pensou que daria um bom show, mas ela não era realmente assustadora. Ela tinha um metro e sessenta e cinco, pelo amor de Deus. Ela era rápida e forte, mas nunca realmente induziu o medo.

— Oh. Ha. Ah. — Ele não conseguia nem formular uma palavra, apenas sons saíam dele. Levou muito mais tempo do que deveria para perceber que ele não estava olhando para ela.

— Ahhhhhh! — ele gritou, jogando a espada dela no chão e correndo para o Posto Avançado de Colt.

Mayumi olhou para trás, mas não encontrou nada lá.

Ela correu para o arco que estava em cima de suas mochilas, tirou uma flecha de sua aljava, prendeu-a na corda e puxou para trás enquanto mirava na parte de trás da perna dele.

Seu peito arfava, seus pulmões comprimindo e expandindo em respirações pesadas. Mayumi pensou nisso. Ela considerou disparar sua flecha na parte de trás de sua coxa.

Com uma leve rajada de vento envolvendo seu corpo, ondulando o cabelo amarrado para a frente sobre o ombro para fazer cócegas em sua bochecha, ela hesitou.

Ela realmente não queria machucá-lo. Ele não tinha lutado nada, e ela tinha certeza que sua família sentiria muita falta dele. *Essas pessoas no setor pobre do Posto Avançado de Colt estão sofrendo.* Ele pode ter uma esposa, até mesmo filhos, que podiam estar doentes ou morrendo de fome.

Nunca mais verem o pai seria ainda mais devastador.

Mayumi afrouxou a tensão que tinha na corda do arco.

Não era da natureza de um caçador de demônios matar nada

além de monstros. Os humanos, embora cruéis e igualmente bestiais às vezes, não mereciam a morte a menos que fossem realmente vis.

Eles foram instruídos a incapacitar os bandidos em vez de matar, se pudessem. A humanidade era uma raça em extinção. Eles precisavam manter seus números se não quisessem ser extintos.

Com sua decisão tomada, Mayumi colocou sua flecha de volta em sua aljava.

O portador da espada desapareceu do nada, ela pensou enquanto caminhava até sua espada. Ela a pegou enquanto olhava ao redor, examinando a floresta com cautela. *Duvido que ele teria fugido. O da adaga estava com mais medo.*

Ela enfiou a espada na bainha e voltou o olhar para onde o menino da adaga estava olhando. Ela apertou os olhos para a neve perturbada.

Nada estava lá agora, mas *algo* tinha estado.

Mayumi se agachou e apoiou o antebraço sobre um joelho para se equilibrar. Ela abaixou a mão para tocar as pegadas que podia ver. A marca tinha quatro vezes o tamanho de sua mão, o que não era difícil de fazer, considerando que ela era tão pequena.

Mas a pegada mal tinha forma humana, era enorme e não pertencia a nenhuma criatura normal que ela já vira.

Duas possibilidades vieram à mente, Demônio ou Caminhante do Crepúsculo, mas ela sabia sem precisar pensar nisso.

Um Demônio teria se dado a conhecer pelos sons de clique que faziam, ou por assobios ou rosnados. Esta criatura estava em silêncio, não a atacou e parecia ter saído de seu caminho para ajudá-la.

O portador da espada não simplesmente desapareceu no ar, e o garoto da adaga não se mijou por nada.

É quem tem me observado. Ainda agachada, Mayumi deixou seus olhos vagarem pela floresta mais uma vez, desta vez procurando por qualquer sinal do Caminhante do Crepúsculo de caveira felina. *Ele nunca foi embora. Ele está me protegendo.*

Mais uma vez ela se perguntou, *por quê?*

Era uma pergunta sem sentido.

Ela se levantou e cerrou as mãos ensanguentadas em punhos,

ignorando a dor nas costas de seus dedos.

— Saia! Eu sei que voce está aí! — ela gritou, ouvindo sua voz reverberar na neve como um eco.

Ela não obteve resposta.

Talvez ele tenha corrido atrás do homem que fugiu?

— Espero que você não tenha matado aquele homem, — Mayumi gritou. — Ele não merecia morrer só porque estava com fome. Se você tivesse assustado eles para mim, eu os teria nocauteado para que pudessem voltar para casa para seus entes queridos.

Ela só recebeu mais silêncio.

Até o vento estava calmo e mal se movia. Nenhum graveto quebrou, nenhuma neve estalou sob os passos. Estava quieto, quieto demais.

De repente, a área ficou mais escura, dizendo a ela que o sol havia passado pelas árvores e começava sua descida final no horizonte.

Caramba. Eu não tenho tempo para isso.

Ela caminhou até o Sr. Machado e se agachou na frente dele.

— Ei, você. — Ela bateu na bochecha dele algumas vezes até que ele se mexeu.

Seus olhos se abriram, embora apenas como um machucado e quase inchado. O Sr. Machado sentou-se, confuso e provavelmente com uma concussão.

— Você! — Ele olhou em volta apressadamente enquanto recuava de bunda. — Onde estão...

— Vá para casa, — ela disse a ele. — Volte para sua família, ou o que quer que seja. Há algo na floresta que assustou seu amigo.

— Um demônio? — ele guinchou.

— Não tenho certeza. Talvez tenha sido apenas um urso, mas você precisa voltar para a cidade antes que o sol termine de cair.

Ela rolou sobre os calcanhares e ficou de pé enquanto ele se levantava. Seus joelhos pareciam vacilantes, mas ele conseguiu ficar em uma posição curvada enquanto segurava a barriga.

— Por que você me acordaria? Tentamos roubá-la.

Mayumi caminhou até seus pertences e começou a cruzar suas

mochilas sobre o torso.

— Porque é desumano deixá-lo inconsciente na neve para que o gelo o agarre ou para que um Demônio o coma.

Mayumi viu o machado dele no chão perto de onde estavam as mochilas dela. Ela pegou e então ofereceu o cabo para ele, segurando a lâmina.

Ele parecia tão inseguro quando lentamente estendeu a mão para agarrá-lo. Mayumi tinha certeza de que era um dos poucos pertences que possuía, e provavelmente o usava para trabalhar pela pequena moeda que conseguia ganhar.

— Obrigado? — ele perguntou desajeitadamente quando o pegou.

Mayumi assentiu e recuou.

— Agora, se eu me virar e você tentar me atacar novamente, vou cortar sua garganta e usá-la como isca para o Demônio esta noite. Eu não dou uma segunda chance facilmente.

Ela não poderia dizer se seu rosto parcialmente enegrecido e manchado de sangue empalideceu, mas ele se afastou dela.

Eles se separaram.

Durante todo o caminho de volta para sua casa, Mayumi tentou com todas as suas forças ouvir o Caminhante do Crepúsculo que poderia estar seguindo ela.

CAPÍTULO 7

Uma decisão havia sido tomada em sua caminhada para casa, e Mayumi planejava aplicá-la agora. Sua comida foi guardada, ela acendeu a lareira e lavou o suor do dia de seu corpo - assim como o sangue seco de seus dedos.

A noite caiu antes que ela conseguisse voltar para sua cabana, e ela saiu de sua cabana agora na escuridão.

Não houve hesitação quando ela atravessou a varanda, suas botas batendo ruidosamente contra os degraus enquanto ela caminhava para a clareira. No meio disso, ela se ajoelhou e sentou-se sobre os pés. Ela teve que arrastar seu corpo para que sua espada ficasse confortavelmente. Seu arco também pode ser pesado sobre o corpo por causa de seu comprimento.

Então ela puxou a adaga do cinto de armas e cortou a parte de trás do braço. Era um lugar que ela ainda poderia lidar lutando com uma ferida.

Foi principalmente superficial e parou de sangrar relativamente rápido, mas considerando que a Caminhante do Crepúsculo não ficou raivoso e selvagem quando ela espancou o Sr. Machado acho que ela tinha alguma coisa para se preocupar.

Com o próprio sangue pingando na neve, Mayumi esperou.

— Você tem duas opções, — ela gritou para o ar frio da noite. O vento era terrível, e ela sufocou um arrepio quando ele desceu por sua espinha. — Você pode sair, ou pode esperar até que um Demônio sinta meu cheiro e venha atrás de mim.

Suas orelhas se contraíram quando ela pensou ter ouvido um rosnado ecoar de volta, mas era tão baixo que era difícil distinguir de verdade.

Nada surgiu.

Certo. Mayumi agarrou o cabo de sua adaga novamente e pressionou a ponta em seu antebraço.

Ela se encolheu quando algo *pousou* bem na frente dela - ela esperava que algo corresse para ela de dentro do mato. O pulso que segurava a adaga foi engolido por uma mão incrivelmente grande que

a *puxou* até que seus joelhos se dobrassem e mal tocassem o chão.

Mayumi foi forçada a apoiar a maior parte do peso na parte de trás dos tornozelos.

— *Você está louca?* — o Caminhante do Crepúsculo rosnou, sua voz um som tão sombrio, vibrante e rico que quase soava como se ele tivesse comido cascalho.

As esferas flutuantes na frente de suas órbitas vazias eram de uma cor vermelha brilhante, alertando aqueles que as viam sobre um perigo iminente.

— Finalmente, você se mostra, — Mayumi soltou com um leve sorriso de escárnio.

No entanto, seu coração, geralmente tão quieto e calmo, estava quase gaguejando em seu peito. Suas bochechas e peito esquentaram com as veias pulsando mais rapidamente.

Ele tem chifres de carneiro. Não sabia que ele tinha chifres de carneiro.

Eles eram de cor bronzeadas e enrolados para a frente na lateral de seu crânio branco. Seu rosto parecia ser o de um predador felino maior - talvez um leão da montanha ou pantera em vez de um gato.

Ela podia ver no escuro que ele tinha pelo excepcionalmente longo cobrindo seu torso, costas, ombros e pernas, mas ela pensou ter visto também espinhos saindo de suas costas debaixo de um longo manto preto que ele usava.

Antes que ela pudesse absorver mais detalhes, o Caminhante do Crepúsculo a jogou de lado. Ela caiu de lado e afundou na neve.

De quatro, sua coluna arqueada como a de um felino, ele colocou espaço entre eles. A ponta de sua longa cauda se enrolou em óbvia agitação ao sair de sua capa.

— *Por que você estava tão desesperada para me forçar a sair que faria algo tão tolo?* — ele perguntou, acenando com uma de suas mãos com garras na direção dela. Ela notou que as pernas dele eram felinas com patas no lugar dos pés. — *Por que você queria me ver?*

Enquanto ele falava e começava a andar, seus passos lentos e calculados, Mayumi se levantou.

— *Se você busca um confronto, não o receberá de mim. Não tenho interesse em lutar com você.* — Havia alguma forma de pano preto

coabrindo a ponta do focinho, e ela se perguntou se era do canto visivelmente ausente de sua capa. — *Especialmente porque você não iria ganhar.*

Mayumi puxou um rolo de bandagem de um bolso de seu cinto de armas e começou a envolvê-lo casualmente em seu braço.

— Eu não quero lutar com você, — ela respondeu com sinceridade, tirando os olhos dele para que ela pudesse ver o que estava fazendo. Era um teste, e ela estava pronta para parar o curativo a qualquer momento para pegar sua espada. — Você tem me observado, me seguido. Eu queria saber por quê.

Ele parou de andar e virou a cabeça na direção dela.

— *Não posso? Contanto que eu não esteja causando nenhum dano, o que importa o que eu faço?*

— Claro que importa. O que você está fazendo é estranho. — Uma vez que seu braço estava coberto, ela enfiou a ponta de sua bandagem sob o embrulho para prendê-lo. — Caminhante do Crepúsculos matam e comem humanos. Por que você sairia do seu caminho para proteger um?

Ele teve a maldita audácia de erguer a cabeça e apontar o focinho coberto de pano mais alto... quase com desdém!

— *Quem disse que eu tenho protegido você? Talvez eu só estivesse esperando que você baixasse a guarda.*

Mayumi soltou uma gargalhada. — O homem segurando a espada hoje não simplesmente desapareceu no ar, e o outro não se mijou porque viu uma folha esvoaçante. Se você queria me matar, teve muito tempo para fazê-lo.

Ele soltou um bufo duplo.

— *Certo. Estou protegendo você.* — Seus orbes flutuantes se transformaram em um amarelo neutro, mas sua postura era totalmente agressiva com a forma como suas mãos e patas estavam espalhadas, descansando no chão. — *E daí?*

— Se eu dissesse para você sair, você sairia? — Mayumi perguntou, levantando uma sobranceira singular e cruzando os braços.

— *Não,* — ele respondeu, seus orbes piscando em vermelho

momentaneamente antes de voltar ao amarelo. A única palavra foi pronunciada com um tom profundo e definidor, garantindo que ela entendesse que ele não se comoveria com este assunto.

Os pelos de seus braços se arrepiaram com a ameaça que ela ouviu, mas não porque ela estava com medo ou desconcertada, mas porque ela achou isso estranhamente... excitante.

— Você ainda não me disse por quê. — Sua falta de resposta informou que ela não receberia uma. — É... é por causa do que aconteceu quando eu era criança?

A cabeça do Caminhante do Crepúsculo abaixou e ele deu um passo para trás.

— *Você lembra?*

Mayumi deu de ombros, mas seu coração disparou com a confirmação. Ela não tinha certeza. Para finalmente ter sua resposta reduzida algumas das muitas perguntas que ela tinha sobre aquela noite.

— Vagamente. — Ela espalmou o lado de sua testa para afastar alguns teimosos tufo de cabelo encaracolado de seu rosto. — Tudo o que me lembro é que pensei ter encontrado minha gata Sombra, mas não foi isso que realmente aconteceu, foi?

— *Não.*

— Confundi seu crânio com a máscara branca dela e desabei na sua frente. Foi o que aconteceu. — Quando ela percebeu que havia desviado o olhar, o que normalmente *nunca* teria feito com um oponente à sua frente, ela trouxe seus olhos de volta para ele. — Foi você quem me trouxe para casa?

Ela deu um passo à frente, seus olhos se curvando enquanto implorava pela verdade.

Mayumi esperou toda a sua vida, não apenas para descobrir a verdade, mas para conhecer a... criatura que a salvou. Ela pensou que estaria esperando até o dia em que morresse – fosse de velhice ou pelas garras de um Demônio.

No entanto, aqui estava ele, bem na frente dela, e Mayumi sentiu emoções que ela normalmente engarrafou dentro dela ameaçando borbulhar e derramar na frente dele.

Mesmo que ele mentisse agora, Mayumi sabia qual era a verdade. Mas ela queria desesperadamente que ele dissesse isso. Ela queria a confirmação de que ele realmente se tornara o salvador de Mayumi. Que ao invés de comê-la como um monstro, ele a trouxe para casa.

Ela era uma menina de quatro anos perdida na floresta no meio da noite. Ninguém saberia que era ele. Ele poderia ter se safado livremente sem quaisquer consequências, e ela duvidava que ele tivesse uma consciência moral sobre isso.

Então, por que ele não a comeu?



Gatinho arrastou os quatro membros dele nervosamente com a expressão que ela deu a ele. Era como se algo pesasse nas próximas palavras que ele projetasse além de seu crânio.

A pressão fria da neve contra suas mãos e patas significava pouco para ele, e o vento gelado não fazia nada além de perturbar sua capa e pelo. Ainda assim, ele sentiu sua pele e pelos apertarem em tensão.

Suas respirações estavam espalhadas pelo pedaço de manto rasgado que ele tinha enrolado em seu focinho, mas eles se embaçaram devido ao imenso calor que seu corpo sempre fornecia – ainda mais em sua forma monstruosa atual.

Se ele quisesse, poderia ter revelado a ela que nem sempre andava de quatro - embora se sentisse mais confortável fazendo isso - mas não o fazia para ter a melhor mobilidade e força. Mayumi havia se cortado de propósito, e o cheiro de seu sangue provavelmente traria demônios aqui.

Felizmente, ele não conseguiu sentir o cheiro de nada, pois

enfioi lama no nariz e cobriu ainda mais o focinho com uma barreira. Se não tivesse, a tolice de Mayumi o teria levado a atacá-la com uma fome cega.

E Gatinho teria ficado *furioso* se tivesse causado a morte dela. A culpa que ele teria sentido depois de comê-la teria revirado suas entranhas.

Ele olhou para a floresta na direção do Véu. *Eu preciso levá-la para dentro.*

Era tarde demais. Seu cheiro de sangue já estaria flutuando no vento, mas forneceria abrigo e uma barreira para que Gatinho pudesse lutar contra aqueles que vinham.

No entanto, Gatinho sentiu o desejo inegável de prolongar essa conversa. *Quando terei a chance de apenas... falar com ela de novo?*

Ele sabia o suficiente sobre Mayumi para saber que ela não hesitaria em desembainhar a espada e apontá-la para ele, ao que ele recuaria lentamente para protegê-la de si mesmo.

Ele nunca esperou por este momento porque pensou que era uma impossibilidade. Gatinho se contentara em vigiá-la como uma sombra desconhecida, mas é claro que seus sentidos eram muito aguçados para ele.

Mayumi era inteligente. Ele deveria saber desde o início que seria descoberto. Mas isso tão cedo? Ele só estava aqui há alguns dias.

Ela sempre esteve fora de alcance para ele, mas a palma da mão agora queimava em memória de segurar seu pulso através de sua grossa jaqueta de pele. Como seria se ele tivesse tocado sua carne diretamente?

Ela estava bem ali, a apenas alguns metros de distância. Tão perto, *tão perto*, mas ainda muito longe.

Eu gostaria de poder sentir o cheiro dela.

De longe, havia sempre um tom doce de abóbora, sono e o couro que ela frequentemente usava espalhado no ar. Ele se perguntou o quão forte isso seria com a proximidade um do outro.

Ele se perguntou como isso o afetaria.

Seu coração já batia freneticamente. Do nervosismo? Parecia tímido dentro de seu peito. Talvez fosse ansiedade? Ele temia que essa

conversa terminasse horrivelmente a qualquer momento. Gatinho até pensou que poderia haver um calor em seus batimentos cardíacos, informando-o da ternura que sentia em sua presença.

Sua longa cauda felina se enrolou no final quando o rosto dela começou a parecer cabisbaixo.

Ela ainda estava esperando por sua resposta.

Ele não sentiu vontade de mentir.

– *Sim. Fui eu quem te trouxe para casa,* – ele respondeu, sua voz distorcida por estar neste estado monstruoso.

Esta mulher diante dele quase perdeu a vida em seu estômago.

Anos atrás, Gatinho sentiu o cheiro de um humano no vento e o perseguiu com a intenção de comer o que encontrasse. Seus orbes ficaram vermelhos naquela noite, sinalizando sua fome, quando uma criança pequena apareceu diante dele.

Gatinho sabia que os pequenos humanos eram comida fácil.

No entanto, quando ele abaixou a cabeça para atacar, Mayumi jogou seus pequenos e fracos bracinhos em volta do pescoço dele e o abraçou. Ele estava tão chocado. Ele nunca tinha sido abraçado por ninguém antes.

Então ela implorou para que *ele* nunca mais a deixasse. Ela também disse que sentia falta dele.

Apenas essas palavras foram suficientes para mexer com seu coração.

Quando ela caiu na neve, Gatinho sentiu como seu corpo estava frio e a pegou em seus braços. Ela se encaixava perfeitamente em um antebraço, e ele a segurou contra o peito para alimentar seu corpo gelado com seu calor.

Mole e quase sem vida, era óbvio que ela não estava bem.

Ele considerou roubar a doce criança para si mesmo, esta criança que lhe mostrou mais bondade em menos de um minuto do que ele recebeu em toda a sua vida, mas ele sabia muito pouco sobre como cuidar de um ser humano. Especialmente um que era jovem.

Então, em vez disso, ele seguiu seu leve perfume e rastros de volta para sua casa.

Então, sentando-se no meio da clareira e segurando-a para

garantir que ela ficasse aquecida, Gatinho esperou até que ele ouvisse a vida humana voltando. Ele a deitou na neve, recuou até saber que não seria visto e observou de dentro da floresta.

Embora ele permanecesse fora de vista, Gatinho vigiava a casa até que viu aquela criança emergir com as próprias pernas. Ele precisava saber que ela havia sobrevivido. Que ela estava bem. Que ela não... *morreu*.

Ele nunca conseguia se lembrar quanto tempo ficou para cuidar da criança com sua família depois. Dias? Semanas? Foi só quando seu pai voltou da caça com uma carcaça de veado sangrando, quase causando o ataque de Gatinho, que ele foi embora.

Por mais que desejasse, não podia ficar.

A cada poucos anos ele voltava. Assim como ele tinha agora.

Após sua resposta, ele pensou que ela iria perguntar por que ele a salvou, o que ele teria se recusado a dizer a ela. Em vez disso, ele observou suas feições suavizarem e seus lábios se curvarem ligeiramente para cima.

— Obrigada — disse ela, quase sem fôlego, fazendo-o inclinar a cabeça em surpresa. — Eu sei que teria morrido se não fosse por você. Você tem um nome? O meu é Mayumi Tanaka, se isso ajudar.

Ele *quase* riu. Ele sabia o nome dela há anos.

Ela também acidentalmente deu a ele seu nome. Ele o usava com orgulho, já que foi essa humana que o deu a ele. Ele sabia que era um nome infantil que não invocava medo ou crueldade. Não era atraente, mas ele não se importava.

Não quando ela lhe deu seu primeiro e único gosto de afeto.

— *É...* — Ele fez uma pausa. De repente, ele se sentiu envergonhado de falar seu nome para a pessoa que originalmente o havia concedido. Seus orbes começaram a mudar para um rosa-avermelhado e ele olhou para o lado, embora isso não ajudasse muito a escondê-los. — *É Gatinho*.

— Gatinho? — Sua cabeça erguia-se com o nariz enrugado para formar pequenas rugas sobre a ponta. — Esse é um nome estranho.

— *Diz aquela que me deu*, — ele resmungou, sua visão se iluminando com sua cor rosa avermelhada.

— Eu? — Suas sobrancelhas se juntaram antes de subirem em sua testa. — Espere... Você se nomeou Gatinho porque foi isso que eu disse quando te encontrei?

O grunhido que começou a sair de sua garganta foi uma reação ao ultraje em sua voz. Seu eu mais jovem finalmente deu a ele algo para ser chamado, e ele não permitiria que esta versão dela zombasse disso.

A cabeça de Mayumi se ergueu ligeiramente enquanto o final de uma de suas sobrancelhas se contraiu com o rosnado dele.

— Bem, isso não serve. — Ela levantou a mão para poder enrolar o dedo indicador e bater com o lado da junta nos lábios. — Dê-me um dia ou dois. Vou inventar algo melhor para você.

Gatinho pensou que seu coração havia parado de bater. *Ela quer me nomear melhor?*

Tal ideia fez com que seus orbes ficassem amarelos brilhantes, o que sinalizava sua alegria absoluta.

Ele simplesmente ergueu o próprio focinho com desdém.

— *Se é isso que você deseja.* — Ele manteve seu tom o mais neutro possível para esconder sua reação.

— Tudo bem. Então, onde você tem dormido?

Gatinho não pôde deixar de inclinar a cabeça de forma interrogativa.

— *O que você quer dizer?*

— Você está aqui há alguns dias, correto? Eu vi você na outra noite quando você matou o Demônio e comeu meu javali.

Seus orbes brilharam em branco e ele deu um passo para trás surpreso. Ele não podia acreditar que tinha sido visto! *Achei que seus sentidos estavam apenas aguçados, mas, em vez disso, me mostrei a ela assim que cheguei.*

Ele deu um suspiro, balançando seu crânio felino para si mesmo. Então ele trouxe sua visão de volta para ela.

— *Eu durmo onde bem entender.* — Ele balançou a ponta do focinho nas copas das árvores. — *Às vezes nas árvores. Às vezes no chão. Depende de como eu desejo descansar.*

— Bem, isso não é bom. — Ele se arrepiou quando ela colocou a

mão esquerda no punho da espada, mas ela nunca a soltou. Parecia que ela estava apenas segurando-a para mantê-la firme enquanto se virava em direção à casa. — Você pode dormir na varanda. Tenho certeza de que será mais quente e confortável.

Sua cabeça se inclinou para o outro lado em perplexidade. Era difícil não fazer isso quando ele estava completamente pasmo com as palavras dela.

— *Dormir na sua varanda?*

Ele deu um passo hesitante atrás dela quando ela alcançou os degraus e começou a subir. Quando ela estava no topo, ela se virou para ele.

— Você já disse que não iria embora, mesmo que eu pedisse. Já que é esse o caso, você pode dormir onde eu possa te ver. Não adianta voltar a se esconder. Eu me sentiria mais confortável sabendo onde você está. — Então Mayumi deu a ele um grande sorriso – um que ele não confiava particularmente. — Vou fazer você se arrepender de ter vindo aqui.

Ele estava curioso para saber o que ela queria dizer. Nada poderia fazê-lo se arrepender de ter se tornado seu protetor, a menos, é claro, que ele tivesse falhado com ela.

— *Não posso entrar em sua premissa. Sua proteção não me permite acesso sem dor.*

Sua expressão caiu.

— O que você quer dizer com 'sem dor'?

Gatinho se aproximou de quatro. Ele subiu os degraus e então tentou passar a mão pelo arco que ligava o mundo exterior à varanda dela.

Sua mão podia passar, não era totalmente infalível, mas ele sentia uma dor formigando em seu braço. Ele também viu um brilho de magia que parecia notavelmente com a translucidez de uma bolha quando ele agitou a proteção tentando passar.

Com um bufo irritado, ele puxou o braço para trás.

— *Viu? Tenho certeza de que, se eu apressasse meu caminho, conseguiria obter acesso. Mas se eu fizer isso, vai doer todo o meu corpo.*

— Eu vi. — Mayumi caminhou até o canto esquerdo de sua

casa e desenganchou uma placa de madeira pendurada que tinha símbolos pintados de preto. — Que tal agora?

Gatinho tentou novamente, mas desta vez ele deu um rosnado suave enquanto puxava o braço para trás.

— *Eu admito, não é tão doloroso quanto quando você era pequena. Foi por isso que te deitei na neve em vez de na varanda. Eu não fui capaz de fazê-lo.*

Ela apenas assentiu e colocou a madeira de volta no gancho. Então ela removeu uma coberta de material e disse a ele para tentar novamente.

Gatinho o fez, e desta vez ele não sentiu dor. Ela imaginou o mesmo quando ele conseguiu subir as escadas, cada uma delas rangendo sob seu peso.

— Você está brincando — ela riu, saltando para cima e para baixo no ar. — Depois de todos esses anos, isso ainda funciona? Você sabe o que? Não importa. — Ela olhou por cima do ombro e disse: — Não vou precisar disso já que você estará aqui, certo?

A confiança imediata que ela tinha nele era tão alarmante quanto comovente. Seus orbes brilharam em um amarelo mais brilhante.

— *Sim. Vou protegê-la muito melhor do que esses amuletos, mas você deve mantê-los seguros caso eu não esteja mais aqui.*

— Você está planejando partir tão cedo?

Ele não sabia se tinha ouvido corretamente o tom de desapontamento dela, mas preferiu ignorá-lo.

— *Não. Eu pretendo ficar.* — A menos que algo fora de seu controle aconteça - por exemplo, e provavelmente a única causa, sua morte.

— Tudo bem. Vou tirar isso por enquanto.

Mayumi começou a andar pela casa para removê-los, descendo as escadas da varanda em um ponto para chegar aos fundos.

Isso só trouxe uma questão própria.

— *Por que você está me permitindo ficar?* — ele perguntou quando ela finalmente voltou para ele.

— Porque você obviamente não pretende me machucar, e a

ideia de ter um grande cão de guarda parece muito mais seguro do que alguns amuletos.

— *Mas vocês, Caçadores de demônios, caçam Mavka.* — Embora sem sucesso.

Mayumi parou diante da porta da frente de sua casa.

— Ok, eu tenho duas perguntas — disse ela com as sobrancelhas franzidas profundamente. — Em primeiro lugar, o que é um Mavka? E como você sabia que eu era uma caçadora de Demônios?

— *Mavka é o que os Demônios chamam de minha espécie.*

Ele propositadamente não respondeu a sua segunda pergunta.

Ela acenou com as mãos no ar, cruzando-as e depois descruzando-as.

— Não. Nunca. Eu não dou a mínima para o que aqueles demônios sujos chamam de você. Eu sou uma humana, e para mim você é um Caminhante do Crepúsculo. Espero que você se chame como eu.

Como suas mandíbulas estavam abertas para respirar por causa do nariz entupido, seus dentes se fecharam com uma mordida. Ele não esperava isso dela, mas seguiria sua exigência.

— *Justo. Você ainda não respondeu por que está me permitindo ficar quando vocês, Caçadores de demônios, geralmente caçam minha espécie. Estou surpreso por ter sua confiança, e é por isso que pergunto.*

— E você optou por não responder à minha segunda pergunta. Tão justo é justo. — Seus dentes mastigaram novamente, desta vez em irritação. — Além disso, eu estava querendo perguntar. Por que diabos você está com esse pano enrolado no rosto?

Seus orbes brilharam em vermelho.

— *Porque você continua fazendo merda que me faz querer atacá-la!*
— ele gritou em indignação. — *Primeiro você me atraiu para atacar seu javali e depois o Demônio, depois aqueles humanos na floresta, e agora seu braço! Você sabe o que teria acontecido se eu não estivesse usando hoje à noite quando você se cortou?*

— Não? — ela respondeu com uma mão levantada como se fosse encolher os ombros.

— *Eu teria tentado atacá-la. Uma coisa que você deve estar ciente,*

agora que chegamos a um entendimento, é que os Mav-Caminhante do Crepúsculos são frequentemente levados a uma fome cega pelo cheiro de sangue de qualquer criatura... ou pelo cheiro do medo.

Mayumi cruzou os braços com uma expressão entediada.

— Como você tão claramente apontou anteriormente, eu sou uma Caçadora de demônios. Você nunca terá que se preocupar com o cheiro de medo de mim. — Ela ergueu o queixo mais alto. — No entanto, eu *sou* uma mulher. O que você vai fazer quando eu sangrar uma vez por mês ou se eu acidentalmente me machucar?

— *Você é uma mulher forte* — afirmou Gatinho com absoluta confiança. — *Apenas corte a porra da minha cabeça se eu tentar te machucar.*

— Com licença?

— *Você não pode matar permanentemente um Caminhante do Crepúsculo dessa maneira. A única maneira de nos parar, ainda que temporariamente, é arrancando nossa cabeça. Em um dia, vou regenerar o resto do meu corpo e continuar a protegê-la.* — Então Gatinho se aproximou, ficando um pouco mais alto que ela, apesar de estar de quatro. — *E Mayumi, estou **esperando** que você faça isso. Se meus olhos estiverem vermelhos e eu estiver indo atrás de você, você deve fazer isso porque haverá muito pouco que você possa fazer para me derrotar. Você pode ser uma Caçadora de demônios, mas você ainda é humana. E ficarei muito, **muito** zangado comigo mesmo se for eu quem vai prejudicá-la.*

Gatinho ouviu o som familiar de um Demônio rosnando à distância vindo até aqui. Ele acenou com a cabeça para a porta da frente enquanto dava um passo para trás.

— *Agora entre. Há demônios se aproximando por causa de suas ações tolas.*

Ela colocou uma única mão em seu quadril.

— Eu quero que você saiba que eu realmente não preciso de sua proteção. Caço Demônios desde que era adolescente.

— *Eu não dou a mínima para o que você tem feito. Posso estar inclinado a acreditar que você é capaz, mas isso não significa que vou permitir que você se arrisque enquanto eu estiver aqui.*

Com um adorável bufo da *pequena* mulher humana, ela colocou a mão na maçaneta redonda de sua casa. Ela abriu a porta e entrou.

Ele esperava que ela batesse. Ela não o fez, e ele não tinha certeza se era realmente um sorriso de lado que ela deu a ele antes de fechá-la.

Em minutos, Gatinho não passava de um borrão em movimento enquanto avançava pela floresta, planejando enfrentar o Demônio de frente para uma batalha facilmente vencida.

CAPÍTULO 8

Encolhido como uma bola em sua forma monstruosa em um canto da varanda, Gatinho ergueu ligeiramente a cabeça quando ouviu um movimento. Ele estava alerta, mas grogue, pois havia vigiado a casa a noite toda, mesmo depois que o sol nasceu.

Caminhantes do Crepúsculo geralmente adormeciam assim que o sol nascia, mas ele ficava acordado para esperar que as sombras persistentes saíssem do alcance de sua casa.

Com apenas algumas gotas de seu sangue humano, Mayumi atraiu dois Demônios durante a noite. Ele matou os dois, mas ganhou um punhado de ferimentos, pois um deles era um oponente forte.

O sol estava apenas moderadamente mais alto do que quando ele adormeceu.

Ele observou Mayumi atravessar a varanda de sua casa vestida com algum tipo de manto marrom brilhante antes de se jogar na neve.

Ele não estava mais chocado por ela fazer isso. Ele a tinha visto fazer isso nos últimos dias em que permaneceu aqui. Ela não se sentou de repente e gritou para o ar desta vez. Em vez disso, de braços na neve, ele observou o corpo dela ficar tenso antes que ela desse um gemido.

Gatinho optou por ignorá-lo. Ele apenas enfiou a cabeça para trás debaixo de um dos antebraços enquanto descansava o focinho em cima do outro e voltou a dormir.

Mayumi correria pouco perigo perto de casa à luz do dia. Quando ela planejasse deixar a vizinhança, ela atravessaria a varanda de madeira com suas botas grandes e o acordaria.

Isso é exatamente o que aconteceu.

No entanto, seus passos pesados não levaram à clareira; eles vieram para suas patas traseiras.

No momento em que ele estava levantando a cabeça, já alerta antes que ela chegasse perto, ela o chutou – embora de forma bastante suave.

— Ei, você, acorde.

Ele deu um grunhido suave e indiferente.

– *Fique perto de casa para que eu possa dormir.*

Ele cobriu o rosto novamente, apenas porque aqueceu seu crânio antes de sua visão escurecer. Ela enganchou a frente de sua bota e levantou a perna de trás. Ele puxou contra si mesmo para tirá-la dela.

– Acorde. Você não pode viver aqui sem pagar aluguel. É hora de colocar você para trabalhar.

– *Proteger a casa a noite toda não seria o suficiente para trocar por minha soneca na sua varanda?*

– Levante-se, Caminhante do Crepúsculo!

Ela deu um chute na bunda dele dessa vez!

Com um rosnado, Gatinho pegou suas mãos e patas. Então ele começou a erguer apenas as patas para ficar de pé, elevando sua altura cada vez mais acima dela até que ele sentiu o pelo de sua nuca arranhar o telhado da varanda.

Ele foi forçado a parar de se levantar, apesar de estar a poucos centímetros de ficar em pé totalmente. Ele permaneceu parcialmente curvado para frente devido à altura do telhado, que só apareceria mais imponente e ameaçador quando ele olhou para a mulher humana com seus orbes avermelhados.

Mayumi teve que esticar o pescoço. Caso contrário, ela estaria olhando para o fundo de seu esterno.

– *Você pode fingir que pode me controlar, mas não é o caso. Ficarei feliz em ser seu 'cão de guarda', como você disse tão grosseiramente, mas sou eu quem está no controle. Se eu disser para você se sentar, você deve se sentar. Se eu disser para você ficar, você deve ficar. E se eu disser para você vir, você virá como uma boa e obediente caçadora de demônios. Entendido?*

Suas sobrancelhas se ergueram em descrença, mas ela não demonstrou um pinga de medo em sua presença.

– Havia uma razão pela qual me tornei uma Caçadora de Demônios de nível Prata – disse ela enquanto o encarava bravamente.

– E é porque eu sou péssima em receber ordens. Eu sou muito melhor em dá-las.

– *Isso soa como uma falha na qual você deveria trabalhar.*

– Já ouvi isso antes. – Ela o surpreendeu sorrindo. – Agora, você vai me ajudar ou não?

Caindo para o lado porque sua posição vertical era desconfortável nesta forma, ele caiu sobre as mãos com um baque duplo.

— *Certo. Eu a ajudarei se for preciso.*

Ele estava acordado de qualquer maneira e, embora a tivesse avisado, não queria que ela soubesse a verdade. Ele faria o que Mayumi quisesse, mesmo que fosse para rolar de costas com a barriga para cima.

— Bom, porque você parece forte e estou cansada de andar de um lado para o outro na floresta.

Já que ele seguiria Mayumi cegamente onde quer que ela quisesse ir, ele não a questionou enquanto ela liderava o caminho. Ela estava vestida como sempre, o que dava a impressão de que ela não confiava totalmente nele, mas ele estava agradecido por isso. Se algo desse errado, ela tinha armas para se proteger – especialmente dele.

Parecia... estranho andar lado a lado com ela. Em toda a sua vida, ele nunca pensou que passearia *com* um humano, e ele definitivamente não pensou que fosse uma possibilidade fazer isso com esta.

Ele resistiu ao impulso de roçar o cotovelo na lateral da perna dela apenas para ter uma chance mínima de contato com ela, mas a ideia o atormentava o tempo todo.

— Você já consegue tirar esse pano? — ela perguntou, falando alto para ser ouvida sobre os sons de trituração de seus movimentos através da neve espessa. — Eu não estou sangrando mais, e duvido que eu vá fazer qualquer coisa para deixá-lo louco, ou o que quer que aconteça se você sentir o cheiro de sangue.

Gatinho pensou nisso por alguns longos momentos.

Ele finalmente estendeu a mão e arranhou o pano de seu rosto. Então ele cavou o buraco do nariz de seu focinho ossudo e sacudiu a lama seca. Ele bufou para se livrar do que restava.

— Aí está o seu rosto.

Ele olhou de lado para descobrir que ela já estava olhando para ele.

— *Obrigado,* — ele disse, pegando apenas um brilho de luz do

sol em seus olhos quase negros que agora pareciam uma avelã líquida. Foi uma visão absolutamente hipnotizante que fez seu estômago apertar contra sua vontade. — *Foi extremamente desconfortável.*

— Mas você fez isso para me manter segura?

— *Sim. Meu objetivo é protegê-la, mesmo que seja de mim mesmo.*

Ela esticou os braços acima do corpo e deu alguns passos com eles cruzados atrás da cabeça. Seu olhar vagou para o dossel de folhas e galhos acima deles que escondia as nuvens cinzentas e furiosas acima.

Ele podia dizer pela temperatura e pela sensação do vento que não cairia neve por um bom tempo hoje.

— Eu não sabia que você tinha uma rachadura no crânio. Eu não me lembro disso quando eu era criança porque eu estava tonta na época, mas você sempre teve ela?

— *Não,* — ele respondeu, antes de virar sua visão e seguir em frente para ver onde eles estavam indo. — *Eu consegui recentemente.*

Ele não revelaria o significado de seu crânio quebrado e não queria falar sobre isso.

— Isso doi? Não consigo imaginar como me sentiria se meu crânio fosse quebrado. Os humanos provavelmente estariam gritando de dor.

Oh, eu gritei, ele pensou com um grunhido.

Ele nunca experimentou nada tão excruciante quanto seu crânio sendo penetrado por uma garra de polegar e quebrando com a pressão.

— *Dói um pouco, mas na maioria das vezes está bem* — ele respondeu com sinceridade, embora com uma pitada de indiferença para esconder seu significado. — *Eu quase não percebo mais.*

Gatinho havia se acostumado com sua nova dor, pois apenas formigava levemente. Era um lembrete constante, porém, como uma nuvem negra sinistra que se recusava a se dissipar.

Ele se sentia... preso por ela.

Especialmente porque essa nuvem nunca iria embora, mas continuaria a se tornar mais perceptível e proeminente. A qualquer momento, poderia derrubá-lo permanentemente com um raio e acabar

com ele.

Gatinho virou a cabeça quando a mudança de sua visão começou a ficar azul, fingindo vasculhar a área. Só depois de conseguir abafar a emoção é que ele inclinou a cabeça para a frente.

Mayumi não tinha notado.

Antes de partirem, ela parou para pegar um grande machado de cortar lenha em um galpão nos fundos de sua casa. Ela entregou a ele quando eles se aproximaram de uma árvore caída meio enterrada na neve.

Não tinha galhos e era apenas o tronco central.

Ela apontou para uma árvore de pé e enraizada no chão.

— Corte isso. Vai ser muito mais rápido se você fizer isso do que eu.

Realmente? Ela me trouxe aqui só para cortar uma árvore?

Se fosse qualquer outra pessoa além dela, Gatinho ficaria aborrecido por ele estar sendo usado dessa maneira. Ele provavelmente também teria dito não e ido embora.

Gatinho se levantou e começou a voltar à sua aparência humanóide. Ele não seria capaz de fazer essa tarefa adequadamente em sua forma mais animalasca.

Seu pelo começou a encurtar. Suas pernas, embora bastante grossas nas coxas devido aos músculos e ligeiramente arqueadas, tornaram-se mais parecidas com as dela à medida que os pés parciais se formavam. As pontas dos dedos dos pés eram como patas gordas com garras que podiam se retraindo.

Havia ossos cobrindo grande parte de sua carne quando ele era bestial. Eles afundaram principalmente embaixo de seu corpo, exceto os nós dos dedos e a caixa torácica superior. Seu crânio e chifres de carneiro permaneceram os mesmos durante a transformação.

A roupa que se erguia por baixo de sua carne era um par de calças que conseguiu permanecer praticamente ileso e uma longa camisa de botão com um punhado de marcas de garras. Sua capa estava esfarrapada nas pontas, não que ele se importasse.

Assim que a transformação foi concluída, Gatinho começou a cortar a árvore que Mayumi havia apontado para cortá-la. Ela se

sentou no que estava deitado de lado e o observou com sua expressão neutra.

— Eu não sabia que você podia mudar ou que estava usando roupas.

— Há muitas coisas que posso fazer que você não saberia, — ele respondeu, sua voz finalmente voltando à sua profundidade normal.

Sou grato por ter visto muitos humanos fazerem isso. Caso contrário, ele teria que passar pela embaraçosa conversa de descobrir o que ela queria que ele fizesse.

A força de seu primeiro golpe foi profunda e o som assustou os pássaros próximos a voar enquanto grasnava. Ele sentiu seus músculos ficarem tensos enquanto ele balançava a lâmina antes de levar o machado na diagonal de seu ombro e depois o golpear no ar.

O golpe foi igualmente prejudicial.

Mayumi estava certa. Ele era muito mais rápido em fazer isso pelo que tinha visto em humanos. Em seu terceiro golpe, ele percebeu que havia embotado a lâmina e teve que colocar força adicional em seus golpes para dar-lhes um golpe mais violento.

Em questão de segundos, ele estava na metade do tronco e ele começou a balançar. Ruídos de rangidos e rachaduras vinham de onde ele estava cortando.

— Eu descobri seu novo nome, — Mayumi cantou do lado enquanto cortava a árvore novamente.

— Você tem agora? — ele comentou enquanto ia atacar novamente. Não havia necessidade. Sob seu próprio peso, a árvore começou a cair na direção oposta. — E o que poderia ser?

Embora seu tom fosse sarcástico, seus orbes se iluminaram de seu amarelo habitual e seu coração começou uma estranha dança em antecipação.

Fosse o que fosse, ele aceitaria.

Ele se virou para ela de repente, revelando que ela estava *mordendo* o lábio inferior enquanto apoiava as mãos na árvore morta em que estava sentada.

Ele não tinha ideia do que sua expressão significava, mas ela

rapidamente parou e lançou seu olhar ao redor. Era quase como se ela tivesse sido pega em flagrante fazendo algo que não deveria.

Não havia vermelhidão em suas bochechas de vergonha, mas ela limpou a garganta.

— Bem, *Faunus*, você fez um trabalho maravilhoso ao cortar isso. Em quê? Só um ou dois minutos? — Ela batia palmas de uma forma que parecia... zombeteira, suas palmas nunca se separando e apenas seus dedos batendo.

Ele se aproximou, virou o machado até segurar a parte de trás da lâmina e ofereceu a ela o lado do cabo.

— *Faunus*? Esse é o seu nome para mim?

— Sim.

Ela pegou o machado enquanto se levantava e prendeu-o no cinto de armas.

Ela nunca perguntou se ele gostou, o que ele fez, mas ele apreciou a falta de necessidade de agradecimento ou mesmo apreciação. O nome foi dado sem uma exigência dele.

— Agora, você e eu vamos arrancar as folhas restantes da árvore.

A árvore era praticamente estéril para começar, considerando que suas folhas murcharam devido ao inverno. Algumas folhas mortas teimosas caíram sobre ele e o chão quando ele estava cortando.

Mayumi olhou para cima com as mãos nos quadris pequenos. Então, como se ela não fosse uma pequena criatura diante de um presságio de morte que ela tinha acabado de testemunhar destruir uma árvore em questão de minutos, ela *sorriu* para ele.

Faunus rosnou de satisfação para ela quando uma faísca de desejo o atingiu no estômago, mas felizmente ele *conseguiu* controlar seu maldito ronronar vigoroso antes que explodisse dele.

Sua cauda se enrolou atrás dele antes de balançar para a esquerda.

Nunca, em toda a sua imaginação, ele pensou que Mayumi faria amizade com ele tão facilmente. Que ela ficaria confortável com ele no espaço de um dia. Que ela daria a ele aquela cara perversa que imediatamente fez seu corpo esquentar.

E Faunus queria compartilhar esse calor com ela.

Sua carne clara e fulva parecia delicadamente lisa. Foi difícil resistir a se aproximar e tocar as únicas partes expostas de seu corpo que ele podia ver – como seu rosto, sua mandíbula de formato suave, a delicada coluna de seu pescoço.

Seus olhos eram uma joia escondida, poças quase pretas que, quando atingidas pela luz, eram de um marrom derretido tão sedutor que era fácil de ser sugado por eles. Eles tentavam fazer isso com ele agora, embora silenciosamente por causa da falta de sol, mas havia luz suficiente saindo das nuvens para mostrar isso.

Seus lábios finos, mas lindos, eram pálidos em sua cor rosada, mas se destacavam como femininos contra seus traços mais definidos, como seus altos arcos de sobrancelha e maçãs do rosto.

Faunus notou que havia muitos tipos de humanos no mundo, variando em suas formas, cores e características.

Ele raramente tinha visto outros, além de seus pais, que compartilhavam traços semelhantes aos dela – especialmente seus olhos monopálpebras. Ele tinha certeza de que havia muitos, mas eles pareciam ser mais incomuns em comparação com os de pele mais escura ou rosa nesta região.

Mas era ela que ele considerava a criatura mais linda que já tinha visto na Terra, e ele tinha visto centenas. Suas feições, cada uma delas, dos pés aos cabelos, mereciam o elogio silencioso que ele estava dando a elas.

Vinha dando-lhes por anos.

Desde o cabelo preto grosso e rebelde que ela usava em um rabo de cavalo até as orelhas pequenas e redondas que estavam rosadas nas pontas devido ao frio.

Ele tinha visto apenas um vislumbre de seu corpo quando ela se jogou nua na neve algumas manhãs atrás para saber que seu corpo era magro, mas forte. Sob suas roupas grossas e volumosas, Mayumi escondia um corpo esguio e musculoso que instantaneamente parecia delicioso para ele.

Era como se o mundo tivesse decidido que ela era baixa, mesmo em comparação com a maioria dos humanos, então poderia ser

enganoso o quão firme ela realmente era.

— Depois que tirarmos as folhas, vou realmente testar o que essa sua força pode fazer, — ela disse quase travessa, como se pensasse que ele não seria capaz de completar qualquer tarefa que ela lhe desse.

Suas palavras não foram suficientes para distraí-lo de olhar para ela. Não, ele caiu ainda mais em seu transe quando os olhos dela quase apertaram os olhos para ser rancorosa e depois ficou extasiado na maneira como seus cílios longos e retos se tornaram mais proeminentes.

Ele se viu querendo passar um de seus dedos dianteiros sobre eles para saber se eles eram tão exuberantes e macios quanto pareciam.

Estou condenado. Ele se sentiu atraído por esta fêmea muito antes de voltar aqui. *Eu não deveria ter me permitido ser descoberto por ela.*

Faunus, como ela o havia renomeado, já não conseguia conter seus pensamentos vorazes por esta mulher humana agora que ela estava tão perto dele - apenas a uma curta distância.

Apenas a uma distância de *lamber*.

CAPÍTULO 9

Como acabei nesta posição? Faunus pensou enquanto agarrava as coxas de Mayumi que estavam enroladas em seu pescoço por trás.

A tarefa que ela não tinha certeza se ele seria incapaz de completar? Aquilo era Faunus arrastando a árvore morta já podada no chão e a que havia acabado de cortar de volta para a casa dela. Ela queria sua lenha mais perto de onde pudesse obtê-la.

Quando ele perguntou por que ela simplesmente não derrubou uma árvore perto da cabana, ela disse que era porque a floresta agia como uma barreira de som e cheiro. Ela acreditava que se eles cortassem mais ao redor de sua casa, seria mais fácil encontrá-los.

Ele pensou que talvez isso pudesse ser verdade.

A tarefa foi extenuante e ela não ofereceu nem um pouco de ajuda, mas ele a completou. Durante todo o tempo, ela rudemente disse a ele para se apressar e que ele estava sendo muito lento quando se atrasou porque os galhos se prenderam.

Uma vez que eles voltaram para sua casa, ela exigiu que ele começasse a cortar a árvore morta para sua lenha. Mayumi havia desaparecido enquanto ele fazia isso, mas ele sabia pelo cheiro cobrindo ela que ela tinha comido alguma coisa.

Ela era bastante mandona e autoritária, mas ele meio que gostava disso. Era apenas estranho que ela estivesse mandando nele, um Caminhante do Crepúsculo, mas ele preferia isso a tentar atirar no rosto dele com uma flecha – que era o que ele esperava dela.

Então, quando ele pensou que poderia dar um tempo, ela fez uma pergunta que deixou sua cabeça erguida. Não pela pergunta em si, mas porque ele não tinha entendido por que ela estava perguntando.

Mayumi queria saber se ela podia confiar nele.

Faunus encolheu os ombros e confirmou que ela podia, então ela exigiu que ele permitisse que ela sentasse em seus ombros.

Então aqui estava ele, segurando suas coxas até o ponto em que suas mãos estavam completamente em volta delas. Mayumi teve o cuidado de não pressionar o lado ferido e rachado de seu crânio, já que

ele havia pedido a ela que não o fizesse. Ela não precisava se firmar; Faunus manteve um bom aperto firme nela.

A tarefa que eles estavam realizando juntos era ela limpar as calhas de madeira de sua casa. As folhas se acumularam no interior e as entupiram durante o outono.

Embora isso não fosse um problema agora, ela disse que seria quando a neve comesse a derreter ou a chuva comesse a cair na primavera.

Nem uma única reclamação foi proferida por ele, especialmente porque ele não conseguia parar de lambar o focinho.

O cheiro de abóbora, sono e a constante mancha de couro infiltraram-se tão completamente em seus sentidos que ele teve dificuldade em engolir a copiosa quantidade de baba que se acumulou em sua boca. Suas coxas estavam moldadas ao redor de seu pescoço e na parte inferior de sua mandíbula como se fossem um travesseiro confortável e quente. Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado e cheirou.

Ele captou um cheiro delicioso de seu perfume. Infelizmente, ela também tinha esse cheiro estranho e persistente que ele só encontrava naqueles que estavam cambaleando - um cheiro que ele não gostava muito.

Mayumi, que estava se esforçando e se contorcendo, fez uma pausa. Ela olhou para baixo, fazendo-o olhar para cima através do vale de seu corpo para encontrar seu olhar.

— Você acabou de cheirar minha coxa?

— Não? — ele mentiu.

Ela bufou para ele, então ele bufou de volta para imitá-la. Ela continuou sua tarefa.

— Você poderia dar um passo para o lado de novo? — Faunus deu um passo largo para a esquerda para que ela pudesse cavar na copiosa quantidade de neve para chegar à sarjeta abaixo dela. — Sabe, isso é muito mais fácil do que fazer sozinha.

A neve caiu na ponta do focinho dele quando ela a empurrou para fora. Ele teve que bufar pelo nariz para se livrar da maior parte, mas acidentalmente inalou uma pequena quantidade e teve que

morder o estrangulamento.

— De que outra forma você estava planejando fazer isso?

Mayumi estava ligeiramente inclinada para a frente e saltou para trás para se sentar firmemente sobre os ombros dele. Parecia que ela estava pensando profundamente por alguns momentos antes de começar a raspar as folhas novamente. Uma folha mofada e decadente caiu de seu orbe brilhante para cobrir uma cavidade ocular vazia. Ele deixou lá porque não estava incomodando.

Ele mal sentiu o peso dela repousando sobre ele, e as coxas dela estavam esmagando a parte de trás de seu pescoço grosso, já que não cabia entre elas. Pelo menos... não na posição em que estavam. Ele tinha certeza de que Mayumi poderia abrir mais as coxas se ele tentasse fazê-las.

Faunus lambeu a parte externa de seu focinho com interesse na imagem mental perversa que o assaltou.

— Bem... minha família costumava usar uma escada que temos no galpão, mas eu teria que descer constantemente e movê-la para alcançar uma seção diferente. Você ser capaz de se mover sem que eu precise parar torna isso muito mais rápido.

— Será que você conseguiria alcançar?

Em resposta à sua pergunta, um grande número de folhas e neve caiu em seu rosto. Ele olhou para cima bem a tempo de mais cair a ponto de criar um monte no topo de seu rosto, e ele não conseguia mais ver.

Em vez de enxugá-la com a mão, ele balançou a cabeça.

— Eep! — ela gritou quando balançou de um lado para o outro antes de se firmar colocando uma das mãos no focinho dele.

Faunus se encolheu internamente quando ela acidentalmente enfiou dois dedos dentro do buraco do nariz dele. Ele podia sentir sua respiração úmida ao redor deles.

— Ai credo! Bruto! — Ela puxou os dedos para fora, olhou para o muco neles e depois limpou a mão na perna da calça. — Eu não esperava que estivesse molhado dentro do seu, uh... nariz?

— Enfie seus dedos no buraco do meu nariz novamente, e eu retribuirei o favor enfiando os meus em qualquer buraco que você

tenha, — ele alertou com um grunhido.

Apesar de seu estrondo agressivo, sua ameaça foi misturada com um tom oculto de provocação. Havia um buraco atualmente pressionado na parte de trás do pescoço que Faunus estava *muito* curioso.

Esperando que Mayumi ficasse horrorizada ou pelo menos enojada, ele olhou para cima. Ela estava mordendo o lábio inferior novamente e parecia estar sufocando a vontade de responder. Seus olhos estavam curvados de uma forma que fazia seu olhar parecer convidativo.

O vento aumentou por uma fração de segundo, soprando uma folha para bater na lateral de seu focinho antes de cair molhada e pesada no chão. Isso quebrou o estranho momento que eles compartilharam, lembrando a ambos de sua tarefa.

Mayumi cavou na sarjeta novamente, tomando cuidado para não fazer com que mais nada caísse em seu rosto antes de finalmente suspirar.

— Existe outra maneira de eu ter feito isso. Eu poderia ter escalado a porta do sótão e rastejado em cima do telhado, mas isso seria realmente inseguro com tanta neve fresca. Há uma chance de eu ter escorregado e quebrado o pescoço.

— Então não faça isso, — ele disse rapidamente. — Vocês humanos não sobrevivem a um ferimento como esse.

— Sim, sim, eu sei. Já vi muitas pessoas quebrando o pescoço no meu trabalho. Eu vou ser honesta, no entanto. Provavelmente é o que eu teria feito sem você, pois seria mais rápido e exigiria menos esforço.

— Eu não só vou ter que protegê-la dos Demônios, mas também de você mesma?

— Eu já disse a você que realmente não preciso de sua proteção. Eu só queria que você ficasse por perto para me ajudar com as tarefas que não posso fazer sozinha. Assim como...

Ela nunca terminou o que ia dizer, suas palavras sumindo antes que o silêncio caísse entre eles.

— Assim como? — ele tentou continuar.

Ele olhou para cima para ver que os lábios dela estavam franzidos com força.

— As pessoas têm expectativas que eu me recuso a cumprir. Uma parte da razão pela qual moro aqui é porque é a casa da minha família e desejo preservá-la, mas outra é porque morar em uma cidade parece muito cansativo. — Seus movimentos pareciam mais chocantes enquanto ela cavava. — É meio solitário, à sua maneira. Eu fico entediada facilmente.



Mayumi escolheu suas palavras com cuidado, pois não eram a verdade completa.

Sim. Ela era um tanto solitária.

Os seres humanos não deveriam viver sozinhos por longos períodos de tempo, e ela estava morando nesta cabana por seis meses sem ninguém para conversar.

Foram seis meses sem ter mais nada em que pensar além de sua vida com seus pais agora mortos. Seis meses pensando sobre sua vida como uma Caçadora de Demônios e tudo o que ela fez de errado e certo a esse respeito.

Ela tinha sido uma Mestre Caçadora de Demônios de nível Prata.

Havia apenas duas fileiras acima dela. Ouro, que era o posto de Ancião e o conselho de cada fortaleza. Em seguida, os portadores de medalhões que também eram considerados Anciãos, mas havia apenas um para cada distrito ao redor do Véu - norte, sul, leste e oeste. Eles invocavam as regras e guardavam os segredos mais sagrados da guilda.

Como Mestre, isso significava que ela costumava supervisionar os outros. Ela salvou muitas vidas, mas suas decisões como líder da missão muitas vezes significaram que ela foi a causa de muitas mortes.

Essas mortes estavam em suas mãos, e havia *centenas*.

Ela sabia o nome de cada um. Ela conhecia seus rostos. Ela também foi quem viajou até suas famílias para informá-los de que seu ente querido não voltaria para casa - esse era o castigo dela. Ela falhou com eles, e a consequência disso foi testemunhar a agonia em seus olhos.

Às vezes ela via o ódio deles como se fosse culpa dela que os Demônios existissem.

Ele foi projetado dessa forma para que aqueles que supervisionavam os membros inferiores não se tornassem complacentes. Era para ensiná-los que seus companheiros de equipe não eram peões para serem usados como alimento para os Demônios.

Mas mesmo estando sozinha e isolada, ela não podia mais viver dentro das cidades. O aluguel era caro, por exemplo. As pessoas estavam lutando, e ela não suportava testemunhar isso quando havia pouco que ela pudesse fazer para ajudar.

Ela teria que trabalhar.

A ideia de Mayumi limpar casas ou cozinhar para ricos presunçosos era ridícula. Ela teria que trabalhar como soldado, recebendo ordens de algum idiota arrogante que raramente saía de seus muros protetores.

Seu dedo mindinho tinha mais experiência do que a maioria deles em suas vidas inteiras, mas ela teria que morder a língua e ouvir as ordens que gostaria de desconsiderar.

Ela teria que vigiar os civis, falar com eles, ouvir seus problemas e mantê-los seguros. Ela teria que discipliná-los, e ela viu que nem todos os guardas eram gentis com aqueles que estavam lutando.

Aos olhos dela, era mais fácil estar constantemente em perigo potencial vivendo aqui do que lidar com a triste realidade da vida dentro daquelas paredes. Seu pai uma vez disse a ela que sentia o mesmo.

O Posto Avançado de Colt era apenas uma das muitas cidades semelhantes. Cidade Ardósia, que ficava relativamente perto, não tinha torre de menagem, mas era seccionada de maneira semelhante. Por alguma razão estúpida, os ricos ainda ficavam ricos mesmo neste mundo apocalíptico em que viviam. Ainda havia uma distinção ridícula dentro da hierarquia social.

A humanidade não se importava mais com os estereótipos de raça ou gênero. Eles não se importavam com quem amava quem.

O que importava era quantas pessoas eles poderiam pisar para não passar fome e estar o mais seguro possível. A ganância era o verdadeiro monstro neste mundo, e era tão prevalente quanto antes de o mundo ser invadido por demônios.

Mayumi se recusou a fazer parte disso.

Ela preferia morrer aqui sozinha na floresta. Ela não se importava se alguém fizesse para ela uma lápide como ela havia feito para seus pais. Ela não se importava se ninguém chorasse por ela.

Mayumi não se importava se ninguém sentia falta dela.

Ela simplesmente *não* levaria a casa de alguém que precisasse quando ela tivesse uma disponível aqui. Ela não iria se enfiar em uma cidade já superpovoada.

Quando a geada derretesse na primavera, ela teria uma pequena seleção de comida caseira. Ela poderia caçar por si mesma.

Isso significava mais comida para outro.

Ela era quase autossuficiente. O inverno tornava isso difícil, mas ela só voltava ao posto avançado de Colt uma vez por mês antes de chegar, enquanto atualmente era uma vez por semana - se *ela* não tentasse adiar para quinze dias.

Mas a razão pela qual *Mayumi* foi cuidadosa com as palavras que escolheu ao falar com o Caminhante do Crepúsculo foi... porque ela também se sentia sozinha de outras maneiras.

Ele não era humano, fazendo com que sua exigência de se conformar com a etiqueta social humana fosse nula e sem efeito. Mayumi sempre foi mandona e impetuosa. Ela sabia que poderia ser ela mesma, já que duvidava muito que ele tivesse falado com muitos humanos, se é que algum.

O companheiro ideal.

No entanto - e era aqui que Mayumi realmente tinha que ter cuidado - ela queria *desesperadamente* pular em seus ossos.

Talvez fosse tolice dela, mas pelo fato de ele ter sido seu salvador quando criança e agora estar aqui apenas para protegê-la, Mayumi confiava nele sem um pinga de dúvida. Ele já teria tentado comê-la se não fosse confiável.

Ela não estaria escarranchada em seus ombros e limpando o telhado de sua casa. Eles não estariam tendo uma conversa de vaivém.

No momento em que ele se revelou na clareira e confirmou que estivera lá naquela noite, ela imediatamente quis cravar suas unhas e dentes nele.

Um sorriso começou a se formar em suas feições, cheio de pensamentos imorais e repreensíveis.

Espero que meu grande Deus da floresta tenha um pau. Se não, ela cavalgaria seu rosto, dedos e talvez até aquele lindo rabo de gatinho que ele tinha.

Embora Mayumi tenha matado todos os Demônios que ela encontrou, havia alguns que pareciam... bastante humanos, mas completamente de outro mundo. Era um conceito estranho, mas às vezes ela os achava atraentes.

Ela se perguntou se a razão pela qual ela sempre se sentiu atraída por seres não humanos era por causa da noite em que Faunus a salvou.

Isso também criou algumas discussões com seu pai quando ela estava crescendo. A princípio, antes que ela realmente entendesse que os Demônios na superfície acima do Véu eram realmente perigosos, ela pensou que poderia fazer amizade com eles. Mayumi tinha uma noção tola de que eles poderiam ser 'mudados' - como se ela fosse uma humana escolhida destinada a consertar o mundo.

Agora, como adulta, ela sabia que isso nunca seria possível.

Isso não a impediu de pensar que suas garras os faziam parecer diabólicos, ou seus dentes pecaminosamente perigosos.

O número de vezes que ela apontou uma flecha bem entre seus olhos vermelhos e soltou seu arco enquanto pensava que teria adorado

prendê-los e cavalgar qualquer pau que eles pudessem ou não ter sido incontável.

Ela teria preferido que eles a prendessem, mas suas fantasias sempre terminavam com ela sendo comida, e isso era um enorme não.

Assim como o cheiro fétido de podridão que mais produzia, formigando no nariz, subindo pela bile e revirando o estômago. Nem todos cheiravam horivelmente. Mayumi sabia que alguns dos Demônios estavam se tornando tão parecidos com os humanos que eles desenvolveram pele, a transformação reduzindo seu cheiro.

Ela era uma Caçadora de Demônios que tinha visto muito e um nível de Mestre que estava a par de informações que a maioria não tinha.

Mas a criatura entre suas coxas não era um Demônio, mas algo completamente diferente. Um Caminhante do Crepúsculo, um com um rosto que ela encontrou mais atraente do que qualquer outro que ela já tinha visto – ainda mais do que o de um humano.

Ele cheira tão bem. Como capim-limão e limão recém-cortado.

Suas pálpebras queriam piscar de felicidade toda vez que ela sentia um bom cheiro dele, e ela tinha acabado de descobrir seu perfume de pérolas esta manhã na varanda!

Quando ele tentou se erguer sobre ela ameaçadoramente, ela quase enterrou a cabeça contra o peito dele para poder esfregar o rosto sobre o pelo dele para se cobrir dele.

O desejo de provocá-lo tinha sido quase demais.

Ele disse a ela que ela seria obrigada a sentar quando ele mandasse, e ela ficaria feliz em sentar em qualquer lugar em cima dele. Ficar? Ela tinha certeza de que poderia fazer algo sexual com isso. Talvez se ele estivesse profundamente enterrado, gozando, e precisasse que ela ficasse quieta enquanto ele a enchia? Claro, isso exigia que ele tivesse um pênis, mas suas *fantasias travessas e girando os cabelos* poderiam ser o que quisessem.

Ah, e ele disse a ela que ela teria que vir quando ele mandasse. Mayumi sufocou a vontade de perguntar se aquilo era uma merda de promessa ou não.

Ela nunca teria realmente considerado a possibilidade real

desses pensamentos com qualquer outro Caminhante do Crepúsculo. Ela só poderia confiar em Faunus, seu improvável salvador.

Mas... como faço para instigar isso com ele?

Ela duvidava que pudesse simplesmente sair e perguntar a ele sobre isso. *Ele pode não saber o que é sexo.* Ele poderia fugir, pensando que ela era uma humana completamente desequilibrada e louca, e então ela estaria sozinha novamente.

Preciso ver se consigo convencê-lo a começar isso. Com Mayumi se esforçando ao máximo para fazê-lo começar.

Levou um tempo para ela perceber que ela não tinha dito a ele para se moveu. Enquanto ela estava pensando profundamente, Faunus notou que ela tinha inclinando-se para desenterrar mais serapilheira. Ele se moveu de acordo com suas ações.

Agora, esse é um bom e inteligente Caminhante do Crepúsculo. Ela resistiu em acariciá-lo na cabeça.

Ela estava grata por eles terem parado de se falar para que ela pudesse bolar algum tipo de plano infalível.

Que tal... Aqui, gatinho, gatinho, gatinho. Eu tenho uma boceta que precisa ser lambida? Ela torceu o nariz. *Não, isso é muito avançado.*

Ela soltou um suspiro.

Assim que terminaram essa longa tarefa, eles percorreram a casa inteira, Mayumi ainda não teve uma ideia adequada.

Eu tenho que ser sutil, mas ousada. Ela não era a melhor em ser sutil. Seus amigos, Henry, Yoshida e um homem ruivo chamado Klaus, sempre diziam que ela era sutil como um trovão.

Ela deu um tapinha na testa dele, evitando a rachadura.

— Ei, você pode me descer agora.

Faunus abaixou-se até ficar de joelhos e permitiu que ela escorregasse. Quando ele ficou na frente dela, ela ergueu o olhar para seus orbes amarelos hipnotizantes.

Acho... Acho que não quero fazer nada que ele não queira.

Ela queria que ele permanecesse aqui. Ela queria que ele se sentisse confortável perto dela, o que ela sabia levaria tempo. Invocar o contato sexual poderia deixá-lo *muito* confortável ou causar tensão entre eles.

Inferno, eles só começaram a falar há menos de um dia.

Eu não o conheço. Ela estava disposta a ser paciente.

Ela já sabia o que sentia e não tinha escrúpulos sobre sua atração por ele. De certa forma, ela sonhou com esse mesmo Caminhante do Crepúsculo durante toda a sua vida adulta. Ele era uma entidade sombria sem rosto que lhe dera sonhos perturbadores, mas dolorosos.

Agora ela sabia que aquela entidade sem rosto tinha um crânio de gato e chifres de carneiro.

Sinto como se estivesse esperando por ele a vida toda. Ela não queria que ele fosse embora por causa de seus desejos. *Eu ficaria feliz mesmo se ele apenas permanecesse aqui comigo como meu amigo.* Sexo seria apenas um bônus prazeroso.

— Você está olhando para mim, — ele afirmou, sua voz rouca e gutural retumbando entre eles. Suas pálpebras baixaram de satisfação por poder ouvi-lo. — Isso me preocupa com a tarefa que você planeja me dar a seguir.

— Acho que você merece uma pausa — disse Mayumi, antes de voltar o olhar para o céu. — Também vai começar a escurecer em breve, e é mais fácil se eu começar a cozinhar agora.

Embora ele não tenha respondido verbalmente, ele bufou.

Ela não sabia o que isso significava, mas ele não se afastou dela imediatamente. Na verdade, ela pensou ter visto a mão direita dele se contorcer em sua periferia, como se ele quisesse levantá-la em sua direção.

Ele recuou, colocando espaço entre eles, com um aceno de cabeça. Faunus então mudou sua forma, voltando à forma monstruosa onde ele ficava de quatro.

Para sua surpresa, ele não andou pela casa. Faunus subiu as escadas da varanda e ela o seguiu para poder entrar. Ele se deitou para se aconchegar no canto em que ela o acordou esta manhã.

— *Vou tirar uma soneca para ficar mais alerta quando a noite chegar, já que alguém me acordou tão rudemente.* — Ele enfiou a cabeça entre os braços. — *E então nem me agradeceu por todo o trabalho que me fez fazer.*

Ela mordeu o interior do lábio inferior.

Eu acho que ele realmente estava cansado depois de tudo.

Agora ela se sentia mal por fazê-lo trabalhar o dia todo.

Mayumi ainda não agradeceu. Ela não era o tipo de pessoa que desistia e dava gratidão a alguém só porque a manipulavam para isso. Ela preferia dar naturalmente, e se ele tivesse esperado, ela o teria feito.

CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte, com uma expressão bem-humorada escondida atrás da xícara de chá de hortelã que segurava com as duas mãos, Mayumi encostou-se no balcão da cozinha. Ela estava completamente vestida, mas estava grogue o tempo todo enquanto vestia as roupas, já que ainda não tinha feito o chá.

Depois de ser gentil o suficiente para deixá-lo dormir um pouco mais tarde do que na manhã anterior, ela colocou Faunus para trabalhar novamente.

Ele é tão alto. Ele alcançava facilmente o teto.

Na verdade, o pobre Caminhante do Crepúsculo teve que curvar sua enorme altura para frente e desajeitadamente inclinar os quadris para o lado enquanto inclinava os ombros para o outro lado apenas para poder ver o que estava fazendo. Seu rosto estava a apenas alguns centímetros de distância, tornando extremamente difícil para ele.

O que era hilário para Mayumi testemunhar.

O que ele tem? Dois metros e vinte? Ou um pouco menos ou um pouco mais, mas ela sabia que sua casa só poderia caber na altura de um humano de um metro e oitenta. Qualquer um mais alto lutava para ficar de pé.

Ele tem sorte de não ter longos chifres ou galhadas no topo da cabeça, como os relatos que vi de outros Caminhantes do Crepúsculo.

Teria sido impossível para ele estar dentro de sua casa se fosse esse o caso.

Ela o convenceu a tirar a capa, que agora estava pendurada no cabideiro ao lado da porta. Revelou que ele tinha longas saliências semelhantes a lagartos vindo de suas costas, que rasgaram sua camisa. Eles apontavam principalmente para baixo em sua coluna para serem quase aerodinâmicos. Ela também viu que ele os tinha na parte de trás de suas panturrilhas e antebraços.

Mayumi tomou um gole refrescante e revigorante de seu chá quente de menta e observou enquanto Faunus empurrava um pedaço solto de madeira até que ficasse nivelado com os outros. Então ele

pegou um prego que tinha preso entre suas presas.

Ela lhe ofereceu um martelo, mas ele disse que duvidava que precisasse de um. Agora ela entendia o porquê.

Ele usou o polegar para pressionar a parte de trás da unha e apenas *empurrou* até ficar nivelado. Ele pegou outro prego e fez de novo no mesmo pedaço de madeira plana.

Nos últimos minutos, Faunus consertava parte do desgaste normal de seu teto. Era algo que ela planejava fazer no futuro com uma escada, mas era muito mais fácil apenas fazer com que ele fizesse isso, já que ele já estava aqui.

Eu me pergunto se ele poderia caber dentro do espaço do sótão e se fixar lá também.

Houve muitos danos em sua casa.

Antes de falecer, seu pai teve uma lesão na perna que o impediu de fazer qualquer reparo com segurança. Nos últimos anos, a casa começou a murchar.

Mayumi estava trabalhando em uma lista de tarefas para corrigi-lo. Ela já havia consertado o topo do telhado assim que chegou por causa de vários vazamentos, depois havia as janelas quebradas que ela substituiu, as persianas da porta que estavam caindo e a porta da frente que estava rangendo.

Muito do que restava exigia duas pessoas ou alguém alto.

Como Faunus havia terminado aquela seção, ele mudou para outra placa de madeira que estava começando a cair. Ele empurrou-a para cima e, em seguida, estendeu a mão para ela.

Ela deu a ele um punhado de pregos, que ele colocou entre as presas, e lentamente começou a trabalhar para garantir que estava seguro.

Faunus não fez nenhuma reclamação. No momento em que ela saiu, ela virou a cabeça para o lado para descobrir que ele já estava acordado. Ele estava inclinado para trás com os braços cruzados atrás da cabeça, uma perna cruzada sobre o joelho dobrado da outra, com o rabo batendo no chão.

Ele imediatamente perguntou o que ela queria que ele fizesse hoje, dando-lhe a impressão de que queria ser útil.

— O que você está bebendo? — ele perguntou, iniciando uma conversa aleatoriamente quando ele estava quase quieto. — Nunca senti esse cheiro antes.

— Ah, isso? — Ela fez um gesto com a caneca para a frente. — É chá de menta. Isso me ajuda a acordar

Mayumi não era uma pessoa matinal.

O chá era sua preferência geral, o café em segundo lugar. Ela se jogaria na neve quando estivesse disponível e ela não tivesse outros recursos. Se fosse qualquer outra estação do ano, ela mergulharia a cabeça na água e quase se afogaria acordada.

A manhã de ontem tinha sido mais desafiadora.

Ela tentou usar chá, mas não ajudou muito para aliviar sua ressaca e sua mente cansada. Jogar-se na neve também não ajudou muito.

Depois de atraí-lo para a clareira com seu ferimento e depois falar com ele, ela ficou inquieta depois disso. A poção de dormir de Marianna levou mais tempo do que ela preferia para colocá-lo embaixo, e ela bebeu demais.

Ela não cometeu o mesmo erro ontem à noite.

Mayumi olhou para o conteúdo amarelado de sua caneca.

— Você gostaria... talvez de um pouco?

— Não — ele afirmou rapidamente, movendo-se para outro local. — Só cheira bem. Ontem havia um cheiro horrível em você, mas notei que os humanos têm quando estão instáveis em seus pés.

Suas costas ficaram totalmente retas defensivamente. — Você está falando sobre álcool?

— É assim que você chama? — ele perguntou casualmente, enfiando um prego. — Então sim, álcool. Não sei o que é, mas não foi agradável.

— Estou surpresa que você possa sentir o cheiro, considerando que eu não tinha bebido nem uma gota desde a noite anterior e me lavado pela manhã.

Quão bom é o nariz dele? Mayumi mordeu o lábio inferior apenas o suficiente para deslizá-lo entre os dentes. *Eu me pergunto o que mais ele seria capaz de cheirar.*

Inferno, Mayumi mal podia perceber o conteúdo de seu chá fumegante, e estava girando bem abaixo de seu nariz.

Ele seria capaz de cheirar se eu estivesse excitada?

A grande questão era se isso o fazia reagir a ela.

Mas observá-lo desajeitadamente curvado dentro de sua casa agora não era nada atraente. Ela apenas sentiu pena dele. Provavelmente estava forçando seu corpo e seria doloroso.

Seria estranho se eu lhe oferecesse uma massagem depois? A ideia de cravar os dedos em seu corpo, de preferência sem camisa para que ela pudesse descobrir o que estava por baixo, parecia deliciosa.

Ela abriu a boca, mas seus lábios apenas abriram e fecharam, o desejo de perguntar a ele na ponta da língua. Sua hesitação fez com que ela permanecesse quieta.

Assim que Faunus colocou o polegar sob a cabeça de um prego para conduzi-lo para cima, ele fez uma pausa.

— Há humanos se aproximando de sua casa, — ele disse enquanto empurrava calmamente.

Mayumi quase engasgou com o gole de chá que estava tomando.

— Perdão? Há pessoas se aproximando? — Ela virou a cabeça na direção da porta da frente. — Como você sabe?

— Eu posso ouvi-los. — Ele abaixou os braços e se virou para encará-la. — Não consigo entender o que eles estão dizendo, mas eles não estão quietos.

Os olhos de Mayumi se arregalaram quando ela olhou para ele parado dentro de sua casa.

— Bem, então você precisa sair. Eles provavelmente vão querer entrar.

— É tarde demais para isso. Eles provavelmente vão me ver saindo. Eles não estão longe. — Ele se adiantou para oferecer a ela os dois pregos que lhe restavam, e ela teve que esticar o pescoço para olhar em suas órbitas amarelas. — Você tem outra saída?

Um lado de seu rosto se enrugou antes que ela enfiasse os dedos em seu cabelo para coçar o lado de sua cabeça.

— Na verdade. Nenhuma das janelas abre muito, por razões

óbvias de segurança, e você não conseguiria passar pelo alçapão do sótão por dentro, apenas por fora. Você é muito grande. — Ela abaixou a mão e depois desviou os olhos dele, da cabeça ossuda até os pés parecidos com patas. — Olhe, apenas fique dentro de casa. Vou descobrir quem são e o que querem, depois me livrar deles.

Faunus se agachou, ficando um pouco acima da altura dela, então deu um passo para trás para permitir que ela passasse. Ela puxou o casaco de pele do cabideiro ao lado da porta para vesti-lo.

Quando ela estava pegando o cinto de armas, ouviu uma conversa abafada das pessoas que se aproximavam.

— Eu quero que você saiba, — Faunus afirmou enquanto a seguia até a porta de quatro, mas permanecia em sua forma mais humanoide. — Que se você corre o risco de estar em perigo, não me importa que sejam humanos. Eu os matarei.

Mayumi inclinou a cabeça por cima do ombro e ergueu as duas sobrancelhas para ele.

— Eu preferiria que você não matasse minha espécie, para ser bem honesta.

— E eu preferiria que você não sofresse nenhum dano, não importa quem ou o que me provocou. — A ameaça tornou-se ainda mais sombria pela dureza antinatural que ele tinha em sua voz.

— E se alguém de sua própria espécie tentasse me matar? Duvido que você machucaria um deles.

Quando ele não respondeu, Mayumi deu um bufo sarcástico e zombeteiro.

Isso é o que eu pensei. Com raiva queimando em seu peito, ela agarrou a maçaneta da porta com força para sair. Ele descaradamente ameaçou sua espécie, mas não estaria disposto a prejudicar a sua.

— Você está brava comigo. — Ele passou por ela para bater com a mão contra a porta para impedi-la de abri-la. — Por que?

Ela não se virou, em vez disso olhou para sua mão impossivelmente grande e cinza-escura. Seu olhar se aprofundou nas garras afiadas que apontavam para os dedos dele.

— Eu me tornei uma Caçadora de demônios para proteger minha humanidade. Vai contra o juramento que fiz ao ouvir algo que

deveria *matar* ameaçando que eu seria a causa da morte humana quando você não daria a mesma cortesia a sua própria espécie se eles tentassem me prejudicar. Isso mostra que sua 'promessa' está meio vazia.

A respiração quente envolveu o lado esquerdo de seu pescoço e rosto quando ele se inclinou sobre seu ombro, roçando sua carne exposta. Ela *jurou* que o calor também a envolveu de todos os lugares enquanto ele se aproximava, embora ele nunca a tocasse.

Seu aroma de capim-limão e limão tornou difícil lembrar por que ela estava com raiva no momento em que invadiu seus sentidos.

— Eu não tinha considerado isso, pois é altamente improvável que tivéssemos contato com outro Caminhante do Crepúsculo, — ele disse bem próximo ao ouvido dela. — Mas eu também os destruiria se fossem um perigo para você.

Ela confundiu sua falta de resposta original quando ele só estava pensando pesadamente sobre o assunto.

Seus lábios se abriram em uma expressão estupefata. Ela virou a cabeça para ele, ficando a menos de um centímetro de seu focinho curto e felino.

— O que realmente?

Seus orbes mudaram do que ela agora sabia ser o amarelo usual para um vermelho flamejante. Era raiva, uma demonstração óbvia dela.

Ele estava tão deliciosamente perto que o fez parecer ainda mais ameaçador quando proferiu baixinho: — Nenhuma criatura está a salvo de mim se quiser feri-la, Mayumi, e vou garantir que ela sofra por tocá-la.

Arrepios surgiram em sua carne com a declaração dele, e ela sentiu seus mamilos endurecerem. Ela provavelmente não deveria ter achado sua ameaça tão excitante ou a cor vermelha de seus orbes sedutora, mas ambos tinham seu estômago apertado de desejo.

— Mayumi? — alguém gritou, fazendo com que ela desviasse o olhar dele.

— Eu tenho que ir, — ela murmurou, afastando-se dele apesar de seu desejo de se inclinar para ele. — Se eu não fizer isso, eles podem

tentar entrar.

— Seja inteligente, — ele disse a ela enquanto abaixava a mão para que ela pudesse abrir a porta livremente. A maneira como as pontas de suas garras raspavam contra a dureza da porta de madeira fazia seus ouvidos formigarem. — Qualquer coisa que entrar em contato com você a partir de agora tem sua vida em suas mãos.

Ela não sabia o que dizer sobre isso.

— Mayumi, você está aí? — Ela ouviu ainda mais perto do que antes.

Faunus recuou para que ela pudesse abrir a porta e ela saiu apressadamente.

Três homens estavam no meio da clareira. Eles usavam armaduras pertencentes aos soldados do Posto Avançado de Colt com longas espadas amarrados aos quadris. Cada um deles também tinha uma mochila cruzando seus torsos.

— Mayumi! — Henry gritou, removendo o capacete para revelar um grande sorriso agradecido.

Yoshida e Klaus fizeram o mesmo, removendo seus capacetes para revelar quem eram, cada um deles com uma expressão semelhante.

Klaus era outro garoto de quem ela era amiga quando treinou no Posto Avançado de Colt em preparação para se tornar uma caçadora de demônios.

Ele era um homem pálido com sardas que pareciam mais proeminentes à medida que envelhecia. Pode ser por causa de seu cabelo laranja que mostrava que ele era mais sensível ao sol do que os outros. Seus olhos castanhos estavam acima de um nariz fino e torto, que havia sido quebrado muitas vezes, e ela sempre notava seus lábios pálidos puxados para o lado em uma carranca permanente.

Yoshida revelou seu cabelo preto grosso, mas curto e liso quando tirou o capacete pela última vez. Seu rosto estava bem barbeado, o que destacava suas maçãs do rosto salientes e mandíbula afiada. O nariz dele era um pouco mais largo que o dela, e ele tinha a pele morena escura. Suas sobrancelhas negras estavam profundamente franzidas em preocupação, como sempre estavam em sua direção.

O cabelo castanho-escuro de Henry era bem raspado nas laterais, mas mais comprido no alto da cabeça. Foi cortado de forma semelhante a Yoshida, mas quando eles eram mais jovens, ela sabia que ele usava locs. Ele parecia ter mudado de estilo depois de se tornar um soldado, talvez devido aos capacetes justos. No entanto, seu sorriso caloroso e convidativos olhos castanhos não mudaram em todos os anos que ela o conheceu.

A maioria dos soldados mantinha o cabelo curto, se possível, para conforto, ou o usava comprido e nunca o cortava para poder ter um rabo de cavalo baixo na nuca e fora do caminho.

O cabelo de Klaus era comprido e preso para trás assim, caindo na frente do peito quando foi solto.

— O que vocês estão fazendo aqui? — ela respondeu de sua varanda, cruzando os braços sobre o peito. — Vocês nunca vieram à minha casa.

Enfrentar a floresta era incomum para eles.

— Pensamos que você estava morto, porra — gritou Klaus, empurrando a mochila vazia atrás de si.

Suas sobrancelhas se juntaram com força. — Por que eu estaria morta?

— Duas pessoas voltaram para a vila, Mayumi, — afirmou Yoshida, suas próprias sobrancelhas franzidas em descrença em sua direção. — Um disse que eles estavam com você quando viram um Demônio na floresta, e o outro estava tão espancado que mal conseguia enxergar! Ele disse que você ouviu alguma coisa.

— O mínimo que você poderia ter feito era voltar e nos dizer se estava viva ou não — Henry acrescentou, coçando a nuca. — Você sabe como estávamos preocupados?!

Uma sensação de facilidade tomou conta de Mayumi. *Achei que Faunus poderia ter matado aqueles homens.* Talvez ele os deixasse ir porque ela tinha. Ela havia desengatado seu arco, afinal, e acordou o outro e disse a ele para ir para casa.

Ele também pode ter estado muito preocupado em deixá-la sozinha na floresta para se vingar deles. Estava ficando tarde, a noite caindo e trazendo Demônios em potencial.

No entanto... não escapou de sua atenção que eles disseram que apenas *dois* retornaram. Ele deve ter arrancado o porta-espada da luta e o matou. Ela tentou não ficar zangada com isso, já que era tarde demais, mas teria que informá-lo sobre sua nova política de 'não matar humanos'.

— Não? — ela respondeu, levantando a mão para encolher os ombros. — E se vocês estavam tão preocupados comigo, por que vieram hoje e não ontem?

— Tivemos que esperar pela lista de turnos — resmungou Yoshida, virando o olhar para o lado. — Não podemos simplesmente abandonar nossos deveres só porque estávamos preocupados com você, mesmo que quiséssemos.

Mayumi suspirou. — Justo.

Ela não conseguia parar de olhar para os três - especificamente suas mochilas. *Vazias*.

— Você vai nos deixar entrar? — Klaus perguntou enquanto avançava. — Ou você só vai nos deixar congelar nossos paus? Você sabe como está frio nesta armadura?

Mayumi se manteve firme e cruzou os braços novamente.

— Não. Eu particularmente não quero deixar três ladrões entrarem em minha casa.

— Com licença? — Klaus gritou. — Que tipo de resposta é...

— Vocês tiveram dois motivos para vir aqui, — ela afirmou casualmente, antes de abrir um braço apenas o suficiente para apontar para eles. — Tenho certeza de que vocês estavam realmente preocupados com o meu bem-estar.

Mayumi conhecia esses homens. Os conhecia há anos. Eles eram realmente boas pessoas, e se não fosse pelo Caminhante do Crepúsculo atualmente escondido em sua casa, ela os teria recebido e oferecido chá para se aquecer antes de mandá-los para casa.

Eles não eram nenhum perigo.

— No entanto, — ela continuou, batendo o dedo indicador no ar na direção de cada uma de suas mochilas. — Se eu não estivesse aqui, dado como morta, vocês três teriam toda a intenção de roubar qualquer coisa de valor da minha casa.

Os lábios de Klaus se apertaram quando suas sobrancelhas se estreitaram, enquanto Yoshida e Henry desviaram os olhos de vergonha.

— Nós nunca machucariamos você, Yumi, — Henry resmungou antes de bravamente trazer seu olhar para ela. — Mas...

Mayumi riu levemente.

— Não se preocupe. Eu sei e entendo. — Ela forçou um sorriso no rosto. — São tempos difíceis, certo? Todo mundo está lutando, e quando há dinheiro grátis aqui, é difícil não querer. Honestamente, se eu *estivesse* morta, seriam vocês três que eu iria querer roubar minha casa.

Henry estremeceu.

— Você poderia ter fingido que não sabia, — Yoshida disse com um leve desdém. — Você entende como isso é humilhante?

— Não queremos que você pense que não nos importamos com você — Henry continuou, seus olhos implorando e mostrando a profundidade de sua bondade. Ele até deu um passo à frente. — Nossa primeira esperança era que você estivesse aqui.

Ela não tinha dúvidas de que Yoshida sentia o mesmo, mas ele odiava ser pego fazendo algo que achava errado. Provavelmente foi uma decisão difícil de tomar, e ele provavelmente foi pressionado por Klaus e Henry.

Yoshida tinha alguns problemas em ser honrado. Henry estava em uma situação difícil da qual Mayumi estava bem ciente. Klaus, por outro lado, era o tipo de homem que você queria ao seu lado, porque ele não tinha escrúpulos em ferrar com alguém se isso o beneficiasse - a menos que fossem seus amigos.

— Tenho certeza que foi, — ela admitiu. — Mas algum de vocês considerou que eu poderia estar viva e simplesmente não... em casa? Costumo ir à floresta cortar lenha, caçar ou colher raízes para me alimentar. E se eu tivesse ido e voltado para minha casa para descobrir que ela havia sido saqueada?

— Teríamos devolvido tudo — argumentou Klaus.

— Teria sido tarde demais a essa altura? — ela perguntou enquanto trazia seus olhos para os azuis dele. — Eu teria voltado tarde

para casa e não teria conseguido viajar com o anoitecer. Vocês teriam vendido tudo de valor e provavelmente estariam bebendo suas mágoas na taverna de Marianna, pensando que eu estava morta.

— Sinto muito, Yumi, — Henry disse com sinceridade.

— E eu os perdôo, e realmente aprecio vocês três terem vindo aqui para verificar meu bem-estar. — Seus olhos se enrugaram com humor quando ela deu a eles o maior e malicioso sorriso que pôde. — Mas, como punição, vocês três podem se virar e voltar para casa com o rabo entre as pernas.

Uma pequena risada passou pelos lábios de Henry.

— Eu meio que esperava que você tentasse e chutasse nossos traseiros, mas você só vai pendurar isso sobre nossas cabeças pelo resto de nossas vidas. Não é?

— Resto de nossas vidas? — Yoshida balançou a cabeça. — Ela provavelmente vai pendurar isso sobre nossas cabeças na vida após a morte também.

Foi uma tentativa desesperada de diminuir o peso da conversa. Ela normalmente teria piorado, mas decidiu contra isso.

Assim que ela abriu a boca para dar uma resposta provocativa, a pressão do ar caiu significativamente e uma rajada de vento frio soprou seu cabelo descontroladamente em volta do rosto.

Todos viraram a cabeça para o céu para ver que as nuvens estavam escuras e raivosas.

— Vão para casa, rapazes — disse ela enquanto olhava para o céu. — Caso contrário, a próxima pessoa que fará uma visita de bem-estar serei eu, me perguntando se vocês três morreram na nevasca que está chegando.

— Porra. *Claro*, uma nevasca está acontecendo agora, de todos os dias, — Yoshida rosnou, levantando o capacete para que pudesse enfiá-lo na cabeça.

— Os Deuses estão nos punindo por nossas ações hoje — acrescentou Klaus enquanto enfiava o próprio. — Eles sempre ficam do lado dela.

Eles se viraram para começar a se afastar enquanto se despediam, correndo para vencer a tempestade que se aproximava.

Henry permaneceu, sua expressão intensa perfurando a dela.

— Fique segura, ok? — ele implorou. — Existem apenas algumas pessoas no mundo com quem me importo profundamente o suficiente para não querer que elas acabem mortas, e você é uma delas.

— Oh, *pssh*, — ela disse enquanto acenava com a mão no ar em um gesto singular de desdém. — Palavras tão cavalheirescas como essa farão uma garota corar, Henry. Como é que você ainda não tem uma esposa?

Ele deu uma risada rouca. — Você, de todas as pessoas, deveria saber que nem todo mundo está interessado em se casar.

— Você é um exemplo terrível para o seu filho — ela retrucou, brincando, quando ele se virou com o capacete debaixo do braço. — Espero que ele não fique como você.

Henry balançou a cabeça enquanto se afastava. — Melhor eu do que a prostituta traidora de sua mãe. Charlotte é a razão pela qual eu sei que o amor *não* existe.

Seus olhos se enrugaram em simpatia por sua amiga. Henry simplesmente não conseguia descansar, e ela tinha certeza de que o dinheiro que ele ganharia roubando sua casa teria sido usado para mimar seu filho precioso e muito amado.

Charlotte era irmã de Klaus. Eles se conheceram através de Klaus e formaram um relacionamento, apenas para Charlotte se apaixonar por todos os homens que encontrasse que tinham dinheiro.

Mayumi voltou para dentro de casa assim que soube que Klaus, Henry e Yoshida realmente se foram.

Ela ficou surpresa ao encontrar Faunus de pé, mas curvado para a frente para explicar sua altura assustadora, seus orbes vermelhos brilhantes enquanto esperava que ela voltasse. As pontas de seus dedos se contraíram, fazendo com que suas garras brilhassem na luz que vinha de sua lareira.

— Você os deixou ir livremente quando eles pretendiam roubar de você? — Faunus rosnou.

Como era seguro, Mayumi abriu o laço do cinto de armas e guardou-o. Ela também tirou o casaco de pele.

— Você não ouviu o resto da conversa? Eles nunca tiveram a

intenção de me machucar, e eles estão realmente... — Ela coçou a lateral do pescoço desajeitadamente. — Acho que são meus amigos, embora distantes hoje em dia.

Ela ouviu seus passos pesados — difícil de não serem pesados com seu tamanho maciço e volumoso — enquanto ele atravessava a sala.

— Mas você estava certa, Mayumi. E se você não estivesse aqui e voltasse para casa para descobrir que sua casa foi roubada? — O nome dela vindo dele, naquela voz rouca como se ele tivesse engolido pedaços de pedra, a fez estremecer. — Você está sozinha aqui. E se eles voltarem ao saber que você costuma desocupar sua casa?

— Mas eu não estou sozinha, estou? — Ela se virou e colocou as mãos nos quadris enquanto encontrava seu olhar imponente de frente. — E eles não vão. Esses são bons homens. Eles são inteligentes, corajosos e gentis, e se alguém viesse aqui para me roubar, eles seriam os primeiros a iniciar uma investigação para que pudessem retribuir.

Por um momento, um lampejo de verde brilhou em seus orbes. Ele deu um passo para trás com um bufo profundo e um grunhido curto.

— Não é para você entender. — Mayumi deu um suspiro solene enquanto se aproximava do balcão da cozinha. — Se fossem outras pessoas, eu teria ficado cautelosa, mas não preciso me preocupar com esses três.

Ela pegou sua caneca e bebeu o resto de seu chá agora frio. Ela então enfiou a mão embaixo dos balcões e abriu as portas, tirando farinha, fermento, sal e alguns grãos. Ela tinha um pouco de água sobrando, neve uma fonte fácil e abundante, e derramou todos os cinco ingredientes em uma tigela.

Mayumi não teve nenhum problema em devolver Faunus por um longo período. Ela sabia que ele devia estar olhando para ela, considerando que ela não o ouviu se mover.

— Uma nevasca está se aproximando — ela disse enquanto amassava os ingredientes para fazer um pão fresco.

— Eu sei, — ele respondeu sombriamente, a presença de raiva aprofundando seu tom. — Eu posso sentir isso.

– O que você fará durante isso?

– O que você quer dizer?

– Pelo que reunimos, torna impossível para os Demônios farejar humanos durante a chuva e tempestades de neve. Se você não precisa vigiar a casa e eu não posso lhe dar nenhuma tarefa por causa disso, o que você fará?

– Vou... sentar do lado de fora e observar a tempestade, só para garantir. O que mais eu seria capaz de fazer?

Ela manteve seus movimentos casuais e à vontade, mas um sorriso começou a curvar seus lábios e cresceu tanto que curvou o fundo de seus olhos.

– Você sabe jogar jogos de tabuleiro? – Ela manteve seu tom indefinido. – Minha família os coleciona desde que chegamos a esta terra.

Ele deu uma bufada agitada.

– Não sei o que é isso.

Mayumi pegou a massa que amassou em uma bolha pegajosa de tamanho decente e a colocou dentro de uma bandeja de pão retangular. Seu fogão, que era feito de metal e em forma de bulbo, tinha uma seção para cozinhar em cima e uma porta que ela podia abrir para expor o interior em chamas.

Ela planejava deixar o pão descansar por cerca de duas horas para deixar o fermento e o glúten trabalharem na massa, mas duvidava que fosse tão bom quanto o que os padeiros da aldeia poderiam fazer. Esse tipo de lareira também não era adequado para o que ela estava fazendo.

Ela não se importava, desde que fosse comestível.

– Isso é bom. Eu posso te ensinar a jogar. Temos muitos deles, pois ajuda a passar o tempo quando você está preso a ninguém além de si. Tenho certeza de que podemos encontrar algo fácil para você aprender.

– Você quer que eu aqui lá dentro com você?

Mayumi se virou para descobrir que ele estava parado, como se não tivesse certeza do que fazer. Ele estava com a mão no peito e a cabeça inclinada.

— Claro, por que não? Vou ficar entediada e sem cérebro sozinha pelo tempo que levar para a tempestade passar.

Pode levar dias, ou o pior cenário – ou o melhor caso para Mayumi, já que isso poderia colocá-los juntos por um período mais longo – uma semana.

— Você é um Caminhante do Crepúsculo. Você sabe quanto a guilda pagaria apenas para conversar com você?

Faunus bufou e cruzou os braços, abaixando-se até não ficar mais curvado para ficar confortável. Ele parecia não ter problemas para se agachar.

— Vocês Caçadores de demônios gostariam de fazer mais do que ter uma conversa. Eu sei que vocês examinam Demônios.

Seus lábios se franziram em um sorriso cruel. — E como você saberia disso?

— Humanos no passado, aqueles que tentaram me capturar, frequentemente gritavam exigências uns aos outros. 'Pegue o Caminhante do Crepúsculo vivo para que possamos descobrir como ele é por dentro.' 'Aposto que parece um Demônio quando o abrimos.' Não é preciso ser um gênio para descobrir o que você está fazendo.

— Você? — Mayumi perguntou com uma curiosidade brilhante. — Se fôssemos finalmente abrir um Caminhante do Crepúsculo, você seria exatamente como um Demônio?

— Não. Somos muito diferentes de tudo que vive na Terra.

— Como assim?

Faunus lentamente virou a cabeça, e ela não conseguiu parar a maneira como seu coração murchou um pouco dentro do peito ao fazê-lo. *Ele acha que só estou permitindo que ele esteja aqui para descobrir mais sobre sua espécie para que possamos matá-los?*

Foi uma jogada inteligente, e algo que ela *deveria* ter considerado fazer desde o início, mas nem passou pela sua cabeça até aquele momento.

Eu só... queria saber mais sobre ele.

Ela poderia dizer a ele que não fazia mais parte da guilda, mas então ela teria que dizer a ele por quê. Ela não estava particularmente envergonhada do motivo, mas era uma conversa pesada para se ter

com alguém que ela mal conhecia.

Ele também era algo que talvez não entendesse.

Como não parecia que ele iria responder, Mayumi caminhou até o depósito para começar a procurar um jogo de tabuleiro, ou qualquer jogo que fosse adequado.

Qual seria o jogo mais fácil para conseguir o que eu quero? Ela precisava de um que pudesse ser rápido, fácil de aprender e não parecesse suspeito se ela continuasse... perdendo.

Mayumi não pediu para ele jogar apenas para ser fofo. A tempestade de neve lhe deu uma ideia.

Xadrez? ela se perguntou, antes de imediatamente balançar a cabeça. *Não, isso é muito complicado. Shogi?* Ela quase bufou uma risada. *Isso é ainda mais complicado.*

Seu pai era um grande fã de jogar shogi. Era um jogo como o xadrez, mas também muito diferente no fato de que, uma vez que a peça do oponente fosse tomada, ela poderia ser reinserida no jogo pela pessoa que a obteve.

A antiguidade original que seus ancestrais trouxeram para essas terras foi embalada em uma caixa especial para preservá-la, e seu bisavô contratou alguém para fazer uma nova para eles serem descuidados.

E as damas então? ela pensou quando estava agachada e se deparou com ele na pilha. Ela a jogou de lado quando percebeu que nunca achou as damas divertidas quando criança.

Ah ha! Perfeito. Ela pegou o jogo que queria e voltou para a área principal da casa.

Mayumi fez uma pausa.

Faunus estava de pé ao lado, olhando para a lareira com seus orbes de uma cor branca surpreendente. Azul mudou momentaneamente para seus orbes brilhantes antes de voltar ao branco, mas ela podia ver que sua respiração parecia difícil e pesada pela maneira como seus ombros subiam e desciam.

— Faunus? — ela perguntou cautelosamente.

Seus orbes ficaram amarelos como se ela o tivesse tirado de um transe, e ele virou o rosto para ela.

— Sim? — Seu focinho se inclinou ligeiramente para baixo, mostrando que ele estava olhando para a caixa em suas mãos. — Encontrou algo que você queria jogar? Você estava demorando.

— Sim. Achei que gamão seria simples o suficiente para mostrar a você. Eu adorava jogar quando era jovem.

E se ela pudesse jogar quando ela tinha oito anos, ela tinha certeza que ele não teria problemas, considerando que ele era mais inteligente do que ela pensava que um Caminhante do Crepúsculo seria.

Ela o colocou no chão ao lado da lareira e caminhou até onde havia uma variedade de cadeiras. Atrás da cadeira de couro não usada, que tinha um assento de saco de lã apoiado nela, havia uma pequena mesa de centro encostada na parede.

— Você quer alguma ajuda? — Faunus perguntou quando ela pegou sozinha. Ela bateu com as quatro patas no meio da casa e lançou-lhe um olhar furioso. — Parece que não.

— Venha, sente-se aqui. — Ela gesticulou para o lado oposto da mesa enquanto se sentava no chão.

Obedientemente seguindo seu comando, Faunus se aproximou enquanto ela colocava o jogo na mesa. Ela soltou a trava de metal na lateral da caixa de madeira para revelar quinze peças redondas de madeira de carvalho cor de areia e quinze peças redondas de madeira de noqueira marrom-avermelhada. Havia também dois conjuntos de dados correspondentes.

Mayumi explicou como jogar o jogo enquanto o preparava, dando a ele as peças de carvalho para controlar enquanto ela pegava as de noqueira.

— ... e depois de rolar os dados, basta escolher se deseja somar o número que rolou para mover uma peça singular ou pode dividir os dois números do dado e mover duas peças diferentes. Vou ajudá-lo no começo se você rolar um duplo.

Por um longo tempo, Faunus olhou para o jogo diante dele. Ele estava sentado de pernas cruzadas, seus membros tão longos e grandes que seus joelhos se projetavam facilmente acima da mesa, enquanto os joelhos dela cabiam embaixo dela.

Ela não pôde deixar de sorrir quando ele apareceu muito grande dentro de sua casa. Ele diminuía tudo, desde a mesa até o dado que ele examinava entre o polegar e o dedo médio até ela mesma.

Ela ficou surpresa que ele pudesse embainhar suas garras, mas isso só a fez se concentrar em quão grossos e longos eram seus dedos. *Gatinho pode esconder suas garras, hein?* Isso era *muito* útil saber.

Sua mão estava coberta de carne cinza escura com os ossos dos dedos brancos projetando-se de modo que pareciam estar afundando sob sua pele. Estava tão tenso ao redor deles que na luz ela podia ver algumas veias grossas se cruzando nas costas da mão dele.

Ela mordiscou o lábio inferior enquanto os examinava. Ela não sabia por que, mas sempre achara atraentes mãos fortes e cheias de veias. O fato de ele ter um par grande com essas características era ainda mais quente, e elas eram tão grandes que ela sabia que duas dela poderiam facilmente ser mantidas dentro de uma dele.

Já vi paus menores do que apenas o dedo do meio.

Estando tão distraída, demorou um pouco para perceber que Faunus estava girando um dado nas pontas do polegar e do dedo médio, olhando para cada superfície dele.

— Algo está errado?

— Não sei o quão bem poderei jogar este jogo de *gamão*. As peças parecem bem pequenas e nunca fiz nada assim antes. Parece bastante complexo.

Complexo? Ela pensou enquanto olhava para o jogo.

— Você está dizendo que não quer? — Isso jogaria seu plano pela maldita janela.

— Não foi isso que eu disse, — Faunus disse com aquela voz profunda enquanto jogava o dado no tabuleiro. — Eu aprendo rápido. Então eu vou tentar tudo ao meu alcance para derrotá-la neste seu pequeno jogo humano.

Seus orbes mudaram para um tom mais brilhante de amarelo.

Ela ainda estava tentando descobrir o que as cores significavam, mas Mayumi pensou que talvez a cor mais brilhante significasse felicidade ou determinação.

Independentemente disso, ela se viu sorrindo.

— Vamos, homem de osso. — Ela mexeu a bunda contra o chão, sabendo que poderia ficar sentada aqui por muito tempo. — Sou bastante competitiva, então vou fazer você engolir essas palavras com essas suas presas afiadas.

CAPÍTULO 11

Homem de... osso? Faunus pensou com uma inclinação de cabeça interrogativa.

Ele não era feito de ossos, embora soubesse que tinha uma caveira no lugar da cabeça, nem era um homem, embora soubesse com certeza que era homem.

Eu nunca esperei que Mayumi fosse tão estranha.

Ele nunca esperou estar sentado dentro de sua casa conversando com ela ou aprendendo a jogar um jogo humano. Ele tinha certeza de que isso era estranho, e se algum de seus tipos entrasse pela porta e os testemunhasse, ambos ficariam confusos.

No entanto, Faunus sentiu alegria vibrando em seu coração por estar fazendo isso.

Ela explicou novamente como jogar o jogo depois de montar todas as pequenas peças redondas, e ele agora tinha um vago entendimento. Os *dados*, como ela os chamava, pareciam estranhos em sua mão grande.

Eles eram tão pequenos, o equivalente a um humano segurando uma ervilha na palma da mão. O malabarismo para balançá-los na mão a fim de mexê-los levou tempo para dominar.

Segurá-los com muita força significava que ele não poderia sacudi-los adequadamente, mas segurá-los frouxamente significava que Mayumi era forçada a correr com as mãos e os joelhos para persegui-los quando eles deslizavam entre as grandes lacunas de seu punho fechado. Ele também os jogou no tabuleiro de jogo com muita força nas primeiras vezes, e eles ricochetearam.

Faunus estava lutando para aprender novas informações enquanto também precisava manejar seu corpo inumano para algo projetado para o tamanho dela e controlar sua força autoritária.

No momento em que eles conseguiram passar por um jogo inteiro sem que ele se atrapalhasse de alguma forma, a neve do lado de fora batia contra as janelas. A nevasca havia chegado com força total, e o som dela era agudo, estridente e perturbador contra sua audição sensível.

O vento assobiava e uivava como uma criatura feroz, e até ele percebeu que a temperatura dentro da casa havia caído significativamente.

Mayumi finalmente arrastou a mesa para mais perto da lareira, buscando seu calor depois de jogar mais combustível nela. Faunus estava hesitante em chegar mais perto do que já estava, mas ele obedeceu sem reclamar por causa dela.

Eu poderia mantê-la mais quente do que qualquer fogo. Ele rapidamente empurrou esse pensamento para o lado.

Embora Mayumi estivesse permitindo que ele entrasse em sua casa, buscando alguma forma de companhia com ele, ele duvidava que ela estivesse disposta a rastejar em seu colo para Faunus protegê-la em seus braços.

Mas ele sinceramente gostaria que ela o fizesse.

Atualmente, Faunus era reservado, e quase... arisco, simplesmente porque não fazia ideia de como as coisas iriam acabar entre eles. O que eles estavam fazendo no momento era mais do que ele esperava.

Quando ele conseguiu vencer seu primeiro jogo de *gamão*, seus orbes brilharam em um amarelo brilhante, desta vez de alegria.

— Aí está — ele riu levemente. — Eu derrotei você.

Finalmente.

— Sorte de principiante, — ela respondeu rapidamente com sua própria risada, fazendo-o sentir como se sua vitória fosse totalmente invalidada.

Faunus deu um rosnado bufado, o que só pareceu aprofundar seu humor. Ele pensou que tinha vencido o jogo por habilidade, não por 'sorte de principiante'.

Seu estômago decidiu então lembrá-los de que ela não comia nada há algum tempo. Ela puxou uma assadeira de sua lareira em um ponto, mas ela não comeu a comida marrom e grumosa, alegando que estava muito quente.

— Dê-me um pouco, — ela disse, colocando as mãos na borda da mesa para que ela pudesse se levantar. — Vou fazer um jantar para mim, então podemos jogar a sério agora que você pegou o jeito.

Faunus, sem nada para fazer nesta casa na qual ele sabia que não cabia, acenou com a cabeça e olhou para o jogo. Ele olhou para ela antes que a lareira finalmente chamasse sua atenção.

Ele ficou perdido e hipnotizado pelas chamas bruxuleantes que dançavam diante de seus orbes, ondulando em sua direção.

Um peso, um fardo profundo, começou a afundar dentro de seu peito, fazendo seu coração acelerar. Sua audição tocou quando os sons ao seu redor diminuíram. Seu pelo até inchou quando sua pele se esticou enquanto a inquietação escorria por sua espinha. Em instantes, seus orbes mudaram para branco.

Por mais que o fogo o perturbasse, ele achava quase impossível desviar o olhar.

O fogo estava quente. E Faunus sabia que *queimava*.

Ele não percebeu que sua respiração estava estrangulada até que Mayumi o assustou quando ela se sentou na frente dele mais uma vez. Sua aparição repentina do nada o pegou desprevenido, fazendo-o engasgar com uma respiração de pânico.

Felizmente, ela não notou a mudança de comportamento dele enquanto enfiava uma substância branca e fofa em sua boca. Ele pensou que poderia ter sido purê de batata. Ele sabia que havia cenoura no prato dela simplesmente porque ainda estava inteira, mas não podia nomear os outros vegetais que ela tinha para oferecer para si mesma. Tudo fumegava como se ela o tivesse fervido.

Ela também trouxe um pedaço de pão e mergulhou em algum tipo de molho doce, possivelmente de frutas vermelhas, que ela regou em tudo.

— Isso parece ser muita comida para um ser humano — comentou ele, notando que o prato dela estava bastante cheio.

Ela o enfiou no rosto, lambendo desordenadamente os lábios com estalos. Ele ficou loucamente fascinado por ela fazer isso, aquela língua fofa saindo para fora. Ele se perguntou como seria, se era mais macia ou mais firme que a dele, já que parecia mais curta e mais gorda.

— Estou com fome, — ela respondeu com a boca cheia de comida. — E isso não é nada. Você deveria ter visto o quanto eu comia na fortaleza. Todo mundo costumava tirar sarro do quanto eu comia e

nunca ganhava peso, exceto em músculos.

Ele não entendia por que alguém criticaria o outro por comer bem, especialmente porque ele invejava a capacidade dos humanos de se sentirem satisfeitos. Mesmo agora, seu estômago dava o menor resmungo, sempre vazio e nunca satisfeito, não importava o quanto ele se empanturrasse.

Ele começou a desistir de saciá-lo.

— Você me perguntou como os Caminhante do Crepúsculos diferem dos Demônios e tudo o mais que vive, — Faunus começou casualmente. — Uma maneira é que nossos estômagos nunca ficam cheios e absorvemos nossa comida, não importa quão grande seja, assim que a comemos.

Seus belos olhos escuros ergueram-se do prato para ele quando ela fez uma pausa.

— Outra é que, embora tenhamos coração, estômago e pulmões, eles não são feitos do mesmo músculo que todas as outras criaturas. — Ele colocou as mãos no colo dobrado e ignorou a expressão estupefata dela. — Podemos sangrar, mas se você perfurar qualquer órgão dentro de nosso corpo, nós nos reformaremos em torno do ferida ou arma para que possamos continuar a funcionalidade normal. Nosso interior é macio, moldável, o que torna quase impossível nos parar. Considerando que nossos exteriores são muito mais firmes e difíceis de perfurar. Um ataque que causaria um corte profundo em um Demônio atingiria apenas a superfície de nossos corpos. Ainda podemos nos machucar porque ficamos mais lentos e a perda de sangue nos deixará tontos, mas nunca pararemos de nos mover.

O sangue seria retirado de dentro, sugando sua força para substituir o que foi perdido. Eles atacariam qualquer coisa em movimento, mesmo que fosse um borrão – como uma pessoa ou um arbusto balançando.

— Eu pensei que você não queria compartilhar isso comigo, — ela disse com as sobrancelhas franzidas.

— Quando eu disse isso? — ele perguntou enquanto inclinava a cabeça.

- Bem, você não me respondeu quando perguntei sobre isso.
- Isso porque eu não sabia por onde começar.

Ela franziu os lábios antes de apertar os olhos com o que ele percebeu ser suspeita ou aborrecimento. Então ela pegou uma garfada de comida e soprou o vegetal verde fumegante para esfriá-lo.

Ele não tinha certeza se ela estava esperando que ele continuasse ou não, mas ele interpretou a falta de resposta dela como um convite.

– Você mencionou que era capaz de consumir tanta comida quanto desejasse e apenas ganhar músculos, isso parece ser uma característica que compartilhamos. Começamos quase ociosos no corpo e começamos a construir músculos ao longo do tempo. No entanto, também absorvemos nossa comida tão completamente que começamos a assumir suas características. – Ele acenou com a mão para o lado. – Isso é semelhante para os Demônios, mas eles produzem resíduos, enquanto nós não.

– Então, vocês são parecidos, mas diferentes. – Seus olhos brilharam com uma sugestão travessa quando ela acrescentou: – Isso significa que você é apenas um grande molenga lá no fundo?

– Eu já disse isso, – ele comentou com a cabeça inclinada para o lado em confusão. – E você só... deixa pra lá.

– Há uma pergunta para a qual sempre quisemos saber a resposta. – Mayumi desviou o olhar dele para sua comida, mas suas pálpebras baixaram como se ela estivesse tentando ser blasé. – Por que os Demônios estão criando pele humana? Aqueles que o fazem são capazes de falar com inteligência, embora se recusem a nos dizer qualquer coisa, não importa o que façamos com eles.

– Eles estão se tornando humanos. Não tenho certeza de quão profunda será a transformação para eles, mas eles ganham humanidade com cada ser humano que comem. Eles criam pele e imitam o estilo de vida de sua espécie. – Ele inclinou a cabeça para baixo para olhar para suas garras. – Embora os Caminhantes do Crepúsculo ganhem humanidade da mesma forma, já foi demonstrado que nunca nos tornaremos humanos, nem começaremos a assumir suas características, não importa o quanto tentemos. Nossas

formas são em sua maioria permanentes.

— Você tentou? — ela perguntou, e ele não sabia por que ouviu uma pitada de preocupação em seu tom.

— No começo, quando percebi que minha cabeça estava mudando, sim. Eu não queria permanecer nesta forma. Mas conheci outro que é muito mais velho do que eu e que se esforçou mais. Ele me informou que simplesmente não faz sentido.

— E quanto aos Demônios, então? Você assume as características deles?

— Não — ele respondeu claramente. — Só roubamos a força deles.

— Graças aos Deuses por isso, — Mayumi riu, colocando seu prato no chão agora que ela havia terminado com ele. — Obrigada por compartilhar comigo.

— Por que eu não iria?

Mayumi moveu-se para se apoiar em uma das mãos, mas mordiscou o canto dos lábios, uma contradição com a posição casual em que se colocou. Era difícil entendê-la, pois sua linguagem corporal muitas vezes tornava difícil decifrar o que ela estava realmente sentindo.

— A princípio, pensei que você não queria me contar porque estava preocupado que eu desse a informação à guilda.

Isso era algo que ele havia considerado.

— Tudo o que acabei de dizer é inútil para um Caçador de demônios. Não revelei nada que pudesse ajudá-la a matar minha própria espécie e expliquei que seus esforços são inúteis.

— Você não confia em mim o suficiente para me dizer, é isso?

Embora Faunus não quisesse dar a Mayumi nenhuma informação que pudesse ajudá-la a assassinar seus *irmãos*, ou qualquer outro vínculo familiar que viesse deles através das noivas que obtiveram, não foi por isso que ele não contou a ela.

Se eu contar a verdade, ela vai entender o que significa a rachadura no meu crânio.

Ele tinha certeza de que ela realmente não se importaria se ele morresse, mas não queria dar a ela o conhecimento de como matá-lo.

Seu desejo era protegê-la, e não poderia fazê-lo se estivesse morto.

— Talvez devêssemos continuar? — Faunus perguntou enquanto direcionava uma de suas mãos para o tabuleiro de jogo.

Ele precisava dela para preparar o jogo, pois as peças redondas semelhantes a botões eram muito pequenas para ele pegar com as pontas dos dedos. Mesmo embainhar suas garras pouco ajudou, e suas tentativas de fazê-lo o fizeram se atrapalhar com uma única peça por tanto tempo que seus orbes ficaram rosa-avermelhados de vergonha.

Ela bufou com o redirecionamento da conversa.

Ele pensou que ela continuaria irritada, mas a maneira como ela se inclinou para a frente, quase vertiginosa, para arrumar as peças era mais uma evidência de quão difícil era para ele avaliá-la.

Ela era um enigma. Um que estava começando a irritá-lo porque ele se sentia como se estivesse a um passo errado de Mayumi tentar esfaqueá-lo no peito como a pequena Caçadora de Demônios que ele sabia que ela era.

Poderia ser um movimento errado, uma palavra errada, que a fizesse mudar de ideia?

Eu permitiria que ela me apunhalasse no coração tanto quanto ela quisesse.

Ele sabia há muito tempo que já pertencia a ela. Ela poderia fazer o que quisesse com ele; ele apenas preferiria que não chegasse a isso.

— Então, eu estava pensando que poderíamos mudar o campo de jogo e torná-lo mais sério — disse ela quando terminou de montar as peças.

— Claro. — O jogo tinha sido bastante fácil de aprender. Ele não via nenhum problema em haver mais.

— Você está concordando com algo que ainda nem ouviu as regras.

Ela olhou para cima com um pequeno sorriso malicioso curvando seus lábios, um que quase o fez lamber a parte externa de seu focinho para indicar seu desejo e interesse por ela.

Ele deu de ombros em resposta.

— Certo. Você não pode voltar atrás agora. É bem simples, na

verdade. Quem perder tem que tirar uma peça de roupa.

A cabeça de Faunus recuou a ponto de ele ter que colocar rapidamente a mão no chão atrás dele, ou ele teria caído.

— Perdão? Como isso é uma adição sábia ao jogo?

— Pssh, não seja tímido. Tenho mais a perder do que você, já que está coberto de pelos, e eu não. — Ela pegou um dado singular e o jogou para que eles pudessem determinar quem iria primeiro. — Isso torna o jogo mais divertido, pois há apostas mais altas envolvidas. Isso significa que você escolherá seus movimentos com mais sabedoria, pois há consequências. A pessoa que está completamente despida no final é a perdedora final e deve lidar com o constrangimento de estar nua. Os humanos jogam jogos assim o tempo todo. Já tive minha cota de vitórias e derrotas no strip poker.

Faunus não tinha escrúpulos em estar 'nu' desde que ela estava correta. Ele tinha pêlo, e qualquer coisa... privada estava escondida atrás de uma costura no centro de sua virilha.

Esse não era o problema.

O problema era Mayumi tirando a roupa para expor seu corpo delicado, mas sedutor para ele. Ele já tinha visto de relance e sabia *que* seria torturado por isso.

— Eu não acho...

— Você não pode desistir agora, — ela rapidamente interrompeu antes que ele pudesse terminar. — Você já concordou, e eu vou até fazer justo, já que você está vestindo apenas uma calça e uma camisa. Já que estou usando três itens, você pode desabotoar sua camisa como uma perda.

Ela será a vencedora. Ele pegou um de seus dois dados e gentilmente o deixou rolar de sua palma para o tabuleiro para ver quem seria o primeiro a mover suas peças. *Ela me venceu em todos os outros jogos, exceto no último.*

Faunus não estava preocupado em mostrar seu corpo para ela. Ela sabia o que ele era. Ela o tinha visto em sua forma mais monstruosa que era muito pior do que sua forma humanóide.

Ela fará tudo ao seu alcance para me derrotar. Ela disse que era competitiva.

Ela só estava fazendo isso por causa de sua própria curiosidade sobre sua espécie e para estudar um Caminhante do Crepúsculo. Ela deixou isso perfeitamente claro com suas perguntas.

Claro, Faunus perdeu o primeiro round.

Enquanto ela arrumava o tabuleiro novamente, ele começou a desabotoar cegamente os pequenos botões de sua camisa. Levou o mesmo tempo pois era uma tarefa difícil.

Ele sempre desejou que os botões fossem maiores.

Permitindo apenas que se abrisse um pouco, ele revelou o centro de seu torso. Seu esterno estava completamente afundado sob sua carne, assim como suas costelas inferiores, mas o resto de sua caixa torácica ainda estava no chão. fora de seu corpo – um branco absoluto contra o preto do longo pêlo de seu peito. Seu estômago estava coberto de pelo curto e preto.

Mayumi perdeu o segundo turno.

Ela resmungou sobre a derrota enquanto se ajoelhava e desabotoava as calças de couro.

Ele achou que ela era muito ousada em sua remoção, mas ficou grato por sua escolha quando viu que ela tinha uma tira de pano entre as pernas.

Ainda assim, ele não conseguia parar de olhar para suas coxas bem torneadas, sua carne refletindo um brilho laranja das chamas atrás dela. Como poderia apenas um par de pernas nuas ser tão atraente que ele queria passar a língua desde o arco do pé dela até encontrar seu centro?

Ele perdeu o terceiro round e foi forçado a tirar a camisa.

O pelo curto o cobria da parte de trás das mãos até o bíceps até ficar muito mais longo em volta dos ombros, costas e peito. Espinhos de lagarto, talvez com sete centímetros de comprimento, desciam pelas laterais de seus antebraços e costas como a barbatana de um peixe. Eles também se estendiam pela parte de trás dos músculos da panturrilha, mas ele ainda não havia revelado isso.

Faunus pensou que perderia a próxima rodada, encerrando o jogo, mas Mayumi foi quem não conseguiu colocar suas peças certas.

A remoção lenta de sua camisa cinza de manga comprida foi

cansativa, fazendo seu pelo ficar arrepiado em antecipação nervosa.

O deslizar para cima de seus lados para revelar seu pequeno e bonito umbigo, seu estômago oco enquanto ela mergulhava seu corpo para que pudesse puxá-la mais alto, tinha suas mãos apertadas. No momento em que apenas o fundo de seus pequenos montes de seios começaram a aparecer, um leve ronronar começou a ressoar em seu peito.

Ele teve que abafar rapidamente antes que ela percebesse.

Seus seios eram tão pequenos que quase pareciam planos quando ela se espreguiçou para puxar o tecido para cima e sobre a cabeça, mas eles se acomodavam em pequenos montes quando ela estava relaxada. Eles eram alegres e com bicos castanhos claros.

Faunus começou a cravar as garras nos músculos da panturrilha quando sentiu um movimento violento atrás da costura de sua virilha. Ele não estava fazendo isso difícil. Ele só precisava de uma pequena distração.

Ele também escureceu seus orbes para preto e respirou fundo para impedi-los de ficarem roxos.

Era difícil controlar a resposta emocional de seus orbes com pura vontade, especialmente quando ele precisava aliviar as batidas caóticas de seu grande coração. Seu corpo se aqueceu, injetando o fogo líquido da necessidade e desejo em seus músculos para fazê-los sentir como se estivessem inchados.

Quando ele abriu sua visão novamente, ele pegou o olhar dela já sobre ele, encarando-o, testemunhando a reação que ele tentava desesperadamente esconder.

Ele ergueu o focinho apenas o suficiente para esconder os seios de sua visão, mas isso não o impediu de ver a superfície plana da parte superior do tórax, as belas articulações dos ombros ou até mesmo a visão encantadora de suas clavículas pontiagudas.

Faunus sabia que teria gostado de enterrar o rosto entre a dobra do ombro e pescoço dela, sentindo a carne macia cobrindo-o enquanto ele absorvia profundamente o perfume sonolento de abóbora.

Ele soltou um suspiro agradecido quando ela pareceu não pensar em sua reação e se inclinou para reiniciar o tabuleiro.

— Esta é a última rodada — afirmou ela. — Nós dois temos uma peça de roupa sobrando, então isso determinará o vencedor.

O jogo era muito lento, cada um calculando cuidadosamente seus movimentos. Ele não era muito adepto do jogo para ver o potencial de seus próximos movimentos, nem dela.

O fogo diminuiu com o tempo, diminuindo sua luz e calor como se fosse mais rápido do que eles.

E quando o jogo terminou, os orbes de Faunus brilharam em branco por apenas um segundo enquanto ele olhava para eles.

Como eu ganhei? Ele tentou perder!

A sorte não estava do seu lado, e ele rolou uma dobradinha no final. Não teria importância. Ela ficou para trás de alguma forma.

Seus orbes já haviam mudado para roxo durante o jogo, já que mover as peças ele mesmo exigia que ele olhasse para baixo, forçando-o a ter mais e mais vislumbres de seu corpo. Em um ponto, ele apenas olhou descaradamente para ela, hipnotizado pela forma como a luz dançava contra sua pele. A maneira como se torcia ou se curvava quando ela se movia. Como um músculo deu uma contração ou uma artéria pulsou.

Foda-se, ele pensou quando Mayumi recuou e começou a tirar a calcinha.

Ela manteve as pernas fechadas, provavelmente para preservar alguma aparência de modéstia, mas nada poderia impedi-lo de perceber que esta fêmea estava *nua* na frente dele.

Com pouco esforço, ele poderia facilmente alcançar o outro lado da mesa e separar suas lindas coxas para si mesmo. Não havia nada que o impedisse de ver o que desejava, o que *ansiava*.

De que cor ela era lá embaixo? Os lábios de sua boceta combinavam com a cor rosa pálida de seus lábios faciais ou de seus mamilos castanhos claros?

Faunus só aprendeu o que era desejo nos últimos nove anos, alguns anos depois de se tornar adulto. Antes disso, ele não sabia nada sobre o significado do corpo nu de um humano ou mesmo de um certo lugar próprio.

Ele tropeçou no *sexo* por completo e absoluto acidente.

Com a intenção de entrar em uma casa solitária na floresta para comer os humanos que viviam nela, Faunus havia testemunhado algo. Ele ficou curioso com os cheiros fortes que vinham de dentro, os sons estranhos que ouvia.

Sua confusão e curiosidade levaram a melhor sobre ele e, em vez de entrar furioso para comê-los, ele observou. Eles haviam fornicado na noite seguinte e então, por algum motivo, em no meio do dia, ao mesmo tempo em que realizava outros atos íntimos e atrevidos.

Ele gostou dos cheiros, dos sons e da visão o suficiente para fazer seu pênis se desenrolar involuntariamente da costura em sua virilha pela primeira vez.

Tendo observado o macho humano puxando seu eixo em preparação para a fêmea com quem ele estava, Faunus o imitou simplesmente porque ele concluiu que eles eram semelhantes apenas pela forma. *Embora* Faunus *tivesse* apêndices adicionais que gostavam de se contorcer na base de seu pênis, e os dele vinham de dentro dele, em vez de balançar como um pêndulo carnudo.

Ele assustou a merda absoluta dos humanos quando ele rugiu em sua primeira liberação, mas *caramba...* parecia fenomenal.

Depois de fugir para uma distância segura, Faunus conheceu seu próprio pênis intimamente até que ele desmaiou. Ele tentou drenar sua semente, brutalizando seu pênis até doer.

Ele aprendeu muito sobre si mesmo.

Depois disso, sempre que ele viajou na superfície pertencente aos humanos, Faunus procurou casas e observou para ver o que mais ele poderia aprender. Não era nada além de aborrecidos costumes humanos e tarefas, mas ele tinha visto muitos deles fodendo – e às vezes não apenas dois por conta própria ou um par masculino e feminino.

A princípio, ele se comoveu com a lembrança do que havia testemunhado. Foi só depois que ele aprendeu tudo isso e se sentiu compelido a verificar o bem-estar de Mayumi novamente, que um novo desejo nasceu dentro dele.

Um em que ele a tocava... da mesma forma que aqueles machos humanos tocaram suas fêmeas.

O que ele não daria para estender a mão sobre a mesa e apenas correr a palma da mão sobre sua coxa. O que ele não daria para poder segui-la com a língua. O que ele não daria para saber como era, em vez de assistir à distância.

Para não ser mais um voyeur indesejado para atos impróprios.

As fêmeas criavam esse perfume doce sempre que estavam excitadas, e ele queria saber como era o cheiro dela, qual era o gosto. Ele queria comê-lo, esperando que isso acalmasse a fome em seu estômago.

Ele sabia que tinha que ser apenas sua imaginação, que ele desejava isso tão profundamente, mas ele pensou que podia sentir o cheiro de amadurecimento da excitação vindo dela agora.

Se fosse apenas sua imaginação, ele não se importava.

Ele começou a ofegar levemente, e fez questão de manter suas presas fechadas para que não fosse perceptível. Isso significava que ele só podia respirar pelo buraco do nariz, o que apenas tornava mais fácil para ele ficar mais quente e ávido por aquele cheiro.

Ela está nua diante de mim.

Seus tentáculos começaram a girar em torno de seu pênis quando ele sentiu que estava começando a se expandir. Ele colocou a mão contra sua costura para impedi-lo e agarrou seu abdômen de propósito para ajudar seus tentáculos a vencer a batalha de impedir que seu pênis escorregasse mais para frente.

Eu preciso sair.

Ele não poderia fazer isso. No momento em que tentou se levantar, soube que perderia a batalha dentro dele. Ele não queria que Mayumi soubesse que ele estava tendo esse tipo de reação a ela.

Ele queria que ela se sentisse confortável com ele. Ele também pensou que ela provavelmente tentaria cortá-lo se soubesse que ele estava ficando duro e excitado por ela.

Ele podia imaginá-la acenando horivelmente em seu rosto.

Mayumi estava olhando para ele, e ela inclinou a cabeça para o lado para colocar a orelha contra o ombro, dando-lhe um olhar estranho, mas avaliador. Seus olhos estavam nos dele enquanto ela descansava sobre as duas mãos, os joelhos para cima e na frente dela

com os pés no chão.

Então ela fez algo que o fez cravar suas garras em sua coxa tão profundamente que ele sabia que as tinha afundado até a metade em sua carne. O sangue brotou instantaneamente.

Sua perna esquerda caiu para o lado.

Roxo brilhou em seus orbes quando eles ficaram fixados no monte inchado e na fenda entre suas coxas que ela tinha acabado de revelar a ele.

Ela é ambos. Suas dobras eram de um marrom claro, enquanto o resto revelava um rosa suave. *Porra!*

Ele começou a tremer quando não conseguiu segurar seu pênis, e forçou sua mão para trás. Ele não podia empurrá-lo sem deixar óbvio, então permitiu que atingisse o comprimento de seus tentáculos, o que o impediu de se projetar por todo o caminho.

Mas ele estava duro, insuportavelmente assim.

Faunus não conseguia parar de ronronar, mas esperava que ela não pudesse ouvi-lo. O rosnado ele teve que morder de volta.

O impulso de *destruir* a única barreira entre eles, a miserável mesa, agarrou-o pela garganta. Ele queria remover o obstáculo para ter a liberdade de agarrar o pé dela e arrastá-la pelo chão até ele.

Eu quero prová-la, fodê-la, colocar meus dedos nela, meu pau, minha língua. Como ela seria?

Tudo o que ele sabia era como era gozar em sua própria mão, mas ela parecia molhada, e mesmo que não estivesse, seu pênis tinha um lubrificante nele. Ele sabia que ela estaria quente só porque seu corpo estava, mas ela se sentiria ardendo ao seu redor?

Ele gostava de apertar seu pênis, era bom porque era como se estivesse acariciando-o até o âmago. Ela daria a ele o mesmo sentimento?

Eu quero fazê-la gozar. Ele deu um leve estremecimento.

O cheiro do orgasmo de uma mulher era altamente inebriante, mas e se fosse *dela*? Ele já adorava o aroma natural dela, mas e se fosse apimentado assim?

E saber que ele a faria se sentir tão bem que ela desse a ele? Que ele a agradava?

Ela nunca vai me aceitar.

Por que ela faria isso quando tinha homens humanos a menos de algumas horas de caminhada de sua casa?

Não havia nenhuma razão para ela desejá-lo, querê-lo, como ele a desejava. Ele era considerado um monstro – um monstro feio, ele tinha ouvido. Seu rosto era um presságio de morte para sua espécie.

No entanto, ela se desnudando assim para ele, com a perna esquerda ainda aberta, parecia um convite.

Ele queria que fosse, mas quase não teve contato com humanos. Ele não conhecia seus costumes; ele não sabia o que as ações dela significavam.

Isso poderia ser apenas uma parte do jogo que eles acabaram de jogar.

Mayumi estremeceu um pouco e olhou por cima do ombro. As chamas da lareira estavam morrendo porque não recebiam combustível adicional há algum tempo.

Ela se virou para conseguir mais madeira. Em suas malditas mãos e joelhos diante dele, sua bunda estava alta enquanto ela mergulhava seu peito para frente. Ele viu... tudo.

As bochechas de sua bunda estavam abertas, os lábios de sua boceta parcialmente abertos para revelar a pequena fenda, o pequeno anel de sua bunda.

Leve ela. Seu coração acelerou em seu ritmo até que era um tambor mortal. *Foda com ela até que ela grite o próprio nome que ela te deu.*

Faunus se inclinou para frente e lambeu seu focinho.

Encha-a até que ela inche com seu filhote.

Seu próprio pensamento o fez parar.

Isso não era possível. Mayumi era humana, ele era um Caminhante do Crepúsculo; eles não eram compatíveis, e ele sabia disso. Mas ele *poderia* torná-los compatíveis... se ele tomasse sua alma.

Ela nunca vai querer se relacionar comigo. Seu coração gaguejou em seu peito quando uma frieza solitária o apunhalou.

Enquanto ela apunhalava a lareira com um atizador, Faunus aproveitou a chance para fugir. Ele não sabia se ela ouviu seus passos, mas não se importou e nem se deu ao trabalho de pegar sua capa.

Ele precisava ir para fora. Ele precisava ficar longe dela antes que fizesse algo tolo e arruinasse qualquer companhia que eles tivessem atualmente. Uma que eles tinham acabado de começar.

A nevasca não foi agradável. Era quase impossível até mesmo para ele ver um metro de profundidade, e estava frio.

Estava muito frio lá fora para aliviar sua dor. Ele temia que seu lubrificante começasse a congelar no momento em que liberasse seu pênis. Além disso... Mayumi pegá-lo puxando-o desesperadamente em sua varanda era a última coisa que ele queria experimentar.

Faunus mudou para sua forma monstruosa, grato por seus tentáculos ainda o protegerem, e se enrolou em uma bola ao redor dele para mantê-lo aquecido.

Como uma forma ofegante, carente e trêmula, Faunus observava a tempestade, sua visão piscando entre um roxo profundo e uma cor azul devoradora.

Eu a quero tanto que dói.

CAPÍTULO 12

Quando Mayumi ouviu os passos pesados de Faunus batendo no chão de madeira, ela olhou por cima do ombro. Uma onda de ar frio enviou uma rajada de flocos de neve para dentro quando ele abriu a porta, mas ela não disse nada nem tentou detê-lo quando ele saiu.

Decepcionante, ela pensou, recostando-se para sentar-se em seus pés e observar os novos gravetos que ela colocou no fogo ganharem vida.

A quantidade de esforço que ela precisou para perder aquele último jogo quase falhou com ela. Felizmente ela era uma jogadora melhor do que ele, o que significava que ela também era uma perdedora melhor.

Se ele fosse humano, saberia exatamente o que eu estava tentando fazer. Mas ele não era humano, era? Era exatamente por isso que ela gostava tanto dele.

Apesar de sua decepção, seus lábios se curvaram para trás para que ela pudesse sorrir para as chamas.

Só poderia haver duas razões pelas quais ele saiu. Uma delas era que ele sentia repulsa pelo corpo dela. A outra é que ele a desejava, mas estava fugindo de seus sentimentos.

Ela esperava que fosse o último.

Seu sorriso morreu quando ela desviou o olhar para baixo de seu corpo. Ela agarrou o que pôde de seu seio direito enquanto a beliscava mamilo duro com o polegar e o lado do dedo indicador, abafando um gemido com o quão sensível ele ficou.

Acho que nunca levei em consideração que ele poderia me achar pouco atraente porque sou humana. E se ele a achasse muito pequena? Muito delicada? Muito... carnuda?

Mayumi *nunca* foi insegura com seu corpo. Ela não se importava se as pessoas zombavam de sua altura robusta. Ela costumava ser assediada porque seu corpo era musculoso quando usava uma camiseta ou tubo durante o treinamento.

Os homens haviam dito a ela que ela não era feminina. Que seu peito pequeno e quase achatado não despertava desejo. Eles queriam

alguém com curvas em vez de seu corpo esguio e viril - como eles colocaram de forma tão rude.

Mayumi nunca tinha sido insegura sobre seu corpo... até este exato momento, encarando a possibilidade de que Faunus tivesse partido como uma rejeição.

Poderia ser porque ela era humana ou porque ele era como homens humanos que queriam algo mais feminino?

Mayumi caiu para trás para se deitar contra o chão, jogando o braço sobre o rosto. *Imagine como seria humilhante se eu fosse rejeitada por um Caminhante do Crepúsculo.*

Ela ergueu a mão para olhá-la acima do rosto. *Mas eu realmente quero transar com ele. O que diabos devo fazer agora?*

Essa mão desceu por seu corpo para que ela pudesse passar as pontas dos dedos por suas dobras, encontrando-as escorregadias e inchadas de desejo. Ela ergueu os dedos para observá-los pairando sobre seu rosto, examinando o líquido que havia coletado.

Ele tem um olfato impecável. Ela esfregou o polegar sobre o indicador e o dedo médio para mover seu gozo. *Talvez o cheiro de mim sendo excitada fosse desagradável para ele?*

Ela os abaixou e cheirou, concluindo que ela cheirava muito bem - como qualquer outra mulher com tesão.

Tê-lo olhando para seu corpo enquanto ela estava nua diante dele tinha sido excepcionalmente excitante. Ela quase considerou se tocar bem na frente dele só para ver o que ele faria.

Sua mão caiu para o lado para bater no chão.

Eu preciso de uma porra de uma bebida.

Ela olhou para as garrafas de Sono de Marianna que tinha na mesa de jantar.

Ficando de quatro, ela se levantou. Ela não pegou uma garrafa, apenas porque Faunus disse que não gostou do cheiro de álcool nela. Ela estava tentando seduzi-lo, então isso obviamente iria contra tudo o que ela estava tentando fazer.

Mayumi entrou no depósito e pegou seu futon. Ela o desenrolou antes de pegar seus cobertores de inverno e dois travesseiros, um para descansar a cabeça e o outro para acariciar.

Então ela olhou para as chamas ao seu lado, desejando dormir, mas sabendo que seria uma batalha. Ela estava com tesão, desapontada e um pouco triste por causa de seus próprios pensamentos turbulentos.

Tenho medo de me aproximar de alguém, mas odeio ficar sozinha. A presença de Faunus aliviou seu desejo por uma companhia, mas também a fez perceber o quão solitária ela se sentia.

Nos últimos seis meses, beber e se manter ocupada foram seus únicos amigos de verdade. *Mas não posso afogar meus demônios; eles sabem nadar.*

Mayumi se arrependeu de seu passado. Arrependimentos que se recusaram a permitir-lhe uma boa noite de sono. *Eu estou tão cansada.*

A tempestade estava estranhamente acalmando seus sentidos, mas pouco ajudou a ajudá-la a ter um sono completo. Em vez disso, foi intermitente e ela desistiu no final da manhã.

Ela gemeu quando se sentou e segurou a testa.

Eu me sinto de ressaca. Sua cabeça latejava.

Ela colocou os braços sobre a cabeça e se espreguiçou antes de torcer o pescoço para um lado e depois para o outro. Ela voltou o olhar para o janela para ver a tempestade de neve ainda era tão prevalente quanto no dia anterior.

Vou ter que tirar muita neve com a pá assim que terminar. Ela não estava ansiosa por isso. Ela odiava fazer isso. *Vou pedir a Faunus para fazer isso.*

Perfeito.

Por hoje, porém, vou pedir a ele que me ajude a consertar o sótão.

Lenta para se levantar e se mover, Mayumi vestiu seu roupão marrom e saiu para encher um balde com neve para que ela pudesse derretê-la para beber e tomar banho.

Faunus estava encolhido em um canto, e pela escuridão de seus orbes, ela sabia que ele estava dormindo. Ela ficou surpresa por ele não ter acordado ao ouvir seus movimentos, mas imaginou que ele tinha ficado acordado a noite toda para vigiar os Demônios.

Talvez seja por isso que ele saiu?

Ele pegou aquele fio de pensamento e o puxou para se salvar de outros pensamentos sombrios que podem querer persistir.

Um gemido suave dele fez com que ela franzisse as sobrancelhas e seu corpo se aproximasse um pouco mais. Seus membros se contraíram descontroladamente, como se ele estivesse tentando fugir do que quer que o estivesse perseguindo em seus sonhos.

Ele está... tendo um pesadelo? Mayumi balançou a cabeça. *Claro que não. Ele é um Caminhante do Crepúsculo. Do que ele poderia ter medo?*

Ela voltou para dentro sem perturbá-lo. Sua pequena roupa a fazia tremer com o frio gelado, e ela queria escapar disso.

Enquanto o chá fervia, ela fez sua rotina habitual de limpar o corpo e vestir-se para o clima.

A tempestade tornava impossível saber realmente que horas eram, mas ela imaginou que fosse meio-dia. Uma vez que ela terminou seu chá de menta enquanto comia o brunch, ela saiu para que pudesse irritar o Caminhante do Crepúsculo para dar sua atenção.

Ele não estava mais na varanda e, quando ela investigou o quintal, não conseguiu encontrá-lo.

— Faunus? — ela chamou.

Não me diga que ele foi embora...

Um suspiro de alívio escapou de seus lábios quando ele saiu para o lado.

— *O que foi, Mayumi?* — ele perguntou do meio da clareira. Ele não se aproximou.

— Só estava me perguntando onde você estava. Eu preciso de ajuda com alguma coisa.

Ele não respondeu imediatamente. Ela pensou ter visto seus orbes brancos piscarem momentaneamente, mas isso pode ter sido um truque de seus olhos por causa do pó fofo caindo ao redor dele.

— *Acho que ouvi um Demônio por perto* — disse ele. — *É difícil ouvir e cheirar durante a tempestade. Ficarei do lado de fora até ter certeza de que é seguro.*

Mayumi abriu a boca para argumentar, mas logo fechou a boca. Sem responder, ela entrou para vestir seu casaco mais grosso.

Então ela voltou e entrou na tempestade.

– *O que você está fazendo?* – ele perguntou enquanto seguia a uma grande distância. Surpreendentemente, seus orbes permaneceram amarelos normais, como se ele não estivesse preocupado. – *Eu disse que pode haver um Demônio.*

Ela deu de ombros, observando seu equilíbrio enquanto suas pernas afundavam quase até a parte inferior das coxas. Não havia razão para não acreditar que pudesse haver um Demônio, mas ela não se importava particularmente.

– Não vou conseguir ficar parada lá dentro. O pior da nevasca passou, mas provavelmente teremos uma tempestade de neve contínua que vai durar. Elas são chatas. – Ela foi até o galpão e o abriu para pegar um martelo e mais pregos. – O sótão precisa ser consertado, e posso muito bem fazer isso hoje.

Ela também pegou algumas tábuas de madeira que haviam sido armazenadas por esse motivo. Ela as obteve durante uma de suas viagens ao Posto Avançado de Colt, mas ainda não havia feito nada com elas.

Ela voltou por onde veio para ter mais facilidade ao chapinhar na neve. Durante todo o tempo, Faunus a seguiu.

– Você pode entrar quando ver que é seguro, – Mayumi ofereceu quando ela subiu na varanda.

Ela fez o possível para limpar a neve da roupa antes de tirar as botas e entrar.

Faunus nunca o fez.

O que restou do dia foi gasto coberto de poeira e espirros enquanto ela limpava o sótão. Em seguida, ela começou a trabalhar pregando a madeira ou removendo as tábuas que estavam muito danificadas. Ela substituiu o que pôde antes de inspecionar o telhado por dentro.

Havia uma área que estava desmoronando. Ela tinha certeza de que o peso em cima de sua casa estava piorando, mas não havia nada que pudesse fazer para consertá-lo até que a neve parasse.

Ela precisaria da ajuda de Faunus com isso. Ela pode até precisar criar uma nova viga de suporte, o que exigiria um dos galhos

mais longos e grossos das árvores que ela pediu para trazer para cá.

Era tarde da noite quando ela terminou.

Ela limpou sua casa para se manter ocupada - exceto pelo depósito superlotado. Ela não tinha vontade de cavar no passado para descobrir o que precisava ser jogado fora ou não.

Ela também preparou uma sopa grande que duraria alguns dias, desejando ter caçado antes que a tempestade chegasse para poder comer carne. O inverno era uma boa caixa de gelo.

Quando já era tarde da noite, ela se viu muito cansada, sobrecarregada de trabalho e ainda muito sozinha.

Demônio, minha bunda, ela resmungou com um beicinho, batendo na lareira com seu atizador. *Ele só não queria passar tempo comigo hoje.*

Desde que ele aprendeu gamão com tanta facilidade, ela esperava que ela pudesse ensiná-lo xadrez. Era um jogo de estratégia popular, frequentemente jogado no Espinheiro, já que ninguém sabia o que era shogi. *Suínos não cultivados.*

Se ele aprendesse xadrez bem, ela planejou fazê-lo aprender a jogar. Seu pai foi a última pessoa com quem ela jogou, e essa foi uma das poucas boas lembranças que ela teve dele.

Venha jogar comigo, gatinha. Ela esfaqueou a tora em chamas em aborrecimento.

Então seus olhos caíram no espaço vazio ao lado da lareira. Ela havia se esquecido de pegar mais lenha para queimar, mas isso significava que ela precisaria sair e cortá-la sozinha enquanto lutava contra a tempestade. As árvores provavelmente estavam parcialmente enterradas agora também, e já era tarde da noite. Seria impossível fazer agora porque ela não seria capaz de ver.

Faunus não estava por perto para ela pedir para ele fazer isso. Ou talvez ele estivesse, mas ela se recusou a chamá-lo.

Ela não ia agir como uma criança fungando exigindo atenção. Ela sabia jogar sozinha - fazia isso há meses, ainda mais quando era jovem.

Espero que esta tempestade passe logo, ela pensou enquanto desenrolava a roupa de cama e se deitava.

Ela adormeceu facilmente por estar exausta, mas acabou acordando no meio da noite tremendo. O último fogo havia diminuído o suficiente para não aquecer mais a casa.

Mayumi se envolveu o melhor que pôde para aguentar. Inútil, realmente. Seus cobertores acabaram fazendo com que ela sentisse ainda mais frio. Ela lutou contra o frio, mas achou inútil.

Dane-se isso.

Ela jogou o cobertor e usou um fósforo para acender a lanterna interna. Com a luz fraca, ela foi até o depósito em busca de sua túnica de mangas compridas e algumas roupas íntimas. Ela também vestiu seu roupão e um casaco, mas nada que ela vestisse iria protegê-la da temperatura abaixo de zero que ela estava prestes a se expor.

Sem calça e sentindo as pernas formigando com terríveis arrepios, ela foi direto para o Caminhante do Crepúsculo que ela podia ver enrolado no canto.

Seus calafrios eram violentos e a deixavam vacilante e instável em seus pés.

Ela viu seus orbes brilharem amarelos antes de chutá-lo gentilmente. Era óbvio que ele não estava dormindo profundamente – se é que estava dormindo.

– E-Ei e-você – ela chiou por entre os dentes batendo. – Acorde.

Porra. Está tão frio aqui fora! Ela dobrou o braço sem segurar a lanterna para poder enfiar a mão gelada sob a axila.

– *O que está errado?* – ele perguntou antes de apalpar seu rosto. Então seus orbes ficaram brancos antes que ele levantasse a cabeça. – *Aconteceu alguma coisa? Por que você está aqui fora no meio da noite?*

– E-eu não tenho nenhuma lenha. Estou congelando.

Faunus imediatamente ficou de quatro, revelando a ela que ele estava em sua forma mais animalasca. Sua voz deveria tê-lo delatado, mas estava muito escuro para ver direito, e ela não estava prestando atenção.

– *Vou te cortar um pouco mais,* – ele disse, suas orbes permanecendo brancas como se estivessem preocupadas. – *Você vai*

ficar doente se ficar com frio.

— Isso v-vai demorar muito, — ela argumentou. — V-você pode apenas e-entrar e me manter quente?

Mayumi sabia desde quando eles estavam limpando as calhas juntos que ele era deliciosamente quente. Ela foi capaz de sentir seu calor do corpo avassalador mesmo através de suas calças de couro quando ela estava sentada em seus ombros.

Faunus deu um passo cauteloso para trás.

— *Ir para dentro e aquecer você?* — Ele abaixou a cabeça enquanto a torcia levemente. — *Você quer dizer... segurar você?*

— Por favor? — ela implorou. — Eu n-não estaria aqui perguntando se não fosse s-sério.

Claro, havia uma sensação de segundas intenções. Ela poderia ser paciente e esperar que ele rapidamente conseguisse um pouco de lenha, mas esta parecia uma opção mais rápida.

Ela também queria *muito* se aconchegar com ele.

Ela queria ser banhada em seu calor, coberta em seu pelo macio na forma em que ele estava, segurando-o enquanto tomava seu delicioso aroma de capim-limão e limão. Parecia o céu.

Que melhor maneira de se manter aquecida?

Graças aos Deuses ele não veio aqui no verão. Ela adorava o calor, mas a ideia de suar em cima dele não parecia atraente ou sexy.

Faunus demorou muito para responder, e seus joelhos bateram juntos o tempo todo. Ela pensou que ele iria rejeitá-la. Justamente quando os pés dela estavam ficando doloridos, ele deu um passo à frente e gentilmente bateu no ombro dela com um de seus chifres de carneiro – o lado bom.

— *Para dentro, humana. Farei o que você pediu.* — Ele esbarrou nela novamente para dirigi-la. — *Rápido, antes que você congele.*

Mayumi correu para sua casa.

Ela puxou o cobertor da cama enquanto ele entrava lentamente, tendo que empurrar seu grande corpo pela porta enquanto se torcia. Ela gesticulou para o colchão do futon para ele deitar nele. Era muito pequeno para ele, mas ela achou melhor que ele se deitasse sobre ela, para que nenhuma parte de seu corpo tocasse o solo amargo.

O chão embaixo da casa estaria frio, fazendo com que o piso parecesse gelo.

— *Como você quer que eu a segure?* — ele perguntou enquanto se aproximava e inclinava a cabeça para o futon com seus olhos amarelos escuros.

— E-Em uma bola, eu a-acho? — ela perguntou enquanto tirava o roupão e o casaco, ficando apenas de camisa e calcinha para que ele pudesse aquecê-la mais facilmente.

Faunus se enrolou com o ombro apoiado no travesseiro dela. Mayumi não hesitou em rastejar direto para cima dele para deitar com as costas apoiadas nas patas traseiras dele, então ela estava de frente para ele. O calor a envolveu em três lados, e ela colocou o cobertor em cima dela para ajudar a protegê-la ainda mais.

Demorou um pouco para ela parar de tremer, para Mayumi recuperar a sensação em suas extremidades, mas quando ela o fez, ela deu um suspiro feliz.

— Obrigada. Isso é muito melhor, — ela disse com toda a gratidão e um tom de humor em sua voz. — Eu realmente deveria ter conseguido mais madeira quando sabia que estava acabando.

— *Por que não?* — Não havia suspeita em seu tom.

— Fiquei cansada depois de fazer o sótão e não queria muito enfrentar a tempestade.

A verdade é que... ela era teimosa como um boi quando algo a fazia voltar. Era uma falha que ela sabia que precisava trabalhar, mas se recusava. Ninguém era perfeito, e contanto que ela não machucasse ninguém, ela não via por que importava tanto que ela mudasse.

Mayumi estava ciente de que essa era uma mentalidade teimosa de se ter. Ela preferia se chamar de obstinada, pois era um atributo muito mais positivo.

— *Você poderia ter me pedido para fazer isso.* — Desta vez, sua voz era mais sombria, profunda e cheia de um toque de desagrado.

Sua voz era sempre pecaminosamente retumbante e áspera, mas quando ele estava nesta forma mais bestial, era um crime para seus sentidos depravados.

Ele poderia contar uma história para ela dormir, e ela pensou

que estaria encharcada no final.

Em resposta, Mayumi deu de ombros antes de virar para o lado. Ela se enrolou nele e se aconchegou descaradamente em seu abdômen parcialmente exposto.

— Seu pelo é realmente macio, — ela murmurou grogue, sua energia diminuindo rapidamente por ser reconfortantemente aquecida. — E você cheira muito bem.

Por que eu tenho que gostar de tudo nele?

Seu rosto profano que era como uma divindade da morte. Seus orbes brilhantes que giravam e eram mais bonitos à noite. Sua altura assustadora que a fazia se sentir verdadeiramente pequena e feminina, quando normalmente ela se sentia como um ogro pisando duro. Seu corpo volumoso e musculoso que ela podia sentir agora como um grande travesseiro.

Seu cheiro. Sua voz rica. Até mesmo o som de sua respiração ofegante fazia seus ouvidos formigarem.

Ele era muito bonito para ser mantido escondido no escuro.

— *Eu cheiro?* — Havia um toque de curiosidade e surpresa em seu tom. Ela pensou que poderia tê-lo sentido se mover para cheirar o próprio braço, mas seus olhos já estavam fechados. Ela estava divagando. — *Você gosta do meu cheiro?* — ele perguntou, como se realmente quisesse uma confirmação. — *Mayumi?*

Apesar de seu cansaço, ela podia sentir a excitação suavizando seus músculos enquanto forçava outras partes dela a ficarem inchadas ou duras – como sua boceta e mamilos.

Ela só confirmou suas perguntas mentalmente quando pretendia verbalmente. Mayumi desmaiou antes que ela percebesse.

CAPÍTULO 13

Mayumi gemeu enquanto enterrava o rosto contra o cheiro que atualmente estava incendiando seu corpo.

Ela sabia quando suas pálpebras se abriram que ela estava deitada de bruços em seu colchão sozinha. Também não estava tão quente quanto *antes*.

Onde ele foi? Faunus havia saído de sua cama.

Ela esfregou o rosto contra o perfume persistente de capim-limão e limão antes de apenas morder o lençol, querendo desesperadamente prová-lo. Seus mamilos raspavam dentro de sua camisa enquanto seus seios escorregavam contra o colchão quando ela levantava os quadris. Ela deslizou a mão pelo corpo.

Descansando em uma bochecha, ela verificou ao redor do cômodo mal iluminado, a manhã tão cedo que estava apenas clareando. Também não havia nenhum Faunus dentro de sua casa.

Ela não achava que teria se importado se ele estivesse lá para ver o que ela estava prestes a fazer.

Ela notou que havia um pedaço bárbaro e quebrado de galho na lareira e que ele conseguiu acendê-lo. As chamas eram pequenas, mas a pouparam apenas do calor suficiente para impedi-la de tremer.

De qualquer maneira, sua pele estava muito vermelha. Ela se sentiu aquecida e desconfortável em sua própria carne, e apenas um mero toque em seu clitóris latejante a informou que ela estava transbordando de umidade.

Mayumi não se lembrava do que estava sonhando, mas não era difícil adivinhar. Suas sobrancelhas se enrugaram em angústia. *Eu quero tanto que ele me toque.*

Ela não se masturbava há dias, desde a chegada dele, para ser exata. Tinha sido um ritual diário antes disso, mas ela estava construindo sua própria expectativa na esperança de que ele a aliviasse.

Eu não posso esperar mais. Ela precisava de liberação.

Ainda mordendo o lençol, Mayumi abaixou os dedos e enfiou dois dentro de si. Ela deu um gemido profundo antes de retirá-los para

que pudesse usar seus dedos encharcados para deslizar sobre seu clitóris sensível com facilidade.

Sua visão se dividiu em duas no momento em que ela começou a circulá-lo com uma pressão firme.

Tremendo de necessidade, as entranhas de Mayumi estremeceram quando ela pressionou da maneira certa, fazendo com que uma de suas pernas chutasse antes de se apoiar contra a mão.

Seus dedos são tão longos e grossos. Aposto que eles iriam muito fundo dentro de mim. Ela adoraria segurar as costas de sua mão cheia de veias enquanto ele as bombeava dentro dela.

Sua língua era de uma suave cor violeta. Ela se perguntou como seria acariciar seu clitóris ou afundar dentro dela. A de um humano não poderia chegar longe, mas ela imaginou que ele seria capaz de atingir uma profundidade maravilhosa com ela.

Porra, Faunus. Mayumi rolou de costas quando precisou de mais liberdade para se mover. *O que devo fazer para que você brinque comigo?*

Mayumi mergulhou a mão livre em sua boceta e enfiou dois dedos dentro de seu núcleo. Então ela o trouxe para cima e expôs um de seus seios para que pudesse deslizar seus dedos molhados contra um mamilo dolorido. Ela imaginou que era a língua dele.

Desta vez, sua mão direita deslizou para dentro para que ela pudesse começar a bombeá-la. Suas costas se curvaram enquanto sua cabeça se inclinava, um gemido saindo de seus lábios.

Eu preciso vir. Eu quero tanto.

Ela puxou o cobertor para mais perto e enterrou o rosto contra ele para que pudesse respirar o cheiro inebriante capturado nele.

Cheira tão bem. Por que ele tem que cheirar a capim-limão? Por que ele tem que cheirar como minha erva favorita? Ela foi pega comendo no jardim quando era mais jovem. Ela foi pega dormindo nela.

Ela era como um maldito gato miando na erva-dos-gatos.

A excitação estava crescendo dentro de Mayumi desde o momento em que ela colocou os olhos nele pela primeira vez - a noite em que ela quase o acertou com sua flecha. Ela ansiava por aquele Caminhante do Crepúsculo.

Ela não se importava por quê. Ela não se importava que fosse errado. Ele era lindo exatamente como era... com sua caveira profana de Deus da floresta e chifres curvos. Seu corpo grande, musculoso, largo e comprido, coberto de pelos.

E aquelas presas e garras. Mayumi estremeceu, seu orgasmo muito atrasado e iminente.

Ela estava prestes a ser arranhada e mordida, e não teve vergonha de retribuir o favor. *Ele gostaria se eu o mordesse?*

Ela afundaria os dentes nele para que ele não pudesse fugir.

Mayumi mordeu o cobertor com mais força, sua mandíbula doendo para sentir a pressão de sua própria mordida.

Só um pouco mais, sua mente sussurrou, sua boceta apertando seus dedos em preparação. Suas pálpebras piscaram bem quando ela estava no auge, e suas bochechas coraram. Suas entranhas se apertaram. *Quase lá.*

Um vento frio roçou sua pele aquecida, causando instantaneamente arrepios.

Foda-se, ela amaldiçoou mentalmente quando viu através de seus joelhos largos e separados que a porta havia sido aberta. *Achei que ele não voltaria para dentro.*

Porque lá estava ela agora... pega em flagrante com o indicador e o dedo médio da mão direita enfiados na própria boceta, enquanto a outra apertava seu seio.

Em sua forma mais humanóide, Faunus estava se abaixando pelo batente da porta para limpar sua altura, segurando várias toras de madeira em seus braços. Quando ele a viu, ele congelou.

Ela raramente via sua boca se abrir, já que ele não a usava para falar, mas ela assistiu sua mandíbula cair como se estivesse ameaçando cair.

Mayumi tinha duas escolhas.

A autopreservação era dizer a ele para sair e se cobrir, mas ela duvidava que fosse capaz de terminar se o fizesse. Seria embaraçoso ser pega. Isso também lhe daria a impressão errada; que ela não o desejava.

Ela foi com sua segunda opção.

Mordendo a língua, Mayumi manteve os olhos firmemente em seus orbes amarelos brilhantes, puxou os dedos para trás... e então lentamente os empurrou de volta para dentro.

Seus orbes se transformaram em roxo brilhante tão rápido que a deixou apertada. *Eles significam algo bom? É desejo?* Ela o estava seduzindo?

Eles estavam dessa cor na outra noite, quando ela estava nua diante dele.

Quando Mayumi roçou seu ponto mais terno e prazeroso, uma parte de suas inibições morreu. Sua incerteza e preocupação se dissiparam enquanto ela cavava com mais força contra ele.

Ela estava se masturbando na frente dele e sendo observada estava deixando-a ainda mais molhada. Ela nem se incomodou que ele estivesse no caminho da porta fechando e deixando o ar frio entrar.

Ele não vai embora. Ele não estava fugindo, embora os dedos dela estivessem se movendo, embora ela estivesse se fodendo com eles bem diante de seus olhos. *Ele fugiria se não quisesse testemunhar isso... certo?*

A falta de carne em seu rosto tornava impossível saber o que ele estava sentindo.

— Você sabe o que é sexo, Faunus? — ela perguntou, sua voz tão rouca que ela se preocupou que ele não tivesse ouvido. Deuses, parecia tão pateticamente obsceno para seus *próprios* ouvidos.

— Sim — ele respondeu, sua voz ainda mais grave do que o habitual.

Sua respiração engatou quando suas paredes internas apertaram em torno de seus dedos.

— Então, você sabe o que estou fazendo? — Ela começou a bombear os dedos um pouco mais devagar, mas de forma mais sensual, tornando-o óbvio para ele.

Ela agarrou as toras em seus braços com mais força até o ponto em que a casca se desprende de suas garras.

— *Sim,* — ele ralou ainda mais fundo, seus orbes ficando mais brilhantes.

Ela desviou o olhar sobre ele, desde os chifres curvados até os

dedos das patas e pés humanos. Eles se acomodaram em seu rabo enrolado por apenas um momento antes que ela lançasse seu olhar de volta para seu crânio felino.

Sua frequência cardíaca aumentou. Ela estava prestes a ousar e descobrir se Faunus estava interessado ou não. Ela estava cansada de brincar de gato e rato - sendo ela o predador perseguidor.

Ela sempre foi impaciente, e mesmo esses poucos dias de espera foram... cansativos.

— Você gostaria de me ajudar, Faunus? — Mayumi deslizou os dedos para fora para que ele pudesse ver sua boceta, ver que estava molhada e que ela a esticou um pouco. Ela até abriu ligeiramente a entrada com a ponta dos dedos. — Eu gostaria que você fizesse.

Faunus *deixou cair* as toras que estava segurando, e elas bateram no chão quando ele passou por cima delas. Não houve hesitação, nem mesmo um segundo. Ele foi direto para ela, quase tropeçando em seus pés em sua pressa, como se ele pensasse que ela mudaria de ideia se ele não fosse rápido o suficiente.

Ela observou a porta se fechar suavemente atrás dele antes de lhe dar um sorriso convidativo.

CAPÍTULO 14

Mayumi estava de costas, pernas abertas, os dedos dentro de sua boceta, e pedindo a *Faunus* para assumir o controle. Ele não conseguia mover seus pés rápido o suficiente, apesar de cruzar a sala em apenas alguns passos largos.

Seu coração nunca tinha batido tão irregularmente antes, e ele jurou que acelerou ainda mais quando ela sorriu para ele. Seus lábios tinham uma curva travessa para eles, e o brilho em seus olhos prometia coisas perversas não ditas.

E aqueles dedos travessos ainda se moviam como se ela estivesse chamando-o para mais perto, empurrando-os para dentro de si mesma.

Mesmo que fosse um truque ou algum tipo de estratégia perigosa, *Faunus* sabia que teria feito qualquer coisa para chegar até ela naquele momento.

Ele teria pegado uma flecha, qualquer lâmina, ou até mesmo sido ameaçado com fogo, e *Faunus* teria ignorado. Ele teria atacado qualquer coisa que estivesse em seu caminho para fazer isso, um humano, um Demônio, outro Caminhante do Crepúsculo, uma pobre mesa desavisada.

Como se ela fosse sua destruição, ele caiu diante dela de joelhos, ambos batendo contra a madeira antes de suas mãos *baterem* em seus ombros. Ele perfurou o colchão que ela estava deitada com suas garras.

O aroma no ar era forte desde a porta, mas agora era sufocante. *Faunus* começou a ofegar para ela, suas presas se separando enquanto ele lutava para respirar estando tão perto daquele doce aroma de excitação.

Com os olhos grudados nas órbitas dele, ela mordeu o lábio inferior. Ele podia dizer pelo som do esmagamento que veio entre eles que os dedos dela haviam aumentado o ritmo.

Seu rosto e peito estavam corados de um *lindo* rosa. Ela parecia tão aquecida, como se estivesse queimando de dentro para fora.

Merda, ele amaldiçoou quando sentiu seus tentáculos se

contorcendo rapidamente para capturar seu pênis e impedi-lo de sair.
Eu não acho que posso fazer isso enquanto permaneço calmo.

Ele já estava lutando contra seu próprio corpo, e ainda não tinha começado a tocá-la.

Que não *iria* impedi-lo.

Ela estava oferecendo a ele algo que ele sempre quis e nunca pensou ser possível. Ele tocaria esta pequena humana mesmo que fosse a última coisa que ele fizesse.

Um gemido oculto saiu de seus lábios. Isso fez com que seus orbes escurecessem momentaneamente para que ele pudesse saborear aquele som melódico.

Quando ele notou que os dedos dela pararam de se mover e estavam escorregando dela, ele não pôde conter o rosnado ameaçador que explodiu dele.

— Não pare, — ele exigiu.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Mas eu pensei que você fosse me tocar.

Ele estava tão excitado com o que acabara de testemunhar que nem teve a decência de se sentir envergonhado com suas próximas palavras.

— Eu nunca fiz isso antes, — ele admitiu, sua voz rouca e tensa.

— Eu quero que você me mostre onde você gosta de ser tocada primeiro.

— Você disse que sabia o que era sexo, o que eu estava fazendo.

— Sua carranca se aprofundou. — Como isso é possível se você nunca fez isso antes?

Incapaz de resistir à tentadora criatura abaixo dele, Faunus levantou a mão para que pudesse passar as costas de seus dedos e garras sob sua mandíbula. Apenas o menor toque foi maravilhoso. O tempo todo, ele deu uma risada profunda.

— Porque eu tenho observado vocês, humanos, saboreando, tocando e fodendo por anos.

Quando ela estremeceu e inclinou a cabeça para o lado sob seu toque quase inocente, Faunus virou a mão e passou a garra indicadora pelo lado do pescoço dela. Arrepios surgiram em sua pele desta vez

quando ela deu a ele um pequeno grito.

O fato de ter sido ele quem provocou um som tão maravilhoso fez seu estômago apertar.

— Então eu serei a sua primeira? — A maneira como ela perguntou, toda suave e ofegante, o fez pensar que ela poderia estar animada com essa perspectiva.

— Sim, você será minha primeira.

E a minha última, ele pensou.

Porque Faunus sabia que não haveria outra mulher para ele além de Mayumi. Mesmo que ela o convencesse a ir embora, a interromper seu autoproclamado dever de protegê-la, ele a escolhera.

Ela era a noiva que ele queria - embora totalmente inatingível.

— *Foda-se*, Faunus, — ela murmurou antes de sua mão começar a se mover novamente.

Ele olhou para baixo para observá-la descaradamente.

Ele estava grato por ter pedido a ela para continuar, porque ele nunca tinha estado tão perto antes. Ele tinha visto o básico. Ele tinha testemunhado homens movendo suas mãos ao redor da boceta de uma mulher, mas ele nunca tinha realmente visto o que eles estavam fazendo.

Mayumi mostrou-lhe tudo.

Ela mostrou a ele como acariciar seu pequeno clitóris, subindo e descendo e depois pressionando enquanto andava em círculo. Quando os dedos dela mergulhados de volta para dentro, ele notou que ela não apenas empurrava para dentro e para fora. Às vezes ela permanecia profunda, e ele podia dizer pelas juntas de seus dedos que ela os estava movendo para dentro. Às vezes juntos, às vezes individualmente.

— Eu queria que você me tocasse na outra noite.

Ela queria? Ele nunca esteve tão irritado consigo mesmo em toda a sua vida!

— Eu pensei que você não queria quando você saiu.

— Como eu deveria saber que você queria isso de mim? — ele resmungou em resposta, sua visão nunca deixando seus dedos em movimento ou suas dobras.

— Eu fui bastante óbvia, — ela brincou, suas pálpebras piscando no que ele pensou que poderia ser nervosismo.

Ela precisava dar a ele alguma margem de manobra aqui. Como ele deveria saber quando uma mulher humana estava tentando fazer um homem tocá-la? *Ele*, um Caminhante do Crepúsculo, nada menos?

No entanto, algo o estava deixando curioso o suficiente para que ele não respondesse. O cheiro que vinha de entre as coxas dela era forte, mas ele *jurou* que estava bem na frente de seu nariz, a apenas alguns milímetros de distância — o que deveria ser impossível.

Com cheiradas rápidas, ele seguiu o fio e chegou ao seio esquerdo.

Está molhado. Seu mamilo esquerdo brilhou quando ele pôde ver que o outro estava seco, embora ambos estivessem duros. *Ela se tocou e depois cobriu o seio com isso?*

Embora ele pretendesse esperar para tocá-la até que ela viesse, ele não pôde deixar de cheirar ainda mais perto, virando a cabeça. Então ele separou ainda mais suas presas e deslizou sua língua por seu pequeno seio.

O que tocou sua língua foi o paraíso tangível e comestível.

— Oh! — ela gemeu, seu peito se curvando como se ela quisesse que ele pressionasse com mais força.

Seu pelo estava arrepiado do pescoço à cauda, assim como seus espinhos.

Faunus começou a lamber seu seio, tentando de tudo para provar aquele doce néctar em sua língua novamente. *Mais. Eu preciso de mais disso.*

Em vez disso, ele apenas babava por toda a pele dela. Ele podia ver sua própria saliva escorrendo pela lateral. Ainda assim, ele caçou e procurou por mais com lambidas longas e planas.

— Eu esperava que sua língua fosse mais áspera, — ela murmurou.

Ele não sabia por que ela pensava isso, mas estava muito concentrado no que estava fazendo para responder.

Agora que ele finalmente instigou o contato real, sua mão

direita se ergueu para que ele pudesse envolvê-la ao redor de sua cabeça e pescoço. Seu polegar roçou sua bochecha antes de acariciá-la para baixo para esfregar seu ombro, seu braço, até mesmo seu sexy cotovelo pontudo.

Então ele virou a cabeça para poder ir para o outro seio, mas não lambeu este. Ele tinha visto homens chupá-los para atrair sua mulher. Ele nunca tinha ficado tão chateado por não ter nenhum tipo de lábios para brincar.

Ele começou a mordiscá-lo cuidadosamente com suas presas frontais menores. Sua respiração engatou várias vezes, e ele se perguntou se ela gostava da nitidez delas sacudindo o botão plano. Ele mordeu levemente um para beliscar.

— Por favor, Faunus. — Mayumi colocou as duas mãos nas laterais da cabeça dele e acariciou para baixo para poder levantá-la. Ela fez seu olhar encontrar o dela. — Eu quero que você me toque.

Um lado de seu crânio foi molhado, e sua excitação marcando seu rosto fez seu coração bater mais rápido em batidas selvagens. Ele lambeu suas presas, tentando desesperadamente roubá-la, para prová-la.

— Eu quero que você se obrigue a gozar.

Ela estreitou os olhos para ele. — Não.

— Não? — ele questionou em descrença.

Ele passou a mão explorando seu peito, da esquerda até a direita, acariciando ambos os mamilos. Suas costas se curvaram bruscamente.

— Eu não esperava que suas *mãos* fossem tão ásperas!

Pensando que a havia machucado, ele a afastou e olhou para os calos que tinha por andar sobre as mãos durante a maior parte de sua vida.

Com os lábios entreabertos por respirações rasas, ela exigiu severamente: — Faça de novo.

Seus orbes brilharam em um amarelo brilhante em total alegria, mostrando a profundidade de seu deleite antes de voltarem ao roxo. Começando de seu estômago, ele espalmou seu peito e sobre seu seio esquerdo.

Suas costas se curvaram novamente, desta vez sua cabeça inclinada junto com ela. Sua respiração engatou como se ele tivesse roubado de seu peito. Ele não podia acreditar que ela teve uma reação tão intensa por ele a espalmar!

— Por que você não vai vir para mim?

Ele golpeou para baixo, sentindo seu pequeno mamilo esquerdo se mover sob seu toque. Ele também abaixou a cabeça para poder lambar o mamilo direito que não estava acariciando.

Ele queria vê-la gozar enquanto ela estava olhando para ele. *Eu nunca fui o objeto do desejo de um humano*. Ela tinha sido o ponto central de muitos de seus próprios auto-toques, e ele, pela primeira vez, queria ser não apenas de qualquer humano, mas dela.

— Porque já passei muito tempo fazendo isso sozinha, — ela gemeu, inclinando a cabeça para frente para olhar para ele, o monstro a enjaulando.

Ela deu um arrepio de corpo inteiro em seus diferentes toques lúdicos.

Não foi preciso muito convencimento. Não quando Faunus lambeu seu focinho e o apontou para baixo para poder ver o vale de seus corpos separados.

Vê-la aberta para ele, pernas que não ofereceram resistência quando ele baixou a mão para poder espalhá-la lindamente suas coxas mais para o lado, ele sabia que queria sua língua naquelas dobras brilhantes.

— Só se você me deixar provar você, Mayumi.

Se ela queria que ele fosse o único a fazer seu orgasmo, então ele não daria a ela um centímetro neste argumento. Ele teria isso em sua língua. Ele estava *morrendo* de vontade.

O que havia em seu seio era uma provocação, um gosto escasso. Ele queria devorar seus sucos como se fossem saciar sua sede pelo resto de sua vida.

Uma bebida duradoura.

— Ok. Com uma condição. — A provocação, travessa, quase *riso* em sua voz o fez olhar para cima com preocupação. — Eu quero que você se deite.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente. — Por que?

Pelo que ele percebeu, ficar de quatro com ela nas costas seria muito mais fácil.

— Eu quero sentar na sua cara.

Faunus recuou e passou a mão no focinho curto.

— Eu não tenho um rosto para sentar, Mayumi.

Era feito de osso duro. Não seria confortável.

— Com certeza. — Ela se inclinou e começou a pressionar um lado do torso dele. — E eu tenho vontade desde o primeiro momento em que o vi.

O primeiro momento?

Ele se deixou cair para o lado, confiando em Mayumi e honestamente apenas dando a ela o que ela quisesse se isso significasse que ele poderia prová-la.

Ela puxou a camisa que estava em volta do pescoço para cima e sobre a cabeça para removê-la, deixando-se completamente nua para ele.

Faunus não tinha ideia do que deveria fazer quando ela passou a perna por cima de sua cabeça e montou sobre ele no alto de seu peito logo abaixo de sua garganta. Seu cabelo grosso caiu sobre os ombros e emoldurou seu rosto quando ela colocou as mãos no chão ao redor de sua cabeça. Ele tinha uma necessidade incômoda de tocar aqueles fios delicados.

— Vamos ver até onde essas suas grandes e assustadoras presas partem.

Oh. Compreensão surgiu sobre ele, e seu pênis deu um empurrão poderoso atrás de sua costura. Ele quase expulsou, mas conseguiu apertar os músculos da virilha a tempo de evitá-lo - mal.

O que ela quis dizer com sentar no rosto dele era realmente sentar *dentro* da boca dele.

Ele colocou suas grandes mãos sobre as coxas dela para segurá-las com força, então ele abaixou o queixo o máximo que pôde.

Antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, Faunus já a estava levantando de joelhos. Seu focinho era felino, então era mais curto do que a maioria dos outros crânios dos Caminhantes do Crepúsculo que ele tinha visto.

Ele estava grato por isso.

Mesmo que as coxas dela abraçassem os lados de seu crânio, ele foi capaz de caber embaixo dela para que tivesse espaço e pudesse ver, já que não a trouxe totalmente para dentro.

Ele estava hesitante em fazê-lo. Suas presas eram afiadas, e as quatro mais longas significavam que ela corria o risco de ser cortada se ele não tomasse cuidado.

E se eu a fizer sangrar? A ansiedade guerreava com seu desejo sufocante. *Eu... só preciso ter cuidado.* Porque agora que a fonte de seu aroma doce e excitante estava apenas a um toque de sua língua, ele sabia que nada iria impedi-lo de prová-la completamente.

Enquanto torcia levemente a cabeça, sua língua rolou da mesma maneira para que ele pudesse deslizar por cima dela, onde estavam suas papilas gustativas, daquela pequena e bonita fenda que ela abriu para ele até a protuberância dura de seu clitóris envolto por dentro de suas dobras.

– *Ngnhh!* – ele gemeu violentamente sobre a deliciosa mancha que revestia sua língua.

Ela soltou um gemido trêmulo, e sua mente ficou em branco.

Uma de suas mãos deslizou para sua bunda redonda para que ele pudesse agarrá-la, amassá-la, apenas segurar a porra da coisa perfeita, enquanto a outra foi para sua cintura para se certificar de que ela não poderia escapar dele. Ele tolamente puxou-a mais fundo em sua boca enquanto sua visão escurecia sob a pura euforia que estava experimentando apenas com sua desastrosa primeira incursão.

Faunus nem se importou que seu pênis tivesse deslizado além de sua costura para o comprimento de seus tentáculos que o protegiam. Ou que sentiu uma bolha pesada e espessa de pré-sêmen se espalhando dentro deles. Ou que trazê-la para mais perto poderia ser perigoso com suas afiadas presas felinas.

Não quando ele a abaixou ao mesmo tempo em que penetrava em seu buraco apertado com toda a língua, apenas para que ela pudesse saturá-lo completamente, aquecê-lo completamente e senti-lo completamente.

Sua mente derreteu debaixo dela.

Porra.

Seu cheiro sonolento de abóbora o deixou tonto a ponto de se perguntar se isso era o que os humanos experimentavam quando estavam 'bêbados'. Seu corpo ficou mais quente, sua mente tão atordoada que começou a empurrar sua língua sem pensar dentro de seu canal apertado e rechonchudo. Seus movimentos eram lânguidos, lambendo-a lentamente.

Sua carne apertou.

Minha língua está dentro dela. Um gemido vigoroso arranhou sua boca, cheia do gozo de Mayumi. *Porra, minha língua está dentro dela!*

Suas mãos pequenas, mas quentes, pressionaram o osso frio de seu rosto, e ele abriu a visão apenas o suficiente para ver que a cabeça dela havia caído para trás. Ela soltou um grito assombroso, que fez Faunus estremecer, perdido sob ela.

Tinha soado feliz. *Ela gostou disso.*

Era difícil tirar a língua dela por causa do quão fundo ela estava dentro de sua boca. Quando ele fez, ele acidentalmente sacudiu seu clitóris.

Sua cabeça caiu para a frente com os lábios entreabertos e os olhos bem abertos. Ele estremeceu quando as mãos dela se moveram contra seu rosto, tocando a rachadura ferida nele. Ela estava muito ocupada gemendo com os quadris se contorcendo como se quisessem se mover para perceber que ele agarrou a mão dela e a colocou no topo de seu focinho para ela segurar. Ele também redirecionou a outra mão dela para seu chifre de carneiro no lado bom.

Ele torceu sua língua contra suas dobras, deslizando entre elas e ao redor delas. Era confuso, não havia padrão ou razão para seus movimentos, mas era óbvio que ela gostava deles pela maneira como sua respiração ficava mais aguda a cada um. Seu corpo mergulhou. As coxas dela se moldaram ao redor do rosto dele como se quisessem terminar de quebrá-lo.

Ele a teria deixado. Ele teria morrido como um Caminhante do Crepúsculo feliz com a cabeça entre as coxas dela.

— Eu vou gozar, — ela sussurrou tão baixinho que até ele teve dificuldade em ouvir. — Vou gozar com tanta força.

Não sem sua maldita língua nela.

Ele a ergueu quando achou difícil deslizá-la de volta. No momento em que ele a espetou com ela, suas paredes internas se prenderam confortavelmente nele.

— *Faunus!*

Ele respondeu ao grito dela com um grunhido quando o líquido começou a inundar sua boca. Ela se contorceu e estremeceu, e ele a moveu para frente e para trás, tentando fazer com que ela o presenteasse mais.

Seu orgasmo foi doce, tão picante, e ele queria se afogar nele. *Mayumi*, ele gemeu mentalmente embaixo dela.

Faunus engoliu em seco quando a poça misturada com sua baba quase transbordou pela fenda de sua boca. Ele não ia desperdiçar nada disso. A bebida era dele.

Mais, ele implorou baixinho quando ela parou de entrar em sua boca faminta. *Eu quero cada gota que ela tem.*

Parecia que ela queria o mesmo porque ela começou a pular levemente, montando sua língua ela mesma, fodendo seu rosto. Quando ele percebeu que havia um ponto sensível ao qual ela reagiu mais, ele curvou sua língua nessa direção.

— Sim. — Ela fechou os olhos e se inclinou para frente, apoiando-se com mais firmeza contra o crânio dele para se firmar em seus movimentos. — Ali.

Ela saltando para cima e para baixo em sua língua acelerou, e ele não poderia estar mais feliz.

Nenhum dos dois se importava com suas presas.

Se ela estava sangrando, ele não podia sentir o cheiro de sua excitação. Se ela estava com dor, ela não podia senti-la sobre seu prazer.

E foi demais para ele.

Seu pênis inchou ao testemunhar isso, experimentando isso, e esse foi o último soco que seus tentáculos não conseguiram conter. Ele saiu completamente e foi imediatamente desgastado pela aspereza de suas calças.

Não posso. Suas garras cravaram em seu traseiro, precisando

que ela o centrasse enquanto ele tirava a outra mão de sua cintura. *Eu não aguento.*

Ele originalmente não iria tocar em seu pênis, mas ele precisava. Qualquer macho poderia passar por isso e não ter seu pênis sacudindo descontroladamente por atenção? Ele perderia a cabeça se não aliviasse a pulsação predominante. Ele já era uma dor ofegante e necessitada debaixo dela, e cada segundo mais o fazia se contorcer, seus quadris levantando com o desejo de empurrar em algo, *qualquer coisa.*

Faunus estava acostumado a manusear os botões de suas calças; ele os abria várias vezes. Ele foi capaz de desfazer os três botões com facilidade, atacando-os pela lateral.

O gemido que ele soltou foi o mais alto e mais agonizante que ele já havia feito quando agarrou a haste latejante, sólida e escorregadia. Seus quadris tentaram mergulhar para baixo quando ele se esticou, e então ele empurrou em seu aperto, *duro.*

— Foda-se, Mayumi, — ele grunhiu, tremendo violentamente debaixo dela enquanto ela cavalgava sua língua, seu rosto, sua maldita mente. — Você não tem ideia do que isso está fazendo comigo.

Seus olhos se abriram apenas pela metade para que ela pudesse olhar para ele. Seu sorriso unilateral o fez pulsar e inchar, forçando outra gota de pré-sêmen a se soltar.

— Sim? — Ela ficou profunda momentaneamente, então apenas mexeu os quadris.

Eu quero senti-la fazer isso no meu pau. Para que ela fosse o mais fundo possível e depois brincar com ela moendo.

Seus golpes ficaram mais curtos para que ele pudesse torcer o punho sobre a borda de seu pênis, concentrando-se na parte mais sensível de seu eixo.

Eu quero que ela foda minha cara de novo. Ele nunca pensou que fosse fodível antes, mas aqui estava ele, ganhando uma nova fantasia ao experimentá-la pela primeira vez. Apenas imaginá-la fazendo isso de novo enquanto ela já estava fazendo isso o deixava ainda mais fundo.

Faunus soltou outro gemido profundo contra ela, tentando

fazer com que seu punho e língua combinassem com o ritmo. Para trás quando ele acariciou seu pênis para baixo, e então para frente quando ele puxou para cima.

Porque... o que ele realmente queria era que ela batesse esta pequena e doce boceta em seu grande pau até que ela o reivindicasse para si mesma.

Seus movimentos pararam.

— Espere... — Ela começou a se virar. — Você está...

Merda. Branco brilhou em seus orbes, e ele soltou sua bunda maravilhosa para que pudesse agarrar sua mandíbula. Ele forçou a cabeça dela para frente.

— Não.

Ele não queria que ela olhasse. Faunus sabia como era, como era diferente. Ele não queria vê-la sentir repulsa por seu corpo ou que ela parasse por causa disso.

Os humanos não tinham os quatro longos tentáculos que ele tinha na base de seu pênis. O deles geralmente combinava com a cor de seus corpos, mas o dele era um roxo claro. Os deles eram lisos, enquanto Faunus podia sentir pontas suaves na palma da mão que se estendiam ao redor de seu eixo. Eles não eram uniformes, mas espalhados por toda parte, incluindo a cabeça bulbosa e ligeiramente pontiaguda.

— Mas eu quero ver, — Mayumi sussurrou, sua boceta apertando em torno de sua língua como se ela estivesse animada apenas com a ideia. — Quero ver seu pau, Faunus.

Seus pulmões se comprimiram e descomprimiram rapidamente de ansiedade enquanto ele olhava rapidamente para o rosto dela, tentando ler sua expressão.

Foram as mãos calmantes dela roçando as presas dele – que estavam pressionadas contra a parte inferior do abdômen – antes de correrem pelo focinho dele até a testa, que o fez soltá-la hesitantemente.

Ela sabia o que ele era. Que ele não era humano, e aqui ela estava fazendo isso com ele. Permitindo que ele sentisse sua boceta vibrando seu frágil batimento cardíaco ao redor de sua língua.

Ela até pediu isso a ele.

Mais de seu autolubrificante escoou entre as aberturas de seus dedos quando ele agarrou seu pênis com mais força - assim que ela se virou para olhar.

Suas paredes internas tiveram espasmos e sua respiração ofegante parecia piorar. Ela o encarou, examinando essa parte dele, e pareceram minutos, em vez dos poucos segundos que realmente foram.

Ele tentou controlar seus tentáculos de se contorcere, mas ele podia senti-los se contorcendo na necessidade incômoda de se mover, de se agarrar a algo, de ser apenas seus eus vacilantes e buscadores.

Só porque temia começar a secar, o que doía terrivelmente, ele balançou a mão para baixo e depois para cima, espalhando o lubrificante da base às pontas. Quando ele estava prestes a soltar para que ela pudesse ver melhor, Faunus soltou um estrangulamento.

Suas paredes internas se fecharam com tanta força que parecia que ela havia tentado sugar a língua de sua própria boca!

Ela... gostou que eu fizesse isso?

Só para confirmar, ele fez de novo. Ele cerrou seu pênis e apertou enquanto acariciava todo o caminho até o saco embutido na base de seu pênis antes de se levantar. Ele nem chegou à borda antes que ela tentasse roubar sua língua novamente.

Ele até sentiu e ouviu o barulho de mais líquido se formando dela.

Ela pode não estar dizendo nada, mas seu corpo estava falando com ele. *Ela está gostando*. Saber disso, saber que ela estava gostando de vê-lo acariciar seu próprio pênis...

Dane-se isso! Ela poderia fazer o que quisesse, mas agora o corpo dele estava superaquecido. Ele nunca tinha estado tão excitado antes.

Uma respiração ofegante caiu dele quando ele começou a masturbar seu pênis com golpes rápidos e curtos, assim como ele passou o braço em volta da cintura dela para mantê-la firme enquanto ele movia sua língua dentro e fora dela.

Ela podia assistir o quanto quisesse, mas ele não tinha parado

de festejar.

Sua visão escureceu, incapaz de mantê-la aberta sob o ataque de sensações que o percorriam. Seu cheiro, seu gosto, sua moagem contra sua língua. A maneira como suas coxas esquentavam seu crânio frio ou como suas papilas gustativas sensíveis sentiam a textura dentro dela. Seu punho estava apertado, apertando até o centro, e ele se viu empurrando inconscientemente para dentro dele.

A única coisa que ele estava consciente de fazer era embainhar suas garras quando ele sabia que seus movimentos em todos os lugares estavam fazendo com que ele cravasse seus dedos em sua pele macia.

Seu grito foi o único aviso que ele recebeu antes que ela começasse a gozar. Ele respondeu com um rosnado agressivo e exigente, torcendo e movendo a língua mais rápido.

Ele não engoliu, deixando os sucos dela em sua boca para que pudesse saboreá-los, poderia saboreá-los por mais tempo. Tudo o que ele fez foi garantir que não transbordasse bebendo os restos em sua sedenta garganta coberta de Mayumi.

— Oh Deuses! Oh meu Deuses! — Ele ouviu as mãos dela batendo contra o colchão antes que ela se inclinasse sobre ele para mover os quadris para frente e para trás. Seus movimentos eram minuciosos; ele apostou que ela sentiu suas presas apunhalando-a, mas seu grito cheio de êxtase foi a música mais linda que ele já ouviu. — Dentro de mim. Coloque-o dentro de mim.

Quando ele abriu a visão, assim que o orgasmo dela começou a diminuir, ele viu que ela estava se curvando ao redor de sua cabeça. Seu rosto estava vermelho como bolhas, seus olhos um pouco mais úmidos do que o normal e seus lábios estavam inchados, vermelhos e entreabertos.

Ele olhou para ela através de um tom roxo cheio de luxúria.

— *Por favor,* — ela implorou, sua voz tão quebrada e rouca que era pecaminosa. Nada deveria soar tão erótico.

Mayumi não parecia o tipo de mulher que implora. Ela era mandona, autoritária e exigente, mas sua palavra havia sido pronunciada com um apelo. Torceu seus pensamentos em nós.

— O que você quer que eu coloque dentro de você? — ele perguntou, recusando-se a ceder sua língua insistente.

Ele tinha muitas coisas que poderia colocar dentro desse buraco. Seus dedos, sua cauda, um castiçal. Ela teria que ser mais específica se quisesse dar-lhe alguma orientação.

Ele já havia dito a ela que nunca tinha feito isso, nada disso, antes.

O sorriso que ela deu a ele estava um pouco quebrado, levantando apenas de um lado.

— Seu pau.

Ele o estrangulou em seu punho quando inchou a ponto de pensar que estava ameaçando vir.

Ele nunca pensou que já a ouviu pronunciar essas palavras. Mesmo que fosse apenas o calor do momento para ela, Faunus não se importava. Ele fantasiou sobre montar esta mulher por tanto tempo que parecia uma eternidade.

Tirando a boca dele, para não machucá-la, Mayumi gritou quando ele os rolou. Suas costas bateram contra o colchão, mas ela não teve chance de dizer ou fazer nada antes que ele enfiasse o dedo médio dentro de sua boceta.

Eu quero isso. Eu quero colocar meu pau dentro dela.

Já que sua língua a havia estirado, ele rapidamente acrescentou seu dedo indicador, *sabendo* que precisava prepará-la. Ela era apertada, pequena e quebrável.

O que saudou ambos os dedos foi um aconchego.

Ele liberou seu eixo para poder se manter acima dela e bombeou seus dois dedos dentro dela.

Mayumi abriu as coxas para ele, separando tudo, inclusive os lábios da boceta, para ajudá-lo a chegar mais fundo. Ela estava encharcada tanto de sua saliva quanto de sua própria excitação, tudo inchado e quente.

Seus quadris ondulavam, subindo e descendo para saudar seus movimentos. Seus olhos estavam fechados enquanto ela enterrava o rosto de lado em seu cobertor antes de mordê-lo. Ela soltou doce choro após doce choro, perdida em seu prazer.

Ela é tão apertada, ele pensou, sua cabeça torcendo ligeiramente enquanto a observava. Então ele olhou para baixo quando tentou abrir os dedos para esticá-la ainda mais.

Ela engasgou, uma de suas mãos atirou para baixo para agarrar as costas da mão dele.

Quando ele não foi capaz de separá-los completamente, ele tentou novamente. Então ele tentou deslizar um terceiro para dentro para caber no espaço que havia feito. Ele não podia.

Faunus gemeu, desta vez consternado, enquanto abaixava a cabeça para pressionar a testa contra o abdômen dela. Ela estava tentando esfregar os dedos dele enquanto ele os movia.

Eu não vou caber. Ele deslizou seu rosto inteiro contra ela em necessidade. *Eu não vou caber dentro dela*.

Seus dedos eram longos e grossos, mas quando ele se apoiou nos cotovelos e agarrou seu pênis novamente com a mão livre, ele sabia que a circunferência que ele estava segurando era ainda mais grossa.

Ele removeu os dedos para poder substituí-los pela língua, querendo se acalmar com seu novo vício. Ele bombeou seu punho ao redor de seu eixo para liberar-se, sabendo que não seria capaz de fazê-lo dentro dela.

Eu não posso transar com ela. Ela é muito pequena para mim. Ou ele era grande demais para ela. De qualquer maneira, era impossível.

— Faunus? — ela sussurrou quando ele lambeu seu clitóris, provavelmente se perguntando por que ele não estava tentando montá-la agora que havia removido os dedos. — Eu disse que quero você. Que eu quero seu pau.

Não querendo olhar para ela, Faunus fechou a visão. Ele não queria ver a decepção em seu rosto que ele podia ouvir em sua voz.

— *Eu não posso*, — ele tentou explicar, tremendo de desejo não respondido e profundo prazer enquanto ele bombeava o punho. — Apenas... deixe-me fazer assim. Deixe-me provar você enquanto gozo. — Ele lambeu seu clitóris de lado enquanto soltava um gemido quando seu pênis inchou. Ele estava perto, tão, tão perto. — Por favor, Mayumi.

Ele deslizou a mão livre para cima de seu lado para que pudesse espalmar em seu peito, querendo abrasar seus mamilos com seus calos ásperos.

— Goze para mim de novo, — ele implorou, abrindo os joelhos em preparação para se firmar para sua próxima liberação. Sua virilha teve um espasmo. — Você tem um gosto tão bom.

Ele até afastou a língua por um momento para poder esfregar todo o rosto contra as dobras brilhantes e encharcadas dela, espalhando-o por todo o crânio. Ele estava tentando mostrar a ela o quanto ele adorava isso.

Ele não sabia se era seu desespero óbvio por isso, a palma da mão acariciando seus mamilos da maneira certa, o fato de estar de joelhos se masturbando sobre ela, ou sua língua, mas um ou todos eles a empurraram para o limite.

Ele só lambeu o suficiente para impedir que pingasse para que pudesse espalhar no rosto novamente, usando o osso para acariciá-la.

Eu quero transar com ela. Ela pediu por isso. Ela queria.

Ele deslizou o lado de seu rosto sobre seu monte púbico e deu um gemido estremecido contra seu quadril. A ponta de sua cauda se enrolou em tensão enquanto seus tentáculos se enrolavam em si mesmos, querendo agarrar algo enquanto sua semente começava a crescer.

Eu quero fazer essa boceta minha. Esticá-la para que só eu possa tomá-la, fazê-la implorar por isso. Fazê-la precisar de mim. Eu quero reivindicá-la. Eu quero preencher-la com minha semente. Eu... nhnn... foda-se.

Sua mandíbula trêmula se abriu quando um gemido alto saiu dele, bem quando seu pênis inchou e depois ficou mais grosso. Ele teve que parar de mover a mão quando seus picos endureceram antes de ele liberar sua primeira explosão entorpecente, estremecedora e cheia de êxtase.

Ele o ouviu *respingar* no chão sob a força e o volume de sua primeira linha de sêmen.

Suas expirações estavam pesadamente ofegantes e trêmulas quando ele soltou um segundo surto, depois um terceiro. Isso continuou e continuou enquanto Faunus se soltava contra o chão

quando ele queria ser protegido pelo calor dela.

Ele estava muito longe para rugir, muito perdido.

Ele não tinha ideia do que estava fazendo com ela. Se ele estava esmagando seu pequeno corpo sob o peso de sua cabeça contra seu abdômen. Se a mão dele estava solta ou apertada ao redor de sua caixa torácica.

Se ele a estava machucando...

A felicidade que ele sentia era muito profunda para ele pensar em outra coisa senão a forma como seu pênis pulsava e se contraía. Ele estava gozando com tanta força que pensou que iria drenar seus sacos de sêmen completamente até o final.

Quando ele terminou de tentar se firmar durante um dos orgasmos mais intensos de toda a sua vida, ele não pôde fazer nada além de imobilizá-la. Cada partícula de energia foi drenada dele por alguns segundos enquanto tremores secundários agrediam partes estranhas e estranhas de seu corpo.

A rachadura em seu crânio latejava com uma dor um pouco mais perceptível do que o normal devido à força de seu coração, mas estava quase tudo bem.

Então ele finalmente olhou para cima e viu que Mayumi estava mole contra o colchão. Seu peito subia e descia rapidamente, mas parecia que seu último orgasmo a havia enfraquecido.

Faunus não se importava que seu pênis amolecido ainda não tivesse entrado em sua costura. Nada naquele momento o teria impedido de pegar Mayumi em seus braços, nem mesmo ela. De joelhos, ele se sentou sobre as panturrilhas para poder segurar sua forma nua e lânguida em cima de suas coxas volumosas.

A ternura surgiu quando ela o deixou livremente.

Ela é linda demais, perfeita demais para ser real.

Ele temia que isso fosse apenas mais um de seus sonhos. Se fosse, ele esperava nunca mais acordar.

CAPÍTULO 15

Faunus segurou o peso leve de Mayumi apenas com o braço esquerdo, embalando-a em seu antebraço com a mão aberta sob as duas nádegas. Seus joelhos dobrados a prenderam pressionando contra a dobra de sua virilha e coxa.

Ele adorava que ela se enrolasse nele, sua respiração suave e quente soprando sobre seu abdômen. Suas mãos estavam sobre seu estômago como se ela estivesse mole - fazendo-a parecer dócil.

Ele deveria tirar a camisa dela desde a última vez em sua pressa, mas também gostou que o rosto dela estivesse pressionado contra o lado de seu peito nu. Ela não parecia se importar com o osso duro de sua caixa torácica enquanto se esfregava contra seu longo pelo preto.

O momento era tranquilo.

E para ele, era alegremente sereno. Especialmente quando ele estendeu a mão direita para poder roçar as costas de suas garras contra o lado de sua bochecha.

Por muito tempo, ele fantasiou sobre ter esta pequena Caçadora de Demônios relaxado em seus braços. Ele ansiava por olhar para ela e passar os dedos em seu cabelo para se tornar íntimo de sua textura.

Ele o fez agora, empurrando suas garras em seu cabelo para que pudesse cumprimentar cada mecha com os dedos. Eles eram brilhantes, mas também ásperos à sua maneira. Isso não os tornava menos suaves ou tentadores enquanto ele se enredava neles.

Suas pálpebras caídas e semicerradas só se alargaram para que ela pudesse olhar para o rosto dele. Ela ainda estava recuperando o fôlego, mas eles estavam diminuindo a cada ingestão.

Ela parece cansada. Havia uma ruga adicional nos cantos internos inferiores de seus olhos.

Faunus sabia que ainda era de manhã cedo pela luz fraca que abria caminho através da cobertura de nuvens escuras.

Ela nunca acordava tão cedo, e ele duvidava que tivesse dormido bem desde que acordou no meio da noite. Faunus queria tocá-la então, acariciar seu rosto enquanto ela dormia, acariciar seus

cabelos, mas ele não queria ser pego fazendo algo que ela não queria, nem consentiu.

Depois do que eles acabaram de fazer juntos, ele sentiu que seus toques mais inocentes, mas amorosos, eram aceitáveis. Eles eram mais vulneráveis para ele.

Ele estava tentando mostrar a ela que não era apenas seu corpo que ele desejava, mas tudo dela.

O pequeno miado que ela deu quando as pontas de suas garras deslizaram sobre sua nuca foi fascinante. Quando ele fez isso de novo, querendo acalmá-la, ela deu outro miado enquanto enterrava mais o rosto contra ele.

A lareira estava em pleno vigor agora. Ele estava desconfortável tão perto dela, mas estava agradecido por ter acrescentado aquele pedaço de madeira. Caso contrário, sua casa ainda estaria fria como gelo, como quando ele voltou para fora para cortar um pouco mais adequadamente. Ele não conseguia dormir desde que experimentou uma necessidade intensa e importuna de tocar a linda mulher que o usava como cama.

Ele nunca esperou entrar na cena que se desenrolou diante dele, mas sempre foi grato por isso. Ele se perguntou se nada disso teria acontecido hoje se ela tivesse acordado ainda em cima dele.

Ela estava sozinha, fazendo algo que ele tinha visto principalmente os humanos fazerem em particular.

— Não pense que não estou brava com você, — ela murmurou. No entanto, ela inclinou a cabeça para frente para que ele pudesse ter mais espaço para brincar em sua nuca.

— E por que você pode estar com raiva de mim? — ele perguntou com uma pitada de humor em sua voz.

Se ele contasse tudo corretamente, ela não apenas consentira em seu toque, mas também o pedira. Então ele fez tudo o que pôde para fazê-la gritar várias vezes para ele, forçando-a a gozar sob sua língua. Pelo que ele tinha visto, às vezes era uma tarefa difícil para um homem humano realizar e, quando o faziam, a mulher geralmente parecia ficar mais feliz depois.

Quanto mais ele brincava com seu pescoço, ocasionalmente

raspando suas garras em seu cabelo para dançar ao longo de seu couro cabeludo, mais caídos seus olhos se tornavam.

Ela até deu um pequeno bocejo.

Ele sabia que deveria haver um nível de profunda confiança para ela adormecer assim. Ele a estava acariciando enquanto ela estava nua contra ele. Ele estava sustentando todo o peso dela em um braço, protegendo-a com seu corpo e dando-lhe seu calor.

— Você não me deu o que eu pedi, — ela murmurou, sua voz ainda mais suave do que antes. Então seus olhos se fecharam completamente. — Da próxima vez, é melhor você me dar. Ou *então*.

Antes que ele pudesse responder, ela estava dormindo.

Parecia que a falta de sono e a manhã agitada a haviam esgotado. Ela começou a roncar levemente contra ele com os lábios entreabertos.

Faunus teria rido se as palavras dela não pesassem muito sobre ele.

Ele deveria estar regozijando-se com a possibilidade de mais. Ele deveria estar cheio de satisfação e triunfo por ela querer que seu corpo afundasse no dela até que estivessem unidos.

Mas ele não estava. *Eu não vou caber.*

Essas palavras agora estavam se tornando um triste mantra.

Ele poderia tentar se encaixar, mas Faunus conhecia a circunferência de seu pênis e agora o conforto de seu canal. Não eram nada compatíveis.

Eu vou quebrá-la se eu tentar. Sua cauda balançava com desconforto contra o piso de madeira.

Embora ele adorasse se ela tentasse transar com ele até a morte, ele não estava disposto a causar danos graves a ela apenas para que pudesse realizar suas fantasias.

Ele enrolou os braços ao redor dela e roçou o lado de sua mandíbula felina contra ela. *Eu daria qualquer coisa para estar mais perto de você, Mayumi.*

Ele se afastou e virou a cabeça sobre o ombro para poder espiar pela janela da cozinha.

Há algum caminho?

Além desta casa e das terras do norte pertencentes aos humanos... se ele voltasse ao Véu ao qual prometeu a si mesmo nunca mais voltar, ele encontraria a resposta?

Faunus sabia de pelo menos um outro Caminhante do Crepúsculo que tinha uma companheira humana que não apenas se tornou sua noiva, mas também lhe deu um filho.

Ele estudou os humanos por tempo suficiente para saber que as crianças nasciam através do sexo.

Magnar conseguiu ser íntimo de sua noiva.

Claro, Delora, a fêmea do Caminhante do Crepúsculo com chifres de cervo, era mais alta que Mayumi. Magnar não era muito maior que Faunus, mas de alguma forma eles conseguiram isso.

Como ele fez isso? Faunus se amaldiçoou por não aceitar a oferta de permanecer um pouco mais para falar com eles quando teve a oportunidade. Ele pode ter tido as respostas que agora procurava.

Em vez disso, ele correu para vir até Mayumi, viajando por uma grande distância para poder vê-la. Tudo o que ele pensou na época foi protegê-la enquanto também fugia do Véu.

Ele nunca pensou que precisaria saber essas respostas.

Faunus cuidadosamente colocou Mayumi contra seu colchão, que estava completamente seco de qualquer sujeira porque ele mesmo o limpou. Sua semente era uma grande poça entre os joelhos, mas estava no chão bem ao pé dela.

Tomando cuidado para não fazer muito barulho, Faunus encontrou um pano no balcão da cozinha e limpou a sujeira que havia saído de seu corpo. Ele não tinha ideia do que fazer com isso depois de limpar sua semente, então ele apenas... jogou o pano encharcado no fogo para se livrar das evidências.

Então ele caminhou até a lenha que havia cortado e jogado perto da porta. Seu pelo inchou quando ele se abaixou para pegar o primeiro tronco, a memória dele andando em Mayumi enviando uma emoção por todo o seu corpo.

Ela estava pensando em mim enquanto se dedilhava?

Ele ainda não conseguia acreditar nisso! Não podia acreditar no que eles acabaram de fazer e que ele ainda podia sentir o cheiro de sua

excitação em todo o rosto.

Se pudesse, nunca o removeria. Ele queria aquele perfume permanentemente em seu rosto. Para sempre. Mayumi reivindicando eternamente seu crânio felino como dela. Marcando.

Com um estremecimento quando seu pênis se moveu atrás de sua costura, ele terminou de recolher a madeira e a colocou onde a viu empilhar outras contra a parede.

Não encontrou a camisa quando a procurou, mas tirou a capa do cabide e colocou-a sobre os ombros e ele cobriu sua cabeça, fácil de fazer, já que seus chifres de carneiro enrolavam-se nas laterais de seu rosto.

Quando ele virou-se para sair, uma dúvida persistente passou por seus pensamentos. *E se ela ficar com frio de novo?*

Ele olhou para a árvore que havia cavado na neve fresca mais cedo.

Com um bufo, ele pegou o machado que tinha colocado na sapateira dela do lado de fora e começou a cortar mais. Muito mais. O valor de alguns dias – ele esperava. Especialmente porque Faunus tinha toda a intenção de ficar fora por bastante tempo.

Irei para o Veu, disse a si mesmo enquanto cortava. *Encontrarei as respostas* – sejam elas estimulantes ou desanimadoras.

Ele não iria sentar aqui e contemplar. Ele não sabia se tinha tempo suficiente neste mundo para hesitar. Faunus não queria negá-la novamente se houvesse uma possibilidade de que eles pudessem ser íntimos assim.

Ele também temia ser pego no calor do momento e *tentar* como um idiota.



A luta de Mayumi para despertar foi uma batalha difícil, como

costumava ser.

A maneira como seu corpo vibrava de satisfação, mas também latejava com uma leve dor, a fez suspirar contente em seu travesseiro. Ela teria ficado na cama se estivesse envolta no calor, no cheiro de capim-limão e na sensação do pelo, mas levantou-se quando não sentiu nada disso.

Ela não sabia quanto tempo estava dormindo, mas a lareira estava morrendo de calor, e o sol tinha sumido, empurrando-a para a penumbra.

Eu deveria deixá-lo saber que ele pode ficar dentro de mim. Que ele poderia entrar quando quisesse.

Mayumi relutantemente jogou uma lenha nova no fogo e então começou a se vestir. Ela estava com fome e sede e queria encontrar Faunus.

Faz tanto tempo que não durmo tão bem, ela pensou com um sorriso nos lábios. *Eu nem preciso de chá hoje.*

Ela tinha olhos brilhantes e parecia... feliz.

Mayumi raramente ficava feliz.

Eu também nunca gozei tão forte... Na verdade, acho que nunca estive tão animada. Ela mordeu o lábio inferior enquanto pegava uma pêra na prateleira da cozinha.

Quando ela estava prestes a dar uma mordida, ela afastou a boca para poder jogar a cabeça para trás e rir. *E seu pau!*

Era tão foddidamente estranho, e ela queria cada parte disso.

Ela só o tinha visto de cima, mas sabia que era grosso e tão longo que provavelmente caberia apenas cerca de um terço do caminho dentro dela. Ela não se importava com isso. Se ela estivesse cheia até a borda com o máximo que pudesse aguentar, ela sabia que estaria suspirando.

Ele parecia um pouco... grande, no entanto. Sua circunferência era chocante, mas ela não se importava com um pouco de dor.

Inferno, ela viveu com dor. Ela tinha uma cicatriz feia marcando suas costas inteiras e outra em seu bíceps esquerdo – evidência dos perigos que ela enfrentou como uma Caçadora de Demônios. Havia também uma rasa na coxa esquerda.

Quando ela finalmente afundou os dentes na pêra, os sucos doces dela encheram sua boca depois de um crocante distinto, seus olhos se curvaram de bom humor.

Eu não esperava os tentáculos embora. Ela realmente não sabia o que estava esperando, mas definitivamente não era *isso*.

A parte de trás deles era de um roxo escuro liso, enquanto o interior era de uma cor muito mais clara. Ela notou pequenos espinhos no interior que também cobriam seu pênis. Apesar de sua estranheza, havia uma forma fálica semelhante que ela tinha visto em humanos. Seu eixo pode ter sido roxo, mas tinha uma cabeça larga como a de um homem – embora um pouco mais pontiaguda do que o normal.

Ela nunca conseguiu ver a parte de baixo dele, então ela se perguntou como seria seu saco.

Com sorte, ela descobriria logo. Esta noite, mesmo.

Assim que bebeu um pouco de água, tirou o casaco de pele do cabideiro e saiu.

A tempestade continuava, irritantemente. Ignorando o ar frio e congelante, ela saiu para a varanda. Ela imediatamente olhou para onde Faunus geralmente se enrolava em sua forma mais monstruosa para dormir. Ele não estava lá.

O que ela notou foi uma enorme pilha de toras de madeira na varanda atrás da porta aberta. Ela franziu a testa para elas antes de procurar até onde a neve que caía permitia que ela visse.

– Faunus? – Quando ela não obteve resposta, nem ele veio, ela gritou novamente: – Faunus!

Nada.

Mayumi olhou para as toras antes de caminhar até a frente delas e colocar as mãos nos quadris. Seus lábios se apertaram com força.

Havia muito lá. Demais, se ela estivesse sendo honesta. Estava empilhada em um triângulo contra a parede a uma altura que alcançava todo o caminho até sua caixa torácica inferior. Isso valeu mais do que alguns dias.

– Faunus! – Mayumi gritou ainda mais alto, virando a cabeça em direção à clareira enquanto seus olhos permaneciam nas toras.

Ela não esperava uma resposta desta vez; ela sabia que não conseguiria uma. Como ela esperava, tudo o que recebeu foi silêncio.

Ele saiu.

Não demorou muito para juntar tudo, considerando que ele não veio quando chamado e recolheu tudo isso para ela. Ele garantindo que ela não estivesse com frio enquanto ele estava fora, ou pelo menos até que a tempestade terminasse.

Mayumi deu uma grande e profunda luta para respirar calmamente. Saiu abalada.

Também não a acalmou.

Com a sola do pé nu e gelado, ela chutou a pilha cuidadosamente empilhada com o calcanhar.

— Como ele ousa ir embora!

Seu lado raivoso e rancoroso queria começar a jogar as toras na neve, mas o lado lógico disse para ela não fazer isso. Em vez disso, ela as observou rolar e se espalhar pela varanda com as mãos fechadas em punhos apertados.

A raiva ferveu em seu sangue, forçando o calor à superfície de sua carne. Ela sabia que ficaria vermelha com isso.

— Como ele ousa ir embora sem se despedir ou me dizer se vai voltar? — ela rosnou para si mesma. — Ele nem falou comigo.

Ele simplesmente fez *puf*.

Os homens não me abandonam. Eu os deixo!

Mayumi nunca criou raízes. Ela sempre prometia coisas doces enquanto pegava algum homem, observando-o adormecer depois de ter suas bolas drenadas antes de pegar silenciosamente suas botas e sair na ponta dos pés pela porta da frente - ou pela janela, se fosse necessário.

Foi o mesmo com todas as mulheres que ela conquistou também.

Nem uma vez ela fez a caminhada da vergonha. Era sempre o assobio desviante de uma mulher bem satisfeita conseguindo o que queria antes de desaparecer, principalmente para sempre.

Às vezes ela os via de novo e tinha uma conversa constrangedora de 'por que você foi embora?', mas muitas vezes ela

conseguia fugir da conversa com uma desculpa. Outras vezes, ela apenas se escondia para evitá-los se entrasse na cidade e os visse na rua.

Com uma exalação erizada, Mayumi voltou para dentro e fechou a porta atrás dela com um *estrondo alto*. Seus olhos percorreram todas as paredes de sua casa com um brilho.

Ela não podia acreditar que um Caminhante do Crepúsculo a tinha pregado e jogado fora sem sequer lhe dar a cortesia de realmente sentir aquele estranho pênis. Ela queria, pediu!

Mayumi se apresentou como uma bandeja de prata, e este é o agradecimento que ela recebeu?

Se ele voltar aqui...

Esse pensamento a fez parar.

Ela não tinha ideia do que faria *se* ele voltasse aqui.

Ele disse que estava aqui para protegê-la, e ele não poderia fazer isso estando longe. Isso significava que ele pretendia voltar?

Mayumi sentiu um pouco de sua raiva esfriar, mas apenas um pouco.

Quando ele voltar...

O desejo de chutar o traseiro dele por isso era forte, mas se ou quando ele voltasse, o que esperava que fosse em breve, ele iria tocá-la novamente?

Mayumi passou a vida inteira evitando brincar com a mesma pessoa duas vezes. Ela não queria ser enganosa ou brincar demais com os sentimentos de uma pessoa.

Mas... ela *realmente* queria que aquele grande Caminhante do Crepúsculo voltasse, mais do que estava disposta a admitir.

Ela queria brincar com ele até que seu coração e corpo estivessem satisfeitos. Ela também não sabia quanto tempo isso levaria. Podem ser dias, semanas, meses... anos?

Mayumi tinha um profundo poço de luxúria que só ele poderia explorar – um que um humano nunca poderia satisfazer. Seu desejo era baseado puramente na curiosidade, descobrindo uma criatura considerada um monstro.

Ela seria a primeira ou única humana a foder um Caminhante

do Crepúsculo?

Um arrepio de desejo percorreu sua espinha. Ela estava bem ciente de que era uma adoradora de monstros, ou amante de monstros... entusiasta? Ela não sabia o nome certo para isso – já que era um desejo lascivo desconhecido para a maioria da humanidade.

A maioria não queria reclamar do que acontecia durante a noite, mas ela sempre achou a escuridão... excitante. As pessoas muitas vezes tinham medo do escuro porque temiam não estar sozinhas nele, e é por isso que ela frequentemente se pegava mordendo o lábio para uma sombra ou mesmo para um casaco de aparência assombrada.

No entanto, Mayumi também estava muito interessada em conhecê-lo. Ela queria saber tudo o que havia para saber sobre Faunus.

Atualmente, ela não sabia basicamente nada.

Ela queria saber de onde ele vinha, onde morava e o que tinha feito durante toda a sua vida. Ela queria saber suas esperanças e sonhos e se eles eram diferentes do que um humano buscaria.

Eventualmente, um suspiro deixou seus lábios.

Espero que ele volte.

Ela tentaria não ficar brava. Ela realmente tentaria. Ela perguntaria a ele onde ele foi e, com sorte, isso revelaria mais sobre ele.

É melhor que seja logo, no entanto. Mayumi nunca foi uma pessoa paciente.

CAPÍTULO 16

Faunus caminhou mais fundo na floresta do Véu com passos hesitantes, cuidadosos e calculados.

Ele tentou não levantar muito a cabeça, esperando sombrear o branco de seu crânio com o capuz de sua capa. Estava escuro, embora fosse meio-dia, a escuridão constante e as árvores assustadoras criando sombra, mas ele sabia que os olhos dos demônios eram superiores aos dos humanos.

Cada barulho fazia com que ele se assustasse e redirecionasse ligeiramente seu caminho apenas para evitar o que quer que o tivesse feito. Como ele estava viajando de quatro, ele se abaixava se cheirasse um Demônio por perto.

Ele devia evitar ser notado pela única criatura que ele desejava evitar a todo custo. Infelizmente, essa pessoa poderia ver todo o Véu através de sua magia e podia aparecer em um piscar de olhos.

Eu nunca quis voltar aqui.

Ele nunca quis ver a mistura de névoa preta e branca nem ouvir o silêncio sinistro de um lugar que tinha medo de ter vida. Não havia insetos, nem pássaros.

Estômagos eram cemitérios vivos e móveis – era isso que vivia dentro do Véu, a morte. O cheiro de podridão nunca escapou de sua perceber.

Levou um único dia e uma noite de corrida contínua de quatro para alcançar a borda do Véu, o que levaria um humano pelo menos quatro, se não cinco. Ele dormiu na fronteira, sabendo que precisava descansar e se recuperar antes do resto de sua jornada traiçoeira.

Ele estava andando dentro dela com cautela por cinco dias.

Entrando ao norte do desfiladeiro da floresta, ele caminhou lentamente para o sudeste o tempo todo. Ele evitou totalmente o meio, mas estava caminhando o caminho mais direto possível para seu destino.

Um destino que ele encontrou agora.

Faunus soltou um suspiro de alívio quando sua mão esquerda pressionou dentro da ala verde mágica pertencente ao Caminhante do

Crepúsculo que ele planejava visitar. Não havia Demônios vadiando deste lado da barreira, mas ele os ouviu à distância do outro lado.

Ele imaginou que eram poucos, pois era difícil ver a casa e seus ocupantes por entre as árvores ondulantes.

Quando um Demônio se aproximou do lado em que ele estava entrando, ele levantou os pés e correu para o meio para se esconder vergonhosamente.

Ele fizera bem em extinguir sua apreensão de vagar pelo Véu. Seu medo não era infundado, ele tinha todos os motivos para ser cauteloso, mas odiava a sensação. O cobertor de emoção estava frio dentro de seu peito e tão pesado que era impossível removê-lo - não importa o quanto ele desejasse se livrar dele e ser o seu eu habitual, de coração livre e caloroso.

No meio da floresta havia uma cabana de toras. As árvores tão perto do prédio mal haviam sido derrubadas, como se aqueles que aqui viviam nunca quisessem poder ver os Demônios que espreitavam - fingir que eles não existiam, que não estão dentro do Véu.

A casa era alta o suficiente para acomodar alguém mais alto que ele em pelo menos trinta centímetros, e tinha formato retangular. Na parte de trás, ele sabia que havia um grande jardim com uma macieira por perto. Ele podia sentir levemente todos aqueles cheiros agradáveis, e eles ajudaram a acalmar seus sentidos. Ele se sentia mais seguro perto deles.

As longas toras que compunham esta casa eram relativamente novas, e a varanda estava praticamente livre de qualquer tipo de dano do tempo.

Ele fez uma pausa quando se aproximou da casa e encontrou dois conjuntos de orbes brilhantes já voltados para ele. *Tem outro aqui.* Faunus não era o único Caminhante do Crepúsculo visitando.

Um conjunto de esferas verdes permaneceu sua cor. O outro conjunto, que inicialmente era azul, tornou-se um vermelho ameaçador. O próprio Faunus permaneceu amarelo. Ele não se preocupou com o irritado Caminhante do Crepúsculo, pois não pretendia fazer mal.

Quando Faunus rompeu as árvores em suas mãos e patas, o

crânio de lobo branco e os chifres de antílope Impala que ele viu trouxeram à luz quem era.

Orpheus, ele rosnou levemente em sua mente.

Ele não foi nada amigável quando encontrou Faunus investigando sua casa por curiosidade. O macho era muito territorial, assim como Faunus quando tinha um lar.

Infelizmente, sua própria casa havia sido destruída anos atrás. Isso o abalou e o levou a encontrar uma residência no meio do Vêu com os Demônios. Uma má escolha, uma que ele percebeu tarde demais.

Faunus trouxe sua visão para Magnar, o Caminhante do Crepúsculo com chifres e cabeça de raposa ao lado de Orpheus. *Ele*, por outro lado, foi um pouco mais acolhedor quando encontrou Faunus em seu território.

Talvez fosse por pena, já que ele estava fugindo para salvar sua vida e obteve a rachadura em seu crânio não muito tempo antes.

— Eu conheço este Mavka ,— Magnar disse enquanto virava a cabeça para Orpheus. — É aquele de quem te falei, com os chifres de carneiro.

— Nossas noivas estão aqui — Orpheus rosnou. Ele deu um passo para trás para se colocar mais perto da casa.

Faunus fez uma pausa e inclinou a cabeça, torcendo-a profundamente para o lado enquanto seus orbes brilhavam em sua cor amarela. *Noivas? Ambos se ligaram a uma humana?*

Ele nunca soube que Orpheus havia obtido uma alma para manter e cuidar.

Sua curiosidade desapareceu, deixando uma gaiola escura e pesada em torno de seu coração. Ambos obtiveram algo que ele nunca seria capaz, e isso fez com que seus orbes brilhassem em um verde brilhante de inveja desenfreada.

Ele aspirou, como fazia com a maioria de suas emoções, para que não fosse tão comum manter seus orbes daquela cor. Em vez disso, permaneceu no fundo de sua mente como uma dor terrível.

Magnar se aproximou de Faunus com seus orbes ficando amarelo brilhante em curiosidade. Orpheus deu mais um passo para

trás em direção à casa de forma protetora, aproximando-se de onde Faunus imaginou que suas noivas estavam.

— Tem certeza que ele é confiável?

— Sim. Eu confio nele tanto quanto confio em você. O que, na realidade, pode significar muito pouco. — Magnar inclinou a cabeça, parecendo não se importar com a hesitação de Orpheus. — Gatinho, o que você está fazendo aqui? Você disse que pretendia nunca retornar ao Veu.

Bufando, um pouco irritado por causa de seus sentimentos persistentes e sua inquietação por ter que estar aqui nesta floresta abandonada, ele começou a mudar de forma. À medida que a transformação mudou seu corpo para um mais apropriado para ficar de pé, Faunus levantou-se sobre os pés descalços.

— Eu... tenho algumas perguntas — respondeu Faunus, certificando-se de manter sua visão na ameaça mais próxima - Orpheus.

Ele balançou seu corpo livre de qualquer serapilheira que se acumulou nele uma vez que ele não estava mais em sua forma monstruosa, especialmente porque ele estava sem camisa e vestia nada além de sua capa e calça.

Faunus nunca ficou muito entusiasmado em usar roupas, mas os Demônios com quem ele viveu uma vez preferiram. A única peça de roupa que ele valorizava era sua capa, e isso porque escondia seu crânio.

— Além disso, — ele começou, observando Orpheus com mais cuidado quando ele se aproximou também. — Meu nome não é mais Gatinho. Agora é Faunus.

Faunus abaixou o capuz para não ser grosseiro.

Ele odiou, absolutamente desprezou, quando os orbes de Orpheus e Magnar brilharam brancos em sua direção. A última coisa que ele queria era simpatia pela situação em que se encontrava.

Não havia nada que pudesse ser feito para mudar ou consertar isso, e ele preferia ignorá-lo completamente do que pensar em sua condenação persistente.

Faunus sabia que estava evitando como estava se sentindo,

talvez de uma forma doentia, mas aceitou imediatamente. Nunca houve uma garantia de que a morte cairia sobre ele, apenas que havia uma grande chance disso.

Ele poderia aproveitar o que restava de sua vida e, se envolvesse uma certa humana minúscula, ele ficaria muito feliz.

Percebendo que Orpheus parecia bastante tenso, Faunus aliviou seus músculos. Ele forçou uma risada alegre.

— Não fique tão preocupado, — Faunus disse a ele, seu humor presente em seu tom. — Peço desculpas pelo dia em que eu estava me esgueirando pela sua casa enquanto você estava fora. Fiquei tão curioso quando vi uma casa coberta com o cheiro da minha própria espécie.

— Eu pediria desculpas por atacá-lo, mas você mereceu por estar em meu território. — Orpheus cruzou os braços e virou a cabeça para o lado. — Mas eu aceito suas desculpas, desde que você fique longe de Reia.

Faunus perguntou.

— Você ainda está tão azedo como sempre. Eu estou supondo que esta Reia é sua fêmea?

Um rosnado suave veio do Caminhante do Crepúsculo, e Faunus deu outra risada. *Parece que ele é tão territorial com sua mulher quanto com sua casa.*

Seus orbes brilharam em amarelo com humor. Ele voltou sua visão para Magnar, que agora estava com a cabeça inclinada a ponto de estar quase de cabeça para baixo. Apenas pela ação, Faunus sabia que Magnar ainda tinha um tempo antes de estar no mesmo nível de desenvolvimento que ele e talvez Orpheus.

— Como estão Delora e Fyodor? — perguntou Faunus.

Nenhum dos Caminhantes do Crepúsculo se aproximou mais do que alguns metros, mostrando que, embora recebessem bem sua presença, ele não era realmente confiável.

A cabeça de Magnar voltou à sua posição reta. — Delora está bem. Atualmente, ela está dentro de casa com a noiva de Orpheus aprendendo a fazer seu próprio vestido. Não faço ideia de como está Fyodor, mas espero que estejam bem.

A cabeça de Faunus recuou repentinamente.

— Como você pode não saber como está seu próprio filhote? — Ele se viu olhando em volta dos dois machos para procurar no quintal o bebezinho Mavka com uma caveira de coelho. — Eles não deveriam estar aqui com você?

Lentamente, ele observou enquanto os orbes de Magnar se tornavam um azul profundo antes de soltar um suspiro perceptível.

— Eles se foram.

Uma rajada de frio atingiu seu peito, temendo o pior.

Não me diga... Será que o que aconteceu com Faunus aconteceu com o filhote deles?

— Perdido? — ele perguntou com um aperto na garganta. Ele estava grato por poder falar com sua mente e não com sua garganta, pois não tinha certeza se seria capaz de pronunciar uma única palavra.

— Eles cresceram de repente — afirmou Orpheus com um aceno de cabeça, vendo que Magnar não tinha o pensamento de expandir isso. — Eles comeram um veado e obtiveram não apenas seus chifres, mas também suas visões. Eles não podiam ficar porque se tornaram adultos e desejavam vagar.

— Entendo — Faunus respondeu enquanto segurava a parte inferior de sua mandíbula felina. Então ele bateu na lateral com uma garra dianteira. — Bem, isso é decepcionante. Eu esperava encontrá-los novamente.

Desde o momento em que Faunus conheceu o pequeno Fyodor, ele gostava muito deles e era excessivamente curioso. Nascido sem gênero, sem visão ou corpo totalmente formado, como poderia Faunus não ser curioso? Foi assim que ele se desenvolveu, e ele se interessou em saber tudo sobre uma época que não conseguia se lembrar de nada.

Faunus também queria passar um tempo com o filhote porque sabia que nunca teria o seu próprio. Era algo que ele desejava profundamente, mas outro objetivo inatingível para ele. *Eu quero dar mais do que apenas a morte. Eu também quero dar vida.*

— Você mencionou que tinha perguntas, — disse Magnar, suas orbes mudando para uma cor amarela que indicava que ele estava feliz com isso. — Mas por que eu?

— Eu não sabia que você também tinha uma noiva, — Faunus comentou, virando o focinho na direção de Orpheus para indicar que estava falando com ele. — Eu sabia que você estava tentando encontrar um entre os muitos humanos que trouxe para sua casa ao longo de centenas de anos. Talvez vocês dois possam responder às minhas perguntas, especialmente porque você pode saber um pouco mais do que Magnar.

Os braços de Orpheus se desdobraram lentamente enquanto a compreensão tomava conta.

— Você encontrou sua própria fêmea, uma com quem deseja se relacionar.

A gaiola em torno de seu coração ficou menor, mais sufocante e prejudicial a cada batida dentro de suas paredes apertadas.

— Sim, — ele respondeu, embora em parte mentisse.

Faunus desejava se relacionar com Mayumi, mas isso nunca aconteceria. Mesmo que ele desejasse, implorasse por isso, *exigisse*, Faunus nunca teria sua alma. Ele não poderia nem obter o amor dela, pois seria sem sentido.

Ele apenas ficaria grato pelo que poderia ter, que era o desejo e o companheirismo dela.

— Mayumi decidiu não matar você? — Magnar perguntou, já sabendo sobre ela desde a última vez que esteve aqui.

— Não, para minha surpresa. — Faunus soltou uma risada brilhante. Ele coçou o peito com o calor abrupto que queimou naquela gaiola fria que estava apertando seu coração. — Ela parece gostar bastante de mim.

Espírito do vazio ajude-o; ele esperava que ela gostasse dele! Especialmente desde que ele estava inequivocamente apaixonado por tudo que a humana mandona, exigente e minúscula fazia.

Ele carregaria mil árvores para a casa dela, cortaria um milhão de toras. Ele faria o que ela quisesse. Ele fingiria que era um aborrecimento porque a agradava, e esperava vê-la perturbada por isso, mas ficou emocionado por ela querer sua ajuda.

Que ela precisava dele para alguma coisa. Que sua presença foi aceita em vez de desprezada.

Ouvir o nome dela vindo de Magnar o fez inclinar a cabeça ligeiramente.

Foi um acidente que Faunus revelou seu nome para Magnar e sua noiva, Delora. Aparentemente, foi a última coisa que ele disse antes de desmaiar após quase dois dias de fuga. Mayumi estava em sua mente enquanto experimentava todos os diferentes tipos de arrependimento.

Ele pensou que ia morrer e lamentou não tê-la visto mais, não ter jurado protegê-la quando deveria. Que ele não a tivesse visto apenas mais uma vez, não tivesse ouvido sua voz, mesmo que não fosse falada para ele, não tivesse sentido seu cheiro, mesmo que fosse à distância.

Sua mão se contraiu com o fantasma de tocar sua carne, como uma marca permanente que ele ainda podia sentir.

O cheiro dela havia sumido de seu corpo nos últimos dias, mas estava em sua mente, estaria para sempre ele tinha levado em sua essência e então forçosamente tecida em todo o seu ser, cada fibra, cada célula. Faunus a amarrou em sua essência interna para que ela pudesse arruiná-lo e manchá-lo completamente para si mesmo.

Os orbes de Orpheus voltaram ao seu azul natural quando os de Magnar ficaram verdes, enquanto os de Faunus desbotaram para o amarelo. Eles estavam em terreno neutro agora, e parecia que Orpheus se acalmou sabendo que Faunus tinha sua própria fêmea pela qual ansiava.

— Vou lhe dar o máximo de conhecimento que puder, — Orpheus ofereceu, virando a cabeça por cima do ombro para olhar a cabana atrás deles. — Entendo como é difícil ganhar um humano e aprendi que devo compartilhar o que sei. Não desejo que mais ninguém sofra como eu sofri.

Faunus inclinou a cabeça para isso.

Mesmo que soubesse que Orpheus tinha uma noiva, ele ainda teria ido a Magnar, pois foi mais receptivo para começar. Magnar também ajudou a salvar sua vida.

Saber que Orpheus estava disposto a ajudar era chocante. Ele não parecia o tipo de Caminhante do Crepúsculo que se importaria

com as lutas de outro, mas talvez ele tivesse mudado com o tempo. Ele tinha humanidade, muita, mas suas interações com os humanos não eram nada agradáveis, o que fez com que sua inteligência emocional se tornasse distorcida.

Apenas vir aqui, à sua maneira, era degradante para Faunus. O fato de Faunus não conseguir navegar sozinho era humilhante, pois ele havia aprendido tudo sozinho. Ele nunca precisou se apoiar em outro antes.

Especialmente desde que ele aprendeu da maneira mais difícil que ninguém queria ajudá-lo. Que ninguém se importava com ele. Que ele estava completa, total e dolorosamente sozinho neste mundo - assim como todos os de sua espécie.

Mas se eu tentar aprender isso sozinho, posso machucar Mayumi no processo.

Passando a palma da mão pelo focinho e pelo lado ileso do crânio, Faunus abriu as presas para soltar um suspiro profundo.

— Mayumi é... pequena, — ele admitiu. Sua mão desceu para esfregar a nuca, revelando o quão estranho ele se sentia sobre isso. Até mesmo sua visão ficou rosa-avermelhada de vergonha e embaraço. — Magnar, você teve um filhote com sua noiva. E mesmo agora, posso sentir o cheiro persistente de sexo em vocês dois.

Ambos deram um flash de vermelho, talvez irritados porque isso significaria que ele podia cheirar a excitação feminina neles. Sua demonstração de aborrecimento foi embora tão rapidamente quanto veio, provavelmente sabendo que também significava que eles e suas fêmeas estavam marcados pelos corpos um do outro.

Era óbvio, mas talvez comentar abertamente sobre isso fosse rude. Ele estava além de cuidar de formalidades.

— Como? — Faunus perguntou, olhando-os de cima a baixo. — As humanas são pequenas e Delora não é muito mais alta que Mayumi.

Ela pode ser muito mais gorda, mas Delora era pequena até para Faunus. Um ser humano frágil e quebrável.

— De que outra forma? — Magnar perguntou com um encolher de ombros. — Não acho que seja muito diferente entre os humanos do

que me disseram.

— Eu não vou caber, — Faunus afirmou com um aceno de cabeça. — Eu já toquei e sei que ela não será capaz de me levar para dentro dela. Eu vou quebrá-la se eu fizer isso. Ela é pequena em todos os lugares.

Da altura ao peito, à bunda e ao canal raso e estreito, a única coisa grande em Mayumi era sua personalidade brilhante. Mas isso não fez nada para ajudá-lo a comê-la do jeito que ele queria.

E querido espírito do vazio ele queria comê-la, tão incredivelmente *forte*. Ele queria revirar aquela pequena fêmea até que ela estivesse à sua mercê, quebrar sua mente ao invés de seu corpo. Ele queria vê-la se contorcer, chorar e implorar e se tornar nada além de uma coisa entorpecida e trêmula na qual ele empurrava sem pensar.

Então ele quis encher aquele pequeno, apertado e trêmulo canal e útero com grandes quantidades de sua semente para que ela transbordasse. Tão cheio que a cobria, marcando-a com seu perfume sexual, enquanto seu próprio corpo bombeava excitadamente dentro dela. Ele a queria inchada com isso.

Faunus teve que reprimir o violento tremor que percorreu todo o seu corpo.

Ele tinha perguntas. Tantas perguntas que estavam prestes a sair dele sem pensar.

Ele não se importava se mal conhecia esses dois Caminhante do Crepúsculos à sua frente ou que as perguntas que ele fazia e as respostas que recebia pudessem ser desconcertantes ou desconfortáveis para todos eles.

Mayumi era sua prioridade, e se ele perdesse alguma coisa, ele simplesmente voltaria aqui e perguntaria a eles – embora ele preferisse não.

Havia também algo mais que ele precisava saber, algo tão incrivelmente importante que talvez fosse a pergunta suprema de todas.

Preciso perguntar como obtenho a alma de Mayumi.

Ele precisava saber para que nunca, *jámais*, aceitasse.

CAPÍTULO 17

Faunus esperava uma caminhada pacífica de quatro pelo Véu nublado.

Ele permaneceu dentro da barreira protetora de Magnar durante a noite, se recuperando de sua longa jornada. Ele se recusou a descansar dentro do próprio Véu, grato por sua espécie poder sobreviver dias sem descanso, se assim o escolhessem.

Ainda os cansava, tornando-os menos eficientes e alertas, mas era melhor continuar andando. Ele estaria vulnerável dormindo e mais provável de ser encontrado se demorasse.

Ele obteve todas as respostas que procurava e até teve a oportunidade de cumprimentar Delora novamente. Ela era gentil, ele gostava que ela fosse tão acolhedora com ele, mas ela também era um pouco tímida.

Reia, por outro lado, parecia um caos desde o momento em que a conheceu. Ela não teve escrúpulos em se aproximar, apesar da aversão de Orpheus a ela, apenas para falar com ele.

Na época, ele riu para si mesmo quando ela colocou as mãos nos quadris e olhou para Faunus como se ele não fosse uma fera que poderia cortá-la ao meio em um piscar de olhos. Ela era ousada, e ele reconhecidamente ficou apaixonado pela mulher de cabelos loiros que tinha uma espada amarrada nas costas.

Mais de uma forma amigável e platônica do que como ele estava apaixonado por Mayumi, mas ele gostava que ela tivesse uma mente forte. Era sem dúvida para Faunus que Orpheus precisava de uma mulher assim, alguém que colocasse em seu lugar o rabo de veado mal-humorado.

Ela é a razão pela qual ele ficou relaxado com os outros.

Caso contrário, Faunus poderia ver o triste e recluso Caminhante do Crepúsculo escondendo-a naquela cabana de madeira que ele tinha perto de Magnar.

Faunus entendeu principalmente por que Orpheus se tornou do jeito que ele era. Ele não conhecia nenhum outro Mavka que tivesse tentado tanto encontrar um companheiro apenas para perdê-lo

repetidamente. Ele tinha visto a morte, tinha sido a causa disso, e se ele tivesse crescido para cuidar de qualquer um deles da maneira que Faunus cuidava de Mayumi, ele só podia imaginar o quão protetor e destrutivo ele teria se tornado.

A dor era um modelador horrível para a personalidade crescente de alguém, e para um Mavka que ainda estava aprendendo, ainda desenvolvendo a humanidade ao longo dos anos, teria se tornado uma parte sombria dele.

Faunus agradeceu que nem ele nem Magnar tivessem que passar por algo tão desanimador.

Uma pequena parte dele estava desapontada por precisar ir embora. Ele gostava de estar com Magnar, Orpheus e as duas noivas. Ele realmente queria conhecê-los mais, saber quem eles se tornaram e as noivas que ajudaram a tornar suas conversas possíveis, mas ele não queria ficar longe de Mayumi por mais tempo do que o necessário.

Isso se ele conseguisse voltar.

A qualquer momento, ele temia que a pessoa que desejava evitar aparecesse de repente. Faunus fugiria, embora preferisse ficar e lutar.

Antes da rachadura em seu crânio, isso é o que ele teria feito. Agora poderia custar tudo a ele.

No entanto, um passeio tranquilo não estava no horizonte para Faunus. Ele sabia disso pelos passos quádruplos que ele podia ouvir e pelos aromas do vento soprando em seu caminho.

Porra. Ele apressou o passo quando pretendia escapar do Veu. Não importava. Aqueles passos estavam obviamente perseguindo seu cheiro. *Merda. Merda. PORRA!*

Faunus se firmou e se virou para as duas criaturas que vinham sobre ele em uma velocidade perigosamente rápida. Isso não o salvou de ser empurrado, um em cima do outro, antes de ser arremessado entre as árvores em uma área que se abria o suficiente para acomodar todos os três de seus enormes tamanhos.

O tempo todo, Faunus passou o braço em volta do crânio para protegê-lo.

Com um grunhido profundo e estrondoso, ele se virou para

eles com seus orbes vermelhos. Ele também consertou o capuz de sua capa para esconder seu rosto de qualquer um que possa estar olhando através da magia ao vê-lo.

— *Deixem-me em paz!* — Faunus mordeu, querendo rugir, mas em vez disso manteve a voz baixa.

Por um momento, as duas criaturas lutaram uma com a outra como se Faunus, sendo o ponto central de seu interesse, desaparecesse enquanto lutavam e atacavam de brincadeira.

Faunus sabia que eles viriam atrás dele no momento em que ele tentasse se afastar.

— *Eu sabia que era o chifre de carneiro* — um riu, sua risada como uma risadinha enquanto prendia o outro.

— *Aquele com o crânio de gato,* — o outro disse com um bufo, estalando suas mandíbulas para cima para se livrar.

Uma vez que ambos estavam de pé, eles se viraram para ele, revelando dois Caminhante do Crepúsculos em suas formas monstruosas. Faunus duvidava que eles possuíssem uma única peça de roupa entre eles, mesmo sob suas formas.

Eles eram Caminhante do Crepúsculos excessivamente sociais, mas isso também os tornava totalmente desconcertantes para todos. Eles também eram excepcionalmente perigosos.

Um tinha esferas rosa brilhantes. Seu crânio era o de um morcego, com chifres de bode que se enrolavam e depois voltavam sobre sua cabeça. Seu corpo, no entanto, misturava-se entre ter pelos longos e grandes asas emplumadas nas costas. Essas penas também desceram por sua espinha antes de se transformarem em uma cauda delas.

O outro tinha esferas roxas com uma caveira que pertencera a um corvo e o bico combinando. Ele também tinha chifres de cabra, embora pequenos e apontados para cima em sua cabeça. Ele tinha uma mistura de pelo curto e escamas de lagarto. Espinhos semelhantes a lagartos, duas vezes maiores, mas menores que os de Faunus, percorriam seus braços, pernas, costas e desciam por sua longa cauda de lagarto.

Era óbvio que eles compartilharam tudo o que já comeram, e

Faunus imaginou que eles brigaram pela maior parte. Ele podia imaginar os dois brincando de cabo-de-guerra com a comida.

Pelo que Faunus havia reunido nas *várias* vezes em que os encontrou, eles estavam sempre juntos. Provavelmente eram gêmeos.

Esses dois não tinham casa, pelo que ele sabia. Eles estavam sempre no Véu, seguros, pois tinham um ao outro para lutar contra os Demônios. Uma única unidade que compartilhava exatamente as mesmas necessidades e desejos.

Faunus deu um passo cauteloso para trás quando os dois, ao mesmo tempo, se aproximaram. A caveira de corvo deu um passo à frente com a mão esquerda, enquanto a caveira de morcego empurrou a mão direita para frente. Seus mindinhos sobrepostos no meio deles.

— *Eu não quero brincar,* — Faunus retrucou, especialmente quando eles se espelharam indo em direções opostas para circulá-lo.

— *Por que ele não brinca conosco?* — o de orbe púrpura e crânio de corvo perguntou enquanto inclinava a cabeça para o outro.

— *Ele costumava brincar com a gente* — respondeu o de orbe rosa e cabeça de morcego. — *Talvez seja um novo jogo?*

— *Gatinho sempre nos mostra novos jogos* — afirmou o de caveira de corvo, chamando a atenção de Faunus.

Faunus perdeu o outro de vista quando foi atrás dele.

— *Meu nome não é mais Gatinho* — afirmou.

— *Como esconde-esconde!* — o de caveira de morcego riu antes de empurrar as costas de Faunus.

Com um grunhido, Faunus se virou e o empurrou para trás para colocar espaço entre eles. Não esperando o empurrão, o com cabeça de morcego foi empurrado para o lado, mas Faunus se viu sendo jogado no chão pelo outro.

Um ganido soou de Faunus quando sua cabeça bateu contra o chão, fazendo com que ambos saltassem de surpresa. Ele tinha certeza de que seu comportamento era estranho para eles.

Faunus passou muitas horas brincando com esses dois e inventando novos jogos para eles brincarem um com o outro. Esses dois Caminhante do Crepúsculos careciam de muita humanidade. Eles eram bastante subdesenvolvidos, mas ele encontrava prazer em estar

com sua própria espécie quando podia.

Eram os dois que ele mais conhecia e confiava neles. Era uma raridade para ele ter lembranças tão agradáveis com outras pessoas - mas sempre foi breve, pois esses dois perdiam o interesse facilmente, e seus pequenos períodos de atenção voltavam a vagar pelo Véu e sua fronteira.

É provavelmente por isso que eles o caçaram quando sentiram seu cheiro. Eles queriam passar um tempo com ele, pois não era incomum para eles, para Faunus roubar sua atenção no momento.

Faunus soltou um pequeno gemido quando tentava se levantar, lutando contra uma pequena tontura.

– *Ele gemeu* – disse o de caveira de corvo, enquanto se abaixava.

O de caveira de morcego também se abaixou. – *Ele nunca fez isso antes.*

Ignorando-os por um momento, Faunus se apoiou em três membros e se firmou enquanto verificava seu crânio. Ao correr as pontas dos dedos sobre a rachadura e o latejar adicional que ele sentia, ele sabia que a rachadura havia se estendido - embora apenas por um minuto.

Branco cresceu em seus orbes antes de se voltar para eles.

– *Eu disse que não queria brincar hoje!* – ele rugiu, seu coração batendo caoticamente em seu peito.

Porra! Eles garantiram que ele estava mais perto do fim!

Como se eles compartilhassem o mesmo maldito cérebro inútil, seus orbes ficaram vermelhos brilhantes em uníssono enquanto eles rosnavam. Como todos os Mavka, eles ficavam com raiva rapidamente.

Faunus sabia que devia ter empurrado o capuz ligeiramente para trás quando ambos chegaram à mesma conclusão, e seus orbes ficaram brancos.

– *Seu crânio está rachado* – disse o com crânio de morcego enquanto recuava com o que só poderia ser incerteza.

O de caveira de corvo se aproximou de seu irmão gêmeo. Ele parecia precisar de um contato físico reconfortante entre eles, já que

encostou o ombro nele.

– *Isto não é bom.*

Consertando o capuz para garantir que cobria o rosto, Faunus não pôde deixar de pensar que eles haviam declarado o óbvio.

– *Sim,* – Faunus suspirou, antes de dar um passo para o lado para que ele pudesse estar um pouco mais perto da borda do Véu. À liberdade, à segurança. – *Eu quebrei meu crânio, e é por isso que não posso brincar, e agora vocês me machucaram ainda mais.*

Seus orbes ficaram de um azul profundo.

– *Nos desculpe.*

– *Nos não sabíamos.*

– *Nunca desejaríamos prejudicá-lo de propósito.*

– *Você é amigo.*

Ele não sabia quem falava desde quando eles estavam um ao lado do outro, suas vozes eram quase idênticas.

Somos mais que amigos, Faunus pensou com tristeza. Mas ele sabia que esses dois não entenderiam o conceito de família, de irmãos e o que isso significava.

– *Está tudo bem,* – Faunus respondeu. Embora ele estivesse fervendo de raiva, não havia sentido em descontar neles. Ele precisava sair do Véu antes que fosse tarde demais, e agora seu tempo com Mayumi havia diminuído. – *Devo deixar o Véu. Não é mais seguro para mim aqui. Deixem-me passar livremente.*

Ele começou a sair, encontrando seus pés se movendo por conta própria apenas com o pensamento de sua pequena caçadora de fogo.

Ele esteve perto da fronteira, quase escapou de tudo isso. Ele não pôde evitar que seus próprios orbes ficassem com uma cor profunda e lamentável de azul, tão escuro que abafava qualquer tipo de luz. Mesmo o mundo sombrio do Véu parecia mais frio, e isso causou um arrepio que o percorreu.

Faunus olhou por cima do ombro quando soube que eles o estavam seguindo pelas patas. Suas cabeças inclinaram-se em direções opostas, afastando-se uma da outra, quando perceberam que ele estava olhando para elas.

– *Por que vocês estão me seguindo?* – ele perguntou antes de virar para a frente. – *Eu quero escapar sem ser detectado.*

Isso se ele já não tivesse sido detectado por causa deles.

Tudo estava em silêncio, e ele não podia sentir o cheiro de nenhum Demônio por perto, mas seus passos coletivos e esmagadores podem ser ouvidos. O som de folhas secas e mortas ecoava, assim como o estalar de galhos e gravetos sob seus corpos pesados.

Não havia neve, como raramente havia no Véu, mas o vento era forte e frio. Seus aromas coletivos atrairiam os Demônios para mais perto ou os dispersariam?

– *Estamos seguindo você para protegê-lo.*

– *Você está mais seguro conosco.*

Uma pequena sensação de facilidade passou por ele. Eles estavam certos. Ele estava mais seguro com eles por perto, embora estivesse tentando fazer isso sozinho e tivesse conseguido ao longo de muitos dias.

A vergonha tomou o lugar de sua ansiedade cada vez menor. Ele era um Caminhante do Crepúsculo, um Mavka, algo mais considerado um pesadelo. Os humanos o chamavam de monstro grotesco. Ele não deveria precisar da ajuda deles; ele não deveria *precisar* de proteção.

Todo o resto deve precisar de proteção dele.

– *Por que não... fica?* – um deles perguntou.

– *Fique conosco. Nós o protegeremos.*

– *Não,* – ele respondeu suavemente. – *Existe um lugar onde eu gostaria de estar.*

Um deu um gemido, enquanto o outro disse: – *Mas se você morrer, nunca mais brincará conosco.*

Por apenas um momento, o branco brilhou em seus orbes. Faunus olhou para o dossel acima, desejando ver o céu em vez dessa floresta agourenta, horrível e abandonada pelos Deuses.

– *Eu sei,* – ele respondeu baixinho, odiando a maneira como uma frieza se espalhava em seu grande coração.

CAPÍTULO 18

Respirações nebulosas deixaram os lábios secos de Mayumi, acompanhadas por grunhidos, enquanto ela balançava o machado para cortar o galho da árvore à sua frente. Seu pé estava descansando contra o tronco da árvore, não fazendo nada além de estabilizá-la enquanto ela balançava novamente.

Thuk. Thuk. Thuk.

Depois de separar a base do tronco, ela começou a cortar o galho em toras mais limpas e manejáveis para a lareira. Ela também recolheu os pequenos galhos como gravetos.

A transpiração pontilhava sua testa, e ela ergueu o antebraço para poder enxugá-lo com a manga do casaco. Precisando recuperar o fôlego por um momento, ela olhou para o céu quase limpo.

Merda. Faunus conseguiu fazer isso com o machado maior em um quarto do tempo.

Considerando que o bastardo tinha ido embora por uma semana e meia, e Mayumi só precisava começar a cortar sua própria lenha três dias atrás, ela estava grata por ele ter preparado tanto para ela.

Mas pelo menos não preciso sair vagando pela floresta para conseguir mais.

Seus olhos se curvaram em simpatia por si mesma quando ela inspecionou o que restava.

Este tinha sido o último ramo. Depois disso, ela teria que passar pela árdua tarefa de cortar o tronco de ambas as árvores e depois dividir suas grandes seções em pedaços adequados.

Mayumi moveu o pescoço para um lado, depois para o outro, antes de rolar os ombros para trás. *Pelo menos isso está me mantendo em forma.*

Ela passou grande parte da última semana e meia treinando – seja correndo de um lado para o outro na varanda, usando a porta como um lugar para fazer flexões, ou fazendo abdominais ou flexões. Principalmente porque depois da nevasca de doze horas, ela foi mantida dentro de casa por quatro dias durante a tempestade de neve

que se seguiu. Ela enfraqueceria em intensidade apenas para crescer em força algumas horas depois.

A neve batia em suas coxas e as esfriava, apesar de ela estar usando as calças de couro mais grossas.

Mayumi olhou mais fundo na floresta. *Eu deveria ir caçar novamente.* Carne fresca seria boa para ela, mas ela também precisava dela para criar suas iscas demoníacas.

Ela imaginou que Faunus não iria voltar.

Afinal, já fazia quase quinze dias.

A princípio, ela ficou irritada. Depois do quarto dia, ela estava chateada. Naquela noite, ela finalmente pegou sua bebida do sono de Marianna, afogou suas mágoas e então acordou grogue.

Mayumi tinha superado isso.

Anos de disciplina emocional disseram a ela para não deixar suas emoções se prolongarem ou apodrecerem, e ela simplesmente não via sentido nisso. Ela estava sozinha, não se importava com isso, e simplesmente continuaria a viver sua vida como antes.

Uma vida de solidão chata.

Pelo menos consegui realizar parte das minhas fantasias mais profundas, pensou ela, enquanto começava a recolher suas toras de madeira para levá-las para dentro. *Não posso pedir mais do que isso.*

Agora ela também tinha bastante material para se masturbar, não que tivesse usado muito na última semana. Sempre que ela tentava, deixava uma sensação de queimação em seu peito.

Depois de colocar as toras ao lado da lareira moribunda, Mayumi pegou suas duas mochilas de viagem e as amarrou sobre o torso. Então ela amarrou sua mochila vazia.

Ela já tinha estado na cidade uma semana atrás depois da tempestade, mas a neve espessa, fresca e solta assegurava que ela não conseguiria obter tanta comida quanto desejava. Teria sido impossível carregar tudo enquanto caminhava pela densa poeira.

Agora ela estava voltando, provavelmente tendo que pegar poucos suprimentos. O auge do inverno era implacável e severo, especialmente para aqueles que viviam fora das cidades.

A maioria não teria corrido o risco que ela correu hoje cortando

a lenha primeiro. Eles teriam ido à cidade para garantir que voltariam ao anoitecer e cortariam no escuro, se necessário.

Mayumi não tinha tais medos, ou nenhum, na verdade. Ser uma caçadora de demônios significava que muitas vezes ela se via viajando na noite onde os pesadelos espreitavam.

Ela sempre sobreviveu a isso.

Depois de verificar seus encantos, ela entrou na clareira e depois na floresta. Ela fez isso cerca de cinco minutos antes de seus ouvidos se contraírem com um som alarmante. Alerta e preparada, ela tirou o arco dos ombros e deslizou uma flecha da aljava em suas costas.

Ela se virou e apontou a ponta da flecha de ferro na direção que acabou de vir. Levou apenas um minuto para a criatura se revelar.

— Você está brincando, — ela murmurou baixinho antes de soltar uma risada rancorosa. — Ele voltou.

Porque lá veio Faunus, andando de quatro em sua forma monstruosa, indo na direção dela por entre as árvores. Seu passo era rápido, mas ele não estava correndo como se soubesse que ela não tinha ido longe.

Seus rastros profundos teriam tornado isso óbvio, se seu perfume fresco não o tivesse feito.

Mayumi não se importava com ninguém. Por isso ela não entendia o turbilhão de emoções que a atingiu naquele momento.

Ela seria *amaldiçoada* se o alívio fosse o que ela escolheria. Ela se recusou a ficar aliviada ao ver aquele estúpido crânio felino, ou seus chifres de carneiro, ou ser desfeita por aqueles círculos etéreos, profanos e brilhantes orbes amarelos dele.

Não, eram as outras, as emoções mais negativas que ela focava.

Ok, então talvez ela não tivesse superado o fato de que ele havia acabado de sair, sem nenhuma palavra sobre por que ele estava saindo ou se ele voltaria, para quê? Basta voltar uma semana e meia depois?

Ela puxou para trás os dedos em forma de gancho presos à corda do arco para apertá-la. O lado rancoroso, zangado e desprezado da mulher dela queria liberá-lo direto em seu maldito peito. O lado

lógico informou a ela que isso significaria que ela teria que lutar até a morte com ele - e, muito provavelmente, perder.

Caramba! Ela afrouxou a tensão que tinha em seu arco e imediatamente se virou para continuar indo para a cidade. Seu andar era mais rápido do que antes. Também era menos alerta e irregular. Ok... então talvez ela estivesse pisando forte!

Ela esperava que ele não esperasse que o arco-íris e a luz do sol saíssem de sua bunda, porque isso seria exatamente o oposto do que ele receberia.

Seu sangue ferveu com quase quinze dias de raiva, frustração e decepção por ela não ter um alvo além de seu próprio corpo para liberar. Ela treinou duro para dispersá-lo por dentro.

Agora, isso fez com que sua frequência cardíaca disparasse, fazendo com que suas bochechas ficassem quentes com isso. O ácido queimando em seu estômago quase parecia que ela cuspiria veneno no momento em que abrisse a boca.

A tampa da garrafa em que suas emoções geralmente eram enfiadas dentro foi afrouxada apenas o suficiente para que ela pudesse senti-la transbordando lentamente. Não é uma coisa boa.

— *Mayumi?* — ela ouviu logo atrás dela, seus múltiplos passos de pata e mão esmagando a neve ruidosamente. — *Onde você está indo?*

— Eu não pensei que você fosse voltar, — ela disse rapidamente, tentando não soar rancorosa apesar de ouvir o veneno em seu tom.

Ela estava tentando colocar suas emoções de lado, colocá-las de volta em seu devido lugar onde elas pertenciam. Para exterminá-las se pudesse, já que nunca lhe fizeram bem.

— *Por que eu não voltaria?* — Sua voz estava carregada de confusão. — *Eu disse que te protegeria.*

— Ah! — Mayumi balançou a cabeça e então tentou controlar sua respiração difícil. — Não pode me proteger se você não estiver aqui, pode?

— *Você está com raiva de mim?* — Mais uma vez, ela ouviu nada mais do que confusão.

— Não. Eu não estou raiva de você.

Ela estava lívida! Mas se ele não entendia o que havia feito de errado, então não havia sentido em descontar nele. Ela apenas colocou na cesta muito difícil, assim como fazia com a maioria das pessoas.

— *Onde você está indo? A cidade? Se assim for, caminharei com você.*

Seus olhos se estreitaram nas árvores e no cobertor branco diante dela até onde a vista alcançava. *Mesmo que eu dissesse não, ele me seguiria de qualquer maneira.*

Suas respirações estavam ficando mais rápidas, a velocidade com que ela pisava mais cansativa do que a mais calma de antes. Ela estava se esgotando desnecessariamente para colocar espaço entre eles. Isso parecia impossível com a maneira como ele não apenas a acompanhava com facilidade, mas avançava para caminhar ao lado dela.

— Eu estou indo para o posto avançado de Colt. Preciso de mais suprimentos.

Ela pensou em jogar o arco por cima do ombro, mas ela meio que queria continuar segurando-o para poder acertá-lo se ele tentasse tocá-la. Ela sorriu maliciosamente. Isso doeria.

— *Você gostaria que eu a carregasse nas costas?* — Em sua periferia, seu crânio felino a encarava, provavelmente para que ele pudesse avaliá-la de frente. — *Será mais rápido e fácil para você.*

Sim, ela adoraria isso. Ela esperava montá-lo como um poderoso garanhão para ir e voltar da cidade antes que ele partisse. Ela até esfregou as mãos enquanto gargalhava maliciosamente, imaginando pegar tantos suprimentos porque ele teria sido capaz de carregá-los para ela.

— Não, eu estou bem. Não preciso da sua ajuda. — Mayumi estava ficando mais agitada a cada segundo com seu desejo constante de ajudá-la. Ela estava se sentindo mal-intencionada, com razão, e a bondade dele já a estava deixando nervosa. — Apenas... vá embora, Faunus. Eu não estou de bom humor.

Ele deu alguns passos mais rápido e agora estava ligeiramente à frente dela, tornando mais fácil para ela vê-lo quando ela não queria agora. Ela não queria ver aquela cabeça grande, linda e ossuda dele.

Ele o inclinou para ela.

– *Aconteceu alguma coisa enquanto eu estava fora?*

Mayumi esperou por algum tipo de pedido de desculpas que geralmente acompanhava tais palavras. Alguma explicação patética de por que ele saiu.

Nada se seguiu, mesmo depois de alguns batimentos cardíacos.

– Dane-se – ela murmurou para si mesma antes de declarar em voz alta: – Sabe de uma coisa? Tudo bem, estou com raiva de você.

O brilho amarelo de seus orbes escureceu, talvez para transmitir curiosidade. – *Por que?*

– Porque você saiu de repente, Faunus! Sem me dizer por que ou por quanto tempo você ficaria fora.

Seus passos demoraram por um momento, mas ele os arrastou para alcançá-los.

– *Mas eu estou aqui agora. Por que isso deveria importar?*

É como falar com uma árvore!

Ela sabia que ele era um Caminhante do Crepúsculo, mas ele disse que observava os humanos há muito tempo. Talvez ela estivesse dando muito crédito a ele, mas pensou que ele seria um pouco mais compreensivo do que isso.

– Sair logo depois do que fizemos juntos é o que a maioria das pessoas chamaria de prego e fiança. Ou um caso de uma noite, se preferir. – Suas bochechas incharam de aborrecimento por ter que explicar isso. – Na maioria das vezes, a pessoa não volta. É também um sentimento muito ruim para a pessoa que foi deixada para trás e muitas vezes faz com que ela se sinta usada.

Mayumi estava ciente de que estava chamando a chaleira de preta aqui, que ela estava sendo uma hipócrita, mas ela não podia acreditar que um maldito Caminhante do Crepúsculo tinha feito isso com ela! Homens humanos ela podia entender. Isso acontece o tempo todo. Mas ele?

Quando ele disse a ela que era a primeira vez que fazia isso, e o fato de que ele se masturbou para ela montando seu rosto com caveira, ela meio que esperava tê-lo em suas mãos depois disso. Ter um Caminhante do Crepúsculo curioso, carente e excitado para brincar.

Não para ela acordar sozinha se perguntando onde diabos ele foi.

Faunus se encolheu ligeiramente e seus orbes ficaram de um azul profundo.

— *Eu não queria fazer você se sentir assim.* — Ele se aproximou e teve a ousadia de cutucar o ombro dela de forma quase fofa com o seu, como se quisesse ser carinhoso. — *Eu precisava ir ao Vêu para ver outro da minha espécie.*

Mayumi afastou o braço dele e pensou em acertá-lo com a ponta flexível de seu arco. Ela decidiu contra isso.

— Isso é ótimo e tudo, mas você poderia ter me dito que estava indo embora.

Sua marcha raivosa garantiu que ela permanecesse assim, raivosa. A neve era pesada e difícil de chutar, frustrando-a ainda mais. Ela tinha certeza de que se eles tivessem começado a conversar em casa, ela já teria começado a se acalmar. Mas ela estava se movendo, e isso a estava deixando mais teimosa do que o normal.

Ele nem pediu desculpas ainda. Deveria ter sido a primeira coisa que ele diria. Isso só a aborreceu ainda mais.

— Então, se é assim que vai ser, — ela continuou, suas sobrancelhas estreitadas enquanto ela levantava seu queixo saliente. As chamas do despeito cresceram em seu peito e então explodiram de sua boca como se ela fosse um dragão cuspidor de fogo. — Se você vai sair aleatoriamente e não voltar por muito tempo, então vou procurar outra pessoa para foder, já que você não parece querer.

Mayumi ainda estava muito chateada com isso. Ela se ofereceu a ele, com as pernas abertas e a boceta à mostra, e ele escolheu vir contra o chão. Essa rejeição deixou uma sensação de ardência em seu peito desde então... como se ela não fosse boa o suficiente.

As palavras que vinham dela agora não eram a verdade, e ela sabia disso. Mas o controle de sua raiva era como uma peneira. Inútil, mas para deixar tudo cair.

Sempre foi assim para ela, e é por isso que ela geralmente tentava manter um controle bom, firme e forte sobre eles.

Faunus estava de repente na frente dela, de frente para ela de

quatro e bloqueando seu caminho.

— *Perdão?*

Ela viu um lampejo de verde em seus orbes antes que eles voltassem ao amarelo normal. Mayumi se abaixou ao redor dele e das árvores ao lado dele enquanto levantava o queixo mais alto. Nesse ponto, seu nariz estava quase apontando para o céu como uma princesa esnobe - ela costumava zombar das mulheres por fazer isso.

— Eu não espero por ninguém, — ela jorrou, o que era a verdade absoluta. — Se você vai simplesmente ir e vir, então eu irei caminhar nas poucas horas que levarei para chegar à cidade e encontrarei outra pessoa para me fazer companhia. Há muitas pessoas no Posto Avançado de Colt que ficariam honradas em fazer sexo comigo. Na verdade, estou indo para lá agora mesmo para fazer exatamente isso.

Parte disso era mentira. Os homens achavam sua atitude ousada sexy do tipo 'confiança' ou um impedimento do tipo 'eu sou uma prostituta'. A maioria considerava o último, e seu físico esguio, mas musculoso, não gritava que ela era sensual para brincar.

Qual foi a perda deles porque Mayumi era muito sensual quando queria ser. Ela podia fazer os homens gozarem com tanta força que seus olhos se cruzavam e suas bocas divagavam pateticamente.

Mulheres que gostavam de mulheres eram um pouco mais difíceis de encontrar, e muitas eram como Mayumi: mulheres que gostavam de ambos os sexos. Era difícil determinar se ela poderia roubar a mulher sentada no colo de um homem ou não.

A outra mentira era que ela estava indo para o Posto Avançado de Colt por esse motivo. Ela não era e nunca teve a intenção.

Uma pequena parte dela esperava que Faunus voltasse. Então, ela não tinha certeza de por que estava falando besteiras que seriam prejudiciais para o caso de ele ficar por perto.

Talvez fosse sua necessidade de punir as pessoas, para que não cometessem os mesmos erros duas vezes. Erros na guilda geralmente faziam com que as pessoas perdessem suas vidas e, como uma Caçadora de Demônios de alto escalão, muitas vezes era seu trabalho aplicar essas punições.

Mayumi parou de andar no momento em que Faunus entrou em ação.

Ele estava na frente dela novamente, bloqueando seu caminho, mas desta vez ele se levantou. Embora ele ainda estivesse em seu estado mais bestial, o que o curvou ligeiramente para a frente de qualquer maneira, ele se inclinou para ela para parecer mais ameaçador. Especialmente quando ele colocou as mãos nas árvores ao lado dele e rosnou com seus orbes uma cor perigosa de verde brilhante.

— *Não* — ele rosnou, o estrondo de seu peito alto e crescendo.

Ela odiava que seus malditos mamilos endurecessem em reação a isso!

— Não? — ela riu com os olhos se curvando com humor. — Você acabou de me dizer o que fazer?

— *Você não vai permitir que outro homem toque em você.*

Suas sobrancelhas quase subiram até a linha do cabelo. Mayumi deu um passo para o lado para contorná-lo, mas ele imediatamente a seguiu.

— Você não pode me dizer o que fazer, Faunus. — Ela simplesmente se abaixou descaradamente debaixo de um de seus braços, já que ele era muito alto. Foi fácil, pois o espaço entre seu corpo e a árvore à sua esquerda era grande. — Não é assim que funciona. Vou continuar a fazer o que quero, como fiz toda a minha vida.

Mayumi não recebeu nenhum aviso antes de ficar de bruços na neve, seu arco perdido em sua surpresa. Ele agarrou seu tornozelo e a fez tropeçar! Então ela foi virada antes que seu antebraço inteiro fosse agarrado desta vez. Ela gritou quando foi jogada por cima do ombro dele com as pernas agitadas.

Ele começou a se afastar do Posto Avançado de Colt em direção à casa dela. Ela viu calças formadas na parte inferior de seu corpo, o que significa que ele voltou à sua forma mais humanoide para ajudar a carregá-la.

— Ponha-me no chão! — ela exigiu com um grito.

Sua resposta imediata foi pegar sua adaga, mas Faunus sabiamente, acidentalmente ou não, cobriu seu cinto de armas com o

braço.

Mayumi começou a bater nas costas dele com o fundo dos punhos enquanto chutava os joelhos no peito dele. Nada parou o grande Caminhante do Crepúsculo.

— *Se essa é sua intenção hoje naquela patética cidade humana, então você não terá permissão para ir para ela,* — ele rosnou, sua voz ainda bestial devido a sua raiva apesar de sua mudança de forma.

O fato de sua voz ainda ser um baixo reverberante enviou um arrepio na espinha dela – um que fez seu interior apertar com calor. Ela até sentiu isso contra seu estômago pressionada sobre o ombro dele enquanto irradiava através dela.

Faunus estava *louco*. Grande louco.

CAPÍTULO 19

Mayumi continuou a socá-lo nas costas *tão forte* quanto ela foi levada de volta para sua casa. Era como se ele não sentisse a força dos golpes dela... como se não fossem nada para ele.

Ela podia sentir suas garras afiadas cavando em seu lado de onde ele a segurou em torno de seus quadris, bem como o lado de sua coxa onde ele segurou suas pernas para baixo. Havia um rosnado constante saindo dele.

— Eu disse para me colocar no chão! — ela gritou, debatendo-se contra ele.

Os passos pesados de Faunus subiram as escadas de sua varanda, e ele deu um salto para trás quando deve ter atingido a barreira de seus encantos. Ela pensou que isso iria detê-lo, mas não o fez.

Em vez disso, seu rosnado se aprofundou enquanto ele avançava por ele, suportando toda a dor que lhe causava para chegar ao outro lado.

Mayumi nunca trancou sua casa porque não fazia sentido. Se alguém quisesse entrar enquanto ela estivesse fora, eles encontrariam o caminho de alguma forma.

Isso significava que tudo o que Faunus precisava fazer era abrir a porta.

Ele a colocou de pé e a empurrou para dentro de sua casa pela porta, então começou a bloquear sua saída.

Seus orbes eram de um verde ainda mais brilhante do que o normal, mas tudo mais nele era ameaçador. Seu pelo e até mesmo seus espinhos de lagarto estavam em pé. Ele estava inchado, o que o fazia parecer uma grande e ameaçadora bola de pelos. Ele também estava visivelmente tremendo.

— *Você vai ficar*, — ele exigiu.

Assim que Mayumi cruzou os braços e abriu a boca para refutar, Faunus agarrou a maçaneta da porta e *fechou* a porta com força.

Ela estremeceu quando ouviu um estalo na porta ou talvez no

batente.

— Você não pode me manter aqui, — ela mordeu através da porta.

Mayumi pulou de surpresa quando ele deu uma batida singular na porta com a parte inferior de seu grande punho.

— *Você VAI ficar, Mayumi!* — ele rugiu. — *Você não vai pegar outro macho enquanto eu estiver aqui!*

Seus braços começaram a se soltar. *Ele está com ciúmes?*

A mera ideia disso fez com que outro arrepio percorresse sua espinha, desta vez acompanhado por ela morder o lábio inferior. Se fosse, ela meio que gostava que ele fosse possessivo. Ela não se importava com toda a coisa selvagem do homem das cavernas 'mulher minha, só minha'.

Na verdade, isso fez com que suas entranhas tremessem de boas-vindas e tornasse o formigamento e a dor de seus mamilos mais proeminentes.

Então ele não deveria ter me deixado aqui por uma semana e meia depois de não me dar o que eu queria.

Ela também odiava que lhe dissessem o que fazer.

Mayumi fez a única coisa que podia fazer. Ela caminhou até o depósito de sua casa, puxou o alçapão do sótão e subiu a escada. Então ela empurrou a porta do telhado e se arrastou para cima de sua cabana.

Ela sabia que tinha sido ouvida quando escorregou pela lateral do telhado pelos quadris de propósito. Ela pegou o corrimão quando passou pela borda e viu que Faunus havia se afastado da porta para olhar exatamente onde ela estava pendurada.

Ele apareceu enorme e bestial em sua varanda. Ele era grande demais para isso, uma assustadora massa de escuridão, músculos e corpo.

Mayumi lançou-lhe um olhar furioso enquanto se soltava e caía livremente na neve macia abaixo dela. Isso amorteceu sua queda. Ela se levantou quando ouviu um rugido real desta vez.

Porra. Por que isso me excita tanto?!

Ela tentou correr, mas a espessa poeira solta dificultava. Ela só

deu três passos antes de ser derrubada na frente.

Não houve oportunidade para ela se mover quando ele se deitou em cima dela e a envolveu com os braços. Ele a enjaulou com seu próprio corpo, prendeu seus braços ao lado do corpo e só deu a suas pernas um mínimo de liberdade para chutar. Ela notou que ele estava quente, quase como se seu corpo estivesse cheio de lava. O tremor dele pareceu piorar a ponto de abalá-la.

— *Nunca fuja de mim,* — ele advertiu lentamente e pontuou.

Ela soltou um suspiro quando ele a puxou e se levantou. Ele enfrentou a barreira mais uma vez, com a intenção de colocá-la de volta lá dentro. Assim que ele abriu a porta, Mayumi colocou os pés no batente da porta para se manter fora de casa.

Não funcionou. Ela tinha que mover as pernas, ou ele quebraria seus malditos joelhos com seu empurrão.

— Eu preciso ir para a cidade!

Ela precisava de comida e suprimentos! Dane-se o que ela disse antes. Ela realmente tinha coisas para fazer lá hoje.

Os sons que começavam a sair dele eram completamente desumanos. Eram rosnados e latidos? Ou talvez uma mistura de todos os predadores que ela já ouviu falar?

Independentemente disso, Faunus empurrou os dois pela porta. Antes que ela percebesse, ele atravessou a casa e empurrou sua frente contra a mesa de jantar.

Ele a prendeu com todo o seu corpo. Uma mão bateu contra a superfície da mesa bem ao lado de sua cabeça, as garras *batendo* nela quando elas esfaquearam, enquanto a outra se enrolou embaixo de seu corpo e enrolou embaixo de sua mandíbula.

— *Silêncio,* — ele retrucou, e ela percebeu que ele tinha fechado sua boca à força para silenciá-la.

Por um longo tempo, ele apenas a segurou com força.

O calor que emanava dele era intenso, mas agora que houve uma pausa, ela podia sentir o quão forte, pesado e rápido seu coração batia enquanto batia contra seu ombro esquerdo. Ela ainda tentou se contorcer para se livrar, mas acabou se acomodando quando soube que não havia sentido.

Ela estava presa debaixo dele, e desde que ela foi forçada a respirar apenas pelo nariz, ela continuou absorvendo seu aroma inebriante e de dar água na boca. Seus pulmões incharam de prazer, apenas para estremecer sua respiração.

– *Estou com **muita** raiva agora.* – Ela tentou ao máximo olhar para cima com a mão dele forçando sua cabeça de uma certa maneira. Seu crânio estava voltado para ela, sua testa apenas a milímetros de roçar contra a mesa, e ela percebeu o vermelho carmesim de seus orbes brilhantes. – *Eu não desejo te machucar, mas fugir de mim me atrai para caçar minha presa. E Mayumi, **tudo** é uma presa para mim.*

Apoiando-se no cotovelo, levantou a mão livre para desabotoar o botão da capa. Ela ouviu o material se deslocar ao cair no chão.

– *Nunca mais fuja de mim, especialmente quando estou furioso. Nem sempre estou no controle da minha fome. Se você tivesse ido muito mais longe, talvez não estivesse viva agora.*

Quando ela tentou virar a cabeça de um lado para o outro para poder liberar a mandíbula e falar, ele a apertou ainda mais. Parecia que seus dentes iriam se transformar em pó se ele empurrasse com mais força. A mão dele abrangeu todo o pescoço e a mandíbula até o ponto em que as pontas dos dedos alcançaram atrás das orelhas.

Seus olhos se estreitaram em um brilho.

Quanto mais ele falava, mais calmo parecia estar, mas ela sabia que era apenas superficial. Ele riu sombriamente de sua expressão, mas sua voz finalmente voltou ao normal.

– *Você é louca, pequena caçadora.* – Incapaz de ofegar, o barulho que saiu dela soou como um miado abafado quando ela sentiu as garras dele correrem pela lateral de seu quadril, pela lateral de sua nádega e depois por sua coxa. – *Você não tem ideia do que eu tive que lidar nos últimos dias.*

Ele não precisou mover o corpo para alcançar as botas dela e tirá-las, mesmo quando ela tentou evitá-lo. Um baque seguido de outro. Então ele tirou todas as mochilas de seu corpo – mostrando a ela que não seria razoável em sua decisão de mantê-la aqui.

Então a mão dele deslizou por baixo dela. Ele arrancou cada botão de seu casaco, então ele arrancou e jogou no chão. Ele abriu o

cinto dela, já que era fácil de fazer apenas puxando a língua para o lado, e ela ouviu suas múltiplas armas baterem no chão.

— *No entanto*, — ele rosnou. — Agora que eu provei você, fiz você gozar na minha língua, ouvi seus doces pequenos gemidos... — Sua boceta apertou não só com a memória, mas também com ele recitando isso. — Se você tiver a essência de outro macho em você, eu irei embora e *não* voltarei.

Seus orbes se transformaram em um verde brilhante novamente, e agora ela sabia com absoluta certeza que eles sinalizavam seu ciúme ou inveja.

Mayumi se acalmou completamente, seus olhos se arregalando. Toda a sua raiva se esvaiu dela, e ela tentou balançar a cabeça. Ela não teve espaço para isso.

Faunus forçosamente inclinou a cabeça dela para o lado para que ele pudesse enterrar a ponta do focinho em seu cabelo. Ele soltou um grande suspiro enquanto separava a mandíbula ao redor da orelha dela, fazendo com que os fios de seu cabelo se erguessem em reação ao envoltório de calor. Ele a estava cheirando como se tivesse esperado uma eternidade para fazê-lo novamente.

— Vou levar o cheiro daquele macho em minha memória e, em vez de protegê-lo, vou caçá-lo... vou caçá-lo, vou encontrá-lo e vou destruí-lo. — A risada que ele soltou desta vez foi ainda mais sombria do que antes, cheia de ameaça. — Você acha que as muralhas das cidades podem manter minha espécie afastada? Escolhemos *não* atacar porque sabemos que vamos massacrar todos dentro deles.

Faunus soltou a mão apenas o suficiente para que ela pudesse falar.

— Você entende?

— Sim.

Antes que ela pudesse acrescentar mais alguma coisa, ele apertou sua mandíbula novamente.

— Se você não quer mais meu toque, — ele continuou, enquanto deslizava as pontas afiadas de suas garras debaixo de sua camisa logo acima de sua bunda. Suas pálpebras tremeram contra sua vontade quando ela as sentiu e as palmas calejadas dele e as pontas

dos dedos deslizando sobre suas costas. — Então não vou mais tocar em você, mas vou ficar aqui e protegê-la, como prometi.

Mayumi não pôde deixar de curvar seu torso na mesa, uma exalação pesada saindo de seu nariz quando ele cortou aquelas garras afiadas de volta em sua espinha.

Então elas cavaram na cintura de suas calças de couro, as costas de suas garras suaves frias contra sua carne.

— Não pense por um momento que eu não posso sentir o cheiro de sua excitação crescente, Mayumi. Eu esperava voltar aqui e ter a liberdade de te tocar, — ele afirmou enquanto deslizava sua língua sobre suas presas. — Então, escolha sua resposta com sabedoria porque não vou perguntar de novo. Posso?

A tensão em torno de sua mandíbula afrouxou novamente.

Esse lado dominador de Faunus estava virando seu estômago do avesso, fazendo-o vibrar e estremecer. Seus mamilos já estavam duros e doloridos enquanto pressionavam profundamente contra a mesa de jantar em que ela estava deitada.

Os olhos dela piscaram entre os orbes verdes brilhantes dele. Seu rosto estava de cabeça para baixo quando ele encostou a testa na superfície da mesa.

Ela já sabia sua resposta, mas estava atordoada por estar nessa posição, sendo enjaulada por todo o corpo maciço dele enquanto lhe perguntava isso. Nunca em sua vida ela esperava ser dominada ou ficar à mercê de outra pessoa dessa maneira.

Ela *adorou* isso.

— *Sim*, — ela sussurrou.

Seus olhos se apertaram com a sensação de queimação em sua pele quando ele rasgou sua calça em um movimento rápido. Ele estava segurando a cintura em preparação para sua resposta e, pela brisa fresca que ela sentia em seu traseiro, sua calcinha também.

Então suas garras deslizaram por suas costas diretamente contra sua carne antes que ele virasse a mão e cortasse a parte de trás de sua camisa. Ela se abriu para deixar suas costas nuas.

O ar frio lutava contra o calor que emanava dele, e ela não sabia qual deles a fazia estremecer.

Mayumi foi recompensada por ele deslizando a palma da mão calejada em seus quadris. Ele a deslizou pelo lado de sua bunda, sobre sua coxa, quase até o joelho. Ela soltou um suspiro ofegante com a áspera sensação de cócegas.

Com o som que ela soltou, ele deslizou as pontas de suas garras sobre a carne sensível na parte de trás de suas coxas. Desta vez, ela soltou um miado silencioso e arqueou as costas quando teve liberdade para fazê-lo quando ele levantou os quadris dela.

Faunus abaixou-se para poder lambe livremente a lateral do pescoço dela por trás, fazendo com que um tremor e mais ruídos suaves a deixassem. Uma onda de arrepios percorreu um lado de seu corpo. Sua língua áspera como qualquer língua normal, mas grande, longa, plana e úmida.

Ele ainda estava segurando sua mandíbula, mas frouxamente agora. Parecia que era um aperto mais possessivo do que controlador.

— Você deveria ter me dito que estava indo embora, — ela disse quando a outra mão dele a deixou, dando-lhe alguns momentos para organizar seus pensamentos.

— Como eu deveria saber disso? — ele rugiu, sua mão subindo para deslizar sobre sua bunda. Contra a mesa, suas mãos se fecharam em punhos quando ela sentiu o polegar deslizar contra o lado de fora de suas dobras, indo para frente e para trás, mas nunca mergulhando dentro dos lábios. — Não pretendo sair de novo. Apreendi tudo o que preciso saber com outro de minha espécie e pretendo permanecer aqui com você, como prometi.

Sua mão escorregou para que ele pudesse apertá-la debaixo dela. A forma como a palma da mão desceu por seu abdômen, fazendo um caminho direto, fez com que ela tivesse espasmos por dentro.

— O que você precisava aprender?

Depois que ela fez a pergunta, Mayumi lambeu os lábios quando os dedos dele deslizaram pelos pelos que cobriam seu monte púbico e direto para suas dobras. Ela abriu as coxas quando ele pressionou contra seu clitóris. Ele começou a brincar com ela de uma forma semelhante a como ele a tocou com a língua.

— Você está muito molhada, — ele comentou, seu tom

retumbando com satisfação. O movimento circular que ele fez fez com que os quadris dela se movessem na direção oposta, esperando ajudá-lo. Ele foi para o outro lado, assim como os quadris dela. Então ele se afastou, descendo para enxugar a entrada dela. — Mas você está pingando aqui.

— Faunus, — ela gemeu baixinho quando ele pressionou dentro dela.

Ela não sabia quantos dedos ele enfiou, mas parecia pelo menos a espessura de dois dela. Ela tentou pressioná-lo, querendo-o mais fundo, apesar de sentir que ele estava o mais fundo que podia. Ele girou para abrir espaço, mexendo nela.

Sua respiração engatou quando outro dedo a espetou, esticando sua boceta.

— Você é *muito* apertada, Mayumi.

Então ele abriu os dedos e um som de sucção veio dela por causa de como ela era escorregadia. Ele relaxou os dedos e começou a empurrá-los lentamente, roçando um ponto incrível dentro dela que tinha calor se espalhando por todo o corpo dela.

Qualquer tensão dentro dela morreu naquele momento. Ela começou a resistir em sua mão. Ele separou os dedos novamente, apenas para abrir espaço para pressionar mais um.

Mayumi estremeceu, especialmente quando parecia que ele tinha problemas para empurrá-lo para dentro. Suas paredes internas estavam se estendendo muito mais do que ela já tinha antes, e queimou.

— Não tantos, — ela gemeu, tentando forçar seu corpo a relaxar ao invés de apertar. Parecia que ele estava tentando enfiar a mão inteira dentro de sua boceta!

— Meu pau não vai caber dentro de você. Você mal consegue pegar três dos meus dedos.

Somente três?! Ela tentou olhar para baixo, mas com o corpo pressionado contra a mesa ela não conseguia ver.

Faunus pressionou a ponta do focinho contra a orelha dela, e ela ouviu seus bufos profundos, sentiu-os. Isso fez com que toda a lateral de seu rosto formigasse. Então ela engasgou quando ele

empurrou aquele terceiro até o fim.

— Espere! — ela guinchou.

Ela estava grata por ele ter parado de empurrá-los e colocá-los dentro dela. Doe. Ela se sentia muito cheia.

Merda. Só posso levar três? E ela sabia que se ele se movesse, só começaria a doer mais. Já sua boceta estava dando uma pulsação desconfortável.

A última vez que ele a tocou, ela estava macia e relaxada de um orgasmo. Ela não estava pronta para aguentar tanto ainda.

— Você pediu meu pau da última vez, mas como você vai me levar assim? *Eu* não sou o problema aqui. Você é a única que é pequena — mesmo para um ser humano.

— Eu só preciso me ajustar, — ela implorou, mais para si mesma do que para ele. — Talvez se tomarmos nosso tempo, façamos isso algumas vezes...

Suas pálpebras se enrugaram quando a compreensão se instalou. Ela poderia ajustar tudo o que quisesse, mas ela tinha visto a mão dele apertar seu pênis e sabia agora que se ela não pudesse aguentar isso, ela não seria capaz de aguentar. Ele tinha sido enorme, mesmo em seu próprio alcance.

Mas eu realmente quero isso dentro de mim.

Ela queria o estranho pênis baseado em tentáculos de Faunus. Ela queria senti-lo empurrando sobre ela, tomando-a enquanto ela se moldava a seu corpo.

— Ainda não importaria. — Cuidadosamente, como se soubesse que precisava ser lento, ele tirou os dedos dela. Ele desembainhou suas garras quando começou a deslizá-las de volta para seu monte púbico e sobre seu abdômen. — A razão pela qual saí, Mayumi, é porque quero fazer isso com você. Anseio *por* estar dentro de sua pequena boceta apertada. Anseio por isso mais do que você imagina, e fui falar com minha espécie para saber se há uma maneira.

Sua mão se estabeleceu entre seus quadris, suas garras cravando, mas não cortando. Então seu corpo se moveu, mergulhando para frente. Seus olhos se arregalaram quando algo duro, incrivelmente grosso e viscoso pressionou contra a formigante entrada

de sua boceta. Apenas pela sensação, ela sabia que não iria entrar, mas ela ainda o sentia empurrando de qualquer maneira.

Ela mordeu o lábio, sabendo que era seu pênis. Ela tentou abrir mais as coxas, cumprimentando-o, mas seu corpo foi empurrado para frente, em vez de ele a violar.

Por que ele estaria fazendo isso se não fosse possível?

— E? — ela perguntou. Ele obteve sua resposta? — Há algum caminho?

Seu pênis deslizou para cima. Seus quadris pressionaram contra ela e ajudaram a deslizar a parte de baixo através de suas dobras e todo o caminho através de sua fenda até seu traseiro. Ela levantou os quadris para esfregar contra ele, sentindo que havia um sulco profundo nele.

— Sim, mas preciso de sua permissão para fazer isso com você. Não sei se é reversível, mas posso... mudar você para me levar. Com minha magia, posso forçar seu corpo a se encaixar no meu.

Magia? Ela não sabia que ele podia fazer mágica. *Qualquer que seja.* Essa era a última coisa em sua mente e algo que ela poderia perguntar mais tarde.

— Sim. Ok, faça isso. — Ele deu a ela um grunhido satisfeito, que a fez morder o lábio inferior em reação. Ele se afastou e pressionou a ponta contra sua entrada novamente, e ela tentou voltar para ele. Ela até ondulava contra ele, tentando entrar ela mesma. Era quente e duro, e até mesmo a estranha umidade fazia com que suas entranhas implorassem por isso. — Me dê isto.

Ele empurrou seu pênis para frente assim que sua respiração parou. A dela foi interrompidos quando ela sentiu a punhalada de suas garras cortando a pele entre seus quadris. Ele a esfaqueou!

As bochechas de Mayumi estremeceram de dor antes que uma magia fria começasse a girar onde sua mão estava. Seu pênis começou a deslizar para dentro.

Então ela sentiu seu corpo fazendo coisas que estavam *erradas*, mas era tão bom que sua língua caiu para frente quando seus lábios se separaram.

Seus quadris ficaram mais largos, mudando para acomodá-lo

em vez de quebrar. Suas paredes internas não apenas se esticaram, mas também se alargaram - mas não de uma forma desconfortável. Foi totalmente indolor, mas ela podia sentir-se crescendo tão inacreditavelmente cheia que sabia que nunca tinha experimentado nada parecido.

A cabeça grossa apareceu para dentro e o resto de seu deslizamento pareceu mais fácil. Mas o que saudou sua entrada sensível foram seus pequenos espinhos que faziam cócegas quando cada um entrava, dando a ela essa textura maravilhosa.

— Oh meus Deuses, *porra*, — ela gemeu, seu corpo tremendo e estremecendo em êxtase — ainda mais quanto mais fundo ele foi. Ela sentiu tudo se afastando para deixá-lo ir mais longe, mais e mais.

— Boa menina, — ele ronronou com um *ronronar*, um ronronar real que vibrou contra suas costas. Ele lambeu a parte de trás do pescoço dela até a orelha antes de girar sua longa língua contra ela. — Você está tomando meu pau tão bem para mim.

Ela podia sentir seu abdômen pressionando mais contra a mesa ao ser empurrado para baixo por *dentro*. Seu pênis estava penetrando. Ele esfregou seu lugar mais sensível, cada uma de suas pontas roçando-o e quase fazendo com que ela ficasse vesga.

— Eu vou gozar, — ela murmurou, seus olhos rolando para trás pouco a pouco enquanto ela piscava descontroladamente. — Eu vou...

Faunus recuou antes mesmo de estar totalmente dentro, para que pudesse avançar e ir um pouco mais fundo e mais rápido. Isso a ajudou, essa estranha maneira de ser esticada, empurrando Mayumi repentina e violentamente para o êxtase.

Ela apertou-o, apertou-o - gritando quando ela começou a gozar em torno de seu pênis. Então ele fez de novo. Ele se afastou para poder cavar mais fundo. E então de novo e de novo, aumentando seu orgasmo até que ela estava se contorcendo embaixo dele, tentando ondular e resistir.

Então ele estava o mais longe que *podia*, seus quadris encostados no traseiro dela. Ela apertou os quadris freneticamente contra ele, mesmo quando seus tentáculos envolveram sua bunda e

entre suas coxas para segurá-la com força.

– *Nhn*, – ela gemeu com sua bochecha deslizando contra a superfície da mesa.

– Você gozou apenas por eu te encher, – ele *riu* profundamente, provocando-a por isso.

Ela estava muito lânguida para mordê-lo quando começou a se acomodar, mal acreditando que era tudo o que precisava. Ela também estava relaxada quando de repente ele a puxou da mesa. Sua camisa rasgada escorregou de seus braços para ser descartada contra ela.

Algo fino e comprido enrolado em seu joelho. Uma breve olhada para baixo disse a ela que era o rabo dele. Uma de suas mãos envolveu a coxa de sua outra perna. Eles a mantiveram apoiada com as pernas abertas enquanto ele a levantava enquanto sua outra mão permanecia em torno de sua garganta, seu antebraço mantendo seu torso junto ao dele.

Ele a pegou e os virou, andando apenas alguns passos até que ele se ajoelhou contra o chão com os joelhos separados.

– É isso que você queria, Mayumi? – ele perguntou, e ela observou sua língua sair para lambe seu focinho através de seu espelho de corpo inteiro montado na parede na frente deles. – O pênis de um Caminhante do Crepúsculo dentro da sua boceta confortável e faminta?

A respiração de Mayumi falhou quando ela percebeu que podia ver... tudo. Seus tentáculos estavam bem abertos, mas não escondiam nada dela. Os lábios de suas dobras estavam separados para acomodá-lo, rosados e inchados e abraçados ao redor da base de seu eixo roxo. Ela estava cheia até a borda com ele.

Suas coxas estavam abertas, com as costas de seus pés descansando contra suas coxas peludas, revelando que ele estava tão nu quanto ela. Entre o pequeno vale de seus seios estava seu braço coberto de pele que tinha pequenos espinhos de lagarto correndo por ele.

E Mayumi viu que ela era... pequena contra ele. O topo de sua cabeça estava logo abaixo de suas clavículas com a forma como seu corpo se curvou para cumprimentá-lo. Ele era enorme perto dela. Seus

ombros e bíceps musculosos o queimavam além dos dela, suas coxas eram tão densas quanto.

Ele abaixou seu rosto felino e com caveira próximo ao dela para que pudesse lamber sua bochecha por trás. Embora seus orbes etéreos e brilhantes tivessem sido de um verde brilhante antes, eles agora eram roxos, mostrando seu desejo.

Como ela não havia respondido, ele lentamente começou a se retirar. Foi proposital. Tinha que ser com o quão longe ele voltou, mostrando a ela cada centímetro que ele deu a ela até que ela viu a borda larga de seu pênis saindo dela. A espessura maior dele espalhou seus lábios ainda mais.

Seu rosto já rosado, aquecido pela excitação, aprofundou-se na cor. *Observá-lo* fazer isso a deixou cada vez mais escorregadia, apesar da umidade natural de seu pênis, deixando-a superlubrificada. Ela esperava que ele voltasse com a mesma lentidão.

Em vez disso, ele empurrou rápido e com força enquanto usava todos os três membros para puxá-la para baixo impiedosamente.

— Bem?

— Sim! — ela gritou, não apenas para responder, mas para incentivá-lo. — Eu queria tanto seu pau dentro de mim.

Seu ronronar recomeçou, e Mayumi se entregou a isso, a ele, observando enquanto ele começava a dar estocadas profundas e rasas.

— Mais. Foda-me. Me dê isto. Por favor, apenas use minha buceta. Eu não me importo como.

— Segure meu chifre, — ele ordenou.

Mayumi ergueu as duas mãos, mas ele deu um tapa na esquerda com a ponta do focinho, para que ela não agarrasse o lado machucado do rosto dele. Sua direita segurou a curva de seu chifre de carneiro, e ela agarrou o longo pelo em seu ombro e peito com a esquerda.

Ela inclinou a cabeça contra ele quando ele começou a empurrar rápido, entrando e saindo dela tão rapidamente que ela quase o perdeu de vista. Sua mão deixou de apoiar sua garganta, mas suas mãos agarradas a mantiveram a ele enquanto ele acariciava ambos os seios com a palma áspera.

Seu polegar brincou com um mamilo endurecido, sacudindo-o para cima e para baixo antes de ir para o outro. Então ele acariciou ambos os seios com cada parte de sua palma, suas garras deslizando sobre ela para dar uma sensação aguda, mas prazerosa.

— Grite o nome que você me deu, Mayumi. Diga-me quem está dentro de você.

Sua cabeça pendeu quando seus olhos ficaram desfocados, até que eles pegaram o lado de algo estranho. Ela podia ver onde ele a cortou, as pequenas gotas de sangue, mas suas feridas desapareceram como se ele a tivesse curado instantaneamente. Não foi isso que chamou a atenção dela.

Não, era a *protuberância em movimento* que ela podia ver em seu abdômen. Por dentro, seu pênis estava empurrando sua carne para frente, e ela sabia exatamente onde a cabeça estava enquanto deslizava para frente e para trás - bem como alguns centímetros abaixo de sua circunferência. Ela estava *observando-o* passar por seu umbigo e ao mesmo tempo senti-lo batendo ali.

Ela era muito pequena para ele, embora ele a tivesse mudado, e seu corpo estava fazendo o melhor que podia para acomodar seu tamanho impossível.

— Faunus — ela gemeu, sentindo-se em espiral enquanto ela olhava tudo através do espelho. — *Faunus*.

— Esse não é o meu nome. — Ele apoiou a cabeça dela colocando sob sua mandíbula novamente quando ele deve ter percebido que estava caindo fracamente para frente. — Ou esse é um novo nome para mim? — ele riu profundamente. — Um que você vai me dar quando eu estiver dentro de você, fodendo você?

Ele começou a bater mais forte, mais rápido, sua mão em sua coxa movendo-a para cima e para baixo junto com seus impulsos. Ele não estava sendo gentil. Era duro, e o calor ao seu redor e dentro dela a fez perder a cabeça.

Seu aroma de capim-limão e limão fez com que suas pálpebras tremessem. Isso dissolveu completamente sua força, deixando sua mente em branco.

A cabeça dela caiu para o lado na palma da mão dele. Ela não

sabia quando começou a gozar em torno de seu pênis, mas seu corpo ficou completamente relaxado enquanto sua boceta ficou tensa e espasmódica, suas coxas dançando em espasmos ao lado dele. Seu grito era tão forte que era silencioso, seus pulmões agarrados com o poder avassalador de seu orgasmo.

Ela estava conseguindo o que precisava, o que *sempre* quis. Ter algo desumano, forte e selvagem batendo nela. Ela nunca tinha estado tão excitada, e queimou ainda mais quente quando ela viu seu gozo leitoso começando a escorrer por seus sacos embutidos.

Algumas gotas caíram no chão.

— É isso aí, continue me assistindo te foder. Minha boa pequena humana, — ele gemeu enquanto virava a cabeça para o teto. — Venha ao meu redor, para mim. — Ele deu um estremecimento pesado, um que a fez balançar em seus braços. — Foda-se, isso é tão bom, cheira tão bem. — Suas mandíbulas se separaram enquanto ele ofegava com seu língua passando por suas presas em cada expiração. — Eu quase posso prová-lo.

A mulher que a encarava do espelho parecia tão perdida que mal a registrava como ela mesma. Ela era uma pessoa carente, com uma expressão atordoada e com os olhos enevoados.

Mayumi não conseguia parar de observá-la... e ele. Era tão malditamente erótico, e ela sabia que nunca esqueceria este momento. Seria para sempre indecentemente arraigado em seu cérebro.

— Faunus, — ela lamentou desesperadamente, desejando poder dizer o nome dele completamente. Ela não conseguia mais pronunciar nada além de uma única sílaba.

Seu aperto em suas coxas aumentou quando ele abaixou a cabeça. Ele moveu a mão de sua mandíbula, lentamente deixando seu queixo cair, enquanto ele segurava sua boceta e seu pênis enquanto se movia para dentro e para fora dela.

— Eu vou gozar dentro de você. — Suas palavras começaram como um grunhido, mas terminaram em um gemido. Seu pênis inchou dentro dela, fazendo-a se sentir ainda mais cheia. — Vou encher esta boceta com minha semente, reivindicá-la com meu perfume. — Suas sobrancelhas franziram, mostrando sua única resistência a isso.

Parecendo perceber isso, ele acrescentou: — Não se preocupe, não posso engravidar você. Mas você terá minha essência dentro de você, Mayumi. Quero que seu corpo engula o máximo que puder e segure para mim.

Com suas preocupações diminuídas, os lábios de Mayumi se curvaram ligeiramente. Ofegando em seu reflexo, ela sussurrou: — Sim. Faça isso.

Ela queria sentir isso, precisava.

Seu pênis engrossou novamente e suas estocadas se tornaram mais caóticas. Mayumi estava quicando em seu eixo, todo o seu corpo em movimento para garantir que ele perseguisse egoisticamente sua própria euforia. Ela podia sentir sua libertação iminente pelo quanto ele começou a pulsar dentro dela, quase como uma vibração contorcida.

Havia excitação em seus movimentos, ainda mais proeminentes por seus gemidos altos e ocultos. Seu braço subiu para segurá-la sobre o tronco e prender seu ombro.

— Eu esperei tanto tempo por isso, — ele rosnou contra o lado de seu rosto.

Eu também, ela pensou.

— Para te foder, te encher. Para apenas... estar dentro de você.
— Então ele se acalmou, seu corpo ficando tenso ao redor dela enquanto suas garras se cravavam. Ele se curvou para frente um pouco enquanto ela observava seu pênis engrossar e suas bolsas incrustadas levantarem-se para dentro e ficar permanentemente assim contra a própria base dele. Ele estava tremendo, segurando-a para salvar sua vida, enquanto ele murmurava: — *Foda-se*, Mayumi.

Mayumi engasgou assim que soltou um gemido choroso.

— O-o que está acontecendo? — ela gritou quando sentiu algo... afiado e ardendo por dentro. Ela tentou levantar os quadris, mas ele a segurou.

— Não se mexa! — ele gritou em um estrangulamento logo antes de soltar um rugido enquanto levantava o focinho em direção ao teto. Seus tentáculos apertaram ao redor de seus quadris ao ponto que ela pensou que eles poderiam machucá-la.

Calor, tanto calor, começou a espirrar dentro de seu canal que ela se apertou. Sua liberação foi rápida, jorros rápidos que a encheram tão rapidamente que ela mal teve tempo de registrá-lo.

Seus lábios se abriram ainda mais quando ela viu sua semente começar a explodir dela, esguichando na base dele e contra o chão.

Foi tão intenso que ela sentiu espasmos ao redor dele. O grito dela se misturou ao dele. Foda-se, ela nunca sentiu nada parecido. Ele estava *tentando* jogá-la sobre a borda. Havia tanto, tão úmido e quente. E de alguma forma aquela picada aguda de várias áreas a estava deixando ainda mais sensível a isso.

Ela estava tão perto, bem no limite perigoso do êxtase. Ela tentou saltar independentemente do que ele disse. Ela continuou apertando-o, o que só pareceu fazê-lo tremer ainda mais. Suas garras cavaram mais fundo, assim como os dedos dos pés dela se curvaram.

Ela não veio, mas ainda parecia fenomenal.

Quando ele terminou, seu focinho caiu para a frente para cair em cima de sua cabeça com as presas separadas. Ambos estavam ofegantes com seus reflexos. Seu corpo inteiro tremeu quando seu peito arfou, e ela viu seu estômago afundar em torno dessa protuberância quando ela exalou, tornando-o mais perceptível até que ela respirou novamente para recuperar o fôlego.

Ele empurrou um pouco mais fundo para desalojar o que quer que tivesse feito dentro dela.

— O que foi isso, Faunus? — ela perguntou entre bufadas rápidas.

— Sempre acontece quando eu gozo, — ele respondeu com um gemido, um tremor secundário contraindo-o enquanto acariciava o topo de sua cabeça com sua mandíbula. — Eu não sei como eles são chamados. Espigões? Farpas? Mas eles endurecem e afiam. Eu não queria que você se movesse porque já machucaram minhas mãos antes. Eu sabia que iria rasgar você.

A cabeça de Mayumi balançou ligeiramente de um lado para o outro em descrença. *Farpas? Que diabos?* Ela não podia acreditar que os picos em seu pênis se tornaram farpas!

Ele estava trancado dentro dela quando gozou.

Ela não estava chateada com isso. De jeito nenhum. Na verdade, ela meio que gostou que ele tivesse essa função estranha, apenas... adicionada à estranheza dele.

Seus pensamentos foram silenciados quando ele começou a levantá-la enquanto a puxava para trás. Ela miou em reação, um pouco dolorida e sensível por causa de suas estocadas.

Seu pênis se curvou para frente quando ele caiu dela, não mais uma haste dura e projetada para cima, enquanto seus tentáculos se tornavam flexíveis. O sêmen branco jorrou dela direto para ele antes de se juntar à poça que se acumulou entre os joelhos contra o chão.

Faunus abaixou a cabeça ao lado dela e a torceu enquanto se abaixava. Ele usou suas garras e as pontas de seus dedos para puxar os lábios de sua boceta para um lado para que pudesse ver o que tinha feito dentro dela, ver como a tinha mudado, ver que foi esticado e cheio de sua semente. Sua entrada não era mais apertada.

Seus orbes deram um brilho amarelo de alegria, antes que ele levantasse a cabeça para olhar para ela através do reflexo. Seus orbes mudaram para um verde escuro, e ela teria questionado o que eles significavam se não fosse por suas próximas palavras.

— *Minha*, — ele possessivamente rosnou para ela.

Ele estava dizendo a ela que o reivindicou, que era dele.

Ela teria negado se não fosse verdade. Nenhum humano iria caber lá novamente, então ela esperava que ele planejasse ficar por perto porque ela iria precisar dele.

Seu pênis estremeceu em reação como se fosse endurecer novamente quando ela apertou e um pouco mais de semente escorregou dela. Ele agarrou o rosto dela, virando-o e o corpo dela em direção ao rosto dele.

— Diga-me que é minha, Mayumi, — ele rosnou.

Sendo forçada a olhar atentamente para seu crânio felino, Mayumi sentiu-se sendo engolida pelo verde escuro de seus lindos orbes brilhantes.

— Sua — afirmou ela, pouco antes de se inclinar para frente e dar um beijo na ponta do focinho dele. Seu pênis estremeceu novamente e começou a se erguer em uma ereção.

Mayumi sabia que poderia viver sem ele se realmente quisesse. Ela nunca gostou muito de fazer sexo com humanos, e tinha certeza de que poderia encontrar *algo* para comparar com sua circunferência e comprimento.

Ela até o criaria se precisasse.

Mas ela meio que gostou da ideia de ter esse grande Caminhante do Crepúsculo por perto por enquanto. Ela não precisava de sua proteção, mas era bom tê-la. Ela não precisava de sua ajuda com suas tarefas, mas a ajuda seria apreciada.

Ela não precisava de sexo dele, mas se fosse tão bom quanto tinha sido, ela não sabia se iria se cansar disso.

Antes que Mayumi pudesse dizer mais alguma coisa, um suspiro de surpresa a deixou quando ela foi empurrada de joelhos com o peito contra o chão. Foi abafado por um gemido agudo quando seu pênis semi-duro foi empurrado profundamente dentro dela novamente.

Faunus se inclinou ao redor dela em seus antebraços e empurrou os joelhos para trás para que ele pudesse empurrar para baixo e dentro dela. Ele já estava se movendo rápido, afogando sua mente tão rapidamente que a deixou entorpecida enquanto o resto de seus sentidos estavam aguçados.

Ela foi preparada para um orgasmo, e já estava tentando alcançá-lo com gemidos suaves.

— Você sabia que chora quando goza? — Ele enfiou os dedos na parte de trás do cabelo dela, agarrou-o e puxou com força até que ela foi forçada a olhar para o próprio rosto no espelho. — Se você não viu, vou garantir que você veja por si mesma.

Eu faço? Ela nunca chorou antes durante o sexo, talvez porque nunca tivesse sido tão bom antes. No entanto, olhando para seu próprio rosto desganhado, ela podia ver rastros secos em suas bochechas.

— É realmente muito bonito, — ele ofegou.

O som de seus quadris batendo contra os dela ficou mais alto quando ele se moveu dentro dela. Mayumi soltou um grito quebrado no momento em que finalmente alcançou seu orgasmo iminente.

Rasgou através dela rapidamente na velocidade que ele foi capaz de alcançar assim. Suas próprias feições ficaram turvas por causa das lágrimas borbulhantes.

Apesar de sua visão confusa, havia uma coisa que ela ainda podia ver, e ela deu um sorriso acalorado para o espelho.

Atrás dela, de quatro, empurrando-a como uma fera, estava um Caminhante do Crepúsculo. Era difícil confundir seus orbes roxos contra seu crânio branco na penumbra. Ocasionalmente, eles piscavam em verde escuro antes de voltar.

— Vou fazer você me ver tomar você de novo e de novo até que você não seja nada além de uma coisa entorpecida e quebrada. — Ele começou a bater, atingindo-a com mais força do que antes. Mayumi gritou, suas unhas cravando no chão em desespero para segurar-se enquanto seu corpo incontrolavelmente saltava em seus impulsos. — Porque eu ainda estou *com raiva*. Vou fazer você entender que nenhum humano daquela cidade patética próxima vai te satisfazer mais.

Ele se inclinou para trás enquanto segurava ambas as panturrilhas e as ergueu no ar e puxou, abrindo as coxas dela ao redor de sua cintura. Mayumi deslizou contra sua frente enquanto suas costas arqueavam profundamente. A posição forçou seu pênis para a frente de seu canal enquanto se dirigia para dentro dela, e ela se abaixou para pressionar a mão perto de seu umbigo para que pudesse sentir aquela protuberância se movendo.

Mayumi não conseguia contar quantas vezes ela gozou assim, completamente impotente enquanto babava contra o chão. Ela gemeu loucamente o tempo todo, suas entranhas cantando de prazer enquanto sua boceta era usada por um monstro como se ela não fosse nada além de uma prostituta pronta para ser tomada.

Apenas esse pensamento distorcido e desequilibrado a fez gritar por ele. *Oh Deuses, sim! Mais. Não pare, seu Caminhante do Crepúsculo grande, zangado e excitado. Foda minha boceta até que esteja crua.*

Ela queria ser levada, ser usada e abusada até que ela não pudesse mais andar, até que suas pernas doessem por terem sido abertas a noite toda, até que sua boceta estivesse pingando e transbordando. Até que ela fosse uma bagunça completa e absoluta de

uma mulher.

Me quebre. Arruine-me. Por favor, não pare.

Ela queria sentir garras em vez de unhas, pelo em vez de pele. Ela queria seus rosnados em vez de fracos gemidos humanos.

Quando ele a encheu novamente, Faunus puxou suas pernas para trás enquanto ele rosnava, *quase* entrelaçando seus quadris enquanto seus tentáculos se apertavam contra sua pele.

A semente dele transbordou e escorreu por seu estômago e peito até se agrupar em torno de sua garganta como um colar de pérolas.

Suas pálpebras estremeceram quando seu rosto escorregou em sua própria poça de baba no chão quando ela se arqueou para dentro dela, na sensação de sua espessa e selvagem semente enchendo-a novamente.

Ela podia sentir cada batida de seu pênis antes que disparasse um calor líquido, as pequenas palpitações de seu coração pesado dentro dele.

Isso é tão bom. Eu sinto que vou explodir.

CAPÍTULO 20

O cheiro inebriante de capim-limão infiltrou os sentidos de Mayumi. Foi difícil acordar, seu corpo estava tão relaxado e tão inacreditavelmente dolorido que a ideia de se afastar do calor sublime que a rodeava era insuportável.

Mayumi estaca protegida por um corpo duro e denso.

Faunus a abraçava com os braços frouxamente em volta dela. Um braço agia como seu travesseiro, enquanto o outro estava cruzado sobre ela para se enrolar embaixo de seu corpo. Deitados de lado, eles não estavam de frente um para o outro, já que ele era muito grande.

Seu rosto estava enterrado contra o peito dele, e ela aninhou o pelo macio ali antes de suspirar de contentamento.

Eu poderia me acostumar com isso.

Ela sabia que eles começaram a fazer sexo no meio do dia, mas eles só tiveram algumas pausas curtas para que ela pudesse comer alguma coisa, beber um pouco de água ou tirar uma soneca antes que Faunus voltasse a fazer cio impiedosamente dentro dela. Como ele havia prometido, ele a havia possuído várias vezes, até tarde da noite.

É assim que as mulheres pegam assaduras, ela pensou franzindo a testa, mas não havia sensação de desconforto. Talvez seu lubrificante tenha ajudado a evitá-la. Ou talvez ela tenha tido sorte.

Ainda assim, Mayumi era carinhosa... *em todos os lugares.*

Não só sua boceta estava inchada e dolorida, mas suas coxas *doíam* por estar ao redor de sua cintura muito maior e por serem colocadas em posições diferentes. Seu peito estava parcialmente irritado por se esfregar contra o chão e seu corpo quando ele finalmente a virou.

Ela nem queria começar a pensar em seus pobres joelhos e cotovelos.

Sentando-se cautelosamente, Mayumi esfregou o lado do rosto enquanto procurava pela janela, desorientada por acordar de cabeça para baixo como costumava fazer em casa. Ela geralmente dormia com os pés voltados para a porta.

Assim que ela viu que era de manhã cedo, ela baixou o olhar

para Faunus, ainda dormindo. Seus orbes eram pretos, sinalizando que estavam 'fechados' - ou o que quer que ele visse quando não estavam brilhando.

Ela esfregou os olhos quando sentiu uma leve batida atrás deles. *Estou com dor de cabeça.* Quem sabia que ser fodida repetidamente até o esquecimento faria mal à saúde?

Ela zombou de si mesma. *Vale a pena.*

O que ela sabia era que precisava de água.

No momento em que ela começou a levantar o braço dele para se levantar, seus orbes se transformaram em seu amarelo habitual. Ela guinchou quando ele se apertou ao redor dela e a puxou de volta para baixo até que ela estivesse deitada com o rosto enterrado no pelo de seu peito mais uma vez.

— Durma mais, — ele exigiu com uma voz adoravelmente profunda e grogue, esfregando a parte de baixo de seu focinho contra o topo de sua cabeça. Então ele apertou sua costura fechada contra suas coxas fechadas. — A menos que você queira mais.

— Você é uma ameaça! — ela tentou gritar. Sua voz saiu quebrada e tão rouca que era quase dolorosa. Ela perdeu o controle no meio da noite de tanto chorar.

— Você é a única que começou isso — ele rejeitou. — Você não pode me culpar quando eu só pretendia vir aqui para protegê-la. Você é quem *implorou*.

Cada palavra dele se tornava mais suave, como se ele estivesse prestes a voltar a dormir. Ele abriu as mandíbulas para deixar escapar um grande bocejo antes de estalar a língua dentro de sua boca.

— Eu não implorei, — ela resmungou.

Ela implorou? Ela não conseguia se lembrar. Talvez uma pergunta gentil seja uma maneira melhor de descrevê-lo.

Ela pensou em voltar a dormir, seu abraço era pacífico, mas agora que ela abriu os olhos e pensou em se levantar, o sono a escaparia.

Faunus começou a esfregar o focinho no cabelo dela até que realmente cobrisse o rosto com o ninho de nós.

— Eu gosto do jeito que você cheira. — Ele bufou

profundamente, como se a estivesse respirando, enquanto seu grande torso se expandia e depois se descomprimia. — Como abóbora e sono.

Seus lábios franzidos. — Qual é o cheiro do sono?

— Tem um cheiro quente e reconfortante e me deixa sonolento.

Isso ainda não fazia sentido, mas ela sorriu independentemente. Ela nunca teve ninguém a descrevendo assim, e a terna emoção rodopiante em seu peito só se aprofundou quando ela notou que ele ronronava como um gatinho satisfeito.

O som sempre dava um nó em seu estômago.

— É hora de acordar. Preciso ir ao banheiro e estou com fome e com sede. — Ela também notou outra coisa. Seu pelo não estava macio ao longo de sua virilha e parte inferior do torso, e a pele de Mayumi parecia rachada e... desconfortável entre suas coxas, estômago e até mesmo seu peito. — Também *precisamos* de um banho.

Havia sementes secas por toda parte. Ela não sabia que os Caminhante do Crepúsculos vinham como uma maldita cachoeira. Ela tentou ignorar a maneira como suas coxas deslizavam facilmente juntas com o calor, ainda úmido ali.

Sua cabeça baixou quando ele a ergueu mais alto. Mayumi se contorceu ligeiramente quando a língua dele deslizou sobre a borda de sua mandíbula até o canto antes de correr bem na frente de sua orelha.

— Eu posso te dar um banho, minha pequena humana suja, — ele disse com um tom de humor.

Ele começou a lambar seu pescoço com golpes determinados, deixando saliva em seu rastro.

— Estou coberta com o seu gozo, — Mayumi respondeu em um tom monótono. — Eu não pensei que você estaria interessado em me limpar disso.

Ele parou no meio de uma lambida contra sua jugular.

— Eu não me importo de limpar sua boceta desde que eu gosto de você e me misturei. — Ele tirou a língua dela. — Mas não, eu não desejo lambar minha semente sozinho de seu corpo.

Agora que ele a puxou mais alto, ela estava de frente para seu crânio enquanto usava seu forte bíceps como travesseiro. Eles nunca agarraram sua roupa de cama, então o chão era duro contra seu

quadril.

Felizmente ela conseguiu acender a lareira em algum momento entre suas sessões de sexo. Atualmente estava opaca e moribunda, mas ainda estava produzindo uma pequena quantidade de calor.

Faunus era mais quente de qualquer maneira, e parte da razão pela qual ela realmente não queria se levantar era que ele estava confortável. Ela não conseguia se lembrar se já tinha acordado nos braços de alguém antes - ela geralmente sempre escapava pela porta da frente ou pela janela antes que qualquer abraço matinal preguiçoso pudesse acontecer.

Estou feliz que ele voltou depois de todos esses anos.

Olhando para seus orbes amarelos que já estavam olhando para ela, Mayumi estendeu a mão e bateu a ponta do dedo indicador contra o osso ao redor do buraco do nariz, dando um pequeno boop em seu focinho. Sua língua saiu para golpear onde ela o havia chutado.

Suas pálpebras ficaram pesadas e semicerradas quando ele acariciou as pontas de suas garras para cima e para baixo no meio de sua espinha. Foi quando a outra mão dele surgiu para começar a acariciar o cabelo dela, seu toque excessivamente afetuoso, que o coração de Mayumi apertou fortemente. Embora ela nunca sentisse medo, ela não era imune à ansiedade.

Ela rapidamente se sentou para quebrar o contato entre eles.

Eu só quero fazer sexo com ele. Nada mais.

Não era uma boa ideia se apegar a ele e vice-versa. Muitas pessoas pensaram que Mayumi tinha problemas de compromisso, mas era tão difícil gostar de alguém quando eles podiam desaparecer no dia seguinte - para sempre.

Claro, Faunus havia 'prometido' que não tinha intenção de partir novamente, mas ela era humana. Ela poderia morrer, ou eles poderiam se cansar um do outro. Nada nunca foi certo.

Ele já tinha saído uma vez.

Apesar de seus movimentos chocantes, ele apenas passou o braço em volta da cintura dela e se enrolou em volta dela para continuar o abraço enquanto ela estava sentada. Ele a segurava como se ela fosse um ursinho de pelúcia.

— Durma mais, — ele exigiu. — Assim que você se levantar, sei que vai me forçar a trabalhar. Que coisas terríveis você quer que eu faça hoje? Tirar o telhado da sua casa para colocar um novo? Puxar uma árvore e enterrá-la novamente do outro lado do seu quintal?

O fato de seu desejo de abraçá-la parecer mais uma prevenção de tarefas do que uma intimidade romântica a acalmou. Mayumi deu uma gargalhada bufada.

— Há quanto tempo você estuda humanos, Faunus? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha para ele.

Sua cabeça levantou de repente. — O que você quer dizer?

— Bem, considerando que você parece bastante versátil em conversa suja e sarcasmo brincalhão, parece que você aprendeu muito.

Um bufo irritado veio dele quando ele deitou a cabeça para trás.

— Vocês humanos são irritantemente barulhentos. Às vezes, posso ouvi-los muito antes de vê-los, e vocês costumam brincar e provocar um ao outro. Os seres humanos são vocais em tudo o que fazem. Na alimentação, no sexo, na vida e até na morte.

Isso ainda não respondeu à minha pergunta.

Com um suspiro, Mayumi deixou passar.

Ela conseguiu se desvencilhar do abraço dele e se arrastou de joelhos até a lareira. Ela a esfaqueou com o atizador algumas vezes, sentindo o formigamento frio de arrepios assaltando seu corpo inteiro. Seus mamilos se esticaram de forma mesquinha, e ela rapidamente jogou uma tora nova nas brasas para que pudesse aquecer a casa.

Quando ela se virou, Faunus estava deitado de lado com um joelho dobrado. Ele também dobrou o braço sob ele e colocou o lado de sua cabeça na palma da mão. Sua cauda balançava atrás dele, mas foram seus orbes roxos que a fizeram parar.

Eles rapidamente voltaram ao amarelo, mas sua posição o fazia parecer terrivelmente arrogante.

Não demorou muito para ela perceber que ele estava olhando para sua bunda nua e boceta por trás!

Mayumi não perdeu tempo. Apesar de suja, ela encontrou roupas quentes que não se importou de lavar novamente mais tarde.

Havia uma claudicação perceptível na maneira como ela andava, tudo do abdômen para baixo estava dolorido e apertado.

Nunca fui fodida a ponto de não conseguir andar direito.
Atualmente, ela estava mancando.

Um sorriso se espalhou em seus lábios, e ela o exibiu com orgulho, mesmo quando deu pequenos espasmos faciais de dor.

Faunus permaneceu onde estava, observando-a o tempo todo com o rabo batendo no chão. Ela pensou que ele ficaria lá, mas ele rapidamente a seguiu no momento em que ela saiu.

— Onde você está indo? — ele perguntou enquanto se abaixava pela porta.

— Para o riacho.

Ela abriu caminho pela neve até os fundos da casa, segurando duas toras nas mãos e alguns gravetos para acender o fogo.

Debaixo de uma grande bacia de pedra havia um fogão de aquecimento. Ela abriu a porta de metal e jogou tudo o que tinha em seus braços nele antes de reorganizá-lo. Então ela usou vários fósforos para acendê-lo.

Feito isso, ela foi até o galpão e pegou uma picareta e uma pá de boca quadrada.

Quando Faunus viu que ela estava removendo a neve de um determinado local, ele começou a ajudar de bom grado. Ele usou sua mão grande para cavar e retirá-la. Com eles trabalhando juntos, rapidamente revelou uma cobertura de folha.

Mayumi a removeu para revelar o topo de uma bacia de pedra que havia sido construída ali. Era à prova d'água, pois foi selada com uma argila especial, mas era composto principalmente pela grande parede de rocha natural que tinha de um lado e vários pedregulhos em todos os outros lugares.

Ela empurrou um pouco de neve, sabendo que o fogão embaixo dela começaria a derreter e aquecê-la. Então Mayumi os conduziu até o pequeno riacho próximo.

Demorou um pouco para encontrar a ponta do cachimbo de terracota que sua família havia enterrado aqui há muito tempo. Assim que o fez, ela limpou toda a neve e sujeira ao redor para desenterrá-lo.

Mayumi desfez as travas que cobriam a extremidade que impediam que coisas como sujeira, gravetos, folhas ou neve entrassem e entupissem. Também impediu que os animais o usassem como toca.

Como a superfície do riacho estava congelada, ela precisava usar sua picareta para chegar à água fria, mas em movimento, abaixo. Ela cavou a terra para que escoasse para o cano de terracota e descesse a colina. Uma vez que ela removesse a cobertura do fundo na outra extremidade, ela escorreria para a bacia de pedra.

Dava muito trabalho só para tomar banho, e era por isso que Mayumi raramente fazia isso, mas uma limpeza básica com água de neve derretida e um pano não resolveria hoje. Não com a bunda grande e peluda de Faunus.

Ele estava andando sem um pedaço de roupa nele, e mesmo agora ela podia ver como ele estava totalmente coberto de semente seca. Isso até fez o pelo dele se juntar, e ela não o tocara novamente até que ele parasse de fazer isso.

Mayumi fez uma cara *blergh* quando se encolheu antes de descer a colina. No momento em que ela desfez a trava inferior, a água fresca derramou lentamente na bacia.

— Enquanto isso está enchendo e esquentando, — ela começou enquanto se virava para Faunus. — Vou tomar café da manhã e tomar chá.

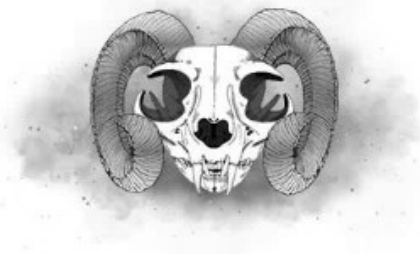
Ela notou que seus orbes eram de um tom mais escuro de amarelo do que o normal. Ele inclinou a cabeça para o banho de primavera antes de incliná-la de volta para ela.

— Se você quisesse preencher isso, poderia ter me dito. Sou capaz de usar magia para encher coisas como banheiras. Teria sido quente para começar.

Mayumi virou a cabeça para observar a água entrando.

— Acho que agora é tarde demais. Talvez da próxima vez, pois já completei todo o processo.

Era decepcionante que ela não soubesse disso antes, mas não havia nada que ela pudesse fazer agora.



Embora obrigado a seguir Mayumi aonde quer que ela fosse, Faunus permaneceu onde estava enquanto ela entrava. Ele olhou para a água fluindo, quase hipnotizado por ela, até que atingiu uma certa altura.

Depois de um longo tempo, ela voltou para fechar esta extremidade do estranho dispositivo de tubo.

Mesmo com a distância entre eles, ele podia ver que era grande e profundo. Ele deu um passo para trás com o rabo enrolado em apreensão.

Ele começou a caminhar pelo pátio, explorando para ter certeza de que não poderia sentir nenhum Demônio ou humano vindo por perto. Se ela pretendia ficar fora por um longo período de tempo, ele queria ter certeza de que era seguro.

Ele não sabia há quanto tempo estava fora, recusando-se a se aproximar dela ou ficar perto da água, mas finalmente a ouviu chamá-lo.

Ela estava nos fundos da casa, segurando dois pedaços de pano comprido nas mãos. Ele inclinou a cabeça para ela enquanto se aproximava.

— Ok, está pronto.

Faunus ergueu a cabeça para a pequena poça de água quente fumegante e então voltou seu olhar para ela. Ele não sabia por que ela sentia a necessidade de informá-lo.

Ele tinha visto os humanos preferirem tomar banho em privado.

Ele apenas planejava não dizer a ela que assistiria alegremente de longe.

— Aproveite seu banho. Eu já explorei a área e sei que é seguro

para você fazer isso.

Suas sobranceiras fofas se juntaram enquanto seus lábios franziam. Sua visão se fixou neles. Ele os provou brevemente algumas vezes ontem, mas estava tão distraído com o resto de seu corpo que não satisfez seu desejo de lambê-los.

Porque ela era tão pequena comparada a ele, era difícil alcançar seu rosto quando ele estava dentro dela. Ele precisava arquear o corpo, o que dificultava a movimentação dos quadris. Ele começou a lambê-la quando seus corpos foram separados.

Mas o que ele realmente queria era... beijá-la.

Ele tinha visto humanos fazerem isso. Eles trancaram suas bocas e fizeram esses pequenos ruídos suaves que causaram formigamento nas orelhas dele.

Ele nunca poderia fazer isso com ela, e se perguntou se ela passaria a não gostar dele quando percebesse que não podiam ser íntimos dessa maneira. Na verdade, havia muito nele que era diferente e muitas coisas que eles nunca poderiam fazer juntos.

— Nós vamos tomar banho, — Mayumi disse com a cabeça balançando. — Chamei você aqui para entrar comigo.

Branco brilhou em seus orbes quando ele deu um passo cauteloso para trás, cobrindo o peito com a mão.

— Eu? Não apenas você.

Seus olhos se estreitaram em um brilho estreito.

— Entre no banho, Faunus. — Mayumi apontou para ele. — Você está mais sujo do que eu.

Sua visão se voltou para a água fumegante e um tanto profunda antes de se transformar permanentemente em branco. Ele balançou a cabeça com o coração acelerado, forçando o sangue para os músculos para fazê-los inchar.

— Estou bem. Eu não vou caber.

Ele se encaixaria. Ele sabia que caberia, talvez até com muito espaço. Ele simplesmente não queria.

— Você está brincando. — Mayumi deu uma risada, uma risada profunda e zombeteira. — Você tem medo de água?!

— Não — ele respondeu casualmente, virando a cabeça com

desdém. — Não tenho medo de água.

Ele tinha? Não. Talvez um pouco, mas não por causa da água em si. Ele desconfiava porque sabia o que poderia fazer, como poderia ser *sufocante*.

— Você tem! — O fato de sua risada estar crescendo fez com que seus orbes ficassem vermelhos de raiva. — Eu não pensei que porque você tinha um crânio felino, você teria medo de água como os gatos!

A labareda de constrangimento e descrença em suas palavras fez com que seu corpo se agitasse. Seu pelo inchou em agitação.

Ele não podia acreditar que ela disse algo tão ofensivo para ele. Ele se recusava a ser comparado a um animal irracional. Ele podia se comunicar e entender - em vez de apenas miar inutilmente ou sibilar como um tolo.

Ele tinha comido muitos deles. Havia uma razão pela qual muito dele era semelhante ao de um gato, tanto pumas domésticas quanto da montanha.

— Eu não sou como um gato! — ele rugiu, separando suas presas em advertência. Mayumi se encolheu com o volume de seu rugido e o fato de que ele estava fazendo isso com ela. Ele imediatamente estremeceu com sua expressão chocada, provavelmente porque ele tinha feito isso tão de repente. — Certo! Se é tão importante, vou entrar no banho só para mostrar que não tenho medo.

Ele pisou em direção à pequena piscina e escalou o lado oposto dela, onde ele podia ver que um humano normalmente entraria. Havia uma parede aqui onde estava o fogão de aquecimento.

Sua raiva diminuiu instantaneamente quando ele colocou as mãos na borda para pular. De frente para a água, ele fez uma pausa. A chama em seu peito foi abafada em um ritmo de inquietação cheio de ansiedade. Ele não queria entrar. Ele não queria colocar o corpo na água.

Ela ondulou quando uma folha caiu suavemente nela, da mesma forma que aconteceria quando bolhas estourassem contra a superfície por baixo.

Mais uma vez, a ponta de sua cauda se enrolou em apreensão.

— Faunus?

Sua voz calma o tirou do transe que começou a puxá-lo para baixo, e ele virou a cabeça para ela. Ela não estava mais rindo, mas tinha uma carranca pensativa em sua expressão.

Entre na água, disse a si mesmo. Não deixe que ela saiba que você é... Ela não vai pensar que você pode protegê-la se não puder fazer algo tão simples quanto sentar nisto.

Faunus não queria que Mayumi pensasse que ele era fraco em nenhum sentido. *Não é tão fundo assim*, ele se assegurou.

Ou estava mentindo? Era realmente interminável?

Ele pulou e colocou a perna esquerda para dentro. Ele teve que acalmar seu corpo do estremecimento repulsivo que deu antes de jogar a outra dentro.

O único consolo que sentia era que a água estava morna, o que ajudava a aliviar um pouco a tensão em seus músculos.

Havia vários lugares onde se podia sentar na rocha, e ele escolheu aquele que achou que seria melhor para ele, pois não o submergiria. Ele segurou firmemente as bordas para garantir que não escorregasse mais fundo do que o fundo do esterno.

Seu corpo era denso, querendo afundar em vez de flutuar.

Ele nem sabia que Mayumi havia se despido até que ela estava deslizando dentro da água. Subia bem além de seus seios para se assentar no topo de seu peito.

Vê-la se sentar na frente dele deu a ele algo diferente da água para se concentrar, mas era difícil ignorá-la ao seu redor. Parecia esmagador, como se estivesse apertando seu torso em vez de apenas lambe suavemente sua carne.

Ele desejou que seus orbes parassem de ser brancos. Não importa o quanto ele tentasse controlar suas emoções, nada o ajudava. Ele queria sair. Ele não podia acreditar que tinha entrado para começar. Suas garras cravaram na rocha do lado de fora da banheira.

A única razão pela qual ele sabia que estava tremendo era porque Mayumi se aproximou e o acalmou segurando seu focinho.

— Aqui vamos nós. Agora podemos ficar bem e limpos, — ela arrulhou.

Ele não sabia se ela estava ciente de seu desconforto, mas ela não fez nenhum comentário sobre isso. Ela ajudou a centralizá-lo quando se virou e sentou em uma de suas coxas enquanto ainda segurava seu focinho, direcionando seu rosto para manter seu olhar no dela.

Ele pensou ter percebido uma pitada de preocupação em suas feições com a forma como suas sobrancelhas se contraíram. Depois de um tempo, ele sentiu sua angústia diminuir.

Ela está sentada em mim. Ele colocou os braços ao redor dela para que ele pudesse segurá-la.

Ele não gostou quando ela começou a colocar água em suas mãos e despejá-la na frente de seu corpo, mas ele optou por ignorá-la. Faunus não tirava os olhos dela e tentava não sentir nada além do corpo dela no dele.

Não havia peso, já que a água a mantinha flutuante, então ele deixou o lado de seu torso e seus braços sentirem o toque dela.

Sua bondade e conforto eram o que ele precisava, e ele sentiu seu coração bater levemente em seu peito. *Ela está tentando me acalmar.* Ele odiava precisar disso, por ter sido tão óbvio, mas ainda assim estava agradecido por isso.

Faunus levantou a mão, que pingava pesadamente com água, e segurou o lado do rosto dela.

— Por que você está fazendo isso comigo? — ele perguntou, sentindo uma estranha onda de emoção por dentro.

Mesmo que ela fosse inatingível até agora, Faunus... inegavelmente se importava com Mayumi. Isso estava se aprofundando, quer ele quisesse ou não.

— Tomando banho? — Suas sobrancelhas se juntaram. — Não é óbvio? Ou você quer dizer por que estou sentada no seu colo? Se é, eu estou só porque posso.

Faunus balançou a cabeça.

— Por que você está permitindo que eu toque em você, Mayumi? Eu sou um Caminhante do Crepúsculo. Nunca esperei que você sentisse qualquer tipo de desejo ou afeição por mim.

— *Oh.* — Suas feições caíram antes que ela desviasse o olhar

dele para olhar para a floresta atrás da casa. Então ela deu uma risada aguda e curta. — Outros achariam estranho, mas às vezes algumas pessoas só querem foder os monstros debaixo da cama.

Faunus deu uma inclinação de cabeça interrogativa com seus orbes crescendo em um amarelo escuro, finalmente desaparecendo do branco.

— Mas... eu não caibo debaixo da sua cama.

— Pffft! Eu não quis dizer literalmente! É um ditado, Faunus. Significa que algumas pessoas se sentem atraídas por coisas que não são normais ou humanas? Eu odeio Demônios, mas achei alguns atraentes. Às vezes, coisas assustadoras me excitam, como monstros e a ideia do bicho-papão. — Ela deu a ele um grande sorriso, um isso era tão proeminente que deixava a parte de baixo de seus olhos inchada. — E você é o maior, pior e mais assustador de todos eles. Desde o momento em que te vi na clareira naquela noite, quis pular em seus ossos.

A maneira como seu coração esfriou de repente o fez perder a sensação quente da água do banho ao seu redor. Ele escureceu seus orbes para preto quando sabia que eles iriam ficar azuis, escondendo dela qualquer tristeza ou mágoa que sentisse por suas palavras.

Quando ele respirou fundo, abriu a visão e ficou aliviado por eles estarem com o amarelo de sempre.

Então ele forçou uma risada de si mesmo e deslizou suas garras pelo lado de seu corpo.

— O mais assustador? Eu não cheirei um único fio de medo de você. — Ela gritou quando ele fez cócegas nela. — Mas me agrada saber que você me acha atraente, apesar de eu ser um *monstro* como você me chama.

— Isso é um tom azedo, eu ouvi? — ela perguntou com as bochechas inchadas.

— Acredito que pretendia que fosse divertido.

Ele sabia o que era e como os humanos regularmente chamavam qualquer coisa fora da humanidade. Para eles, e obviamente para ela, ele era um monstro. Um pesadelo. Algo errado que não pertencia a este mundo.

Mayumi estendeu a mão e segurou os lados de sua mandíbula ossuda em suas palmas pequenas e molhadas.

— Eu acho você e esse seu rosto de Caminhante do Crepúsculo bastante sexy. Chamei você de Faunus porque significa Deus da floresta, e você pode ser meu Deus da floresta, pai dos ossos, a qualquer dia.

A maneira como seus lábios se curvaram era quente, seus olhos escuros brilhando com maldade. A luz brilhava neles, fazendo com que parecessem poças de um rico marrom.

— Então, quando você gritou 'oh meu Deuses' ontem, você estava apenas me chamando. — Não era uma pergunta, mas uma afirmação.

Isso deu a ele o que ele queria, outra risada musical e não feminina.

— Claro. O que você quiser dizer a si mesmo. — Então ela acariciou seu rosto no que parecia ser uma forma reconfortante, mas apreciativa, tomando cuidado para não tocar na rachadura nele. — Mas, eu sei com certeza que não teria me divertido tocar em ninguém além de você.

Ele inclinou a cabeça nas mãos dela. — O que você quer dizer?

Pelo que ele reuniu, ela teria feito isso com outro. O fato de que um Demônio poderia estar em seu menu era um pouco alarmante, mas ele pensou que se outro de sua espécie tivesse tropeçado nela, ela poderia tê-los aceitado em seu corpo maduro e macio.

— Você salvou minha vida, Faunus. Eu não estaria viva se não fosse por você. Posso não ter me lembrado bem de você, mas nunca me esqueci de você e do que você fez por mim.

Ela deu um pequeno suspiro e então se afastou dele, embora ele estivesse desesperado para mantê-la perto para salvá-lo de suas ansiedades. Ele não sabia por que ela queria quebrar o contato com ele, especialmente quando ela estava dizendo algo que o fazia se sentir... desejado.

— Desde o momento em que você disse que estava aqui porque queria me proteger... eu confiei em você. É por isso que me sinto confortável o suficiente para fazer sexo com você.

Ela se sentou no lado oposto da banheira novamente, desta vez de frente para a floresta.

Ela confia em mim. Eu sou especial para ela.

A alegria brilhou dentro dele. Isso foi o suficiente. O fato de que ela confiava nele e o desejava, ele tiraria essas coisas dela e as guardaria com muito carinho.

— Estou grato por este resultado, em vez de você tentar me matar, — ele tentou provocar, já que ela parecia pensativa. — Vou manter seu segredo a salvo do resto de seus Caçadores de demônios na próxima vez que eu for para aquele grande e fortificado castelo na montanha deles.

Ele pensou que a ideia dele valsando em seu caminho para uma fortaleza Caçador de demônios a faria rir. Em vez disso, ele observou a mão direita dela se fechar em um punho cerrado enquanto seus lábios se fechavam.

CAPÍTULO 21

Por que eu mudei a conversa? Mayumi pensou com um beicinho descontente.

Ela começou a compartilhar seus sentimentos mais... privados, e ela não estava acostumada a fazer isso. Suas palavras travessas sobre 'o monstro debaixo da cama' foram apenas porque ela queria ser bem-humorada e distraí-lo de sua óbvia aversão à água.

Falar sobre o fato de que ela confiava nele, lembrava dele, trouxe um turbilhão de emoções com ele. Emoções que ela não queria.

Ela já sabia que gostava de Faunus. Seu exterior era uma grande parte disso. Havia uma inegável beleza divinamente sombria nele que os outros não viam – porque eles eram tolos cegos – mas ela também podia ver que ele era... jovial. Ela não esperava que ele fosse tão de espírito livre. Ele pode até estar brincando.

Então ele trouxe o Espinheiro, coisas sobre ela ser uma Caçadora de Demônios. Ela desejou que ele não o fizesse.

Ela começou a franzir a testa e trouxe seu olhar para ele.

– Como você sabia que era o castelo da montanha que eu fui?
– Mayumi perguntou, desviando os olhos pelo corpo dele e estranheza antes de voltar com suspeita. – Embora minha casa seja mais perto da Fortaleza do Espinheiro, havia uma chance de eu ter ido para a Fortaleza Fogo Negro.

Espinheiro ficava a leste dali, enquanto Fogo Negro ficava a sudoeste.

Faunus virou o focinho para cima como se estivesse olhando para o céu sem nuvens. Seu rabo balançou sob a água, chamando sua atenção antes de suspirar alto.

Ele virou a cabeça para trás para encará-la.

– Você é uma humana feroz.

Mayumi percebeu que sempre que Faunus falava sobre sua força, era sempre como humana, nunca como mulher. Era como se ele categorizasse homens e mulheres da mesma forma, em vez de fazer uma comparação baseada primeiro no gênero e depois na humanidade.

— Você é muito forte, e imagino que seja por causa de todo o treinamento que seu pai Caçador de Demônios a colocou – mesmo quando você era criança.

Suas palavras fizeram seus lábios se separarem em compreensão.

— Há quanto tempo você está me observando, Faunus?

Ele não poderia saber que seu pai era um Caçador de demônios desde que ela nunca disse a ele. Ele também não poderia saber que seu pai a treinou desde tenra idade, a menos que... ele tivesse visto.

— Atualmente? No momento em que você me viu matar aquele Demônio na frente de sua casa foi quando voltei.

Ela estreitou os olhos em um brilho.

— Você sabe que não é isso que eu quis dizer.

Suas presas se separaram enquanto ele ria profundamente, tornando o som mais ecoado e travesso. Mais sombrio, até.

— Mayumi, venho a esta cabana desde a noite em que te salvei. Eu vi você se tornar uma criança que dormia em ervas altas. Em seguida, uma criança ainda maior que tropeçava e caía enquanto seu pai a golpeava com uma estranha espada de madeira sempre que ela cometia um erro. Ou houve os dias em que testemunhei você sendo guiada enquanto batia, chutava e batia na madeira montada contra a estaca no meio da clareira. — Quanto mais ele falava com sua voz indiferente, mais o queixo dela caía. — Eu vi você forjar suas próprias armas e discutir com seus pais. Eu vi muito da sua vida. Também vi coisas que ninguém mais viu, coisas que você não gostaria que mais ninguém visse.

Ela não sabia se estava indignada, cautelosa ou chocada com esse desenvolvimento. Também trouxe à tona que Faunus provavelmente viveu muito tempo, o que apenas implorou a questão ... quantos anos ele tinha?

— Como o que? — ela soltou, rangendo os molares.

— Eu estava seguindo você, certificando-me de que você viajasse sozinha com segurança no dia em que sua mãe morreu. Vi você e seu pai enterrá-la aqui perto.

Seu rosto empalideceu. *Ele me viu chorar.*

Ninguém nunca tinha visto Mayumi chorar, exceto por sua mãe. Ela escondia todas as lágrimas de seu pai desde tenra idade, porque ele queria acreditar que ela tinha força de vontade. Ele pensou que a fraqueza era o sinal de um caçador de demônios que morreria em breve.

— Por que você está me contando isso? Faunus, isso se chama perseguição! Você entende o quão... assustador isso é?

Ele teve a audácia de zombar dela!

— Talvez possa ser *assustador* para um humano, mas eu apenas queria saber se a criança que salvei ainda estava viva. Observei muitos humanos e retornei a muitos lares. Já vi crianças se tornarem adultas e depois vi que nunca mais voltam. Você é uma dos poucos que permanecem neste mundo.

Durante toda a conversa, o corpo de Faunus estava rígido como pedra, sem vontade de se mover na água como se fosse comê-lo vivo.

— Você não pode me chamar de monstro e depois colocar a moralidade humana em mim, Mayumi — afirmou ele, inclinando a cabeça para o lado como embora para pontuar suas palavras. — Perseguir é pior do que as dezenas de humanos que comi e matei? Você sabe o que eu sou. Você deixou claro que sou um Caminhante do Crepúsculo e que sabe o que fiz. Não cheguei a esse nível de humanidade ficando parado e esperando que minha comida entrasse na minha boca.

Seus lábios se apertaram. *Merda. Ele está certo.*

Ela não podia atribuir ideologias humanas e moralidade a algo como ele, e ela já gostava disso nele de qualquer maneira. Ele estava fora do reino do normal, e é por isso que ela se sentiu atraída por ele em primeiro lugar.

Ela abriu o punho e deixou a tensão sair de seu corpo.

— Não fazia sentido esconder isso de você — acrescentou. — Eu acabaria deixando claro que tenho observado você falando tão abertamente. Eu preferiria sair e contar agora, em vez de acidentalmente. Também permite que você saiba que já entendo muito sobre você, como você é habilidosa e que sei que seguiu os passos de seu pai.

— Os passos de meus ancestrais, — ela corrigiu com os lábios fazendo beicinho e resmungando. — Especificamente, os homens.

Ela soltou um suspiro profundo e encostou a cabeça na parede da banheira. Suas pálpebras baixaram enquanto ela o observava, seu corpo ainda cheio de tensão e inquietação. Seus lábios se curvaram com o quão teimosamente corajoso ele estava sendo.

— Sou a primeira filha nascida em cinco gerações por parte de meu pai nestas terras. Ele esperava um filho, alguém para gerar o parente mais próximo e se tornar um caçador de demônios como seu antepassado e seu antepassado antes disso. Em vez disso, minha mãe deu à luz uma filha e não conseguiu chegar a termo com aqueles que me seguiram. Foi o que a tornou fraca quando ela costumava ser forte.

Ela inclinou os braços sobre a parede rochosa para imitar a posição dele. No entanto, ela dobrou uma perna em cima da outra, já que estava nua.

— Acho que meu avô teria desaprovado uma *mulher* da família se juntando à guilda, mas meu pai já estava tentando se livrar de gerações de lavagem cerebral. No passado, as mulheres eram consideradas fracas e inúteis. Muito teve que mudar com o flagelo dos Demônios, mas minha família decidiu manter essas mentalidades misóginas. — Então seu olhar caiu para o lado em uma pulsação dolorosa em seu coração. — Mas meu pai era protetor comigo porque eu era uma menina. Ele não gostou de eu querer entrar para a guilda, e acho que ele foi especialmente duro comigo por causa disso. Ele queria que eu vivesse, e ainda estou viva por causa de todos os seus ensinamentos - não importa o quão duros e cruéis eles possam ter sido.

— Fiquei com raiva no começo quando vi você receber punição, — Faunus rosnou, e ela jurou que ouviu o barulho de rocha se partindo sob suas garras. — Eu precisava sair por causa do cheiro do seu sangue e da minha raiva. Estou feliz por não ter interferido.

— Eu também — ela riu sem humor. — Ele era um Ancião. Ele teria lutado com você até a morte, como eu teria, e então nenhum de nós estaria aqui.

Sua cabeça se inclinou quando ele a inclinou para frente.

— Você também é uma Anciã? Você poderia explicar o que isso significa?

Sua mandíbula se apertou antes que ela voltasse seu olhar para o céu. — Nunca cheguei a ser uma Anciã, isso leva anos de experiência. Eu me tornei uma Mestra - uma posição logo abaixo disso.

— Então você ainda é uma forte Caçadora de Demônios.

O elogio em sua voz a incomodou. Ela se irritou, sua ira espinhosa.

— Eu não sou mais uma Caçadora de demônios, Faunus. É por isso que estou aqui e não na Fortaleza do Espinheiro.

— Você não é? Mas não é isso que você queria? — Seu tom deu a ela a impressão de que ele pensou que ela havia partido de bom grado.

— Foi — ela rosnou. — Mas eu quebrei uma regra e fui expulsa dela.

— O que você fez?

Mayumi olhou para uma nuvem que se aproximava, esperando que não planejasse começar a tempestade novamente. Ela estava cansada da neve e era apenas o meio do inverno.

— Você sabe o que uma mulher tem que fazer para se tornar um membro oficial e ascender de uma novata no azul a uma aprendiz verde?

— Claro que não.

Ela abaixou a cabeça e então deu a ele um sorriso maldoso.

— As mulheres sangram, geralmente uma vez por mês. O preço para uma mulher subir de posição é fazer uma histerectomia completa. Eles nos abrem e removem todos os nossos órgãos reprodutivos. Nosso útero, nossos ovários, tudo. É para garantir que não seremos uma responsabilidade para nossas equipes quando estivermos em campo. Caso contrário, não seríamos nada além de iscas demoníacas, matando nossos companheiros de equipe.

— Eu... não sabia que era algo que você tinha feito.

Ela viu um lampejo de azul em seus orbes, mas qualquer que fosse a emoção, ele a apagou rapidamente.

— Eu não. Essa é a questão. — Sua cabeça latejava quando ela a inclinou para trás mais uma vez. — Meu pai conseguiu mexer alguns pauzinhos e fazer com que parecesse que eu tinha feito o procedimento. Uma das razões pelas quais ele estava insatisfeito com minha entrada na guilda era que eu não poderia continuar a linhagem familiar se fizesse a cirurgia. Foi ele quem me disse que eu deveria mentir, mas eu tinha que manter isso em segredo. Por onze anos, guardei esse segredo. Então, um dia, minha menstruação estúpida veio uma semana antes, e metade do meu time foi massacrado enquanto caçávamos um Demônio particularmente forte que permanecia nas minas. Vi homens morrerem porque trouxe três Demônios sobre nós. Fui pega tentando esconder que estava sangrando, despreparada para isso, e aquela pessoa me denunciou indignada porque teve a mão arrancada e perdeu o amigo.

Ele não disse nada por um curto período de tempo, eventualmente levando a mão para frente para segurar o lado do focinho enquanto olhava para a floresta.

Ela tinha certeza de que isso era muito para assimilar.

Tinha sido muito para ela processar.

— Ninguém sabe a verdade, — ela continuou, estranhamente desconfortável com o silêncio. — Foi anunciado que fui dispensada com honra e recebi uma grande quantia em dinheiro para manter minha boca fechada. Não posso usar meu uniforme, exceto em casa, e relato tudo o que vejo que possa ser útil para eles — embora isso seja mais uma escolha do que um requisito. Eles se ofereceram para me deixar passar pela cirurgia se eu quisesse ficar, mas eu recusei.

— Por que?

Ela foi questionada sobre isso quando ela disse não.

Mayumi se levantou e caminhou até o lado da banheira de água mineral. Na borda havia um frasco de vidro com sabonete líquido feito de leite de cabra e lavanda. Segurando o frasco cilíndrico de cabeça para baixo, ela derramou algumas gotas na palma da mão e começou a lavar os braços.

Eles estavam tomando banho, então ela poderia muito bem começar a lavar o corpo enquanto eles conversavam. Parecia que ele

estava muito desconfortável para se importar que ela estivesse completamente nua diante dele. Então, novamente, ele provavelmente se acostumou com seu corpo nas últimas vinte e quatro horas deliciosamente transando com ele.

— É o meu corpo, — ela começou, observando a espuma do sabonete sobre sua carne. — Eu não queria mudar só porque os Demônios vieram. Por que eu deveria sofrer isso? A maioria dos Caçadores de demônios nem passa dos trinta, e muitas mulheres ficam doentes e fracas em seus últimos anos porque mudar seus corpos assim tem efeitos colaterais terríveis. Eu deveria poder fazer a escolha se quero filhos e não ter essa escolha tirada de mim por causa de algum verme comedor de humanos.

Ela ficou surpresa quando seus orbes ficaram amarelos brilhantes.

— Isso significa que você deseja filhotes? Crianças...

Mayumi ergueu os ombros em um encolher de ombros antes de ensaboar o peito.

— Não sei. Não gosto particularmente de trazer vida a este mundo moribundo.

— O mundo não está morrendo — disse ele. — Há muita vida.

Ele gesticulou para as árvores e seus arredores.

Mayumi adivinhou que essa conversa foi reveladora para os dois de maneiras diferentes. Foi bom saber que ele sempre esteve ao lado dela, escondido nas sombras, e também foi... um alívio desabafar e compartilhar suas frustrações.

— A humanidade *está* morrendo — ela suspirou. — O mundo está quebrado, Faunus. Somos as últimas brasas sufocantes esperando para morrer, queimando desesperadamente a última luz antes de partirmos. O tempo está nos comendo vivos, apenas esperando para nos embalar na sepultura.

Então ela gesticulou para os arredores como ele havia feito. Ela ficou em cima de onde estava sentada, trazendo mais de seu corpo para fora da água e para o ar frio para que pudesse lavar a parte de baixo dela — o lugar que realmente estava sujo.

— Claro, as árvores ainda estarão aqui, mas você não viu o

interior de nossas aldeias. Não é apenas com os Demônios que precisamos nos preocupar, mas com a fome e as doenças de lá. Todos os anos, mais e mais pessoas estão sofrendo. E todo ano, espero para ver se o Posto Avançado de Colt ou a cidade de Reddington são destruídos por dentro ou por um grupo de Demônios. É pior aqui no norte do que em qualquer outro lugar por causa do grande número de montanhas que temos. Existem mais Demônios, e isso torna mais difícil o comércio entre aldeias e cidades. Apesar do que está acontecendo fora dos muros, a ganância ainda está separando a humanidade porque tudo é escasso.

Voltando para a água para enxaguar, Mayumi sustentou seu olhar enquanto dizia: — Agora somos apenas gerações nascidas para testemunhar o fim do mundo. A ideia de trazer uma criança a esta vida, sabendo pode acabar pouco depois de nascer porque ficou doente ou foi comido, não é algo que tenho certeza de querer testemunhar. Também não quero morrer sabendo que pode ser um dos últimos humanos nascidos.

Ele ficou quieto enquanto pensava nas palavras dela.

Então seu tom era hesitante quando ele perguntou: — E... se não fosse humano?

Suas sobrancelhas se juntaram nitidamente, não esperando uma pergunta tão ridícula.

— O que você quer dizer?

Ele abriu suas mandíbulas apenas para juntar suas presas.

— Nada. Não importa.

Ela optou por ignorá-lo desde que ele evitou a pergunta. Mayumi não era de se intrometer, especialmente porque muitas vezes odiava quando os outros faziam isso com ela.

Segurando o frasco novamente, ela derramou algumas gotas generosas na outra mão e ergueu ambas na direção dele.

— Ok, Senhor *Deus da Floresta*. É a sua vez de ficar limpo. — Esperando se afastar da conversa, ela mexeu as sobrancelhas para ele enquanto se aproximava. — Vou deixar esse seu pelo ainda mais macio do que antes.

Ele não se mexeu, ambos os braços abertos para agarrar a borda

facilmente com as mãos. As pessoas podiam sentar na borda ali, mas ela cabia em suas grandes palmas.

Sua cabeça seguiu seus movimentos de aproximação, mergulhando quando ela estava mais perto. Ela colocou o frasco ao lado de sua mão direita, o que lhe deu liberdade para pegar um pouco de água e derramar em seu peito peludo.

Seus firmes músculos peitorais se contraíram quando ela começou a espalhar o sabonete líquido contra ele. Então eles suavizaram, apenas para dançar com espasmos sob ambas as mãos enquanto subiam e desciam. Ela fez questão de chegar à raiz de seu pelo, passando por cima e entre as costelas que ficavam do lado de fora de seu corpo.

Suas mãos formigavam de prazer por poder tocá-lo e explorá-lo tão abertamente assim.

Faunus soltou um grunhido baixo enquanto ela esfregava as laterais do pescoço dele. Sua cabeça caiu para trás, permitindo-lhe mais espaço antes que ela começasse a passar por cima de seus braços. Eles não estavam molhados, então ela teve que pegar água e umedecê-los, mas ele a deixou fazer o que ela queria.

Quando ela começou a limpar o peito dele novamente apenas para poder tocá-lo egoisticamente, algo em seu periférico chamou sua atenção.

Seu pênis saiu. Pelo menos parcialmente.

Ela o examinou maliciosamente. Ela nunca tinha visto seus tentáculos girarem ao redor de seu pênis para protegê-lo. Eles eram roxos escuros e macios por fora, mas ela sabia que eles tinham aquela textura pontiaguda e eram de um roxo mais claro por dentro.

A única razão pela qual ela sabia que tinha parado de limpá-lo para olhar era que ele abaixou a cabeça e cutucou a ponta de seu focinho curto contra ela. Como ele estava sentado em um recesso, ele estava mais baixo. Isso os trouxe quase à mesma altura da cabeça.

Ele pode não gostar do banho, mas ainda estava gostando do toque dela. Seus orbes eram roxos, delatando-o mesmo que seu pênis não o tivesse.

— Há algo que eu queria perguntar a você, — ele disse, sua voz

um pouco mais rouca do que antes. — Você diz 'essas terras'. O que você quer dizer com isso?

Mayumi apontou para sua virilha. — Você vai querer que eu faça algo sobre isso?

— Não na água — ele rosnou. Então ele colocou a mão contra a ponta coberta por tentáculos e a *empurrou* de volta para dentro. — Por causa do calor, não percebi que havia extrudado.

Droga. Ela esperava se divertir um pouco.

— Certo. Mas vou precisar que você se levante para que eu possa lavar o resto de você.

Ele estava parado em um piscar de olhos, agarrando a oportunidade de não mais ser submerso. Sua altura assustadora e as diferenças da piscina fizeram com que ela ficasse de frente para a metade inferior de sua caixa torácica, trazendo seu corpo até a parte superior das coxas para fora da água.

Então ele estendeu a mão, suas garras para cima, afiadas e enjauladas.

— Eu posso fazer isso.

Com os lábios pressionados e curvados para cima, ela derramou mais sabão em sua própria mão e ensaboou seu abdômen. Ele deu uma bufada, mas ela teve a estranha sensação de que sua irritação era apenas para mostrar.

Ou talvez fosse porque ele não queria que ela visse a costura em sua virilha se contraindo e apertando por causa de seus toques. A pele mergulhou para dentro nessa linha. Para começar, se ela o tivesse visto sem calças, talvez já tivesse percebido que ele tinha genitália antes de revelar isso.

— Você perguntou o que eu quis dizer com essas terras, — ela começou, finalmente conseguindo responder a ele. — Minha família veio para Austrália há mais de trezentos anos pelo mar. Eles eram samurais de um dos daimyo, uma família de senhores feudais altamente influente e proprietária de terras, que foram aprovados para negociar fora de seu país. A política de Sakuko proibia a maioria dos contatos estrangeiros, exceto para alguns muito raros que tinham motivos adequados.

Mayumi começou a lavar ao redor de seus quadris, certificando-se de esfregar com mais força aqui. Um humano estaria tropeçando, mas Faunus estava completamente imóvel, não afetada por sua força. Ela olhou para cima para descobrir que a cabeça dele estava abaixada e para o lado para observá-la.

— Como meus antepassados eram samurais, nobres militares, eles receberam o direito de viajar com o daimyo como proteção sob a vontade do imperador. — Ela começou a se abaixar para poder lavar suas coxas grossas e musculosas. — Eles pisaram nessas terras e ficaram presos aqui quando os Demônios chegaram. Os navios foram invadidos e o caos fez com que muitos deles afundassem sob o medo e o desespero das pessoas para escapar. Alguns também eram rancorosos se não tivessem acesso, então eles fizeram de tudo para afundar qualquer navio que pudessem. Existem Demônios no mar, então a comunicação com outras terras é quase inexistente, mas pelo que ouvimos, eles também os estão enfrentando.

Então Mayumi soltou um longo suspiro enquanto se levantava. Ela olhou seu corpo ensaboado, vendo que seu pelo estava torcido e bagunçado.

— Tenho más notícias para você, — ela resmungou. — Você vai ter que abaixar o corpo até o pescoço para enxaguar.

Ela quase riu quando todo o corpo dele ficou rígido. Em vez disso, ela ergueu as mãos para colocá-las nos ombros dele, tentando puxá-lo para baixo.

— Vou te dar um beijo se você for um bom menino.

Um rosnado leve saiu de seu peito.

— Isso não é uma recompensa suficiente.

Seus lábios se abriram em descrença. — Então o que seria?

— *Nada*, — ele mordeu, seus orbes piscando em vermelho enquanto ele se abaixava. Eles começaram a ficar brancos quando a água atingiu seu peito.

Portanto, o branco mostra sua preocupação ou medo.

Suas presas se separaram enquanto ele bufava angustiado quando a água estava em sua mandíbula. Ele ergueu a cabeça para se certificar de que nenhum osso de seu crânio se molhasse.

Mayumi se juntou a ele e começou a esfregar seu corpo para ajudá-lo a enxaguar. Quando ela se levantou, ele também.

Então ele se virou para poder fugir da água.

— Espere! — ela gritou, agarrando seu longo rabo e puxando-o.
— Preciso lavar suas costas.

— Não, eu terminei. Eu estou limpo de minha semente como você me pediu.

Ela caiu para a frente na água quando ele saltou, seu rabo encharcado escorregadio sob suas mãos. A batida molhada de seus pés contra o chão foi alta quando ele pousou.

Mayumi se inclinou sobre a parede rochosa do banho com um beicinho.

— Eu estava esperando que você lavasse o meu, no entanto.

Agachando-se e esticando-se com uma das pernas para trás e a mão oposta para a frente, Faunus balançou o corpo. A água espirrou por toda parte, atingindo seu rosto, o chão e até o toldo ao lado da banheira.

— Lave seu próprio maldito corpo, — Faunus rosnou.

Apesar de sacudir grande parte da água, seu corpo ainda parecia um gato encharcado. Seu pelo estava flácido e pingando. Ele se afastou com seu longo rabo balançando, obviamente emburrado, enquanto continuava a sacudir o corpo para se livrar de mais.

Mayumi olhou para as duas toalhas que ela havia trazido para eles ao lado da banheira. Ela lançou-lhe um olhar furioso.

Ele a encharcou!

CAPÍTULO 22

Mayumi balançava de um lado para o outro enquanto saltava levemente, seu poderoso corcel entre as coxas caminhando pela floresta densa. O cheiro de cedro e abeto era fresco com a umidade fria que vinha do inverno.

A terra estava quase silenciosa, exceto pelo estranho canto dos pássaros, o farfalhar das folhas e os passos grandes e pesados de seu corcel rangendo e triturando a neve. Havia também suas respirações acompanhantes, a dela muito mais suave e calma.

O calor de Faunus entre suas coxas, contra sua bunda e mãos, ajudou a manter o pior do frio longe de seu corpo. Ele estava transportando muito nas costas desde que ela conseguiu que ele a levasse para a aldeia, e eles já estavam voltando.

Saindo do posto avançado de Colt, Mayumi lutou para carregar tudo para a floresta para dar a Faunus - que estava escondido. Ela não queria voltar por tanto tempo quanto pudesse, semanas até. Embora isso fosse duvidoso, pois seus produtos perecíveis iriam murchar e estragar.

Isso é muito mais fácil com ele.

Ela estava montando nas costas dele porque era mais rápido e também porque ela era preguiçosa. Era ainda melhor porque ele podia carregar todos seus suprimentos.

No entanto, seus espinhos de lagarto precisaram se contorcer para encontrar um bom lugar, caso contrário, parecia que um deles iria quebrar sua pobre pélvis. Eles pareciam mais finos e apontavam para suas costas - a menos que seu corpo ou emoções estivessem agitados, e então eles começariam a ficar para cima. Uma ou duas vezes, aquele em que ela estava aninhada tentou levantá-la.

Soltando um punhado de pelo, ela o acariciou. Ele era tão inacreditavelmente macio - eles tinham compartilhado um segundo banho esta manhã porque eles fizeram mais bagunça na noite passada.

Ele teria que se acostumar com a hora do banho, já que parecia ser uma exigência diária recorrente entre eles. Faunus encheu o banho com sua magia desta vez, usando gotas de seu próprio sangue.

Mayumi ainda tinha ligado o fogão de aquecimento para mantê-lo aquecido enquanto eles estavam nele.

Pegá-lo pela segunda vez foi ainda mais difícil do que a primeira, e foi apenas a ameaça de nunca mais poder tocá-la que finalmente o fez entrar. Ela não sabia quanto tempo isso iria funcionar.

Depois foi emburrecer como no dia anterior, sumindo por um bom tempo até secar o pelo – o que já era fim de tarde. Mayumi apenas o deixou em paz, agradecida por ele estar fazendo algo que obviamente o incomodava apenas para agradá-la.

Uma coisa que ela gostava em Faunus era que seu aborrecimento não durava. Uma vez que ele estava dentro, observando-a cozinhar ou limpar enquanto ele deitava de lado e descansava a cabeça na mão, ele parecia bastante contente e relaxado.

Ele ainda estava alerta, evidenciado pelo fato de que sairia para verificar qualquer ruído ou cheiro que sentisse, mas depois voltaria para retomar a companhia dela em silêncio.

Ele não gosta de fogo.

Sempre havia um espaço perceptível entre ele e a lareira, a menos que ela procurasse estar perto dela - o que acontecia com menos frequência, já que ela apenas se enroscava nele para se aquecer. Então, novamente, ela imaginou que todo aquele pelo o deixaria quente.

Ele também era muito sensível sobre seu crânio ser tocado mais alto do que seu focinho e o canto de sua mandíbula. A rachadura poderia ser dolorosa, então ela resistiu a ir mais alto do que suas presas e buraco do nariz se ela o segurasse.

E ele parece ter pesadelos. Ele frequentemente se contorcia rapidamente em seu corpo durante o sono.

Algo tinha acontecido com ele, mas ela não queria se intrometer. Era óbvio que ele estava tentando esconder tudo isso, mas ela sempre foi capaz de perceber os comportamentos estranhos das pessoas.

— Você ainda está com raiva de mim? — Mayumi perguntou enquanto se inclinava para trás com uma mão em seu traseiro.

Ela estava no centro de sua espinha, uma lacuna que permitia que suas grandes omoplatas se movessem enquanto também dava

espaço para seus quadris e pernas felinas.

– *Eu nunca fiquei bravo com você,* – ele disse calmamente, virando o crânio para o lado para olhar para ela.

Seus orbes eram de um verde escuro. *Sim, ainda bravo.*

Klaus colocou o braço em volta dos ombros dela, arrastando-a irritantemente para um abraço forçado quando ela estava na cidade. Houve mais desculpas de todos os três homens, algumas provocações e uma pequena atualização sobre o que estava acontecendo na cidade - o que foi tranquilo, como sempre.

Faunus sentiu que ela estava coberta pelo cheiro forte de um único macho e pelos cheiros mais fugazes de muitas outras pessoas. Ele não gostava disso a ponto de rodeá-la completamente com seus braços e pernas agachados e esfregar seu corpo contra o dela. Só para então se esfregar contra uma árvore apenas para se livrar dela.

Não houve menção do que ou por que ele estava fazendo isso, mas não foi difícil descobrir. Ele era como uma criatura marcando seu território.

– Faunus... De onde vêm os Caminhante do Crepúsculos? – Mayumi perguntou, querendo preencher o silêncio.

Ela também estava incrivelmente curiosa sobre ele e sua espécie. A pergunta a atormentava desde o momento em que se falaram pela primeira vez.

– *Do véu.*

Ela se inclinou para frente e deu um tapa em seu ombro.

– Você sabe que não foi isso que eu quis dizer!

Ele levantou a cabeça, abriu as presas e soltou uma risada. Seu torso mergulhou ligeiramente, forçando-a a inclinar-se para trás para que não caísse para frente quando ele subisse em uma árvore caída.

Ela segurou as alças das quatro mochilas que foram amarradas juntas para que pudessem descansar nas costas dele. Elas balançavam em ambos os lados dele, agindo como rédeas para ela segurar ocasionalmente.

– *Nós nascemos, assim como você* – disse ele.

Ele virou a cabeça para a direita como se tivesse ouvido algo que ela não podia antes de retomar sua caminhada.

— Mas onde? Você veio do mesmo lugar que os Demônios? Sabemos que não são da Terra.

— Não, — ele disse rapidamente com um tom mordaz. — Nós nascemos aqui. Nossa mãe já foi humana, mas ela se uniu ao espírito do vazio, nosso pai, entregando sua vida em troca de poder mágico.

Uma de suas sobrancelhas se arqueou.

— Já foi humana?

— Ela agora é uma Espírito. — Mayumi deu de ombros, sem ter ideia do que era aquilo, mas ele não estava olhando para ela para ver.

— Ela acasalou com ele logo depois que os Demônios chegaram aqui. Eu acredito que ele veio desse mundo — embora ele não seja um Demônio.

— O que ele é então? Nunca ouvi falar de algum 'espírito do vazio'.

— Seu nome é Weldir, e ele é um Deus. Ou, pelo menos, parte de um Deus ou descendente de um. — Ela sentiu Faunus encolher sob suas coxas. — Eu não tenho tanta certeza. Só o vi uma vez em plena forma, e não me lembro dele antes disso. Mas ele está em toda parte dentro do Véu. Ele é a causa da névoa negra, e é toda a sua essência se espalhando entre as árvores.

Com os lábios cerrados com força, Mayumi pensou no que tinha visto do Véu. Ela esteve perto dele muitas vezes ao longo de sua vida, muitas vezes em missões de reconhecimento. Havia dois tipos de névoas que percorriam o Véu.

Uma branca que parecia ser uma condensação natural e depois uma preta. Ela nunca teria imaginado que este pertencia a um ser.

— Então, quando eu chamei você de Deus da floresta, eu estava certa? — Mayumi tentou rir.

— Não, eu não sou Deus. — Ele virou a cabeça para mostrar que seus orbes brilharam em sua tonalidade amarela. — Mas eu aprecio o sentimento.

— Do que ele é um Deus então?

— A vida após a morte de todas as almas que são consumidas por Demônios, ele mesmo ou Caminhantes do Crepúsculo. Essa é a tarefa dele, dar-lhes um lar, já que eles não têm permissão para entrar em nenhuma vida após a morte que vocês, humanos, normalmente têm. Nós o chamamos de espírito do vazio porque esse é o único lugar onde ele pode permanecer em sua

forma física, a menos que use uma grande quantidade de mana para fazê-lo neste reino. Ele é feito de espírito e névoa aqui. — Então Faunus olhou para o lado e para a floresta, sua cabeça tendo uma inclinação pensativa para ela. — *Não faço ideia de por que nasci, qual é a minha função ou propósito. Não saber tem sido motivo de grande angústia para minha espécie.*

— Você não precisa ter um propósito obrigatório para poder viver, Faunus, — Mayumi disse suavemente enquanto dava tapinhas nas costas dele. — Os humanos não têm propósito e ainda assim estamos aqui, vivendo inutilmente.

— *Sim, mas ele nos queria criados, Mayumi.* — Faunus balançou a cabeça com um ronco baixo antes de olhar para frente. — *Mas não sabemos por quê. Pelo menos, eu não.*

Mayumi recostou-se mais uma vez em um braço e chutou as pernas para frente e para trás nas laterais do torso dele.

— Bem, quantos de vocês estão aí? — Então ela inclinou a cabeça com as sobrancelhas unidas. — Espera... Você só falou da sua mãe e do Weldir, ou seja lá como você o chamou. Isso significa... Espere! Vocês são todos parentes? Como irmãos?

— *Você pegou rápido* — ele riu apreciativamente. — *Há nove de nós que eu saiba com certeza, mas pode haver mais. Um, no entanto, não é meu irmão.*

Mayumi estendeu a perna para a frente e chutou a parte de trás de seu chifre de carneiro.

— Você parece muito inteligente, eu acho, — ela brincou. — Você é o mais velho?

Ele balançou sua cabeça.

— *Não, nem de longe. Acredito que fui o terceiro nascido.*

Ela chutou a parte de trás de seu chifre novamente, e desta vez ele virou a cabeça bruscamente e deu a ela um rosnado leve. Então ele abriu suas presas e mordeu o ar, silenciosamente dizendo a ela que morderia seu pé.

— Quantos anos você tem então?

Não acreditando em sua ameaça silenciosa, quando ele olhou para frente novamente, ela bateu com a parte de baixo de sua bota contra a parte de trás de seu chifre.

Sua única reação foi bufar.

– *Lembro-me de muitos outonos, mas não saberia dizer a duração exata da minha vida, pois me lembro muito pouco do início. Acredito que a quantia seria pelo menos na casa dos duzentos.*

– Entendo – disse ela, levantando a mão para segurar o queixo. *Velho pra caralho então.* – E quanto aos outros?

– *Existem dois filhotes atualmente que ainda se apegam à nossa mãe. Não tenho certeza de quão distantes eles nasceram, mas acredito que ela os está mantendo jovens de propósito.*

– Por que e como ela pode mantê-los jovens? Os bebês crescem.

– *Há dois que eu chamo de gêmeos* – disse ele em vez de responder. – *Acredito que eles compartilharam o mesmo útero e nunca os vi separados. Eles são muito brincalhões, mas também rudes. Depois, há o Caminhante do Crepúsculo com chifres de cervo.*

Ela percebeu que ele os estava declarando pelo mais novo primeiro.

– Aquele com o crânio de raposa? Eu vi esboços dele, – Mayumi rapidamente se intrometeu. – Ele é conhecido pelos Caçador de demônios. Assim como aquele com cabeça de lobo e chifres retorcidos – aquele que toma uma noiva a cada dez anos.

– *Esse é Orpheus. Ele é mais velho que eu, embora não tão desenvolvido.*

– Desenvolvido?

Faunus parou no meio de dar um passo.

– *Você não sabe?* – Ela ergueu ambas as mãos para encolher os ombros quando ele olhou para ela. – *Entendo. Caminhante do Crepúsculo ganham mais humanidade pelo número de humanos que comemos. Embora eu tenha nascido depois dele, eu consumi mais humanos. Ele parou de procurá-los quando decidiu que queria uma noiva. Ele é bastante triste. Ele também é muito territorial sobre sua casa. Magnar, o de chifre de cervo, é acolhedor, mas acredito que seja por ignorância, falta de humanidade e por não ter enfrentado muitas adversidades.*

Mayumi queria continuar aprendendo sobre ele e todos os irmãos que ele tinha, mas havia uma pergunta que a incomodava.

— O crânio de lobo, Opherus, ou o que você disse que era o nome dele.

— *Orpheus*, — ele corrigiu.

— Sim, sim, tanto faz. Ele matou o último humano que pegou? O setor oeste traçou um plano para capturá-lo na última vez que foi obter um sacrifício. Ela está morta, aquela mulher? Ouvi dizer que ele massacrava todos os Caçadores de Demônios que foram atrás dele. Alguns observaram isso acontecer de longe.

— *Reia? Sim, ela está viva.*

Mayumi não sabia o nome dela antes disso.

— Sem chance! — Mayumi gritou enquanto pulava para frente, dando tapinhas nas costas dele com batidas leves e animadas. — Já se passaram quase onze meses desde então! Os outros ainda estão vivos?

— *Não. Eles estão mortos. Ela é a única que sobreviveu, e sobreviverá por muito tempo. Ele nunca procurará uma nova noiva, então, uma vez que seu círculo de proteção desapareça, as aldeias humanas terão que se proteger.*

— Entendo...

Na verdade não... Ela não entendia bem tudo, mas não conseguia conter o alívio ao saber que a mulher ainda estava viva.

Havia também algo na maneira como ele falava. Ela não sabia por que, mas sentia como se Faunus não estivesse revelando toda a verdade. Era como se ele estivesse escondendo alguma coisa.

— Ok. Então... dois bebês, os gêmeos, o menino raposa, você, depois o menino lobo. — Ela contou todos nos dedos. — Você disse que havia oito de vocês que são irmãos? Quem é o último?

Ela perguntaria sobre o nono e de onde veio mais tarde, já que pareciam estar perto de sua casa.

— *Merikh*, — Faunus rosnou, fazendo com que seus olhos se arregalassem de surpresa. — *Ele é o Caminhante do Crepúsculo com chifres de touro e caveira de urso.*

— Eu pensei que ele estava morto, — Mayumi engasgou. — A guilda o matou há mais de cem anos!

Faunus perguntou. — *Não. Não morto. Ele vive e tem muito mais humanidade do que eu. É isso que o torna tão perigoso.*

— Você não gosta dele?

— *Ele é mau, Mayumi. E se você o vir, não viverá muito.* — A vibração que ela podia sentir em seu torso era a reverberação de seu rosnado. — *Ele não tem interesse em outros Caminhantes do Crepúsculo e é bastante odioso para com os humanos. Ele prefere estar com os Demônios inteligentes.*

— Onde ele está agora então?

Ela diria que era para evitá-lo, mas estava sempre pronta para um desafio.

— *Eu não tenho certeza. Ele deixou o Veu há muitos anos em busca de algo e desde então não voltou. Sua caverna está vazia, mas seu círculo mágico ainda permanece. Talvez ele o substitua e saia de novo.*

As árvores começaram a se abrir, mostrando a clareira e sua casa atrás dela. O sol estava começando a se pôr, mas eles voltaram muito antes do que ela teria feito sozinha.

Faunus não se aproximou, em vez disso parou na borda da clareira.

— *Na verdade, isso me lembra.* — Ele levantou uma mão enquanto virava a cabeça para encará-la, equilibrando-se em três membros para ajudá-la a descer. — *Desejo colocar meu círculo protetor em torno de sua casa. Espero que permaneça pelos dez anos que deveria.*

Mayumi chutou a perna sobre o arco da coluna dele e deslizou para baixo sem a ajuda dele, como se ela descesse de um cavalo.

— Irá impedir que os Demônios se aproximem?

— *Sim, esse é o ponto.*

Ela cruzou os braços sobre o peito e jogou um quadril para o lado.

— Então não. Em algum momento, mesmo enquanto você estiver aqui, vou começar a provocá-los novamente. Eu sou uma Caçadora de Demônios em espírito, mesmo que eu não seja mais um no nome.

— *Mayumi,* — ele avisou, mas ela apenas jogou a mão para cima e caminhou até a varanda.

— Não brigue comigo sobre isso, Faunus. Eu disse que você poderia me proteger, e você pode fazer isso, mas há certas coisas que eu ainda quero poder fazer.

Na verdade, ela esperava que com ele por perto, ela pudesse matar um monte deles! A ideia disso a fez sorrir tanto que suas bochechas doeram.

– *Certo.*

CAPÍTULO 23

Um pouco descontente, Faunus seguiu Mayumi até sua varanda. No último degrau, ele estendeu o braço para trás e agarrou as várias mochilas penduradas nas costas para puxá-las de seu corpo.

Ele mudou sua forma para uma forma mais humanóide para que pudesse ajudar a levá-los para dentro. Ele estava sem suas roupas, pois Mayumi alegou que as havia 'perdido'.

Desde que ela removeu sua dolorosa barreira quando ele voltou, ele teve acesso livre ao interior.

Ela não faz sentido, ele pensou com um resmungo enquanto entrava atrás dela. *A maioria dos humanos não buscaria proteção permanente para suas casas?*

Ele pensou que ela teria tornado seu lar seguro e encontrado outras maneiras mais seguras de caçar demônios. Atraí-los para o lugar onde ela residia parecia doentio.

Ele não gostou, mas Faunus sabia que se ele tentasse intervir, seu relacionamento com Mayumi – o que quer que fosse – poderia mudar tão abruptamente quanto havia começado.

— Aqui, vou pegar as mochilas e guardar tudo, — ela ofereceu depois de tirar o casaco e estender as mãos para eles.

Não desejo que ela me descarte. Ele se recusou a dar as mochilas a ela e apenas entregou itens aleatórios para ajudá-la da maneira que pudesse. *Já vi humanos descartarem uns aos outros*.

Faunus segurava várias frutas e vegetais em sua grande palma, prendendo-os com seus dedos e garras. Quando ela os pegou para colocá-los em sua prateleira de alimentos, ele enfiou a mão em um saco e pegou outro sortido de comida.

Ele a observou, seu olhar nunca deixando esta mulher forte, capaz, mas indubitavelmente linda enquanto ela guardava tudo.

Ele não queria se desiludir com a realidade do que havia entre eles. Ela o desejava, isso ele sabia com certeza, mas eles nunca pareciam ser muito mais do que isso.

Era o mesmo para outros casais humanos que ele tinha visto.

Por curiosidade, Faunus permaneceu para observar uma

mulher em particular que gostava de ter... diferentes parceiros em sua casa. Os homens sempre partiam, às vezes mais de um, mas ela nunca parecia inclinada a deixá-los demorar.

Eles geralmente apenas completavam atos bastante atrevidos juntos antes que ela acenasse para eles da porta com um sorriso satisfeito no rosto. Nunca houve promessas de mais, nunca houve confissões de emoções ternas.

Mayumi é a mesma?

Ela eventualmente procuraria um novo parceiro? Ele sabia que estava cumprindo algum desejo estranho que ela tinha, mas ela acabaria se cansando dele?

Eu não sou humano. Não posso dar a ela algumas coisas que ela pode querer ou buscar.

Ele nunca poderia entrar em uma aldeia humana com ela. Ele não podia dar filhotes a ela ou mesmo beijá-la, pois não tinha lábios. Em comparação com sua própria espécie, Faunus sabia que estava faltando.

Era egoísta, mas ele não queria que Mayumi o descartasse por um humano. Ele sabia o que era o casamento, o que marido e mulher eram um para o outro. Ele nunca poderia ser isso, mesmo que quisesse.

Eu nunca serei capaz de me relacionar com ela. Mesmo que Mayumi quisesse dar a ele sua alma, o que ele duvidava, ele ainda não poderia obtê-la.

Isso era o mais longe que eles podiam ir.

Mayumi se virou com um sorriso brilhante quando viu que eles haviam completado sua tarefa juntos. Sua expressão calorosa em relação a ele, quando ele a viu ser fria, comeu seu coração. *Mas... eu quero que ela... me ame.*

Por apenas um momento, um brilhante rosa flamingo brilhou em seus orbes.

Não! Ele rapidamente cobriu uma órbita ocular enquanto reprimia a emoção, os sentimentos que estavam tentando crescer, recusando-se a se permitir sentir até mesmo um lampejo daquela emoção calorosa por ela. *Eu não posso. Eu não vou.*

Ela já havia se afastado dele antes que pudesse ver, começando a cortar algumas cenouras, batatas e vários outros vegetais que ele não conseguia nomear. Ela conseguiu uma pequena quantidade de carne, mas jogou na panela para ferver e depois tirou a embalagem. Ele disse a ela para ter cuidado com qualquer carne fresca ao seu redor, e ela estava levando isso em consideração.

Apesar de sua necessidade de matar sua crescente afeição por ela, emoções conflitantes martelavam em seus pensamentos.

Ele se aproximou de Mayumi por trás para prendê-la entre sua forma ligeiramente curvada para a frente e o balcão da cozinha que ela estava usando. Colocando uma mão em torno de seu bíceps, seus fortes músculos ocultos flexionaram na palma da mão enquanto ele deslizava as garras de sua outra mão sob sua camisa grossa de mangas compridas.

Eu não posso amá-la. Ela não deveria me amar... mas eu quero que ela me ame. Ele queria isso dela. Era ganancioso, mas ele queria possessivamente possuir o coração dela e roubá-lo de qualquer outro que ela encontrasse.

Sua respiração engatou quando ele deslizou a palma da mão contra o lado de seus músculos abdominais antes de se inclinar para ele. *Se não posso ter a alma dela, então quero todo o resto.*

Faunus queria consumi-la. Consumir seus pensamentos, seu coração, seu corpo. Ele queria que eles fossem dele, para mordiscar cada parte de sua essência até que cada célula em seu corpo se lembrasse dele.

Mesmo depois que ele se fosse.

— Faunus, — ela advertiu, mas não havia luta em sua voz nem em seu corpo flexível quando ela pressionou ainda mais fundo nele. Ela estava aceitando seu abraço, até mesmo virando a cabeça para ele enquanto ele se elevava sobre ela para olhar para baixo. Seus orbes eram amarelos, mas ele tinha certeza de que a qualquer momento eles ficariam roxos. — Faz um tempo que não como. Preciso fazer o jantar antes que você possa brincar comigo.

— Por que não podemos fazer as duas coisas? — ele perguntou, deslizando a mão para cima para acariciar o seio esquerdo dela.

Ele realmente não podia segurá-los. Eles eram muito pequenos, mesmo com apenas os dedos, mas ela era muito sensível aqui. Mesmo apenas acariciando-os levemente, seu perfume se transformou em algo maravilhoso e de dar água na boca.

Ele usou o polegar da outra mão para cortar o botão da calça dela e enfiar a mão dentro.

Faunus bateu com a ponta do focinho na lateral da cabeça dela enquanto murmurava: — Você pode preparar sua comida enquanto eu toco no que gostaria de comer.

Ela estremeceu, e suas coxas se separaram apenas o suficiente para que ele pudesse mergulhar a mão mais abaixo para segurar sua linda boceta, uma que ele reivindicou para que nenhum outro pudesse.

Ele estava preocupado com isso, o que isso poderia significar para o futuro dela, mas ele estava tão fodidamente extasiado com isso que fazia seu pau mexer toda vez que ele estava perto dela.

Considerando que ele queria que ela fosse capaz de preparar sua refeição, ele manteve seu toque leve, apenas provocando seu mamilo e a protuberância dura de seu clitóris. Antes mesmo que ela conseguisse terminar de preparar, ela *implorou* para ele descer, para espetá-la com seus dedos grossos.

Ele recusou até que ela terminasse de cortar os ingredientes e então deu a ela o que ela queria enquanto esperavam que a comida cozinhasse.

Tendo-a na ponta dos pés, segurando ambos os antebraços, enquanto ela inclinava sua bunda contra ele e gritava, uma vibração alta veio de seu peito em apreciação. Mayumi era *sua* humana para provocar.

— Você é uma boa pequena Caçadora de Demônios, — ele ronronou quando ela encharcou seus dedos, suas paredes internas apertando e tremendo ao redor deles.

— Não... sou uma Caçadora de Demônios mais, — ela bufou.
— Lembra?

— Não em nome, mas em espírito. Não foi isso que você disse?
— ele riu. Então, deixando a mão direita entre as coxas dela, ele

segurou seu queixo com a outra e inclinou a cabeça dela para trás e para o lado para que ela ficasse de frente para ele. — Abra a boca, Mayumi.

— Por que? — ela perguntou, sua expressão atordoada dando uma contração carrancuda.

Ela não gostava que ele lambesse seus lábios, então ela nunca os separava para ele.

— Eu não posso te beijar direito, mas isso não significa que eu não possa sentir seu gosto. — Ele queria mostrar a ela que eles podiam pelo menos fazer isso, e que ele reivindicaria cada parte de seu corpo à sua maneira. — Aposto que sua saliva é tão doce quanto você aqui.

Ele moveu os dedos para frente e para trás apenas uma vez para mostrar a ela onde ele queria dizer. A névoa em seu olhar ficou mais espessa e Mayumi abriu os lábios para ele. Ela até enfiou a língua um pouco para frente.

Ela costuma ser tão mandona, ele pensou enquanto lentamente abaixava a cabeça, seu coração batendo rápido com o fato de ela estar sendo dócil e complacente com ele. Mas ela sempre fica tão suave para mim quando eu a toco.

Ele gostava de trazer esse lado dela. Era como uma recompensa uma vez que ele a moldava em suas mãos e a derrubava.

A primeira incursão de sua língua roçando a dela fez os dois gemerem. Faunus separou suas presas ao redor de seu rosto para que ele pudesse ir mais fundo, e seu pênis quase extruiu com o prazer que sentiu, com o sabor inebriante e a textura.

Levou alguns movimentos de sua língua deslizando para frente e para trás, mas ela finalmente voltou para ele. Seus lábios se fecharam ao redor de sua língua para segurá-la, para mantê-lo dentro, e o calor queimou por dentro.

Sua alegria nunca alcançou seus orbes roxos, mas ele sabia, sem dúvida, que ela permitiria que ele fizesse isso novamente no futuro.

Sua boca era outro pedaço dela que ele havia obtido.

Minha.



O som de um gemido despertou Mayumi, seus olhos se abrindo antes de se fecharem imediatamente.

Ele está choramingando de novo.

Esta não foi a primeira vez que ela acidentalmente foi acordada por Faunus tendo um pesadelo. Embora seus gritos fossem leves e silenciosos, o som deles a acordava quando ele a apertava um pouco forte demais ao mesmo tempo.

Atualmente, sua testa estava pressionada contra a almofada de seus músculos peitorais apertando juntos. Ele estava de lado com os braços ao redor dela.

Seu cheiro de capim-limão e limão tornava tão difícil manter os olhos dela abertos. Isso sempre a embalava, sempre a puxava para baixo.

Sua mente geralmente era afiada, mesmo quando fazia sexo. Para ele ter esse poder sobre ela era alarmante, mas ela apenas aceitou isso. Não é como se ele pudesse evitar como ela reagia ao seu cheiro, ou seu calor, ou aquela maldita voz grave que sempre a fazia revirar por dentro.

Ele estremeceu novamente, e suas garras se agarraram antes de soltá-la.

Eu nunca soube que os Caminhantes do Crepúsculo poderiam ter pesadelos, ela pensou enquanto se levantava lentamente para se sentar, esperando não acordá-lo. Ou que eles poderiam até sonhar.

Ela olhou para Faunus, cujo corpo dava espasmos violentos. Não era nenhuma surpresa que ela tivesse acordado, especialmente porque desta vez parecia ser muito pior do que as outras.

Seu olhar grogue e sonolento voou para o fogo moribundo.

Ela finalmente se virou para Faunus e inclinou a cabeça enquanto se inclinava sobre ele, equilibrando seu peso em um braço.

O que está te incomodando, Faunus?

Ele não deu a ela absolutamente nenhuma informação sobre por que ele era cauteloso com algumas coisas. Não gostava de lâminas curtas, nem de fogo, nem de banho. Ele era especial em cheirar a comida dela para se certificar de que não era venenosa, e ele não gostava que ela fosse enterrada sob qualquer coisa - além de seu próprio corpo.

Mayumi passou as costas dos dedos na lateral do maxilar dele, esperando que isso pudesse aliviá-lo. Os braços ao redor dela se apertaram como se ele sentisse seu toque, quase puxando-a para mais perto antes de se estabelecerem.

Devo acordá-lo?

Ela decidiu contra isso. Ele merecia seu descanso, especialmente porque sempre estava tão atento a ela e a seu corpo à noite.

Eu realmente gosto dele. Este Caminhante do Crepúsculo estava se insinuando em seu coração de pedra, embora fosse impossível para qualquer homem antes dele.

Faunus não a cercava, mas estava sempre presente. Ele era tão preguiçoso que se ela não lhe desse uma tarefa, ele simplesmente deitaria em sua casa enquanto a observava. Ele parecia contente em apenas... fazer isso.

E ele era engraçado, de uma forma estranha. Ele era brincalhão e provocador, mas também solene em outros momentos. Ele era sério quando precisava ou escolhia ser. Apaixonado, possessivo e dominador, mas também permitiria que ela assumisse o controle se realmente quisesse.

Ele era um monte de aspectos conflitantes, como se quisesse ser tudo de uma vez. Gentil e rude, atencioso e indiferente, preguiçoso, mas trabalhador.

Nunca sei como ele vai reagir, ela pensou com uma risada silenciosa e singular. *Isso o torna divertido.*

Ela estava tão acostumada com pessoas previsíveis e com segundas intenções. Nunca foi difícil adivinhar a deles, mas ela ainda não tinha desvendado suas verdadeiras razões para estar aqui.

Ela só... esperava que ele não planejasse desaparecer. *Eu quero que você fique.*

Ela percebeu as características etéreas, profanas, mas fascinantes de seu rosto ossudo. Apesar de seus orbes brilhantes, suas órbitas grandes, mas vazias, eram escuras, como se estivessem cheias de sombras constantes. O arco de sua sobrancelha felina, as cavidades de suas bochechas. Suas presas sempre chamavam sua atenção, tão afiadas e ameaçadoras, e muitas vezes ela sentia vontade de beijar a lateral das mais longas.

Eu quero aprender mais sobre você. Às vezes, ele estava disposto a compartilhar tudo e, outras vezes, era vago.

Suas histórias pareciam partes que foram redigidas, informações escondidas.

O que você está escondendo?

Mayumi ergueu a mão mais alto, acariciando o focinho dele e depois a lateral da rachadura em seu rosto – sendo extremamente gentil para não machucá-lo. Era sempre sensível, mas ela sabia que, às vezes, se fizesse cócegas perto de uma ferida, a sensação poderia ser agradável em vez de dolorosa.

Orbes vermelhos ganharam vida.

No momento em que ela sentiu as pontas afiadas da fenda em seu rosto, Mayumi foi empurrada de costas. Uma grande mão agarrou sua garganta com força e *apertou*, cortando sua capacidade de falar e respirar. Seu suspiro foi processado em um estrangulamento curto.

Seu rosto ficou confuso devido à falta de sangue e oxigênio em sua cabeça. Seus olhos se curvaram em confusão em sua direção.

Faunus estava acima dela com suas presas separadas em um rosnado feroz, ameaçador e de advertência, com seus orbes de uma cor carmesim de ameaça. As pernas de Mayumi chutaram, não encontrando apoio sob seus três membros, apoiando-o enquanto ele a imobilizava.

Ela deu um tapa em suas mãos antes de tentar erguer pelo menos *um* dedo grosso e longo dela. Foi inútil. Ele era muito forte. *Merda!*

A dor ardente em seu peito se intensificou quanto mais ela não

conseguia respirar, a saliva acumulando no fundo de sua boca. Sua garganta fez um som de clique enquanto ela tentava tomar oxigênio.

Ele vai me matar, porra! Mayumi tentou de tudo, mas nada ajudou. Ela não conseguia falar porque sua traquéia e laringe foram esmagadas.

Ela tentou procurar uma arma, mas não havia nada ao seu alcance.

Então Mayumi começou a relaxar, sua visão escurecendo enquanto pontos pretos giravam. Sua cabeça estava pegando fogo, como se fosse entrar em combustão. *Merda.* Sua mente nadou.

Uma onda de oxigênio entrou em seus pulmões no momento em que a mão dele se afastou e ele caiu para trás. Seus orbes estavam brancos. Ela pelo menos tinha visto isso antes de rolar para o lado e começar a tossir descontroladamente.

Ele tentou me sufocar!

Faunus correu para frente, praticamente montando seu corpo enorme sobre o dela, muito menor. Ela se encaixou facilmente entre as coxas dele enquanto ele colocava a mão na lateral do rosto dela com mais cuidado do que o normal.

Um gemido veio dele.

— Sinto muito, Mayumi.

— Fique longe de mim! — ela gritou enquanto batia na mão dele. Saiu como um sussurro rouco, já que sua traquéia e cordas vocais estavam feridas.

Ela sabia que ia machucar. Ele literalmente estava espremendo a vida dela.

— Que porra é essa, Faunus?! — ela gritou, apenas para entrar em um ataque de tosse. Seus pulmões ardiam a cada inspiração.

Ela caiu de costas a uma pequena distância dele. Suas feições estavam distorcidas em desgosto e descrença.

— Desculpe. Eu não queria te machucar, — ele respondeu, como se seu maldito pedido de desculpas fosse o suficiente! — Você me assustou quando tocou meu rosto.

— Isso ainda não lhe dá o direito. — Ela esfregou a garganta para sentir que já estava inchando. — Explique-se ou saia.

Faunus estava tremendo em cima dela. Suas mãos trêmulas se estenderam para ela antes de se afastarem. Seus orbes estavam mais brancos do que ela já tinha visto.

Ela não se importava. Nada permitia que alguém sufocasse outra pessoa. Ele era um Caminhante do Crepúsculo. Ela não era cega para os perigos que enfrentava – e isso era parte do que a excitava.

Ele a advertiu sobre sangue, então se ele a atacasse por esse motivo, ela poderia perdoá-lo. Especialmente desde que ele explicou abertamente que isso significaria que ele não estaria no controle. Sua fome tomaria conta de sua mente, nublando-a tão completamente que ele comeria tudo e qualquer coisa à vista.

Mas isso? Não havia sangue. Ela não fez nada além de acariciar seu rosto com ternura.

Ela não merecia isso.

— Eu... pensei que você fosse outra pessoa, — ele disse fracamente. Seu focinho apontava para o chão quando ele olhava para baixo, sua posição de joelhos totalmente derrotado. — Eu estava confuso. Você sabe que eu nunca machucaria você intencionalmente.

— Não é bom o suficiente.

Algo obviamente tinha acontecido com ele no passado, mas ela não iria estrangular por seu trauma. Ela tinha sua própria bagagem e se recusava a descontar nele, ou em qualquer outra pessoa.

Ela não permitiria que um humano fizesse isso com ela. Na verdade, era mais provável que ela cortasse a noz de um homem ou socasse o osso púbico de uma mulher se alguém ousasse colocar a mão nela - ele não teria espaço para isso sem uma boa explicação.

Ele ficou em silêncio, suas presas abrindo e fechando. Então ele virou o rosto para ela... e ela soube. Ele não precisava usar pele para ela saber.

Ele não vai me contar.

— Saia, — ela disse, gesticulando com o nariz para a porta. — Saia e não volte. Se você não consegue nem me respeitar o suficiente para me dar uma explicação, então não quero você aqui. Não me proteja mais, não me observe mais. Vá para outro lugar.

Suas próprias palavras fizeram seu coração apertar. Ela não

queria que ele fosse embora. Apenas alguns minutos atrás, ela estava pensando sobre o quanto ela queria que ele ficasse, mas ela não cederia a isso - mesmo que fosse doloroso para ela.

— Mayumi... — ele implorou.

— Não.

Seus orbes ficaram com uma cor azul de engolir, e ele arranhou o lado esquerdo do peito entre as costelas. Ele cortou profundamente o suficiente para que o sangue roxo começasse a brotar entre seus dedos.

— É difícil para mim explicar. — Seu lamento seguinte revelou que ele quis dizer emocionalmente. — E eu não quero que você pense em mim como fraco.

Com o peito arfando, ela balançou a cabeça.

— Eu não vou, eu prometo. — Ela não iria confortá-lo, no entanto. Não depois do que ele tinha feito. Ela pode ter feito isso antes, pode ter murmurado enquanto se aconchegava nele para facilitar, mas ela não ia dar isso a ele. — Mas se você não me contar, eu quero que você vá embora.

Mais sangue brotou quando ele cavou mais fundo. Ela sabia que a mão dele estava bem sobre o coração, que ele estava tendo uma reação física lá no fundo. Parecia que ele estava sentindo o que ela sentia, mas talvez muito pior.

— Você tocou meu rosto. Eu disse para você não fazer isso. — Seu lábio inferior caiu quando pareceu que ele a estava culpando! — Eu senti você tocar na rachadura.

— Então isso lhe dá o direito?

Ele balançou sua cabeça.

— A pessoa que fez isso comigo — disse ele, estendendo a mão para tocá-lo. — Também me machucou de outras maneiras. Eu estava revivendo essas memórias quando você me acordou. Achei que você fosse ele, só isso.

Isso era tudo que ela conseguiria? Alguma resposta estúpida e vaga como sempre?

— O que ele fez? — ela pressionou, estreitando seu olhar em um brilho.

Ele recuou um pouco, como se preferisse ir embora a contar a

ela. No entanto, ele soltou um suspiro profundo, seu tremor piorando.

— Há uma razão para eu não gostar da sua lareira ou do seu banheiro.

Ela permaneceu em silêncio. Ela esperava que ele não estivesse tentando dizer o que ela pensava que ele estava.

— Ele estava tentando descobrir como matar Caminhantes do Crepúsculo. E, porque fui tolo o suficiente para ficar no centro do Véu, ele decidiu me atacar em particular. Eu não tinha casa. Demônios vieram e reivindicaram minha caverna quando eu a deixei por muito tempo. Eu não tinha outro lugar para ir a não ser tentar viver entre eles, embora eles desconfiassem de mim. Eu estava sozinho na primeira vez que ele me pegou, desde que eu nunca pensei que ele viria para mim. Quando continuei a viver entre eles, os Demônios o ajudaram pela segunda vez. Só consegui escapar com a ajuda de Magnar.

— O que ele fez com você, Faunus? — ela repetiu.

— A melhor pergunta seria o que ele *não* fez — ele riu sombriamente. — Me afogou para ver quantas vezes eu voltaria a respirar debaixo d'água. Me enterrou para ver se eu conseguiria sair da sujeira. Dissecou-me. Envenenou-me. Cortou minha cabeça. Me queimou vivo até que eu murchei em pó e tudo o que restou de mim foi meu crânio.

Mayumi achava que seu rosto nunca havia perdido a cor tão intensamente antes.

Piedade reunida em seu intestino por ele. Ela trouxe seu olhar para a lareira, incapaz de imaginar ser queimada *viva* e então sobreviver para lembrar como se sentia.

— Não consegui nem me salvar — continuou ele, as costas das mãos caindo no chão. Um rosa avermelhado surgiu em seus orbes, e ela pensou que isso poderia sinalizar sua vergonha. — Minha mãe teve que me ajudar. Ela é tão pequena, assim como você, mas tem uma magia forte. Ela foi capaz de lutar contra ele e roubar meu crânio, carregando-o debaixo do braço para poder fugir comigo. — Seu focinho apontava para o outro lado. — Eu não fui eu mesmo por um bom tempo. Ela ajudou a me aliviar.

— *Faunus*, — ela sussurrou, ficando de joelhos para que ela pudesse rastejar para mais perto.

Tudo fazia sentido. Isso ela poderia perdoar. Este foi um motivo grande o suficiente para ficar desorientado ao acordar.

— Não! — ele gritou, saltando para longe dela antes mesmo que ela pudesse colocar a mão em seu antebraço. — Você prometeu, e eu não quero sua pena.

— Ei ei. Tudo bem. Eu não acho que você é fraco, — ela arrulhou enquanto cuidadosamente deslizava suas mãos nas dele. — Na verdade, estou muito orgulhosa de você. Um humano teria perdido a cabeça depois de ter experimentado algo assim. No entanto, além de ser um pouco cauteloso com algumas coisas, você ainda ri. Isso não é fraqueza, *Faunus*. Isso é força.

— Mas eu não pude me salvar, — ele afirmou, permitindo que ela pegasse sua mão para que ela pudesse envolvê-la em torno de sua cintura. — E as lembranças permanecem. Elas me fizeram machucar você, *Mayumi*. Como posso protegê-la se não posso fazer isso por mim mesmo?

Ela ergueu a outra mão e colocou-a sobre o ombro, enrolando-se nele enquanto deslizava os braços ao redor de seu torso. *Mayumi* o abraçou.

— Eu posso me proteger. Agora que sei disso, serei mais cuidadosa no futuro.

Demorou alguns segundos, mas ele finalmente a pegou e a colocou sobre suas coxas para segurá-la com força. Ele até pressionou a parte inferior de sua mandíbula na parte de trás do pescoço e na cabeça dela por trás.

— Mas você deveria ter me contado. Isso poderia ter sido evitado se eu soubesse o que aquela rachadura em seu crânio significava para você. Eu não teria tocado enquanto você estava tendo um pesadelo.

Ela soltou um suspiro quando a sensação de queimação em torno de sua garganta se dissipou em uma respiração. Ela tocou seu pescoço.

— Desculpe. — O azul tinha desbotado para uma cor diferente,

uma que ela não tinha visto antes. Elas eram de um laranja brilhante.
— Eu tomei sua ferida para que você não tivesse que sofrer, mas eu não deveria ter precisado. — Ele a apertou com mais força. — Talvez... eu deva dormir do lado de fora de agora em diante.

— Não — ela retrucou enquanto apontava o dedo indicador para o rosto dele. — Eu gosto de acordar com você me cercando.

Ele acariciou ternamente sua bochecha com a junta da frente de seu dedo indicador.

— Tem certeza?

Com a rapidez com que ele mudou de ideia, ela percebeu que ele nunca quis realmente dormir fora de casa sozinho.

— Sim. Só se você me disser quem fez isso com você.

Sua mão parou. Ela pensou que ele iria evitar responder, mas então ele suspirou e roçou as garras em seu cabelo.

Sua voz era triste quando ele disse: — Seu nome é Jabez, e ele é o Rei Demônio.

CAPÍTULO 24

O focinho de Faunus deslizou pela clareira em frente à casa de Mayumi enquanto sua visão se movia sobre a floresta ao redor, o manto de neve e o céu clareando acima. Ele estava sentado na varanda dela, uma perna cruzada nela enquanto a outra deitava nos degraus com as costas da mão flácidas no colo.

Era meio da manhã, relativamente cedo para eles.

Mayumi tendia a ficar acordada depois do meio da noite e no início da manhã, mesmo antes de começarem a se envolver durante isso. Para Faunus, que não dormia muitas horas, isso era um benefício.

Ele só precisava ajustar seus próprios hábitos de sono minuciosamente para combinar com os dela.

Quando ele perguntou por que ela fez isso, ela explicou que o modo de vida de um Caçador de Demônios era ser ativo quando sua presa estava se movendo e ao ar livre.

Normalmente, Faunus acordava quando ela o fazia, permitindo que seus movimentos o acordassem, mas neste dia, ele se levantou sozinho com seus orbes de um azul profundo. Ele não tinha dormido. O peso em seu peito parecia ainda mais esmagador do que o normal, e ficar ao lado dela não o aliviou.

Contei a ela o que aconteceu comigo.

Ele nunca quis.

Apesar do que ela disse e de como ela tentou tranquilizá-lo e confortá-lo, ele não se sentiu melhor com isso.

Ele estava grato que as memórias mais recentes que ele adquiriu eram dela. Seus gritinhos de prazer e sua risada brutal. Suas sobrancelhas enrugadas e arrebatadoras e seu sorriso cheio de humor. O arranhão de suas unhas em suas costas e seu toque suave contra suas mãos grandes.

A risada dela era tão encantadora quanto a magia que ele podia produzir, parecendo quase impossível e ainda assim real. O cheiro dela era um aroma sonolento, que embalava sua mente, mas também fazia seu corpo se mexer - ele estava realmente encantado com isso.

Nada disso apagou o que havia acontecido com ele.

Ele ainda se lembrava de seus pulmões se enchendo de água, queimando-o de dentro para fora em uma umidade fria antes de sua mente desaparecer deste mundo. Apenas para expulsar aquela água repentinamente e acordar no dia seguinte ainda imerso no líquido sufocante, respirando-o novamente, observando sua própria respiração borbulhante atingir alguma superfície intocável por baixo e fazê-la ondular.

A maneira como a sujeira enchia sua boca e o nariz era um tipo diferente de agonia. Ser *bloqueado* dos lugares que ele mais precisava de liberdade era assustador. Para comer terra apenas para que ele pudesse respirar inutilmente e falhar - apenas para acordar novamente, curado e engasgar instantaneamente.

O toque dela não conseguiu remover o eco da lâmina que apunhalou sua carne enquanto ele estava acordado ou seus ossos densos e difíceis sendo quebrados, apenas para Jabez mostrar a ele seu próprio coração batendo.

Mas o pior de tudo... a única lembrança que era tão marcante quanto ele se lembrava eram as chamas. Sentir seu pelo chamuscar e sua própria carne antes que o fogo realmente tomasse conta. Sentir seus músculos e sangue fervendo antes de começar a queimar e derreter.

Eram as mais frescas e as que mais danificavam sua mente. Ele não conseguia esquecer a agonia disso, não importa o quanto ele tentasse.

Essas lembranças do fogo eram as que ele mais sonhava. Foram elas que o levaram a machucá-la.

Seu pedido de desculpas não fez *nada* para apagar a vergonha, culpa e decepção ao perceber que sua própria mão com garras estava apertando sua pequena e delicada garganta. Ele a estava apertando, o rosto dela ficando vermelho - e embora não implorando, estava cheio de olhares.

Um novo pesadelo para se ter.

Ele explicou mais as coisas desde que ela pediu, mas nunca teve a intenção de compartilhar essas coisas com ela.

Não só porque estava envergonhado por não ter conseguido se

salvar, mas porque simplesmente não queria que ela soubesse que estava atormentado. Seu tempo com ela poderia ser curto. Ele não queria que fosse preenchido com nada doloroso.

Depois que ela adormeceu, Faunus tentou aliviar sua própria mente e coração doloridos acariciando sua bochecha, pescoço e cabelo, mas seus pensamentos zumbidos se recusaram a parar de girar.

Ele escolheu sair e ver o mundo brilhar, sabendo que o número de vezes que ele veria estava diminuindo a cada dia.

Faunus não estava acostumado a ser tão solene ou triste. Certa vez, ele acreditava que seus orbes eram amarelos porque era fácil fazê-lo rir ou ficar curioso. Foi somente depois que o Rei Demônio o prendeu e o torturou dentro daquela sala inescapável que Faunus mudou. Só podia ser aberto por fora.

As coisas só pioraram quando ele percebeu que seu próprio destino pairava sobre sua cabeça como uma nuvem depois do dia em que Jabez quebrou seu crânio com a garra do polegar.

Ele passou as pontas dos dedos sobre o osso da cavidade ocular. *A rachadura não aumentou desde que voltei.*

Era resistente, ainda forte, mas por quanto tempo?

Ele se preocupava em desmoronar a qualquer momento.

Faunus virou as mãos no colo para olhar para suas garras com os ombros curvados.

Ela me disse para sair. Ela lhe dera um ultimato. É claro que ele havia escolhido o caminho que lhe permitiria permanecer ao lado dela, mas o fato de ela ter dito isso... ele sentiu como se significasse pouco para ela.

Ele entendeu o suficiente para saber *por que* ela tinha. Ele não estava tão desiludido e subdesenvolvido em sua humanidade para ser cegado pela verdade. Mas parecia que seus sentimentos eram tão fracos em relação a ele que ela chegou à decisão facilmente.

Tudo o que ele viu foi raiva e nem mesmo um pingo de remorso por ter ido embora por causa das palavras dela.

Seu corpo esquentou e ansiava pelo dele. Seu coração, no entanto, parecia tão frio quanto o aço que ele a vira manejar.

Ela é como uma rosa. Como suas pétalas, ela podia ser macia e

maleável. Como seu perfume, ela podia ser inebriante e rica. Ela era tão bonita, se não mais.

Mas ela também podia ser tão afiada e cruel quanto espinhos.

Ele tinha que ser cuidadoso. Caso contrário, ele poderia se machucar. Suas afeições também podem murchar tão rápido quanto o botão florido acima de seu caule perigoso.

Viciosa, mas delicada, isso é o que Mayumi era para ele.

A cada passo que ele dava em direção a ela, mais ele sentia como se ela segurasse firmemente uma espada que ele colocaria de bom grado em seu próprio peito.

Pensando sobre isso, sobre seu passado, sobre ela, seu coração doeu de uma forma que ele nunca imaginou ser possível. *Eu não quero deixá-la.*

Ele virou seu olhar para seguir um pássaro que circulou acima. Ele voou para longe assim que ele ouviu passos rápidos e estrondosos.

— Faunus?! — Ele ouviu o grito de pânico de Mayumi antes mesmo de ela empurrar a porta de sua casa. Ela se abriu com um estrondo *contra* a parede.

Com seu crânio já olhando por cima do ombro em sua direção, qualquer tensão que ela tivesse em seu corpo aliviou ao vê-lo ali.

Ela estava nua, exceto pelo cobertor que havia jogado sobre os ombros. Ela costumava usá-lo para cobrir as partes dela que ele não conseguia abrigar em seu calor durante a noite.

— O que está errado? — ele perguntou, apenas inclinando a cabeça porque a tez dela estava mais pálida do que o normal.

Sua cor clara e fulva voltou rapidamente a brilhar na luz da manhã.

— Eu pensei que você tinha saído, — ela respondeu com uma voz rouca, revelando que ela acordou sobressaltada e imediatamente correu para a porta.

Ela estava alerta, mas vacilante, como se tivesse acabado de se deitar. Havia até linhas de impressão em uma de suas bochechas, encostadas nas costas de sua própria mão.

— Eu disse a você que ficaria aqui.

Isso não mudou por causa do que ele disse a ela. A única

maneira que ele iria embora era se ela pegasse outro homem e tivesse seu cheiro sexual nela. Ele nunca impediria Mayumi de fazer o que ela queria, mas sabia que *seria* incapaz de conter sua indignação e ciúme na presença dela.

Atualmente, em espírito, ela era sua fêmea. Ele havia marcado seu território e sentiria a necessidade de defendê-lo. Especialmente porque ele não tinha outro pelo qual lutar.

Ela era tudo o que lhe restava no mundo.

— Sim, mas eu pensei... — Mayumi esfregou a lateral do pescoço enquanto fazia beicinho e olhava para o lado. — Não importa. Por que você está aí fora?

Deixando cair o cobertor de seus ombros, ela começou a passar por ele.

— Por que? Você está com saudades de mim? — ele perguntou, forçando-se a rir apesar de seu desânimo.

Ela torceu o nariz para ele.

— Eu estava com frio.

Então ela se jogou na neve.

Ela guinchou quando seu corpo inteiro afundou nela, e ele imediatamente observou sua carne ficar rosa e formigar. Sua bunda bonita e empinada estava aparecendo para ele. Passando a língua pelo focinho, pensou em como gostaria de reaquecê-la para ela. Era firme e ele gostava de segurá-la, tocá-la, mordiscá-la.

Faunus muitas vezes teve que conter o desejo de mordê-la. E não apenas uma pequena mordidela delicada, mas ele queria afundar suas presas nela - mostrar a seu corpo flexível que ele era o mestre nisso. Que ele poderia dar prazer e dor lúdica se quisesse.

Ele não podia, pois seria desastroso se ele provasse até mesmo uma gota de seu sangue. Muitas vezes ele prendia a respiração se cheirava uma pequena fração dela - exceto quando ele mudou o corpo dela para tomar o dele.

Ele estava distraído por desejos mais urgentes do que pela fome no momento.

Embora ela preferisse beber seu chá, ele observou Mayumi fazer essa rotina matinal muitas vezes. Normalmente, ela se levantava

do frio intenso em segundos. Desta vez, de bruços, ela gemeu.

— *Ughhhhh*. Eu estou tão cansada.

Seus pensamentos acalorados morreram quando ele percebeu que tinha sido a causa de um sono conturbado para ela.



Quando Mayumi voltou para dentro, ela debateu se deveria tomar banho na banheira externa ou se enxugar com um balde de água e um pano. Ela decidiu apenas o limpar.

Eu não gostaria de enfrentar algo de que tenho medo depois de revelar o porquê. Depois que ela se acalmou de pensar inicialmente que Faunus havia saído, ela ainda achou alarmante que ele estivesse fora sozinho.

Normalmente, Faunus ficaria dormindo até que ela acordasse ou pelo menos continuaria a segurá-la até que ela acordasse. Ele parecia gostar de abraçá-la, e muitas vezes ela acordava com ele acariciando sua pele da testa até a coxa algumas manhãs.

Ela não sabia como os Caminhantes do Crepúsculo processavam o trauma. Se fosse algo como um humano, ela imaginou que seria um processo difícil – especialmente considerando a gravidade disso.

Agora que ela entendia por que ele sempre se colocava o mais longe possível do fogo ou olhava para ele aparentemente hipnotizado, isso fez seu coração irradiar com uma dor tenra. Ele estava se expondo a coisas que odiava ou temia, só por... ela.

Ele deve se importar muito comigo, ela pensou enquanto limpava seu torso e coxas depois de já ter limpadado seu próprio corpo.

Ele se ofereceu para fazer isso sozinho, como fazia toda vez que ela vinha até ele com sabonete líquido nas mãos enquanto estava na

banheira, mas ela queria fazer isso. Ela gostava de tocá-lo. Parecia que ela o estava adorando de mais maneiras do que apenas sexual.

Ela considerou cuidados posteriores para mostrar que ela também se importava. *Bastante.*

Ok, talvez mais do que muito, mas Mayumi não estava acostumada a sentir nada por outra pessoa. As pessoas estavam no mundo apenas para morrer em algum momento, e havia tantas complicações quando se tratava de ter um relacionamento com um humano.

Ele é um Caminhante do Crepúsculo, no entanto. Pensar na ideia de um relacionamento real com ele era absurdo.

E, no entanto, aqui estava ela, contemplando-o enquanto o enxugava com movimentos longos e apaixonados. Seria igualmente complicado formar algo mais sólido com ele, mas talvez não da maneira que ela havia notado na humanidade.

Afastando o olhar de seu peito forte, volumoso e musculoso, Mayumi ergueu-o para o rosto dele. Seus orbes eram amarelos e já a observavam. Normalmente, eles teriam começado a ficar roxos agora, já que ela estava esfregando sua costura. Ambos estavam nus, como costumavam ficar juntos, mas ele apenas virou a cabeça para ela quando ela parou.

É errado eu ter sentimentos por ele? Algo se quebrou por dentro quando ele contou a ela o que aconteceu com ele.

Ela precisava que ele fosse vulnerável. Ela precisava saber que ele havia enfrentado dificuldades, para entender o que significava sentir dor e tristeza.

Faunus finalmente revelou algo sobre *si mesmo*.

Ele já sabia muito sobre ela, mas até ontem à noite, ela só sabia dele como um Caminhante do Crepúsculo. Ele nunca revelou onde morava, de que área do Véu ele veio, o que ele estava fazendo.

Ela não sabia de nada porque ele frequentemente escondia coisas dela.

Ao saber mais sobre Faunus, ela se sentiu mais próxima dele. Mayumi poderia compartilhar seu corpo com qualquer pessoa, mas seus pensamentos e sentimentos internos eram frequentemente

mantidos no fundo.

Olhando para ele, ela não pôde evitar a maneira como seu coração floresceu com um calor tão bonito que ela se viu estendendo a mão para segurar seu queixo. Ela fez uma pausa quando estava quase lá.

Ele me disse que não gosta que seu rosto seja tocado. No entanto, ela fazia isso sempre que queria, sem entender por que ele era contra até agora.

Quando ela estava prestes a se afastar, Faunus se aproximou. Ele colocou a frente de seu crânio contra as mãos dela, deixando-a passar por cima de tudo, incluindo a rachadura.

— Eu quero o seu toque, — ele admitiu, colocando ambas as mãos sobre as dela para mantê-las pressionadas no osso duro. — Sempre quis.

— Você disse que dói, — ela resmungou, empurrando para cima para poder acariciá-lo.

— Sim, mas apenas se você não for gentil.

Faunus afastou as mãos e deixou que ela o acariciasse como quisesse, e ela fez questão de usar apenas a parte inferior mais macia de suas mãos. Seus orbes eventualmente ficaram pretos e um ronronar borbulhante começou a sair de seu peito.

O som fez sua pele se arrepiar. Ela encostou a testa na almofada do peito dele e na dureza dos ossos que o envolviam.

Quando ele ronrona, faz coisas engraçadas dentro de mim.

— Mayumi? — seu tom estava cheio de confusão e preocupação, provavelmente porque ela estava segurando seu rosto por tanto tempo.

Ela limpou a garganta e se recostou.

— Posso escovar você? — Ela soltou uma risada estranha enquanto olhava de lado para evitar o olhar dele, se perguntando por que ela achou isso mais embaraçoso do que todas as vezes que eles se tocaram intimamente. — Seu pelo é realmente macio, mas imagino que ficaria ainda mais fofo se eu desfizesse todos os nós dele.

A grande mão de Faunus segurou o lado de seu rosto e sob sua mandíbula, levando-a de volta para olhar para ele.

— Você pode me tocar como quiser.

E assim, a barreira de ferro em torno de seu coração tentou derreter sob o poder de suas palavras - sua confiança.

Seu sorriso era o único reflexo do grito interno de alegria que ela queria liberar. Ela rapidamente se atrapalhou para encontrar sua escova de cabelo e, em pouco tempo, ela estava escovando o pelo nas costas dele.

Como recompensa, ela pressionou os lábios contra a parte de trás do crânio dele. O sorriso dela só se aprofundou quando ele roçou as garras naquele ponto antes de virar a cabeça cento e oitenta graus para olhar para ela com um amarelo mais brilhante do que o normal.

Mayumi agarrou sua cabeça e a virou para frente porque era um pouco estranho que ele fosse capaz de girá-la a ponto de parecer não haver torção em seu pescoço. Era semelhante a como ela tinha visto os pássaros girarem seus pescoços, e ela também não gostava que eles fizessem isso.

Falando em pássaros... ela olhou para a gaiola vazia que tinha em casa.

A razão pela qual ela soltou seu pombo-correio ontem à noite não foi porque Faunus tinha a tendência de encará-lo - avisando-a que ela poderia encontrá-lo comido em algum momento. Ela o liberou porque amarrou uma carta muito longa e detalhada em seu pé e a enviou para o Forte Hawthorne.

Ela os informou sobre o que Faunus havia dito a ela ontem à noite sobre o Véu, o Rei Demônio, a Vila dos Demônios e tudo mais que ela poderia pensar que poderia ser útil. Ela nunca escreveu quem lhe deu a informação ou como ela conseguiu, mas achou importante que eles soubessem.

Ela considerou detalhar tudo o que aprendeu sobre Caminhantes do Crepúsculo, embora ainda não soubesse como matar um, mas deixou isso de fora. Não era só por causa dele. O resto de sua espécie era sua família, e parecia... errado compartilhar essa informação com aqueles que seriam considerados seus inimigos.

Ela apenas compartilhou o que aprendeu sobre os Demônios e o Véu.

Escovar o pelo de Faunus o deixou super macio, brilhante e fofo, e Mayumi acabou se aconchegando nele uma vez que ela acabou. Era como uma nuvem do céu que a fazia cócegas da maneira mais feliz.

Eu poderia fazer isso todos os dias... Não, ela *ia* fazer isso todos os dias. Ela iria escová-lo e então aconchegar todo aquele pelo até que seu coração sangrasse de contentamento.

Mayumi se afastou assim que terminou de abraçá-lo.

— Você quer me ajudar a limpar a neve do quintal? — Mayumi perguntou, ao invés de exigir que ele a ajudasse.

Era uma grande tarefa, mas ela esperava que fosse uma boa distração.

Quando ele concordou em ajudar, Mayumi deu a ele a pá maior de boca quadrada, e os dois trabalharam na limpeza da área ao redor da casa. Tinha pelo menos um metro de espessura, mas Faunus era rápido.

Quando terminaram de contornar o galpão e o banheiro, desceram pelas laterais em direção à clareira da frente. Foi lá, porém, que Mayumi teve uma ideia brilhante.

Enquanto ele estava de costas para ela, ela amassou uma bola de neve em sua mão e a prendeu em sua bunda. Ela fingiu estar ocupada trabalhando com a pá quando ele olhou para ela por cima do ombro. Ela se certificou de que estava de costas para ele, para que ele não visse que ela estava segurando uma risada.

Na segunda vez que ela fez isso, ela teve duas bolas. Uma para acertá-lo nas costas, a outra para acertá-lo no peito quando ele se virasse.

Ela esperava que ele colecionasse sua própria bola de neve.

Em vez disso, seus orbes ficaram azuis quando ele perguntou:
— Por que você está jogando coisas em mim? Eu te chatee!

Ele virou o rosto para um lado e para o outro, provavelmente examinando todo o trabalho duro que havia feito até agora – o que era muito mais do que ela. Curvando-se, ela recolheu mais neve e formou uma bola.

— É chamado de guerra de bolas de neve, — ela disse enquanto

tomava uma posição de luta.

— Eu não quero brigar com você, Mayumi.

Ela não pôde deixar de revirar os olhos.

— É uma brincadeira em que as pessoas jogam neve umas nas outras enquanto se esquivam. A pessoa que mais acertar a outra vence!

— Ela a jogou nele, e ele a observou voar pela clareira e explodir contra seu peito denso. — Você é competitivo, Faunus? Porque eu sou, e acredite que estou quatro golpes à sua frente.

— Você... deseja brincar comigo? — Seus orbes brilharam em uma cor amarela brilhante.

Eles jogaram muitos jogos ao longo da última semana. Eles estavam limitados a jogos de tabuleiro, mas ela achou que isso poderia ser mais energizante.

No entanto, ela cometeu um erro. Um erro *muito* grande. Faunus juntou neve para fazer uma bola... e era do tamanho da porra da cabeça dela. Era uma pedra de neve.

Ah merda! Ela se abaixou quando ele a jogou, praticamente mergulhando para o lado e caindo de cara no chão.

— Você tem que torná-las menores, Faunus! — ela gritou quando ele pegou outra bola e começou a persegui-la com ela.

Ela se escondeu atrás de uma árvore pouco antes de ele lançá-la, ouvindo-a tarde demais. A árvore balançou e o poder branco caiu dos galhos acima para pousar sobre seus ombros e cabeça.

Mayumi não se importava se ela se machucasse um pouco no processo. Não quando Faunus soltou uma risada profunda quando ela emergiu coberta de neve enquanto a limpava com raiva.

— Isso conta como um golpe, — ele afirmou enquanto ria e apontava uma garra na direção dela. — Eu ainda fiz a neve cair em você.

Enchendo as bochechas, Mayumi rapidamente se abaixou e fez a maior bola de neve que ela já havia feito. Ainda tinha um quarto do tamanho dele. Então ela rapidamente abriu as pernas com um pisão e levantou o braço.

Ele fez o mesmo, preparando-se. No momento em que ela deu um passo à frente para jogá-la, Faunus disparou para escapar. Ela o

perdeu.

Enquanto corria, ele facilmente varreu a neve e fez uma bola.

Pelo menos era menor porque ela não estava preparada para isso quando de repente ele se virou e jogou nela. Foi um arremesso suave, e por isso ela agradeceu, pois imediatamente a colocou de bunda.

— São dois, — ele apontou.

Seus olhos se curvaram quando ela estremeceu e se sentou, cavando as mãos na neve. — Ah. Uau! Acho que quebrei alguma coisa.

Seus orbes imediatamente ficaram brancos. Ele disparou para ela.

— Eu machuquei você? Eu deveria ter sido mais cuidadoso. — Ele lentamente começou a se agachar ao redor dela e cautelosamente estendeu as mãos. — Desculpe...

Antes que ele pudesse terminar, Mayumi jogou uma pequena bola de neve que ela formou em sua mão enquanto estava escondida. Sua risada ecoou na clareira enquanto ela se levantava e corria.

— Sua pequena mentirosa!

Mayumi foi perseguida apenas alguns passos antes de ser abordada. Faunus os torceu quando eles caíram, e ambos caíram de lado, então ela não foi esmagada sob seu corpo gigantesco e pesado.

A risada que veio de Mayumi foi tão leve e despreocupada que ela não conseguia se lembrar da última vez que havia lançado algo assim.

— Isso foi trapaça, Mayumi, — Faunus rosnou levemente, o que só fez suas risadas piorarem.

— Não estabelecemos nenhuma regra. Era livre para todos. — Em retaliação, ele pegou um grande punhado de neve e jogou na cabeça dela, enterrando-a parcialmente por uma fração de segundo. — Eu ainda ganhei!

Faunus cavou seus braços ao redor dela e a apertou em seu corpo.

— Isso foi divertido — disse ele. — Faz muito tempo que não brinco.

— Você já brincou desse jeito com os outros? — ela perguntou

uma vez que puxou sua cabeça livre.

— Sim. Brinquei com os gêmeos em qualquer chance de nos encontrarmos. Acho que eles iriam gostar de brincar de *guerra de bolas de neve* comigo.

Um lampejo de azul surgiu em seus orbes. Ela sabia que tinha visto, mesmo que tivesse sumido em um piscar de olhos.

Algo o está deixando triste. O que ela pensou que seria impossível depois do jeito que eles apenas riram.

Ela rastejou para deitar em cima dele com as pernas retas e sobre as dele. Ela apoiou o cotovelo no peito dele e apoiou o queixo na mão.

— Bem, por que você não mostra a eles?

— Estou aqui com você, Mayumi, — ele respondeu rapidamente, erguendo as mãos para poder passar as garras pelo rabo de cavalo dela. — Não posso mostrá-los sem ir embora.

Isso a fez fazer beicinho. — Acho que é verdade.

Então ele se abaixou e, da parte de trás das coxas dela, suas mãos quentes deslizaram pelo corpo dela, pelas laterais, omoplatas e depois de volta para baixo. Ele soltou um suspiro quando deve ter notado a cor do céu.

— Está ficando escuro. Se você deseja terminar de limpar o pátio antes disso, devemos continuar.

Mayumi deu de ombros.

— Podemos fazer isso amanhã. Não é como se importasse quando fosse feito.

Depois de contemplar suas palavras, ele soltou uma única gargalhada.

— Você gosta de deitar em mim.

Ele era maior do que a maioria das camas de solteiro que ela tinha colocado! E ele era quente e confortável. Claro que ela gostava de deitar em cima dele.

Mayumi estendeu a mão e acariciou seu crânio como sempre quis, do meio da testa até o focinho. Embora ela tenha evitado o crack, ela dançou com as pontas dos dedos sobre o resto do osso frio. Suas orbes ficaram pretas quando ele se inclinou em seu toque.

Ele é magnífico.

Havia tantos aspectos dele que ela adorava. Seu rosto, seu corpo, aquelas grandes garras e presas sensuais, mas ela também achou sua personalidade incrível. Quem mais no mundo poderia dizer que teve uma guerra de bolas de neve com um Caminhante do Crepúsculo?

Ele era atencioso e ainda podia ser tão perigosamente brincalhão que era difícil não... cair nesse aspecto. Ele era travesso, e sua experiência de observar os humanos o tornava quase diabólico às vezes, mas ele também era muito atencioso.

Claro, havia momentos em que ele parecia perplexo com o que ela dizia ou fazia, mas ele era tão rápido em se ajustar que na metade do tempo ela mal registrava.

Ele me deixa ser eu mesma.

Mayumi nunca se sentiu confortável apenas sendo ela mesma com outro. Um adulto se comportando em guerras de bolas de neve, acessos de raiva mandões e estocadas corporais recebiam julgamento de muitos outros. Com Faunus, ela nunca teve que se preocupar com nada disso.

Ele aceitou Mayumi como ela era. Quente e fria, bagunçada e limpa.

Só havia uma coisa da qual ela não tinha certeza.

— Faunus, você me deixaria caçar Demônios? — Ela não estava procurando permissão. Ela queria saber o que ele diria, especialmente depois da última vez que falaram sobre isso.

Suas garras deslizantes pararam no meio de sua espinha.

— Pouco importa o que eu digo sobre o assunto, — afirmou Faunus, já conhecendo-a melhor do que ninguém. — Mas eu preferiria que você me permitisse fazer isso com você. Eu não interferiria a menos que você me pedisse, pois sei que isso é algo importante para você, mas gostaria de ter certeza de que você não se machucaria.

Mayumi enterrou a testa no peito dele enquanto segurava o pelo macio que o cobria.

Isso é tudo que ela poderia pedir.

Havia uma preocupação persistente de que ele tentaria

atrapalhar, já que estava aqui para 'protegê-la'. Ela estava se perguntando se ele tentaria impedi-la de fazer algo tão perigoso, mas ouvir que ele não iria interferir a fez derreter por dentro.

— Eu gosto de você, — ela murmurou contra seu músculo peitoral. Era mais do que apenas uma paixão infantil, mas ela nunca fora boa em expressar seus sentimentos mais profundos.

Ela sabia que estava profundamente apaixonada por ele.

— Sim, eu sei disso, — Faunus riu enquanto passava suas garras sobre seu couro cabeludo, descendo pela borda de sua mandíbula e levantando seu queixo. — Você gosta quando eu monto você.

— Não é isso que eu quero dizer. — Ela suspirou enquanto se levantava para escarranchar seu peito. — Quero dizer que gosto de você e quero que fique aqui comigo.

Ele inclinou a cabeça em óbvia perplexidade, algo que não fazia com frequência. — Eu já estou ficando aqui com você.

Eca! Por que isso era tão difícil?

— Quero dizer tipo... porra, eu não sei. — Ela agarrou o lado de sua cabeça. — Seria estranho te chamar de namorado já que você é um Caminhante do Crepúsculo, mas basicamente o equivalente a isso?

Um foda-sexo era uma coisa. Aquilo era apenas sexo sem emoção, mas ela queria mais de Faunus.

— Eu serei o que você quiser que eu seja, Mayumi. Já ouvi esse termo antes. Eu sei que isso significa algo mais do que o que estamos fazendo agora. — Ele coçou a ponta da garra na lateral do focinho. — Mas você não iria querer algo assim de outro humano?

Apesar de sua demonstração de estranheza, ela pensou que poderia ser meio falso, considerando que seus orbes ficaram com um amarelo mais brilhante em vez de um brilho de rosa avermelhado para destacar um 'blush' de Caminhante do Crepúsculo.

— Pessoas são complicadas, — ela gemeu enquanto deixava sua cabeça cair para trás, sentindo a tensão na coluna de sua garganta. — Eu namorei homens e mulheres, e eles me irritam completamente. Alguém trapaceia enquanto estou fora, outro só quer meu dinheiro ou proteção, e há poucos que têm todas essas emoções. Por mais que eu

tentei, eu nunca estive capaz de ser eu mesma. Devo ser solene e pensar na crueldade do mundo. Não me interprete mal, eu faço muito isso, mas às vezes eu só quero me divertir. Mas você é o tipo de pessoa que eu não preciso esconder de quem ou do que eu quero. Você sabe como isso é libertador?

— Eu não sou uma pessoa, Mayumi. — Seu tom era quase amargo.

Mayumi abaixou a cabeça para frente.

— Você é para mim. Você tem uma identidade. É simplesmente único.

Faunus beliscou sua bochecha e a puxou.

— Eu acho sua estranheza fofa, — ele admitiu. — Nenhum outro humano jamais seria assim comigo. É estranho que você seja.

Ele estava certo, e ela sabia disso também.

Ela se deixou cair até que suas mãos estivessem enterradas na neve acima de seus chifres de carneiro encaracolados para trás, seu cabelo balançando para baixo de um lado de seu rosto.

— Então, que tal? — ela perguntou com um sorriso.

Seus braços caíram na neve quando ele rolou o crânio e o deixou cair para o lado. Ele parecia exasperado quando disse: — Se for preciso.

O desgraçado está fingindo como se não quisesse!

Ela teria lhe dado um tapa no peito, mas sabia que ele estava apenas zombando dela. Ele tinha sorte de ela realmente gostar dele.

Idiota.

CAPÍTULO 25

Depois de acordar e rastejar a contragosto, Mayumi chegou a meio caminho da porta da frente antes de um braço forte envolver sua cintura e puxá-la. Ela soltou um grito surpreso quando caiu para trás - em um conjunto de braços grandes e um colo quente.

Ela pensou que tinha conseguido se levantar sem acordar Faunus, mas imaginou que não.

Uma de suas mãos agarrou a parte externa de sua coxa nua para segurá-la contra ele, enquanto a outra embalou o lado de seu pescoço e mandíbula.

— Por que você faz isso? — ele perguntou enquanto acariciava sua mandíbula contra a bochecha dela. Sua voz estava ainda mais grave do que o normal, considerando que estava grogue e cheia de sono.

— Fazer o que? — ela perguntou enquanto levantava o queixo, permitindo que ele a acariciasse como quisesse.

— Por que você se joga na neve?

Desde a conversa de ontem, Faunus parecia ainda mais carinhoso com ela. Ele ronronava e se esfregava contra ela um pouco mais frequentemente.

Ela fez isso de volta, permitindo-se ser mimada.

— Eu luto para acordar completamente, especialmente no inverno. — Suas pálpebras abaixado em preguiça enquanto ela tomava seu calor. Ela ainda não estava totalmente acordada, e ele estava ameaçando puxá-la de volta para baixo, mesmo agora. — Eu tenho feito isso desde a guilda. Se eu não tomasse chá, me jogaria na neve para ficar alerta. Caso contrário, ando por aí com meio cérebro na primeira hora do meu dia.

— Você não toma chá?

— Não. Tomei o último há dois dias. Esqueci de comprar mais da última vez que fui ao Posto Avançado de Colt.

Ele ronronou, não apenas de sua garganta, mas também de seu peito.

— Você sempre pode acordar no meu pau.

Ele estava ficando mais nefasto a cada dia. Ela estava torcendo por ele, esperando que ele se tornasse mais diabólico dessa maneira sensual.

Uma gargalhada irrompeu dela.

— Você sempre pode me acordar com isso. Eu não me importaria de acordar no meio do orgasmo.

Seu ritmo vibrante morreu quando ele ergueu a cabeça para trás para olhar para ela.

— Eu não posso fazer isso, Mayumi. Você não estaria acordada. Isso... isso não parece certo.

Mayumi cuidadosamente ergueu ambas as mãos para tocar a lateral do focinho dele, um sorriso curvando seus lábios.

— É se eu lhe der permissão prévia, que estou lhe dando agora.

— Aquele sorriso se transformou em um sorriso. — Além disso, você meio que já fez isso.

Um lampejo de rosa avermelhado surgiu em seus orbes antes que voltassem ao normal.

— Isso foi um acidente.

Ela sabia que era, mas isso não significava que ela não iria provocá-lo sobre isso.

Embora Faunus frequentemente tivesse pesadelos pequenos e fugazes, ele também tinha sonhos luxuriosos. Mayumi acordou algumas vezes com seu pênis empurrando contra ela, e uma vez dentro dela, ambos completamente adormecidos antes que ela finalmente acordasse. Claro, ela tirou vantagem total da situação.

Era bom saber que ela estava assombrando sexualmente seus sonhos.

— Vamos chamar de acidente feliz. — Mayumi cantarolou alegremente enquanto se movia para rastejar sobre o colo dele para encará-lo. Os joelhos dela estavam sobre os dele dobrados, forçando Faunus a suportar todo o peso dela. — Você se divertiu depois. — Mayumi então se aproximou com as mãos nos ombros largos dele, abaixando a cabeça para sussurrar onde ela achava que ele poderia ouvir. — Foi tudo bom e lento, e você ronronou o tempo todo.

A pelagem grossa e longa ao redor de seu pescoço se arrepiou e

suas presas se separaram quando ele soltou um suspiro por elas.

Ela gostava que fosse tão fácil dar a ele esse tipo de reação, mesmo com apenas algumas palavras ditas em voz sussurrada e leve.

Faunus deslizou a ponta afiada de suas garras por baixo de sua bunda e subiu no meio de sua espinha. Ela se arqueou quando ele disse: — Se você quiser se levantar hoje, eu aviso que você deve tomar cuidado com o que diz para mim.

Desta vez, Mayumi deu um zumbido pensativo que tinha um tom de timidez. Deslizando as mãos de seus ombros para correr pelo peito, sobre a pele e os ossos ali, ela se inclinou ainda mais perto.

— Você já me disse que posso me acordar brincando com você. — Com os dentes da frente, ela mordiscou seu pescoço logo atrás do canto de sua mandíbula. Ela não se importou com a pele, não quando a ação o fez endurecer no que ela esperava que fosse prazer. — E ainda não estou totalmente acordada, Faunus.

Eles já fizeram sexo ontem à noite? Sim. Mayumi já estava cheia de sementes? Também sim, embora ela tivesse começado a limpá-las quando terminaram para diminuir a necessidade de um banho completo pela manhã. Mayumi se importava que ela estava um pouco sensível e cansada? Nem um pouco.

Uma das razões pelas quais Mayumi lutava com a maioria dos parceiros era que eles raramente conseguiam acompanhar sua libido sexual. Ela frequentemente usava exercícios para conter suas necessidades sexuais, mas não precisava fazer isso com Faunus.

Ele parecia ser mais insaciável do que ela.

No momento em que Faunus começou a soltar o que ela apelidou *carinhosamente* de ronronar, um grunhido e um ronronar ao mesmo tempo, ela sabia que seu pequeno anzol havia sido mordido e ela tinha um grande peixe na linha para domar.

Quando suas mãos agarraram a parte de trás de suas coxas com a intenção de levá-la, provavelmente para colocá-la no chão, Mayumi levantou a mão. Ela bateu com o dedo indicador na ponta do focinho dele.

— No entanto, quero fazer do meu jeito. — Ela emaranhou os dedos atrás de seu pescoço grosso. — Eu quero que você se deite.

Faunus bufou de desagrado, o que só fez os lábios dela se curvarem.

— Por que eu tenho que me inclinar para trás? Achei que você gostasse quando eu montasse em você.

Por alguma razão, Mayumi sempre se encontrava contra o chão. Quer fosse de joelhos, estômago ou costas, era sempre Mayumi quem estava sendo montada. Faunus gostava de estar no controle.

Era a vez dela.

Faunus estalou a língua dentro da boca.

— Você está planejando montar na minha língua de novo? Não fizemos isso desde a primeira vez. — Ele deslizou a mão sob suas coxas para acariciá-las, provocando um arrepio nas pernas dela. — Eu gostei quando você gozou na minha boca assim.

— Isso pode estar na agenda — disse ela, embora não estivesse. — Mas primeiro quero fazer outra coisa.

Mayumi tinha planos diferentes e não estava pronta para revelar quais eram.

— Isso deve ser emocionante, — Faunus ronronou enquanto soltava suas coxas e deitava de volta, descruzando as pernas para colocá-las retas. Ele cruzou os braços atrás da cabeça para poder observá-la.

Ela não pôde deixar de pensar que ele parecia bastante importante agora, que era como ele sempre parecia quando estava deitado.

Eu quero embaralhar seu maldito cérebro.

Ela se recostou nos tornozelos, ainda completamente ajoelhada sobre as coxas dele, e lambeu a costura dos lábios. Sua cauda se enrolou antes de descansar contra o chão, e isso só aumentou a visão dele que ela teve.

Apenas olhando para o banquete de um Caminhante do Crepúsculo diante dela, sua mente grogue já estava um pouco mais alerta. A excitação estava começando a pulsar em todos os lugares delicados de seu corpo.

No entanto, a primeira coisa que Mayumi fez foi plantar o rosto contra o peito dele e começar a esfregá-lo contra ele.

— Por que seu pelo é tão macio? — ela perguntou, absorvendo sua suavidade absoluta e seu cheiro inebriante de perto. — Isso só me faz querer estar constantemente enterrada contra você.

Apoiando-se nos cotovelos, ela finalmente aninhou-se para o lado até que seus lábios roçaram seu mamilo plano. Eles eram de cor cinza escuro, muito parecidos com o resto de sua pele que ela podia ver – como seu estômago e mãos. Era mais escuro, porém, e ela passou a língua sobre aquele que estava acariciando com os lábios para ver se ele gostava.

Ela o olhou enquanto o fazia, e seus orbes instantaneamente mudaram para roxo. A cor se aprofundou quando ela mordeu antes de chupar.

— Isso parece... estranho. — Sua cauda enrolou em torno de sua coxa para puxá-la para trás para que ela o soltasse.

Quando ela o fez, ele tirou uma mão de trás da cabeça e deu um tapinha no próprio mamilo com curiosidade antes de colocá-lo de volta. Tinha sido uma sensação nova para ele, e ela imaginou que ele não tinha certeza de como se sentia.

Ela tentaria novamente mais tarde.

Sem se incomodar com seu pelo, ela mordeu o topo de seu músculo peitoral onde era mais longo antes de morder a parte inferior onde era mais curto. Então ela apenas beijou o caminho até que ela estava deslizando entre as coxas dele, e ele teve que se separar dela.

— O que você está fazendo, Mayumi? — ele perguntou quando os joelhos dela estavam firmemente contra o chão.

Grata por ter roubado suas calças dias atrás e as escondido, as pontas de seus dedos deslizaram sobre onde estava sua costura. Ela achou adorável quando deu um aperto restritivo sob seu toque.

— O que você acha?

Em todo esse tempo de Faunus estar aqui, ela nunca teve a chance de apenas brincar com ele. Ela viu, acariciou seu pênis e segurou-o com as mãos, mas Faunus estava sempre tentando colocar algo dentro dela - fossem seus dedos, língua ou pênis.

Ela já havia provado o delicioso lubrificante dele em seus dedos antes, mas agora ela queria mordiscá-lo da fonte.

Inclinando-se para frente, ela passou a língua desde o fundo de sua costura até o topo.

— Abra, Faunus.

Ela piscou quando a ponta de um tentáculo se contorceu para se libertar, antes de se enrolar em seu dedo quando ela o aproximou. Então sua costura se abriu, seu pênis deslizando para frente sem proteção pelos quatro membros que normalmente o rodeavam de forma protetora.

Faunus não era de forma alguma um cultivador.

O que saiu dele tinha o mesmo comprimento de sempre, e sua espessura apenas aumentou ligeiramente. A única diferença era que ainda estava parcialmente macio, quando geralmente estava duro quando saía.

Era uma cor lavanda forte, não um roxo muito escuro, mas também não era claro. Mayumi segurou-o pela base grossa e passou o polegar pela lateral, sentindo os espinhos esponjosos dele se moverem sob a almofada.

Observando-a silenciosamente, Faunus permitiu que ela tomasse seu tempo. Ela sabia que ele estava se divertindo com a rapidez com que começou a endurecer, passando de flácido contra o abdômen para saliente.

Seus tentáculos contorcidos eram de um roxo muito mais escuro do lado de fora, ameaçando ser alguns tons de preto, mas o interior pontiagudo era da mesma cor de seu eixo. Essas pontas muitas vezes ficavam rígidas em torno de seus quadris, mas nunca ficavam afiadas o suficiente para cortá-la.

Ela deu dois dos membros com a mão esquerda para emaranhá-los enquanto deslizava para cima de seu grande e magnífico pênis. Seu lubrificante se espalhou, brilhante e úmido. Era gordo, e quando ela levantou a outra mão para cobrir o outro lado, ambas não conseguiram conter sua circunferência.

Mayumi se curvou para frente para poder passar a língua sobre ele.

Suas pálpebras piscaram sob o ataque delicioso de capim-limão e aroma de limão em sua língua. Era diluído, mas garantiu que ela

começasse a salivar. As presas de Faunus se separaram ligeiramente em uma expiração, seu pênis inchando em reação.

Descendo do outro lado, Mayumi ensaboou beijos sobre cada espeto em seu pênis. Eles não eram uniformes, pontilhando-o aqui e ali.

É incrível que isso caiba dentro de mim, ela pensou enquanto levantava as mãos da base até a metade. Ela girou a língua na cabeça larga, os picos ao redor da borda maiores aqui.

Embora parecesse proporcional ao corpo dele, não muito longo ou grosso contra ele, contra o tamanho dela, parecia... gigantesco. O fato de que ela poderia levá-lo até o fim era impossível. O que, é claro, foi sem sua magia de rearranjo do canal.

Ela cantarolou de satisfação com esse lembrete.

Enquanto ela movia a língua, notou que os músculos do abdômen dele se contraíram e afundaram. No final disso, ela queria vê-los dançando.

Mayumi se concentrou principalmente na cabeça enquanto suas mãos deslizavam para cima e para baixo na raiz dele, seus polegares deslizando no sulco profundo por baixo. De vez em quando, ela descia para esfregar de onde achava que o sêmen dele poderia vir, dois ovais salientes que se agarravam à base logo após a costura.

A primeira vez que ela fez, ele finalmente descruzou os braços.

Um ficou atrás da cabeça para apoiá-la com o punho cerrado, enquanto o outro cravou as garras no chão. Ele não tinha ideia do que fazer com as mãos, e ela o deixaria descobrir por conta própria.

— Eu gostaria de poder colocar você na minha boca, — ela disse com um gemido quando sua língua finalmente sentiu o primeiro gosto de semente com sabor de orvalho. Ela estava grata por não ser aquele líquido salgado com o qual ela estava acostumada. — Você tem um gosto tão bom que eu só quero engolir você inteiro.

Mayumi empurrou com força, ganhando apenas uma fração a mais de seu pênis dentro de sua boca. Ela queria mais profundo. Tão profundo, na verdade, que passasse pelo fundo da boca e desceu pela garganta.

Seus dentes deviam estar cravados na cabeça rechonchuda, mas

ele não reclamou. Em vez disso, ele murmurou: — Mayumi.

Sua mão livre subiu para acariciar o cabelo dela antes de removê-lo como se achasse que não era uma boa ideia. O fato de ele poder cobrir toda a parte de trás de sua cabeça com a mão era incrível, mas ela sabia que ele poderia esmagá-la com um tempo errado de sua mão.

Ele não o faria, mesmo que não tivesse certeza, mas isso era algo que ela adorava em Faunus. Ele era imprevisível, perigoso e forte, mas estava tão consciente disso que ela raramente se machucava. Mesmo se ela fosse, como nas inúmeras vezes que ele arranhou sua pele profundamente, ele sempre a curaria antes mesmo que ela percebesse.

Suas mãos trabalhavam em uníssono com sua boca, subindo e descendo assim como sua cabeça. Sua língua girou antes de mergulhar para o lado para morder a borda.

Sua língua estava constantemente lambendo o lubrificante que continuou a vazar dele até que pingou sobre suas mãos. Ela foi rápida em coletar qualquer bolha de pré-sêmen antes que pudesse pingar. Sua mente estava fixada no pedaço de carne quente, duro, saliente e fálico com o qual ela estava brincando.

Ela notou que as coxas dele se contraíam ao redor dela, que seu estômago ondulava e apertava, que sua respiração era mais ofegante. Mas ela queria mais.

Trocando posições, suas mãos se moveram para cima enquanto sua boca se moveu para baixo. Então ela passou a língua sobre um de seus ovais embutidos enquanto apertava a cabeça levemente pontiaguda.

— *Foda-se* — ele rosnou, sua voz muito mais grave e mais distorcida do que o normal.

Ele agarrou profundamente seu estômago enquanto seus quadris se levantavam. Mayumi o seguiu, virando a cabeça para o outro lado para provocar o nó esquerdo. Ela chupou, e suas costas se curvaram enquanto seu pênis crescia.

— *Porra*. Pare, Mayumi. — O tom carente era decadente para seus sentidos.

— Por que? — ela perguntou diretamente contra ela, esperando que ele sentisse o movimento de seus lábios e sua respiração.

— Você vai me fazer gozar.

Seu peito estava arfando, e ele finalmente colocou a mão sobre a cabeça dela, tentando empurrá-la enquanto ela lutava para se manter lá. Quando ele começou a ganhar, ela virou a cabeça e mordeu a parte carnuda de sua palma com força. Ele se retraiu.

— Esse é o ponto, não é?

Mayumi deu uma volta no direito desta vez, sentindo-o apertar sob a língua. Ela trouxe as mãos para baixo ao longo de seu pênis.

— Eu não posso te dar um boquete adequado a menos que você tenha mais magia que possa me ajudar. Tenho que usar o que tenho.

— Ela chupou por um momento, fazendo com que todo o seu corpo se encolhesse por dentro. — Apenas aproveite o passeio.

Faunus ficou nervoso, especialmente quando ela começou a se mover entre provocar a base excessivamente sensível e a cabeça do pênis com a boca em intervalos diferentes. Suas mãos se moviam no meio, sempre acariciando-o.

Então Mayumi guinchou quando seu rabo subiu para esfregar toda a fenda de sua boceta. Ela estava encharcada, o que ajudava seu deslizamento, e o pelo era tão curto ali que parecia macio.

— Você está me dizendo para aproveitar o passeio, — ele rosnou levemente, fazendo com que as pálpebras dela tremessem enquanto ela girava a língua ao redor da cabeça. — No entanto, posso sentir o cheiro de como você está excitada. Você está fazendo isso por mim ou por si mesma?

A resposta era ambas, mas ela apenas olhou para cima para encontrar seus orbes roxos com um sorriso no rosto.

Seus mamilos estavam duros e doloridos, assim como seu clitóris, mas ela não estava se tocando de propósito. Ela estava construindo sua própria antecipação.

Bem... esse era o plano dela.

Foi descarrilado quando ela se viu gemendo contra a ponta de seu pênis quando ele deslizou seu rabo dentro de sua boceta. Era mais fino que seu pênis, e parecia mais uma provocação, mas era estímulo

suficiente.

Mayumi abriu as coxas e permitiu que se movesse livremente enquanto ensaboava o pau dele com beijos, mordidelas e lambidas. Sua visão estava atordoada enquanto seu corpo simplesmente assumia o controle sem pensar.

Suas mãos se moveram rapidamente, sua boca correndo para todos os lados. Talvez ele pensasse que seria o suficiente para retardá-la, talvez até controlá-la, mas apenas a deixou mais gananciosa, mais faminta ainda.

Os movimentos de Mayumi tornaram-se mais ousados enquanto ela gemia enquanto empurrava os quadris contra o rabo dele.

Os tentáculos de Faunus se contorciam como se quisessem agarrar algo, enrolando-se constantemente. Tornou-se uma batalha quando ela soube que ele estava se aproximando.

Ele removeu o braço de trás de sua cabeça e deixou seu crânio cair para trás para que ele pudesse abaixar sua mão para deixar aqueles membros agarrarem seus dedos para resolver qualquer necessidade dolorosa que eles tivessem. A outra mão dele estava segurando a cabeça dela em uma jaula de garras, raspando sutilmente seu couro cabeludo enquanto ela se movia.

Todos os seus músculos tiveram espasmos, seus quadris começaram a mergulhar e empurrar. A cauda dele continuou a se mover dentro dela, mas perdeu o ritmo e o movimento.

Ela sentiu seus espinhos endurecerem e afiarem, seu pênis inchando completamente. Ela instantaneamente afastou as mãos antes de machucá-las. Em vez disso, ela as abaixou e segurou ambos os sacos embutidos na parte inferior de seu pênis. Eles estavam mais achatados do que antes, como se tivessem afundado, e latejavam fortemente em suas palmas. Eles estavam quentes.

Cada respiração ofegante dele era seguida por um pequeno gemido.

Se ele queria falar, parecia incapaz enquanto ela esfregava sua base pulsante e sugava a cabeça. Ele soltou um gemido borbulhante.

Mayumi não se afastou quando a primeira explosão de semente

com gosto de orvalho jorrou em sua boca. Era poderoso porque havia tanta força por trás dele, mas ela engoliu o que pôde e os dois que se seguiram. Então ela desistiu e começou a circular a língua ao redor da ponta enquanto espalhava os lábios para frente e para trás sobre ela.

— Não. Demais, — ele meio rosnou, meio gemeu.

É porque ele não está acostumado com o movimento enquanto vem?

Isso só a fez ir mais rápido, cortando as cordas de seu sêmen com a língua enquanto elas se soltavam.

Faunus agarrou seu cabelo e puxou sua cabeça para trás. Ela cravou as unhas nas coxas dele para se equilibrar e tirar o pior da dor intensa que sentia no couro cabeludo.

Sua liberação começou a respingar contra sua bochecha, queixo e parcialmente entre seus lábios entreabertos. Ela fechou um olho quando uma corda de líquido espesso chegou muito perto dele.

Desde que ela parou de engolir e porque ele a puxou de volta, havia gozo por toda parte. Escorria de seu rosto e cobria seu pênis e costura completamente. Ele soltou seus tentáculos, e eles lançaram um líquido branco sobre ele e o chão.

Ele estremeceu quando gozou, e os olhos dela assistiram com prazer ao vê-lo ser desfeito por ela. Ela se apertou ao redor de sua cauda enquanto seus impulsos combinavam com cada surto, tanto a visão diante dela quanto a excitando ainda mais. Suas bochechas e peito coraram com profunda excitação.

Fizemos uma grande confusão agora.

Bem, haveria uma de qualquer maneira, mas pelo menos tinha sido controlada para escorrer por todos os lados de seu pênis antes.

— Você não tem permissão para fazer isso de novo, — Faunus murmurou enquanto afrouxava a tensão que tinha em seu cabelo. Sua cauda escorregou dela, nunca lhe dando um orgasmo, mas certificando-se de que ela estava preparada para um.

Ela abaixou a cabeça e começou a dar beijos apreciativos em seu pau mole, fazendo seu corpo ter espasmos. Ela também o segurou com as duas mãos, garantindo que espalhasse sêmen por toda parte como se estivesse brincando com ele – ela *poderia* estar.

— Por que não? — ela cantarolava enquanto tentava lambê-lo

até limpá-lo com sua língua brincalhona.

— Porque era tão bom até eu sentir que você estava tentando me fazer explodir.

— Você meio que fez — ela zombou.

Seus tentáculos começaram a girar quando seu pênis começou a recuar. O pânico a atingiu. Mayumi rapidamente subiu em cima dele com os joelhos sobre os ossos salientes do quadril e sentou-se em seu pênis. Ela se certificou de que estava aninhado entre os lábios de sua boceta e apertou seu clitóris contra ele.

— Ei, não se atreva, — ela ameaçou. — Se você acha que terminamos, você está enganado. Nós apenas começamos. Eu nem cheguei ao orgasmo.

— Eu não sou o que vocês humanos chamam de *bufê*, Mayumi,
— Faunus repreendeu com uma risada. — Eu não sou infinito.

— Eu não pensei que você chegaria ao seu limite tão rapidamente com um mísero meio boquete.

Ela esfaqueou os cotovelos em seu peito para poder apoiar o queixo nas mãos e se esfregar nele.

— Gozei com tanta força que meu pau doeu.

— Eu beijei melhor, — ela retrucou brincando.

— Por muito pouco. — Ele virou o crânio para encará-la, seus orbes de um roxo brilhante e refletindo que sua irritação não passava de uma fachada. — Você é um ser humano horrível e miserável. Como alguém da sua espécie já lidou com você?

Um sorriso curvou seus lábios. — Eles não o fizeram, e é por isso que não estão mais por perto. Você é o primeiro a me satisfazer completamente.

Sua cabeça girou com isso.

— Realmente? — Sua voz estava cheia de orgulho atônito antes que ele desse uma risada sombria e singular. Então ele deslizou suas garras sobre sua bunda só porque sabia que sempre a fazia tremer. — Por que não estou surpreso? Tudo bem então. Brinque comigo até que sua boceta não aguente mais.

Não era como se ela fosse dar a ele muita escolha de qualquer maneira.

— Obrigada. — Ela rastejou até seu corpo e se inclinou para beijar a ponta de seu focinho. — É muito gentil da sua parte. Você é um menino tão bom.

Quando ela se afastou, ela lambeu a costura de seus lábios para coletar o resto de sua semente lá, sabendo que ela havia deixado uma marca de beijo para trás. Então ela abaixou a mão entre eles para levantar seu pênis e montar a ponta, tendo que mexer seu caminho de volta para seus quadris, já que era tão longo que ela não poderia ter levantado acima dele.

Ela estremeceu um pouco com a forma como seu corpo sempre tinha que se esticar, apesar dele a mudar. Parecia que ela ainda era um pouco pequena demais para ele, mas Mayumi gostou da picada, sabendo que algo inacreditavelmente gordo e longo a estava abrindo. Isso também a forçou a sentir cada um de seus espinhos esponjosos passando por sua entrada.

Faunus sibilou quando seu pau macio torceu no meio antes de entrar ainda mais. — Eu nem estou ereto ainda, Mayumi.

Uma vez que ela estava totalmente sentada, ela podia sentir seu sorriso de resposta em seus olhos.

— Eu quero sentir você ficar duro dentro de mim.

O queixo de seu focinho ossudo descansava firmemente contra seu peito. Ele estava olhando para onde eles estavam conectados, e já estava começando a crescer em dureza dentro dela. Ele estava tão empolgado com isso quanto ela, o que ficou evidente pela forma como ele lambeu o focinho com orbes que se aprofundavam em sua cor roxa.

Aliás, ele removeu a marca branca do beijo.

Ele também estava soltando seu estranho *ronronar* de novo, e suas mãos grandes, ásperas e quentes vieram segurar a bunda dela. Ele tentou empurrar para cima, mas com ela em cima dele, não fez nada além de erguer os quadris dele e dela no ar.

Seu sorriso ficou mais diabólico. Ele não seria capaz de controlar nada com suas estocadas a menos que a levantasse com as mãos.

CAPÍTULO 26

No momento em que ela começou a se mover, o olhar de Faunus se arrastou para cima de onde os lábios de suas dobras estavam amplamente espalhados ao redor de seu eixo. Ele se arrastava sobre os tentáculos que descansavam suavemente sobre os arcos de seus pequenos ossos do quadril, criando um V logo abaixo do umbigo.

Seu olhar subiu mais alto enquanto observava uma protuberância se movendo, o corpo dela incapaz de conter completamente o dele dentro dela. Em seguida, ainda mais alto para seus seios pequenos, pontudos e empinados, balançando toda vez que ela empurrava para frente e para trás para acariciá-lo por dentro.

Ele podia ver seus músculos se contraindo. Ele a sentiu apertando tanto quanto ele viu.

Finalmente, sua visão caiu em seu rosto adorável. Seus lábios estavam entreabertos para que ela pudesse gemer baixinho – seus gritos aumentando progressivamente até que ele sabia que ela acabaria se tornando um crescendo deles.

Ele sempre pensou nos gemidos de um humano como descontrolados e altos. Ele gostou deles porque eles eram eróticos à sua própria maneira, mas a música dos pulmões de Mayumi era de alguma forma obscena e fodidamente fofa - especialmente quando seu rosto ficava terrivelmente confuso.

Mesmo agora, ela já tinha um tom rosa sobre a ponta de seu nariz e seus olhos curvados ficavam mais atordoados quanto mais ela se movia. Ela estava olhando para ele; ela infalivelmente fez.

Se ela não estivesse de frente para ele, ele notou que ela sempre encontraria seu reflexo em algum lugar dentro de sua casa.

Ele desejou que a vibração de seu rosnado e ronronado ao mesmo tempo não piorasse quando ele conectou sua visão com a dela. Era áspero e quase doloroso, seu peito e cordas vocais fazendo duas ações diferentes simultaneamente com as mesmas partes dele.

Isso sempre tornava sua respiração mais áspera, mostrando o quão necessitado ele se tornaria ou o quanto ele ansiava por ela.

Não importava quantas vezes eles fizessem isso ou quantas

vezes ele testemunhasse esse corpo em movimento e se desnudasse para ele. Faunus estava apaixonado por ela. Cada flexão de músculo o atormentava tanto quanto a primeira vez que ele a viu se contorcer.

Faunus tentou abafar seu gemido, mas ecoou por suas presas abertas enquanto ele ofegava para ela.

Normalmente ele batia dentro dela, desesperado para preenchê-la, desesperado para deixar sua mente repleta de prazer. Para satisfazê-la e agradá-la tanto quanto pudesse com cada parte dele que tivesse disponível.

Qualquer coisa na esperança de que ela sempre quisesse mais.

Ela quer que eu fique. Suas palavras e pedidos para ele ontem criaram um sentimento mais profundo dentro de seu peito. Ele não parava de pensar nisso. *Ela gosta de mim.* Não apenas seu pênis, mas *ele*. Apenas saber disso fez sua mente estremecer de felicidade tanto quanto seu corpo sob o dela.

Ele acariciou suas mãos sobre ela até que uma estava espalmando seu peito, esfregando seus mamilos duros para abrasá-los. A outra segurou seu quadril para que ele pudesse usar a ponta de seu polegar para acariciar seu clitóris, embainhando sua garra de polegar para que ele não a cortasse em algum lugar tão delicado.

Seus movimentos eram menores, mas com a maneira como ela agarrou o pelo nas laterais do corpo dele com as unhas cravando em sua carne, ele sabia que era o suficiente para ela. Suas paredes internas se contraíram no momento em que ele começou a tocá-la, e ela parecia estar inclinando os quadris de uma certa maneira que a deixou sem fôlego.

Sua própria respiração estremeceu em seus pulmões sob cada tragada de seus aromas misturados. O cheiro de seu lubrificante, seu pau coberto de semente, e sua excitação misturada para criar algo selvagem que sempre causava confusão em sua mente.

— É disso que você precisava, Mayumi? — Faunus gemeu para ela. — Você queria me montar como fez com a minha língua?

Foda-se, ele *gostava* de fazer a ela todos os tipos de perguntas perversas. Ela respondia todas as vezes sem falta, dando a ele o que ele queria ouvir, não importa o quão cru fosse, sabendo que ele reagiria

violentamente.

— Mhm, — ela respondeu com um aceno de cabeça, mordendo o lábio inferior.

Ele pulsava e inchava dentro dela, a primeira bolha de seu pré-sêmen vazando de seu pau entusiasmado.

Suas mãos nunca pararam de acariciar seus mamilos e clitóris inchado. Faunus queria ajudá-la a ultrapassar o limite o mais rápido que pudesse, apenas para que pudessem reconstruí-lo.

— Você está gostando de me foder em vez disso?

Ele esperava que sim, porque estava gostando muito dela em cima dele. Era diferente, mais controlado, mas observá-la saltando sobre ele era hipnotizante. Ele não queria que ela parasse, e o fato de que isso era mais como uma provocação garantiu que ele iria demorar um pouco.

— Sim — ela respondeu com um gemido, fechando os olhos brevemente.

— Você está me fazendo atingir todos os pontos legais?

— Foda-se, Faunus. Você nunca cala a boca? — Ela espalmou seu próprio estômago, as pontas dos dedos dançando para baixo onde ele estava se movendo dentro dela até que ela estava segurando as costas de sua mão. — Claro que estou.

Seu corpo se curvou e sua cabeça caiu para frente enquanto ela soltava o gemido mais delicioso. Ela o chamou pelo apelido que ela só usava quando eles estavam fazendo isso, sua pergunta malcriada nada além de um estratagema para fazê-lo arrepiar.

— É tão quente e apertado dentro de você, — ele murmurou, movendo a mão para acariciar seu estômago. Ele voltou para baixo quando ela o puxou para que ele continuasse brincando com suas dobras. — É tão legal, como um abraço no meu âmago. Eu me sinto tão bem dentro da sua boceta quanto você perto do meu pau?

Seu peito estava pegando fogo, seu próprio humor brincalhão queimando para fazê-lo rir. No entanto, a dor prazerosa na raiz de seu eixo, espalhando-se profundamente por sua virilha, só o fez tremer.

Ele estava grato por ter testemunhado muitos humanos fazendo isso para que pudesse dizer todas as coisas certas. Eles o

empurraram um pouco mais perto de sua própria liberação, mas também o aqueceram.

— Faunus... — Ela inclinou a cabeça apenas o suficiente para olhar brevemente para ele enquanto sussurrava: — *Sim*.

— Eu aposto que sim, — ele rosnou. — Porque agora, não há outro lugar que eu prefira estar.

Não havia outro lugar no mundo além de estar com Mayumi. Ele sabia que ela pensaria apenas dentro dela, mas ele quis dizer totalmente. Onde ela estava, não importa o que eles estivessem fazendo, era onde Faunus estava determinado a ficar.

— Mostre-me o quanto você gosta. Faça-se gozar para mim.

Faunus não precisou esperar muito até que seu núcleo o apertasse em um aperto confortável. Ele não conseguia parar de arquear as costas, e segurou sua cintura fina enquanto se firmava nela.

Toda vez que Mayumi gozava, era como se ela estivesse estrangulando seu pênis da maneira mais deliciosa. Isso sufocou seus pulmões e quase interrompeu o fluxo sanguíneo até que ameaçou deixá-lo tonto.

Seu grito foi penetrante, chocalhando dentro de seu cérebro. As unhas cravaram enquanto ela puxava seu pelo, agarrando-se a seu corpo em todas as facetas possíveis.

Só porque seus movimentos se tornaram erráticos e descontrolados enquanto ela gozava, Faunus a levantou e baixou sobre ele. Ele a forçou a gozar por mais tempo, para encharcar seu pênis até que ele pudesse sentir sua poça líquida no espaço ao redor da base onde seus tentáculos estavam conectados.

Ele também continuou a movê-la quando seu corpo perdeu a tensão completa e ela caiu. Ele não ia permitir-lhe um momento de alívio. Ela queria estar por cima, então ela poderia sofrer com a necessidade dele de se mover, sua necessidade e desejo dolorido por sua própria liberação.

Foi só quando ela se recostou sozinha e começou a subir e descer que as mãos dele a soltaram.

— Puta merda, — ela gemeu, seu ombro dando uma contração em tremor secundário. — Isso foi tão incrível. — Sua cabeça caiu para

trás antes de rolar para o lado, e então ela sorriu para ele. — Você não tem permissão para sair de novo. Acho que não conseguiria viver sem isso agora que senti você.

Faunus propositadamente ronronou em resposta, mas também o fez para que a vibração dentro de seu peito apagasse qualquer coisa sombria que as palavras dela pudessem inspirar. Ele não queria sentir um pingo de arrependimento ou dor, não quando ele tinha esta bela mulher reclamando-o à sua própria maneira.

Eu quero possuir cada parte dela, Faunus pensou enquanto deslizava a mão de seus seios para poder apalpar sua garganta e mandíbula. Ele mergulhou o dedo indicador, com garra e tudo, em sua boca para brincar com sua língua.

Seu pênis não cabia aqui dentro, mas ela lhe dera um gostinho antes, provocando-o com os lábios, a língua e os dentes. Seu rosto ainda estava coberto pelo líquido branco perolado de sua liberação, e ela bebeu isso.

Ele agarrou sua bunda com a outra mão, massageando uma bochecha com agarrões ásperos. *Eu quero pegar tudo e torná-lo meu*.

Faunus queria que cada fio de cabelo, cada pedacinho de carne, cada gota de sangue, cada célula, cada fibra que pertencia a Mayumi fosse dele. Ele queria consumi-la avidamente e que ela o consumisse em troca.

Ela não chupou o dedo dele como ele esperava, mas enrolou a língua ao redor da ponta enquanto abria os lábios em boas-vindas.

Faunus se perguntou até onde ele poderia ir.

Ele tinha um bom controle de seus tentáculos até gastar, e é por isso que ela conseguiu montá-lo sem que eles a atrapalhassem. Ele deslizou dois adversários para o lado.

Um se sentou entre os lábios de sua boceta pingando para provocar seu clitóris sensível, enquanto o outro tentáculo se aninhou entre as bochechas de sua bunda. Não era a primeira vez que alguém estava lá, já que eles sempre se mudavam, e ela não parecia se importar.

Ambos estavam molhados, vazando lubrificante.

Faunus inclinou a cabeça para o lado para poder olhar para

baixo de seus corpos de um ângulo diferente enquanto se concentrava. Mayumi engasgou quando ele enrolou aquele entre as bochechas de sua bunda e a ponta cônica encontrou o pequeno buraco lá. A ponta escorregou para dentro.

Mayumi fez uma pausa e ele torceu o pescoço para que seu focinho apontasse em sua direção para que ela soubesse que ele estava encontrando seu olhar. Faunus lambeu o focinho, perguntando silenciosamente se estava tudo bem.

Ele queria saber se ela aceitaria tudo o que ele tinha para dar, mas também saber tudo o que pudesse sobre seus desejos.

— Já vi humanos fazerem aqui, tanto homens quanto mulheres — afirmou.

Antes que Faunus pudesse continuar falando, Mayumi descansou sobre ele. Não muito longe, mas o suficiente para mostrar sua aceitação.

— Apenas seja lento e gentil, ok? Faz tempo que não faço nada assim. Eu não ia colocar seu pau lá, mas não sei como vai ficar com os dois dentro de mim.

— Você já fez isso antes?

— Em ter um tentáculo na minha bunda? Não, — ela riu, seus olhos brilhando com humor. — Mas você não fode como eu e não tenta de tudo. Eu não me importava de fazer isso no passado, e estou meio curiosa para saber como vai ser.

Sua pele ficou arrepiada quando ele foi mais fundo. Ela até estremeceu. No entanto, a cabeça de Mayumi caiu para trás enquanto seu peito subia, seus lábios se abrindo para gemer.

Faunus não conseguia sentir muita sensação com seus membros contorcidos, mas isso não significava que ele não estava fazendo isso por si mesmo. Ela o aceitava onde quer que ele quisesse ir, e ele ficava satisfeito quando ela se abaixava até a base de seu pênis e levava seu tentáculo inteiro dentro dela também.

Era afunilado, esticando lentamente o anel apertado. A base era grossa e ela mexeu um pouco. A mulher ainda estava tentando provocá-lo! E ele sentiu aquele movimento de lado a lado com seu pênis, fazendo-o ranger suas presas.

— Eu não sabia que você podia controlar seus tentáculos assim.

Levou muito tempo e ele precisou consumir muita humanidade para dominar essa parte dele. Muita prática também - que ele se deu bastante com as próprias mãos.

Quando ela se levantou, porém, Faunus grunhiu. Ele teve que se concentrar quando ela quase perdeu o controle. *Isso não vai funcionar.* Mas ela parecia gostar.

— Você sabe o que é bom sobre isso? — Mayumi gemeu enquanto falava em torno de seu dedo. — É o fato de que parece quase *errado*. É isso que o torna tão quente. Coisas indo para onde não deveriam, fodendo algo que eu não deveria.

Ela o olhou com intensidade feroz e faminta enquanto se movia, seus quadris ganhando ritmo ainda mais do que antes. Seu rosto estava todo rosado, e ele podia ver o suor escorrendo por sua têmpora. Ele seguiu uma gota, sua língua formigando para provar cada pedacinho dela.

Tremendo por toda parte, as paredes internas de Mayumi pulsavam e batiam mais rápido, seu batimento cardíaco acelerado vibrando em torno de seu pênis. Ela quase perdeu seu tentáculo novamente quando se levantou.

Isso definitivamente não estava funcionando. No entanto, Faunus sabia o que aconteceria, e ela já havia deixado que ele provocasse sua boceta antes.

— Mais, Faunus. *Por favor.* — Seus olhos se arregalaram quando Faunus se deitou corretamente, segurou sua cintura com as duas mãos e removeu seu tentáculo. — Ei! Espere, não. Eu disse mais, não pare.

— Você é uma coisa impaciente e carente, não é? — ele brincou enquanto mergulhava a ponta de sua cauda no lubrificante que se acumulava ao redor da base de seu pênis e tentáculos.

— O que isso deveria- — Faunus pressionou a ponta de sua cauda contra aquele buraco apertado. — Oh!

Havia uma diferença entre a base de seu tentáculo e a espessura de sua cauda. Levou um momento para ela aceitar, e ela se contorceu o tempo todo. Um suspiro foi arrancado dela quando

penetrou lentamente.

Seu corpo se apertou ao ponto de suas mãos se fecharem, e até mesmo os dedos dos pés se curvaram contra as coxas dele. Com suas costas em um arco profundo, seu corpo mal se movendo e apenas estremecendo, ele foi incapaz de ver seu rosto corretamente.

Foi um ajuste excepcionalmente apertado com seu pênis já dentro dela. Faunus ergueu a mão para emaranhá-la em seu cabelo e segurar a parte de trás de sua cabeça.

— Você está bem, Mayumi? — ele perguntou com preocupação.

Ele queria tirá-lo desde que ela havia parado de resistir, mas agora ele temia removê-lo. Ela estava até tremendo de tremores.

— Por favor... mova-se, — ela implorou com a voz quebrada. — *Por favor.*

Sem saber o que estava acontecendo, Faunus cuidadosamente a ergueu para cima e para baixo. Ele também começou a remover o rabo, mas Mayumi rapidamente voltou para impedi-lo de fazê-lo.

— Oh, foda-se — ela ofegou. — Ah, porra. *Faunus.*

Faunus apertou suas presas quando percebeu que Mayumi estava usando apenas sílabas singulares. Ele a moveu mais rápido quando soube o que estava prestes a acontecer.

Ela soltou um grito quando gozou, sua boceta ondulando ao redor dele em ondas intensas, assim como sua bunda ao redor de sua cauda. Faunus soltou sua cintura no momento em que ela começou a se inclinar sobre ele, seus quadris indo para frente e para trás enquanto ela tentava subir e descer. Não havia padrão em suas ações enquanto ela se entregava ao orgasmo.

Ele rosnou enquanto movia o rabo para frente e para trás, a liberação dela parecendo interminável.

Então ele colocou uma das mãos no chão e ergueu o tronco. Ele curvou sua espinha em um arco profundo e não natural para que seus quadris pudessem permanecer retos contra o chão. Com a outra mão, ele agarrou seu cabelo e empurrou sua cabeça para frente para que pudesse passar a língua por seu rosto.

Ele lambeu sua própria semente, mas provou coisas piores em

sua vida. Tudo o que importava naquele momento era encher a boca de Mayumi com a língua. Ele abafou seus sons, abafando-os enquanto lambia sua língua enquanto ofegava pesadamente.

Ela passou os braços em volta do pescoço dele, usando os ombros dele para se equilibrar. Inclinando-se em sua boca, ela aceitou suas presas, este *beijo* de línguas dançantes enquanto ele preenchia todos os buracos disponíveis que ela tinha ao mesmo tempo.

— Me consuma, Mayumi, — ele exigiu, sentindo-a cavalgando seu pênis em sua boceta, seu rabo em sua bunda, enquanto sua língua empurrava para frente e para trás dentro de sua boca. — Eu quero que você me dissolva até que você tenha tirado tudo de mim.

Sua língua se afastou de sua boca apenas o tempo suficiente para que ele pudesse deslizar através de um dos rastros salgados de líquido pingando de seus olhos atordoados.

— Essas são as únicas lágrimas que eu quero que você chore por mim. — Ele mergulhou dentro de sua boca antes de lambar sua outra bochecha. — Eu gosto de como você fica bagunçada, de como cada parte de você é doce.

Os sons que vinham dele não soavam mais humanos, mas sim animais e estranhos. Em uma respiração, ele estava rosnando, na próxima ronronando, na próxima rosnando, até que um era um gemido quando ele sentiu seus sacos de sêmen apertarem com força.

Tanta coisa estava acontecendo. Havia tanto para ele se concentrar, mas Mayumi se contorcendo e perdida acima dele o fez se aproximar rapidamente de sua própria libertação.

No entanto, ele não queria nada mais do que continuar até que o mundo desmoronasse. Se ele pudesse ter escolhido um momento para viver para sempre, teria sido este.

Ele não sabia mais se ela ainda estava vindo ou se estava apenas fazendo isso repetidamente. Sua própria liberação estava subindo, fazendo com que sua mente ficasse em branco enquanto uma dor terrível, mas bela, o agarrava. Ambos estavam em movimento, em um estado de total e absoluta desordem enquanto buscavam sua felicidade.

Os sons profundos dele se sobrepunham aos femininos dela

enquanto o barulho soava em seus ouvidos. Seus aromas misturados eram fortes para seu nariz sensível, mas ajudavam a tornar seus pulmões em colapso mais pesados do que precisavam ser. Faunus estremeceu enquanto ela tremia, e eles se agarraram um ao outro enquanto seus torsos estavam separados.

Era muito intenso. Seu corpo estava muito quente. Seu sangue fervia em suas veias sob as ondas de seu calor e paixão. Não era para ser para algo como ele, e ainda assim ele era a única criatura que poderia sobreviver sendo comida vivo assim por ela.

Faunus envolveu seu braço em torno de sua barriga. Ele apertou, arrancando um estrangulamento dela quando soube que era tarde demais para dizer a ela para parar.

Seus espinhos endureceram, as farpas se soltaram e Faunus arrancou sua língua dela. Ele teve tempo suficiente para levantar a cabeça para trás e lançar seu rugido distorcido para o teto quando sentiu sua semente se libertar.

Ele tão desesperadamente queria empurrar. Ele queria comê-la. Ele queria rolá-los e bater sua semente em seu corpo até que ele a forcesse a criar raízes em sua barriga.

Em vez disso, ele foi compelido a ficar preso neste horrível estado de limbo onde não podia se mover, ou rasgaria suas entranhas com seu próprio pênis.

Ele liberou forte antes, mas não assim. Não a ponto de pensar que seu coração iria parar. Mayumi ergueu as mãos para cobrir os ouvidos sob o volume de seu rugido, mas seus orbes escureceram - perdendo incontrolavelmente a visão.

Seu tremor se intensificou até que a última bolha de sêmen cedeu.

Desorientado e com a cabeça girando, seu braço cedeu debaixo dele. Ele a empurrou para baixo quando caiu para trás para destravar seus espinhos para não machucá-la, e ela caiu de bruços em cima dele depois.

Ele gentilmente removeu seu rabo dela enquanto cobria seu rosto ligeiramente latejante. O crack estava pulsando, mas isso rapidamente aliviou quando ele bufou para recuperar o fôlego

enquanto ela fazia o mesmo.

A maneira como ela se aninhou no pelo de seu peito fez seu coração voar, e ele não poderia ter impedido que seus orbes ficassem rosa brilhante, mesmo que ele quisesse. Ele apenas ergueu a cabeça para trás para se certificar de que ela não pudesse ver para questioná-lo sobre isso.

Ela sempre o comparava a um maldito gato por causa de seu crânio felino, e ainda assim era ela quem se esfregava nele constantemente. Suas costelas faziam cócegas com vontade de rir.

Ela deve ser a maldita humana mais estranha de todo o mundo. Ele passou os braços ao redor dos ombros dela para segurá-la. *Estou feliz por salvá-la em vez de comê-la e por ter voltado aqui. Quem teria pensado que ela me aceitaria assim?*

Faunus não conseguia parar de passar os dedos pelos cabelos dela para desembaraçar os nós que ela tinha.

Muito cedo, ela girou os quadris enquanto se inclinava para frente para deslizar seu pênis e rabo dela. Tudo o que ele tinha acabado de liberar dentro dela jorrou em seu torso – não que ele realmente se importasse.

No entanto, ele se importou quando ela bateu com as duas mãos em seu peito e disse alegremente: — Bem, estou acordada agora.

Com um grunhido, Faunus usou o braço ainda em volta da cintura dela para mantê-la contra seu peito enquanto os rolava. Ela deu um guincho de menina que soou *estranho* vindo dela.

E então lá estava ela abaixo dele, completamente e totalmente presa debaixo dele, que era exatamente onde ele gostava que ela estivesse. Enjaulada por seu corpo, aprisionada por seu enorme tamanho e força, encurralada por este predador cruel.

Ela também era indubitavelmente livre. A gaiola de Faunus era tão forte quanto areia contra ela.

Seu cabelo era uma poça espessa e bagunçada debaixo de sua cabeça, amortecendo-o contra o piso de madeira dura. Ele se inclinou para a frente em suas mãos e antebraços para que pudesse enterrar levemente a cabeça na curva de seu pescoço e ombro, deixando os poucos fios que não haviam caído para trás cobrirem seu rosto tanto

quanto sua pele quente.

Seu perfume sonolento diretamente contra seu focinho fez sua mente ficar quieta quando ele deslizou seus braços debaixo dela. Ele tentou ter cuidado com suas garras, mas a respiração dela dava espasmos contentes sempre que elas deslizavam por seu corpo nu.

Ele se abaixou ainda mais ao mesmo tempo em que a levantava pela bunda com uma mão e sua caixa torácica no lado oposto. Seu peito roçou o dele, e sua pele se abriu até que ela estivesse diretamente contra sua carne firme, puxando-a para a base deles.

— Você está tentando fazer sexo comigo de novo? — Ele ouviu o tom grogue satisfeito em sua voz.

— Não, — ele respondeu, ouvindo que não era o que ela queria — nem era o que ele estava fazendo.

As órbitas de Faunus escureceram quando as mãos dela lentamente acariciaram seus lados, mergulharam na pele em suas costas e então agarraram dois punhados. Seu abdômen até se curvou para que fosse pressionado com mais firmeza contra o torso dele.

— Esta é a sua maneira de me dar cuidados posteriores? — ela perguntou tão suavemente, o que fez o momento parecer ainda mais íntimo do que já tinha sido.

Ele não sabia o que significava cuidados posteriores a princípio, mas não demorou muito para entender.

— Sim, — ele respondeu com a mesma calma enquanto a puxava mais contra ele até que a estava apertando.

Mas isso não era toda a verdade, embora fosse algo que ele consideraria fazer melhor no futuro. Ele realmente não entendia que emoção era aquela que o levou a abraçá-la assim.

Era pesada e provocou uma ternura agradável e uma pulsação dolorosa em seu peito ao mesmo tempo.

Embora os atos obscenos que eles acabaram de fazer juntos pudessem significar pouco para ela, para Faunus significava que ela havia aceitado qualquer coisa que ele quisesse fazer em qualquer lugar de seu corpo. Isso apenas mostrava o quão profundamente ela confiava nele, e ele valorizava essa confiança mais do que qualquer coisa.

Depois de alguns momentos, ele se afastou apenas o suficiente para poder passar a língua contra o canto de sua mandíbula. Então ele fez uma pausa, lembrando que ela nem sempre gostou que ele a lambesse.

— Tudo bem. — Ela estendeu a mão e pressionou contra o lado de seu focinho para empurrar a ponta contra seu pescoço. — Na verdade, é muito bom e... acho que preciso disso de você agora.

Ela estava se sentindo tão desprotegida quanto ele?

Um ronronar soltou-se de seu peito quando ele deslizou sua língua com mais força por toda a coluna de sua garganta. Ele evitou sua orelha completamente, sabendo que ela odiava quando ele tentava brincar com ela, e em vez disso se concentrou em seu pescoço, mandíbula e bochecha.

Mayumi foi quem virou o rosto para ele e lambeu uma das longas presas superiores, fazendo-o estremecer de surpresa.

Puxando a cabeça para trás, ele olhou para ela. Seus olhos estavam escuros na fraca luz da manhã que banhava sua casa, mas eram como duas poças de obsidiana de cristal brilhante. Eles continham calor neles, calor que era direcionado a ele.

Foram os lábios dela se contorcendo no menor sorriso que o fez se curvar para poder lambê-los. Ela instantaneamente cumprimentou a língua dele com a sua, não permitindo que ele entrasse, mas permitindo que roçassem um no outro.

— Você é o ser mais bonito deste mundo, — ele murmurou, apenas se afastando de sua boca porque ela inclinou a cabeça para trás para que ele pudesse lambe outras áreas.

Ela abriu os lábios para dizer alguma coisa, talvez uma das réplicas gerais que ela sempre derramava sempre que ele tentava elogiá-la, mas então eles se calaram. Quando percebeu isso, Faunus aproveitou a oportunidade que pôde enquanto estava disponível.

— Tão lindo. Dos seus olhos. — Ele lambeu sua bochecha logo abaixo da esquerda. — Na sua cara. — Ele deslizou sua língua pela borda de sua mandíbula e por sua garganta. — Para sua pele macia.

— Não é justo que você possa falar, ronronar e me lambe ao mesmo tempo. — Sua voz era tão baixa e sonolenta que parecia

incrivelmente fraca. Ouvir isso e ver o quão dócil ela era agora fez com que os espinhos descessem por seus membros e tremessem nas costas.

— Isso torna tão difícil negar você.

Passando por cima de suas clavículas, Faunus foi mais baixo. Ele tocou levemente o centro do peito dela, sentindo seu esterno duro pressionando contra sua língua longa, plana e maleável.

— Até seus mamilos são fofos. — Ele mordeu um, e ela soltou um suspiro.

— Estou muito sensível agora, — ela resmungou, empurrando o nariz dele.

Ele se afastou, voltando para o esterno dela para não superestimulá-la. Ele estava gostando de acariciá-la assim, apreciando seu corpo de uma forma completamente diferente.

Eu gosto de cada parte dela. De sua personalidade ousada ao lado suave e satisfeito dela.

Ele começou a mover as mãos atrás dela, uma subindo para poder acariciar seu lindo ombro enquanto a outra descia por seu quadril, esperando sentir suas pernas fortes. Ele até apreciaria seus pés fofos e delicados se ela deixasse.

De repente, o cheiro dela ficou quente de uma forma que ele nunca havia sentido antes, e algo beliscou a ponta de sua língua quando ele acariciou o centro do peito dela.

Uma luz brilhante brilhou.

CAPÍTULO 27

Faunus ergueu a cabeça para trás quando o beliscão na ponta da língua não desapareceu. Então, algo pesado o fez cair enquanto ainda estava para fora.

Havia também uma estranha luz ainda sendo emitida entre eles.

Cavando os braços abaixo dela, ele levantou a mão para que pudesse cobrir por baixo dela. Algo pequeno se dobrou no centro de sua grande palma quando ele a ergueu. Sua língua seguiu até ser liberada, assim como uma pequena chama se tornou visível quando ele a ergueu além de seu focinho.

Tudo dentro de Faunus parou, seu coração, seus pulmões, sua própria mente, quando ele percebeu que não era apenas uma simples chama, mas uma mulher feita dela.

Essa é... a alma dela?

Atualmente estava descansando em seu quadril, com suas duas perninhas bem torneadas enroladas para o lado enquanto descansava em um único braço. Seu cabelo era comprido, levantando-se de seus ombros antes de cair e depois subindo novamente, quase como se estivesse sendo ondulado por ondas.

Mas ele sabia que era a alma dela quando voltou seu olhar para ela, com duas pequenas poças escuras no lugar dos olhos, e teve a audácia de sorrir para ele da mesma forma que ela. Ela chegou até ele com os dois braços, quase como se quisesse que ele a abraçasse. Era como se quisesse ir com ele.

O mundo ao seu redor desapareceu enquanto ele ficava extasiado com a alma de Mayumi.

Era hipnotizante, talvez até uma das coisas mais impressionantes que ele já tinha visto. A única coisa que poderia se comparar a isso era a própria Mayumi.

E parecia exatamente com ela, desde sua altura robusta e pernas musculosas até suas mãos e pés delicados.

Faunus ergueu a outra mão para poder acariciar a parte de trás de sua garra negra e curva sob a mesma mandíbula arredondada que

gostava de lambar. Sua alma inclinou a cabeça para trás em boas-vindas enquanto segurava os lados de seu dedo.

O som que saiu dele era mais como uma risadinha infantil do que qualquer outra coisa, quando sua visão mudou para um rosa flamingo brilhante e radiante. Seu coração parecia tão leve quanto a própria alma em sua palma. Aquele sentimento pesado enquanto balançava em sua língua deve ter sido puxado para fora de seu corpo, mas realmente não pesava nada.

Sua alma veio até mim. Aquele mesmo som infantil de prazer amoroso escapou dele. Ele não podia acreditar que estava olhando para ela, segurando-a. Que ele estava acariciando-a.

Ficou com água na boca, sabendo exatamente o que deveria fazer com aquilo. Ele considerou, sua palma se aproximando.

Uma mão pequena e carnuda envolveu a sua e o mundo se abriu novamente. Mayumi, a física, mergulhou a mão para o lado enquanto se inclinava para que ela pudesse ver.

— O que é? — ela perguntou enquanto se reposicionava de joelhos.

Sua realidade se estabeleceu, e o calor e a ternura que ele sentia foram ofuscados por uma dor intensa e fria.

— É a sua alma, — ele respondeu, sua voz distorcida com admiração e agonia.

Os olhos de Mayumi desviaram-se do que estava em sua palma para ele. Ela sustentou seu olhar, esperando por uma explicação. Quando ele não deu, esperando que ela o deixasse ir, suas sobrancelhas se juntaram.

Ele sabia a pergunta dela antes mesmo que ela dissesse.

— Por que isso saiu de mim? — Então ela olhou para baixo para dar um tapinha no peito. — Eu não me sinto diferente. Nunca ouvi falar de algo assim acontecendo. Eu nem sabia que minha alma poderia sair do meu corpo.

Eu não quero contar a ela. Ele teria que compartilhar a verdade.

No entanto, ele sabia que Mayumi iria importuná-lo sobre isso. Ela perguntava e cavava. Isso era algo muito estranho e significativo para ela não fazer. Afinal, era a alma dela. Ela gostaria de saber sobre

algo que tivesse a ver com ela mesma.

Com um suspiro pesado, que até fez com que suas presas se abrissem apenas o suficiente para deixá-lo passar, ele desviou o olhar de Mayumi para a alma dela. Ele a acariciou novamente com as costas de sua garra.

— Pelo que sei, meu pai é um devorador de almas. Ele as coleta e as mantém no vazio. Ele pode comer quantos quiser, embora só possa ficar com uma para si – minha mãe. Os Caminhantes do Crepúsculo podem consumir apenas uma alma, e essa alma se tornará nossa... noiva.

Sua visão voou para o rosto de Mayumi apenas o tempo suficiente para notar que parecia um tanto confusa.

— Você me perguntou sobre Orpheus, o Caminhante do Crepúsculo que se aventurava em uma aldeia humana a cada década para uma oferenda. Você me perguntou se a última que ele pegou, Reia, ainda estava viva. — Ele gesticulou para a alma em sua mão, quicando-a em sua direção. — É por isso que ela está. Ela deu sua alma a Orpheus, ele a consumiu e agora ela está eternamente ligada a ele. Ela é a noiva dele.

Ele pensou que Mayumi ficaria com raiva ao descobrir que ela corria o risco de isso acontecer com ela, considerando que ele estava segurando a dela, mas ela apenas se aproximou com uma expressão pensativa enrugando suas feições.

— Ela também é um espírito — continuou ele.

Mayumi deu de ombros.

— Já vi Fantasmas, mas nunca ouvi falar de um Espírito antes.

— Fantasmas e espíritos diferem em qual é sua âncora e como eles morreram. Os espíritos têm âncoras vivas, e é isso que nós, Caminhantes do Crepúsculo, nos tornamos quando consumimos uma alma humana. A vida do espírito é ditada pela duração da nossa.

— É por isso que você pegou?

— Eu não acho que isso pode ser pego. — Seu tom era sério, mas não refletia a forma como seu coração de repente acelerou em seu peito. Ele inchou com ternura, sentindo-se repentinamente cheio demais. — A melhor pergunta seria... Por que ele saiu de você,

Mayumi?

Seu olhar finalmente encontrou o dele com os olhos ligeiramente arregalados.

— Deve ser dado — afirmou.

Ela poderia talvez... sentir algo por mim? Mais do que apenas desejo e carinho geral em sua presença?

— Eu não sei por que saiu de mim, — ela respondeu com um encolher de ombros.

Então ela virou a cabeça para longe dele, os ombros voltados para dentro. Ele pensou que poderia tê-la visto morder os lábios antes que seu rosto desaparecesse de sua vista.

Orpheus me disse que Reia lhe deu sua alma porque o amava.

Com a mão livre, Faunus estendeu a mão para Mayumi e segurou o lado de seu rosto. Quando ele tentou direcioná-lo para ele, ela lutou enquanto tremia. Mas pelo vislumbre que ele conseguiu pegar, seu rosto estava vermelho como bolhas. Ela nunca tinha corado de vergonha com ele antes, e até mesmo a orelha saindo de seu cabelo estava corada.

Deixando-a manter o rosto escondido, ele a soltou quando tudo dentro dele de repente entrou em movimento. Seu coração estava disparado, fazendo com que sua respiração se tornasse difícil. Seu corpo ficou quente assim como sua carne se arrepiou, fazendo com que tudo que saísse dele inchasse e levantasse.

A compreensão estava surgindo.

Ele não conhecia a verdadeira profundidade de seus sentimentos, mas havia conquistado uma parte de seu coração. Seus orbes, que já estavam rosa, se iluminaram.

— Bem... — ela resmungou por baixo de seu cabelo. — Você vai levar?

Mesmo depois do que acabei de dizer a ela, ela quer que eu aceite?

Como se alguém tivesse disparado uma flecha direto em seu grande coração, ele foi perfurado por uma frieza aguda. Profunda, azul infiltrou em sua visão.

Cautelosamente, ele deslizou a mão livre sob a dela e a ergueu. Então, ele colocou as costas da outra mão na dela.

— Não. — Ele embaralhou cuidadosamente sua alma em sua palma e então a soltou. — Eu não vou levar sua alma.

— O que? — ela engasgou, virando-se para encará-lo e então sua alma flutuando acima de sua mão. Não parecia tão pequena agora que era ela quem a segurava. — Por que não?

Aquela flecha invisível conseguiu de alguma forma torcer dentro dele.

— Porque eu não posso.

Suas sobrancelhas se juntaram assim que seus lábios franziram. Ele pensou ter visto uma pitada de raiva.

— Obviamente ele queria você, então pegue. — Mayumi empurrou para ele, e Faunus se arrastou para trás de joelhos. Quando ele balançou a cabeça, as feições dela se transformaram em um brilho óbvio. — Não vou oferecer de novo, Faunus. — A voz dela rosnou, e ele *esperava* ter confundido a dor nela.

— Então não faça isso, — ele declarou friamente, tentando esconder a dor em sua voz. — Eu não quero que você faça.

Sua boca abriu e fechou enquanto sua expressão caía antes que ela aproximasse sua alma para olhar para ela.

— Por que você não me quer? — Suas bochechas queimaram novamente antes de acrescentar: — Quero dizer... *isso*.

E assim, a haste da flecha quebrou, deixando a ponta afiada alojada dentro dele. Ele nunca pensou que veria Mayumi parecer abatida assim, mas também nunca pensou que ela iria querer levar sua alma para ele.

— Eu quero aceitar, — ele respondeu com sinceridade, incapaz de suportar que ela pudesse sentir que ela era o problema.

Ele não queria que ela se sentisse rejeitada ou indesejada, não quando ele desejava o que ela estava segurando na palma da mão mais do que qualquer coisa no mundo.

— Então por que você não vai?

— Eu não posso te dizer isso.

Seus lindos olhos ergueram-se para as órbitas azuis dele, então eles se tornaram rancorosos.

— Sim, você pode. — Mayumi rastejou com uma mão e os dois

joelhos até a camisa que havia sido descartada no chão na noite anterior. — Isso obviamente tem algo a ver comigo.

Faunus se levantou quando ela colocou sua túnica cinza, e caiu logo abaixo de sua bunda quando ela se levantou. Ele odiava estar agachado porque não cabia na casa dela, as pontas entre as omoplatas arranhando o teto.

Ela ainda estava segurando seu eu etéreo flamejante na palma da mão e girou para ele com a outra mão no quadril.

— Eu sei que você está escondendo algo de mim. Você tem feito isso desde o começo. — A parte sombria dele queria rir quando a alma dela também se levantou e colocou as mãos nos quadris. — Diga-me a verdade, Faunus. Agora.

— Você vai me dizer para sair de novo se eu não disser? — ele perguntou, dando um passo em direção à porta.

Ele pensou que poderia ser melhor do que dizer a ela a verdade.

Mayumi deu um passo para o lado para atrapalhar.

— Não. Não vou deixar você sair até que me diga por quê.

Um rosnado suave o deixou. — Eu não quero.

— Muito ruim! Você vai me dar uma razão pela qual minha maldita alma não é boa o suficiente para você!

Faunus abaixou-se para que seu crânio ficasse a apenas uma polegada de distância de seu rosto.

— Por que você está tão determinada a dá-la para mim? — ele rosnou, imaginando se ela diria isso em voz alta.

Espírito do vazio, ajude-o... ele *queria* que ela dissesse isso em voz alta.

— Por que mais? — ela retrucou, sem medo enquanto esticava o pescoço para poder olhar para a forma imponente dele.

Seu rosnado se aprofundou.

— Por que eu deveria dizer a verdade quando você não pode fazer o mesmo?

Ele começou a fazer o seu caminho para a porta, precisando sair desta casa antes que a verdade explodisse dele. Ele voltaria mais tarde, quando esperançosamente a raiva dela tivesse diminuído, e ela

não iria incomodá-lo sobre isso.

Mesmo quando Mayumi entrou em seu caminho novamente, ele agarrou o ombro dela e a empurrou para o lado – certificando-se de que sua força não a derrubasse.

Ela agarrou o braço dele e tentou puxá-lo para trás com uma das mãos.

— Faunus, pare! Por favor, diga!

— Você é uma humana teimosa, mas não pode vencer contra mim. Especialmente quando você nem mesmo me conta a verdade. — Ele colocou a mão na maçaneta, tentando não esmagá-la em frustração.

— Você pode fingir que pode me controlar, Mayumi, mas eu não preciso...

— Nunca disse a ninguém que os amava em toda a minha vida!

— ela meio que gritou. — Como vou fazer isso com uma criatura que me disse que não me quer?!

Faunus fez uma pausa, a cabeça virando para o lado para encará-la. Foi indireto, mas ela acabou de admitir isso para ele? Admitir que ela o amava?

Ela ainda estava segurando sua alma, como se não quisesse colocá-la de volta dentro de seu corpo na esperança de que ele a levasse de repente. Dor e simpatia borbulhou em seu peito em nome dela, especialmente em sua expressão enrugada e ferida.

— Não foi isso que eu disse.

Suas palavras pousaram em ouvidos desatentos. Mayumi não tinha parado de gritar com ele com os olhos fechados e o rosto franzido – como se ela fosse contra falar as palavras que saíam de seus lindos lábios.

— Você sabe como isso é difícil para mim? Eu nem sei o que realmente sinto ou por quê. As pessoas durante toda a minha vida me chamaram de fria ou cruel porque nunca fui capaz de dar a elas um pedaço de mim, porque sempre preferi ficar sozinha porque era mais fácil. No entanto, aqui estou, tentando lhe dar minha alma - logo depois que você acabou de me dizer que isso poderia me amarrar a você para sempre. Eu não pedi para você vir aqui. Foi você quem decidiu vir até minha casa para me proteger. — Ainda segurando o

pulso dele, a cabeça dela caiu para frente de modo que o cabelo escondesse o rosto. — Então, por que você está rejeitando?

A culpa brilhou em seus orbes como a cor laranja, logo antes de se tornarem brancos.

Suas emoções, seus sentimentos, tudo começou a ferver sob o poder apenas das palavras dessa pequena humana. Ele estava confuso sobre ela, sobre seus sentimentos por ele, sobre por que ela o queria em primeiro lugar. Ela não deveria estar muito feliz por ele não estar exigindo pegá-la? Por que ela queria dar a ele afinal?

Não sei o que estou fazendo com ela.

Todo esse tempo precioso com ela parecia um sonho fantástico, e ele temia que a qualquer momento acordasse se afogando no castelo de Jabez novamente.

— Você não pode nem me dar a decência de me dizer a porra do porquê. Não importa se você entende de humanos ou não. Não é uma desculpa.

Com os dedos abertos e cheios de tensão, ele se virou para ela com as garras prontas, desejando que houvesse algum inimigo que pudesse destruir para parar a maneira terrível que sentia naquele momento.

Ele nunca quis ser a fonte de sua dor, mas não conseguia parar de machucá-la. Primeiro, partindo para obter as respostas que procurava, então sua maldita mão ao redor de sua garganta. E agora isso? Como ele deveria carregar todos esses fardos, junto com os muitos outros que já carregava?

Era demais para alguém como ele. Ele não sabia como lidar com isso, como lidar com isso, e a forma como o rosto dela parecia agora era mais doloroso do que qualquer outra coisa.

— Ser deixado no escuro sobre algo assim... Não é justo comigo, Faunus. E você tentando sair é pior.

Essas palavras foram a última coisa a alojar a ponta da flecha invisível mais fundo em seu coração frenético até que ele pensou que começaria a vomitar seu próprio sangue roxo.

— Porque eu estou morrendo, Mayumi! — ele rugiu.

Seu rosto empalideceu antes de disparar para o dele.

— O que?

Ele se aproximou e segurou a base de seu crânio com ambas as mãos, seus dedos e garras se enredando em seu lindo cabelo. Ele manteve seu olhar em seus olhos maravilhosos, desejando que eles nunca olhassem para ninguém além dele.

— É por isso que não posso levar sua alma. — Ele passou os polegares sobre suas bochechas pálidas. — Eu não vou tirar sua vida junto com a minha.

Ela tentou soltar uma das mãos dele, mas ele não deixou.

— O que você quer dizer com você está morrendo? — Seus olhos se moveram para baixo em busca de algum tipo de ferida no corpo que ela estava olhando por semanas.

— A única maneira de matar um Caminhante do Crepúsculo é destruir nosso crânio.

— Seu crânio?

Seus olhos dispararam e então se arregalaram com a rachadura que descia pelo lado esquerdo de seu rosto. Ele removeu uma mão para poder roçar a parte de trás de seus dedos dianteiros em sua bochecha.

— Eu gostaria de ter vindo aqui mais cedo.

Com cada fragmento de seu ser, ele desejava isso.

Ela disse a ele que estava aqui há seis meses... e dentro desses seis meses, ele poderia estar aqui com ela em vez de ficar sozinho com as memórias de sua tortura.

Ele poderia estar aprendendo todas essas diferentes facetas dela, sobre sexo e as coisas curiosas que sua cauda e língua podiam fazer, seus tentáculos e pênis. Ele já sabia que ela era maravilhosa, mas não tinha percebido que ela seria tão deslumbrante, tão calorosa e carinhosa com ele.

— Se eu tivesse estado aqui antes, apenas um mês atrás, eu poderia ter aceitado sua alma. — A risada que saiu dele era sombria e sem humor. — Eu vim aqui porque queria passar o que restava da minha vida protegendo você. Eu queria dar minha vida por você.

— Mas você está bem agora, — ela disse, cobrindo o focinho dele com a mão e deixando as pontas dos dedos roçarem bem ao lado

da rachadura. — Contanto que não quebre mais, você ficará bem.

— Eu posso sentir o fim, Mayumi. — Ele se inclinou em seu toque. — Pode não ser hoje, ou amanhã, ou mesmo daqui a um ano, mas pode acontecer algo que vai quebrá-lo ainda mais. Estou enfraquecido e não suporto saber que, se me unisse a você, poderia destruí-la comigo. Eu vim aqui para proteger sua vida, mesmo que seja à custa da minha. Não vou demorar nem um único segundo que deveria ser dado a você.

— Essa não é sua escolha a fazer.

— É, — ele afirmou enquanto se afastava dela.

— E se você viver mais cem anos?

Faunus soltou um terrível suspiro.

— E se eu não fizer isso? Esse não é um risco que estou disposto a correr com sua vida.

Então ele agarrou a mão dela e a virou de forma que ficasse espalmada contra seu peito, forçando sua alma a voltar para onde pertencia – dentro do abrigo de seu corpo.

Ela estava muito distraída para perceber o que ele tinha feito, que ela não estava mais segurando.

— Por que você não me contou antes?

— Tenho certeza que você vai me odiar por isso, mas eu não queria que você mudasse. Eu sei que é egoísta, mas eu queria que você me aceitasse. Eu queria provar o que eu poderia ter se tivesse vindo aqui antes que o Rei Demônio quebrassem meu crânio.

Ele se atreveu a arrastar a ponta de sua garra sob sua mandíbula, tomando cuidado para não cortar sua pele macia e amanteigada.

— Eu queria você por muito tempo. Quando você era pequena, eu só queria proteger a única criatura que tinha sido... gentil comigo. Eu queria ver você florescer neste mundo cheio de dentes e sangue. Eu queria saber que não era apenas capaz de morrer, mas também de algo... bom. Conforme você ficou mais velha, percebi que você não precisava de mim, e fiquei admirado com você por isso. — Então Faunus passou sua garra pelo centro de seu corpo, roçando-a sobre sua túnica. — Eu não sabia o que era desejo até pouco depois de você já ter

partido para se tornar uma Caçadora de Demônios, mas de repente eu queria mais do que apenas observá-la, protegê-la. Achei que você nunca corresponderia ao meu desejo... ou aos meus sentimentos. Não sou melhor do que um demônio para seus pequenos guerreiros.

— Eu me tornei uma Caçadora de Demônios onze anos atrás,
— ela murmurou. — Tenho vinte e nove anos agora.

— E pareceram eras para mim, — ele murmurou. — Você não pode imaginar a saudade que senti naquele tempo. Passei meu tempo com os Demônios no centro do Véu porque odiava ficar sozinho, por não poder estar com você. Alguns deles acabaram me aceitando, mas nunca confiei em mim. Se eles não fossem realmente meus amigos, criaturas que são tão monstruosas quanto eu, que esperança eu teria de que você o faria? Eu esperava que você tentasse me matar se eu viesse aqui e você me descobrisse.

— Você não poderia estar mais errado...

— Eu sei disso agora, mas isso não faz nada para mudar meu futuro. Isso não muda o que aconteceu.

Nem mesmo a Coruja Bruxa conseguiu curá-lo de seu rosto ferido, e se ela não pudesse, nada poderia.

Ele observou a suavidade nas feições de Mayumi endurecer. Ela semicerrou os olhos para ele.

— Deve haver uma maneira de salvar você. Vou *fazer* você mudar de ideia, Faunus.

Ela é tão teimosa.

Ela disse isso agora, mas quando percebeu que era inútil, ele teve certeza de que ela ficaria ressentida com ele. Ele trocou o corpo dela por si mesmo, brincou com ela, quando sabia que nunca haveria realmente um futuro entre eles.

— Pode tentar.

Apesar de tudo, ele se recusou a se afastar dela até que ela comesse. Ele faria tudo o que pudesse, até seu último suspiro.

CAPÍTULO 28

Mayumi ergueu a colher cheia de mingau que havia preparado, observando enquanto o mel que regara por cima se estendia da tigela antes de virar tudo da colher para o lado. O *splat* silencioso fez pouco para distraí-la enquanto ela pensava profundamente.

Depois de sua manhã agitada, indo de uma alta sexual para uma baixa emocional, Mayumi pediu um tempo sozinha.

Faunus saiu, provavelmente para circular pela casa ou sentar em alguma árvore ou o que quer que os Caminhantes do Crepúsculo fizessem.

Eu o amo? Ela pegou outra colherada e apenas deixou... respingar de volta na tigela. *Eu meio que fui com o momento todo, mas eu realmente não sei como me sinto.* Ela começou a mexer seu mingau fumegante agora, apenas brincando com ele. *Então, novamente, eu sou muito ruim em entender meus próprios sentimentos.*

Ainda encostada no balcão da cozinha, ela desviou os olhos da comida e olhou pela janela para o deserto branco à sua frente.

Um mês é um pouco cedo para realmente desenvolver sentimentos por alguém... certo?

Era difícil negar quando sua alma literal o chamava. Era como se seu corpo estivesse falando por ela – sempre fazia isso.

Seu olhar mudou de foco e ela olhou para seu próprio reflexo. *Mas não foi realmente um mês, não é? Eu meio que sempre senti uma sombra em minha mente desde que eu era pequena.*

A entidade sombria de seus desejos, a criatura sombria com a qual sua mente estava fantasiando, sempre foi *ele*.

— É por isso que nunca consegui me apegar a ninguém? — ela perguntou baixinho a seu próprio reflexo.

Mayumi riu sombriamente de si mesma enquanto virava a colher de cabeça para baixo e a enfiava na boca, apenas ganhando o que a estava cobrindo.

— Seria muito estúpido de minha parte esperar por alguém que pode nunca ter voltado... ou pode nunca ter existido em primeiro lugar.

Ela quase podia ouvir seu próprio reflexo dizer a ela que ela era tão estúpida.

— Ele está morrendo, hein? — Ela deu uma zombaria azeda. — Difícil imaginar um Caminhante do Crepúsculo morrendo quando a guilda fez todo o possível para matá-lo.

A história do grande Caminhante do Crepúsculo com caveira de urso foi que ele teve sua garganta cortada e depois caiu em um rio. Eles pensaram que ele se afogou e, como nunca mais foi visto, pensaram que o mataram.

Ela mesma nunca lutou contra um Caminhante do Crepúsculo — ela imaginou que estaria morta se o fizesse.

Eles nem conseguiam segurá-los adequadamente com armas encantadas. Ela tinha ouvido falar que eles simplesmente arrancariam o próprio membro para escapar. Então seria visto novamente, encorpado como se nunca tivesse tido um braço ou uma perna arrancada de seu corpo.

Mas ela sabia que a rachadura facial dele não estava cicatrizando simplesmente porque não estava curando desde que ela o vira pela primeira vez na clareira, nem nas duas semanas desde que ele voltou depois de deixá-la para ir para o Véu.

Por que isso está acontecendo? ela pensou, enquanto finalmente enfiava um pouco de mingau na boca. Ela estava com fome. Ela não tinha comido hoje e passar fome não resolveria seus problemas.

Independentemente de qualquer coisa que possa ou não acontecer, Mayumi estava feliz por ele ter vindo aqui. Ela estava grata por tudo o que tinha experimentado com ele. Ela apenas se recusou a aceitar que era isso. Que não havia solução.

Durante toda a sua vida, Mayumi nunca olhou para as coisas como problemas insolúveis. Tudo tinha solução. Às vezes, exigia apenas um padrão de pensamento pronto para uso.

Ele disse que dói.

Então colar seu crânio de volta com certos adesivos seria doloroso. Ela tentou pensar em qualquer coisa que pudesse colocar sobre uma de suas próprias feridas, e qualquer coisa que ela sabia que queimaria foi imediatamente retirada de sua lista.

Ela também não conseguiria pregá-la de volta. Isso a deixava com muito pouco, e o que restava tendia a ser soluções de curto prazo.

Em seu balcão estava uma xícara de chá.

Seu pai havia mostrado a ela quando ela era jovem, e ele explicou o significado disso.

O que antes era uma xícara quebrada agora valia mais do que a maioria das coisas em sua modesta casa. Seu avô a uniu novamente com o uso de pó de ouro misturado com resina de árvore.

Se ao menos eu pudesse tirar a cara dele e fazer a mesma coisa. A resina arderia e ela precisaria entrar na fenda de ambos os lados para que fosse eficaz.

Qualquer coisa que exigisse um vínculo semelhante, onde ambos os lados precisassem ser trabalhados, também foi retirado de sua lista.

— Dane-se, — ela resmungou enquanto pegava sua tigela e terminava o que restava. — Ficar aqui pensando nisso não vai ajudar.

Mayumi lavou sua tigela, colher e a panela que ela usou para fazer sua comida e então pisou no cabideiro onde ela tinha seu cinturão de armas. Depois pendurou o arco e a aljava correspondente sobre o ombro e saiu para calçar as botas.

Colocando o polegar e o dedo médio na boca, ela soltou um assobio alto e ensurdecador na clareira. Ela se surpreendeu quando Faunus caiu do céu bem na frente dela.

Ele obviamente estava sentado nas árvores.

— *Eu não sou um cachorro.* — A ironia de ele dizer que quando estava em sua forma mais monstruosa não sentia falta dela. — *Não me chame como um.*

Mayumi revirou os olhos.

— Assobiar é uma forma de comunicação que usamos na guilda para chamadas de longa distância. Eu não sabia o quão longe você estaria.

Ele bufou, o que ela interpretou como se ele aceitasse sua razão. Ele parecia um pouco mais mal-humorado do que o normal, mas ela percebeu que era por causa de antes.

Ele acabara de revelar que estava morrendo, e ela pedira para

ficar sozinha para lidar com a forma como foi rejeitada e a verdade de tudo doía. Provavelmente não era sua escolha mais simpática ou sábia, mas ela não sabia como lidar com merdas como essa. Sempre que Mayumi sofreu no passado, ela preferiu ficar sozinha.

À sua maneira, ela sabia que precisava aceitar essa possibilidade e preparar a mente para o caso de as coisas não darem certo. Isso não significava que ela não iria tentar de tudo para provar que ele estava errado.

— Você pode me levar para a cidade? — Seus orbes imediatamente ficaram verdes, e ela não perdeu o pequeno grunhido que ele tentou esconder. Então, para garantir, ela acrescentou: — Por favor?

— *Eu só te levei lá alguns dias atrás. Você disse que não teria que voltar por algumas semanas.*

Ele realmente não gosta que eu vá lá.

Mayumi se aproximou, agarrou-o pela parte de baixo do focinho e puxou sua cabeça para mais perto enquanto ela se inclinava para frente. Ela pressionou os lábios contra suas presas.

Terrível com palavras, ela preferia que suas ações falassem por si.

— Apenas me leve lá? — ela disse enquanto estava tão perto dele que seus lábios roçaram nele enquanto ela falava. — Esqueci de pegar o chá e quero perguntar a algumas pessoas sobre uma coisa.

— *Hum.* — Ele inclinou a cabeça como se estivesse pensando, mas seus orbes se transformaram de verde para amarelo com o beijo dela. — *Só se você me der outro.*

Seus lábios se curvaram com humor. — Posso caminhar até lá sozinha.

— *Não se eu não deixar.*

— Você vai me colocar na frente do espelho de novo se eu tentar?

— *Acho que já faço isso.*

Ele fez. Ele gostava de forçar Mayumi a vê-lo tomá-la, certificando-se de que ela entendesse que ele era o único dentro dela.

Considerando seu tamanho, tentáculos, garras e rosnados, era

impossível pensar em mais alguém.

Mesmo que ela pudesse continuar para sempre com suas brincadeiras lúdicas, Mayumi envolveu os braços em volta do pescoço dele para se inclinar mais perto e colocou os lábios contra suas presas novamente. A tensão que ela pôde ver no momento em que ele pousou na clareira diminuiu. Ela deu a ele outro só para fazê-lo feliz.

— *Suba então.*

Ele deu um passo para trás e se abaixou enquanto se virava para que ela pudesse subir em suas costas.

— Precisamos ser rápidos, — ela disse a ele quando ele ficou de quatro e começou a andar. — Resolvi ir lá bem tarde, e a noite vai cair logo.

— *Posso protegê-la no caminho de volta, mesmo que esteja escuro.*

— Essa não é a questão. As lojas fecharão dentro de uma hora após o anoitecer.

Uma vez que a sombra era muito longa, a humanidade tentava se esconder dentro de suas casas, se pudesse - mesmo nas cidades e vilas cercadas por muros e protegidas por soldados.

— *Quão rápido você quer que eu vá?*

— O mais rápido que puder. — Ela sabia que era uma declaração carregada, considerando que sua espécie era realmente incrivelmente rápida.

— *Eu não acho que isso seja sábio,* — ele refutou.

Mayumi chutou os calcanhares como faria com um cavalo enquanto colocava o torso rente ao corpo dele. Ela usou sua mochila quase vazia como uma barreira entre ela e os espinhos dele, esperando que permanecessem aerodinâmicos.

Ela agarrou seu pelo com força enquanto dizia: — Oh, apenas tente, seu maldito gato assustado.

— Eu não sou um gato! — ele berrou, um lampejo de vermelho iluminando na frente de seu rosto.

— É apenas um ditado! — ela gritou quando Faunus de repente entrou em ação.

Se não fosse pelo fato de que ela podia sentir seu corpo forte em movimento embaixo dela, ela teria pensado que eles estavam

voando com a velocidade com que estavam indo.

Cada árvore pela qual eles passavam era um borrão sibilante, e ela nunca teve a oportunidade de ver uma única enquanto eles passavam. O ar estava insuportavelmente frio, cortando imediatamente sua grossa roupa de inverno para fazê-la tremer.

Eventualmente, ela apenas deitou o rosto para baixo para escondê-lo do vento gelado que assaltava seu pobre rosto e tentou se segurar. Ela podia sentir quando ele deu um passo mais largo para evitar e se abaixar em torno dos troncos das árvores ou quando ele saltou sobre os caídos.

Depois de alguns minutos apenas sentindo seu corpo glorioso se movendo enquanto ouvia sua respiração ofegante, profunda e reverberante, ela virou a cabeça para o lado para espiar a floresta.

Tudo era uma mancha desorientadora de cores.

Apesar de seus braços e pernas já estarem cansados, o rosto de Mayumi mudou para um enorme sorriso. *Isso é incrível.*

Então, depois do que poderia ter sido apenas vinte minutos, se não menos, ele finalmente diminuiu a velocidade.

Ela se sentou enquanto olhava ao redor para descobrir onde eles estavam. Geralmente havia uma rota que ela tomava para ir e voltar da cidade, e ela não estava particularmente familiarizada com as árvores que os cercavam.

— Por que você parou? Eu disse que ficaria bem.

— *Estamos aqui.*

— Você sabe o que... — ela disse enquanto começava a sair de cima dele. — Eu deveria ter imaginado isso. Você sabe que geralmente é uma caminhada de três a quatro horas para mim, certo?

— *Isso é porque vocês, humanos, são incrivelmente lentos.* — Ele levantou um de seus braços para firmá-la quando ficou óbvio que suas pernas estavam bambas de exaustão por segurá-lo. — *Eu sempre pensei que era impossível que os humanos ainda não tivessem sido caçados até a extinção.*

Ela ergueu o queixo para ele.

— Podemos não ser rápidos, mas somos excepcionalmente inteligentes.

— *Apenas se apresse e vá para sua aldeia humana. Eu irei esperar aqui.* — Apesar disso, ele agarrou seu antebraço quando ela assentiu e se virou para ir embora. Ela o encarou e descobriu que seus orbes eram de um verde escuro. — *Lembre-se do meu aviso, Mayumi. Isso não mudou.*

— Eu não acho que eu goste particularmente da cor do ciúme em você, — ela respondeu com as pálpebras abaixadas em aborrecimento.

Ela estava indo aqui para encontrar uma maneira de ajudá-lo, não para sair pulando com homens humanos.

Além disso, seria o equivalente a jogar uma salsicha em um corredor neste momento depois de pegar o pau brilhante de Faunus. Quantos homens ela precisaria levar agora apenas para se sentir um pouco cheia, três ou quatro ao mesmo tempo? Parecia muito trabalho, e ela duvidava que chegassem perto da mesma profundidade.

Sua mão com garras deslizou por seu braço e embalou a parte de trás de sua cabeça. Ele a puxou para frente, trazendo-a para mais perto antes de passar a língua por seu pescoço e pelo canto de sua mandíbula.

Então, bem quando seu crânio estava próximo a sua orelha, ele rosnou, — *A cor não significa ciúme, minha tola Caçadora de Demônios. Significa minha possessividade em relação a você.* — Ela não pôde conter o pequeno tremor travesso que percorreu sua espinha com a profundidade de sua voz grave e palavras sombrias. — *Atualmente, você é **minha**, e destruirei qualquer coisa que toque o que é meu.*

Ela abriu a boca para refutá-lo por hábito quando alguém lhe dizia isso, mas fechou-a quando percebeu que estava bastante satisfeita com essa ideia. Ela abriu novamente para mencionar que ele não levaria sua alma, o que significava que ela não era realmente dele, então fechou novamente quando entendeu *por que* ele não o faria - não que ela concordasse com isso.

Eu só poderia viver mais um ou dois anos.

Ela atraía Demônios para sua casa; ela poderia ser morta por um. Ela poderia morrer facilmente de uma doença, um osso quebrado, afogando-se na banheira, engasgando com um pedaço de pão. A vida de um humano era fraca.

Mas ela era terrível e gostava de mexer com ele.

— Retiro, — ela sussurrou, talvez um pouco mais áspera do que pretendia. — Eu gosto dessa cor em você, então.

Ela ouviu um som de mastigação vindo dele, o que ele fazia principalmente quando abria suas presas para fechá-las novamente quando ficava atordoado sem palavras por um momento ou às vezes irritado.

Ele se inclinou para trás enquanto ainda embalava a parte de trás de sua cabeça. Ele torceu a sua própria.

— *Você... gosta que eu seja possessivo com você?*

— Só porque eu acho que você realmente sairia e mataria qualquer um por me tocar. Isso dá muito mais significado do que qualquer um que já tentou dizer para mim antes. — Ela se inclinou mais perto e sussurrou contra suas presas. — É como brincar com o perigo, exceto que estou no controle da vida de outras pessoas sem que elas saibam.

— *Por que você é assim?* — ele gemeu, envolvendo seu braço ao redor dela para puxá-la para mais perto.

— Eu tenho que ir para a cidade, Faunus! — ela gritou, percebendo que seus orbes brilharam em roxo.

— *Não, você não vai. Você não precisa sentir o cheiro de ninguém em você. Apenas o meu é digno o suficiente para estar em você.*

Ele começou a roçar o pelo que cobria seu pescoço contra ela, mas ela tinha certeza de que já cheirava a ele. *Bem... ele gozou dentro de mim esta manhã.*

Oh meus Deuses! Acabei de perceber que estarei andando pela cidade com o Caminhante do Crepúsculo dentro de mim. Ela não sabia se estava preocupada com esse fato... ou excitada com isso. *Ninguém jamais suspeitaria do que tenho feito com ele.*

Ela quase quis rir quando percebeu que era mais pervertida do que jamais pensou.

Ela sorriu quando a tensão que sentira desde a conversa desta manhã foi eliminada por esta. Era o que ela esperava.

Não importa o que acontecesse, Mayumi não queria que as coisas mudassem. Ela não queria que Faunus se afastasse dela, e ela

não queria fazer o mesmo.

Encontrarei uma solução, e até encontrar... fingirei que nada de ruim acontecerá.

Era estranho que a pessoa mais cínica que ela já conheceu – ela mesma – estivesse disposta a acreditar em uma esperança cega como essa.

CAPÍTULO 29

— O que diabos você quer dizer com não consegue pensar em mais nada? — Mayumi gritou em uma tentativa de mostrar sua indignação ao mesmo tempo em que tentava falar sobre a conversa invulgarmente alta da taverna em que ela estava.

Encurrular Klaus e Yoshida ao mesmo tempo enquanto ambos estavam de folga foi um milagre. No entanto, eles estavam sendo tão inúteis quanto costumavam ser.

— Desculpe, Yumi, — Yoshida respondeu com um encolher de ombros, levando sua caneca cheia de hidromel aos lábios. Ele acidentalmente derramou uma pequena quantidade na frente de sua camisa e começou a limpá-la. — Simplesmente não consigo pensar em nada além de caseína que estaria disponível na cidade ou no que você sugeriu.

— E a cera de abelha? — interveio Klaus. — As pessoas usam isso como cola às vezes.

Mayumi gemeu enquanto deslizava os braços para a frente sobre a mesa e a plantava com o rosto.

— Isso não é forte o suficiente. Preciso de algo que não desbote com o tempo, que não derreta sob o calor ou rache quando congelado. Preciso de algo que seja maleável, mas firme o suficiente para resistir à pressão.

— Você está pedindo o impossível — disse Klaus com uma careta enrugando a testa estúpida entre as sobrancelhas ruivas estúpidas. — Você nem nos disse para que serve isso.

A música estava tocando, embora apenas alta o suficiente para aumentar o ruído, mas não dominá-lo. Alguém bateu no encosto da cadeira dela antes de tropeçar na mesa e depois sair andando como se nada tivesse acontecido.

A taverna tinha um cheiro horrível, como álcool e suor, e ela *sabia* que tudo iria se apegar a ela. Se ela fosse capaz de sentir o cheiro em si mesma, ela se preocupava como Faunus iria se sentir.

— Então, cola animal e caseína, é tudo o que podemos pensar? — ela perguntou em vez de responder.

Como ela poderia dizer que estava tentando colar o crânio de um Caminhante do Crepúsculo? Se eles não a chamassem de louca e a jogassem nas celas da prisão, eles reuniriam um exército para cercar sua casa para enfrentar Faunus.

— Sim, mas ambos podem se tornar quebradiços com o tempo, e também depende se o que você está tentando colar é poroso ou não — Yoshida a lembrou. — Se você está tentando colar algo liso, há uma chance de que nenhuma dessas coisas funcione, já que não há nada para ligar. Além disso, você precisará prender as peças bem juntas. Caso contrário, é inútil. Então, se for redondo, boa sorte.

— *Muito obrigadA* por explicar o óbvio para mim, — Mayumi resmungou o mais sarcasticamente possível.

Estou recebendo explicações masculinas! Ela trabalhou com muita cola em sua vida. Ela não precisava que alguém explicasse para ela como se ela tivesse cinco anos.

— Só estou tentando ajudar, — Yoshida resmungou com a caneca nos lábios. — Você é a pessoa mais ingrata que conheço.

— Estou pagando a conta pela sua ajuda, então cale a boca.

— Seria bom se tivéssemos Henry aqui — disse Klaus, acenando para que sua caneca fosse enchida ao lembrar que ela estava pagando.

— Onde está o esperto quando você precisa dele? — Mayumi chorou pateticamente contra a mesa, seus ombros dando um falso arfar como se ela estivesse realmente chorando.

— Nunca pensei que ouviria você dizer que alguém é melhor do que você em qualquer coisa, — Yoshida zombou. — E ele não é *tão* inteligente. Ele tropeçou na própria bota ontem.

— Ele é mais espertinho — riu Klaus, olhando para os seios enormes da garçonete que o servia.

Não foi culpa dele. Ela estava sorrindo enquanto obviamente tentava enfiar aquelas coisas macias, redondas e gostosas na cara dele.

— Sim, e vocês dois são como duas metades de um idiota inteiro.

— Há três de nós aqui, então isso nos torna um terço cada um de um idiota completo.

Mayumi levantou a cabeça e apontou o dedo indicador para o rosto de Yoshida com um olhar.

— Eu tive a ideia da cola animal.

Ela já tinha checado se tinha alguma em casa no galpão. Suas reservas estavam baixas e ela estava um pouco preocupada com a idade.

— Sim, e pelo menos eu criei caseína. — Yoshida então apontou o polegar para Klaus. — Este aqui não trouxe nada de bom para a mesa desde que convenceu você a sair conosco quando éramos crianças, e *ainda* não acho que essa foi a melhor ideia dele.

Seu nariz enrugou em aborrecimento.

Ele estava brincando, ela sabia que estava, mas ela ainda queria ser infantil e torcer o mamilo dele para que ele gritasse como uma cadela – como quando eles eram crianças.

— Awww, não seja assim — Klaus fez beicinho enquanto passava o braço em volta dos ombros de Mayumi, fazendo-a se encolher com o toque físico. — Ela foi útil. Ela era a menor e nos ajudou a entrar em alguns lugares realmente minúsculos. Lembra quando ela...

— Eu não vim aqui para lembrar! — Mayumi gritou enquanto empurrava as mãos contra a mesa para se levantar. — Os mercados estão fechando em breve. Eu pago a conta, então qualquer coisa que vocês beberem daqui em diante virá do seu próprio bolso.

— Você nem bebeu com a gente! — Klaus exclamou enquanto ela caminhava até o bar para pagar. — Eu tenho que te mostrar da última vez.

Mayumi não se incomodou em responder. Ela apostou muitas vezes no passado que poderia beber os dois debaixo da mesa - às vezes ganhando a aposta, às vezes tendo que ser carregada no ombro de alguém porque não conseguia mais andar.

Mas Faunus estava esperando por ela, e ela realmente precisava conseguir o que veio buscar.

Ok. Pegar meu chá, descobrir quem vende as colas de que preciso e depois sair. Isso deve ser fácil o suficiente.

Não foi. Cerca de cinco minutos depois de terminar suas

tarefas, quando estava prestes a deixar esta cidade miserável, ouviu a voz de uma das muitas pessoas que preferia evitar.

— Mayumi! — ela ouviu um grito de mulher, enviando um arrepio de pavor por sua espinha.

Sua reação imediata foi encontrar um lugar para se esconder. Um barril, atrás de um balcão, ela usaria até uma criança pequena como escudo nessa fase.

Oh Deuses. Ah Merda. Ela procurou e não encontrou em lugar nenhum. *Porra!*

— Clara! — Mayumi gritou com falsa alegria enquanto se virava, tentando ao máximo sorrir calorosamente.

A mulher loira, rechonchuda e curvilínea havia levantado a saia com babados para caminhar em um ritmo acelerado na direção de Mayumi, provavelmente para se certificar de que ela não poderia correr sem que fosse óbvio.

As mãos de Mayumi se ergueram parcialmente em saudação. Eles também foram um encolher de ombros indiferente, o constrangimento disso causando calor na parte de trás do pescoço dela.

Ela não pode ter fingido não me ver, pode?

— Olha, tenho certeza que tenho algumas explicações a dar, — Mayumi disse com calor em seus olhos, entendendo porque Clara pode estar um pouco chateada com ela. Ela tinha todo o direito de ser, afinal. — Eu sinto muito que..

O *tapa* retumbante que a atingiu fez sua cabeça torcer para o lado pelo súbito inesperado.

— Eu disse a você da última vez que não estava interessada em um caso de uma noite, — Clara rosnou, apertando sua mão quando a parte de trás de seus dedos começou a ficar rosa. — E ainda assim, você desaparece no meio da noite... de novo? Logo depois que você me prometeu que não iria? Então você até deixou moedas na minha mesa de cabeceira, como se eu não passasse de uma prostituta imunda. Você tem sorte de eu não ser corajosa o suficiente para caminhar pela floresta até aquela sua casa!

Pelo calor que Mayumi podia sentir em sua bochecha, ela sabia

que aquele tapa iria manchar seu rosto por algum tempo, possivelmente até inchar.

Todo o calor e gentileza na expressão de Mayumi morreram quando ela virou seu olhar penetrante e estreito na direção de Clara. A mulher, que estava cheia de fogo segundos atrás, contraiu os lábios e se esquivou um pouco.

Mayumi sempre foi toda doce, brincalhona e paciente, porque sempre conseguia o que ela queria - uma transa meio decente. Ela estava acostumada a ouvir gritos de pessoas de seu passado sexual e ter conversas estranhas.

Mas ela *nunca* tinha sido atingida por um.

Colocando a mão no cabo da adaga, Mayumi rolou os ombros para trás enquanto levantava a cabeça.

Uma pequena multidão de pessoas havia parado para presenciar o espetáculo, precisando do entretenimento dramático. A intromissão das pessoas era nojenta.

— Você não deveria ter feito isso, Clara, — ela disse com os dentes cerrados antes de tomar uma respiração calmante. — Essa foi realmente a escolha mais sábia, a única ação que você poderia ter feito?

— Você mereceu isso. — Clara finalmente cruzou os braços e torceu o nariz para ela, decidindo surfar na onda de sua estupidez. — Você não pode fazer nada comigo, não se não quiser ser presa.

Uma coisa que Mayumi odiava era a violência contra o outro. Ela não permitiria que ninguém colocasse a mão nela ou em outra pessoa. Morte e dor podem ser para demônios e bandidos.

Ela puxou a adaga e a inspecionou, só porque *podia*.

— Claro, não posso te machucar. — Ela apontou a ponta para ela, embora estivessem a pelo menos um metro de distância agora. — Mas não há nenhuma lei em vigor que diga que eu não posso cortar esse vestido bonito de você e fazer você desfilar nua para todos verem.

Mayumi não tinha certeza se isso era mentira ou não, mas ninguém iria segui-la até a floresta para prendê-la por algo assim. Além disso, Clara era do setor camponês. Uma pessoa rica pode ser capaz de ter algum poder e influência, mas ela não era ninguém em Posto Avançado de Colt. Apenas um rosto muito bonito.

— Você não faria isso! — Clara gritou, agarrando a saia do vestido com as duas mãos enquanto recuava.

— Você parece pensar que só porque cuido da minha vida e tento ser legal, não sou perigosa. Sinto muito por te machucar, mas isso ainda não te dá o direito de me bater. Vá para casa, Clara. — Mayumi acenou com a cabeça na direção da casa da mulher. — Agora, antes que eu mude de ideia.

— Cadela, — Clara murmurou baixinho, antes de sair correndo.

Mayumi a observou, apenas porque ela estava tentando controlar sua raiva. *Ela tem coragem de me chamar de cadela?* Ela colocou as costas de sua mão fria contra sua bochecha radiante.

Ela ainda estava sendo observada.

— O que diabos vocês estão olhando?! — ela gritou, virando-se para as testemunhas. — Quer que eu corte suas roupas em vez disso?

A multidão se dispersou, não querendo irritá-la. Mayumi era conhecida por entrar em brigas e vencê-las — mesmo que houvesse mais de um adversário, mesmo homens. Ela também morderia e arranharia se fosse contida como uma besta selvagem e indomável.

Os guardas próximos que ouviram a comoção não fizeram nada para intervir. Eles realmente não se importavam com o que acontecia nesta cidade, desde que não fosse realmente criminoso, como assassinato ou agressão grave. Outros pequenos crimes, como causar distúrbios, eram vistos como nada — mesmo que alguém realmente precisasse de ajuda.

Tudo o que importava era que as pessoas não roubassem dos ricos e que não houvesse tumultos. Motins significavam derramamento de sangue, e derramamento de sangue significava um exército de demônios.

Era uma das razões pelas quais os pobres não se revoltavam contra os que estavam dentro dos círculos internos.

Um sino tocou ao longe, informando aos moradores da cidade que os portões logo estariam permanentemente fechados naquele dia. Eles não queriam um Demônio abrindo caminho à noite.

Eu quero sair deste inferno.

Mayumi invadiu seu caminho para fora do Posto Avançado de Colt.

Quando os portões se fecharam atrás dela, ela pressionou as costas da mão contra a boca, desta vez para se certificar de que não estava sangrando. Não estava, mas o rosto dela doía muito.

Só deixei dinheiro para ela porque roubei uma garrafa de bebida enquanto ela dormia. Ela só estava se certificando de pagar por isso, não por seu tempo com Clara. Mayumi era muitas coisas, mas ela não era uma ladra.

Seus olhos examinaram o prado à sua frente, tentando lembrar onde Faunus estava nas árvores além dele.

É isso que quero dizer, pensou Mayumi quando começou a atravessar o prado. *Eu apenas tento fazer algo legal, e as pessoas entendem isso da maneira errada. Sim, claro, eu deveria ter sido sincera com minhas intenções com ela, mas pelo amor dos Deuses. Tenho certeza de que muitos homens fizeram a mesma coisa com ela.*

Aconteceu com Mayumi muitas vezes no passado, homens fugindo antes que ela pudesse.

Ela sempre apenas encolheu os ombros, certificando-se de que ele não tivesse gozado dentro dela, então seguiu em frente com sua vida. Sexo para ela não era nada além de uma transação de liberação, querendo sentir algo bom.

Passei toda a minha vida treinando.

Ela cansou seu corpo com exercícios e trabalhou para ficar forte. Caçadores de demônios também iam para cidades que foram destruídas por Demônios para ajudá-los a reconstruí-las e protegê-las enquanto o faziam.

Eles também eram contratados para lutar contra bandidos humanos.

Mayumi foi atingida por flechas, marcada por garras e mordida. Ela quase perdeu a vida algumas vezes.

É tão ruim apenas pedir para se divertir de vez em quando? Ninguém era perfeito. E daí se ela cometeu alguns erros?

Quando ela entrou na floresta, ela encontrou Faunus esperando por ela. As árvores não eram as mesmas de antes, então ela imaginou

que ele devia ter seguido sua abordagem.

Ela fez uma pausa quando viu seus orbes amarelos.

É por isso que gosto de você. Porque você não é como eles. Não há expectativa com você, Faunus. Tudo é decidido por mim.

Ele pegou seu comportamento malcriado e seu complexo de superioridade e empurrou para trás com sua própria marca de brincadeira. Ela não precisava se esconder, não precisava fingir.

No pouco tempo que ele esteve aqui, ele deixou Mayumi contente em sua presença. Ele se moldou ao redor dela, não o contrário.

Ela continuou a caminhar para cumprimentá-lo. Quando ela se aproximou, seu focinho saltou para cima e para baixo como se estivesse farejando.

Seus orbes ficaram verdes e um rosnado ecoou nas árvores e na neve quando ele se aproximou. Os pelinhos de seu corpo se arrepiaram de emoção, o som parecia música para seus malditos sentidos depravados.

– *Você cheira mal,* – ele rosnou quando ele estava bem na frente dela. – *Há muitos cheiros em você.*

Ele bateu em seu focinho em desgosto.

O humor de Mayumi ainda estava bastante azedo, mas ele a fez soltar uma gargalhada mesmo quando ela pensou que nada mais poderia.

– Eu pensei que poderia.

Ele levantou a cabeça para trás e para cima, de uma forma semelhante a como ela faria quando estava prestes a ser propositalmente má.

– *Eu nem quero colocar você nas minhas costas.*

Suas pálpebras baixaram.

– Bem, isso é rude. Aqui, coma um pouco.

Ela começou a esfregar as mãos no focinho dele.

Ele deu um espirro e se afastou dela. Então seus orbes ficaram amarelo-escuros quando ele se inclinou para cheirar o rosto dela.

O rosnado que veio dele desta vez era ameaçador. Ele se agachou, sua coluna curvando-se para frente enquanto ele se apoiava

em uma mão e então a tocava na bochecha.

Mayumi estremeceu. Ela tentou recuar, mas a mão dele disparou para a frente para embalar a parte de trás de sua cabeça para mantê-la no lugar.

— *Seu rosto está inchando, Mayumi. Está vermelho e cheio de hematomas.* — Seus orbes se transformaram em um vermelho terrível, brilhando a apenas alguns centímetros de seu rosto. — *Por que?*

Ela o escondeu com as costas da mão, deixando que o frescor dos dedos aliviasse o inchaço.

— Não é nada, Faunus. Não se preocupe com isso.

— *Parece que alguém bateu em você.* — Ele puxou a mão dela para baixo e a usou para puxá-la para mais perto quando ficou óbvio que ela estava tentando fugir. — *Quem fez isto para você?*

Com um suspiro, seus olhos encontraram a floresta, desejando que ele simplesmente a deixasse ir.

Sua língua passou por sua bochecha. Assim que uma picada começou, ela rapidamente desapareceu enquanto um brilho amarelo de magia se iluminou entre eles. Era legal, sua magia sempre teve um calafrio, mas fazia com que a dor se dissipasse.

— *Nada é permitido prejudicá-la.* — Ela deixou seu olhar permanecer desviado, mas ele apenas aproveitou a oportunidade para chegar mais perto de seu ouvido. Sua voz era baixa quando ele rosnou: — *Eu disse que você era minha, e vou proteger o que é meu, destruir o que fere os meus e garantir que conheça o medo enquanto dá seu último suspiro.* — A risada sombria que saiu dele, quase ofuscada por seu rosnado, era... maligna. — *E só há um perfume em seu rosto. Vai ser fácil para mim seguir.*

Mayumi estendeu a mão e cobriu o topo do rosto com uma mão e agarrou seu chifre de carneiro com a outra. Ela o empurrou para trás para poder encará-lo.

— Foi apenas uma garota boba, e eu meio que mereci isso.

— *Eu. Não. Me. Importo.*

— Faunus, — Mayumi disse em um tom severo. — Eu estou dizendo não.

Ela deslizou as mãos para cima para poder colocar os braços

em volta do pescoço dele. Ela não podia acreditar que ela estava aqui, tentando acalmar um Caminhante do Crepúsculo de matar alguém.

— Obrigada por me curar. Ela tem uma bofetada pior do que eu pensei que ela teria, mas estou bem agora. Além disso, você realmente quer me deixar aqui na floresta sozinha enquanto você vai causar estragos na cidade?

Se o crânio dele é mais frágil do que o normal, e se um golpe errado fizer com que ele quebre?

Ela podia sentir como sua respiração estava pesada, como ele estava cheio de raiva enquanto tremia. Ele queria retribuir algo tão pequeno e insignificante.

Seus longos e fortes braços a envolveram, seu abraço a engoliu antes que ela sentisse a leve estocada de suas garras em ambos os lados de seu umbigo.

— *Você poderia se cuidar antes que eu voltasse. Eu não demoraria.*

É como falar com uma parede ameaçadora.

— Eu só... realmente quero ir para casa. Tive um dia terrível. — Ela não achava que tinha um dia tão ruim há muito tempo. — Seria bom passar um tempo com você. Finalmente posso ensiná-lo a jogar shogi, já que você aprendeu xadrez tão bem.

Depois de um longo tempo de Mayumi abraçando-o, até mesmo dando tapinhas nas costas de seu pelo inchado, Faunus começou a relaxar.

— *Você fede* — ele finalmente resmungou. — *Eu não gosto disso.*

Uma risada explodiu dela.

— Acho que não vou conseguir me livrar dele tão cedo.

Um bufo rolado balançou seu torso contra ela. — *Se isso remover a mistura do cheiro dos outros em você... então tomaremos um banho quando voltarmos para sua casa.*

— Realmente? É tão ruim que você sugeriria tomar um banho?

Ela não podia acreditar! Seu rabo quase sempre se enrolava entre as pernas no momento em que ela o sugeria.

— *Você esfregou tudo em mim, então eu preciso ter um com você. Caso contrário, não importará.*

— Você sabe que a noite está caindo, certo?

— *Eu estarei lá com você.*

Mayumi olhou para o céu crepuscular rosa e roxo, apenas vendo-o através de seu pelo e das árvores. *Nunca tomei banho fora de casa à noite.*

O sorriso que curvou seus lábios era fraco e solene. *Acho que seria divertido.*

CAPÍTULO 30

Faunus odiava a forma como a água do banho parecia calma e convidativa. Ele odiava a maneira como o céu sem nuvens o fazia parecer negro, como se fosse infinito, ilimitado e imensurável.

Ele odiava a maneira como engolia Mayumi em suas profundezas abismais. Ela era tão pequena, tão delicada, enquanto escolhia cuidadosamente qual degrau de rocha natural daria para se aprofundar.

A beleza nua dela deslizando lentamente, mesmo quando ela pisou *nas* estrelas, não foi suficiente para distraí-lo de quão facilmente ele poderia perdê-la.

Seu cabelo tornou-se uma mecha preta flutuante contra a piscina escura quando seu pescoço alcançou a superfície. Seus músculos se contraíram em antecipação temerosa de ter que mergulhar na água e salvá-la do afogamento, como ele tinha feito muitas vezes.

Eu não deveria ter sugerido isso.

Pelo menos durante o dia, ele podia ver o fundo de sua banheira.

Ele sabia que não era tão profundo. Ele sabia que a água só ultrapassaria o fundo de sua caixa torácica se ele ficasse no meio. Não fez nada para aliviá-lo.

— Mayumi, — ele implorou.

Isso não seria suficiente para livrá-la completamente do cheiro de *muitos* outros, mas ele aceitaria. Ele aceitaria o que manchava seu pelo se ela simplesmente saísse da água para a segurança da terra.

Seu sorriso era pequeno, mas tão gentil, quando ela se virou para ele e estendeu a mão.

— Vamos lá, Faunus, — ela murmurou docemente. — Desde que você usou aquele feitiço de água, meio que parece com você.

Suas palavras fizeram com que sua cabeça se inclinasse ligeiramente.

— Parece comigo?

Ele não poderia ser comparado a um elemento tão impiedoso e implacável. Pelo menos ele se *arrependeu* de ter tirado uma vida – um

pouco.

— Bem, — ela disse enquanto olhava para ele. — Parece a mesma temperatura que você, e eu *juro* que até cheira um pouco como você. E isso me lembra a cor do seu pelo... até faz um pouco de cócegas.

Esta não era a primeira vez que ele usava seu sangue para encher esta banheira, embora isso lhe custasse muito. Atualmente, havia gotas de um líquido roxo pingando de alguns de seus dedos e manchando a neve abaixo dele.

Mas foi a primeira vez que ela fez tal comentário sobre isso.

Sua mão saltou levemente, acenando para ele se aproximar e pegá-la. Suas orbes mudaram para um rosa avermelhado de vergonha quando ele percebeu que ela só estava dizendo isso porque ele estava obviamente mais hesitante do que o normal.

Faunus se abaixou para pegar a mão dela para que ele pudesse puxá-la.

No entanto, um segundo antes de suas palmas fazerem contato, o rosto dela se virou para o céu.

— Isso é realmente lindo. Não sou estúpida o suficiente para tomar banho à noite, mas sempre quis.

Tais palavras sinceras e ansiosas tornaram o poder de atração dela muito mais forte do que o dele, seu coração perdido em sua admiração.

Todo o pelo e espinhos que o cobriam incharam em repulsa quando seu pé com patas escorregou para dentro da poça de escuridão. O resto dele seguiu o exemplo de Mayumi enquanto ela o levava mais fundo.

Faunus desprezava esta próxima parte, especialmente porque ela o empurrou suavemente para o recesso mais baixo, e a água o engoliu até o peito. Ele preferia sentar do outro lado, mais raso.

Suas garras raspavam e cravavam na rocha para se firmar enquanto o calcanhar de seus pés escorregava debaixo dele para que ele pudesse se sentar. Suas pernas eram largas para compensar seu longo comprimento no banho relativamente pequeno, mas profundo.

Como sempre fazia, apesar de sentir o fundo do poço, ele

segurou sua vida.

Ela se deitou no colo dele, o que nem sempre fazia, e se acomodou em cima dele.

Então ela pegou a garrafa próxima, serviu-se de um pouco de líquido que fez seu nariz arder e tomou um gole. Ela já havia informado a ele que queria beber aquela mistura alcoólica. Ambos só esperavam que a água ajudasse a aliviar o cheiro dela sobre ela.

O que era mais um? Ele preferia isso a ela cheirando como uma centena de humanos – que era como ela cheirava atualmente.

Faunus apoiou os pés contra o fundo e, finalmente, enrolou os braços em volta dela para que pudesse sentir que ela estava segura.

Apesar de sua inquietação, ele ouviu atentamente ao redor deles. A floresta estava silenciosa; nem mesmo um rato da floresta corria ou uma coruja piava.

A água lambeu seu pelo, quente e relaxante, mesmo contra sua própria aversão a isso. Ela estava certa, parecia que era a temperatura dele, e ele tinha certeza de que a fornalha abaixo deles lutaria contra o gelo que os cercava para mantê-la confortável.

Ele eventualmente se moveu para poder roçar a parte de trás de sua garra contra sua bochecha macia. Vermelho brilhou em seus orbes. Eles estavam consistentemente brancos desde o momento em que a água começou a subir.

Mayumi pressionou um dedo no final de seu focinho com um olhar fofo.

— Não, — ela alertou. — Eu vou ficar muito brava com você se você estragar isso. Você já curou meu rosto.

Sua longa inspiração foi seguida por um bufo de aborrecimento.

Ele não entendia por que ela permitiria que alguém batesse nela e os deixasse viver. Ele também não tinha entendido quando ela lutou contra aqueles homens humanos.

A única razão pela qual ele não os tinha caçado e massacrado era que ela estava manchada de sangue. Ela teria sido caçada por Demônios se ele a tivesse deixado sozinha então.

Ele sabia que poderia ter se esgueirado por cima do muro

daquela pequena aldeia humana e encontrado a mulher que machucou sua fêmea, cobrindo seu focinho para que ele não fosse capaz de cheirar seu sangue antes de abrir sua garganta com as garras. Então ele teria saído da aldeia antes mesmo de o sol terminar de se pôr.

Ele teria sido visto? Provavelmente. Mas Faunus era *muito* rápido e ágil. Ele tinha certeza de que poderia ter descoberto uma maneira de entrar e sair sem ficar furioso.

Honestamente... ele não teria se importado. Ele queria destruir cada cheiro que estava agarrado a ela. Qualquer cheiro que pudesse tocá-la novamente no futuro – mesmo que fosse tão inocente quanto um carinho em seu ombro.

Ele ergueu a cabeça para olhar para as estrelas quando soube que sua visão estava verde escura, escondendo-a dela.

Ele a ouviu engolir profundamente antes de pegar a garrafa novamente, e ele ignorou enquanto olhava para o céu. Ele olhou por um longo tempo quando uma coleção de pontos brilhantes chamou sua atenção.

– Eu sempre me perguntei o que está além – disse ele calmamente.

– Por que? – ela perguntou uma vez que ela estava confortável novamente. – Sempre achei inútil pensar em coisas que não posso ver ou tocar. Tudo o que sei é que o céu é uma vasta quantidade de nada.

Uma pequena onda de vento esvoaçou o pelo seco em volta de seu pescoço e esfriou seu rosto, destacando o silêncio que caiu sobre eles.

– Desculpe – ela murmurou. – Eu provavelmente deveria ter calado a boca e deixado você falar.

Ele estava um pouco aliviado por ela o ter parado. – Está bem.

– Não, não está, – ela rosnou levemente enquanto agarrava seu chifre de carneiro e o forçava a olhar para ela. Ele estava grato por sua visão estar de volta ao seu amarelo habitual. – Fale, Faunus. Quero saber por que você quer saber o que há além das estrelas.

Ele balançou a cabeça com uma risada. – Não importa. Não acho que os humanos considerariam meus pensamentos pacíficos.

Pelo que ele havia reunido até agora, ela queria aproveitar o banho por sua raridade. Ele tinha certeza de que suas palavras teriam sido desanimadoras.

— Tem outro lado da banheira que eu posso sentar, — ela ameaçou.

Um pico de ansiedade o atingiu, e suas garras cravaram um pouco nela. Ele pensou que se ela saísse de seu colo, ele poderia sair correndo da água - e isso arruinaria tudo para ela.

— Fale.

Com um suspiro separando suas presas, ele virou seu focinho para cima para olhar as estrelas novamente.

— Eu não sei se outros Caminhantes do Crepúsculo sentem o mesmo, mas eu não... sinto que pertenço aqui. Não sinto que pertenço a lugar nenhum. Não posso ficar na superfície sem eventualmente ser caçado por Caçadores de Demônios, e não posso permanecer no Veu ou irei ser caçado lá também. Se não posso ir a esses lugares e viver pacificamente, para onde mais devo ir? — Ele virou a cabeça para uma espiral nebulosa e brilhante que podia ver na distância em expansão.

— Eu sei como vim a existir, mas não por quê. No entanto, eu me pergunto se há mais da minha espécie em algum lugar por aí.

Ele podia sentir pela forma como ela estava sentada que ela estava segurando a garrafa com as duas mãos.

— Bem, você disse que seu pai era algum guardião do vazio. Você pode ir lá?

— Não sei se consigo voltar daquele lugar. É uma vida após a morte, então nunca fui tentado. — Sua visão caiu sobre a lua. Estava clara e quase cheia, então ele examinou suas crateras sombrias. — A razão pela qual não fui em busca de um novo mundo é porque tenho medo de que seja o mesmo. Nós, Caminhantes do Crepúsculo, *precisamos* de violência. Devemos nos alimentar para nos desenvolver. E se eu encontrar outro lugar que nos odeie tanto? Ou aquele em que minha espécie está subdesenvolvida e ainda estou sozinho, incapaz de falar com eles, pois eles não sabem como?

— Você está... sozinho, Faunus?

Por mais que tentasse impedir, sabia que era a pergunta dela

que fazia com que seus orbes mudassem para azul.

— *Muito* — ele ralou. Após um breve silêncio entre eles, Faunus forçou uma risada. — Viu? Meus pensamentos não são muito agradáveis. Talvez devêssemos falar de outra coisa.

— Não faça isso — ela resmungou baixinho. — Não invalide seus próprios pensamentos e sentimentos só porque são desagradáveis. Eles não são indesejados, Faunus.

Ele virou a cabeça para ela, e duas piscinas negras cheias de luzes cintilantes, assim como a água ao redor dela, brilharam para ele. A lua encontrou seus olhos, tornando-os ainda mais sedutores e fascinantes do que o normal.

— Eu tenho pensamentos como este também, — ela continuou, seus olhos passando rapidamente por seu crânio. — Claro, não sinto a solidão do jeito que você pode. Eu posso ir a quase qualquer lugar onde os humanos vivem e são aceitos, mas... — Mayumi soltou uma risada sem graça enquanto esfregava a nuca. — Eu nem sempre senti que pertencço. Não penso como todo mundo e sou rápida em ser violenta ou frio com os outros. Eu tentei. Porra, eu tentei me encaixar. Mas muitas pessoas me fazem sentir claustrofóbica, e uma vez que passo muito tempo com elas, começo a ficar irritada com a pessoa ao meu lado apenas respirando. É como se houvesse um muro em volta de mim quando estou em uma rua movimentada, e quanto mais tempo fico ali, mais sinto ele diminuir até sentir que estou sufocando. A única vez que eu realmente me senti confortável em estar perto de outras pessoas foi quando eu estava no campo com a guilda caçando demônios. Foi a única vez que senti que me encaixava.

Mayumi descansou a garrafa contra o peito e começou a acariciar o pelo sobre o peito dele com a mão livre. Ela olhou para sua mão se movendo, quase como se estivesse evitando o olhar dele.

— As pessoas começam a se sentir pegajosas quando passo muito tempo com elas. Depois de alguns dias, a pele delas parece errada perto da minha e a minha começa a arrepiar.

Seu coração se apertou dolorosamente quando ele perguntou: — Eu faço você se sentir assim?

Seus lábios se curvaram para cima quando ela virou o rosto

para ele.

— De jeito nenhum. Talvez seja porque você está coberto de pelos.

Ela acariciou o rosto contra o peito dele, o que só fez com que parecesse mais leve sob seu toque. Até começou a irradiar um estrondo satisfeito.

Mayumi gesticulou de volta para sua casa. — Eu sei que não é muito ou muito grande, mas pelo menos você se encaixa aqui... assim como eu.

— Mas eu não me encaixo aqui. Eu não consigo nem ficar de pé direito dentro de sua casa.

— Eu me sinto mal, mas não podemos simplesmente levantar o telhado e torná-lo maior. Você é procurado aqui, é o que eu quis dizer.

Seus orbes brilharam em sua cor amarela. — Eu sei.

Ela fez beicinho quando percebeu que ele estava brincando com ela.

Faunus sabia que Mayumi o queria e ficou encantado em saber que ela odiaria qualquer outra pessoa que permanecesse aqui por tanto tempo quanto ele.

— Você já bebeu alguma vez? — ela perguntou, levantando a garrafa ligeiramente.

— Nunca. — Por que ele teria? Esta era uma bebida humana, até onde ele sabia.

Ele tentou se lembrar se os Demônios já haviam bebido, mas não conseguia pensar se já havia estado em um lugar dentro da Vila dos Demônios que oferecia isso. Poderia haver, mas talvez ele nunca tivesse estado lá.

Ele não era particularmente bem-vindo lá. Todos os Caminhantes do Crepúsculo não eram. Ainda mais agora, desde que soube por Orpheus e Magnar que sua espécie foi banida da Vila dos Demônios por Jabez.

— Experimente, — ela exigiu. — Você não saberá se não gostou, a menos que experimente.

Só pelo cheiro, ele não tinha certeza. No entanto, ela estava certa. Ele não podia dizer que não gostava até que tentasse.

— Talvez devêssemos tentar isso quando você tomar uma segunda garrafa? — ele perguntou enquanto o examinava.

Ele não tinha lábios ou boca que pudessem beber de tal item.

— Basta enfiar a língua nisso, Faunus! Já a coloquei na boca vezes suficientes para não me importar.

Caramba. Ele esperava usar isso como desculpa.

Ele se inclinou para frente, sua língua estalando dentro de sua boca em uma agitação cautelosa antes de mergulhá-la em sua garrafa. No momento em que sua língua tocou o fundo duro dela, cada parte dele ficou em pé. Seu pelo, seus espinhos. Parecia que seus ossos queriam pular de sua carne e fugir.

— *Blergh!* — ele vomitou, afastando a língua.

Ele tossiu quando acidentalmente engoliu uma gota, tentando tirar o líquido ofensivo de sua boca. Ele não tinha lábios, então não podia cuspir, e a única coisa que o salvou foi a baba que começou a encher sua boca.

Mayumi riu enquanto tentava ajudar, pegando um punhado de água para que ele pudesse beber sem ter que enfiar a cabeça dentro dela.

— Nojento! — Ele deu um estremecimento de repulsa de corpo inteiro. — Como você pode beber isso?!

— Porque me faz sentir toda quente e confusa por dentro. Isso me relaxa. — Suas risadas foram contidas quando ela tomou um gole. — Não é sobre o gosto, mas o quão bêbada isso pode me deixar.

Faunus não conseguia pensar em mais nada além de como isso fazia sua garganta arder e seu estômago gargarejar de nojo. Ele pensou que sua língua estava tentando murchar em sua boca!

— É ofensivo e vil, e você tem sorte de eu não jogá-la na floresta. — Ele deu outro estremecimento. — Eu nunca vou confiar em nada que você tente me fazer comer ou beber novamente.

— Awww, não seja assim.

Seu beicinho fofo não era um pedido de desculpas suficiente.

— Aqui, deixe-me fazer as pazes com você — disse ela enquanto colocava a garrafa na borda rochosa e pegava um frasco.

O sabonete líquido que ela pingou nas mãos era muito

cheiroso, e ela as mergulhou na água antes de começar a ensaboar o ombro esquerdo dele com ela. Um bufo irritado o deixou, mas ele não conseguiu parar de erguer a cabeça em boas-vindas quando ela esfregou seu pescoço.

Em todos os lugares que ela o tocou relaxou sua pele. Ela o acalmou totalmente quando desceu pelo outro braço depois de esfregar e massagear o primeiro.

Com a visão negra e o focinho apontado para o céu, um gemido saiu dele quando Mayumi montou em seu colo e começou a esfregar suas costas com sabão. Demorou um pouco mais do que deveria ter para ele perceber por que ele gemeu quando ela estava apenas limpando-o, mesmo que suas unhas arranhadas parecessem sublimes.

Foi porque algo macio esfregou a parte inferior de seu eixo.

Por que isso continua acontecendo comigo?

Algo sobre ter as mãos de Mayumi sobre ele enquanto a água rodeava seu corpo fez seu eixo escorregar de sua costura sem que ele soubesse. Estava aninhado no calor e na umidade, e o latejar que ele sentia era uma ocorrência comum perto dela.

Ele abriu a visão para descobrir que estava roxa.

Ela começou a cravar as unhas no pelo do peito e torso dele depois de aplicar mais sabonete nas mãos. Ele enxaguou rapidamente sob a água.

— Espero que você não se importe... mas não estou com humor esta noite.

— Humor? — ele perguntou, sem saber o que isso implicava, enquanto abaixava a cabeça.

Seus lábios não estavam amuados, nem franzidos, mas em algum lugar no meio enquanto ela olhava para baixo.

Lá estava seu pênis, totalmente duro, descansando entre eles. Seus tentáculos estavam surpreendentemente parados e lânguidos, não procurando como sempre - como se fossem acalmados pelo calor.

Era estranho ouvi-la dizer que *não* queria isso, quando geralmente corria qualquer chance de fazê-lo sair dele.

Faunus segurou a parte de trás de sua cabeça e prendeu seu lindo rosto com suas garras para se certificar de que ela não desviasse

o olhar dele.

— Você nunca tem que fazer nada comigo se não quiser. Não posso evitar a forma como meu corpo reage a você, mas isso não significa que eu exija alguma coisa.

Ele pressionou a palma da outra mão contra a ponta e começou a empurrá-la para baixo para que pudesse pelo menos guardar um pouco - ele sabia que era muito difícil empurrá-la totalmente para dentro de sua costura.

— Eu estou apenas gostando de você me tocando. Eu nem sabia que estava ficando excitado até que você escorregou contra ele.

Mayumi se abaixou e agarrou seu pulso com as duas mãos para detê-lo.

— Você não tem que fazer isso. Não me importo que esteja fora e tenho certeza de que é mais confortável do que tentar enfiá-lo para dentro.

— Tem certeza? — Ele realmente não se importava.

Ele estava um pouco envergonhado por isso continuar acontecendo.

— Sim. Só estou cansada e esgotada. — O sorriso que ela deu a ele era completamente e totalmente falso. — Faz muito tempo desde que tive um dia agitado.

— Mayumi... Se isso é sobre esta manhã...

— Não quero falar sobre isso agora. — Seu sorriso caiu, suas feições se tornando severas enquanto ela pegava mais sabonete.

O corpo de Faunus ficou tenso em reação. Este foi o começo da mudança de Mayumi? *Mas ela foi brincalhona comigo antes de ir para a cidade.* Ela estava como sempre. Ela o irritou, mandou nele... ela até beijou seu focinho mais do que normalmente faria.

Ele não tinha certeza do que fazer com as ações dela, especialmente porque ela estava aqui limpando-o ela mesma.

Ele afastou a mão e deixou seu pênis flutuar livremente na água quando ela começou a ensaboar o pelo que cobria seu peito. Ela também limpou os ossos das costelas dele, o que foi maravilhoso.

Enquanto ela descia, Faunus a agarrou e a embalou em seus grandes braços.

— O resto de mim está limpo o suficiente. Apenas relaxe.

Honestamente, ele só não queria ficar no frio porque sabia que iria querer sair da água no momento em que o fizesse. Sua cabeça tão baixa também o preocupava. Ela poderia morrer de um simples afogamento, não que ele fosse permitir.

Então um pensamento cruzou sua mente, um pensamento que o fez lambear a parte externa de seu focinho com profundo interesse.

Antes que ela pudesse terminar de abrir a boca para falar, ele perguntou: — Posso lavar você?

Ele estava se sentindo um pouco mais confortável na água do que o normal, talvez por causa da exposição constante. Mesmo que ela não quisesse ser sexual, ele ainda queria tocá-la – talvez até fazê-la se sentir bem.

Ser lavado por ela era prazeroso. Ele queria acalmá-la da mesma forma.

Mayumi pegou sua garrafa e bebeu o resto. Então ela pegou o frasco de sabonete e entregou a ele, o que ele interpretou como uma forma de dizer sim.

Ela tentou dar-lhe um braço, mas Faunus pegou as duas mãos dela depois de embainhar todas as suas garras. Sua boca fez beicinho para o lado enquanto ele esfregava seus dedos longos e grandes em suas pequenas e delicadas palmas enquanto seus polegares esfregavam as costas delas.

Apesar de sua força, ele sabia que um movimento errado poderia fazê-lo quebrar seus fracos ossos humanos. Ele foi gentil enquanto subia pelos antebraços dela e tentava massageá-los da mesma forma que ela fazia com ele.

Às vezes, Mayumi coçava seu pelo como se quisesse chegar à raiz deles. Outras vezes, ela cravava seus polegares e dedos em seus músculos profundamente. Ele seguiu seus movimentos de memória e aliviou sua pressão sempre que suas sobrancelhas escuras se contraíram.

Como não confiava em si mesmo, fechou as coxas e a fez sentar sobre seus joelhos, virando-a de costas para ele. Ele queria ver o que estava fazendo enquanto lavava as costas dela.

O toque de Faunus era leve quando ele colocou as mãos em volta dos quadris dela e pressionou a ponta dos polegares nos músculos que abraçavam sua coluna. Ele fez pequenos círculos, assim como ela tinha feito com ele algumas vezes.

Ele fez uma pausa quando ela deu um pequeno miado até que ela se inclinou em suas mãos para mais.

— Na verdade, parece muito apertado aí, — ela comentou quando ele estava logo abaixo de suas omoplatas.

Apertado? Ela parecia macia em todos os lugares.

Ele percebeu que não era a pessoa certa para saber o que parecia certo e errado no corpo de um humano.

Ela se contorceu nas pernas dele, as dela se separaram, e apoiou as mãos nos joelhos fechados dele. Ela olhou por cima das copas das árvores para espiar o céu.

Ele escovou seu cabelo grosso e sedoso sobre um ombro quando começou a subir. Ela soltou outro ruído suave, um que ela só fazia quando se sentia bem. Ele não conseguia evitar que seu pênis estremecesse toda vez que ela o fazia.

Estava começando a se esforçar agora, já que ele tinha estado duro por tanto tempo intocado. Felizmente, a água o manteve úmido. Caso contrário, ele não achava que seria possível para ele estar aqui fazendo isso com ela agora.

Quando ele estava prestes a alcançar seus ombros e pescoço, ele acariciou suas costas com as pontas dos dedos e começou de baixo novamente. Ele ficou emocionado quando ela não o impediu.

Afinal, ele deveria estar lavando-a.

— Você já esteve no mar, Faunus? — ela perguntou com uma voz ofegante.

— Por que você pergunta? — Ele não tinha certeza de por que ela queria saber disso.

— Porque você torna muito difícil conhecê-lo. Você disse que vagou por todo o mundo. Eu queria saber se você tinha visto o mar.

— Sim, eu já vi. Eu andei quase todo o caminho ao redor da terra.

— Mas eu estou supondo que não as praias do sul?

Sua cabeça se inclinou. Ele estava surpreso que ela soubesse disso.

— Não. É muito difícil para um Caminhante do Crepúsculo ir até lá.

— Demônios também não podem ir lá, — ela disse, e ele jurou que podia ouvir que seus lábios estavam torcidos de humor. — Nós, no norte, temos a guilda de Caçadores de Demônios mais fortificada, mas o o sul tem mais humanos. Eles lutam contra a terra e o mar contra os Demônios, então imagino que chegar lá também seria difícil para o seu tipo.

— Não há muitas árvores para os Demônios se esconderem do sol, e fica longe do Véu, — ele respondeu.

— Pedi para ficar lá por um tempo. Acho que sou um dos raros humanos que já esteve em quase todos os lugares. Onde voce morou? Mm... sua caverna, quero dizer. Antes de ser roubado por demônios.

— Oeste, eu acho. Houve uma aldeia que ardeu não muito longe da minha caverna. Foi há muitos anos... mas eu observei da floresta enquanto um grande número de Demônios se aproveitava de suas paredes em chamas.

Mayumi enrijeceu e olhou por cima do ombro.

— Você está falando de da Cidade Leaside?

Faunus deu de ombros em resposta. — Como eu saberia como se chama uma cidade humana?

— Tinha um sino grande no meio?

— Sim. Era irritante para mim. Eu podia ouvi-lo desde o Véu, e é por isso que fui lá quando não parava de tocar.

Ela cobriu os lábios com a junta da frente do dedo indicador. — Leaside queimou cerca de cem anos atrás.

— Eu... obtive muita humanidade naquela noite.

Eventualmente, o cheiro de sangue e carne queimada levou sua mente a uma loucura impensada. Ele passou dias lutando com Demônios enquanto tentava chegar a qualquer humano que infelizmente se encontrasse preso sob os escombros da casa.

— Por que você quis ir para o mar? — Faunus perguntou, começando a ficar desconfortável em compartilhar essas memórias —

especialmente porque elas eram nebulosas, como a maioria das sedes de sangue ou fúria.

Ele só podia imaginar como seria para outro. Uma besta irracional que ruge no meio de uma cidade destruída e em chamas que estava sendo invadida por Demônios, cercada por os sons de gritos e aquele maldito sino tocando até que um Demônio o derrubou.

Então uma quietude repentina, que deixou apenas o som de crepitar, fogo moribundo e criaturas sedentas de sangue farejando e procurando.

— Eu queria saber mais sobre você, não o contrário.

Mayumi deu um pequeno gemido quando ele finalmente começou a trabalhar com os polegares no topo de seus ombros e nas laterais de seu pescoço. Ele usou o sabão para ajudar a deixar seus golpes mais escorregadios, tanto quanto o usava para lavá-la.

— Não tenho muito o que compartilhar, Mayumi. Passei a maior parte da minha vida vagando o que posso por este mundo.

— O que você estava procurando?

— Tudo, — ele admitiu. — E nada. Eu simplesmente não sabia mais o que fazer. Eu me sentia perdida.

Eu sempre estive procurando... Então por que parei quando a encontrei? Foi quando ele encontrou Mayumi naquela noite que ele parou de vagar e começou a visitar casas por curiosidade, aprendendo, e até começou a tentar fazer amizade com os Demônios.

No momento em que aquela criancinha estendeu a mão para ele e pediu que ele não a deixasse novamente... Faunus finalmente parou de buscar algo.

— *Tudo bem* — ela suspirou. — A família do meu pai sempre morou nesta casa, então eu queria ver onde minha mãe nasceu.

— Ela não era daqui?

Ele esperava que sua mãe fosse de uma das cidades próximas.

— Eu acho que ela era louca. Ela tinha que ser para ter perseguido meu pai por todo o caminho até o Espinheiro. — Quando as mãos de Faunus pararam e ele inclinou a cabeça, Mayumi se virou e sentou-se de lado em seu colo para encará-lo. — Se meu pai era teimoso, acho que minha mãe era ainda mais. Ambos disseram que eu

era mais parecida com ela do que com ele, não apenas na aparência, mas também na personalidade dela.

Faunus não disse nada enquanto enrolava a mão em volta do quadril dela para segurá-la contra ele. Ela finalmente olhou para baixo de seu corpo, então de volta para o rosto dele enquanto arqueava uma sobrancelha.

— Bem? — ela perguntou, seu sorriso se tornando um pouco mais travesso do que o normal. — Ainda há muito de mim para lavar.

— Você vai me contar mais se eu continuar?

Ele só parou porque estava esperando por mais.

Seu sorriso caiu quando suas sobrancelhas franziram profundamente.

— Por que?

— Porque eu quero saber tudo sobre você, — Faunus resmungou.

Ele queria saber como ela surgiu, para que pudesse aprender como a encontrou em sua existência sombria. Talvez essa fosse a resposta de por que ele a achava tão surpreendente.

— Não há muito na história. Meu pai ainda estava subindo na hierarquia da guilda quando foi forçado a ir para o sul. Houve um grande problema com os Demônios atacando o muro da fronteira e rompendo, então muitos setores enviaram Caçadores de Demônios para o sul para ajudá-los enquanto eles reconstruíam.

Enquanto ela falava, Faunus estendeu a mão para pegar o frasco de sabão, mas ela agarrou a mão dele para detê-lo. Por alguma razão, ela não queria que ele a lavasse enquanto ela falava disso.

— O sul é diferente de qualquer outro lugar. Eles cortaram a maioria das árvores e construíram um grande muro que atravessa toda a terra para bloquear a maioria dos Demônios. Eles ainda têm cidades muradas, por precaução, mas é como um primeiro bloqueio. Eles já tinham que lidar com Demônios vindos do mar, então eles estavam tentando evitar o assédio constante de ambos os lados. Muitos deles cultivavam e pescavam.

Ela olhou para baixo para ambas as mãos segurando uma das dele. Ela começou a desenhar padrões na palma áspera dele, fazendo

com que seus dedos se contraíssem.

— Você pensaria à primeira vista olhando para ela que ela era uma mulher mansa, especialmente em seus últimos anos... de soldado. Acho que foi por isso que meu pai se sentiu atraído por ela no começo. Se ele era um homem equilibrado, minha mãe era um urso. Ele era muito mais brutal quando ninguém estava olhando, então acho que ele gostava de poder jogá-la por aí. — Ela bufou uma risada quando disse: — Ele odiava quando ela o colocava de bunda algumas vezes quando eles lutavam enquanto eu crescia.

— Ele se ligou a ela por causa disso?

— Não. Como eu disse, ela o perseguiu até a Fortaleza do Espinheiro. Meu pai passava muito tempo com minha mãe quando estava no sul, mas acabou deixando-a lá quando a muralha foi reconstruída e ele foi chamado de volta. Acho que ele nem pensou em ficar porque a casa dele era aqui – ele sempre se recusou a abandoná-la. E sei que todos na história da minha família tiveram que perseguir pessoas que tentaram tomá-la para si quando ela estava desocupada. Seus lindos olhos finalmente se voltaram para os olhos dele, e o humor que ele viu em sua expressão era um pouco sombrio, talvez distorcido. — Depois que ele partiu, minha mãe viajou para o norte sozinha e bateu nos portões da guilda até que eles os abrissem. Ela não estava com medo. Ela sempre foi uma pessoa determinada, uma vez que definia algo em sua mente. Quando finalmente a deixaram ver meu pai, ela exigiu que ele assumisse a responsabilidade por engravidá-la. Meu pai, sendo um homem tenso e fundamental, concordou em se casar com ela e deixá-la cuidar desta casa para ele. Em troca, ele garantiu que ela e eu sempre tivéssemos dinheiro e ele nos visitava para cuidar de nós duas quando podia. Ela me treinou tanto quanto ele.

— Ela não ficou chateada por ter que sair de casa?

Ele foi forçado a deixar a sua, então não entendia por que alguém escolheria isso.

Mayumi deu de ombros.

— Eu disse a você que minha mãe era órfã. Seus pais morreram quando ela era muito jovem, e as pessoas que criaram todos os órfãos

foram forçadas a se mudar muito. Não há muitas aldeias, vilas ou cidades queriam abrigar tantas crianças indesejadas coletivas porque muitas vezes têm medo de tudo - os Demônios, a escuridão, seus futuros. Eles foram expulsos de muitos lugares. Ela não sentia nenhum vínculo com as terras de onde veio e nunca criou raízes. Ela estava alugando um quarto com seu salário. Ela não via sentido em ficar ali, e não ia me criar sozinha quando havia um pai disponível - mesmo que ele estivesse longe. Ela não sabia que estava grávida até ele ir embora, mas isso não iria impedi-la. Ela me disse que, se tivesse morrido no meio do caminho, não era para acontecer, mas ela sabia que não seria capaz de percorrer aquela distância depois que eu nascesse. Eu teria chorado e trazido os Demônios sobre nós.

Faunus ergueu a cabeça para olhar o céu, pensando profundamente. Uma vez que ele tomou sua decisão, ele voltou para baixo e se inclinou para frente para que pudesse acariciar sua língua em sua bochecha.

— Eles estavam certos. Então você deve ser mais parecida com sua mãe.

— Com licença?! — ela gritou. — Você não conheceu nenhum dos meus pais, então como você saberia?

— Ela foi tola por vagar pelo mundo sozinha com você dentro de seu ventre. Assim como você costuma ser tola.

Mayumi agarrou o chifre do lado bom com as duas mãos e balançou a cabeça descontroladamente, fazendo com que a rara ocorrência de ossos chacoalhasse dele.

— Isso é muito maldoso, Faunus!

— Não é verdade? — ele riu. — Atualmente, você está gritando quando estamos do lado de fora no meio da noite. Eu mal posso ouvir se um Demônio está se aproximando com o quão barulhenta você está sendo.

Seus lábios se separaram em descrença. Então ela fez um som estranho de *harrumph* enquanto cruzava os braços sobre seus seios adoráveis e virava a cabeça para longe dele com um beicinho.

— Eu te chatee, — ele disse enquanto tentava ao máximo esconder seu humor. Ele enfiou a ponta dos dedos sob a seção cruzada

dela braços para que ele pudesse apalpar seu peito. — Posso continuar dando banho em você para fazer você se sentir melhor.

— Acho que prefiro sair depois disso. — Seu tom deu uma sugestão de mentira.

— Você não vai sair desta água até que eu tenha certeza de que você não cheira a outros, — ele avisou, o verde imediatamente levantando em suas orbes amarelas — o calor de seus desejos havia morrido durante a conversa. — Eu vou te livrar de seus cheiros, mesmo que eu tenha que forçá-lo.

Suas pálpebras se curvaram e enrugaram com o pensamento antes que ela soltasse os braços, e eles finalmente caíram. Sua cabeça ainda estava virada, no entanto.

— Você é uma boa pequena caçadora, — ele ronronou enquanto pegava o frasco de sabonete.

Ele começou com sua garganta e cabelo depois que ele mergulhou suas costas apenas o suficiente para molhá-lo. Ele sabia que Mayumi estava contente novamente quando ele brincou com o cabelo dela e massageou o sabonete em seu couro cabeludo.

Ela sempre foi fácil de extrair sons, e sua audição sensível os captou, não importa o quão quieta ela fosse.

Ele embalou seu corpo inteiro com um braço, segurando-a na água, enquanto o outro dançava sobre sua carne macia.

— Obrigado por compartilhar tudo isso comigo, — ele finalmente disse enquanto lavava os seios dela, demorando-se ali porque gostava do jeito que ela se contraía. Seus mamilos estavam duros, e ele sabia que ela gostava quando ele os acariciava. — Há tanto que eu poderia aprender de longe e sempre quis saber mais sobre você.

— Você sempre pode me perguntar, — ela disse calmamente, seus olhos se fechando no que só poderia ser contentamento.

— Eu nem sempre sei o que preciso perguntar, — ele disse com sinceridade. — Para ser sincero, não sei o que estou fazendo com você ou por quê.

Seus olhos se abriram ligeiramente. — O que você quer dizer?

— Estive em muitos lugares e vi muitos humanos, mas só você

trouxe paz à minha mente. — Ele passou a mão coberta de sabonete pelo estômago dela, acariciando-a por todo o caminho enquanto ela mergulhava e côncavo sob seus calos ásperos. — Tudo o que sei é que sempre que algo... desagradável aconteceu comigo, você foi a única coisa em que consigo pensar, a única coisa que poderia me aliviar.

Faunus passou por seu monte público para ir para as pernas, sabendo que se ele tocasse lá, ele poderia querer voltar quando já havia prometido que isso seria o mais longe que eles iriam esta noite.

Seus pensamentos não foram ajudados pelo fato de que sua visão estava roxa novamente, e ele podia sentir a parte de baixo de seu pênis endurecido roçando o lado de sua bunda. Até mesmo um de seus tentáculos se enrolou naquele vinco fofo que ela tinha onde sua nádega encontrava a parte de trás de sua coxa.

Mesmo quando Jabez me tinha naquela sala, ela era a única criatura que me mantinha... são.

E toda vez que sua mente finalmente se afastava, era o lindo rosto dela que ele via antes de sucumbir à dor, ou à falta de ar, ou quando seu coração parava temporariamente de bater.

Ela, sem saber, tinha sido sua salvação.

Ele agarrou sua coxa musculosa com força, nunca querendo soltá-la, enquanto dizia: — Sinto-me inexplicavelmente atraído por você, Mayumi.

CAPÍTULO 31

Enquanto estava agachada, Mayumi selecionou cuidadosamente seu pé para se certificar de que não pisaria em nenhuma folha ou pedaço de pau. Ela até testou a neve sobre a qual estava andando para ter certeza de que não era mais profunda do que o normal e não criaria ruído.

Sua respiração era superficial e tranquila, seu pulso calmo e estável.

Do outro lado do cervo, no meio das árvores, ela podia ocasionalmente ver duas esferas amarelas. Faunus estava garantindo que ele não assustasse a criatura na direção errada. Para uma besta tão grande e pesada, seus passos eram quase silenciosos quando ele queria.

Ele estava sendo tão cauteloso quanto ela, porém, por uma razão completamente diferente.

Havia uma chance de que ele pudesse ser enviado para a sede de sangue, uma fúria de caça se o cervo fugisse. Ela originalmente esperava que ele pudesse perseguir o cervo e matá-lo para ela, mas ele a informou que seria muito perigoso.

Ele poderia se virar contra ela assim que terminasse de comer.

Seu rosto estava coberto por um pano saturado de perfume para esconder o cheiro de sangue dele. Sua mandíbula também estava amarrada, só por precaução, por uma corda encantada que ela ainda tinha por ser uma Caçadora de Demônios.

Ela tinha um pequeno arsenal de armas encantadas.

Eles foram abençoados por Sacerdotes e Sacerdotisas em um de seus templos. Eles se recusaram a viver com a guilda ou na maioria das cidades, optando por se isolar a menos que tivessem seu próprio templo dentro da cidade. Com espaço limitado, ter um templo apenas para alguns poucos era inatingível.

Mayumi sempre ficou apreensiva com aquelas pessoas misteriosas e com o rosto coberto. O fato de que eles eram os únicos humanos que podiam usar magia e esconder suas identidades e até mesmo seus corpos em longas roupas e mantos... ela não pôde deixar

de achá-los nada menos que suspeitos.

Ela estava ciente de que estava falando merda, considerando que os Caçadores de Demônios também cobriam seus rostos, mas isso era mais para ficar escondido no escuro do que qualquer outra coisa.

Ainda assim, ela sempre foi grata por sua magia.

Tinha sido uma grande ajuda como Caçadora de Demônios, mas atualmente a estava protegendo de seu monstro grande, mau e de dentes afiados.

Este foi o acordo deles.

Nada poderia cortar a corda além de uma pequena adaga feita de obsidiana abençoada, que ela tinha em seu cinto de armas, e isso a manteria segura. Suas garras ainda podiam ir para matar, mas ela também tinha um chicote encantado em seu quadril.

A maioria dos encantamentos eram apenas para vinculação e proteção. Nada parecia matar ou causar dano adicional.

Honestamente, ela poderia ter feito isso sozinha, mas a ideia de carregar uma criatura tão grande parecia cansativa. Ela era jogo o suficiente para assumir o risco se isso significasse que ela poderia ser preguiçosa.

Ela tinha alguém que poderia carregar a carga para ela, então por que não utilizá-lo?

Mayumi rastejou para mais perto do cervo que ela caçava. Ela procurou por qualquer sinal de Faunus, mas não conseguiu encontrá-lo. Ele estava observando, esperando.

Preciso pensar em outra coisa, ela pensou enquanto concentrava os olhos em seu alvo. *A cola animal não funcionou.*

Alinhando seu tiro com seu arco e flecha, ela respirou fundo e prendeu a respiração. O mundo se aquietou em seus ouvidos enquanto ela estreitava os olhos em seu alvo.

A cola derreteu em seu rosto.

Ela soltou a corda.

A flecha atingiu o alvo e o cervo soltou um mugido angustiado e recuou. Enquanto estava ereto sobre as patas traseiras, Faunus se lançou por entre as árvores.

Ele não teve chance de correr quando ele o agarrou pela cabeça

e o torceu. Derramamento de sangue mínimo, chance mínima de a criatura sofrer uma dor duradoura, chances mínimas de se contorcer. Uma morte limpa, em sua opinião.

Mas agora ela tinha que esperar, abaixando-se apenas o suficiente para ter certeza de que não poderia ser vista. Seus orbes eram vermelhos, e ele estava de pé sobre eles de quatro.

O tremor de corpo inteiro que ele deu foi facilmente visível antes de ele se sentar de cócoras e agarrar seu crânio. Ele balançou de um lado para o outro em suas mãos como se estivesse tentando tirar seus próprios pensamentos de sua mente.

Ele finalmente cedeu e abaixou as mãos para olhar ao redor.

— *Está seguro agora* — disse ele, sem levantar a voz, pois sabia que ela estaria por perto.

— Tem certeza? — ela perguntou... só para ter certeza.

Ele começou a mudar sua forma para poder ficar em duas pernas, sua bunda peluda nua para todos. Ela ainda se recusou a dar-lhe as calças, gostando de vê-lo em toda a sua glória.

Seu rabo se enrolou no que ela *sabia* ser aborrecimento quando ele se abaixou para pegar o cervo em seus braços.

— Eu não teria chamado você se não achasse que era seguro, — ele afirmou antes de se virar na direção em que ouviu a voz dela. — Por favor, vamos nos apressar. Estou desconfortável com minhas mandíbulas fechadas assim. Também não consigo cheirar direito, então só consigo ouvir se o perigo estiver se aproximando.

Mayumi ficou de pé e espanou a neve dos joelhos.

— Eu disse que ficaria bem.

Um bufo bufou pelo nariz.

— Ainda era arriscado. Não sei por que você queria tanto que eu a ajudasse quando poderia ter feito isso sozinha enquanto eu ficava para trás e examinava a área em busca de outros perigos.

Seus ombros saltaram quando ela deu de ombros.

— Eu não cacei com outra pessoa desde a guilda, e queria ver o quão compatíveis éramos no campo. Eu também pensei que seria divertido.

Seu focinho levantou como se ele estivesse pensando em suas

palavras.

— Somos *compatíveis*, então?

— Absolutamente. Eles geralmente exigem vários tiros. Consegui acertar no ponto que o faria recuar, e isso significa que você foi capaz de finalizá-lo. — Ela estendeu a mão e deu um tapinha em seu bíceps. — Levaria algumas horas para enfraquecê-lo e então precisaria levá-lo vivo para casa. Dessa forma, consegui caçá-lo logo antes do anoitecer, e é grande o suficiente para atrair Demônios sem sangrá-lo como fiz com o javali.

— Parece complicado, — ele bufou.

— Isso é. Emboscar Demônios é uma arte que precisávamos aperfeiçoar. — Ela cruzou os braços atrás da cabeça enquanto caminhavam. — Eu moro muito perto de duas aldeias, o que significa que tenho que ter uma morte recente ou uma grande.

— Embora eu já tenha declarado que não vou impedi-la, ainda não entendo por que você está fazendo isso.

— Isso significa que há um Demônio a menos na área para cutucar sua cabeça feia perto dessas aldeias. É só com isso que me importo, cumprir meu dever mesmo que tenha sido dispensada. Ainda tenho duas pernas, dois braços e um batimento cardíaco, e usarei tudo isso para matá-los até o dia da minha morte.

Faunus soltou um grunhido em sua palavra final, mas ela se recusou a esconder o fato de que a morte poderia vir para ela a qualquer momento apenas para impedi-lo de ficar chateado com isso. Quanto mais ele aceitasse que ela morreria um dia, quer ele quisesse ou não, quer ele estivesse aqui ou não, apenas aumentaria o caso dela para ele.

Ter habilidades fantasmas seria muito útil.

Ele explicou melhor para ela, e Mayumi estava absolutamente cem por cento a bordo com a ideia de se tornar intangível.

Imagine todos os Demônios que eu poderia atacar e matar.

Faunus iria transformá-la na Caçadora de Demônios final.

Seus olhos caíram para o lado para olhar para ele, sabendo que ele estava diminuindo o passo para ela. *Passar o tempo que tenho com ele soa... muito bom também.*

E daí se ele estava destinado a morrer antes da eternidade? Com a maneira como ela vivia, ela só tinha alguns bons anos restantes de qualquer maneira.

Seus braços caíram por estarem cruzados atrás de sua cabeça enquanto seu coração dava um pulsar desconfortável. Seus lábios franziram enquanto suas sobrancelhas se enrugavam em uma carranca apertada.

Achei que poderia convencê-lo se a cola funcionasse, mas o calor de seu corpo literalmente derreteu seu rosto.

Ela usou cola animal, pois não conseguiu obter caseína. Tudo o mais que ela encontrou dentro do Posto Avançado de Colt teria picado sua ferida constantemente aberta. Tinha sido sua única chance, e falhou.

Não posso amarrar os chifres dele porque ele disse que apertar a rachadura era insuportável.

Ela não se importava em olhar para o couro sobre o rosto dele ou mesmo para o amarelo nojento da cola nele, se isso ajudasse a mantê-lo vivo por mais tempo. Ela só queria fazê-lo se sentir confiante o suficiente para tomar sua alma.

Eu tentei a cola duas vezes na semana passada só para ter certeza. Ela não estava prestes a desistir só por causa de uma tentativa fracassada. O que mais eu posso fazer?

Ser um Espírito era apenas um bônus, mas a ligação com esse grandalhão era o que sua mente teimosamente agarrava. Como sua mãe, ela era tolamente determinada.

Chame isso de amor ou paixão, mas ela *sabia* que Faunus era a única pessoa em toda a existência com quem ela poderia imaginar ser... feliz.

Não seria fácil. Eles já tinham suas dificuldades, mas esta foi a primeira vez que ela quis perseverar nesses desafios, em vez de mergulhar pela janela para a liberdade.

Por que isso não poderia ser suficiente?

— Você está com aquela expressão no rosto — ele finalmente disse depois de algum tempo andando.

Ela bufou sem entusiasmo. — Aquela em que estou tramando

algo?

— Eu acredito que seu rosto é permanentemente assim, — ele riu, fazendo seu queixo cair em descrença. A audácia deste Caminhante do Crepúsculo! — Não. A outra. Aquela em que algo está incomodando você.

Isso fez com que sua mandíbula fechasse instantaneamente. O nó muscular do canto tiquetaqueou quando ela apertou os molares traseiros.

— Você também está quieta, — ele afirmou casualmente. — Você raramente fica quieta. Você geralmente está me incomodando e me assediando. Preocupa-me quando você não o faz.

Com um bufo falso e um revirar de olhos muito real, Mayumi acelerou o passo. O que não significava nada, porque ele apenas a acompanhou enquanto ela tentava caminhar pela neve espessa e densa.

— Normalmente sou uma pessoa bastante quieta. Só depende do meu humor e com quem estou, — ela disse.

Ahh, desorientação no seu... mais lamentável. Seu arrepio interno teve que ser abafado para não contrair sua bochecha.

— Estou apenas preparando minha mente para esta noite — acrescentou ela. — Você deve estar no estado de espírito certo ao caçar criaturas que tendem a pensar em você como uma presa.

A mentira era agri-doce, pois era parcialmente verdadeira.

Ela simplesmente não queria falar com Faunus sobre seus sentimentos, quão profundos eles eram, ou o quanto ela queria dar a ele sua alma.

Eu não sou uma poeta. Ela não sabia ser suave e gentil com suas palavras, não sabia como formulá-las quase musicalmente.

Ela pensou em abrir suas mandíbulas enquanto ele dormia e enfiar sua alma em sua garganta para que ele não pudesse detê-la. Pronto. Uma solução. Então eles poderiam discutir sobre isso juntos por toda a eternidade, ou pelo tempo que tivessem deixado juntos.

Atualmente, ela via qualquer diálogo sobre o assunto não indo do seu jeito, e ela não era o tipo de pessoa que travava uma batalha perdida. Ela preferia adiar a luta até que ela criasse uma estratégia

onde ela saiba que seria a vencedora.

Antes que Faunus pudesse se intrometer mais, ela viu o topo de sua chaminé à distância e quase suspirou de alívio.

— Vamos, rápido — disse ela, sabendo que era ela quem os atrasava. — As sombras são quase longas o suficiente para que os demônios comecem a se aproximar.

Depois de alguns minutos de corrida da parte dela, eles chegaram ao centro limpo de seu jardim da frente. Ela o instruiu a amarrar as patas traseiras com uma longa corda antes que ele simplesmente... levantasse a coisa para que ela pudesse amarrá-la em uma altura que ela nunca poderia alcançar.

Mayumi verificou a corda que levava ao gancho de aterramento para ter certeza de que estava perfeitamente presa. Então ela correu para dentro e imediatamente largou suas armas em seu cabide e contra a parede ao lado dele com Faunus seguindo atrás dela.

Caminhando pela metade da sala principal, ela já estava tirando a roupa. Ela as jogou em uma bola bagunçada no sofá de um lugar que ela raramente usava e entrou no depósito.

— Ok. Então, primeiro, você vai tapar o nariz e depois abrir o cervo para atrair os Demônios. Estarei no meu lugar habitual no telhado, e você estará nas árvores ou no chão, o que preferir, — ela disse enquanto pulava de volta para a área principal com um pé dentro de suas calças de Caçadora de demônios enquanto tentava a outra para dentro. Ela quase tropeçou no rosto e teve que se equilibrar.

— Vou cuidar de você e garantir que você esteja a salvo de danos.

— Eu sinto que estamos indo pelo caminho errado, — ele resmungou com os braços cruzados sobre o peito e encostado no batente da porta. — Você não deveria ser a única a caçá-los, e eu te proteger?

Seus orbes eram amarelos, mas ela jurou que eles brilharam em roxo quando ela se levantou e colocou as mãos nos quadris. Provavelmente porque ela estava vestindo nada além de suas calças naquele momento, seus seios para fora para ele ver.

— Você sabe o que é um cão de caça?

Ela gemeu quando ele lambeu o focinho e rapidamente vestiu a

camisa justa de mangas compridas do uniforme. Ela a enfiou dentro da calça de couro preta para se certificar de que não subiria e exporia suas costas aos elementos.

— Já vi cachorros com humanos, sim. Eles não são apenas companheiros?

Voltando para o depósito, ela pegou suas botas especiais do baú pessoal que ela tinha em cima de outro. Seus itens pessoais eram frequentemente usados, então causavam pouca poeira no ar.

Ela sempre sentiu vontade de espirrar neste cômodo, no entanto.

— Eles são, mas também são especialmente treinados para caçar outros animais e matá-los ou prendê-los. Depende do comando está dado. — Mais uma vez, Mayumi estava pulando de volta para a sala, um único pé batendo contra o chão. — É uma maneira diferente de caçar. O humano protege o cão enquanto ele corre de cabeça para o perigo.

Faunus deu um grunhido maldoso.

— Eu não sou um cachorro, Mayumi.

— Eu nunca disse que você era um! — ela gritou enquanto colocava seu segundo pé em suas botas especializadas. — Mas você tem garras, presas e é super rápido. Você também é muito forte, e eu simplesmente não consigo evitar de querer usar todo o seu potencial.

Quando ela percebeu que a conversa deles a tinha feito misturar as botas e colocá-las nos pés errados, ela gemeu e sentou-se para tirá-las. Foi um erro fácil... ao correr.

Ela deu de ombros com um braço.

— Você sabia que é literalmente o predador supremo? A ordem é Caminhantes do Crepúsculo, Demônios, ursos, matilhas de lobos e, em seguida, leões da montanha. Os humanos mal estão na balança, mesmo com todas as nossas espadas e flechas. — Ela se levantou uma vez que suas botas estavam no pé direito e começou a enfiar o rabo de cavalo na parte de trás da camisa de couro do uniforme para que pudesse colocar o capuz sobre a cabeça. Ela se virou para ele assim que fechou a boca cobrindo o rosto. — Olha, eu tenho um Caminhante do Crepúsculo aqui, e eu acho você incrível pra caralho.

Mayumi sorriu sob a cobertura do rosto quando seus orbes mudaram para um rosa avermelhado de vergonha.

— Por que não posso usar você como uma extensão de mim mesma na caça, Faunus? Nós juntamos a isca, trouxemos de volta, e agora nós *dois* atraímos Demônios aqui e os matamos. Você, sendo a melhor metade do nosso time, vai derrubá-los, enquanto eu, sendo a metade lenta e mais fraca, estarei no telhado com minhas flechas. Vou aproveitar qualquer chance que puder para matá-los eu mesma e garantir que você não seja pego por trás.

A cor de seus orbes escureceu em seu tom rosa avermelhado. Ele até se inquietou um pouco ao virar a cabeça, então olhou para cima antes de voltar para ela.

Uma carranca enrugou suas sobrancelhas. *Já o elogiei antes. Por que ele está agindo tão tímido agora?*

Ela se perguntou se era demais de uma vez ou se era porque ela estava elogiando seus pontos fortes em vez de seu corpo.

Independentemente disso, Mayumi deu de ombros internamente e se apresentou. Ela ergueu as mãos e removeu o pano que cobria o focinho dele antes de desamarrar a corda encantada que prendia a mandíbula dele – grata por não ter que cortá-la.

Ele abriu suas presas, movendo sua mandíbula inferior de um lado para o outro enquanto a esfregava antes de fechá-las.

Mayumi então estendeu a mão e arrastou a cabeça dele para baixo, segurando a parte superior e inferior do focinho, enquanto o beijava através do rosto cobrindo o lado.

— Eu confio em você, e você é a primeira pessoa com quem eu sempre quis caçar assim que não é da guilda. — Ela encostou a testa no maxilar ossudo dele. — Esta é uma grande parte de quem eu sou. Isso me traz muito alívio não apenas poder fazer isso, mas também fazer isso com você. Não quero que me proteja como se eu fosse incapaz, Faunus. Quero protegê-lo como se fosse forte e astuto.

— Eu confio em você também — disse ele, enquanto esfregava o queixo contra ela. — Mas se eu ficar com raiva, minha mente não será o que é normalmente. Não poderei ver a diferença entre você e eles, amigo ou inimigo. Tudo será uma presa e você sentirá um cheiro

muito mais atraente. Estou preocupado em me voltar contra você.

— Você não vai — afirmou ela sem dúvida. — E mesmo se você fizer isso, vou apenas amarrá-lo e esperar que você saia. — Uma risada começou a sair logo antes de ela dizer: — Talvez possamos nos divertir com isso quando os Demônios forem embora.

Ele devolveu a risada dela.

— Eu pensei que você disse que tinha que preparar sua mente.

— Muito obrigada por isso, Faunus. Vou acenar para você do telhado quando estiver pronto.

Mayumi correu para o cabideiro e tirou o cinto, seguindo-o com a aljava. Uma vez montados, ela agarrou seu arco e o pendurou no corpo.

Ela sabia que Faunus havia saído pelo frio que soprava dentro da casa. Então ela pegou um pedaço duro de pão que havia preparado no dia anterior.

Ele estava de pé ao lado da estaca quando ela estava subindo pela escotilha do teto e no telhado com seu manto marrom cobrindo-a. Seu crânio seguiu seus movimentos enquanto ela rastejava até que ela estivesse em posição.

Quando ela acenou para ele, ele cavou na neve até ter um pedaço de terra lamacenta e começou a enfiá-lo no buraco do nariz. Ainda se preparando, ela puxou uma flecha de sua aljava e a encaixou no momento em que ele caminhou até a carcaça do cervo, enfiou suas garras nela e a rasgou dos quadris ao peito.

Suas entranhas derramaram contra o chão.

Um grande sorriso se espalhou em seu rosto quando ela ouviu um som estranho à distância, como um rugido gargarejante cheio de espuma. Era familiar... e próximo. Pode ter sido farejando onde Mayumi e Faunus originalmente atacaram o cervo.

Ela atirou no cervo, que deixou uma pequena quantidade de sangue para trás.

No momento em que o Demônio invadiu a clareira, Faunus saltou para ele de onde havia recuado para se esconder. O Demônio nem teve chance. Ele simplesmente o rasgou em pedaços com suas garras no momento em que colocou as mãos nele.

Felizmente ele não começou a comê-lo, mas ela não entendeu por que ele o deixou lá depois de morto. Ou por que ele o separou ainda mais quando parou de respirar. Honestamente... foi um pouco mórbido e grotesco.

Ele virou o crânio na direção do telhado, seus orbes já com uma perigosa cor vermelha.

— É melhor você se preparar. — Sua voz era quase como um rosnado em si. — Você quer matar Demônios? — Ele apontou para o que estava no chão. — Isso é isca. Isso vai trazer mais. Vou tentar ir o máximo que puder antes de comer tudo.

A expressão que surgiu em suas feições era provavelmente maliciosa, assim como orgulhosa, enquanto ela o encarava.

Demônios eram canibais. Eles comiam sua própria espécie, e ela não podia acreditar que nunca pensou em separar um para tornar os cheiros no ar mais fortes depois que pendurou a isca e matou um.

Faunus recuou para se esconder mais uma vez, incapaz de ver seu sorriso escondido atrás de sua máscara.

Caçada feliz.

Não muito tempo depois, ela ouviu outro Demônio se aproximando. Ela puxou a corda e apontou na direção que ela sabia que estava vindo.

Estava longe e ela precisou esperar muito tempo. No momento em que saiu da linha das árvores, Mayumi lançou sua flecha - sem se importar se realmente atingisse seu alvo, já que Faunus a protegeria se mudasse de direção e a mirasse. Ela acertou bem entre os olhos do Demônio, e ele deslizou contra o chão para parar bem entre as mãos de Faunus desde que ele estava correndo para pegá-lo.

Foi uma matança limpa, e ela encontrou o olhar de Faunus quando ele se virou para ela. Ele estava de quatro agora, em algum momento mudando para sua forma mais monstruosa para ser mais rápido.

Seus picos, que geralmente eram aerodinâmicos ao longo de seu corpo, estavam atualmente saindo de sua coluna, antebraços e panturrilhas. Ele parecia ameaçador, selvagem e tão incrivelmente sexy que a fez morder o lábio.

Eu preciso transar com ele enquanto ele está assim.

Ela sabia que se as coisas corressem bem esta noite, e ela fosse capaz de observá-lo ser bestial e predatório, ela estaria imaginando isso a noite toda.

Parece que vou quebrar várias regras dos Caçadores de Demônios no campo esta noite.

Ela quase riu ao recontá-los enquanto encaixava outra flecha na corda do arco.

Regra um: não tenha medo até o seu último suspiro. Uma regra fácil de seguir. Ela não conseguia se lembrar se já havia sentido medo em sua vida.

Regra dois: esteja preparada para morrer. Outra fácil. Ela estava sempre preparada para o pior resultado possível.

Com Faunus ao seu lado, ela duvidava que a morte viria para ela esta noite.

Regra três: nunca se distraia. Ela já havia quebrado essa regra, em vez disso imaginando Faunus de quatro com ela embaixo dele. Prendendo-a, dominando-a enquanto ela gritava com abandono.

Seu coração gaguejou apenas com o mero pensamento.

Regra quatro: mantenha seu perfume mínimo.

Já era tarde da noite, a lua minguante subindo mais alto, e Mayumi pensou que tinha uma poça tão profunda entre as coxas que estava encharcando sua calcinha.

Ela se perguntou se os demônios poderiam captar sua excitação, mas ela também se importava muito pouco se pudessem.

À medida que a noite avançava, ela contou mais regras.

Regra Nove: nunca tire os olhos do alvo.

Ela encaixou outra flecha e disparou nas costas de um Demônio que estava se esgueirando por trás de Faunus enquanto ele enfrentava outro.

Eles conseguiram atrair vários Demônios, mais do que ela já tinha visto antes, por causa do número de corpos sagrando que eles coletaram. Faunus acabou perdendo a cabeça para quaisquer forças que o deixassem desequilibrado, mas ele nunca teve a chance de se voltar contra ela.

No momento em que ele começava a comer tudo ao seu redor, outro Demônio vinha roubar sua comida – e então morrer.

Regra doze: se seu companheiro estiver ferido, não tente ajudá-lo. Proteja-os de uma distância segura até o nascer do sol.

Essa era uma regra sombria e agourenta. Se alguém tentasse ajudar um companheiro sangrando, havia uma chance de que eles próprios fossem mortos tentando enfaixar sua ferida – uma ferida que continuaria a atrair os Demônios.

Era melhor protegê-los à distância e esperar que ambos pudessem durar até o sol nascer.

Mayumi *sempre* seguiu aquela regra, mesmo quando não queria. Ela foi odiada por muitos como líder de equipe e não conseguia contar o número de mortes humanas resultantes de sua decisão. Ela também salvou muitos mais ao fazer isso.

Mas ela quebraria essa regra se Faunus estivesse em sério perigo. Ela pularia desse mesmo telhado com a espada erguida acima da cabeça, se necessário – mesmo que isso a colocasse em sua visão enfurecida – contanto que o crânio dele não rachasse ainda mais.

Ela faria isso em um piscar de olhos.

Regra dezessete: se você vir um Caminhante do Crepúsculo, você pode escolher lutar e morrer ou correr e morrer – não há escapatória.

Aqui estava ela, lutando ao lado de um enquanto também se perguntava como poderia ficar em cima de seu pênis sem ser espancada até a morte. Sua respiração era difícil, suas bochechas quentes de excitação.

Ela até considerou se abanar quando ele soltou um rugido bestial de mamilo perolado e espasmódico para o céu, coberto de sangue da cabeça ossuda aos dedos das patas. Ela queria que ele rugisse assim enquanto ele estava batendo nela e forçando-a a se afogar nas ondas do esquecimento cheio de felicidade.

Regra dezoito...

CAPÍTULO 32

Com a cabeça apoiada no travesseiro do ombro de Faunus, Mayumi deixou os olhos se abrirem lentamente.

Com partículas de poeira dançando ao redor deles na luz do sol que se filtrava no quarto, a primeira coisa que a cumprimentou foi seu peito peludo envolto em ossos subindo e descendo lentamente enquanto ele se deitava de costas para ela. A perna em que ela estava deitada estava reta, enquanto a outra estava dobrada e jogada sobre o tronco dele. Foi o mesmo para seus braços.

Seu corpo inteiro estava pressionado contra ele, embora não o suficiente para se tocar, já que ela estava vestindo uma camisa.

Houve uma leve pontada de garras na parte de trás de suas coxas, já que a mão dele estava embalando sua bunda, seu dedo médio perigosamente perto de estar entre suas pernas.

Ela esfregou o rosto sonolento contra ele para acordar ainda mais antes de deixar seu olhar cair em uma das janelas ao lado da lareira.

Já passa do meio-dia, pensou ela, notando como o céu estava claro. Um pássaro voou acima, dando um piado que ela não percebeu totalmente.

Em vez disso, ela deixou seus olhos caírem de volta para o peito dele para que ela pudesse seguir as pontas dos dedos mergulhando em seu pelo. *Estávamos acordados mesmo depois que o sol nasceu.*

O inferno teria congelado antes de Mayumi deixar Faunus entrar em sua casa limpa, saturado do crânio aos pés com patas em sangue de demônio. Um banho foi ordenado, e ele aceitou o pedido resmungando.

Um sorriso curvou seus lábios.

Ele não reclamou quando eu lhe dei uma massagem, no entanto.

Na verdade, ele conseguiu ficar sonolento enquanto ainda estava parcialmente na água com os braços e a parte superior do peito deitados na beira do chão. Ela tinha certeza de que ele estava ronronando o tempo todo.

Ao mimá-lo depois de lutar contra Demônios durante a noite, foi Mayumi quem finalmente adormeceu deitada sobre suas costas.

Ela não se lembrava de ter sido carregada para dentro. Talvez ela tenha percorrido a distância meio adormecida. Independentemente disso, ela não conseguiu fazer o que queria.

Continuando a passar os dedos por seu longo pelo, suas bochechas incharam quando ela fez um beicinho inchado. *Eu queria apreciá-lo por todo o seu trabalho duro.*

Ou melhor, ela queria apreciá-lo pelo magnífico show que ele deu durante a noite. Embora ela ocasionalmente ajudasse, tornou-se mais um espetáculo para ela.

Com a lua mal iluminando seus movimentos, ele foi tão rápido nas sombras das árvores que se ela parasse de observá-lo por um momento, ela o perderia. Talvez fosse porque não havia Demônios fortes, mas a crueldade que ele demonstrou ao destruir qualquer coisa que entrasse na clareira era inspiradora.

Claro, ele ganhou alguns ferimentos. Ela até roçou a ponta dos dedos perto de um que estragou seu peito, mas não o atrasou em nada.

Devo acordá-lo? Ela passou a mão mais abaixo e finalmente encontrou a depressão onde estava a costura. Um pequeno sorriso encheu suas feições quando se contorceu sob seu leve toque.

Ele disse que eu poderia acordá-lo com seu pau. Ela lambeu a costura de seus lábios.

Quando sua costura mergulhou e apertou enquanto ela avançava sobre ela, Mayumi tomou sua decisão. Ela cuidadosamente se contorceu para baixo até que o lado de sua testa estava descansando sobre a parte inferior da costela do peito dele. A palma da mão dele ficou grudada na bunda dela como se, mesmo dormindo, ele não quisesse abandoná-la.

Ela acariciou sua costura para cima e para baixo com um toque leve como uma pluma, provocando-o. Depois de dançar com os dedos sobre ela algumas vezes, uma ligeira protuberância começou a surgir debaixo de sua carne.

Não abriu, mas a ponta de um tentáculo saiu para se enrolar em uma das pontas dos dedos como se dissesse olá antes de escapar

novamente.

Isso ia ser muito mais difícil do que com um homem humano. Seus paus estavam sempre pendurados, tornando fácil acordá-los com uma punheta ou um boquete.

— Faunus, — ela chamou levemente, percebendo que seu pênis não estava empurrando.

— Mmm? — foi a única resposta que obteve.

Quando mais persuasão não funcionou, ela começou a dedilhar suavemente para entrar. A tensão que o segurava não permitia, e ela soltou um suspiro.

Tudo bem então. Ela se arrastou sobre ele até abrir caminho com os joelhos entre suas grossas coxas.

— Mayumi? — ele perguntou, na voz mais grogue, sonolenta e rouca que ela já tinha ouvido em sua vida enquanto pressionava os lábios no meio de sua costura.

Ela deu um pequeno gemido apreciativo de contentamento ao som de sua voz antes de dar beijos propositalmente altos nele.

— Você tem que se abrir se quiser que eu toque em você, — ela afirmou entre beijos, olhando para cima para ver que Faunus não se moveu um centímetro, nem parecia abrir sua visão.

Ela sabia que ele estava acordado quando ele estendeu a mão e deu um tapinha na parte de trás de sua cabeça, raspando suas garras em seu cabelo e em seu couro cabeludo. Apenas pelo pequeno arrepio que ele deu a ela, ela lambeu e sentiu sua costura contrair loucamente sob sua língua. A protuberância cresceu exponencialmente maior.

— Diga por favor, — ele gemeu, seus quadris levantando um pouco antes de se acomodar. Ele estava tentando esconder isso dela de propósito, o bastardo!

O sorriso que curvou seus lábios era tortuoso. Mayumi tinha sido gentil até agora, tentando convencê-lo bem.

Ela passou as pontas das unhas pela parte interna das coxas dele, começando pelos joelhos e fazendo as pernas dele se apertarem e estremecerem enquanto ela girava a língua em padrões.

Não haveria nenhum favor dela, não quando ela podia senti-lo se separando, apesar de obviamente tentar se conter. Mayumi enfiou a

mão, lentamente, mas com força desta vez. Ela ultrapassou a costura dele e soube pela textura que a saudou que os tentáculos dele haviam girado em torno de seu pênis, impedindo sua liberação - ou estavam até que ela enfiou a mão dentro.

Seu pênis empurrou para frente ao longo deles enquanto suas costas se curvavam.

— Por que isso foi bom? — ele gemeu, assim quando seu crânio apontou para baixo, e ela observou seus orbes se iluminarem.

Roxo a cumprimentou. Roxo brilhante, na verdade.

— Você me diz, — ela murmurou com os lábios contra um tentáculo, tentando fazê-los relaxar para que ela pudesse chegar ao centro gostoso dele. — Agora, você vai me dar o que eu quero, ou vou começar a arrancar seus tentáculos com os dentes?

— Eu gostaria de ver isso — ele riu sem entusiasmo.

Ela cuidadosamente mordeu a ponta de um tentáculo e puxou. Houve muita resistência, mas quando ela finalmente o soltou, ela notou que seu pênis pontiagudo estava latejando fortemente. Até as veias dele pulsavam visivelmente.

— Você está tornando isso difícil de propósito.

— Você... — ele começou, logo antes dela mergulhar a língua no espaço entre seus tentáculos que ela abriu e lambeu seu pênis liso.

— *Nhn*. Você ganhou.

Eles finalmente liberaram, e sua ereção completa empurrou todo o caminho para frente. Mayumi imediatamente agarrou-o com as duas mãos e lambeu a cabeça antes que ele pudesse fazer qualquer coisa para detê-la.

— Você normalmente não é tão... ativa pela manhã, — ele murmurou, agarrando seu cabelo.

— Continuei pensando na noite passada. — Sua resposta foi abafada pelo que ela conseguiu colocar dentro de sua boca. — Acho que nunca vi nada tão quente quanto você lutando contra Demônios para mim.

Uma respiração suspensa caiu dele quando ela começou a mover ambas as mãos para cima e para baixo na cintura pesada dele enquanto girava a língua ao redor da ponta. Então ela lambeu

docemente dele, dando um zumbido de satisfação contra ele com o gosto.

— Até eu sei que é uma coisa estranha de se excitar, Mayumi.

Ela riu.

— Achei que já tínhamos chegado à conclusão de que eu fico excitada com coisas estranhas.

Inferno, ela estava aqui quase babando pela boca cada vez que sentia o gosto inebriante de capim-limão, limão e lubrificante de pênis de Caminhante do Crepúsculo. Ela mamou sobre um de seus espinhos no lado do eixo entre suas mãos, sua língua lambendo antes que ela se movesse para outro.

Então ela mordeu o lado dele decentemente forte. Faunus gemeu enquanto apertava o cabelo dela com mais força a ponto de ela sentir uma picada no couro cabeludo.

— Por que eu seria diferente vendo você sendo incrível, meu grande, sexy, assassino, Caminhante do Crepúsculo! — Mayumi gritou quando Faunus rolou para se sentar enquanto forçava a boca dela para longe de seu pênis.

Antes que ela pudesse se orientar, sua camisa foi removida enquanto ela era levantada. Suas costas foram empurradas contra algo duro, e as extremidades de seus membros parcialmente penduradas sobre a borda. O ar frio roçando seu corpo agora nu fez com que seus mamilos já endurecidos se contraíssem.

Faunus a deitou sobre a mesa de centro onde costumavam jogar.

Então ele estava ao seu redor, seu corpo maior permitindo que ele se apoiasse nos joelhos e um braço esticado contra o chão com ela elevada pela mesa.

— Ei ,— ela disse baixinho com pequenos bufos, sua rapidez fazendo com que ela ficasse sem fôlego. Isso a lembrou de todas as vezes que seus olhos não conseguiram acompanhar a velocidade dele na noite passada. — Eu não terminei.

A cabeça dela se moveu quando ele usou a mão livre para abrir caminho sob a cabeça dela e apoiar a parte de trás dela.

— Incrível e sexy? — ele ronronou, enterrando a ponta de seu

focinho logo atrás da orelha dela e respirando-a. Ele mordiscou seu pescoço. — Estou começando a sentir que você gostou de me ver naquela forma, Mayumi.

— Mmm. — Ela ergueu o queixo para o lado para que ele pudesse ter um melhor acesso. Sua jugular recebeu uma lambida áspera em troca. — Talvez um pouco. Eu não me importaria se você me fodesse assim.

— Você tem um *monstro* em seus braços e quer que ele seja ainda mais monstruoso. — Sua voz era áspera e rouca, insinuando com a quantidade certa de humor provocador que provocou um arrepio nela.

A pele de Mayumi ficou ainda mais vermelha do que antes, e ela deu um pequeno miado.

Então ela estendeu a mão para que pudesse passar as mãos pelo torso dele, sobre o peito e no pelo do pescoço que se conectava à parte de trás do crânio. As pontas de seus dedos roçaram seus chifres de carneiro.

— Gosto de todo você, Faunus.

Suas presas deram pequenas mordidelas em sua pele, quase timidamente.

— Você cheira tão bem, — ele gemeu, sua mão saindo debaixo dela para que ele pudesse acariciar seu corpo da maneira oposta que ela tinha. Seu peito se ergueu quando a grande palma dele acariciou seus sensíveis e doloridos mamilos ao mesmo tempo. Isso fez com que seu abdômen se esfregasse contra seu pênis e tentáculos, espalhando umidade sobre ela. — Normalmente, seu cheiro é contaminado por mim e couro, mas você não cheira a nada além de abóbora e sono. Você cheira limpo.

Quanto mais ele a respirava, mais grogue sua voz soava - como se ele quisesse voltar a dormir em cima dela.

— Nós tomamos um banho antes de irmos para a cama. — Seu corpo se encolheu quando a palma áspera dele varreu de seu seio direito para o esquerdo, sua mão deslizando sobre o quase plano de seu peito para brincar com eles, para provocá-los, já que havia pouco para ele segurar. Sua voz estava ainda mais baixa quando ela disse: —

E nós não fizemos sexo ontem.

Sua respiração engatou quando ele deslizou suas garras por seu torso, e seu interior teve um espasmo, seus músculos abdominais se contraíram em antecipação sob as pontas deles.

— Isso me dá vontade de fazer uma bagunça dentro de você.

— *Faunus*, — ela gemeu, abrindo suas coxas quando os dedos dele acariciaram o pelo encaracolado sobre seu monte púbico. Ela agarrou a pele na parte de trás de seu pescoço.

— Você cheira tão molhada para mim, Mayumi. Se eu tocar em você, você vai molhar meus dedos? — O bastardo apenas dançou as pontas deles acima da fenda de sua vagina.

— Você já sabe a resposta. Apenas me toque.

Seu clitóris formigava e implorava por atenção, enquanto suas entranhas latejavam com uma necessidade desesperada de torcer alguma coisa. Ela queria esta última noite, ser tocada e provocada. Se ela não estivesse tão cansada, teria se assegurado de que ele a fodesse para dormir, em vez de adormecer na banheira.

Seus dedos indicador e médio deslizaram em suas dobras para acariciar o broto carente de seu clitóris de ambos os lados. Um gemido agudo escapou de seus lábios, e seus quadris subiram, empurrando-o até que as pontas fizessem cócegas em sua entrada.

Um *ronronar* apreciativo começou a sair de seu peito.

Ela pressionou seu peito contra ele para que pudesse sentir aquela vibração estrondosa contra seus mamilos, mesmo que fosse apenas por um momento desde que ele se inclinou para trás.

Enquanto ele olhava para ela, ele a cutucou esfregando em sua entrada. Ela apenas ofegou em seu rosto divino, profano e com caveira, sabendo que o dela era rosa com profunda excitação. A qualquer momento, ela temia que sua própria respiração começasse a embaçar com o calor que crescia dentro dela.

— Você está... — Cortando qualquer pergunta estúpida que estava prestes a sair dele, Mayumi desordenadamente passou a língua em suas presas fechadas.

— Oh! — ela gritou quando sentiu suas garras se enterrando logo antes de ele enfiar aqueles dedos grossos dentro de sua boceta

molhada e trêmula.

No momento em que seus lábios se abriram e sua língua apareceu um pouco, Faunus abriu suas presas e enterrou sua língua dentro de sua boca. Seu gemido foi abafado e ficou quieto, mas consistente quando ele começou a empurrar os dedos para dentro e para fora.

Ela tentou fazer sua língua brincar com a dele. Ela até o perseguiu quando saiu de sua boca. O barulho que ela ouviu entre as pernas era distinto, revelando o quão encharcada ela estava, quanto líquido ele estava movendo.

Como ela estava pateticamente excitada.

Houve um breve momento quando os dedos dele a deixaram, e ela sentiu o movimento do braço dele. Mayumi tentou envolver as pernas ao redor dele quando soube que ele estava acariciando seu pênis para persuadir seu lubrificante a umedecê-lo novamente, esperando que ele estivesse se preparando para empurrá-lo para dentro dela.

Quase pareceu cruel quando foram seus dedos cobertos de lodo que ele deslizou de volta para dentro, mas ele a deixou quieta quando apalpou seu clitóris. Suas estocadas não eram rápidas, mas ele empurrou cada uma para cima contra a frente de seu canal para encontrar o ponto sensível que a faria se separar para ele. Ele o roçou, mimou, deu atenção quando o encontrou e depois desenhou um círculo com os dedos sobre ele.

Eventualmente, seus braços envolveram seu pescoço. Era raro ela conseguir abraçá-lo assim, já que ela era muito menor do que ele. Ela geralmente tinha que abraçar seu torso. Isso ou ele teria que arquear as costas desajeitadamente.

E agora que ela estava acostumada com isso, ela adorava ter sua longa e chata língua em sua boca para ela chupar.

Ele sempre me faz sentir tão bem. Com os pés apoiados na borda da mesa, ela empinou os quadris na mão dele com os joelhos bem abertos. *Eu adoro fazer isso com ele.*

A única razão pela qual ele interrompeu o beijo estranho foi que Mayumi havia parado de cumprimentá-lo. Ela mal conseguia

respirar e estava agradecida pelo indulto, já que estava prestes a se dissolver em uma poça feliz.

Oh Deuses. Seus dedos são tão longos e grossos. Ela não se sentia confortável perto deles, mas eles eram maravilhosos mesmo assim. Eles podiam mirar, podiam mexê-la da maneira mais sublime.

— Dentro de mim, — ela implorou, sem se importar com o quão patética sua voz soava. — Eu preciso de você dentro de mim. Estou prestes a vir. Por favor.

Ela queria aquela cintura grossa batendo nela. Ela precisava disso, ansiava por isso, ansiava por isso. Ela até olhou para baixo, tentando procurá-lo através da abertura de seus corpos. Ela queria ver o que estaria dentro dela.

— Não até que você goze para mim assim — afirmou - só porque sabia que ela estava desesperada com o quanto ela estava ondulando em sua mão.

E ela o apreciava por isso.

— Eu gosto quando você está toda carente assim. Quando você me implora por isso com sua boca ou com o jeito que sua boceta suga meus dedos avidamente.

A cabeça de Mayumi tombou para trás, as costas curvadas profundamente e os dedos dos pés enrolados enquanto ela soltava um poderoso grito agudo. Ela puxou seu pelo enquanto gozava, o líquido se formando dentro de seu canal. Seus dedos se moviam dentro e fora dela mais rápido, e ela pensou ter visto estrelas em sua visão turva e escurecida.

Faunus enterrou seu rosto ossudo contra a coluna exposta de sua garganta e soltou um suspiro profundo, quase como um suspiro de alívio ou gratidão.

— Aqui vamos nós. Você é uma boa pequena humana me dando o que eu queria, — ele retumbou quando seus espasmos começaram a diminuir.

Ela relaxou sob seu calor, mas seu coração ainda batia rápido quando ele finalmente tirou os dedos dela.

Sua cabeça estava voltada para ela para ter certeza de que ela viu quando ele levantou a mão e espalhou seu orgasmo sobre o buraco

do nariz e focinho para manchar com seu cheiro. O show parecia quase primitivo, até selvagem. Então, ele abriu suas mandíbulas e usou sua língua roxa para lambar a nata de seu orgasmo de seus dedos e palma.

Seus orbes roxos brilhantes escureceram para preto enquanto ele gemia profundamente, como se o gosto dela fosse delicioso contra suas papilas gustativas. Ela até notou que as partes inumanas dele se agitaram e estremeceram enquanto ele provava seu gosto.

Seus olhos ofuscados se suavizaram por ter essa pessoa notável acima dela. Apenas ele fazendo tudo isso tinha seu corpo satisfeito, preparando-se para mais.

Então sua mão disparou para a coxa dela, quase dando um tapa, para que ele pudesse agarrá-la com força e manter as pernas abertas. Seus quadris subiram para frente, e sua respiração engatou quando a ponta de seu pênis deslizou sobre suas dobras. A suave extensão dele a seguiu, e ela tentou fechar as pernas para poder capturá-lo entre elas. Apenas um se moveu até que ele soltou o outro.

— Eu juro que seu pau foi feito para fazer isso, — ela murmurou, empurrando seus quadris para ele.

Ele colocou a mão ao lado de sua cabeça novamente para apoiar seu corpo maciço acima dela. — Fazer o que?

Quando ele se afastou para empurrar através de suas dobras novamente, ela não conseguiu conter o miado lascivo que saiu dela.

— Meu clitóris se encaixa perfeitamente no sulco na parte de baixo de você. — Ela mordeu o interior do lábio na parte de trás e agarrou os dois bíceps dele para segurá-lo, tocá-lo de qualquer maneira, enquanto ela se firmava nisso. Seu corpo estava sensível agora, e o deslizamento molhado de seu pênis lubrificado era como uma bela tortura. — É uma sensação incrível.

O sensível feixe de nervos estava aninhado dentro daquele sulco profundo e sendo acariciado pecaminosamente por todos os lados.

O calor que se espalhava por seu esterno era familiar e bem-vindo, mas tão abrasador que fazia seu peito tremer a ponto de até mesmo seus seios balançarem.

Ela olhou para baixo para assistir, recusando-se a olhar para

ele, enquanto sussurrava: — É como se você tivesse feito isso comigo, Faunus.

A ideia de que eles foram 'feitos' um para o outro era uma noção tola. Eles não eram nada mais do que duas criaturas cujos destinos acidentalmente se entrelaçaram. No fundo, ela sabia que eles não deveriam ficar juntos. Ele era um Caminhante do Crepúsculo, ela era uma humana. Eles eram tão diferentes, e ainda assim... ela não conseguia deixar de pensar que Faunus era o único homem perfeito para ela.

Uma luz brilhante começou a brilhar entre seus seios no momento em que um fio de fogo passou por sua carne.

Ela notou que seu pênis inchou em reação ao ver sua alma tentando emergir, causando uma gota pesada de pré-sêmen bem no muito ponta quando ele empurrou mais forte. Até pingou em seu estômago para deixar uma linha pegajosa unindo-os.

Ele empurrou a palma da mão contra o brilho.

— Eu não aguento quando você faz isso, — ele murmurou? Gemeu? Seu corpo fez aquela coisa estranha de *ronronar* que ela o provocava — como se suas entranhas quisessem cantar para ela de todas as maneiras imagináveis.

Ela gostou de poder dar a ele uma reação tão intensa, e seus olhos se enrugaram quando eles se curvaram, seus lábios se curvando conscientemente.

Não havia nada que ele pudesse fazer ou dizer que a fizesse se conter.

Ela podia sentir pequenos movimentos, como se sua alma estivesse batendo descontroladamente contra a palma de suas mãos e pés. Estava desesperada para sair, desesperada para que ele a roubasse.

Faunus abaixou-se para que seu peito fosse o único que a continha e pudesse deslizar livremente as duas mãos por baixo do corpo menor de Mayumi. Agarrando os vincos onde a parte inferior de suas nádegas encontravam suas coxas, ele a ergueu da pequena mesa de café e sentou-se com as pernas cruzadas.

Embora esta posição significasse que ela estava pairando no ar,

ela confiava nele. Suas próprias pernas envolveram a cintura dele, mas ele era muito grande para ela cruzar os tornozelos.

Mayumi só tinha os braços em volta do pescoço dele por alguns segundos antes de ser forçada a soltá-lo quando ele a posicionou sobre a cabeça de seu pênis e a empurrou até o fundo em um movimento fluido, duro e rápido.

Seu gemido surpreso, mas rouco, foi abafado pelo dele, muito mais alto e profundo. Ambas as cabeças se inclinaram para trás com a pressão.

O calor dentro dela era tão imenso que a fez amolecer ao redor dele, e ainda assim, seus corpos estavam tão aconchegados que ela sabia que devia estar estrangulando seu pênis. Ela não sabia se era o lubrificante dele que a fazia sentir como se estivesse encharcada, ou se era o orgasmo que ele lhe dera, mas permitiu que ela se inclinasse para trás com facilidade, agarrando seu pelo e moendo-o dentro dela usando suas panturrilhas.

Ela mexeu o pênis dele dentro de sua boceta, enquanto se inclinava para trás para olhar para baixo, para suas pélvis encostadas uma na outra, observando.

Isso separou seus corpos, e o brilhante brilho alaranjado atravessou sua carne enquanto sua alma abaixava sua cabeça.

Quando isso aconteceu, Faunus soltou sua bunda para que ele pudesse agarrar suas mãos. Ele puxou o aperto de garra que ela tinha em seu pelo e empurrou as mãos dela atrás das costas com ambas dobradas.

Ele arqueou suas costas, forçando-os juntos mais uma vez. O peito dela se comprimia fortemente contra o torso dele toda vez que ela respirava.

— Não podemos nos mover assim — afirmou ela.

Pelo menos, não com as coxas dela em volta da cintura dele e as pernas cruzadas.

Ele abaixou a cabeça e roçou a ponta do focinho no cabelo dela.
— Tão impaciente. Sempre tão carente e exigente para que meu pau se mova dentro de você.

Faunus trouxe seu rabo para frente e envolveu o meio dele em

torno de seus antebraços para prendê-los juntos. Ela enrolou as mãos em punhos, cada um descansando na parte de trás de sua cintura.

— Você vai ficar, — ele exigiu, agarrando sua bunda novamente e dando a cada bochecha firme uma massagem entusiástica.

Ele a ergueu lentamente em seu pênis, e quanto mais alto ela subia, mais seus pulmões e torso pareciam estremecer. Com a cabeça sendo apenas um pouco maior, ela sentiu sua entrada se abrindo por dentro antes que ele a deixasse cair de volta.

Sua cabeça se inclinou para trás enquanto ele soltava um gemido estrondoso, movendo-a para cima e para baixo em seu pau gordo em um ritmo lento e agonizante.

— Contenha sua alma, Mayumi. — Ela não sabia se era uma exigência ou um apelo, mas parecia que ele *ansiava* por ela fazer isso. — Está tão quente que dá para sentir. — Então, sua voz se transformou em um sussurro quando ele disse: — Está bem ali. Eu posso sentir isso me chamando.

Sua respiração engatou com o horror que ela ouviu, como se ele estivesse ficando frenético tentando sair. Mayumi gemeu quando suas paredes internas o apertaram em reação, a ideia de que ele poderia estar perdendo a cabeça por causa disso a fez estremecer com arrepios.

— Não. — Ela *queria* que ele fosse atormentado.

Ela queria que ele doesse até o âmago de seu ser até que ela soubesse que o havia abalado completamente.

O grunhido que ele deu foi o único aviso que ela recebeu antes que a ponta de sua cauda se enrolasse em sua garganta. Ele puxou a cabeça dela para trás enquanto a virava para ela, seus orbes queimando em vermelho por alguns segundos fugazes.

Não havia nada que ela pudesse fazer. Ela não conseguia nem chutar as pernas, já que elas eram tão largas quanto ela conseguia, e ela não conseguia trazer os joelhos até o peito, pois isso mudaria desconfortavelmente o ângulo de encontro de seus corpos.

Com os braços ainda atrás das costas e o rabo dele em volta de sua garganta, ela estava completamente presa.

— Você não tem ideia do que eu quero fazer com você,

Mayumi, — ele disse, seus movimentos para cima e para baixo aumentando em rapidez. — Existem coisas que desejo, coisas que desejo, que me consomem.

Ele começou a fazer seu pênis ficar mais raso, fodendo-a apenas com metade dele, então eles estavam mais no nível dos olhos. A cabeça agora continuava cavando repetidamente no ponto inchado dentro dela.

Seus lábios se separaram enquanto seus gemidos se tornavam mais agudos.

Assim que ela abriu os lábios para dizer a ele para continuar batendo nela ali mesmo, a pressão em seu pescoço aumentou.

— E toda vez que vejo sua alma, você me empurra um pouco mais perto de tirá-la de você.

A pressão era tão constrangedora que fez sua cabeça esquentar e nadar. Era como um aviso, uma ameaça, que fazia com que ela soubesse que ela estava à sua mercê, que ele estava em controle de tudo. Sua vida, sua respiração e até mesmo seu fluxo sanguíneo.

A pulsação que formigava em todos os seus lugares delicados, como sua boceta, seus seios, até mesmo os feixes de nervos em seus pulsos, batia mais forte. De repente, ela queria que ele apertasse com mais força — estava muito mole agora.

Ela podia respirar atualmente, mas estava bem em não conseguir por um momento. O sangue estava fluindo, e ela estava feliz por ele estrangular sua jugular se isso a levasse ainda mais rápido ao orgasmo.

Nem uma vez ela tinha sido dominada assim, controlada a este ponto. Ela já havia sido imobilizada antes, mas nunca fora absolutamente incapaz de fazer qualquer coisa.

Eles mal estavam fazendo sexo. Era mais como se ele estivesse usando seu buraco como uma ferramenta de masturbação enquanto a levantava para cima e para baixo sobre seu enorme e desumano pênis.

— Diga-me — ela engasgou.

— Você pode não gostar de tudo isso — alertou.

O roxo de seus orbes olhava diretamente para ela enquanto ela era forçada a olhar para seu rosto etéreo e profano, fazendo sua mente

ficar entorpecida. Naquele momento, ela pensou que ele poderia lhe dizer qualquer coisa, desnudar-se para ela, e ela aceitaria, daria as boas-vindas, daria a ele contanto que ele continuasse se movendo dentro dela.

Seus olhos lacrimejaram quando sua língua cutucou para frente, como se isso a ajudasse a respirar através de suas respirações estranguladas.

— Faunus... — Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Ela esperava que ele entendesse o que ela estava tentando transmitir.

Um grunhido rosnado veio de suas presas antes de ele abaixar a cabeça e bater com o focinho logo acima da têmpora esquerda. Ele engrossou dentro dela, inchando e fazendo-a se sentir mais cheia antes de voltar à sua circunferência normal.

— Eu quero pegar essa sua pequena alma fofa e consumi-la. Eu quero torná-la minha, para que ninguém mais possa pegá-la, para que ninguém mais possa ter você, — ele murmurou, e a sensação de seu hálito quente sobre a orelha dela fez o cabelo atrás dela ficar em pé.

— Pegue... — Antes que ela pudesse terminar de dizer a ele para pegar, ele a golpeou todo o caminho para baixo em seu pênis para deixá-la quieta.

Porra, estou tão perto.

Ele estava indo devagar o suficiente para que ela estivesse oscilando no limite. Ela estava bem ali, prestes a explodir e se estilhaçar em um milhão de fragmentos como vidro.

Ela se perguntou se ele sabia. Ele devia ter notado a forma como suas entranhas tremiam constantemente, como suas coxas se contraíam e as pernas se contorciam atrás dele. Os dedos dos pés enrolados e os pés arqueados a ponto de sentir mini câibras agredindo-a e teve que relaxá-los intencionalmente.

Ela era uma mistura emaranhada de prazer e dor, e queria mais de ambos.

— E então, uma vez que eu tomar, — ele retumbou, seus tentáculos segurando seus quadris enquanto ele se golpeava com golpes curtos e profundos. Ela se encaixava perfeitamente agora, mas

ela podia sentir a ponta dele empurrando contra seu colo do útero uma e outra vez. Não forte, mas o suficiente para mostrar sua maravilhosa profundidade. — Quero levá-la ao Véu. Quero escondê-la, abrigá-la na escuridão onde ninguém possa encontrá-la, onde ninguém possa tirá-la de mim e...

Sua voz falhou como se ele estivesse hesitante sobre o que ele queria dizer a seguir.

No entanto, ela sentiu seu pênis inchar novamente, sentiu seus tentáculos apertá-la ainda mais forte que ela tinha certeza de que a estavam machucando. Suas garras cravaram em sua pele enquanto suas mãos agarravam sua bunda com mais força. Mesmo as pancadas de seu eixo eram mais rápidas.

O que quer que ele quisesse dizer o estava deixando em um frenesi.

A cauda dele a empurrava mais contra ele pelos braços enquanto puxava a cabeça dela para trás ao mesmo tempo, assim como a dele virava para cima em direção ao teto.

O tremor de corpo inteiro que ele deu foi tão intenso que até a sacudiu. Ele parecia tão animado.

— Foda-se, Mayumi... eu quero criar esse seu corpinho. — Ela engasgou e seu corpo se apertou com suas palavras, apertando-o. Seu gemido era assombrado, constantemente ressoando entre respirações freneticamente ofegantes. — Quero bombear minha semente para dentro de seu útero e ver você crescer meu filhote. Desejo ver seu estômago inchar e saber que você tem um Mavka dentro de você, que eu a reivindiquei assim - de uma forma que nenhum outro fez.

Ela não sabia o que fazia seu coração acelerar em um rugido ensurdecido em seus ouvidos. Era preocupação que ele quisesse fazer algo que alterasse a vida de seu corpo? Ou foi no desejo de que ele o fizesse?

Ela tinha sido contra ter um filho *humano* no mundo horrível, retorcido e moribundo. Algo fraco e débil. Mas o filho de um Caminhante do Crepúsculo? *Isso* não era algo que iria morrer de uma doença ou ser tolamente comida por um Demônio - não se ela pudesse evitar.

— Mas não podemos.

Ele já havia dito a ela que eles não eram capazes, o que foi um alívio para ela, já que ter todo aquele sêmen quente e transbordante jorrando dela uma vez que ela estava cheia até a borda era totalmente satisfatório. Andar por aí e saber que ela estava segurando uma parte dele dentro dela era tão excitante quanto ter a fonte dura que a esticava.

A risada que veio dele foi perversa, ecoando tanto em seu crânio quanto em seu peito em um baixo grave que fez soar ainda mais ímpio do que deveria.

Sua cabeça se virou para ela e se virou para que pudesse ficar bem perto de sua orelha.

— Nós *podemos* se eu pegar essa alma que você está tão disposta a me dar.

De repente, seus movimentos tornaram-se frenéticos enquanto ele a balançava, suas coxas e seios pequenos balançando toda vez que ele batia no final. dela. Até o cabelo dela estava começando a bater e fazer cócegas nas costas e nos braços presos.

— E-espere, — ela implorou quando de repente pareceu que era demais. Ela estava ficando mais nebulosa a cada segundo, sua respiração saindo dela até que ela estava começando a jogar um jogo de recuperação.

Mayumi não sabia se era o hálito suave dele roçando seu pescoço, o cheiro de dar água na boca obstruindo seus sentidos, a maneira como o pelo macio fazia cócegas em seus mamilos enquanto o peito duro massageava seus seios, ou mesmo apenas o deslizar constante e glorioso de seu pênis coberto de lubrificante aniquilando suas entranhas em um ritmo rápido e repentino, mas um ou todos eles a fizeram derreter.

Ela deixou seu rabo apoiar sua cabeça e costas enquanto ela se soltava, deixando seu corpo assumir o controle. Cada músculo em seu corpo, de seus músculos peitorais, abdômen e até panturrilhas, ficou tenso ao lado de sua boceta.

Mayumi gritou quando ela gozou, e seu rosnado de resposta ao lado de sua orelha a deixou em silêncio. Seus pulmões entraram em

colapso, seu orgasmo foi tão intenso que ela se tornou nada além de uma coisa enlouquecida e contorcida que ele usava para se matar.

Ela queria desesperadamente se mover, mas seu domínio sobre ela mal permitia que ela fizesse pouco mais do que tremer.

— Eu quero que você faça isso em volta do meu pau, me ordenhar da minha semente como você quer que eu drene cada gota dentro de você. — Ele inchou novamente, muito mais do que antes, avisando-a de sua própria destruição iminente. — Eu tenho *tentado* esse tempo todo.

Sua cabeça balançando para o lado enquanto ela o deixava continuar tomando-a. Ela ainda não ofereceu resistência.

Sua corrente sanguínea estava cheia de lava carregando luxúria e necessidade e obediência submissa que ela nunca teria concedido a outro. Não havia nada que a fizesse detê-lo agora, não até que ele terminasse de usá-la, até que estivesse satisfeito.

O rabo dele levantou até o queixo dela para firmar a cabeça balançando e forçou-a a olhar para ele.

— Uma parte de mim sente que você manteve seu útero esperando e pronto para mim, — ele admitiu com um estremecimento. Ela sabia pela forma como seus tentáculos começaram a apertar mais forte que Faunus estava chegando ao seu próprio fim. Ela tentou abrir mais as coxas em absoluta recepção. — E eu desejo tanto tomar sua alma e então preenchê-la. Eu quero ser mais do que apenas destruição e morte. Quero ser prazer e vida também. Quero compartilhar isso apenas com você.

— Faunus, — ela gemeu baixinho, sua voz quebrada e rouca. — *Faunus*.

Ela não sabia o que estava tentando dizer. Ela mal conseguia formular mais do que o maldito nome dele em sua mente nublada.

— Mayumi, — ele respondeu. Uma de suas mãos deslizou para tomar sua bunda completamente em sua palma, enquanto a outra se esticava para agarrar seu ombro, empurrando-a para baixo com mais força. — Porra. Me dê, Mayumi. Tire isso de mim. — Ela engasgou quando sentiu fugazmente vários puxões afiados profundamente dentro dele enquanto ele crescia mais grosso do que nunca. — Pegue.

Pegue. Pegue!

Faunus a empurrou para baixo com força, puxando seu corpo profundamente em seu pênis até que ela sentiu uma pressão tentando empurrá-la por dentro. As bolsas no fundo dele tinham afundado tão firmemente contra seu pênis que ela pensou que ele estava ameaçando enfiá-las dentro dela também.

Houve prazer. Houve uma dor surda. Ele estava indo longe demais, além do que tinha feito para alterar magicamente o corpo dela.

Então Faunus ficou tenso ao redor dela enquanto apertava bem antes de um pobre gemido sufocado sair dele. Ela sabia que ele queria empurrar pelas pequenas contrações do quadril que ele deu enquanto a segurava, mas elas cessaram imediatamente quando ela finalmente sentiu suas farpas travarem e forçá-los juntos tanto quanto seus tentáculos.

Sua garra cavou quando soltou um rugido berrante justo quando um jorro pesado de gozo espirrou direto contra seu colo do útero que ele estava quase pulverizando.

Sua língua apareceu, tremendo de prazer com o calor, o líquido, com ele a preenchendo. Qualquer dor que ela sentisse foi derretida no êxtase de sua liberação.

Ela aceitou tudo com alegria - não houve repercussões para ele fazer isso.

Não pode ter o que quer se não levar minha alma. Era óbvio que ele desejava, e isso a fez sorrir atordoada para o teto iluminado pelo sol com o coração inchando ferozmente.

Tudo parecia mais brilhante, como se suas pupilas estivessem fortemente dilatadas. Até fez as partículas de poeira brilharem mais do que antes, banhando-as em purpurina. Pelo menos sua falta de impulso permitiu que sua mente voltasse à realidade em um ritmo agradável e relaxante.

Ela sentiu o último líquido dele saindo dela.

Ela tinha certeza de que havia vazado por toda a mão e pernas, mas ele não parecia se importar. Especialmente quando ele caiu sobre ela com violentos tremores secundários, fazendo-o se contorcer, estremecer e pular contra ela.

Sua cauda a soltou, e ela se enterrou contra seu torso freneticamente agitado. Bem, apenas o rosto dela, já que seus braços estavam fodidamente dormentes e cheios de alfinetes e agulhas granuladas por estar atrás dela por tanto tempo. Eles penduraram languidamente contra ele.

Ela acariciou o pelo dele, esperando que ele pensasse que ela estava sendo adoravelmente doce, quando na verdade ela estava apenas se livrando de qualquer evidência de baba ou lágrimas que infelizmente derramaram quando estava tão longe.

Mmm, capim-limão, sua mente grogue murmurou.

— Um bebê, hein? — ela disse com um tom quieto e provocador. — Nunca pensei que ouviria isso de um Caminhante do Crepúsculo.

Ou aquele queria acasalar e criá-la especificamente.

Porra sabe mais o que estou fazendo, mas isso geralmente seria um grande desligamento para mim. Em vez disso, ela tinha certeza de que essa era uma das razões pelas quais ela gozou com tanta força. *Pelo menos não precisamos nos preocupar com isso por enquanto.*

Por agora.

Quando ela percebeu que ele nunca respondeu a ela, ela se afastou para que eles pudessem se encarar. Ele não deixou, em vez disso a abraçou mais forte como se não quisesse que ela olhasse para ele. Ele estava se sentindo vulnerável? Ele estava muito envolvido no momento e derramou um segredo que de repente se arrependeu de compartilhar?

Ela esperava que sim, querendo desenterrar cada peça enterrada do quebra-cabeça dele.

— Eu sempre quis saber como você se sentiria sobre isso, — ele disse calmamente. — Não era algo que eu realmente desejasse até recentemente.

— Por minha causa? — ela perguntou tão suavemente, um sorriso terno curvando seus lábios. Ela adorava poder ser ela a fazê-lo perceber coisas assim sobre si mesmo.

Sua resposta a fez fazer beicinho.

— Não. Magnar, um dos Caminhantes do Crepúsculo que

mencionei, conseguiu ter um filhote com sua noiva. Eu testemunhei humanos com seus próprios filhotes, mas nunca pensei que fosse possível para um Caminhante do Crepúsculo, então nunca me importei. Não sou o tipo de criatura que deseja coisas que nunca poderia ter.

Exceto por mim... certo?

— E então eu vim e mostrei a você o quão incrível eu sou? — É melhor ele dizer isso a ela, porque seu beicinho estava prestes a se transformar em ela mordendo a merda eterna dele em retaliação. — Isso é possível.

— E então você apareceu, — ele repetiu, o que diminuiu o beicinho dela.

Ele roçou suas garras no que era obviamente um ninho de cabelo da leve picada que ela sentiu quando ele começou a desembaraçar os nós. Talvez ele estivesse fazendo isso para acalmá-la de suas preocupações, já que ela sempre relaxava contra ele quando o fazia.

— Quando conheci o filhote deles, Fyodor, fiquei muito curioso sobre eles. Foi estranho ver como eu parecia quando era pequeno, e mesmo não sendo meu, sentia esse inegável desejo ardente de protegê-los. Quando Fyodor segurou meu dedo em sua mãozinha, eu soube que queria o meu próprio... mesmo que não pudesse mais.

Mesmo que eu não pudesse mais...

Mayumi suspirou, sabendo que se ela oferecesse sua alma para que ele pudesse, ele ainda a negaria.

— Tão feliz quanto eu estava por eles — continuou ele. — Eu também estava com muita... inveja. Eu tinha acabado de obter a rachadura em meu crânio, então parecia que minha dor havia piorado ao saber de sua criação. Isso me fez perceber que havia mais coisas que eu nunca seria capaz de experimentar.

— Faunus, — Mayumi chamou gentilmente enquanto ela se inclinava para trás com as sobrancelhas unidas com tanta força que ela sabia que estragava todo o seu rosto.

Sua palma grande e quente envolveu o lado dela, e ele roçou o polegar sobre sua bochecha.

— Estou feliz por ter vindo para cá. Estou feliz por estar aqui com você. É mais do que eu esperava e aprecio cada momento com você. — Ele lambeu sua outra bochecha. — Você é muito travessa. Vale a pena sentir você acariciando meu pau com sua boceta quentinha como você está agora.

Faunus era o maldito rei da desorientação.

Não foi o suficiente para desenrugar suas feições enquanto seus olhos saltavam sobre seu crânio e chifres. Havia muito que ela queria dizer, mas como sempre, era como se tivesse engolido a língua.

A testa dela bateu contra o peito dele enquanto ela soltava um suspiro derrotado. Ela continuou a bater a testa contra ele, embora levemente, enquanto pensava: *Por quê? Não é justo que isso esteja acontecendo. Tem que haver uma maneira.*

— Eu vou aquecer seu pênis para você tanto quanto você quiser, — ela resmungou contra seu peito. — É muito bom para mim também.

Embora ele estivesse bastante mole, qualquer tensão que ele construiu durante a conversa diminuiu quando ele riu.

— Seria terrível para você se você não gostasse, porque eu ainda gostaria que você fizesse isso comigo.

Bastardo desonesto.

— Você sabe o que?! — Mayumi gritou de brincadeira. — Você pode aquecer o seu próprio...

Faunus de repente a segurou com mais força quando ela tentou sair de cima dele, e uma dor aguda arranhou suas entranhas. Um suspiro agudo rasgou dela.

— O que-? — ela perguntou enquanto franzia a testa e franzia os lábios. — Por que você ainda está preso a mim? Esse tipo de dor.

Suas farpas geralmente diminuía agora, ou ele as fazia de alguma forma.

Seus orbes se transformaram em um rosa avermelhado.

— Estou preso.

A cor sumiu de seu rosto.

— O que quer dizer com você está preso?

— Eu normalmente não gozo tão profundamente dentro de

você para poder empurrar para frente e liberar minhas farpas, mas eu, uh, empurrei você no meu pau o mais forte que pude enquanto gozava.

— Então você está tão fundo quanto pode ir agora?

Ela não achava que os orbes dele pudessem ficar mais brilhantes de vergonha, mas eles ficaram.

— Eu estava realmente excitado, então não estava pensando com clareza. — Ele esfregou suas presas contra ela como se estivesse tentando ser brincalhão neste momento angustiante. — Acho que você não entende o quanto eu quero criar esse seu corpo minúsculo. Aposto que sua barriga crescerá tanto para mim.

Seus lábios se separaram em choque, e ela olhou para onde eles estavam unidos. Seus tentáculos eram flexíveis, as pontas acariciando sua pele machucada enquanto se moviam lentamente como se estivessem felizes e contentes.

— Você vai cair, certo? Como se você fosse amolecer e depois conseguir empurrar e destravar, certo? — Quando ele não disse nada por muito tempo, seu coração disparou e ela olhou para cima com o pânico se formando em seu rosto. — CERTO, FAUNUS?

— Desculpe. — Ela podia ouvir o estremecimento em sua voz! — Isso pode doer um pouco.

Mayumi agarrou o pelo de seu peito como alguém faria com a camisa de uma pessoa e tentou puxá-lo para mais perto com toda a seriedade em sua expressão.

— Não se atreva, porra!

— Eu prometo que não vou recuar muito e vou curá-la imediatamente.

— Não. Não, não, — ela choramingou enquanto caía contra ele. — Vamos... vamos ficar assim um pouco.

Ele começou a esfregar suas costas confortavelmente.

— Meu pau só fica mole, Mayumi. Não fica menor, e estou muito dentro de você para ir mais longe.

— Eu sei... só... acho que preciso me preparar para isso. Prefiro apenas sentar no seu pau um pouco mais.

Ela vibrava de contentamento. Ela preferia não estragar isso

ainda.

— Eu esperava que isso nunca acontecesse — ele rosnou. — Por que eu ainda tenho essa função quando meus tentáculos já nos prendem?

— Eu não sei, mas acho que isso significa que estamos presos no momento. — Então ela forçou uma risada ao dizer: — Vamos ver o lado positivo. Pelo menos vamos passar algum tempo de qualidade conversando um pouco.

Ela adivinhou que agora seria a hora de perguntar a ele qualquer coisa que ela quisesse, já que ele não poderia ficar longe dela.

Então seus lábios se apertaram.

— Mas é melhor você me acariciar o tempo todo para me compensar, seu idiota.

CAPÍTULO 33

Faunus inclinou a cabeça para o lado enquanto observava Mayumi usar um grampo para puxar uma haste de metal de um fogo ardente.

A grande área na parte de trás de sua casa entre o galpão e seu banho de primavera era uma estação de ferraria equipada com uma fornalha, bigorna e bancada de metal. Havia um abrigo de toldo acima para manter tudo seco.

Ela já havia fundido seus próprios minérios de ferro em líquido e os despejado em um molde para suas hastes.

Ele estava curioso sobre o que ela estava fazendo, especialmente quando ela segurou a haste de metal na vertical e começou a bater com a ponta em uma bigorna. Ela explicou que estava perturbando o metal na ponta laranja e quente da haste, mas ele não entendia muito bem como o metal podia sentir emoções.

Aparentemente, não foi isso que ela quis dizer quando ele perguntou e, em vez disso, quis dizer que ela estava comprimindo o lado quente para que ficasse mais denso. Ele apenas acenou com a cabeça como se entendesse quando absolutamente não entendia.

Ela começou a moldar a ponta para que fosse achatada no que ela chamava de barbatana. Enquanto este pedaço de haste moldada estava aquecendo de volta em sua fornalha, ela pegou uma nova e começou a fazer o mesmo.

Ela estava trabalhando com trinta peças, todas ao mesmo tempo.

Ele estava grato por ela estar usando luvas grossas para se proteger, assim como couro da cabeça aos pés. A área estava quente, apesar de estarem do lado de fora, e ele podia ver gotas de suor escorrendo por suas têmporas e pescoço.

O brilho suave do fogo e da vara com que ela trabalhava iluminava os traços de seu rosto. Ela parecia séria e severa, e ele se perguntou se isso era por causa desta manhã.

Soltar-se dela tinha sido doloroso para os dois. Ela por causa da dor aguda que ele tinha certeza que ela sentiu, embora ele a tivesse

curado imediatamente para que não fosse prolongada, e ele porque ele não gostou de machucá-la.

Faunus se desculpou profusamente, e ela apenas riu disso depois, mas ela veio para cá e tem trabalhado desde então.

Ela estava estranhamente quieta.

— Por que você está fazendo isso? — Faunus perguntou enquanto se aproximava, cercando-a antes que ela o empurrasse para fora do caminho.

— Eu usei a maioria das minhas flechas ontem à noite enquanto estávamos caçando Demônios. Estou fazendo mais. — Ela enrolou as barbatanas planas quando estavam quentes novamente, batendo nelas para manipulá-las em um cone até que estivessem prontas para serem empurradas para um tipo diferente de haste para moldá-las ainda mais. — A forja é um ofício no qual a maioria dos Caçadores de Demônios deve se destacar antes de subir na hierarquia. Não adianta ser capaz de disparar uma arma ou cortar com ela se você não for capaz de fazê-las sozinho.

Ela enxugou a testa com a manga e começou o processo de usar uma braçadeira de metal triangular para cortar as pontas de flecha com as quais estava trabalhando da barra de ferro. Ela então jogou esses pedaços de volta na fornalha para que brilhassem em brasa novamente.

As pancadas que ela produziu com seu martelo de metal ressoaram em seus ouvidos. Foi desorientador, mas ele permaneceu com ela para assistir. Ele suportaria o modo como isso martelava em sua mente, contanto que pudesse ficar e observá-la.

— Não me interprete mal, — ela continuou. — É cansativo, e esta não é a melhor estação para produzir o melhor trabalho, mas quando você está apenas fazendo flechas ou fazendo pequenos reparos em suas armas, é mais do que suficiente.

Ela usou seu grampo para puxar as pontas de flecha soltas do fogo mais uma vez para que pudesse achatar as pontas arredondadas e fechadas - o lado do cone estava aberto para encaixar em uma haste de flecha - tornando-as quase em forma de folha.

— Isso significa que você fez sua espada? — ele perguntou,

vendo que o que ela estava fazendo agora parecia muito mais... bárbaro em comparação.

— Não. Itens como minha espada... Não consigo replicar essa qualidade de trabalho. É uma das melhores espadas que alguém pode ter em suas mãos. — Ela olhou para ele de lado. — Foi uma cortesia de meu pai que a obtive. Ele mandou fazer para mim quando atingi o nível Prata para me parabenizar. — Mayumi então olhou para baixo enquanto levantava o martelo e depois o abaixava, franzindo os lábios momentaneamente antes de relaxar. — Ele nunca foi grande com palavras, talvez eu tenha herdado essa parte de sua personalidade, mas foi sua forma de me dar um presente precioso. Ele valorizava a praticidade sobre o coração.

— É difícil dizer se você gostava ou não do seu pai — afirmou Faunus.

Uma risada sombria deixou seus lábios.

— Eu me importava muito com meu pai. Ele foi duro comigo, e talvez quem nos visse de fora pensaria que ele era abusivo na forma como me treinou ou me disciplinou, mas nunca foi por maldade. Ele queria que eu alcançasse todo o meu potencial e queria que eu sobrevivesse a ele. Se ele tivesse sido indiferente, ele não teria feito tudo o que fez. Ele não teria viajado para um dos melhores ferreiros do norte e feito minha espada para mim. Mesmo com a lesão na perna, ele mancou por um dos caminhos mais perigosos da montanha só para mim. Difícil não sentir carinho por alguém que arriscou sua vida apenas para me dar uma espada que vale mais do que a maior parte do que possuo coletivamente.

Eu me pergunto que tipo de relacionamento eu teria com meu próprio pai se eu tivesse nascido com a humanidade.

Sua memória do início de sua vida era nebulosa, e muito disso era de caçar várias criaturas em movimento até que sua mente começou a... pensar.

Deixando-as esfriar em óleo, que ela disse ajudaria a garantir que não enferrujassem, ela entrou para preparar um pouco de comida.

Faunus andou pelo quintal para se certificar de que era seguro.

Houve muito sangue devido ao número de Demônios que

vieram durante a noite. Quando ele saiu pela primeira vez da casa, ele fez o melhor que pôde para escondê-lo, cobrindo o que pôde encontrar com neve e terra. A área ainda tinha um certo fedor, que ele conseguiu mascarar, mas não remover totalmente.

Felizmente, o sangue de demônio era bastante desagradável e sujo. Não despertava particularmente a fome em sua espécie, mas era difícil para ele cheirar. Mayumi disse que não conseguia notar nada depois que ele cobriu tudo.

Quando ela saiu da casa, ela foi para os fundos novamente e começou a lixar as pontas das flechas em pontas afiadas com um moedor. Ele observou o pé dela pressionar para cima e para baixo em um pedal enquanto fazia algum tipo de ruído de rotação e zumbido.

Seus orbes escureceram em sua cor amarela enquanto ele examinava a máquina com profunda curiosidade. Ele nunca tinha visto nada parecido.

Assim que ele se agachou e foi tocá-lo, ela deu um tapa na mão dele.

— Não enfie os dedos em coisas que você não entende, — ela rosnou. — É assim que você se machuca ou perde um.

Ele olhou para ela e notou a expressão preocupada e desaprovadora de suas sobrancelhas.

— Eu já disse a você que vou me curar em um dia, não importa o ferimento. — Exceto por seu crânio, é claro.

Um suspiro rouco veio dela enquanto ela revirava os olhos.

— Só porque vai crescer de novo não significa que você deva ser tão descuidado. Vai doer muito e você pode quebrar minha ferramenta.

— Hum. — Ele não tinha pensado nisso.

Ele se levantou e continuou a observá-la.

Ele se irritou quando ela tirou a mesma cola que tinha usado para juntar o rosto dele. Ele esperava que ela não tentasse fazer isso novamente.

Faunus estava... esperançoso quando ela tentou. O fato de ela se importar tanto com ele que ela estava disposta a consertar seu rosto era comovente.

Não ajudou. Em vez disso, isso só o deixou ainda mais consternado. Ela perguntou se poderia usar a outra cola e ele rejeitou a oferta. A cola animal que ela aplicara na rachadura sensível de seu crânio ardia da mesma forma que até a água que entrava doía.

O fracasso doeu muito mais.

Eu já aceitei meu destino.

Pensar que poderia haver uma cura ou uma maneira de consertar seu ferimento apenas reabriu a ferida cavernosa em seu coração. Ele preferiria ignorá-la, empurrá-la para o lugar mais profundo e distante de sua mente e apenas viver no presente com ela.

Alívio tomou conta dele quando ela usou a cola, uma vez aquecida e liquefeita, para prender a ponta oca da flecha nas hastes que ela já havia preparado.

Parecia que essa longa tarefa era uma que ela fazia com frequência.

Quando ela começou a usar seu martelo e uma ferramenta especial sem corte para amassar a flecha e a haste, ele não pôde deixar de perguntar: — Qual é o sentido de usar cola se você está unindo-as dessa maneira independentemente?

— Isso as torna mais resistentes — ela respondeu quando estava fazendo a última. — Posso usar essas flechas imediatamente, mas a cola ajuda a evitar que se desfaçam se o metal ou a haste se deformar por qualquer motivo.

Faunus a seguiu quando ela pegou todas as trinta flechas em seus braços e as levou até a frente de sua casa. Ela as colocou na varanda enquanto se dirigia para dentro para pegar seu arco antes de voltar para a forma que o esperava.

Na varanda, Mayumi pegou uma flecha e a encaixou na corda do arco. Certificando-se de que ele não atrapalharia, ela ergueu o arco e mirou.

Ela soltou a flecha, e ela caiu direto na estaca no meio da clareira. Fazendo isso várias vezes, a maioria de suas flechas se cravaram no grosso poste de madeira.

Faunus olhou para o céu, percebendo que o sol não estava longe de terminar sua descida, e as sombras já eram longas o suficiente

para proteger a casa completamente.

Crepúsculo. Era uma hora perigosa do dia, pois os Demônios que eram corajosos o suficiente para se arriscar a sofrer queimaduras leves começavam a caçar na superfície.

Sempre gostei desta hora do dia.

Ele observou a explosão de cores que foi pintada no céu. As variações de laranja, amarelo, roxo e azul. Ele gostava especialmente daquele breve momento em que até as estrelas começavam a piscar. Às vezes, ele até pegava a lua no céu claro.

Frequentemente, isso o lembrava de si mesmo. Noite e dia misturados em um. Assim como todos os Caminhantes do Crepúsculo que ele conheceu, cada crepúsculo era diferente.

— Vou precisar ajustar aquelas que não atingiram o alvo, — ela resmungou, referindo-se às flechas que erraram o alvo e voaram para a floresta. — Você acha que poderia pegá-las para mim enquanto eu tiro as que estão na estaca?

— Claro, — ele respondeu com o rabo enrolando, uma animação de sua alegria. Ele gostava de ajudá-la de qualquer maneira que pudesse, mesmo que fosse brincar de buscar. — No entanto, — ele começou com uma risada enquanto se dirigia para a floresta. — Tem certeza de que não errou só porque não consegue mirar?

— Rude! — ela riu de volta. — Quero que você saiba, havia apenas alguns poucos na guilda que eram tão bons quanto eu no arco e flecha. Eu raramente erro meu alvo, muito obrigada.

Ele começou sua busca, seguindo o cheiro de Mayumi que permanecia em suas flechas, assim como o cheiro do metal, madeira, cola e até mesmo das penas. Por um momento, ele se perguntou se ela o havia enviado para procurá-las porque tinha sido inteligente o suficiente para saber que ele seria capaz de usar seus sentidos.

Eu acredito que contei sete perdidos?

O cheiro persistente de sangue tornou um pouco difícil de cheirar, mas ele foi capaz de encontrá-los lentamente.

Um pensamento passou por sua mente, especialmente quando ele podia ouvi-la lutar para puxar as flechas profundamente presas.

— Mayumi — ele gritou casualmente.

— Sim! — ela gritou de volta enquanto gemia. Então ela gritou, e ele ouviu o arrastar de pés dela antes de um baque surdo.

Ela caiu de bunda. Sua visão se iluminou em sua cor amarela quando o desejo de rir o atingiu.

— Eu acho que seria sensato se você permanecesse dentro de casa esta noite. Não tenho certeza se corremos algum risco, mas há muito sangue no ar.

— Ooo! Você está dizendo que podemos esperar e caçar mais Demônios novamente?

Ela é tão sedenta de sangue, ele pensou enquanto arrancava uma terceira flecha de seu lugar de descanso - dentro da base de uma árvore. Ele a inspecionou, imaginando o que poderia estar errado com ela quando parecia feita com perfeição. *Sou eternamente grato a qualquer coisa que a tenha feito do jeito que ela é. Seria muito mais difícil protegê-la se ela estivesse tentando me matar o tempo todo.*

Seus orbes brilharam ainda mais em sua cor enquanto seu rabo se enrolava alegremente novamente.

Faunus optou por não responder a ela, sabendo que ela decidiria o que queria fazer esta noite com as informações que ele lhe dera. Ele duvidava que pudesse fazê-la mudar de ideia de qualquer maneira.

Nesse ritmo, eles teriam um campo de caça permanente. Ele apostou que isso a deixaria em êxtase. Sua nova normalidade se tornaria foder durante o dia e matar demônios à noite?

Eu admito... É bom matá-los.

Se Jabez queria um exército e estava disposto a matar Caminhantes do Crepúsculo para fazer isso, então Faunus agora queria absolutamente atrapalhar depois do que ele fez com ele. A vingança era boa. Era tão doce que ele quase podia prová-la em sua língua.

Você quebra meu crânio, e eu vou quebrar todos os do seu exército.

Quando ele estava pegando a última flecha, um som sibilante chamou sua atenção. Parecia um pássaro à distância e, a princípio, ele o ignorou.

Isso foi até que ele percebeu que estava se movendo mais

rápido do que qualquer animal que ele já tinha ouvido, e... estava vindo para cá. O farfalhar alto das folhas o informou que a criatura também era muito grande e voava pela floresta em vez de sobre ela.

É para evitar o último sol. Sua cabeça virou na direção de onde ele podia ouvir Mayumi ainda na clareira. Branco brilhou em orbes. *Ela está em perigo.*

Faunus, ainda segurando as flechas para o caso de estar errado, esperando estar errado, correu pela floresta. Ele não estava longe dela.

Era tarde demais.

Assim que ele quebrou a linha das árvores, algo preto disparou por uma seção diferente da floresta. Ele mergulhou, agarrando Mayumi, que estava de pé sobre uma flecha baixa com as coxas abraçando a estaca para agarrar outra que era mais alta.

Ela engasgou de surpresa quando um grande Demônio alado agarrou seu ombro com seu pé preênsil.

— Mayumi! — ele rugiu quando ela foi arrastada para o céu assim que o último sol desapareceu no horizonte. Ele saltou para alcançá-los, mas a ponta de sua garra apenas arranhou a parte inferior de sua bota.

Ela não disse nada, não fez exigências ao Demônio como se soubesse que não importaria. Ela nem gritou.

Com Faunus circulando abaixo deles, ele viu Mayumi estreitar os olhos para cima e começar a bater em seu pé. Quando isso não funcionou, ela tentou descascar um de seus dedos com garras para se libertar.

Suas pernas chutavam o ar como se ela estivesse tentando encontrar apoio. Ela foi forçada a levantar o corpo apenas pelo ombro para não ficar pendurada ali.

— Um Mavka? — o Demônio perguntou enquanto virava suas feições angulosas, quase de morcego para Faunus. Era difícil dizer que era um homem, especialmente quando sua voz era bastante distorcida e aguda. — Eu roubei sua refeição?

As risadinhas que ele deu eram mais como cliques enquanto ele pairava no ar.

— Dê-a para mim! — Faunus berrou, sua visão ficando

vermelha pálida.

Medo e raiva guerreavam dentro dele, um frio e o outro insuportavelmente quente. Seu coração parecia prestes a congelar, enquanto suas extremidades estavam prestes a explodir. Seu pelo e pontas se eriçaram, e seu rabo se endireitou enquanto esvoaçava.

Faunus olhou para as árvores, e o Demônio usou suas asas para bater para longe delas. Quando ele se virou para o topo da casa, prestes a pular para lá, o Demônio voou para o outro lado.

A maneira como ele subia e descia no céu era como uma provocação, aproximando-se apenas para subitamente saltar para cima em altura.

— Eu não pensei quando segui o cheiro de sangue que encontraria um Mavka. Não é de admirar que o cheiro aqui seja forte e o seu persista. Você tem trabalhado com essa humana?

Suas mãos se fecharam até que suas garras cravaram na carne carnuda de suas palmas. *Eu deveria ter percebido antes que era um Demônio.*

Como ele poderia confundir aquele sibilar com o bater de suas asas?

Mesmo agora, era difícil sentir o cheiro dele através do sangue remanescente de sua espécie morta. Faunus estava contra o vento do Demônio, tornando-o ainda mais difícil de sentir.

O rosnado que Faunus produziu foi bestial, mesmo para seus próprios ouvidos.

— Se você machucá-la, vou caçá-lo até os confins da Terra e rasgá-lo membro por membro.

Ele faria de seu único objetivo em sua vida desconsolada aniquilar este Demônio alado. Então, e só então, Faunus marcharia em direção ao grande castelo de Jabez dentro do Véu e usaria qualquer força que lhe restasse, o que restasse dele e de seu crânio quebrado, para matar aquele monstro. Mesmo que isso lhe custasse o último batimento cardíaco.

Depois de tudo o que ele experimentou com Mayumi, cada toque terno, cada palavra linda e dolorosa que eles compartilharam, ele sabia que não veria outro ponto além de vingança se ela fosse

tirada dele.

Ela tinha sido o ponto central de sua vida por muito tempo, sua obsessão. Sem ela, sabendo que ela não mais compartilhava suas respirações no mesmo plano de existência que ele - mesmo que ele não pudesse estar com ela - Faunus pensou que poderia ceder à sua mente e deixá-la ir.

Qual era o sentido de sua humanidade então, se ele não poderia ter a única criatura que jurou proteger? A única criatura que ele aprendeu a... amar.

As vozes de Mayumi e do Demônio se sobrepuseram ao mesmo tempo.

— Faunus! — Mayumi gritou enquanto alcançava o cabo de sua adaga. — Pegue!

— Espere... — o Demônio disse com seus olhos vermelhos se estreitando para ele. — Eu conheço você.

Merda! Ele só teve um segundo para se posicionar antes que Mayumi enfiasse a lâmina na perna da panturrilha que a segurava e a puxasse para baixo. O Demônio gritou, as mãos apertando de dor e tensão enquanto seu corpo mergulhava.

Ele a soltou e Faunus a pegou no ar quando ele saltou. Ela ficou em silêncio enquanto caía até aterrissar na almofada de seus braços, onde deu um pequeno *oomph*.

— Eu sabia que você me pegaria, — ela disse calmamente, um brilho de ternura e confiança em seus olhos.

Sua expressão endureceu quando ela olhou para cima.

— Você é o Mavka de caveira felina! O chifre de carneiro! — o Demônio gritou.

— Foda-se — Faunus engasgou, suas orbes se transformando em uma cor tão branca que o cegou por um segundo. Ele jogou Mayumi de pé, e ela tropeçou antes de se endireitar. — Fique dentro.

Ele começou a mudar, transformando-se em sua forma monstruosa. O medo e o pânico estavam se aprofundando a cada segundo que levava para mudar.

— Vamos lutar contra ele juntos, Faunus. Vou pegar meu arco e...

— Preciso avisá-lo! — O Demônio gritou. Antes que eles percebessem, ele mergulhou para o lado e começou a voar pela floresta. — Devo avisar nosso rei!

Era exatamente o que Faunus esperava.

Não!

— *Fique aqui, Mayumi!* — Faunus gritou quando ele se virou dela e começou a persegui-lo de quatro. — *Voltarei!*

Ele iria, pelo menos, tentar.

Mesmo que ela quisesse segui-la, tanto Faunus quanto o Demônio seriam muito rápidos para ela acompanhar. Em minutos, eles cobriram uma grande distância, as asas do Demônio tornando-o quase impossível de pegar, mesmo para um Caminhante do Crepúsculo. *Perto* de ser a palavra-chave que ele esperava que o ajudasse agora.

Suas patas e mãos batiam pesadamente contra a terra e a neve, e seus bufos eram igualmente altos. O vento era gelado contra seu rosto ossudo com a velocidade com que ele corria, mas seu pelo longo e a adrenalina mantinham sua temperatura em ponto de ebulição.

Ele esperava que Mayumi não estivesse seguindo tolamente. A noite estava a minutos de estar totalmente sobre eles. Ele não podia ficar, mesmo sabendo que a casa dela agora era um perigoso campo de iscas.

Não posso deixar esse Demônio escapar. Eu não posso deixá-lo ir. Agora que ele não estava mais perto de sua casa, ele foi capaz de rastrear facilmente o cheiro do Demônio no vento e nas folhas que ele roçou com sua envergadura expansiva. *Não posso deixá-lo dizer a Jabez onde estou.*

Ele não queria que o Rei Demônio o encontrasse. Ele não o queria em qualquer lugar perto de sua preciosa humana minúscula. Não importava que ela fosse feroz ou forte. Não importava que ela fosse corajosa.

Jabez a mataria só para machucá-lo. O miserável e vil meio-elfo a usaria contra ele.

E havia a garantia duvidosa de que ela teria permissão para viver, mesmo que Faunus entregasse sua vida a ele. Ele provavelmente

a mataria só porque Faunus a tocou. Ele poderia até comê-la só porque ele era mau, odioso e egoísta.

Eu tenho que confiar nela. Eu tenho que confiar que ela pode se proteger enquanto eu estiver fora.

Ele só esperava não se arrepender de sua decisão de abandonar sua promessa de impedir que esse Demônio fugisse.

Porque... mesmo que ele fingisse que estava bem, mesmo que tivesse aceitado sua eventual morte, mesmo que mentisse e escondesse o quanto seu coração doía a cada segundo de cada dia com ela, Faunus queria desesperadamente *viver*.

Ainda mais agora que ele sabia que a única criatura que ele sempre quis manter o queria em troca.



Com um arco que começou baixo no chão e então disparou rapidamente para cima no ar, a lâmina de Mayumi cortou o torso de um Demônio do qual ela já havia cortado o antebraço.

Ela girou e aproveitou o momento para deslizar sua lâmina em sua garganta. O sangue jorrou pela frente de seu corpo antes que ele caísse sobre um joelho e caísse para o lado. Já era um cadáver quando sua cabeça bateu no chão.

Seus olhos encontraram o céu clareando enquanto seu peito arfava com respirações pesadas e cortantes.

Três Demônios. Ela agradeceu aos céus que o dia estava finalmente se libertando depois de ficar acordada a noite toda.

Faunus estava certo quando a advertiu de que a área agora estaria pronta para atrair demônios.

Ela desviou o olhar do céu roxo para as três carcaças mortas ao seu redor. Uma estava pendurada em seu pescoço e no galho baixo de

uma árvore ao qual seu chicote estava preso. Outra tinha uma haste de flecha projetando-se de sua cavidade ocular. Então, é claro, aquele que ela acabara de matar estava a seus pés.

Normalmente Mayumi lutava apenas com um, talvez dois, Demônios sempre que ela os atraía. Mesmo para ela, isso era muito para lutar sozinha, mas felizmente eles não vieram ao mesmo tempo.

Ela mal havia comido, e as duas últimas lutas levaram tempo para vencer. Na maioria das vezes, ela apenas permanecia no telhado e atirava em seus alvos de longe, matando-os imediatamente ou enfraquecendo-os com flechas antes de combatê-los garra contra lâmina.

Mas não havia nenhum animal para atraí-los. Isso tornava seus movimentos muito mais erráticos e imprevisíveis.

Não acredito que Faunus me deixou sozinha para lidar com essa bagunça sozinha. Então, novamente... ele deve ter tido um bom motivo para isso.

Sua cabeça se desviou na direção que ela o viu ir. *Espero que ele esteja bem.*

Já era de manhã e ele ainda não tinha voltado. Isso não indicava nada de bom. *Se ele não voltar, quando eu o encontrar na vida após a morte, vou bater nele por ter me deixado.*

Ela enfrentaria qualquer Deus que existisse para permitir que ela o fizesse, mesmo que ela tivesse que cruzar os planos das vidas após a morte.

Um suspiro solene deixou seus lábios trêmulos, seu corpo tremendo devido à exaustão. Ela estava terrivelmente cansada, com fome e sede.

No entanto, quando o sol finalmente nasceu e jogou sua luz sobre sua casa e a tornou segura, ela não entrou para descansar. Em vez disso, ela foi até o galpão e pegou uma de suas pás.

Não sei quanto tempo ele vai ficar fora. Se fossem dias, então ela precisava reduzir o cheiro que agora pairava no ar repugnantemente.

Ela foi até os confins de sua clareira e começou a cavar, mantendo-se ao sol, enquanto jogava neve e eventualmente terra para o lado.

Acho que cavei o mesmo número de sepulturas para Demônios que para humanos. Isso ajudaria a esconder seus cheiros, então ela não teria muitos chegando esta noite também. Caso contrário, ela pode acabar em um ciclo de matar demônios todas as noites sem descanso.

Ela precisava de uma pausa, especialmente para não ficar sobrecarregada e cometer um erro. Até agora, ela não havia obtido nenhum novo ferimento, exceto pelas marcas de garras que agora tinha no ombro do voador, e ela preferia continuar assim.

A ferida era pequena. Ela mal sangrou desde que seu casaco grosso de inverno a manteve protegida.

Atualmente, ela estava usando seu uniforme de Caçadora, pois era mais eficaz para se esconder na escuridão. Estava encharcado de sangue e seu estômago estava apertado, mas fora isso, não estava tão incomodado com o cheiro pútrido. A exposição a ele ao longo dos anos tinha amortecido seus sentidos.

O suor cobria sua carne, fazendo com que seu uniforme se agarrasse a ela de uma maneira desconfortável e pegajosa. Isso só a fez estremecer, apesar do aumento de sua temperatura, pois o ar frio fez com que o suor que a cobria ficasse gelado.

Ela corria o risco de ter febre se continuasse assim.

Depois que eu fizer isso, ela pensou enquanto cavava em um dos muitos lugares que costumava fazer quando pretendia enterrar Demônios. Havia cinco locais, e ela girava entre cada um para que a terra, vermes e insetos pudessem comer seus cadáveres e se livrar das evidências deles ao lado de seus ossos. Preciso lavar meu uniforme com o sabonete especializado que tenho. Tomar um banho, depois comer e depois dormir, porra. Cara, eu preciso dormir. Estou tão cansada.

Esfreiosamente, ela acordaria com Faunus voltando ao longo do dia para se aconchegar ao lado dela.

Ela ouviu sobre ele e o perigo potencial durante toda a manhã, enquanto trabalhava lentamente para colocar todos os Demônios no buraco. Depois de terminar, ela os cobriu com terra, depois neve e deu um tapinha no chão para comprimi-lo.

É melhor ele voltar para casa logo. Eu meio que já sinto falta daquele grandalhão ronronando para mim. Ela preferia que ele estivesse aqui

agora provocando-a sobre ser lento em todas as suas tarefas do que sozinho em perigo, sem saber se ou quando ele voltaria.

Suas sobrancelhas franziram profundamente.

É melhor ele voltar para casa para ronronar para mim, ela pensou com os lábios franzidos em um beicinho apertado, quase infantil.

CAPÍTULO 34

Por duas noites, Faunus perseguiu o Demônio alado. Ele nunca parava, por mais cansado que ficasse, por mais que precisasse descansar.

Eu quase o peguei, ele pensou com desânimo enquanto caminhava de quatro de volta pela floresta em direção à casa de Mayumi. *Não acredito que quase o peguei.*

Houve um momento, apenas um, em que Faunus conseguiu alcançar o Demônio. Não muito depois de começar a persegui-lo, Faunus chegou perto o suficiente para subir em uma árvore e pular de galho em galho.

Eu o segurei.

Faunus o agarrou pela perna com uma mão e estava voando pela floresta, rasgando sua panturrilha e escorregando enquanto tentava escalar. Faunus sabia que havia cortado sua asa, mas o Demônio o chutou no maldito crânio.

A batida fez com que a agonia pulsasse em seu rosto, e ele acidentalmente soltou quando todo o seu corpo se contraiu em reação. Ele sentiu seu crânio rachar um pouco mais com o impacto.

Depois que Faunus bateu em vários galhos e então precisava escalar uma árvore para diminuir sua queda, ele quebrou vários outros galhos com as pernas e a virilha antes de cair sobre as patas.

Os ferimentos que ele sofreu foram dolorosos o suficiente para que o Demônio voasse para uma grande distância dele enquanto Faunus tentava se endireitar. Espinhos irregulares de pedaços de galhos quebraram em suas pernas e ele precisou arrancá-los, ou ele não suportaria movê-los. Ele sabia que o sangue escorria pesadamente por sua coxa direita, assim como um rastro constante por seu crânio.

Sua virilha havia protestado contra qualquer movimento como se fosse uma contusão, mas a adrenalina e o medo o mantinham em movimento.

Ele não demorou muito para olhar o resto do corpo para avaliar seus ferimentos. Ele apenas os notou e seguiu a ameaça em fuga.

Depois disso, o Demônio permaneceu acima das árvores durante a noite, voando livremente, enquanto Faunus foi retardado por seus ferimentos e teve que se esquivar de seu ambiente. Nesse ponto, o cheiro do Demônio tinha sido difícil de rastrear.

Foi somente ao longo do dia quando o Demônio precisou desacelerar para voar pela sombra da floresta para evitar a luz direta do sol que Faunus conseguiu localizá-lo novamente.

Ele pensou que poderia recuperar o atraso na segunda noite, mas então sabia que era tarde demais.

Mesmo que continuasse perseguindo-o, era provável que o Demônio o levasse ao Véu. Ele estaria essencialmente se entregando a Jabez, e se recusava a fazê-lo.

Ele não poderia ir mais longe.

Faunus parou para cobrir seu crânio, gemendo de frustração e raiva. *Eu trouxe perigo para ela.*

Se ele achasse que ajudaria, ele não voltaria para Mayumi se isso significasse que Jabez nunca a encontraria. Mas, se o Demônio o levasse lá, Mayumi estaria em perigo de qualquer maneira.

Ele preferia estar lá para barganhar pela vida dela ou matar o Rei Demônio – qualquer um seria suficiente, desde que ela estivesse segura.

O poço frio que se dissipou desde que ele começou a proteger Mayumi voltou dez vezes quando ele entendeu que seu fim poderia estar muito mais próximo do que antes de tudo isso.

Ele não culparia Mayumi por atrair Demônios e fazer o que ela vinha fazendo a vida toda. Ele nunca quis pará-la ou mudá-la. Não foi por isso que ele foi até ela.

Tudo o que ele queria era estar ao lado dela, mesmo que fosse um risco para a vida dele – mas nunca para a dela.

Seu estômago se contorceu de preocupação, mais do que ele já

tinha experimentado antes. Ele nem estava tão mutilado por dentro quando seu crânio foi originalmente quebrado.

Tudo com o que ele precisava se preocupar era consigo mesmo. Agora... ele temia por sua linda, maravilhosa e tentadora pequena humana.

O que eu fiz? Ele pensou enquanto tirava as mãos do rosto para olhar para suas garras. *Por que as coisas não poderiam ter sido diferentes?*

Ele queria que a felicidade que sentia com ela não fosse contaminada por qualquer outra coisa. Estava sempre lá, uma nuvem escura persistente, e ele apenas desejava que a garoa constante se dissipasse e lhe desse o verdadeiro brilho.

Mavka não tem permissão para experimentar a verdadeira felicidade?

No entanto, Orpheus e Magnar pareciam... felizes. Ele os invejava por isso. Uma parte dele os odiava por isso. Por que eles poderiam ter o que ele desejava? Por que ele tinha que ser o único a sofrer com isso?

Por que Jabez teve que me atingir?

Ele atormentou Orpheus emocionalmente por centenas de anos, mas Faunus foi o único que ele conseguiu colocar em suas mãos e realmente brutalizar.

Eu deveria ter morado sozinho. Eu deveria ter aceitado a solidão em vez de tentar viver entre os Demônios.

Olhe o que ele conseguiu. Nada além de dor, e agora tudo o que ele realmente queria estava na ponta de suas garras, bem ali ao seu alcance, e ainda muito mais longe do que nunca.

Faunus continuou indo para a casa de Mayumi, precisando voltar mais do que nunca. Sua visão constantemente alternava entre branco e azul escuro durante todo o caminho, sua mente girando com pensamentos desolados e terríveis.

Eles não se dissiparam, nem mesmo quando ele a viu em casa e sentiu o cheiro de que ela estava acordada pela evidência de uma refeição cozinhando flutuando no ar. Fazia muito tempo que ele conseguia sentir o cheiro doce de sua lareira.

Embora a área cheirasse a sangue de demônio, assim como ele pensou que poderia, mas estava um pouco escondida sob um incenso

almiscarado e avassalador. Pelo que ele podia ver, havia duas vasilhas de incenso ocas e redondas que permitiam que o aroma escapasse de suas tampas.

Esses dois aromas dificultavam o cheiro de seu sonolento aroma de abóbora. Ele queria desesperadamente respirar aquele doce aroma e saber que ela estava segura.

Eu quero abraçá-la.

Ele queria ser confortado daquela maneira especial que Mayumi fazia – aquela em que ela não precisava de palavras ou explicações e apenas o acalmava no silêncio de que ele precisava.

Ele não queria falar, não queria compartilhar sua dor, saudade e medos agora. O que ele precisava era o calor dela e os braços ao redor dele, agarrando ou acariciando seu pelo. Ele precisava de sua aceitação e compreensão que ela mostrava em vez de dizer com palavras bonitas.

As pontas de seus dedos encontraram a dolorosa barreira de sua casa. Ele considerou gritar para que ela pudesse remover seus encantos, mas decidiu que não. Lá fora estava frio, e há muito tempo ele começou a sentir-se... protegido em sua casa que era pequena demais para ele. Tinha sido seguro.

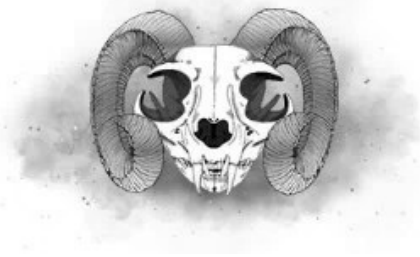
Ele empurrou através dela, estremecendo com a dor.

Faunus tinha visto humanos se cumprimentando pelo macho ou fêmea correndo para os braços do outro. Isso sempre tocou seu coração e o fez crescer de uma forma profundamente sincera.

Ele ansiava que ela o presenteasse com tal saudação. Como se ela ansiasse por ele, sentisse sua falta e quisesse alcançá-lo tanto quanto sua alma.

Ele colocou a mão na maçaneta da porta.

Só espero que ela não esteja brava comigo por deixá-la aqui nos últimos dias.



Com nada além de suas calças pretas, e o peito nu, Mayumi tomou um grande gole do Sono de Marianna para umedecer a língua e dar-lhe coragem líquida. Ela ia precisar.

Ela enfiou um pano parcialmente úmido de saliva entre os dentes e respirou rápido e superficialmente pelo nariz. Ela tentou ao máximo não fechar os olhos, os cantos das pálpebras enrugando tão profundamente quanto a testa, enquanto enfiava uma agulha na pele.

Seus lábios se contraíram sob o poder de seu encolhimento.

Seu braço esquerdo tremeu quando ela cerrou o punho, mas não foi nada em comparação com o tremor agonizante que sua mão direita deu, especialmente quando piorou quando ela fez o outro lado de sua ferida. Ela jurou que ouviu o estalo do bordado rompendo as camadas de sua pele depois de ter estado em sua carne.

Seus dentes rangeram sob o pano em sua boca para conter seu grito durante todo o processo. Ela puxou o fio preso a ela para poder fechar aquela seção de seu ferimento recém-sangrento. Ela amarrou o barbante coberto de sangue antes de cortá-lo.

Ela tirou o pano da boca e ofegou por alguns segundos.

Beber álcool estava diluindo o sangue que continuava a vazar dela, mas nenhuma de suas principais artérias ou veias havia sido cortada. Na realidade, a marca da garra de três dedos que se estende diagonalmente pelo antebraço poderia ser muito pior.

Era mais profundo perto da parte interna do cotovelo do que do pulso. No entanto, mais danos foram causados perto de seu pulso, pois tinha menos músculos para protegê-lo.

Ainda não consigo sentir meus dedos anelar e mindinho.

Sem saber se isso era trauma ou porque os músculos e tendões que os controlavam estavam totalmente rompidos, ela olhou para eles.

Eles não tremiam como o resto dela e pareciam estar permanentemente presos em uma posição semi-enroscada.

Nenhuma lágrima caiu de seus olhos, mas elas brotaram e se acumularam antes que ela piscasse para afastá-las.

Esta não foi a primeira vez que ela cuidou de um ferimento que obteve. Ela tinha um ferimento bem nodoso na coxa que ela mesma remendou, mas achou que esse poderia ser o pior ferimento que já recebera.

Faunus tinha ido embora por quatro dias.

Por mais que ela não o culpasse por abandoná-la quando ele sabia que poderia ser perigoso, teria sido muito útil se ele estivesse aqui.

Se eu soubesse que ele iria embora, nunca teria usado uma isca tão grande como o cervo. E sua maneira de matar as coisas era absolutamente despedaçá-las, espalhando sangue e partes do corpo por toda parte.

A maioria de suas mortes tinha pouco sangramento, e ela tinha certeza de que se tivesse atraído os Demônios sozinha, não teria feito uma confusão tão grande que continuaria atraindo mais.

Regra quatorze: nunca se meta demais.

Esta ferida poderia ter sido evitada se ela tivesse apenas prestado atenção.

Apenas dois Demônios vieram ontem à noite. Ela poderia tê-los feito facilmente sozinha se não fosse por um pequeno detalhe que ela não havia considerado.

Regra três: nunca se distraia.

Eu sei que é por isso que eles me expulsaram da guilda, ela pensou enquanto tomava outro gole de bebida e enfiava o pano na boca. Mayumi segurou sua agulha e linha novamente. *Uma mulher menstruada em campo é uma isca, é distraída, é um risco.*

Ela começou a menstruar ontem. O primeiro dia sempre foi o mais difícil para ela. Em um ponto da noite passada, enquanto ela estava no telhado, ela teve uma cólica tão forte que pensou que sua pélvis estava pegando fogo.

Mais uma vez, Mayumi enfiou o pano na boca, para não

morder a língua ou estragar os dentes ao cerrá-los. Ela gritou propositalmente enquanto enfiava a agulha em sua carne novamente. Ela amarrou, então fez outro, querendo acabar com isso o mais rápido possível, o tempo todo tremendo terrivelmente.

Eu nunca isco quando estou menstruada.

Ela fez o que toda mulher inteligente fazia quando vivia na floresta. Ela acendeu latas de incenso para ajudar a mascarar o cheiro enquanto queimava qualquer evidência que tivesse coletado em suas calças.

Atualmente, ela estava usando um cinto de bolsas que continham ervas fortes dentro delas.

Mas quando ela estava dentro enquanto usava seu uniforme da guilda e ouviu um Demônio correndo do lado de fora, ela sabia que precisava ir lutar. Então ela ficou no telhado, cansada e com dor, para poder proteger sua casa e a si mesma.

Custou-lhe caro, e aqui estava ela agora, costurando o braço enquanto fervia a comida porque não comia há horas. Ela tinha uma panela cheia de água quente no balcão da cozinha pronta com panos anti-sépticos à base de ervas. Ela planejou envolvê-los em volta do braço antes de enfaixá-lo adequadamente.

Uma vez que ela terminou de fechar sua ferida, ela olhou para os numerosos pedaços de pano cobertos de sangue sobre a mesa. Ela usou outro para limpar o antebraço enquanto o inspecionava.

Era um trabalho bastante decente, se ela mesma dissesse.

Ela tocou seus dedos anelar e mindinho dormentes, seus lábios franzidos com força. *Porra. Se eles não melhorarem, nunca poderei segurar um arco corretamente.*

Também era duvidoso que ela fosse capaz de segurá-lo com a falta de força que ela teria em seu braço. Ela poderia estar tremendo permanentemente a partir de agora.

Ela ainda deveria ser capaz de empunhar minha espada, no entanto.

Ela tomou outro grande gole de bebida antes de pressionar a testa contra a ponta dos dedos enquanto apoiava o cotovelo na mesa de jantar. Sua cabeça se virou para a janela da cozinha para olhar o sol do meio da manhã com olhos doloridos, inchados e cansados.

Seu braço estava extremamente quente e inchado, tanto que ela pensou que lava estava começando a se formar em suas veias. Ugh, e o latejar estava tornando difícil pensar em qualquer outra coisa!

Com um pé firme, o outro na ponta dos pés enquanto ela o balançava para cima e para baixo.

Se Faunus voltar... Seu pé saltou mais rápido. *Se Faunus voltar, ele pode curar meu braço, certo?*

Ela suportaria esta ferida se fosse preciso. Se ele nunca voltasse, ela simplesmente aceitaria, mas não podia segurar a possibilidade de que houvesse uma solução.

De jeito nenhum ela deixaria isso atrapalhar sua vida.

Embora dispensado honrosamente depois que algo semelhante foi feito com sua panturrilha, seu pai continuou a atrair demônios e proteger esta casa muito bem. Ela não jogaria a toalha tão facilmente.

Ela nunca foi covarde.

A morte virá para mim de qualquer maneira, e prefiro sair lutando. Dane-se viver uma vida longa e semi-pacífica.

Era tão inútil quanto sobreviver.

O que mais ela faria? Sentar nesta casa e não fazer nada? Ela não tinha tais aspirações. Ela queria fazer a diferença neste mundo matando apenas mais um Demônio.

E não vou viver nas cidades só para enlouquecer e apodrecer atrás dessas paredes. Para ela, viver ali era nada mais do que gado no rebanho esperando para ser abatido para a carne.

O latejar em seu braço era apenas porque estava muito fresco, mas ela inspecionou sua ferida novamente para se certificar de que estava limpa. *Espero não pegar uma infecção e ficar séptica.*

Que maneira patética de morrer.

O que eu vou fazer hoje à noite, no entanto? Eu não posso lutar assim agora. Ela se levantou e tirou a panela de mingau do fogão.

Então ela deu um passo para o lado e puxou tiras de panos embebidos em anti-séptico da panela agora resfriada. Ela os colocou sobre o braço, estremecendo com a dor pungente que isso trouxe. Seu braço, de alguma forma, latejava ainda mais rápido quando o calor atingiu seu ferimento.

Ela trabalhou em enfaixar seu antebraço adequadamente para manter tudo seguro.

Feito isso, serviu-se de mingau e sentou-se com os olhos pesados. Ela havia perdido muito sangue e não havia dormido muito ontem, pois estava com cólicas.

E ser ferida pode realmente tirar isso de uma pessoa.

Ela brincou com a comida para ajudá-la a esfriar, o tempo todo pensando que não estava com vontade de comer. Em vez disso, ela olhou para o caos dentro de sua casa.

A camisa do uniforme da guilda estava no chão onde ela a largou perto da porta, arruinada. Ela simplesmente queimou, já que tinha outras. Suas calças estavam cobertas de líquido, e ela não tinha certeza se era dela ou de sangue de Demônio. Ela não tinha tirado os sapatos – tinha sido a última coisa que ela pensou, considerando todas as coisas.

Parece e cheira a uma enfermaria aqui. Ela suspirou enquanto comia. *Preciso me limpar antes de dormir.*

Com a cabeça pressionada contra a palma da mão, Mayumi começou a adormecer sob o peso e os acontecimentos de sua noite.

O som de passos pesados cruzando sua varanda a deixou repentinamente alerta. Ela não sabia quanto tempo estava dormindo, provavelmente alguns minutos? Sua cabeça começou a cair em direção à tigela na mesa, e ela quase deu uma chicotada ao empurrá-la para trás.

– Quem está aí? – ela gritou, esperando aos céus que *não fosse* um certo Caminhante do Crepúsculo.

Quando aqueles passos chegaram à porta e começaram a girar a maçaneta. Mayumi se levantou e então olhou para toda a bagunça.

Porra. Não seja Faunus.

– Sou eu, Mayumi, – ela o ouviu chamar de volta assim que a porta começou a se abrir.

– Não entre aqui! – ela rugiu, correndo para a porta para poder fechá-la.

Ela não chegou lá antes de ficar cara a cara com seu crânio felino e corpo maciço na porta.

Orbes azuis ficaram completamente brancos enquanto ele procurava dentro da casa. Ela notou que ele respirou fundo e curiosamente antes de estremecer.

— Sangue? Você está ferida? — ele perguntou enquanto dava um passo para trás. Ambas as mãos se ergueram para cobrir o focinho, mas antes que ele o fizesse, seus orbes rapidamente ficaram vermelhos.

Merda. Isso não é bom.

Mayumi recuou enquanto alcançava o lado de seu cinto de armas. Ela agarrou o ar, tendo esquecido que sua espada estava do lado de fora.

— Você precisa sair Faunus, — Mayumi disse calmamente, mantendo sua voz especialmente suave quando um rosnado ecoante e borbulhante saiu dele.

Ela tentou agarrar sua adaga, mas seus dedos trêmulos e feridos se atrapalharam quando ele abaixou as mãos para que pudesse cair para frente e pousar sobre elas. Sua pele se arrepiou de pavor quando ele deu um passo à frente em sua casa de quatro, seu rosnado borbulhante se tornando mais feroz a cada segundo.

Ele empurrou seus ombros largos, fazendo o batente da porta dela ranger.

Seus orbes ainda estão vermelhos. E eles estavam focados em presas recém sangradas. Ela. *Merda.*

Ela estreitou os olhos, mantendo o coração firme, embora seu corpo tremesse de fraqueza.

— Ei, meu grande e sexy Caminhante do Crepúsculo, — Mayumi arrulhou, afastando-se dele com uma mão para a frente. Ela podia sentir o perigo dele como se fosse algo grosso e tangível. — Eu sei que você não quer me machucar. Você vai ficar com muita raiva de si mesmo se fizer isso.

Ela sabia que ele tinha ido para quaisquer forças que fizeram a sede de sangue silenciar seus pensamentos quando ele se escondeu e continuou vindo. Ele não estava mais ouvindo. Ele não parecia mais ser seu doce Faunus.

Não havia sentido em falar com ele agora, e ela não desperdiçaria seu fôlego fazendo isso. Em vez disso, ela apenas fez um

balanço mental de onde estavam todas as suas armas disponíveis.

Além da adaga que agora estava no chão entre eles, as únicas armas disponíveis eram a espada de seu pai descansando em cima do manto da lareira e seu chicote amarrado em seu cinto.

Quando as presas de Faunus se separaram e ele começou a rosnar, ela se atreveu a lançar os olhos para a lareira.

Ela previu que ele poderia pular se ela desviasse o olhar dele, e quando ele o fez, ela mergulhou para o lado enquanto ele atacava. Ele pisou em cima da mesa de café, quebrando-a ao meio, quando ele veio para ela.

Seu coração acelerou sob seu estresse. Esta era a última coisa que ela precisava depois da maldita noite que ela acabou de ter!

Ele a perdeu quando ela rolou para o lado em frente à lareira para se esquivar. Ela agarrou a espada de seu pai. Atirou-se de suas mãos quando seu peito a empurrou para o chão enquanto ele atacava sua forma muito menor, seu agachamento tornando-a muito baixa para suas garras.

Merda! Ele é tão rápido. Ela pressionou contra o peito dele com os pés para mantê-los separados enquanto ele estalava suas mandíbulas sobre ela com selvageria. Suas presas criaram um ruído cortante a menos de centímetros de seu nariz. *De todos os malditos dias para ele voltar, só tinha que ser este?!*

Apenas um minuto se passou desde que ele entrou, e ela já estava de costas! Um humano nunca poderia manobrar um Caminhante do Crepúsculo, e ela estava fraca e lenta devido à perda de sangue.

Pense, Mayumi.

A espada de seu pai havia escorregado parcialmente de sua bainha, mas estava fora de alcance – e aqueles dentes estavam se aproximando perigosamente.

Agarrando o atizador de fogo na frente das chamas, Mayumi o enfiou entre as presas dele e usou os joelhos e as mãos para empurrá-lo para trás, gritando de agonia que irradiava de seu braço ferido.

Faunus obviamente pensou com suas presas porque ele apenas usou seus braços para se firmar sobre ela enquanto tentava colocar sua

cabeça em sua boca. A baba espirrou em sua bochecha enquanto ela o mantinha à distância.

Seus braços estavam enfraquecendo, porém, e seus olhos se arregalaram quando o atizador de ferro começou a se distorcer. Ele estava dobrando!

Porra. Porra! Ela precisava fazer alguma coisa, e rápido.

Ela jogou a cabeça para o lado para dar uma folga aos braços e deixou que ele avançasse para bater com o focinho no chão. Ao mesmo tempo, ela se abaixou e soltou o chicote do cinto.

Assim que ele recuou, Mayumi chutou a parte inferior de sua mandíbula para fechar suas presas e rapidamente enfiou o chicote em torno de sua boca mortal.

Ele recuou para arranhá-la do rosto, o atizador preso atrás de suas presas. Enquanto ele estava distraído, Mayumi enfiou a mão na lareira e agarrou o lado não flamejante de um pedaço de pau que estava meio dentro das chamas.

Apavorado com o fogo, Faunus ganiu terrivelmente com os respingos de brasas que caíram em cascata ao redor de seu rosto. O som apertou seu coração com pena dele. Na verdade, toda essa situação só fez com que ela sentisse pena dele.

Ela pegou a espada de seu pai e puxou-a de sua bainha no momento em que ele rugiu.

Corte a cabeça. Isso é o que ele disse a ela para fazer se houvesse uma situação em que ele a estivesse atacando com uma fúria sedenta de sangue. *Ele disse que voltaria se eu cortasse sua cabeça. Talvez eu possa consertar seu crânio enquanto ele está inconsciente.*

Mayumi encolheu os ombros para ficar menor quando ele a envolveu com as mãos. Ela firmou a borda plana com o pé, com o lado da lâmina voltado para ele. Ela se alojou em sua garganta.

Mais uma vez, ela estava apenas segurando-o na baía.

Nesse ritmo, ele vai me matar.

Ela não sentiu medo, mas a adrenalina correndo em suas veias deu a sensação de que seu estômago e seu coração haviam trocado de lugar. A parte de trás de sua garganta queimava em cada inspiração e expiração de ar, seus pulmões murchando enquanto se comprimiam.

Ela tinha uma mão segurando o cabo da espada com o pé oposto pressionando-o. O outro pé estava contra o peito dele para mantê-lo afastado, mas ele era mais forte do que ela. Ela tinha certeza de que a única razão pela qual ele não estava totalmente sobre ela agora era por causa da dor que devia estar sentindo.

Sangue roxo escuro escorria para a lâmina de prata da espada enquanto cortava cada vez mais fundo em sua garganta. Faunus chegou cada vez mais perto, como se não se importasse, desde que conseguisse sua refeição no final.

Mayumi sempre soube que isso era um risco. Ela estava mentalmente preparada para isso. Ela poderia lidar com a morte. Estava arraigado em sua personalidade ser indiferente sobre sua própria morte.

Mas a razão pela qual seu coração disparou de preocupação não era por ela mesma, mas por ele.

Ele nunca vai se perdoar se me matar.

Ela só podia imaginar o resultado disso. Como ele lidaria sabendo que foi ele quem tirou a vida dela.

Ele nunca disse isso, mas Mayumi sabia que ele a amava. Não era difícil ver na maneira como ele a segurava com carinho, como se ela fosse a única coisa que importasse no mundo. Ela também sentiu isso na maneira como ele acariciou com as garras cada parte de seu corpo, desde os pés até os cabelos grossos, como se adorasse cada parte dela.

Ele a tratou como se ela fosse a coisa mais preciosa, e as palavras que ele falou foram profundas afirmações de afeto.

Era difícil não retribuir esses sentimentos quando eles eram compartilhados tão livremente. Ela os preferiu à inutilidade de uma única palavra que faltava para expressar o carinho de alguém.

Mayumi estreitou os olhos com determinação teimosa. Ela fez a única coisa que ela poderia pensar.

Ela enfiou os dedos até a base dos dedos no orifício do nariz dele, já que ele não tinha olhos para ela cutucar. O grande Caminhante do Crepúsculo estremeceu com a inesperada intrusão em seu nariz e recuou. Ele cortou em repulsa, dando a ela uma chance de trazer o pé

para trás.

Ele golpeou uma garra e cortou a ponta de uma delas contra sua bochecha, cortando-a quando ela virou a cabeça para evitar o pior.

A espada estava firmemente alojada em sua garganta agora, e ela apontou o salto de ambas as botas para ela quando ele começou a descer. Ambos os pés o atingiram, mas o esquerdo escorregou imediatamente depois.

Mayumi cruzou os braços sobre o rosto, esperando o pior quando isso lhe deu liberdade para terminar de descer.

Um suspiro agudo saiu de sua garganta. A dor irradiou em seu joelho direito ao atingir algo duro e curvo. Ela não se preocupou se algo em seu joelho quebrasse quando ela pensou que estava a momentos de seus braços serem mordidos.

De repente, Faunus caiu sobre ela e começou a esmagá-la sob o peso de sua forma maciça.

Levou alguns segundos para Mayumi ofegar para perceber que ele havia parado completamente de se mover.

Eu fiz isso?

Ela não ia deitar aqui e esperar para descobrir – não se isso significasse que ela poderia estar errada.

Agarrar-se para escapar dele foi excepcionalmente difícil. Ela tinha vários ferimentos, e ele era tão pesado como um ser flácido que era como tentar levantar um urso de cima de si mesma.

No entanto, quando ela se contorceu para cima e para o lado, tentando rastejar para fora da junção do pescoço e do ombro dele, ela pôde ver que a cabeça dele ainda estava firmemente presa ao pescoço. Ela mal tinha colocado a espada na metade de sua garganta grossa e densa.

Se não foi o pescoço que o colocou para fora, então o que...

Mayumi achava que nunca havia sentido nada parecido com o calafrio horrível que percorreu sua espinha com o que viu. Nunca em sua vida, mesmo depois de tudo o que ela tinha visto, feito e experimentado, qualquer coisa tinha feito seu coração quase quebrar em seu peito.

Escoando pesadamente da fenda aberta de seu crânio, uma

poça de sangue roxo estava se formando embaixo de sua cabeça.

— Não! — ela gritou, inclinando-se para frente para colocar seus dedos no ar acima dele.

Era óbvio que ele ainda estava vivo pela maneira como sua respiração difícil levantava seu peito, mas isso não ajudou em nada.

— Não! Porra! — Ela se sentou de bunda e levantou os joelhos. Ao mesmo tempo, ela cobriu o rosto com as mãos trêmulas. — Eu quebrei o crânio dele ainda mais.

Deve ter sido o chifre dele que ela sentiu esmagar contra o joelho.

Ela quebrou, ela! Ela estava tentando consertá-lo, não ser a razão pela qual ele estava ainda mais perto da morte! Ele nunca tomaria sua alma agora, não com a forma como ela podia ver que estava escancarada e revelando pedaços de músculos de aparência estranha.

Mal estava segurando, a parte de baixo solta enquanto a parte de cima da rachadura era tudo o que restava para mantê-lo unido.

É tudo culpa minha. É tudo culpa minha.

Mayumi não sabia como processar isso. O que ela deveria fazer.

Ela apenas cruzou um pé sobre o outro, como se estivesse tentando se tornar menor para o mundo, insegura de como lidar com a crescente dor que girava até o âmago de seu ser.

Nenhuma lágrima se formou. Ela não chorou quando um de seus pais morreu. Faunus, pelo que ela podia dizer, pelo menos ainda estava vivo, mas havia um formigamento desconfortável em seus seios da face.

Ela estava com muita dor. Seu braço estava sangrando através do curativo, e ela sabia que havia estourado vários pontos lutando contra ele. Seu rosto doía onde ele a cortou, e ela estava certa de que algo estava terrivelmente errado com seu joelho.

É tudo culpa minha. Se eu não quisesse atrair os Demônios, o alado provavelmente não teria vindo aqui.

O Demônio havia mencionado algo sobre um rei. Ela sabia que Faunus tinha corrido atrás dele porque não queria que o Rei Demônio soubesse onde ele estava.

Faunus não precisaria persegui-lo. Eu não teria sido deixada para lutar contra os Demônios sozinha e me machucar.

Ele não teria voltado aqui enquanto ela estava se consertando e limpando sua casa. Ela não estaria coberta com seu próprio sangue.

Ela não teria causado tudo isso.

Abaixando as mãos, ela olhou para ele com os olhos profundamente curvados. A bÍlis subiu à sua garganta como ácido, seu estômago revirando com emoções que ela não conseguia engolir, não importava o quanto tentasse.

Seu coração se apertou dolorosamente, ameaçando romper os tendões que o mantinham no lugar. Ele roubou o resto da agonia que ela sentia, mais proeminente do que qualquer uma de suas feridas físicas.

Como devo salvá-lo agora?

— Sinto muito, Faunus.

CAPÍTULO 35

A mente de Faunus estava confusa quando ele acordou. Era o tipo de sonolência que alguém sentiria depois de um sono profundo.

Não, isso estava errado. Era tonto, como na maneira como ele se lembrava de ter sido envenenado. Sua audição estava abafada, como se alguém tivesse enfiado algodão em seus ouvidos. Sua visão estava mudando, vibrando dentro e fora da luz e da escuridão, enquanto tudo parecia se mover lentamente. Havia rastros e uma estranha divisão em sua visão que ele nunca havia testemunhado antes.

Seu crânio parecia insuportavelmente pesado, mas também o consumia com uma pancada que se bifurcava por todo o rosto como relâmpagos no céu.

Era a sensação mais estranha, mas parecia que seu ser, sua essência, sua própria *alma*, estava se partindo em dois.

Uma mistura de seu próprio sangue e ervas intensas, como endro, manjerição e várias outras, era tudo o que ele podia sentir. Algo cobria seu focinho ossudo e preenchia parcialmente o buraco do nariz – embora não totalmente. Era desconfortável, e ele não gostava de não ser capaz de sentir onde estava.

O que aconteceu?

Normalmente, quando ele dormia ou desmaiava ou mesmo morria temporariamente, ele se lembraria. Ele até se lembrava vagamente das muitas raivas que teve.

Agora havia apenas um vazio.

A última coisa de que se lembrava era que havia desistido de perseguir o Demônio alado. *Lembro-me de cair da árvore...* Não havia mais nada em sua memória.

Outra tentativa de olhar ao redor revelou que ele estava em uma cabana, bastante familiar, apesar da névoa de sua visão.

Eu cheguei a Mayumi?

Faunus tentou mover os braços, mas não conseguiu. Ele se contorceu quando percebeu que seus membros haviam sido amarrados atrás das costas e ele ficou imóvel contra o chão. *Corda*

encantada? Isso era tudo o que ele podia pensar que o prenderia dessa maneira.

Uma forma e meia apareceu, e Faunus só sabia que era Mayumi ajoelhada no chão ao lado de seu crânio quando ela se aproximou o suficiente para deslizar pelo véu de sua mente filtrada e ociosa.

— Você está acordado. — Sua voz estava distante. — Faz um dia desde que você voltou.

Faunus se concentrou nela e percebeu que, eventualmente, tudo começou a se resolver.

A dor em seu rosto permaneceu, piorando ainda, enquanto o mundo se estabilizava. Mas havia uma escuridão parcial que não desaparecia no lado esquerdo de sua visão, e ele jurou que sua audição estava ruim naquele mesmo lado.

Um gemido curto e de estremecer os pulmões ecoou de seus pulmões.

— Por que eu sofro tanto? — Ele se contorceu novamente, seu rabo se curvando em aversão a ser capturado dessa forma. — E por que estou amarrado assim?

Com algo fechando sua mandíbula, ele estava deitado de bruços com os braços atrás das costas e as pernas juntas. Ele podia ver que ele estava dentro, a uma distância segura do fogo, mas ainda dentro do alcance de seu calor.

— Você não se lembra?

Quando ele balançou a cabeça, Mayumi olhou para o chão.

Seu cabelo estava cobrindo o lado de seu rosto, e ele ficou surpreso ao encontrá-la em um vestido. Ele nunca a tinha visto em um antes, e embora fosse cinza e liso com uma roupa de baixo por baixo, ele achou que combinava com ela.

— Eu não suportaria deixar você do lado de fora sozinho quando você se curou, mas atualmente estou menstruada. Eu cobri seu focinho, esperando que isso ajudasse a esconder você do cheiro, e amarrei você caso isso não funcionasse.

Ele ficou surpreso por ela ter evitado contato visual com ele, já que Mayumi não costumava desviar o olhar por longos períodos de

tempo.

Ela parece cansada.

Pelo que ele podia ver de seu rosto, a parte inferior de seus olhos estava machucada e fortemente enrugada. Ela também parecia mais pálida do que o normal.

— Embora algumas gotas não me deixassem enlouquecido, ainda assim foi sábio de sua parte.

Mas com Mayumi sendo uma Caçadora de Demônios por onze anos, ele pensou que ela deveria saber maneiras de contornar essa questão feminina.

Ela ficou em silêncio, o que sempre o preocupava.

— Mayumi?

Quando ela não se virou para ele nem respondeu, Faunus virou a cabeça mais para ela. Ele gritou. A necessidade de tocar seu rosto e descobrir por que doía tanto o consumia, e a incapacidade de fazê-lo o irritava.

— Sinto muito, Faunus. — O tom desesperado que ele ouviu em sua voz fez seu pelo e suas pontas eriçar. — Coloquei uma pomada em seu rosto para aliviar a dor, nem sei se está ajudando, mas quebrei ainda mais seu crânio.

Branco surgiu à sua vista. Foi então que ele entendeu a obscuridade que podia ver em seu orbe esquerdo e por que sua visão estava parcialmente dividida... a razão pela qual ele não conseguia ouvir direito era por causa de seu crânio.

Ele queria ficar com raiva, mas descobriu que nunca poderia ficar com ela. Ele permitiu que toda a tensão que havia passado por ele diminuísse.

— Como? O que aconteceu, Mayumi?

Ela cobriu o braço esquerdo e virou a cabeça para o outro lado.

— Você me atacou. Bem, você quase me matou, para ser mais preciso. Eu tentei cortar sua cabeça como você me disse para fazer.

Ele olhou para o braço que ela cobria com a mão e o pânico o atingiu.

— Você está ferida?

— Você sabia que seu pescoço é grosso pra caralho? — ela

perguntou em vez de responder, o que só fez seu pânico piorar. — Quando tentei enfiar a espada em sua garganta, meu pé escorregou e você acabou acertando meu joelho com seu chifre. Você desmaiou depois disso.

Mayumi poderia ouvir seu coração batendo contra o chão? Ela devia ser capaz, era pesado como um tambor. Cada palavra que ela pronunciava deixava um gosto metálico e amargo em sua garganta.

— Eu machuquei você? — ele perguntou, lutando para sair de suas amarras para que pudesse verificá-la. Quando ela não disse nada, ele começou a rosnar. — Responda-me, Mayumi!

Ela virou a cabeça para ele, os dentes cerrados e revelando um corte machucado que ela tinha na bochecha.

— Preocupe-se consigo mesmo, Faunus! — Ela estendeu a mão, apoiando-se em um joelho e um pé, para desfazer as ataduras em suas pernas e depois nos pulsos. — Não sou eu que estou morrendo aqui, eu não. Meu braço parece muito ruim desde que estourei a maioria dos meus pontos, e está preto, mas não sou eu que estou com metade do rosto caindo!

Quando ele foi libertado, ela se levantou para colocar espaço entre eles. Ele não gostou, não gostou que ela estivesse tentando se esconder dele, fugir dele quando ele queria verificar seu bem-estar.

— Eu não deveria ter sido tão descuidada. Eu sabia da sua rachadura, mas pensei que podíamos proteger um ao outro. Você me protege enquanto eu te protejo. Achei que tudo ficaria bem, mas se eu não quisesse atrair os Demônios aqui, nada disso teria acontecido. Eu sou tão malditamente egoísta e estúpida.

— Você está... você está mancando? — ele perguntou enquanto caminhava para suas patas. Ele estava instável, como se seu equilíbrio estivesse perdido, mas ele se ajustou rapidamente.

Nada o preparou para o novo ataque de dor que iria bombardeá-lo uma vez que ele se levantasse o máximo que pudesse em sua pequena casa. Ele levantou a mão para tocar seu crânio, estremecendo com a dor que o movimento trouxe, mas ele apenas suportou a dor para que pudesse inspecionar fisicamente o quão ruim era.

Sua cauda se curvou para baixo. Era ruim, muito ruim.

— Faunus! — Mayumi gritou quando ela se virou para ele. — Por que você não está com raiva de mim?

Ele se acalmou enquanto olhava para ela. Ela olhou de volta com as sobrancelhas franzidas, como se esperasse algo.

Suas orbes brancas ficaram azuis ao vê-la. Eles se aprofundaram ainda mais quando ele deu um passo em sua direção e ela recuou.

Ele estava certo, ela estava mancando. Seu rosto parecia abatido, cansado e ferido, pálido e cabisbaixo. Mas não importa o quão longe ela mancou de volta, mesmo quando sua bunda bateu na mesa de jantar, Faunus não parou de persegui-la.

Ele gentilmente deslizou seus dedos em forma de garra sob as linhas suaves de sua mandíbula até que ele embalou embaixo dela e na base de seu crânio com suas mãos enormes.

— Porque, Mayumi, — ele murmurou enquanto abaixava o crânio, virando-o ligeiramente e pressionando o lado de sua testa contra o meio dela. Ele estremeceu quando mesmo aquele pequeno contato causou dor. — Você está viva. Isso é tudo que importa. Você lutou contra mim e venceu, não importa como. Eu preferiria que meu crânio fosse quebrado ainda mais do que cair em mim e perceber que eu a matei.

Ele escureceu sua visão, aliviado por saber que ela estava aqui quando ele quase acabou com sua vida. Ele não sabia como, mas se ela dissesse que quase o tinha feito, então ele sabia que ela devia ter feito tudo em seu fraco, pequeno poder humano para vencê-lo.

Apesar da piscina doentia de emoções terríveis girando dentro dele, ele não podia evitar o orgulho que sentia.

Enquanto segurava firmemente sua preciosa cabeça, segurando a parte de baixo dela completamente, ele resistiu quando Mayumi começou a bater contra seu peito. Ela bateu, deu um tapa, tentou afastá-lo, mas ele se recusou a deixá-la ir - assim como ele realmente não conseguiu desde o momento em que a conheceu.

Ao mesmo tempo, o frescor de sua magia irradiou entre eles enquanto ele tomava para si os ferimentos dela.

— Não! — ela gritou, seus golpes se tornando mais agressivos quanto mais ele a curava — era como se ele estivesse lhe dando força para fazê-lo. Isso só o fez perceber o quanto ela estava ferida. Seu joelho ameaçou ceder, e seu braço estava em agonia. — Não é justo!

— Silêncio, minha caçadora adoravelmente feroz, — ele disse em um tom gentil e reconfortante. — Tudo vai ficar bem.

Ele sabia que era mentira, mas só precisava que ela se acalmasse. Ela obviamente passou as últimas vinte e quatro horas em uma espiral, e ele não podia suportar vê-la desse jeito quando ela era normalmente tão reservada e controlada.

Seus tapas suavizaram antes que ela finalmente caísse contra ele.

— Mas não está bom, — ela murmurou, agarrando a pele de seu peito. — Sinto como se tivesse te matado.

Inclinando-se para trás para poder encará-la, ele descobriu que sua cor havia retornado significativamente. Esse fato por si só o fez se sentir melhor.

Com a parte de trás de sua garra curvada, Faunus gentilmente empurrou uma mecha de cabelo emaranhado atrás da orelha.

— Eu sei que isso teria acontecido comigo eventualmente desde que eu já machuquei meu crânio perseguindo o Demônio alado. Eu sempre soube qual era o meu fim. — Deslizou sua garra por sua frágil jugular para que pudesse senti-la pulsando com vida. — Eu sempre soube que meu futuro era limitado. Isso não é sua culpa, Mayumi. Não é culpa de ninguém, apenas minha, e as escolhas que fiz me levaram a ser preso pelo Rei Demônio.

De alguma forma, suas sobrancelhas franziram ainda mais, desta vez seus lábios fazendo beicinho junto. Ele achou a tristeza dela encantadora porque mostrava o quão profundamente ela se importava com ele.

— Mas...

— Você pode optar por insistir nisso, mas nada vai mudar isso. Eu escolhi apenas... viver, desde que esteja ao seu lado. Não importa quanto tempo isso pode ser. Isso é tudo que eu queria desde que isso aconteceu comigo. — Faunus pressionou sua testa contra a dela mais

uma vez. — Eu não desejo manchar o tempo que me resta com você com miséria. — Ele deslizou suas garras pelo lado dela com uma risada calorosa enquanto acrescentava: — Quando eu preferiria que fosse cheio de prazer.

— Eu não sei como fazer isso, — Mayumi murmurou, inclinando a cabeça para frente. — Não posso simplesmente esquecer o que está acontecendo, Faunus. Minha mente quer encontrar uma solução. Meu coração quer se fixar como sempre acontece quando decido algo.

— Você não pode decidir sobre outra coisa? — ele perguntou, usando a junta da frente para levantar a cabeça dela. — Eu nunca vi você em roupas tão longas e esvoaçantes.

Ele estava tentando distraí-la - especialmente porque ela geralmente deixava.

— Deixe-me adivinhar. Me serve? Fica melhor em mim? Eu deveria usá-la com mais frequência? — Seu tom sarcástico lhe deu esperança.

— Parece mais fácil para mim entrar — disse ele, grato por seus orbes estarem começando a voltar ao amarelo normal. Ele os estava forçando tanto quanto podia. — Mas eu acho que prefiro você de calça. Você não parece você mesma vestida dessa maneira.

O canto de sua boca se contraiu, o incômodo de um sorriso malicioso provocando seus lábios antes de sua expressão cair.

— A pomada está ajudando você? — ela perguntou enquanto estendeu a mão para colocar seus dedos perto de sua rachadura, mas felizmente nunca tocou. — Seu orbe esquerdo parece muito menor que o direito.

— Não tenho certeza de como seria sem ele, então não sei se está ajudando com a dor.

— Eu posso fazer mais, então não vamos descobrir. — Seus lábios se apertaram momentaneamente enquanto seus olhos dançavam em todas as suas feições - de seus orbes a seus chifres até a corda e pano cobrindo seu focinho. — Tentei amarrar seu rosto enquanto você estava inconsciente, mas ouvi um estalo e parei. Eu gostaria que houvesse mais que eu pudesse fazer por você.

Faunus agarrou a mão dela e a segurou contra seu esterno, esperando que ela pudesse sentir seu coração irradiando sob ela.

— Apenas estar com você é o suficiente para mim.

Seu olhar estava misturado com muitas emoções profundamente conflitantes para ele realmente entender todas elas.

— Mas não é para mim, — ela resmungou antes de enterrar a testa contra o peito dele.

A maneira como ela se agarrou a ele parecia errada.

Estava cheio de calor e ternura, mas havia um leve tremor na forma como ela o abraçou. Ela estava agarrando seu pelo com força e, como ele não cheirava a medo, ele sabia que era ansiedade.

Ele estava causando sua aflição. Ele desejou ser altruísta o suficiente para colocar distância entre eles quando sabia o que era inevitável. Para ajudar a tornar isso mais fácil para ela.

Mas ele não era altruísta. Ele soube disso no momento em que passou os braços ao redor dela e a apertou contra ele como se sua vida dependesse disso.

CAPÍTULO 36

Os dias se passaram, mas pareciam nada mais do que segundos para Mayumi. O tempo estava fluindo de uma forma que ela não podia mudar. Um onde ela estava observando os grãos de areia começando a borrifar através de um vidro do tempo pertencente a um ser que deveria receber uma quantidade ilimitada.

Foi delineado, pintando o próprio limite da amarração do destino de uma pessoa a este mundo.

Observar aqueles fios do destino começando a se desfazer, saber que aqueles pedaços brilhantes de areia estavam se esgotando, era árduo e punitivo de testemunhar. Especialmente quando não havia nada que ela pudesse fazer para ajudar.

Ela não entendia como a imortalidade podia ser tão passageira.

Apesar da constante amargura que isso lhe causava, ela estava grata por isso. Pelo menos Faunus não estava sozinho.

Ela estava grata pelos Demônios terem parado de vir desde que ela estava tentando matá-los com o mínimo de sangue derramado possível. Especialmente porque, ao longo dos últimos dias, as mentes de ambos se alinharam para não fazer nada além de passar um tempo juntos.

E com a areia acabando, ela mostrou a ele tudo o que ela poderia. Eles construíram criaturas de neve, a dela sendo um boneco de neve e a dele sendo um Caminhante do Crepúsculo da neve. Eles jogaram todos os jogos de tabuleiro que ela tinha disponível.

Mas, talvez o momento mais terno tenha sido Mayumi levando Faunus para o quarto desordenado e inutilmente sentimental de seus ancestrais.

Embora ela tivesse jurado nunca vasculhar coisas que seria melhor deixar esquecidas, ela explicou a história de tudo que ela tinha conhecimento.

Qual pintura pertencia a quem, qual bisavó escreveu algum poema sentimental ou depressivo. Por que havia um único e pequeno sapato esquerdo, mas não um direito.

Para a maioria, isso pode parecer uma tarefa sem importância,

mas Mayumi queria finalmente compartilhar por que essa sala meio que... a assustava um pouco. Saber que ela pode ser a última a morar nela, passar essa informação para outro, foi cruel.

O destino de sua linhagem estava em suas mãos e, em vez disso, ela se apaixonou por um monstro - um que poderia não estar aqui por muito mais tempo.

Ela era alguém que sentia repulsa pelo afeto dos humanos, mas se deleitava com ele. Como ela deveria se contentar com uma pontuação menor depois de tudo isso?

Ninguém e nada poderia se comparar à grandeza que era Faunus.

Claro, ele deu a ela sua atenção completa e exclusiva. Se ele estava ou não fingindo interesse estava além de seus cuidados. Era melhor do que os dois sentados ali em silêncio ensurdecador e refletindo sobre o futuro sombrio.

Sua libido, geralmente madura e faminta, estava se afogando em um banho de gelo. Ela desejou que tivesse permanecido assim ao invés de rugir para um inferno ardente quando ela assistiu este filho da puta grande, escuro e fofo segurar seu próprio sapatinho de bebê em sua palma enorme.

Especialmente quando o fim de sua intimidade fez Mayumi se sentir como se tivesse levado um tapa na cara pelas duas gotas de sangue roxo que respingaram em sua bochecha. Isso a chocou tão completamente que seu corpo inteiro se apertou ao redor de seu pênis, o que só a fez estremecer quando sentiu suas farpas.

Com Faunus bufando descontroladamente acima dela, seu corpo arfando com respirações pesadas que terminavam em gemidos agudos, mas silenciosos, ela observou o sangue escorrer de seu nariz e descer por seu rosto.

Uma terceira gota espirrou contra seus lábios desta vez.

— Faunus? — ela perguntou, preocupação carregada em sua voz.

Ela ergueu a mão para limpá-lo, esperando removê-lo. Mais gotas de luz seguiram em riachos finos pelo osso branco.

— Eu pensei que poderia fazer isso — ele ofegou antes de

balançar a cabeça ligeiramente. Seus orbes se transformaram em um azul profundo. — Mas eu não posso. Meu coração está batendo muito rápido.

Com seu pênis vibrando em um frenesi, ele empurrou para frente para liberar suas farpas de dentro de seu canal.

— Eu não posso nem ter satisfação em cheirar você e eu nos misturando. Eu mal posso sentir o cheiro de qualquer coisa. — O buraco de seu nariz estava se acumulando com seu próprio sangue, e espirrou ao redor dela quando ele deu uma bufada profunda e úmida. — Talvez seja o melhor.

Para o melhor? Ela pensou enquanto observava sua mão com garras subir acima dela.

Um suspiro rasgou através dela, um de dor e surpresa, quando aquelas garras desceram para esfaquear seu estômago. As costas de Mayumi se curvaram ainda mais quando ela sentiu uma magia fria irradiando por todo seu abdômen.

— O que você está fazendo?! — ela tentou gritar, mas saiu apenas como um sussurro.

— Se eu puder moldá-la para mim, — ele rosnou levemente. — Então devo ser capaz de desfazer isso.

— Não! Não!

Seu pedido foi ignorado.

Suas pernas tremeram e se contraíram quando ele se retirou - ou talvez ela agora o estivesse empurrando para fora. Foi difícil dizer. Tudo o que ela sabia era que seu corpo estava mudando como antes, mas desta vez voltando ao que deveria ser.

Ela odiava isso.

A semente que ela geralmente conseguia segurar jorrou dela logo antes que seu pênis amolecido caísse dela.

Faunus se firmou acima dela de quatro quando terminou, enquanto as costas dela se endireitavam e deitavam no chão. Seu corpo estava tremendo ao redor dela, tentando ao máximo não desmoronar.

Mayumi empurrou seu peito. — Você não precisava fazer isso!

— Eu fiz — ele ralou, seus lamentos ainda aparentes. Ele estava com dor, e ela queria simpatizar com ele, mas ela não podia depois do

que ele tinha feito. — Não posso manchar o resto de sua vida por causa dessas poucas e felizes semanas que compartilhamos.

Ele não conseguiu a permissão dela para fazer isso, o consentimento dela. Ele fez o que achou melhor sem nem mesmo perguntar se ela queria.

— Essa não é sua escolha! — ela gritou, desejando que ele parasse de ser tão altruísta e doce apenas por um maldito segundo. Não era justo.

Era doloroso. Ela preferia que ele fosse um bastardo até o fim, fosse possessivo e ciumento até seu último suspiro. Essa besteira de cavaleiro de armadura brilhante não estava fazendo nada além de torcer seu interior mais apertado do que o necessário. Nesse ritmo, ela estaria amarrada em tranças.

Ela queria que ele rosnasse, não a consertasse para que ela pudesse pegar o pau de outra pessoa!

— Eu já disse a você muitas vezes — ele riu sombriamente. — Sou eu quem está no controle.

— Desfaça isso, Faunus, — ela exigiu enquanto olhava para ele.

— Não. — Ele finalmente caiu para o lado, seu corpo lânguido enquanto seu peito subia e descia. — E eu prefiro não lutar com você. Ainda posso te dar prazer, mesmo que eu mesmo não consiga receber prazer.

— Eu não quero fazer isso.

Ela não achava que poderia lidar com ser tocada sem ser capaz de retribuir. Dar era tão satisfatório quanto receber para ela.

Faunus a puxou contra ele, forçando-os a se aconchegar no chão do depósito empoeirado e bagunçado.

— Então me mostre mais de sua vida e da vida de sua família. Nada me agradaria mais do que aprender tudo sobre você, sabendo que você não confiaria em ninguém além de mim para saber disso.

Mayumi mordeu os lábios para conter o gemido que queria escapar dela.

Não é justo quando ele puxa as cordas do meu coração assim.

A ameaça de lágrimas formigou em seu rosto, e ela voltou seu olhar para o teto para contê-las. Mas elas estavam ficando cada vez

mais difíceis de controlar e segurar quanto mais tempo passavam juntos.

Ela queria que eles estivessem mais próximos do que nunca, mas Faunus estava empurrando paredes entre eles.

Eu... eu gostaria que alguém me dissesse o que eu preciso fazer.



Faunus lentamente desembaraçou Mayumi de seus membros, a pequena fêmea segurando seu pelo firmemente com suas pequenas garras humanas. Ele se levantou para se sentar com as pernas cruzadas, desejando poder colocar a testa na palma da mão para descansar a cabeça, mas não suportava mais a dor que até mesmo tocar o lado bom de seu crânio trazia.

Não consigo dormir, pensou enquanto olhava para a escuridão da casa dela, o sol prestes a nascer, mas ainda não lançando sua luz sobre o mundo.

Atualmente, seu rosto estava enfaixado. Foi feito a seu próprio pedido para evitar que poeira e sujeira entrassem em sua ferida constantemente aberta. A pomada que ela colocou em sua fenda fez pouco para aliviar o latejar que ele sentia, e ele estava constantemente em agonia.

Ele tentou o seu melhor para esconder a extensão disso dela, mas mesmo ele não conseguia parar os gemidos repentinos que irrompiam dele durante certas tarefas agora.

Não faz mais sentido eu estar aqui.

Além de ser uma presença em sua casa, Faunus não podia mais ajudar Mayumi em nenhuma tarefa árdua; não importa o quanto ele tentasse.

Qualquer coisa que acelerasse sua frequência cardíaca fazia com que sua lesão piorasse em sua intensidade de dor. Era só quando seu coração desacelerava novamente que ele ficava aliviado, mas às vezes ele sangrava pela fenda e dentro do buraco do nariz.

Seu olfato foi prejudicado, assim como sua audição do lado esquerdo.

Ele não podia mover árvores para ela, cortar gravetos para a lareira ou até mesmo carregá-los para dentro. Ele não podia remover a neve ou mesmo andar pela casa dela. Ele não podia fazer nada sem se sentir tonto ou fraco.

Eu não posso tocá-la.

Ele poderia segurá-la, ele poderia falar com ela, mas nada mais do que isso.

Faunus se sentia... inútil.

Ele duvidava que seria produtivo em protegê-la. Se uma luta ocorresse, ele sabia que sua frequência cardíaca aumentada seria um obstáculo em seu senso de julgamento. A tontura que o dominava fazia com que sua mente ficasse lenta.

Ele poderia acabar se tornando uma distração para ela.

Ela procurará me proteger.

O que, por sua vez, poderia acabar com ela se machucando. Ela já havia deixado isso óbvio pendurando seus amuletos protetores todas as noites enquanto ele estava protegido dentro de sua casa.

Ela estava tentando mantê-lo dentro mesmo que houvesse perigo, sabendo que ele não poderia passar por isso com o jeito que seu crânio estava. Não o destruía ainda mais, mas era muito doloroso para ele passar agora.

Faunus virou apenas o suficiente para poder tocar com as pontas dos dedos no esterno de Mayumi.

Um brilho suave e alaranjado iluminou-se sob sua carne como se sua pele fosse a superfície da água - até começou a ondular quando ele a tocou levemente. Um fio de fogo voou antes que uma cabeça redonda o seguisse.

Sua alma estava mole como se estivesse meio adormecida, já que era ele quem a puxava dela, em vez de pular agressivamente.

Ele não precisou agarrá-la enquanto a puxava dela. Em vez disso, a alma dela flutuou pelo ar sob a ponta dos dedos até que ele a colocou na frente dele. Ele segurou por baixo com sua grande palma cinza escura.

Sentada em seu quadril com as pernas dobradas embaixo de si, sua alma olhou para ele. Ele jurou que sua própria essência estremeceu quando parecia que sorria para ele. Duas manchas escuras piscaram preguiçosamente.

Com o dedo indicador, ele cuidadosamente a escovou por baixo de sua pequena mandíbula. Sua visão se transformou em rosa brilhante quando se inclinou contra ele em boas-vindas.

Sua alma é minha para tocar. A menos que fosse um Caminhante do Crepúsculo como ele, nenhum outro ser seria capaz de compartilhar esse tipo de momento íntimo com ela. *Quer eu consiga ou não mantê-la, é minha.*

Ele soube que era verdade quando conseguiu colocá-la de pé e começou... a brincar com ele. Uma risada triste quase escapou dele quando ele pensou que poderia ter feito cócegas quando a parte de trás de sua garra acariciou para cima e para baixo seu lado.

A alma dela segurou seu dedo, e ele pensou ter visto pequenos lábios se franzindo em um beicinho. Para remover a expressão que ele tinha visto muitas vezes no próprio rosto de Mayumi, ele girou o dedo ao redor do corpo de sua alma como um tornado.

Ele girou em um círculo, fios de fogo subindo por seu dedo de seu cabelo flutuante. Não parecia tonta uma vez que se estabeleceu, e tomou sua própria iniciativa de segurar sua garra para se equilibrar de modo que quase pudesse... dançar com seu dedo.

Claro, estava fazendo o que queria, assim como Mayumi costumava fazer. Seu coração parecia inchado, transbordando e incapaz de conter as emoções que queriam estourá-lo.

Eu gostaria de poder levá-la.

Ele finalmente levantou a palma da mão para poder acariciá-la com a frente do focinho. Ele sentiu calor e pressão, mas não a machucou como qualquer coisa física poderia. Talvez ele não se importasse. Não era nada em comparação com a saudade machucando

seu peito.

Mais uma vez, baixou a palma da mão para poder acariciá-la. Ele esfregou-a debaixo de sua mandíbula, ao longo de seu lado, e até mesmo roçou sua garra em sua espinha. Ele peneirou duas pontas de garras pelo cabelo flamejante e flutuante.

Faunus se encolheu de surpresa quando duas mãos esfregaram a parte de trás de seus ombros, por cima deles, antes de descer por seus músculos peitorais. Mayumi apoiou seu peso nas costas dele enquanto colocava a cabeça ao lado da dele.

— Você está pensando em ir embora, não está? — ela sussurrou, sua voz era rouca e cheia de sono e tão decadente para seus ouvidos que seu pelo inchou quando ele se arrepiou.

— Não, — ele mentiu, olhando para ela do canto de sua orbe — mesmo que ela não fosse capaz de dizer onde sua visão havia caído.

Então ele olhou de volta para sua alma, continuando a tocá-la, embora ele tivesse sido pego tirando-a dela sem que ela soubesse.

Foi um acidente que ele descobriu que poderia simplesmente expulsá-la de seu corpo sem que ela soubesse. Ele tentou não fazer isso com tanta frequência, preocupado que a exposição constante fizesse com que sua força de vontade moribunda finalmente desmoronasse e ele a comesse.

Quero isso. Eu quero isso mais do que posso suportar.

Estava ali, bem na frente dele, brilhando para ele, tentando alcançá-lo com seus braços esguios, e ele não aguentou. Ele não achava que alguém pudesse entender como isso era miserável.

Isso o estava assombrando tanto quanto ele começou a sentir que estava assombrando Mayumi. Ele era apenas uma presença agora, um Espírito preso por um fio a este mundo, e ele sabia que iria desaparecer em breve.

— Não minta para mim, Faunus, — Mayumi sussurrou enquanto roçava seus lábios contra o lado de seu pescoço — tão leve e suave em contato. — Apenas fique aqui comigo.

Seus orbes se tornaram um poço azul profundo, apesar de seus esforços para não deixá-los.

Como ela sabia que eu estava me despedindo dela? Ele pensou

enquanto segurava a alma dela em sua mão para poder acariciar a ponta de seu polegar sobre seu torso.

Sua intenção era tocar sua alma uma última vez antes de devolvê-la e partir. Ele não suportava dizer adeus à própria Mayumi.

Ele não achava que poderia lidar com vê-la machucada ou lidar com ela convencendo-o do contrário. Ele também não achava que poderia lidar com sua própria reação a ela, seu próprio desejo interno e tristeza.

Imaginar que ela encontraria uma maneira de se intrometer de qualquer maneira.

Por que ela quer que eu fique? Que utilidade havia em ele permanecer? A última coisa que ele queria era que ela visse seu declínio ou fim.

Eu tinha planejado ir para a floresta e rasgar meu crânio eu mesmo. Seria fácil também. Fosse sua dor interna ou física, ambas eram tão prevalentes quanto a outra. Ambos iriam pressioná-lo a fazê-lo.

Ele queria se livrar disso.

— Seu silêncio está me convencendo de que eu estava certa, — ela disse enquanto enterrava o rosto contra o pelo do pescoço dele. — Estou acostumada com pessoas morrendo, Faunus. Estou acostumada a assistir. Eu vi pessoas morrerem de feridas e de doenças. Algumas mortes são mais rápidas do que outras, mas sempre achei que a pessoa se sente confortada por ter alguém ao seu lado.

— Eu não sou humano, Mayumi, — ele rosnou baixinho. — Não me traria conforto ter você me observando. Não há orgulho nisso para mim, e não preciso que você me mime. Fui trazido a este mundo sozinho, vivi sozinho e é melhor deixá-lo sozinho.

Sozinho.

— Eu poderia tentar culpá-lo para ficar, — ela disse, fazendo-o rosnar em reação. — Mas eu não vou. Só estou... pedindo para você. Quero passar cada momento que puder com você. — Ela começou a esfregar o rosto contra ele. — Quero sentir seu cheiro, sentir seu calor e ouvir sua voz o máximo que puder. É pedir muito? Um segundo a mais é melhor do que um segundo perdido.

— Eu não posso te ajudar. — Ele virou a cabeça para mostrar

que estava olhando a casa dela.

— Quantas vezes preciso lembrá-lo de que não preciso de sua ajuda, Faunus? Nunca precisei disso. — Ela deslizou por cima do ombro dele para poder deitar em suas pernas cruzadas. — Mas eu gostaria da sua companhia. Você ainda pode me dar legumes para cozinhar. Você pode ainda jogar jogos de tabuleiro comigo. Você ainda pode falar comigo até que as estrelas comecem a desaparecer e observemos o sol nascer. Nunca precisei de ajuda, mas sempre precisei de alguém para preencher o vazio da minha casa. — Então ela deu a ele um pequeno sorriso forçado ao dizer: — E você ocupa muito espaço. Você o torna aconchegante.

Mas isso era o suficiente? Ele queria que fosse.

Eu não quero ir embora.

E se Jabez viesse aqui? Como Mayumi enfrentaria o Rei Demônio sozinha sem ele? Ele provavelmente pensaria que ela estava mentindo se dissesse que Faunus tinha acabado de sair.

Atualmente ele estava dividido entre o que ele queria.

Não quero deixá-la, mas que direito tenho de ficar?

CAPÍTULO 37

Um som leve batendo além de sua porta da frente a assustou em estado de alerta. Mayumi correu para se agachar tão de repente que seus pés quase ficaram presos em seu cobertor e a fizeram tropeçar.

— Faunus? — ela gritou, levantando-se enquanto dava um passo em direção ao lado de fora, sem se importar que ela estava em nada mais do que uma camisa de dormir.

— Estou bem aqui, — ele respondeu da parte de trás de sua casa, onde estavam suas espreguiçadeiras.

Ela se virou para encontrá-lo sentado perto da janela e olhando para a luz da manhã. Ele estava encostado na parede com o ombro, uma perna reta e a outra dobrada, seu corpo tão colorido que seu pelo quase tinha um tom azulado. Até seu crânio parecia brilhar.

Foda-se, ela pensou enquanto afastava os nós emaranhados de seu cabelo do rosto. *Achei que ele tinha ido embora*.

Mesmo que fosse apenas uma noite atrás que ele estava brincando com a alma dela no escuro, Faunus nunca havia prometido que ficaria aqui. Desde então, Mayumi estava no limite.

— Por que você está aí?

— O sol estava brilhando no meu rosto e isso me acordou.

Era uma mentira, óbvia. Ela sabia que seus orbes não eram os mesmos que as pálpebras fechadas dos humanos passando a luz. Também não era tão brilhante ainda.

Ele não está dormindo. Ela sabia que ele fazia um pouco, mas ele não era mais o Caminhante do Crepúsculo preguiçoso e sonolento que ela sabia que ele era.

Mayumi mordeu os lábios para se impedir de responder antes de dar a volta e ir para a cozinha.

Ela não iria mimá-lo. Ele havia pedido que ela não o fizesse, e se ela tentasse, se o tratasse como um cachorrinho doente e perdido, isso o forçaria a ir embora. Ela tentou agir o mais normal possível. É por isso que ela começou a transferir um pouco de sua água potável para uma panela para que pudesse fervê-la para o chá.

Quando ela pegou o recipiente de cerâmica e o abriu, ela sacudiu as últimas folhas que estavam dentro dela. Ela maliciosamente deixou seus olhos vagarem para os cantos de suas pálpebras para inspecionar seus suprimentos cada vez menores.

Tenho dois ou três dias restantes de comida. E também não era boa comida. Suas batatas e cebolas podiam durar, mas suas cenouras, abóboras e beterrabas já estavam ficando moles, e seus brócolis e couve-flor estavam murchando.

Este era o ponto em que Mayumi começaria a pensar em ir para o Posto Avançado de Colt. Na verdade, isso foi há dias. Sua comida escassa era uma escolha, e ela estava racionando para ficar aqui com Faunus.

Eu não sei o quão bem ele vai fazer a viagem para a cidade... ou se ele vai embora assim que me vir entrar.

Ela não podia montar em suas costas como antes. Mesmo que seu peso fosse leve para ele, ela não gostaria de adicionar nenhuma pressão extra ao corpo dele que pudesse acelerar seu batimento cardíaco. *Mas se eu não montar em suas costas, ele pensará que é fraco e inútil.*

Um som de arrulhar além de sua porta da frente fez seus ouvidos se animarem e sua cabeça virar nessa direção.

— É o seu pássaro, — Faunus disse a ela enquanto mantinha seu crânio apontando para cima e para fora, para o frio e invernal mundo exterior. — Eu não queria buscá-lo para você, caso ele voasse. Duvido que confiaria em mim.

— Acho melhor ir buscá-lo antes que ele congele, — Mayumi suspirou enquanto jogava a última de suas folhas de chá no bule.

Como ela só tinha que lidar com o suor de seu próprio corpo leve, ela rapidamente se enxugou com água fria para se limpar. Então ela vestiu sua calça marrom de couro de veado, uma túnica creme e seu habitual casaco branca de pele de lobo para que ela pudesse enfrentar os elementos. Claro, ela vestiu o cinto de armas, pois o sol estava baixo o suficiente para que os demônios ainda pudessem estar escondidos em suas sombras.

Suas botas estavam do lado de fora e ela as calçou para o caso

de seu pombo decidir ficar nervoso.

— Ei, garoto, — Mayumi murmurou carinhosamente enquanto estendia o braço para seu pombo sentado na grade de sua varanda. — Eu estive esperando por você.

Quando seu pombo-correio estava descansando em seu antebraço, ela o ergueu para que pudesse verificar se havia uma mensagem em sua perna.

Não havia nada lá.

Isso é estranho. Eu esperava que eles me respondessem desta vez.

A guilda nunca respondeu a uma única mensagem dela. No entanto, com o fato de terem mantido seu pombo por um mês, quando normalmente o devolviam antes, Mayumi esperava uma correspondência.

— Você a perdeu? — Mayumi perguntou enquanto coçava a ponta do dedo na frente do pescoço dele antes de subir pela lateral. — Você se foi há muito tempo, então não voltou para casa imediatamente?

Não seria a primeira vez que seu pombo demorava a voltar.

Mayumi virou-se para a porta da frente e então parou, o peso de seu pombo parecendo mais pesado do que o normal.

Talvez eu devesse voltar, ela pensou enquanto olhava para a madeira desgastada da parede externa. Eu poderia passar pelo procedimento e voltar ao meu posto. Eles disseram que eu poderia voltar a qualquer momento se quisesse.

Seria melhor do que ficar sozinha naquela casa fria e vazia depois que Faunus fosse embora. Sua casa estava se tornando um túmulo de memórias dolorosas.

A risada tímida e impetuosa de sua mãe havia desaparecido. O olhar severo, mas protetor, de seu pai havia desaparecido. E a personalidade radiante de Faunus já estava escurecendo.

O que ela faria aqui? Bebendo até ficar idiota e deitada no escuro pensando em todas as boas lembranças que ela tinha de todas as pessoas que não existiam mais?

Sua mente iria decair.

Uma vez que sua mente estava decidida, ela empurrou a porta

aberta.

Eu vou voltar. Eu prefiro isso.

Tão perdida em pensamentos, Mayumi não ouviu os passos esmagadores entrando em sua clareira até que fosse tarde demais.

— Você está se tornando negligente depois de ficar longe da guilda por tanto tempo, — afirmou uma voz familiar e profunda. — Você até nos deixou entrar, Mayumi.

Seu giro repentino assustou seu pombo, que voou para o lado antes de subir no ar. Sua porta naturalmente se fechou atrás dela.

Os olhos de Mayumi examinaram os cinco homens e quatro mulheres vestidos com uniformes pretos de Caçadores de Demônios, cada um deles com uma crista dourada em seus uniformes.

— Anciãos? — Mayumi perguntou com as sobrancelhas franzidas antes de seu olhar finalmente pousar em uma pessoa adicional. Ele se estreitou no medalhão brilhando contra o peito deles. — E o Ancião Chefe, Cordon Hansley?

Descansando cuidadosamente sobre sua insígnia de Caçador de demônios gravada em seu uniforme, o medalhão captou a luz do sol brilhando na clareira. Os grandes elos da corrente chegavam a uma medalha dourada redonda que tinha um cristal preto brilhante no centro. Era polido desde os elos da corrente até a pedra, tudo brilhando.

— Muito tempo sem te ver — disse Cordon enquanto inclinava a cabeça ligeiramente. Não muito longe, apenas o suficiente para mostrar seu respeito. — Seu pai quase assumiu minha posição, e por muito tempo me preocupei que você também o fizesse, considerando que você é muito parecida com ele.

Sua voz era leve e cheia de humor, mas a maneira como sua cabeça se erguia para trás mostrava sua óbvia superioridade. Seus olhos eram duros, insensíveis, e ela sempre pensou que eles pareciam hostis — como se ele esperasse que um Demônio explodisse no peito de cada pessoa que ele passasse.

Mayumi deu alguns passos à frente até ficar bem na beirada da varanda. Ela cruzou os braços sobre o peito.

— O que vocês estão fazendo aqui? — A suspeita em seu tom

era inconfundível.

Estas eram as últimas pessoas que ela queria ver aqui. Ela estava atualmente abrigando um Caminhante do Crepúsculo em sua casa, alguém que estava ferido e provavelmente incapaz de lutar por si mesmo.

Fique dentro de casa, Faunus. Ela sabia que ele estaria ouvindo e *desejou* que ele ficasse escondido. *Eu vou me livrar deles.*

Era impossível ver seus rostos sob seus capuzes e máscaras pretas a ponto de Mayumi se esforçar para distinguir quem era quem. Havia mais membros Anciãos do que isso para o setor norte. Três vezes mais, na verdade.

— Não temos permissão para visitar? — Cordon perguntou.

— Dissemos que poderíamos voltar a qualquer momento para falar com você — disse Claudia, uma das mulheres anciãs, com naturalidade. Sua voz era distinta, pois ela tinha o mesmo tom profundo de Mayumi.

— É uma jornada de três dias no auge do inverno, se não mais, de da Fortaleza do Espinheiro, — Mayumi afirmou com seu olhar deslizando para Claudia.

Não havia horas suficientes no dia nesta época do ano, e a neve o tornava traiçoeiro. Apenas chegar à base da montanha poderia levar um dia de caminhada cuidadosa em passo cobertos de neve, e isso ainda estava dentro de seu raio de dezesseis quilômetros que ela tinha que evitar.

— Se eu esperasse ser visitada, seria por um Ancião e um punhado de membros de escalão inferior. Isso ou vocês chamariam por mim através de um pássaro mensageiro.

— Devido às suas circunstâncias, não podemos permitir que membros inferiores entrem em contato com você, — Jace explicou. Ela só sabia que era ele pelo tom desgastado de sua voz, como se estivesse cansado e entediado com a conversa. — Como você sabe, sua alta foi feita em segredo. Não podíamos permitir que você entrasse na fortaleza, e você não tem permissão para pisar nas proximidades.

— E eu mantive meu juramento e não contei a ninguém o porquê, — Mayumi estalou de volta em sua direção. — Então, por que

há tantos de vocês aqui?

Havia nove Caçadores de Demônios em sua porta. Um grupo tão grande era incomum para entregar nada mais do que uma mensagem ou pedido. Isso era maior do que o tamanho de um grupo de caça. Era mais seguro viajar em um pequeno grupo.

Então, novamente... a distância até aqui é muito grande.

Se a mensagem fosse uma questão de prioridade e urgência, então um grande grupo deveria garantir que, esperançosamente, uma pessoa sobrevivesse para entregar a mensagem.

Isso não explicava por que Cordon Hansley estava aqui. Ele raramente deixava o castelo, a menos que fosse para uma reunião do conselho com os outros três líderes anciãos que controlavam os outros distritos deste continente. Setores sul, leste, oeste e norte.

Cordon deu um passo à frente para ficar na frente dos outros.

Margo seguiu logo atrás dele, a mulher era uma montanha de um ser humano que era ainda mais alta e mais volumosa do que o homens ao lado dela. Ela geralmente estava com Cordon, e muitos a consideravam seu cão de guarda mais fiel.

Mayumi pode ter latido para ela algumas vezes.

— Temos um assunto que deve ser tratado e perguntas que precisamos responder. Estou aqui para garantir que obtivemos o que precisamos e que tudo está concluído.

Mayumi permitiu que sua cabeça se inclinasse levemente na direção que seu pombo foi.

— Vocês guardaram meu pássaro até sua chegada, — ela afirmou antes de trazer sua visão de volta para os olhos azuis gelados de Cordon e a pele pálida que ela podia ver envolvendo-os — as únicas partes dele que ela podia ver. — Vocês me atraíram para fora para que vocês pudessem se aproximar de mim ao ar livre. Por que?

— Desejamos falar com você — declarou Cordon.

— Vocês poderiam ter batido na minha porta para isso.

Um dos homens na parte de trás arrastou os pés antes de se inclinar para outro para sussurrar algo enquanto mantinha os olhos nela. Aquele com quem falou abaixou a cabeça e semicerrou os olhos na direção de Mayumi.

Ela deu um passo para trás quando um grande sorriso curvou seus lábios. Colocando a mão no punho da espada, ela virou o corpo ligeiramente para ficar menor. Ela se virou ainda mais quando notou uma das mulheres segurando um arco apertando a arma.

— Vocês esperavam que eu saísse desarmada. — Ela riu em realização. — Dentro, eu tenho armas, escondidas que vocês não conhecem. Vocês me queriam aqui fora, onde poderiam me prender. O que vocês querem? É contra os fundamentos da guilda ferir um civil, que é o que sou agora. Não sou bandida ou criminoso, nem quebrei nenhuma regra da guilda.

Cordon suspirou pesadamente quando colocou a palma da mão no pomo de sua espada para descansá-la lá.

— Queríamos discutir mais sua mensagem — disse ele enquanto balançava a cabeça. — Você reuniu informações estranhas que são pertencentes ao Véu e aos Demônios. Você não considerou o peso de suas palavras e o que elas significam?

Uma pequena quantidade de tensão aliviou dela.

— Bem, sim. Eu sabia que era importante e seria inestimável para a guilda. — Ela levantou um braço para encolher os ombros. — Sabemos tão pouco sobre o Véu e o que está dentro dele. Mesmo tendo sido dispensada, ainda defendendo nossa missão e a busca pela liberdade para a humanidade.

— É por isso que estou aqui. Eu sou o Ancião Chefe, aquele que coleta e detém todo o conhecimento. — Ele gesticulou com as mãos para trás. — Estes são apenas os homens de confiança que escolhi para saber sobre esse sigilo, a fim de garantir que minha jornada seja segura.

Acho que isso faz sentido. Ela soltou um pouco do aperto que tinha em sua espada.

— Ficarei feliz em responder a quaisquer perguntas que você tiver, mas infelizmente não sei muito mais do que escrevi em minha mensagem — ela admitiu enquanto colocava o antebraço sobre o peito e se curvava ligeiramente, não que ela realmente queria, mas a formalidade provavelmente ajudaria na tensão óbvia. — Peço desculpas pela minha grosseria e língua rápida. É difícil confiar em

alguém.

— Claro, — ele disse, seus ombros relaxando visivelmente. Embora sua mão estivesse preguiçosa em seu pomo, ele estava pronto para golpear sua mão para desembainhar sua espada. — Chegamos à sua casa sem avisar e talvez de maneiras alarmantes. As informações que você coletou são críticas e estávamos preocupados que você ficasse ressentida com a guilda após sua demissão. As pessoas tendem a guardar rancor. Você entende, correto?

— Existem tantos Demônios dentro de nós quanto existem entre as árvores — afirmou ela, um ditado comum entre a guilda.

— Excelente. Você nos informou sobre os Demônios que começaram a imitar a humanidade e criaram sua aldeia no Véu. Você conhece o caminho mais seguro que leva até ele?

— Não. Como eu disse, não tenho muito mais informações sobre o que especifiquei. Talvez os pântanos, no entanto? — Então ela percebeu que eles não saberiam o que era. — Aparentemente, se vocês entrarem no Véu pelo sudoeste, não muito longe há um pântano e um riacho. A criatura que o guarda é hostil e perigosa, mas é um impedimento para outros Demônios. Há também um almíscar no ar que pode esconder nossos odores humanos.

— Eu entendo... um pântano com um monstro que até os demônios têm medo. — Cordon acenou com a mão e um dos outros Anciãos puxou um livro encadernado em couro e começou a registrar as informações com uma caneta de pena. — Que tal o castelo de Jabez? Você sabe que direção é da aldeia e se ele tem alguma defesa?

— Isso, eu não tenho certeza — ela suspirou. — Eu só sei que o Rei Demônio tem uma grande quantidade de poder e que ele é meio-El... — Suas palavras desapareceram quando suas sobrancelhas se juntaram firmemente para formar um nó no centro de sua testa. Ela inclinou a cabeça com os olhos ficando duros. — Nunca escrevi o nome dele na minha mensagem. Como você sabe?

— A luz do sol é a única fraqueza que você descobriu sobre os Demônios? Há algo mais que você aprendeu sobre suas possíveis fraquezas?

Ele fugiu da minha pergunta.

— Não — afirmou Mayumi com um tom cortante.

Os olhos de Cordon se estreitaram para ela antes de descerem para o aperto de Mayumi em seu punho.

— Você sabe para onde leva o portal que ele tem e se há pessoas lá para nos ajudar?

— Isso nos levará a um mundo élfico, mas eu já falei sobre os elfos — disse Mayumi antes de rir, percebendo que ele fingiu não saber quem ou o que era o povo élfico quando ela definitivamente escreveu sobre eles na mensagem dela. Ela correu os dedos pelos cabelos em descrença. — Você sabia. Você já sabia todas as informações que eu lhe dei. Não é?

— Reunimos algumas informações dos Demônios que torturamos, sim — confirmou Cordon.

Mayumi jogou a cabeça para trás e riu.

— Então por que diabos você está realmente aqui? Duvido que tenha alguma informação que possa ser útil para você. Conte-lhe tudo na minha carta.

— Observe como você fala na frente de nosso Ancião Chefe, — Margo retrucou com sua atitude arrogante e mal-intencionada. Ela até puxou o punho para revelar parte da lâmina de sua espada claymore.

— Acalme-se, Margo — disse Cordon enquanto jogava a mão para o lado. — Só queria saber se você sabia de mais alguma coisa. Duvido que você tenha conseguido escrever tudo o que descobriu em uma mensagem que seu pássaro pudesse transmitir.

— Eu dei a você tudo o que sei sobre os Demônios e o Veu. Se isso é tudo o que você deseja saber, então, por favor, saia. Sua presença não é mais bem-vinda, e quanto mais vocês permanecerem e saturarem seus aromas em minha clareira, maior a probabilidade de trazer um exército de demônios para minha casa quando a noite cair.

— Eu tenho uma pergunta final — disse Cordon. Mayumi não confiou na pausa que se seguiu ou na maneira como ela podia ver o maxilar dele sob a máscara apertada. — Como você descobriu tudo isso?

— Sozinha, — ela disse enquanto cruzava os braços. — Você poderia dizer que tive um pouco de desejo de morte depois que fui

vergonhosamente dispensada e pensei em passear um pouco pelo Véu. Escrevi minha mensagem quando voltei e fui buscar meu pássaro na estação de pombos mais próxima.

— Duvido, — Jace se intrometeu enquanto dava uma cotovelada na mulher ao lado dele. — Nenhum humano foi capaz de entrar no Véu e retornar.

— Devemos saber de quem você obteve essas informações, Mayumi — afirmou Cordon. Seu tom era plano, o que não combinava com a fachada suplicante que ele estava tentando. — Eles podem ter mais que podemos usar.

Ela bufou uma risada, sabendo que eles não iriam embora e, em vez disso, iriam importuná-la até que ela lhes desse um nome, qualquer nome. Ela precisava torná-lo crível também.

A melhor maneira de fazer isso era inventar uma meia mentira.

— Você quer a verdade? — Mayumi respirou fundo antes de pronunciá-lo. — Eu obtive esta informação de um Caminhante do Crepúsculo com caveira de gato.

— Desculpe-me, — Cordon gaguejou.

— Ele decidiu compartilhar algumas informações em troca de eu salvar sua vida dos Demônios. — Ela levantou a mão para transmitir timidez enquanto coçava a nuca. — Acho que ele gostou de mim depois que eu remendei suas feridas. Ele sabia que eu deveria tentar terminar o trabalho e poderia ter me matado em um piscar de olhos, mas encontramos uma companhia improvável naquele momento. Era uma trégua, especialmente porque eu estava sozinha no escuro e havia demônios por perto. Eu precisava da ajuda dele tanto quanto ele precisava da minha.

O silêncio sangrou entre eles por alguns minutos. Cordon virou a cabeça para os outros Anciões, avaliando suas reações pelos olhos.

— Como sabemos que você não está mentindo? — Claudia perguntou.

— Por que eu mentiria sobre algo assim? — Mayumi perguntou incrédula. Ela até torceu as mãos para cima, de modo que as palmas estivessem voltadas para o céu e as usou para encolher os ombros. — Nenhum humano seria capaz de me dar essa informação.

Apenas um monstro do Véu saberia o funcionamento interno dele.

— Se isso for verdade... — Cordon começou.

— É, — Mayumi interrompeu enquanto suas costas enrijeciam.

— É por isso que não disse quem me deu a informação na carta. Fiz amizade com um Caminhante do Crepúsculo quando deveria tê-lo matado, e não achei que a guilda fosse acreditar em mim.

— Se isso for verdade, — Cordon repetiu com mais firmeza. — E você nos deu tudo o que sabe, então terminamos aqui. Não tenho mais nada que preciso pedir a você.

— Acho que sim, — ela respondeu, sentindo um suspiro de alívio expirando quando ele acenou com a mão para fazê-los virar.

Bom. Eles estão saindo.

Faunus estava seguro.

Um som de assobio pegou em seus ouvidos.

Ela rapidamente se inclinou para o lado enquanto mergulhava seu corpo, a ação tão rápida e repentina que Mayumi caiu contra o lado de sua bunda com um oomph.

Sua cabeça se virou para cima com o *baque* que ouviu contra a porta da frente, e seus olhos se arregalaram com a haste da flecha tremendo com o impacto.

Estava mirado direto no peito dela.

Havia um décimo Caçador de Demônios escondido dentro da floresta em preparação - possivelmente ainda mais. Ela virou o rosto boquiaberto para as pessoas em sua clareira, que agora carregavam suas armas nas mãos. Os pontos mortais de todos eles foram apontados em sua direção.

Não precisava ser um gênio para descobrir o que estava acontecendo.

Eles planejavam me matar... Seus lábios se abriram em choque.
Pra que porra?

CAPÍTULO 38

Merda. Eu não tenho meu arco, Mayumi pensou enquanto se levantava para ficar agachada.

Ela se escondeu atrás do poste de apoio que mantinha seu telhado na posição vertical, onde ficavam as escadas. Puxando a espada da bainha e segurando-a na posição vertical, ela se preparou mentalmente para uma batalha.

— Qual o significado disso? — Mayumi gritou enquanto olhava para a porta, escolhendo suas palavras com cuidado.

Fique dentro. Por favor, por tudo que há de bom no mundo, apenas fique dentro, seu grande idiota protetor.

Graças aos Deuses era inverno, pois a neve espessa criava som suficiente para alguém com audição treinada e alerta notar passos se aproximando.

E mais perto eles estavam chegando.

— Não é nada pessoal, Mayumi Tanaka — disse Cordon em voz alta. Ela quase podia imaginar as mãos dele voltadas para cima, como se ele estivesse pedindo desculpas idiotas. — Por respeito ao seu falecido pai, deixamos você deixar a guilda em vez de prendê-la por seu crime.

Como seu ouvido estava virado para a esquerda para que ela pudesse ouvir, ela quase perdeu alguém vindo para o lado direito do casa com seu arco armado. Mayumi mergulhou para o outro pilar da escada para se abrigar atrás dele e do corrimão.

— Então por que a hostilidade agora? — Mayumi olhou para a esquerda e depois para a direita para se certificar de que era seguro. — Eu te ajudei, te dei informações.

Ela notou que havia uma escuridão sob a porta no meio. Faunus estava ouvindo e, pelo fato de a escuridão se mover, ela sabia que ele estava pensando em sair.

— Porque você está a par de informações que não deveria. Se toda essa informação vazar, se os civis descobrirem que existe um Rei Demônio e que os Demônios estão se tornando como nós, haverá caos. As pessoas já estão com medo, e você sabe como esse medo pode ser

mortal.

Havia alguém se aproximando de suas escadas, e a pessoa do lado direito da casa estava começando a emergir a ponto de poder atirar livremente na varanda.

Porra. Ela bateu a nuca contra o poste de madeira. Segredos da Guilda. Eu deveria saber. Por que continuo tentando fazer a coisa certa?

Atrair e lutar contra Demônios deixou Faunus ferido ainda mais, e para quê? Humanos que iriam se extinguir, não importa quantos ela matasse? Para uma guilda que a jogou de lado em vez de se comprometer com ela depois de todos os anos que ela deu a eles?

Estou começando a sentir que estou lutando do lado errado. Ela olhou para a parte inferior da porta mais uma vez. Prefiro lutar ao lado dele.

— Você não quer fazer isso, — implorou Mayumi, sabendo que era inútil, mas tentando mesmo assim. — Você sabe que não vou contar a ninguém e estou guardando coisas que você *realmente* não quer que saiam.

Ela gritou a última parte, esperando que Faunus entendesse que ela se referia a ele.

Em um piscar de olhos, um par de pés fez um baque duplo na varanda ao lado dela enquanto a pessoa balançava a espada para baixo.

— Merda! — Mayumi levantou a sua com uma mão para bloquear o ataque.

O *som* de suas armas colidindo soou antes que a porta da frente se abrisse com um *estrondo alto*.

Faunus não era nada mais do que um borrão preto enquanto ele atacava o Caçador de demônios e o lançava pelo ar. Ambos atingiram o chão logo após seu primeiro passo, mas o Caçador de demônios estava morto desde que ele pousou com Faunus em cima dele com suas garras cravadas em seu peito.

— É o Caminhante do Crepúsculo com caveira de gato! — um dos Caçadores de demônios gritou.

Com um grunhido de irritação, Mayumi escolheu aquele momento para finalmente sair do esconderijo.

Os membros da guilda estavam discutindo como ela o tinha em sua casa, que ele era amigo e ela o estava escondendo o tempo todo, e assim por diante, mas Mayumi se importava muito pouco.

Eles estavam afirmando o que ela já sabia.

Seu plano era fugir do Caminhante do Crepúsculo que estava prestes a enlouquecer. Ela não iria lutar tão perto de onde ele poderia acidentalmente torná-la sua presa, mas ele se virou para olhá-la de pé no topo dos degraus.

Então ele caminhou em direção aos Caçadores de Demônios no meio da clareira.

— Faunus? — ela perguntou às costas dele.

— Vou te proteger o máximo que puder.

Sua mente não está girando. Isso era estranho.

Fosse o que fosse, não importava. Ele estava do lado dela, e ela realmente precisava disso agora. Especialmente quando ela ouviu o rugido de mais três humanos entrando da floresta com as espadas erguidas.

Ótimo! Mais Caçadores de Demônios. Ela mentalmente jogou as mãos para cima enquanto desviava de outra flecha que veio da floresta. Ela desceu as escadas com a espada erguida.

Ela não podia deixar Faunus lá fora sozinho.

— Salto! — ela gritou.

Faunus abaixou, mas ele não sabia que era para que ela pudesse literalmente pisar em suas costas e usá-lo como uma plataforma de salto. Ela não o teria na linha de frente – não se pudesse evitar. Ele poderia protegê-la por trás.

Com a espada erguida acima dela, ela desceu silenciosamente sobre Cordon. Ele ergueu a espada e a redirecionou enquanto dava um passo para o lado.

Ela se agachou para evitar uma espada vindo do lado. Então ela gritou de surpresa e teve que girar na ponta dos pés para evitar que uma flecha se alojasse em sua bunda!

Um choque de diferentes espadas soou além de seu olhar periférico. Mayumi esperava que ela e Faunus estivessem cercados por armas apontadas para eles agora, mas isso nunca aconteceu.

— O que os soldados do Posto Avançado de Colt estão fazendo aqui? — alguém gritou.

Assim que ela foi investigar os recém-chegados, Faunus agarrou o capuz de seu casaco e puxou-a para trás. A ponta de um chicote atingiu o ar exatamente onde ela estava.

— Obrigada, — Mayumi murmurou para Faunus.

Ele bufou em resposta, que espirrou uma pequena névoa de sangue roxo através da bandagem que cobria o buraco do nariz.

— Mayumi! — Uma voz familiar gritou.

Ela se virou para Henry, descobrindo que Klaus e Yoshida estavam com ele. Eles já haviam pegado em armas contra os Caçadores de Demônios, vendo que ela precisava de ajuda.

Ela notou que apenas Klaus e Henry usavam armadura. *Eles abandonaram seus postos para vir para cá? Por que?*

Yoshida estava em seu couro de todos os dias, e sua mão segurava sua bainha, usando-a como escudo, com sua espada na outra mão. Ele não tinha cinturão de armas, e ela imaginou que ele provavelmente estava de folga.

Desde que Faunus deu um passo em sua direção, ela ficou entre ele e eles, colocando as costas contra seu grande ombro e peito. Ele se transformou em sua forma mais monstruosa em algum momento e estava apoiado em suas mãos.

Era mais fácil para ela falar com ele, já que suas cabeças estavam quase na mesma altura.

— Eles são meus amigos, — ela disse a ele enquanto avaliava o campo de batalha com a cabeça virando para um lado e depois para o outro. Os inimigos estavam se aproximando e Mayumi estava decidindo contra quem atacar primeiro. — Não sei por que, mas eles estão aqui para ajudar.

Mayumi se perguntou se eles estavam se escondendo na floresta e observando para ver o que aconteceria antes de sair correndo.

— *Achei que eles estavam do seu lado quando começaram a atacar os Caçadores de Demônios,* — ele respondeu claramente.

Faunus não estava atacando. Ele não fez um único movimento

para confrontar um Caçador de Demônios depois de matar o primeiro. Faunus estava escolhendo ser seu escudo ao invés de sua arma, e seu coração apertou.

Ele sabe que não deve lutar.

Mayumi estava prestes a corrigi-lo dizendo que eles estavam do lado *deles*, mas Yoshida, o bravo e estúpido bastardo, provou que Faunus estava certo. Com um grito de guerra estrondoso, ele correu para Faunus com sua espada levantada para atacar a coisa mais assustadora e bizarra da clareira.

Mayumi girou e colidiu suas espadas, olhando quando ele se endireitou com os olhos arregalados.

— Que porra é essa, Mayumi!? — Yoshida gritou, seus olhos castanhos passando rapidamente para Faunus atrás dela.

Ela viu o medo confuso em seus olhos.

— Ele é meu amigo, Yoshida. — Ela empurrou a cabeça para frente para pontuar sua declaração. — O Caminhante do Crepúsculo está do meu lado.

Havia uma hesitação em sua expressão. Ele olhou para Faunus novamente, e ela podia ver que ele queria passar correndo por ela para enfrentar o Caminhante do Crepúsculo.

Apesar da situação, ela se orgulhava de que o instinto de sobrevivência de seu amigo fosse lutar contra o que o assustava, em vez de mijar nas calças e fugir disso. Ele teria sido um grande caçador de demônios se tivesse trilhado esse caminho ao lado dela.

Seus olhos castanhos encontraram os dela novamente.

— Oh, foda-se, — Yoshida soltou enquanto lhe dava as costas e apontava sua espada para um inimigo humano. — Se você diz que ele é seu amigo, tanto faz.

Quando ela colocou as costas contra as dele para que eles pudessem lutar juntos, ela não pôde evitar a maneira como seu coração se aqueceu com a rápida confiança que ele acabou de entregar a ela.

— Obrigada, — ela disse calmamente.

— Você é uma aberração, você sabe disso? — ele murmurou logo antes de ambos quebrarem o contato para desviar um golpe cada. Suas costas voltaram a ser uma confortável prensa quente. — Achei

que você iria se meter na merda e fazer amizade com um monstro. Você nunca poderia fazer as coisas da maneira mais fácil, não é?

Ela notou que Klaus e Henry haviam assumido uma postura semelhante com Faunus entre os quatro.

— Cale a boca e concentre-se, — ela ordenou.

Então ela chutou as pernas para trás e enganchou a frente da bota na canela dele. Ela o fez tropeçar para que eles pudessem evitar tanto uma flecha quanto o chicote direcionado para eles. Ela girou sobre ele, agarrou seu braço quando ele a ergueu e a colocou de pé enquanto girava.

— O que vocês estão fazendo aqui? — ela bufou quando eles estavam tomando uma posição mais uma vez.

Seu coração disparou como um predador correndo atrás de sua presa, e sua respiração já estava entrando e saindo dela a ponto de queimar.

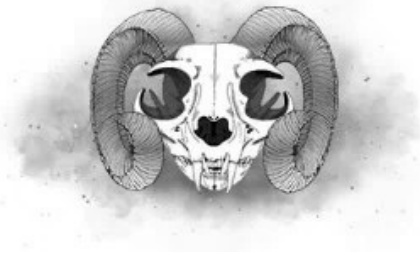
Eles não estavam lutando contra Demônios estúpidos e descuidados. Eles nem estavam lutando contra bandidos sem cérebro.

Estes eram guerreiros treinados, e atualmente eram oito contra cinco. As probabilidades não estavam a seu favor, nem em número, nem em habilidade, e com seu Caminhante do Crepúsculo no estado em que se encontrava, também não em força.

— Eles visitaram o Posto Avançado de Colt antes de virem para cá. Eles pediram informações sobre como chegar à sua casa e sabíamos que algo estava errado. — Sua voz se acalmou quando ele disse: — Não poderíamos simplesmente deixar você lidar com eles sozinha.

Ela queria que seus olhos se desviassem para o céu para poder agradecer aos céus que esses três bravos homens eram seus amigos. Mas a regra três do código Caçador de Demônios era nunca se distrair, então ela manteve os olhos em seu inimigo atual, os humanos lutando pela guilda da qual ela fez parte.

Se sobrevivermos, as bebidas são por minha conta.



Faunus manteve-se firme o melhor que pôde. Ocasionalmente, um de seus braços se dobrava de repente, como se estivesse prestes a desmaiar, mas ele se endireitou e deu um passo à frente para lutar contra o tremor.

Estou tonto.

Tendo corrido para fora de casa em um lançamento de saltos e golpes, colocou seu coração cheio de fúria no limite, e a adrenalina varrendo seu corpo garantiu que a pressão em seu sistema vascular permanecesse alta.

Isso estava fazendo com que sua visão ficasse turva. Seu próprio sangue estava se acumulando no buraco do nariz e na cavidade ocular, encharcando as bandagens que cobriam a maior parte de seu rosto.

Ele não abria a mandíbula há dias por causa da intrincada teia de pano amarrada em seu rosto. Ele arrancou as bandagens quando tentou abrir suas presas e sentiu que a teia puxava seu chifre - como se estivesse tentando quebrar seu crânio ainda mais.

Uma fonte de sangue que havia sido retida derramou de seu buraco no nariz para o chão branco e crocante congelado, mas o cheiro dele estava bloqueando o cheiro dos humanos, seu medo, seu sangue vermelho.

Estava ajudando-o. A vertigem empurrava para trás aquelas mãos invisíveis e invasoras que tentavam fazer com que ele perdesse a cabeça na loucura de um frenesi. Havia presas por toda parte, coisas para ele afundar suas presas e mastigar.

Por que? ele pensou, o desejo de cobrir os lados de seu crânio avassalador, já que o constante repicar de metal sobre metal obliterava sua audição. *Por que tudo está tão alto?*

Ching. Clac. Houve um berro de um homem aqui, e então o gorjeio de metal vibrando com um forte impacto.

A dor que ele sentia era miserável, mas Faunus tentou ignorá-la quando ele varreu o braço para o lado para derrubar um Caçador de Demônios correndo para ele com a espada apontada para o lado dele.

Mayumi e seu amigo, aquele que ela disse se chamar Yoshida, se separaram. Yoshida foi forçado a se afastar para lutar contra uma inimiga um a um. Ele estava sempre em desvantagem, tendo que defender em vez de atacar. Era óbvio que faltava habilidade em comparação com a dela.

Mayumi correu para a luta enquanto puxava a adaga do cinto e a segurava com a lâmina saindo da parte inferior do punho esquerdo. Ela começou a usar sua adaga para atacar e sua espada como uma escudo. Ela bloqueou uma espada que vinha para baixo para cortá-la de cima e a forçou para trás antes de girar e passar sua adaga em um golpe rápido em seu corpo.

O Caçador de Demônios soltou um estrangulamento angustiado e segurou o ferimento. Faunus começou a caminhar até ela quando viu que não era o suficiente para derrubá-los.

Eu devo ir até ela.

Ela não precisava dele. No momento em que sua forma vacilante estava quase sobre eles, a ferida do Caçador de Demônios diminuiu seus movimentos até que Mayumi foi capaz de virar sua adaga e esfaqueá-la em sua jugular.

Ele só sabia o nome de seus outros companheiros, Klaus e Henry, porque os ouviu chamando um ao outro. Ela também tinha falado deles muitas vezes.

Juntos, eles lutaram contra um pequeno humano e uma mulher que parecia ser mais alta do que o resto - ele só podia dizer que era uma mulher pelos seios em seu uniforme de couro preto.

Faunus agradeceu por ser fácil ver quem pertencia a qual lado. Ele só precisava atacar aqueles de preto e, em sua visão nebulosa, eles pareciam nada mais que demônios.

Algo se enrolou em sua pata traseira e puxou. A força do humano era menor, mas ainda assim o fez tropeçar para frente.

Faunus se apoiou nos antebraços para evitar que seu crânio batesse no chão. Então ele soltou um rugido quando algo longo e afiado o perfurou através de seu torso.

Seus orbes estavam brancos tanto de preocupação quanto de dor, mas muitas vezes piscavam para vermelho em sua fúria. Eles estavam vermelhos quando ele virou a cabeça para o Caçador de Demônios, que acabara de enfiar a espada em seu torso com as duas mãos.

Ele tentou arrancá-la, mas o aperto de seus músculos a manteve presa dentro. O Caçador de Demônios pressionou a base do pé contra o lado de Faunus para puxar, recuperando sua espada centímetro por centímetro.

Quando ele percebeu que Faunus havia voltado sua visão para ele, ele a deixou dentro dele e recuou.

Era tarde demais para ele. Faunus estendeu a mão para baixo de seu corpo antes que pudesse dar um único passo e apunhalou suas garras em seu ombro. Ele sentiu os ossos estalando enquanto o aproximava. Seu grito de morte foi interrompido quando ele prendeu suas mandíbulas em torno de sua cabeça e quebrou seu crânio.

Seu grito seguinte foi agudo.

O rápido fechamento de suas próprias presas disparou uma agonia excruciante como um raio em seu rosto. Ele tentou segurar seu crânio, mas se deteve antes de fazer contato.

Eu não posso nem lutar com minhas presas! Faunus levantou as patas e rugiu para o céu em frustração. *Isso dói. Por que tem que doer tanto?* Seus momentos finais não poderiam ser cheios de dor? Ele estava cheio disso, por dentro e por fora.

Era debilitante. Ele odiava a vergonha que isso trazia – ainda mais quando viu que Mayumi estava lutando sozinha.

Ela correu pelo meio da clareira e saltou para a estaca. Ela usou um pé para quicar enquanto se virava para o lado, cravando sua espada no peito do segundo oponente que veio lutar contra Yoshida.

Ela tinha visto seu amigo lutando sozinho contra dois inimigos.

Seus olhos encontraram Faunus do outro lado da clareira, seu cabelo esvoaçando em volta do rosto enquanto o vento soprava.

— Atrás de você! — ela gritou antes de girar para bloquear uma lâmina.

Faunus não teve a chance de avaliar as duas pessoas que começaram a encurralá-la e separá-la propositalmente do resto dos lutadores.

Em vez disso, ele se virou bem a tempo de ver um Caçador de Demônios utilizando um chicote e brandindo-o contra ele. Ele estava mirando em seu pescoço, talvez para enrolá-lo como um colar. Ele jogou o braço para cima, e prendeu em torno de seu pulso.

Seus olhos se arregalaram entre a fenda de material preto cobrindo seu rosto antes de se estreitarem sobre ele. Ele puxou, assim como quando o outro fez.

Ele soltou, e isso o fez tropeçar um único passo de surpresa. Faunus desenrolou-o de seu pulso e jogou-o descuidadamente para o lado.

— Porra! — ele ouviu Yoshida cuspir.

Faunus, prestes a se lançar contra o Caçador de Demônios à sua frente, conseguiu pegar o macho levantando o próprio braço para receber o golpe de uma espada diretamente contra ele. Yoshida havia perdido sua própria arma no chão e não tinha mais nada além de seu próprio corpo para se defender.

O grito seguinte do homem foi de dor quando seu braço foi cortado até o osso.

Perdido na observação, Faunus sentiu o corte do chicote na carne de seu pescoço. Ele também levou uma nova flecha perto de seu coração. Enterrou-se em seu corpo até que ele sentiu a ponta afiada cada vez que ele tomou uma lufada de ar.

Ele estava ficando mais ferido a cada segundo e estava fazendo muito pouco para ajudar na luta. Sim, ele matou dois Caçadores de Demônios, mas também Mayumi.

E ela estava atualmente lutando contra dois sozinha.

Estou ficando mais fraco.

Ele estava perdendo muito sangue, mesmo para um Caminhante do Crepúsculo. Ele nem percebeu que estava cheio de flechas até que a última perfurou seu pulmão.

Ele era uma distração para os Caçadores de demônios, ajudando a espalhar sua atenção, mas era isso.

Ele não podia acreditar que precisava de ajuda. Aquele com o chicote e o arqueiro que ele podia ver estavam muito longe dele para lutar. Eles estavam mantendo distância de suas garras cortantes.

Ele estava apenas parado aqui, lutando com seus membros que estavam tentando desmoronar. Seus pulmões pareciam estar cheios de poeira, bloqueados e doloridos, e fazia cada respiração que ele dava queimar no fundo de sua garganta.

Foi nesse momento, quando ele estava decidindo o melhor curso de ação que poderia tomar para ajudar aqueles do lado de Mayumi, que ele observou Yoshida ser perfurado no torso por uma espada. Ele era o único de seus companheiros que não usava armadura blindada, e isso o deixava vulnerável.

Yoshida ficou boquiaberto com a arma dentro dele antes de levantar a cabeça para o Caçador de Demônios com sangue borbulhando em seus lábios. Começou a escorrer pelo queixo.

Ele ia morrer, isso era óbvio. Faunus normalmente não daria a mínima para a vida de um humano, mas atualmente ele dava – apenas porque isso significava que Mayumi tinha uma pessoa a menos do seu lado. Ele não se importava com a amizade deles.

Eu não vou durar muito mais. Faunus observou o Caçador de Demônios torcer a arma dentro do peito de Yoshida. *Mas ele pode.*

Usando toda a força dentro dele, ele correu na direção do homem.

Faunus empurrou o Caçador de Demônios com força suficiente para que ele caísse no chão. O movimento acidental de seu pulso cortou marcas de garras em seu couro e, esperançosamente, em sua carne.

Em vez disso, Yoshida olhou para Faunus quando ele o agarrou pelo pescoço com uma mão e rapidamente arrancou a espada dele com a outra. Líquido carmesim esguichou do buraco em seu estômago quando a pressão de bloqueio foi liberada antes de cair na frente dele.

Então uma luz amarela brilhante começou a brilhar por baixo

da carne de Yoshida enquanto a magia irradiava frieza entre eles.

Mesmo apenas usando sua própria magia, Faunus tremeu, mas ele se recusou a ceder, mesmo quando uma flecha cravou em suas costas. Ele se encolheu, mas se manteve firme.

O gargarejo do moribundo tornou-se mais forte do que suave quando ele recuperou sua força, seu sangue, sua respiração, enquanto a de Faunus diminuía muito mais rapidamente.

Yoshida ganhou vigor para segurar o pulso de Faunus para se levantar, suas pernas humanas se contorcendo de forma que suas botas de couro roçavam e chutavam a terra e a neve.

— Por que? — ele ralou. — Por que me salvar?

— *Proteja-a* — implorou Faunus, sua respiração se tornando mais difícil com a ferida aberta se formando em seu peito. Seu braço queimou com a transferência de magia. — *Proteja-a com a vida que lhe concedi.*

Ele o estava curando, tomando para si suas feridas.

Outro grito horrível escapou de Faunus, um muito pior do que nunca, quando algo se enrolou no chifre no lado ruim de seu crânio e puxou.

Ele foi com ele, ao mesmo tempo em que deixou cair o companheiro de Mayumi como uma pilha desmoronando no chão, para evitar que rompesse a última corda que o mantinha unido.

O Caçador de Demônios continuou puxando, e as patas de Faunus quase saíram debaixo dele.

Apesar das diferenças em sua força, a dor era uma arma cruel — uma que esse humano insignificante e fraco não sabia que estava empunhando.

Ele agarrou a linha do chicote com o punho. Era difícil de segurar, pois era muito pequena e fina dentro da dobra de sua grande palma. Ele também o segurava com o braço que agora estava ferido devido ao novo ferimento que havia sofrido ao salvar o amigo dela da morte. Mas ele segurou o mais forte que pôde para diminuir o puxão e foi com o Caçador de Demônios, encontrando-se cambaleando para longe do campo de batalha.

Sua visão procurou desesperadamente por sua minúscula,

pequena e preciosa fêmea na clareira.

Klaus e Henry conseguiram matar um de seus dois inimigos, mas ambos lutaram contra a grande mulher humana que desferiu golpes pesados.

Yoshida, aquele que ele salvou, matou o homem que originalmente tentou tirar a própria vida. Ele poderia ter ido até seus amigos, que lutavam juntos contra um oponente singular, mas em vez disso ele entrou na floresta.

Havia mais flechas nos caminhos de Faunus e Mayumi, o inimigo tentando derrubá-los primeiro – ele esperava que Yoshida tivesse percebido a intenção desse arqueiro invisível e não estivesse fugindo para ser um covarde.

Sua visão finalmente captou a visão gloriosa dela. Lá estava ela na periferia lutando contra dois Caçadores de Demônios.

Sozinha, ela não apenas conseguiu bloquear um oponente com sua espada, mas também enfiou sua adaga no torso do outro, que se esquivou pulando para trás. Então ela foi rápida quando se agachou sobre um joelho enquanto endireitava o outro para poder se inclinar para o lado e ficar ainda mais baixa. Ela evitou uma espada cortando o ar a apenas um fio de cabelo de sua cabeça.

Abaixada no chão, Mayumi se jogou para frente com os braços cruzados sobre o topo da cabeça. Ela colidiu com as pernas de um homem para fazê-lo perder completamente o equilíbrio. Seus pés passaram por cima de sua cabeça quando ele caiu contra o chão em seu próprio rosto, e sua espada foi perdida devido a seus braços girando no ar.

Justo quando Faunus pensou que ela deslizaria pelo chão de frente e daria ao outro inimigo suas costas vulneráveis, ela girou no ar antes de fazer contato. A mulher flexível e ágil, que ele tinha visto dobrar e torcer de maneiras que ele nunca imaginou serem possíveis, rolou para o lado e cravou sua adaga no chão nevado.

Ela usou sua arma para se virar enquanto se levantava.

Mesmo à distância, mesmo com sua visão tão turva, ele sabia que aquela mulher estava dando ao inimigo ainda de pé um olhar cruel e ameaçador. Um brilho de determinação e teimosia absoluta.

Basta olhar para ela. Ela era selvagem, um poder a ser considerado.

Se ele não estivesse aqui para dar a ela a informação que trouxe essas pessoas aqui, se ele não estivesse aqui para fazê-la querer atrair os Demônios que causaram a vinda do alado, se Faunus nunca tivesse se cruzado com ela, ele sabia sem um sombra de dúvida, ela teria sobrevivido.

Vê-la fazer o que obviamente nasceu para fazer, lutar contra o mundo e todos os inimigos que ele tinha a oferecer, o impressionou.

Esta mulher magnífica parecia ser a coisa mais perigosa do mundo com suas armas escassas e sua frágil humanidade.

Apesar disso, ele ainda não suportava vê-la fazendo isso sozinha.

Um pequeno detalhe poderia deixá-la perdida para esta existência para sempre, e aquele com o medalhão ainda estava de pé. Aquela brilhante medalha dourada redonda estava brilhando à luz do sol.

Faunus não sabia por que, mas não pôde deixar de descobrir que o cristal negro no centro do minério de ouro era como um símbolo dos humanos. Cercado por algo brilhante enquanto abrigava a escuridão dentro.

Essa mesma luta mostrou que eles foram facilmente influenciados a fazer o mal. Mayumi e Faunus não fizeram nada de errado, mas aqui estavam eles, lutando por suas vidas – assim como os Demônios que eles procuravam destruir.

Faunus manteve sua posição enquanto o Caçador de Demônios atrás dele tentava puxar. Ele se manteve forte e deu um passo à frente, apenas para recuar dois passos quando o chicote escapou de suas mãos e soltou um ganido dele. Suas mãos estavam cobertas de neve derretida e sangue, escorregadias e atrapalhando-o.

Apenas quando Faunus pensou que Mayumi derrubaria o inimigo vestindo medalhão, ele saltou para trás com mais vigor do que antes e a colocou em segundo plano.

Ele ficou em silêncio, assim como ela; ambos apenas ocasionalmente soltando pequenos grunhidos de impacto.

O outro homem ainda estava se levantando depois que ela o derrubou, mas a própria espada de Mayumi se perdeu no chão a seus pés. O Caçador de Demônios tinha golpeado para baixo com ambas as mãos no cabo de sua arma enquanto ela estava agachada, a óbvia força avassaladora demais para apenas um de seus braços aguentar por si só.

Ela tinha a guarda cruzada de sua adaga apoiando a borda longa de sua lâmina, mas só foi o suficiente para impedir que sua própria arma a cortasse sob o impacto da força.

Mayumi abandonou a espada e, em vez disso, sacou o chicote assim que terminou de rolar para o lado para perder o segundo golpe para baixo.

Foi só então que ele viu que a roupa dela havia sido cortada e o próprio sangue dela ensopava a manga. Ela estava ferida.

Eu devo ajudá-la. Ela não tinha mais escudo, mas Faunus estava mais do que preparado para ser um.

Ele se virou para o Caçador de Demônios atrás dele.

Ele correu para o lado para manter a tensão, percebendo há muito tempo que ele não tinha conseguido lutar contra por um motivo. Em suas pernas lentas e trêmulas, ele foi forçado a persegui-lo. Quando ele estava quase a uma distância de golpe de garra, ele soltou o aperto que tinha em seu chicote.

Já que ele era um alvo tão grande vindo em sua direção, ele não precisava mirar. Apenas puxou duas adagas de cada lado de seu cinto de armas e os jogaram cegamente com uma rapidez que nem mesmo seus braços poderiam derrubar.

Uma se alojou em seu ombro, fazendo pouco para impedi-lo de fugir. A outra se alojou bem no centro da garganta, obstruindo-a e às vias respiratórias.

Faunus engasgou e estendeu a mão para puxá-la, dando ao Caçador de demônios a oportunidade de agarrar o cabo de seu chicote mais uma vez. Ele puxou a adaga e a soltou. Então Faunus agarrou aquela linha temida novamente em seu punho antes que qualquer outro dano pudesse ser feito em seu crânio.

Faunus estava enfrentando o Caçador de Demônios que agora

estava de costas para o campo de batalha.

Seu sangue gelou em suas veias quando ele viu Mayumi lutando contra o portador do medalhão, enquanto o inimigo que ela tropeçou estava de pé e encontrou sua espada.

Ele não tinha certeza se ela sabia que estava sendo enganada. Ele também não se importava. Ele esteve separado dela por muito tempo, não esteve ao seu lado para protegê-la.

Se eu não posso soltar esta corda...

Ele olhou para o Caçador de Demônios cujos pés escorregaram contra o chão para obter apoio enquanto caminhavam para o lado para afastá-lo da batalha... dela.

Então vou levar comigo!

Com um grunhido, Faunus torceu a mão ao redor da linha do chicote até que ele fizesse um laço singular em torno de seu punho. Então ele arrastou aquela desculpa de humano com ele enquanto pisava, andando sobre as patas, apesar de geralmente estar de quatro em sua forma monstruosa, na direção de Mayumi.

O portador do medalhão permitiu que seu braço fosse pego pelo chicote dela e então agarrou-o com o punho. Ele puxou enquanto Mayumi puxava, e ela cambaleou para frente. Ela sabiamente soltou para que pudesse apunhalar sua adaga para frente, então saltou para trás para evitar ser atingida.

Ele não sabia quando isso tinha acontecido, mas a bochecha de Mayumi estava machucada e sua pequena fêmea estava mancando. O portador do medalhão tinha um corte na bochecha e um corte desagradável no peito.

Mas o segundo Caçador de demônios estava se aproximando cada vez mais, e Faunus sabia quando ela deu um passo para trás cegamente em sua direção... que ela não sabia que ele estava lá, que ele estava indo atrás dela.

Quando estava quase sobre eles, foi empurrado para trás. Faunus olhou para trás para ver que o portador do chicote havia enfiado uma espada descartada no chão como uma estaca. Ele virou o crânio para Mayumi.

Ele estava quase lá, quase para ela. Eles estavam quase nas

pontas de suas garras.

O inimigo levantou sua arma atrás dela enquanto o portador do medalhão falava com Mayumi, gritando algum grande discurso que ele pouco se importava em ouvir.

— Mayumi! — ele rugiu.

Ela começou a virar a cabeça para ele, mas parou quando o portador do medalhão deu um passo à frente com a espada levantada. Ela não podia cumprimentar o olhar de Faunus, o que a deixaria saber de sua morte por trás. Ela não podia tirar os olhos com segurança do inimigo à sua frente.

Mas ela já estava distraída, o portador do medalhão a alinhando para um ataque surpresa de outro.

Não havia tempo. Ele podia ver isso. Se ela andasse para um lado, os dois inimigos circulavam um ao outro de maneiras opostas para se igualar a ela. Se ela escapasse de um, o outro com certeza a pegaria.

Eu vim aqui para protegê-la. Seu aperto na linha do chicote aumentou. *Minha vida já está desaparecendo.* Seu coração batia de medo com o que ele estava prestes a fazer. *Nada pode mudar meu destino.* Suas respirações bufavam para dentro e para fora rapidamente para ganhar coragem como se estivesse no ar. *Não vou vê-la morrer sem fazer nada.*

Uma respiração profunda saiu gaguejando de seu nariz, espirrando sangue, assim que ele soltou a linha do chicote e sua corda final para esta vida.

Com um rugido que foi interrompido quando seu crânio se partiu, ele saltou para frente.

Toda a sua dor desapareceu, assim como os sons ao seu redor, o cheiro de seu próprio sangue. Sensações como calor, gelo e o próprio vento desapareceram no nada.

Com o que restava de sua visão, Faunus observou seu corpo se quebrar em minúsculos pedaços de areia preta brilhante que emplumaram ao seu redor. *Eu devo alcançá-la.* À medida que seu corpo desaparecia, ele estendeu a mão, e alcançou, com toda a sua força, vontade e poder.

A última sensação que ele sentiu quando sua forma se

dispersou de seu pescoço antes de descer por seus membros, foram as pontas de suas garras pegando em algo.

Ele não sabia se conseguiu matar o Caçador de Demônios quando sua visão explodiu na escuridão, mas esperava ter feito o que viera fazer aqui.

Para protegê-la, mesmo que isso lhe custasse a vida.

Mayumi...

Ela seria a última coisa em sua mente quando ele finalmente desaparecesse no outro mundo, e ele não tinha um pinga de arrependimento pela ação que o causou.

CAPÍTULO 39

Mayumi olhou para Cordon com toda a determinação dentro dela.

Ela mesma pretendia matar Cordon, o homem muito habilidoso e experiente para qualquer um de seus amigos enfrentar. Ao mesmo tempo, ela estava lutando contra Jace. Ele era forte, mas não com a habilidade que ela e seu Ancião-Chefe possuíam.

A única razão pela qual Mayumi não alcançou o posto de Anciã, apesar de ter sido recomendada várias vezes, foi porque eles raramente deixavam o forte. Ela escolheu não continuar para permanecer no campo matando demônios em vez de treinar novos caçadores de demônios na segurança de um castelo fortificado na montanha.

Ela poupou um olhar para a esquerda, apenas uma espiada.

Yoshida tinha acabado de emergir da floresta, tendo derrubado o arqueiro escondido dentro dela, e estava avaliando a clareira.

Margo, a porra de uma montanha de mulher, estava segurando Klaus e Henry sozinha.

Margo e Mayumi eram equilibradas de maneiras opostas. Onde Mayumi era rápida e ágil enquanto exercia força suficiente para se manter, Margo era pura força bruta com velocidade suficiente para torná-la uma oponente assustadora. Ambas eram astutas, ambas eram inteligentes e ambas lutariam com todas as partes de seus corpos, desde suas cabeças duras até suas unhas fortes e afiadas, se necessário.

Ambas poderiam empunhar qualquer arma entregue a elas, Mayumi acertando seu alvo todas as vezes, enquanto Margo daria um impacto que poderia destruir todo o alvo completamente.

Não é de admirar que os pobres Klaus e Henry estivessem lutando.

Mas nunca vi Cordon lutar.

Os rumores afirmavam que ele era mortal. Rápido como uma cobra, forte como um urso e astuto como uma raposa.

Tudo o que ela experimentou agora.

Seu joelho havia sido atingido do lado por um de seus chutes, e

sua bochecha estava quente e dolorida desde quando ele bateu com o punho de sua espada em seu rosto. Depois, havia o corte raso da espada que ela tinha no braço.

Ela conseguiu cortá-lo na bochecha e no torso, mas não foi o suficiente. Ela desistira de sua espada e ele acabara de pegar seu chicote.

Recuando, ela prendeu a respiração quando ele o fez. Seus pulmões estavam pegando fogo e respirações ofegantes e secas queimavam sua garganta. Seu coração era um tambor ensurdecedor em seus ouvidos, e sua pele estava escorregadia de suor. Ela estava tão quente que nem mesmo o frio gelado no ar poderia resfriá-la.

Os olhos azuis de Cordon ainda mantinham um olhar penetrante e implacável que não havia caído uma vez desde o início da luta, mas seus ombros subiam e desciam com cada uma de suas respirações pesadas. Ela estava dando tudo de si, e ele obviamente estava cansando tanto quanto ela.

Ela esperava que ele corresse para ela. Em vez disso, ele abriu sua boca estúpida para tagarelar com ela - e ela odiava quando os inimigos faziam isso. 'Sou um inimigo grande, forte e inteligente, sua mulher pequena e burra. Eu luto com você e venço. Grrr.'

Ugh, ela não conseguia pensar em uma maneira mais idiota de desperdiçar fôlego.

Ele não baixou a arma enquanto falava, mas mesmo que tivesse, ela não teria ousado baixar a sua.

— Você poderia ter sido uma dos melhores de nós — disse Cordon com um aceno de cabeça, já ameaçando fazer seus olhos rolares. — Se você não tivesse sido tão tola em manter aquele saco de sangue dentro de você, você poderia ter sido uma das maiores Caçadoras de Demônios de toda a história. A pedido de seu pai, assegurei-me de que você fosse treinada pelos melhores. Ele sabia que você superaria todos eles em habilidade, e você provou que ele estava certo. Eu estava quase ao ponto de dar a você o posto de Anciã, apesar de suas rejeições, e tomá-la como minha subalterna. Eu iria entregar minha posição a você se você tivesse vivido o suficiente para recebê-la. Você poderia ter poder, segredos e viver uma vida longa na segurança

do forte.

As feições de Mayumi se transformaram em um sorriso de escárnio.

— Sua posição parece covarde.

— Covarde? — ele riu. — Como assim?

— Você se esconde atrás de paredes e manda pessoas para morrer.

— Elas fizeram essa escolha, assim como eu quando me matriculei. Não cheguei a essa posição girando os polegares. Cheguei aqui conquistando meu lugar. — Ele deu um passo à frente e estendeu a espada para apontá-la para ela. — Você fala em covardia, mas e a sua estupidez? Quantas pessoas morreram por causa do que está entre suas coxas? O potencial de trazer uma criança a este mundo era tão importante que você pensou tão pouco em seus companheiros?

— Por que estamos conversando? — Mayumi perguntou com um tom de zombaria. — Você ficou tão imóvel em seus anos como Ancião-Chefe, cercado por pergaminhos e penas, andando pela fortaleza com as mãos atrás das costas e olhando com desprezo para todos os outros, que precisa de uma pausa?

A única razão pela qual ela sabia que ele estava sorrindo era por causa da maneira como os cantos de suas pálpebras se enrugavam.

— De jeito nenhum.

Ela ouviu seu nome sendo chamado por Faunus. Ela estava prestes a virar a cabeça para ele, mas Cordon mudou de posição em preparação para brandir sua espada.

Ela deu um passo para trás e para o lado para criar espaço, esperando chegar mais perto de sua espada caída no chão para que ela pudesse mergulhar para pegá-la.

O seguinte rugido que Mayumi ouviu enviou um arrepio na espinha. Os minúsculos pelos que cobriam sua carne se arrepiaram quando parecia que seus ossos estavam cheios de insetos zumbindo, uma reação física à ansiedade que a percorria ao som do chamado de Faunus.

Ele precisa de mim.

Ele precisava de ajuda.

Ela tinha uma arma sobrando, e ela estava segurando-a para salvar sua vida esse tempo todo. Ela não se importava mais quando jogou direto na perna carnuda de Cordon para parar seu ataque e retardá-lo.

Havia armas espalhadas pelo chão; se ela corresse para ajudar Faunus, ela esperava encontrar uma nova - talvez até a sua própria.

Ela se virou para poder correr, apenas para ficar cara a cara com Jace. Seu rosto empalideceu quando ela percebeu que Cordon a havia armado em uma armadilha.

Não é de admirar que o bastardo tenha começado a falar inutilmente.

Ele não era orgulhoso. Ele não se importava com quem dava o golpe final, desde que o objetivo fosse alcançado.

— Merda — ela murmurou.

Ela pensou que seria a última coisa a sair de sua boca. Merda, que palavra final graciosa.

De repente, Faunus emergiu como uma sombra imponente e em movimento atrás dele. Ou, pelo menos... parte dele.

O momento foi retardado no tempo, tudo ficando estranhamente quieto enquanto ela tentava registrar o que estava acontecendo.

O que Mayumi viu foi uma nuvem que era parcialmente física, enquanto o resto dele era uma massa flutuante de areia preta que girava até o chão. Ele era uma pluma de purpurina.

Um pequeno fragmento de crânio foi arremessado para trás, enquanto o resto caiu para a frente. Ela observou enquanto seus orbes vermelhos explodiam em uma explosão de pequenos incêndios na frente de suas órbitas antes de se dispersarem.

Faunus se aproximava com um longo salto, enquanto a espada de Jace estava a centímetros de sua cabeça. Aquele momento pareceu o mais longo, como se minutos, meses, possivelmente até anos tivessem passado. Mesmo seu suspiro rápido e agudo ecoou como uma longa inspiração que queimou em seu peito enquanto seu próximo batimento cardíaco demorava a chegar.

Então tudo acelerou.

O corpo de Jace quase desmoronou sobre si mesmo de lado quando ele foi jogado para a esquerda de Mayumi, suas costas inteiras rasgadas em pedaços além de sua espinha e em seus órgãos.

Com a partida de Jace, Mayumi foi banhada na areia negra e brilhante da essência de Faunus. Era surpreendentemente quente contra a pele coberta de suor de seu rosto, como um último hálito com cheiro de capim-limão e limão. Seu crânio caiu no meio dela como se tivesse caído de repente, e caiu não muito longe de seus pés.

A parte mais clara dele estava virada para cima, e ela viu o buraco em seu belo crânio. O sangue que corria em pequenos riachos começou a brilhar em pó também, deixando para trás nada além de puro osso branco.

A areia negra nunca realmente chegou ao chão, desaparecendo no nada com brilhos.

Ela olhou para o que restava de seu crânio em estado de choque, os lábios entreabertos em horror.

— Não, — ela sussurrou.

Uma parte dela se partiu quando ela entendeu que Faunus se foi. Que ele não ia voltar.

Não, sua mente repetiu.

Ela pensou que teria a chance de pelo menos dizer adeus. Em vez disso, ele se transformou em pó brilhante! Perdido. *Puf*. Para nunca mais ser visto.

O berro de Cordon atrás dela era um grito de guerra.

Não haveria chance de lamentar.

Ela não teria chance de respirar esta respiração dolorosa eterna que parecia não acabar, não importa o quanto ela bufasse e ofegasse.

Ela estava quase engasgando com isso, e todas as coisas que não foram ditas... ela queria se apressar e pronunciá-las agora caso o espírito dele, pelo menos, ainda estivesse aqui para ouvir. Seus sonhos, suas esperanças, seus sentimentos estúpidos pelos quais ela estava muito assustada.

A maneira como o grito de Cordon a incendiou em um inferno de fúria vingativa foi tão repentina que ela gritou quando sentiu como se lava tivesse substituído seu sangue.

A geralmente silenciosa e estóica Mayumi era uma banshee estridente quando ela se virou para o Chefe Ancião.

Você queria que eu vivesse, Faunus? Ela perguntou mentalmente o que restava de seu espírito, correndo em direção a Cordon com todas as suas forças. *Então eu vou viver, porra!*

Coberta de sujeira e suor enquanto ela disparava, o guincho que ela produziu foi quebrado no meio de seus tons - querendo estar alto com sua dor, mas profundo com sua determinação de ter retribuição pela perda que tudo isso causou. Ele arranhou sua garganta.

Mayumi não tinha armas. Não havia uma entre ela e Cordon, que estava a momentos de cortar sua espada em seu torso.

Usando a neve escorregadia, ela inclinou o corpo até deslizar sobre o lado da perna esquerda enquanto usava a palma da mão para se firmar. Indo para baixo da espada, ela enfiou os dedos na neve suja e virou o corpo apenas o suficiente para que suas pernas se enroscassem nas de Cordon.

Quando ele percebeu que estava descendo sobre ela, ele direcionou sua espada para o corpo dela. Ela dobrou os joelhos para colocar os dele sob os dela e golpeou a lâmina dele com o braço enquanto jogava todo o seu peso para trás.

Ela conseguiu inverter suas posições até que ela estava acima dele.

Então, com os lábios apertados e curvados para baixo como uma careta rosnante, os dentes da frente cerrados com tanta força atrás deles que ela pensou que eles quebrariam se ela pressionasse mais forte, ela se ajoelhou sobre o torso dele. Mayumi enfiou os polegares na única parte dele que ela podia ver, seus olhos azuis gelados e insensíveis.

O homem gritou e começou a arrANHAR a ponta das luvas no casaco dela para detê-la. Quando isso não funcionou, ele bateu com o punho no rosto dela a ponto de estalar para o lado.

Mas Mayumi não cedeu até que suas unhas cravaram fundo o suficiente para que ela visse sangue jorrando. Então ela afastou as mãos para poder socar a parte inferior dos nós dos dedos contra a

bochecha dele com a mão direita, enquanto a outra segurava a mandíbula exatamente onde ela queria.

Ela era pequena, mas forte o suficiente para colocar algum sentido no homem – a sensação de que ele havia mexido com a maldita pessoa errada naquele dia. Que a maré de uma batalha pode ser mudada apenas pela raiva recém-descoberta de uma pessoa ao ver outra morrer em suas próprias mãos. Quando eles paravam de se preocupar com a autopreservação e deixavam seu corpo assumir o controle, em vez da astúcia de sua mente. Quando eles se jogariam toalmente no perigo ao invés de cortejá-lo em uma dança graciosa.

A vingança não era melhor deixada fria; parecia muito melhor quando estava quente e escaldante.

Foda-se a guilda. Seu punho voltou para ele. Amaldiçoe este mundo miserável e moribundo. Ela puxou de volta e depois trouxe para baixo novamente até que ela bateu contra o osso. *Não há luz nele. Nas pessoas. Em qualquer coisa.*

Ela grunhiu quando Cordon conseguiu agarrar a ponta de seu rabo de cavalo em seu movimento cego. Isso a forçou a rolar para longe dele, mas não antes que ela puxasse o chicote em seu cinto de armas.

Ele ofegou, tossindo sangue e um dente ou dois contra o chão enquanto se apoiava nas mãos e nos joelhos.

— Como um animal selvagem, você foi para os meus olhos! — Ele estava começando a se levantar quando Mayumi veio por trás. — Você se tornou como aqueles selvagens humanos bárbaros nas montanhas. Não há honra em cegar o outro. Se você lutar contra outro humano, você deve lutar de forma justa até a sua morte. Isso faz parte do nosso código!

— Foda-se o seu código, — Mayumi zombou enquanto enrolava seu próprio chicote em volta do pescoço dele. Suas costas arquearam quando ele ficou de joelhos e cavou no cordão trançado em volta do pescoço. — A morte é a morte. Não há beleza nisso. Não há honra nisso. Não há graça nisso. — Então Mayumi se inclinou para mais perto de sua forma contorcida e lutando até que sua boca estivesse bem perto de sua orelha. — E eu não vou lhe dar o enterro

respeitoso que você merece, nosso grande e honrado Ancião Chefe. Vou deixar os Demônios comerem seu cadáver enquanto assisto da segurança da minha casa.

Não para muitas palavras no campo de batalha, ela decidiu que era o suficiente. Ela não ia dar a ele mais tempo para levar a melhor sobre ela.

Ela afrouxou o lado esquerdo do chicote apenas o suficiente para que, quando puxasse para a direita, torcesse o pescoço dele até que ela ouvisse o estalo mais *satisfatório*.

Quando Cordon ficou mole, Mayumi o deixou cair.

Desde que sua respiração deixou este mundo, sua existência também deixou para ela.

Seus olhos encontraram Yoshida lutando contra aquele que ela sabia que havia dilacerado o crânio de Faunus. Atrás dele, Margo estava atrasada e agora na defesa contra Klaus e Henry. Ela não estava longe de cair também. Esses dois inimigos eram tudo o que restava.

Ela não se importava mais com a luta quando percebeu que estava terminando.

Ela se afastou da clareira para onde estava a seção maior do crânio de Faunus. Ela caiu de joelhos ao lado dele e o pegou em seus braços para que pudesse aconchegá-lo contra o peito.

Eu sabia que isso ia acontecer... Você me disse que ia morrer, mas eu simplesmente me recusei a aceitar.

Ela ainda se recusou enquanto enrolava todo o seu corpo em torno dele. Nenhuma lágrima se formou, apenas porque ela negou isso, negou que ele realmente se foi.

Deve haver algo que eu possa fazer. Isso não pode ser para você.

Ela se afastou para poder olhar para o osso branco que cruzava a parte superior de suas pernas dobradas.

Mas o que? O que posso fazer? A cola não funcionou, e ela duvidava que amarrar o rosto dele agora fosse o suficiente.

Todo o fogo que ela sentiu há alguns momentos atrás saiu dela, deixando-a com uma sensação de frio insuportável – especialmente no centro de seu peito, onde muitas vezes ela sentia sua alma tentando emergir. Mayumi estremeceu, suas mãos tremendo enquanto seus

dentes batiam.

Vamos, Mayumi. Pense.

Tão absorta em contemplação, ela levou mais tempo do que deveria para perceber que alguém estava se aproximando dela da linha das árvores.

O sol poente do meio-dia permitia que uma grande extensão de sombra chegasse quase até ela, mas também estava completamente fora de alcance.

Quando um par de pés descalços, de pele escura com pequenas garras nos dedos dos pés, parou e se agachou a um metro de distância dela, ela virou a cabeça para cima.

Ela não sabia por que não se assustou e imediatamente pegou uma arma. Talvez fosse porque ela estava cansada e dolorida, e essa pessoa não estava coberta com as roupas de seus companheiros Caçadores de Demônios.

Seus olhos vermelhos inseridos nas feições de um rosto de outro mundo gritavam perigosos enquanto eles olhavam para ela agachados. Ela piscou para eles por um momento, tentando registrar por que viu olhos vermelhos em um rosto obviamente humano.

Longos cabelos brancos foram jogados para o lado antes de alguns pedaços flutuarem na frente de seu torso volumoso e sem camisa. Ela pensou que eles estavam nus até que notou as calças largas azul-escuras que usava.

— Então... — o homem começou com uma expressão séria e pensativa. — Ele está morto, não é?

Ela estava prestes a perguntar quem ele era, mas seus olhos finalmente deslizaram para baixo para encontrar marcas pretas nas laterais e nos braços. Elas saltaram das faixas douradas e correntes em volta de seu corpo, depois para uma orelha pontiaguda singular que se projetava de seu cabelo branco-azulado antes de cair nos dois chifres escuros que se curvavam para trás no topo de sua cabeça.

Tudo isso a informava de quem ele era.

— Isso é o que você queria, — ela quase rosnou — se um humano pudesse rosnar. Ela acenou com a cabeça na linha das árvores, onde viu outro Demônio parado ali — suas grandes asas muito

familiares. — Você nos assistiu lutar. Você viu isso. Por que diabos você está me perguntando?

Ela apostou que tinha sido divertido para ele ver humanos lutando entre si.

Quando ele sorriu, revelou presas afiadas. Ela se encolheu de desgosto quando parecia com o que ela tinha visto dentro da boca de tubarões em cadernos de desenho.

— Irritável, irritável, para um ser humano tão pequeno. — Ele até estalou a língua na boca para ela. — Ele era seu querido amigo? Ou você o deixou cavalgar em sua boceta como as outras prostitutas que os Mavka pegaram? Posso sentir o cheiro dele em você.

— Venha para o sol e diga isso, — ela rosnou em resposta.

— Eu poderia, você sabe. — Ele levantou uma sobrançelha para ela. — Eu, ao contrário do resto dos meus súditos, posso suportar a luz por um curto período de tempo. Vem com meu sangue élfico. Você nem seria capaz de correr, já que posso me teletransportar para o que posso ver.

Foi assim que ele conseguiu chegar aqui tão rápido?

Ela agarrou o crânio de Faunus com mais força quando Jabez, o Rei Demônio de quem Faunus havia falado, estendeu a mão.

— Me dê isto.

— Não, eu me recuso. Você não pode ter isso.

— Mayumi! — Henry gritou, e ela virou a cabeça para o lado para encontrar todos os três de seus amigos correndo em sua direção.

Jabez jogou a mão para o lado, e videiras marrons de raízes de árvores se romperam da terra e se enroscaram em seus corpos. Todos os três foram puxados de joelhos antes de caírem no chão. Eles lutaram para sair de suas amarras.

— Pare! — Mayumi exigiu.

Jabez torceu a cabeça até que ele estava de frente para ela mais uma vez.

— Ou o que? É óbvio que o estúpido Mavka lhe disse quem eu sou, o que significa que você sabe o que posso fazer.

Ela lutou por uma resposta, mas duvidava que qualquer coisa que dissesse o impediria de fazer o que queria. Ele torturou Faunus.

Mayumi apostaria em sua vida que ele não se importava com nada além de seus próprios desejos.

Então ele riu brilhantemente.

— Você sabe o que? Depois de assistir sua luta e finalmente ver aquele Mavka com chifre de carneiro morrer, provando minha teoria, estou disposto a ser benevolente. Não sou mau nem cruel.

Mayumi bufou mentalmente. *Eu peço desculpa mas não concordo.*

— Fique com a caveira e seus amigos. Eu vim aqui para acabar com ele; isso é tudo que eu realmente queria alcançar.

Apesar de ficar tanto tempo agachado, a posição parecia tão natural para ele que nem balançava as pernas. As bolas de seus pés estavam profundamente contra o chão enquanto ele descansava os antebraços sobre os joelhos dobrados.

— Por que você está fazendo isso? — Mayumi não pôde deixar de perguntar enquanto balançava a cabeça. — Para que você está mirando nos Caminhantes do Crepúsculo?

Jabez deu um grunhido curto contra suas presas fechadas quando ele as mostrou para ela.

— Porque eles continuam matando minha espécie, e eles estão no caminho.

Mayumi riu tanto que suas pálpebras se enrugaram com a profundidade de seu humor negro.

— Isto não é suficiente. Os humanos estão matando tantos, se não mais, de sua espécie, mas não vejo você indo para todas as fortalezas dos Caçadores de demônios com todo esse aparente vasto poder que você tem. — Ela notou seus olhos vermelhos, com cílios brancos nas pontas, estreitados sobre ela quando um lado de sua mandíbula se contraiu. — Então, qual é o verdadeiro motivo?

— Muito intuitivo da sua parte. — Ele inclinou a cabeça para a esquerda com um sorriso de escárnio. — Por que eu deveria dizer a você?

— Porque eu estou tão malditamente curiosa. Por que mais eu estaria perguntando, porra?

Ela queria saber por quê! Ela queria saber por que era tão importante que a pessoa de quem ela cuidava fosse destruída. Ela

queria que houvesse uma razão legítima além da crueldade e da ameaça, esperando que isso pudesse ajudá-la a aceitar essa perda.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Gosto de você. Por que não vem comigo ao Véu? Eu vi você lutar. Você seria uma soldada formidável para mim. Você poderia me ajudar a treinar meu exército, para que eles não sejam tão inúteis. Às vezes, eles podem ser palhaços atrapalhados e precisam de disciplina.

— Ele estendeu a mão novamente. — Eu nem vou usar você como você deixou aquele Mavka inútil. Eu preciso de soldados inteligentes. Eu não me importo de que raça eles são.

— Eu prefiro morrer, — ela rosnou. — Se você não estava ouvindo direito com essas suas orelhas pontudas bizarras, devo informar que sou uma *caçadora de demônios*. Eu nunca ajudaria você.

— *Tsk*. Então você não obterá respostas de mim.

Jabez deu um único passo para trás e então se levantou para permanecer nas sombras. Ele não deu um passo para trás o suficiente desde que um raio de sol passou por cima de seu ombro, causando a formação de uma fumaça ardente. Ele sibilou e deixou cair o ombro para a frente na sombra.

— Gostei do show e, por isso, você pode manter seu crânio quebrado como um troféu glorioso por desafiar as probabilidades contra você.

Jamais seria um troféu.

Ela não queria sentir um pinga de orgulho por nada que tivesse acontecido naquele dia. Seria uma memória dolorosa para o resto de sua vida - uma que ela viveria simplesmente porque Faunus queria que ela o fizesse.

Em um piscar de olhos, Jabez desapareceu - apenas para reaparecer segundos depois ao lado do Demônio alado. Então ele colocou a mão em seu ombro e os dois se foram.

Mesmo que ele tenha pedido para pegar o crânio de Faunus antes que ele tão 'gentilmente' a deixasse ficar com ele, e talvez ele realmente quisesse que ela fosse com ele, mas ela não pôde deixar de pensar que ele a abordou só porque ele queria ser um idiota e provocá-la por obviamente se importar com ele.

CAPÍTULO 40

— Quem diabos era aquele? — Klaus perguntou quando ele correu para Mayumi.

Com o desaparecimento de Jabez, as trepadeiras de madeira que os mantinham planos contra o solo murcharam e morreram. Ela estava honestamente surpresa por ele ter deixado algum deles viver. Talvez fosse porque eles eram todos humanos e eram vistos como fracos e insignificantes para ele.

Seja qual for o motivo, ela não teve tempo de se demorar quando de repente ficou lotada.

— Mais como o que diabos foi isso? — Yoshida disse enquanto enxugava o peito e estremecia. — Obviamente não era um humano. Essas vinhas pareciam nojentas.

— Não se preocupe com isso, — Mayumi murmurou antes de olhar para o crânio de Faunus, grata por ainda tê-lo em seus braços. — Existem muitas coisas desconhecidas no mundo, e isso é pesado para a mente.

— Pare com essa porcaria — retrucou Klaus. — Você não pode simplesmente esperar que não façamos um monte de perguntas depois do que aconteceu aqui hoje.

Henry, que ficou em silêncio o tempo todo, abaixou-se sobre um joelho e inclinou-se para o lado para olhar a expressão dela de baixo.

— Por que você está segurando o crânio daquele Caminhante do Crepúsculo como se tivesse acabado de perder alguém querido para você, Yumi?

Seus lábios se apertaram, o desejo de mantê-los fechados forte. Ela os relaxou quando espiou Henry quando ele tirou o capacete. Ele parecia preocupado, e a falta de julgamento em seu olhar foi o suficiente para ela responder.

— Porque ele era meu amigo. Eu tenho tentado salvá-lo.

— Foi por isso que você veio até nós perguntando sobre cola?

— Yoshida perguntou, e ela ergueu o olhar para ele parado ali.

— Sim.

— Por que os Caçadores de demônios estavam atrás de você?
— Klaus perguntou enquanto removia seu próprio capacete para poder pentear para trás seu longo cabelo laranja emaranhado.

— O Caminhante do Crepúsculo me deu informações sobre Demônios e o Véu, e eu fui estúpida por compartilhar com a guilda. Eu sabia demais, então eles precisavam de mim morta.

— Pelo amor dos Deuses, Yumi, — Henry murmurou enquanto balançava a cabeça. — Você é um caos, não importa aonde vá e o que faça.

Ela deu de ombros, desejando ter forças para ficar de pé, mas não conseguia se mexer. Ela temia que o crânio de Faunus fosse muito pesado para o peso de seu coração.

— Torna-me interessante.

— O que você descobriu sobre Demônios? Deve ter sido sério para a guilda vir atrás de você. — Klaus perguntou. — E como você fez amizade com um Caminhante do Crepúsculo, afinal?

Henry virou a cabeça para ele.

— Pare de fazer perguntas a ela. Apenas deixe-a mentir. Ela obviamente não está indo muito bem. Deixe que ela lide com isso.

— É um Caminhante do Crepúsculo! — Klaus gritou indignado. Ele até jogou as mãos para a frente. — Quem dá a mínima para isso? É melhor para nós que esteja morto, então não entendo por que ela está chateada.

O calor queimou através dela, mas antes que ela pudesse se levantar e confrontá-lo, Yoshida chocou a todos quando de repente ele entrou em movimento. Ele agarrou Klaus pelos ombros de sua armadura e o puxou para frente.

— Cale essa sua boca antes que eu a cale para você — ele ameaçou, chocando Mayumi quando ela esperava que ele ficasse do lado de Klaus.

Klaus agarrou sua camisa de couro em troca, seus olhos se tornando hostis.

— Por que diabos você está do lado dele?! Eles não passam de monstros que merecem morrer!

— Eu estaria morto se não fosse por aquele Caminhante do

Crepúsculo. Eu tinha uma espada atravessada no peito e ele me curou! — Então ele quase pressionou o nariz contra o de Klaus com os dentes cerrados. — Fale merda assim sobre ele, e eu vou quebrar seu nariz de novo.

Henry colocou a mão em seu ombro, ignorando os homens atrás dele. As emoções estavam altas e ninguém estava pensando com calma - exceto Henry, ao que parecia. Ele estava sempre tão calmo e pensativo, o que podia ser irritante às vezes, mas pela primeira vez, ela estava agradecida. Ela só precisava de alguém para não ficar estranha com tudo isso agora, e Henry estava sendo uma rocha maravilhosa.

— Levante-se, Yumi. Todos nós precisamos nos limpar, comer e beber um pouco de água.

— Deve haver algo que eu possa fazer, — ela murmurou em resposta.

Não é isso. Não pode ser. Ela cavou as pontas dos dedos no osso duro. *Mas todo o seu corpo simplesmente... desapareceu.*

— Existe? — Henry perguntou, fazendo com que seus olhos se voltassem para os castanhos gentis dele. — Eu sei que eles são difíceis de matar, então eles devem curar, certo?

— Sim, geralmente em um dia, mas isso só se o crânio deles não estiver quebrado. Eu não acho que ele pode voltar disso.

— Você pode simplesmente colocar o rosto dele de volta no lugar de alguma forma?

— Tentei...

Se ao menos fosse tão fácil. Ela sabia que era tarde demais.

Ou não? O medalhão dourado de Cordon brilhando ao sol chamou sua atenção. *Um dia...*

E se eu juntar o crânio dele antes de passar um dia? Seu coração, que estava se afogando, começou a bater mais rápido para acompanhar seus pensamentos rápidos. *E se isso for tudo que eu preciso fazer?*

Seus olhos se arregalaram e ela freneticamente começou a olhar em volta enquanto segurava o crânio de Faunus.

— Ajude-me a encontrá-lo, — ela exigiu, caminhando em direção a sua casa. — Ajude-me a encontrar o resto do rosto dele.

Uma ideia se acendeu em sua mente e ela se agarrou firmemente à lasca de esperança.

Henry foi quem encontrou o outro lado do crânio de Faunus, já que Yoshida e Klaus estavam rolando no chão dando socos. Eles provavelmente se cansariam, já que não era a primeira vez que brigavam.

Mayumi inspecionou o fragmento de osso e chifre para descobrir que estava quase intacto. Ela o levou para dentro e colocou os dois pedaços dele na mesa de jantar para poder abrir a trava escondida que estava no depósito. O saco de moedas dentro dele era pesado, e ela o ergueu e descuidadamente o esvaziou no chão.

As moedas de ouro específicas que ela recuperou eram poucas, mas maiores que as outras disponíveis. Eles também eram de qualidade mais pura, e ela levou cada peça que encontrou e o crânio dele para os fundos de sua casa.

Depois de se estabelecerem, seus amigos foram ao riacho para que pudessem encher o banho de primavera e lavar-se do sangue sobre eles.

Ela saiu furtivamente da fornalha de aquecimento para acender sua fornalha de forja e então colocou todas as suas moedas de ouro em um copo de fundição. Enquanto estava esquentando, ela limpou o crânio de Faunus para ter certeza de que estava limpo antes de usar uma lima para asperar as bordas de sua rachadura para que fosse mais fácil de colar.

Depois de um longo tempo, ela ficou lá para se preparar mentalmente para a espera excruciante que seriam as próximas vinte e quatro horas.

Seus amigos finalmente a persuadiram a entrar no banho com eles, lembrando-a do sangue humano que ela estava coberta. Essa foi a única razão pela qual ela se despiu e se banhou rapidamente - ela não tinha problemas em ficar nua na frente dos homens.

Era comum para a guilda, e se esses homens tinham algum desejo por ela, isso era problema deles, não dela.

— Vocês deveriam ir embora, — ela disse enquanto pulava para fora, a água escorrendo por seu corpo nu e pingando na banheira

de nascente. — A noite cairá em breve, e este lugar se tornará um campo de caça de demônios em breve. Vocês precisam ir embora.

— Não podemos deixar você aqui sozinha, — Henry disse, agarrando seu braço quando ela estava saindo da banheira. — Volte conosco para o Posto Avançado de Colt. Deixe os Demônios virem e se alimentarem, então volte quando você souber que é mais seguro.

Seu olhar voou para a fornalha e o crânio de Faunus deitado em sua mesa de ferreiro.

— Não posso. Preciso ficar aqui com ele, só por precaução. Não poderei levá-lo para a cidade se isso funcionar.

— Yumi...

— Não! — ela gritou, arrancando o braço dele e dando dois passos para trás, então ela estava fora de alcance. As palavras que estavam prestes a sair de sua boca eram rudes, mas ela estava com muita angústia emocional para se importar naquele momento. — Muito obrigada por virem aqui. Não sou tão autoritária para admitir que sem vocês três... provavelmente teria morrido hoje. Ao dizer isso, quero ficar sozinha, e vocês estão me dando nos nervos. Então, se vocês não se importam, voltem para sua prisão murada e me deixe na floresta.

Nenhuma outra palavra foi dita a ela até que eles estivessem saindo, mas ela não respondeu às suas tentativas de mudar de ideia — não importa o quanto os três implorassem.

A essa altura, ela estava muito ocupada tentando cuidadosamente derramar ouro no crânio de Faunus sem estragá-lo. Ela não conseguia ouvir uma conversa sem importância em comparação com a tarefa que estava realizando.

As coisas podem ser quebradas, Mayumi, a memória de seu pai ecoou. Você não pode se desculpar com um copo e fazer com que ele se conserte sozinho, mas pode trabalhar duro e agregar valor a ele, tornando-o melhor, mais forte. Depende do que você quebrou, se vale a pena para você.

Descansando na mesa de ferreiro estava a xícara de chá que seu avô havia reformado depois que seu pai a quebrou quando criança. Essa mesma lição foi instilada em Mayumi como uma forma de ensiná-la o valor de encontrar beleza nas próprias falhas. Para celebrar os

erros em vez de disfarçá-los.

A arte do kintsugi veio da terra natal de sua família, e ela nunca foi mais grata por sua linhagem do que naquele momento.

Ela não saberia o que mais fazer.

No entanto... ela não tinha a resina de árvore especializada necessária. O que a família dela tinha não passava de uma mistura de resina que adquiriram da seiva das árvores que compraram em suas viagens. Ela também não tinha pó de ouro – pelo menos, se tivesse, não saberia onde encontrá-lo na bagunça de seu depósito.

Esses dois ingredientes combinados eram kintsugi, ou marcenaria dourada.

Ela estava degradando a arte agora em uma tentativa desesperada de devolver algo que estava perdido. Uma tentativa que podia ver tudo o que ela havia deixado se desintegrando em carvão preto.

O osso humano só poderia sobreviver a certos calores antes de se oxidar em pó carbonizado. No entanto, o osso com o qual ela estava trabalhando era de uma criatura mágica que era mais forte do que qualquer outra coisa existente, uma que não deveria existir, mas existiu. Isso sobreviveu a golpes no rosto por espadas e garras.

Isso era tudo que ela precisava para ter esperança.

Quando esfriou e estava ameaçando endurecer, Mayumi espalhou uma pequena gota de ouro derretido no topo da rachadura de um lado só para ter certeza de que não a danificaria. O ouro restante foi colocado de volta na fornalha enquanto ela esperava.

Quando o osso não lascou ou começou a mudar de forma ou cor, seu coração se encheu de esperança.

Ela juntou o crânio de Faunus com ouro derretido, espalhando-o ao longo da borda do pedaço menor que ela tinha. Então ela amarrou junto com couro. Uma vez que ela terminou, ela observou o minério quente esfriando contra o osso.

O calor parecia estar queimando sua carne. O suor escorria por seus braços, pescoço e rosto enquanto o brilho dele a avermelhava.

Parecia irregular e feio, ela não era a melhor em artes plásticas e tremia o tempo todo, mas se funcionasse, ela beijaria cada centímetro

daquele metal em agradecimento.

Por favor... por favor, volte.

CAPÍTULO 41

Mayumi passou uma das noites mais longas e cansativas de sua vida segurando o crânio de Faunus em seus braços. Escondendo-se atrás das paredes de sua casa e de cada vasilhame de incenso que tinha disponível, ela ouviu os sons de Demônios entrando em seu quintal ao redor.

Eles estavam muito distraídos com o cheiro avassalador de sangue e corpos humanos para sequer pensar que ela estava viva dentro de sua cabana.

Ela ficou quieta e mal se moveu enquanto esperava o sol nascer e assustá-los.

Muitos permaneceriam na floresta, não tão perto como sua família havia desbastado as árvores aqui para torná-la ensolarada em algumas partes, mas ela tinha certeza de que eles seriam capazes de observá-la à distância.

Seu corpo estava alerta, a nuca formigando com a consciência de pelo menos um par de olhos vermelhos nela quando ela colocou o crânio de Faunus na neve de sua clareira.

Mayumi estava preparada da cabeça aos pés com tudo, desde seu arco até um chicote e um rolo de corda. Ela não iria correr nenhum risco com os vermes do lado de fora, mas não poderia ter Faunus de volta à vida em sua casa.

Ela não sabia o que iria acontecer, mas o meio-dia havia chegado como no dia anterior, e agora descia rapidamente para o final da tarde. *Está quase na hora.*

Ela ficou lá olhando para ele, esperando.

— Vamos — ela sussurrou, saltando sobre as pernas em ansiedade. — Vamos. Comece a trabalhar.

O sol estava quente em suas costas, o inverno finalmente começando a mudar à medida que os dias mais curtos do ano ficavam mais longos. As cidades humanas logo começariam a celebrar essa luz.

Mayumi se importava pouco com isso. Ela sempre preferiu a noite. É onde seu inimigo vivia, e era quando ela sentia que prosperava. Isso mudaria agora?

Ela finalmente encontrou uma criatura para se esconder e lutar com ela na escuridão. Ela não queria que isso acabasse quando estava apenas começando.

As pontas de seus dedos se contraíram quando ela pensou ter visto algo brilhando sob a base do crânio. Foi lento no início, mas uma enxurrada de areia preta e pegajosa começou a se formar.

Sempre que ela via Faunus curar, sempre era em questão de segundos. Isso levou muito mais tempo.

Seu crânio começou a se levantar quando um corpo se ergueu sob ele, e os lábios dela se separaram enquanto se curvavam.

— Funcionou — ela engasgou, seu sorriso crescendo. Ela até riu enquanto saltava de pé com os punhos cerrados. — Funcionou pra caralho! Eu não posso acreditar!

Eventualmente, ele se elevou sobre ela quando aquele pelo familiar e macio e brilhante começou a crescer. Garras inclinaram suas mãos humanas e pés com patas felinas assim que seu rabo balançou para o lado.

Faunus virou a cabeça para ela quando as areias começaram a desaparecer, mostrando a ela que o processo estava quase completo. Seu coração estava quase timidamente gaguejando em seu peito.

Mayumi deu um passo à frente com a mão estendida, esperando que o último pedaço dele se formasse. Ela continuou a sorrir para as órbitas oculares vazias e sombreadas.

— Mostre-me esses seus lindos orbes amarelos brilhantes.

Ele inclinou a cabeça, ouvindo-a antes de se inclinar para frente enquanto cheirava a apenas alguns centímetros de seus dedos. Ela podia sentir seu hálito quente dançando sobre eles, podia sentir seu cheiro de capim-limão e limão formigando.

Eu me pergunto se poderei tocar seu rosto livremente de agora em diante.

O rugido que se seguiu a suas presas foi bestial, desumano, e o erro disso a fez gelar o sangue.

Seus orbes nunca se formaram, mesmo quando ele se abaixou de quatro e correu para ela. Com os olhos arregalados, um suspiro rasgou dela e ela mergulhou para o lado bem a tempo de evitar ser

agarrada.

Ela rolou antes de ficar de pé em uma posição agachada com uma mão no chão. Faunus se virou, um rosnado constante saindo dele. Seu corpo estava tenso, sua pele e pontas inchando mais alto do que ela já tinha visto antes.

Algo está errado.

Ele atirou para ela novamente, e Mayumi mergulhou entre seus braços para evitá-lo e deslizou contra a neve, não tendo mais para onde ir. Quando ela estava de volta à sua posição agachada, ela desenganchou e puxou o chicote em sua mão livre.

Ela começou a recuar, sua mão se levantando do chão.

— Faunus, sou eu.

Suas presas tilintaram e estalaram enquanto ele as abria e fechava, sua cabeça sem olhos balançando para um lado e depois para o outro. Quando ele rugiu mais uma vez e correu em sua direção, Mayumi correu.

O que quer que ela tenha trazido de volta, não era mais seu doce e engraçado Caminhante do Crepúsculo. E estava ganhando dela.

Quando ele estava bem atrás dela, ela se virou, atirou o chicote para a frente e segurou o focinho dele para fechá-lo. Os chifres na cabeça dele bateram nela quando ela pulou, e Mayumi se viu girando no ar até ficar atrás dele.

Um chiado foi arrancado dela quando ela atingiu o chão.

Então ela foi arrastada enquanto ele corria esporadicamente, tentando remover o chicote de seu rosto. Com gemidos grunhidos vindo dela, ela escalou a linha até conseguir agarrar um punhado de pelo do traseiro dele.

Faunus resistiu para removê-la.

Ela se manteve forte, mesmo quando ele começou a bater com o lado do corpo contra os troncos das árvores. Ele virou a cabeça, de modo que estava voltada para baixo em suas costas, e ela ficou fora do alcance de suas garras rápidas.

Só havia uma coisa que ela poderia fazer se não quisesse morrer. Ela soltou no último segundo quando ele estava perto de uma das árvores mais grossas que cercavam sua casa e se jogou para o

outro lado.

Ela escorregou quando ele continuou avançando, mas conseguiu enrolar o chicote em si mesmo e prendê-lo na árvore.

Ela gemeu e rangeu contra a força deste Caminhante do Crepúsculo enlouquecido e irracional. Ela soltou o chicote com as mãos prontas para agarrá-lo, avaliando se aguentaria o tempo suficiente para ela fazer o que precisava fazer a seguir.

Seu coração estava acelerado e ameaçando subir pela garganta. Seus pulmões estavam entrando e saindo dela como se ela tivesse engolido uma serra e estivesse sendo cortada pela própria lâmina.

Ela esperou com as mãos estendidas, e ele segurou.

Mayumi desenrolou sua corda encantada, enfrentou a floresta possivelmente cheia de demônios e enrolou a corda em torno de uma coleção apertada de três árvores, amarrando a corda para torná-la mais forte. Ela amarrou a outra ponta em um laço e esperou pela oportunidade de pegá-lo em torno de sua garganta.

Ela falhou nas três primeiras vezes, Faunus movendo-se de forma tão selvagem e errática que era quase impossível prever para onde ele iria.

Na quarta tentativa, ela escalou a lateral de uma das três árvores. Ela só conseguiu colocá-lo em volta do pescoço dele porque pulou em suas costas de um galho baixo e o enrolou por trás. Ele recuou em suas patas.

Jogada desde que ela estava desequilibrada, de pé sobre uma criatura viva, se debatendo por nada mais que seus pés, ela sentiu o impacto em todo o seu lado. Seu cotovelo esmagou suas costelas e ela soltou um grito.

O rosnado acima dela a forçou a olhar para cima. Seus olhos se arregalaram quando um conjunto de grandes mãos com garras estava prestes a cair sobre ela. *Merda!*

Ela rolou rapidamente e por pouco não foi empalada.

Faunus saltou para a frente, apenas para ser puxado para trás pela corda em volta do pescoço. Suas pernas dispararam para a frente quando saíram de baixo dele enquanto um estrangulamento foi executado ao mesmo tempo. Ele tentou várias vezes e soltou um

grunhido toda vez que era puxado.

Como um animal selvagem inquieto, ele caminhava bem da corda, virando a cabeça para ela com frequência para rosnar.

Ele estava preso pela corda encantada e pelo chicote que ela tinha, mantendo-o lá. Mas por quanto tempo? Ela tinha visto Faunus erguer uma árvore. Ela não sabia se três raízes profundamente no chão seriam suficientes para segurá-lo para sempre.

Deitada de bunda e apoiada nas palmas das mãos, ela o encarava bufando.

O que há de errado com ele? Por que seus orbs estão faltando? Apenas a parte física dele parecia ter retornado, sua mente ausente.

Ela não podia acreditar que quase morreu porque ele a atacou. Se ela fosse qualquer outro humano, ela não poderia ter passado do primeiro salto.

Um estalido à distância fez sua cabeça virar para o lado.

Um Demônio estava por perto.

Ela e Faunus estavam ao sol, mas a noite estava a apenas algumas horas de distância.

Não posso deixá-lo assim. Não preso com suas presas fechadas. Ele seria um alvo fácil!

Ele... ele deve estar lá em algum lugar... certo? Seus lábios pressionados em uma linha apertada. *Talvez eu só precise esperar mais um dia?*

Se fosse esse o caso, ela passaria a noite inteira protegendo essa casca de Faunus. Sua mente estava dispersa, empurrando pensamentos e ideias para ela até que ela sentiu uma forte dor de cabeça. Ela não estava pensando com clareza, desde que ele foi reduzido a pó.

Tudo o que ela sabia era que precisava preparar a área o máximo que pudesse para mantê-lo seguro.

Afastando-se dele, mantendo os olhos fixos nele, caso desviar o olhar por muito tempo significasse que ele desapareceria, ela subiu pela lateral de sua casa. Ela finalmente desviou o olhar dele para poder entrar no galpão raso.

Armadilhas de caça foram empilhadas em um canto, e ela

arrastou três de cada vez por suas correntes. Ela as levou para onde ele estava amarrado e começou a colocá-las fora do alcance dele – ela não queria que ele se machucasse.

Os grampos que ela usava tinham um pino saca-rolhas na parte superior e eles a ajudavam a colocar as molas no lugar sozinha. Faunus rosnava sempre que ela chegava muito perto e tentava golpeá-la, mas ela o ignorava – especialmente porque um pequeno erro poderia fazer com que seu próprio braço fosse esmagado.

Uma vez que ela colocou todas as sete armadilhas, ela as avaliou de longe. Não era muito, mas era melhor do que nada.

Além de remover o chicote de seu focinho e deitar no telhado com seu arco e flechas, havia pouco mais que ela pudesse fazer. Nada que não custasse a própria vida de Mayumi, é claro.

Não sei por que estou tão preocupada. Ele pode lutar por si mesmo.

Ela só estaria por perto para garantir que ele visse o sol nascer... ou melhor, sentisse, já que ele não tinha orbes.

A chicotada emocional que ela estava experimentando por dias, semanas até, estava começando a cair sobre ela. Eventualmente, esse horrível deslizamento para cima e para baixo terminaria, mas ela se preocupava com o que sobraria dela depois.

Acho que meu coração não aguenta muito mais disso.

CAPÍTULO 42

Enrolado em uma bola em sua forma monstruosa, Faunus levantou a cabeça no dia seguinte quando ouviu os passos de Mayumi se aproximando. Pelo que ela imaginou, ele provavelmente estava dormindo.

Era impossível dizer com sua falta de olhos.

Já passava do meio-dia e ela estava diante dele, esperando como havia feito no dia anterior.

Ela aprendera que ficar longe dele tendia a deixá-lo calmo, mas alerta. Ele a estava sentindo, fosse pelo cheiro ou pelo som, mas era a proximidade que o deixava frenético.

Ele não confiava nela, não a conhecia, não se lembrava dela.

Ele não podia ver a maneira como os olhos dela se transformavam em arcos suplicantes com as pontas enrugadas. Ele não podia ver a maneira como os lábios dela se apertariam antes de afrouxar para tremer ou como seus dentes morderiam o inferior.

E quando o tempo passou, revelando nenhuma mudança nele, ele não viu como ela reprimiu seu estrangulamento de emoções.

Ele estava coberto de marcas de garras que ela sabia que desapareceriam vinte e quatro horas depois que ele as obteve, mas ela não sabia se elas doíam ou não. Ele rugiu e gritou durante a noite enquanto era atacado, e aqueles sons foram esvaziando para ouvir.

Havia três Demônios mortos ao seu redor. Dois que eventualmente sangraram e morreram por suas próprias garras ou presas. A morte do outro não foi tão lenta desde que começou a rastejar com as pernas esmagadas em uma armadilha de caça até rastejar de cabeça em uma segunda.

Mayumi fez o que pôde para protegê-lo do telhado com seu arco, apenas uma vez caindo no chão quando encontrou um Demônio particularmente rápido no qual não conseguiu enfiar suas garras.

Ela havia saído ilesa da noite, felizmente, mas não conseguia se imaginar fazendo isso pelo resto de sua vida.

A realidade estava se estabelecendo, e era fria e solitária.

Ele não vai voltar, ela pensou enquanto olhava para seu rosto

etéreo e dourado. Aquelas órbitas negras pareciam poças de vazio, um vazio que ela sabia que estava dentro de sua mente. *Ele se foi.*

Suas mãos tremiam quando ela as fechou em punhos apertados, sentindo suas unhas cravando na carne carnuda de suas palmas.

Assim que o líquido começou a encher a linha d'água de seus olhos, Mayumi se abaixou e pegou um grande punhado de neve. Ela jogou em Faunus, que torceu a cabeça quando o atingiu no ombro. Ele fez um som pensativo enquanto se levantava.

— Não era isso que eu queria! — ela gritou quando uma segunda bola de neve espirrou em seu ombro. — Eu não queria que você se transformasse em algum maldito zumbi de Caminhante do Crepúsculo!

O guincho cerrado que explodiu dela quando ela começou a jogar bola de neve após bola de neve nessa casca de zumbi foi acompanhado por uma gota pesada escorrendo de seu olho esquerdo. Não demorou muito para que ambos os olhos comesçassem a chorar, e ela mal os registrou.

Sua perda e dor finalmente transbordaram quando ela percebeu que havia falhado. Aquele Faunus não voltaria e ela ficaria presa sozinha.

E agora... agora Mayumi teria que enfrentar as consequências do que sua esperança desesperada trouxera.

— Eu não quero tomar conta de um Caminhante do Crepúsculo selvagem como se fosse nada mais do que um cachorro acorrentado! — ela gritou.

Ela queria Faunus de volta. O grande, fofo e arrogante Caminhante do Crepúsculo que gostava de provocá-la tanto quanto ela gostava dele. Aquele que queria protegê-la, não rasgá-la em pedaços. Aquele que ria dela e apenas rosnava quando estava se sentindo brincalhão - e ocasionalmente quando ela o irritava de brincadeira.

Eu quero meu maldito amigo de volta!

Sua tristeza montou as ondas de sua fúria quando ela finalmente soltou tudo depois de dias segurando a esperança e

negando que era o fim. Ela passou toda a sua vida contendo suas emoções porque emoções eram para tolos, para pessoas que pensavam que o mundo estava cheio de luz do sol, arco-íris e fadas em potencial.

Tudo o que ela conhecia era a dureza do aço, o sangue de demônios e humanos em sua carne e o cheiro da morte. Tudo o que ela tinha visto era o que havia de terrível nas pessoas e no mundo.

Ela odiava a vida, mas sempre estivera determinada a vivê-la - apenas sozinha, com a frieza da miséria para lhe fazer companhia ou a queimação gutural do álcool para entorpecê-la.

Sua raiva não pôde ser contida. Suas lágrimas não puderam ser contidas enquanto escorriam por seu rosto e molhavam seus lábios para que ela bebesse o sabor amargo e salgado delas. O tremor que ela sentia não tinha nada a ver com o ar de inverno e tudo a ver com a dor que sentia no fundo.

Ela estava cansada. Cansada de ficar acordada duas noites seguidas por causa dele. Cansada de segurar tudo, não apenas nesses últimos dias sem ele, ou nas semanas que antecederam isso, mas por anos.

Mayumi estava exausta.

— Como você ousa fazer isso comigo! — ela gritou com cada fibra de seu ser. — Como você ousa vir aqui e me deixar me apaixonar por você apenas para morrer, porra! Como você ousa me salvar quando criança e começar minha paixão por você! Você provavelmente comeu a porra do meu gato, seu idiota carnívoro!

Mayumi não sabia quantas bolas de neve ela fez e jogou ou qual foi o número que o fez começar a recuar para o ataque em confusão.

Ela não parou.

— Por que você simplesmente não permaneceu como um monstro assustador nas sombras e me deixou para viver sozinha!? — Ela sabia que suas lágrimas estavam caindo mais rápido, saindo de sua carne enquanto ela gritava e se revirava. — Por que você não pode ser como os Demônios e tentar me matar ao invés de me proteger? Eu nunca pedi para você vir aqui e ser tão incrível, para mudar minha vida e me dar esperança de que eu poderia ser feliz pelo menos uma

vez. Então por que?!

Ela odiava quando ele rugia para ela, sabendo que ela mesma teria que cortar aquele som permanentemente do mundo. Ela não podia deixá-lo assim para ser isca para Demônios, nem poderia libertá-lo para aterrorizar o mundo.

Essa não era a imagem que ela queria deixar de Faunus.

Ela teria que matá-lo, cortar sua cabeça e depois quebrar seu crânio novamente. Ela não queria, mas havia muitas coisas que tinha feito em sua vida que nunca quis fazer.

O cansaço finalmente a puxou para baixo, e os joelhos de Mayumi finalmente cederam. Sua última bola de neve caiu a apenas trinta centímetros de suas mãos quando se chocou contra o chão.

Ela observou enquanto suas lágrimas caíam na neve para se cristalizar enquanto ela se ajoelhava sobre suas mãos e joelhos.

— Por que você tem que ser tão engraçado e carinhoso e tão perfeito para mim, Faunus? Todos os dias você fingia estar bem quando eu sabia que você estava tão quebrado por dentro quanto seu rosto estúpido, e eu não pude deixar de me apaixonar por essa parte de você... porque era como eu. Te odeio. Eu te odeio tanto por me deixar aqui assim. Eu odeio seu rosto estúpido e bonito, seu corpo quente e estúpido e sua personalidade estúpida. Eu tentei tanto salvar você. Eu tentei tudo o que pude pensar que não causaria dor a você.

Ela virou a cabeça para que pudesse olhar para ele andando de quatro no final de suas forças. Respirações enevoadas e brancas saíam de seu nariz em rajadas pesadas.

Ele não a entendia, não reconhecia o que ela dizia ou o som de sua voz.

— Eu nunca perdi alguém que me fez sentir tão completa. Como vou encontrar meu lugar em um mundo que sei com certeza que você não está? — A neve, como folhas macias e leves de dente-de-leão, começou a cair ao redor de ambos. — Como vou encontrar alguém que pareça como a outra metade de mim quando sei que foi você... em toda a sua grande e fofa glória? Eu te odeio tanto por fazer isso comigo. — Então ela sussurrou: — E eu te amo tanto que parece que meu coração está queimando.

Mayumi agarrou a neve enquanto fungava.

— Eu estava bem estando entorpecida, — ela soluçou, sua saliva tão grossa em sua garganta que grudou. — Eu estava bem estando... sozinha.

Ela não queria se levantar, sabendo que a próxima coisa que ela faria seria desembainhar sua espada lamentavelmente.

Eu não quero fazer isso, ela pensou enquanto fechava os olhos com força quando era muito difícil olhar para ele. *Se eu fizer isso, então tenho certeza de que não há como salvá-lo.*

Seu peito arfava com respirações trêmulas; seu nariz escorria de suas lágrimas. O frio penetrou em seu corpo dolorido e trêmulo enquanto ela estava de quatro a poucos metros dele.

Quando era demais para seus dedos, as pontas deles queimando com o gelo, ela os segurou contra o peito enquanto se deitava sobre os joelhos dobrados.

A única pessoa que Mayumi já havia chorado tanto por perder era sua mãe. Seu pai havia lhe enviado uma mensagem e ela havia recebido uma pequena licença da guilda para poder estar com ela nos últimos dias.

Segurando a mão frágil de sua mãe, seu rosto pálido e doentio, Mayumi a observou passar pacificamente.

Ela não derramou uma lágrima, nem seu pai, que não permitiu a nenhum dos dois o conforto de um abraço.

Em vez disso, Mayumi apenas o ajudou a cavar um buraco no cemitério de sua família na floresta, a uma hora de viagem de sua casa, para que pudessem dar a ela o enterro respeitoso que ela merecia com uma lápide. Então, assim que terminaram, Mayumi fez as malas e partiu - apenas para desabar e chorar a meio dia de viagem de sua casa.

Ela também nunca mais viu o pai desde que ele desapareceu quando ela estava de serviço, e ela parou de receber suas cartas. Ele provavelmente foi comido. Ela não chorou então, em vez disso se dedicou ao trabalho com ainda mais tenacidade em sua homenagem.

Ela pensou que nenhuma outra morte poderia ser tão dolorosa quanto a deles, mas aqui estava ela... de joelhos, incapaz de ficar de pé,

incapaz de respirar. Ela estava a momentos de engasgar com a dor de cabeça que estava quase destruindo-a.

Por que todos que eu amo me deixam?

Ela balançou a cabeça, incapaz de suportar isso.

— Então é aqui que você está, — ela ouviu uma voz masculina, impossivelmente profunda pronunciar suavemente.

Ela não ouviu passos ou o som de alguém bufando ao caminhar pela neve enquanto ele se aproximava. O a rapidez disso a chocou tão profundamente que ela abriu os olhos cheios de lágrimas para olhar para cima.

A princípio, ela pensou que não fosse nada além de uma mortalha de nuvem negra que era mais alta do que larga. Então, de repente, um rosto preto feito quase de giz se aglutinou, apenas para se dispersar segundos depois. Uma mão preta e branca se formou quando se ergueu para tocar o rosto de Faunus, que se voltou para a voz que havia falado com ele. A mão se foi antes de fazer contato e uma pequena nuvem negra flutuou sobre seu focinho.

Apareceu uma perna calcária, um quadril, parte de um ombro, que se desvaneceu quase tão rapidamente quanto surgiu - mas a própria nuvem nunca se desvaneceu.

— Q-quem é você? — ela perguntou com uma voz rouca e gaguejante, quando na verdade... ela deveria ter perguntado *o que* era.

Aquele rosto apareceu do nada, sem pescoço, cabeça ou corpo preso, para olhar em sua direção. Ele se inclinou antes de desaparecer.

No entanto, ela ouviu aquela voz falar mais uma vez.

— Eu não esperava ver uma humana com ele, — a nuvem disse antes de se mover para o outro lado de Faunus. O rosto apareceu no topo, perto do crânio de Faunus. — Foi você que tentou juntar o rosto dele?

— Sim, — ela respondeu enquanto se arrastava para ficar de pé para que pudesse se colocar em uma posição defensiva.

Um ser humano normal pode ter ficado estranho com a aberração da nuvem, mas Mayumi pensou que já tinha visto o suficiente das coisas estranhas que o mundo tinha a oferecer para não se surpreender mais com isso.

Ela também estava muito cansada para se importar mais.

O rosto desapareceu, apenas para se fundir enquanto olhava em sua direção.

— Por que você tentaria salvá-lo?

— Porque eu me importava com ele, — ela respondeu com um soluço. — Ele era meu amigo.

— E ainda assim você o amaldiçoou a meia-vida — afirmou ele enquanto o rosto desaparecia. Sua mão acenou de lado em seu lugar.

— Você manteve seu corpo vivo e, ao fazê-lo, fraturou sua alma em duas.

Eu sabia. Eu sabia que algo estava errado.

— Por quê você está aqui? — Mayumi colocou a mão no pomo de sua espada. — Não pense que não percebi que você nunca respondeu à minha pergunta original. Se... se você planeja machucá-lo, eu vou lutar com você.

Seu plano era matá-lo da forma mais indolor possível. Mesmo que ele fosse um zumbi, ela temia que a parte senciente dele ainda estivesse lá e sentisse se ele estivesse sendo torturado.

Foi apenas no silêncio que a recebeu que ela percebeu que a nuvem negra não estava realmente vazia. No centro dela, havia uma chama branca que estava escondida até que o redemoinho lento da essência da criatura se separou ligeiramente.

Mayumi se aproximou para poder intervir, mas não tinha ideia de como deveria lutar contra um ser feito de nuvem.

— Hum. — Sua mão calcária apareceu diante apenas da parte inferior de seu rosto, para que ele pudesse segurar sua mandíbula. — Eu vim porque senti este pequenino morrer, mas sua alma não veio a mim como deveria. Vim buscá-lo e descobrir por quê. — A nuvem parou de girar e, em vez disso, pulsou por um momento, quase como se os ombros de alguém pudessem levantar e cair em um suspiro. — Mas, como eu disse, não esperava ver uma humana com ele, nem uma que obviamente estivesse chorando. Você está triste porque ele se foi? Sua alma parece estar murcha dentro de você. Eu só vejo isso em humanos que estão experimentando níveis intensos de tristeza e dor.

Ela poderia ter mentido, e talvez se um humano tivesse

perguntado, ela teria – mas Mayumi não via sentido em mentir.

– Sim. Tentei salvá-lo porque queria que ele ficasse.

O rosto pálido apareceu, e ela não gostou do jeito que ele sorriu. Não com o fato de que ele tinha presas grandes e afiadas como as do Rei Demônio – quase se curvando para dentro e como as de um tubarão.

A nuvem se moveu tão rapidamente que ela nem teve a chance de recuar quando ele estava bem na frente dela. Ele não cheirava a nada, e a nuvem que passou por sua bochecha por apenas um segundo não tinha nenhum sentimento. Ela só o viu passar sobre o olho antes de se acomodar para trás.

– Eu não respondi a sua pergunta. Eu sou Weldir, *semidei Custos Tenebris*. – Uma mão acenou para baixo com um assobio antes de se afastar em uma nuvem. – Ou, para um humano, Weldir, Protetor da Escuridão.

– Weldir? Por que eu conheço esse nome? – ela sussurrou com os olhos se estreitando em pensamento. Então ele clicou. – Weldir? Como o pai de Faunus, o espírito do cara do vazio?

A risada que veio dele era quente.

– Chamar-me de espírito do vazio é o equivalente a chamá-lo de humano desta clareira. Não tem significado. Não é nada mais do que uma descrição.

Bem... como diabos eu deveria saber disso? É tudo o que Faunus realmente disse a ela.

– Mas sim, resumindo, eu sou o pai desse Mavka. Lindiwe e eu esperamos seu retorno.

– Lindiwe-... quem? – Mayumi perguntou.

– A mãe deles. Eles a chamam de Coruja Bruxa, que é um título apropriado para ela, embora eu a chame de minha companheira.

Duas mãos se formaram e a envolveram, e então a puxaram para trás como se quisesse puxá-la para frente. Nada aconteceu e Mayumi não sentiu nada. No entanto, quando a nuvem voou para trás, ela sentiu o desejo de segui-lo e o fez com hesitação.

Quando ele flutuou muito perto de Faunus, que começou a rosnar por sua proximidade, ela parou.

— Como eu disse, sua alma está fraturada. — Uma mão apareceu, parecendo pegar algo no ar antes que uma chama amarela ganhasse vida. Era do crânio e chifres de Faunus e nada mais. — Isso deve aparecer como tudo dele, assim como sua alma aparece como você. No entanto, a metade do corpo dele está presa dentro da forma física que você concedeu ao amaldiçoá-lo.

— Eu não queria, — ela suspirou, esfregando o rosto em confusão. Tudo o que ela soube, toda a dor que sentiu nas últimas semanas e especialmente nos dias... tudo isso era demais para apenas uma pessoa.

Foi quando ela notou o líquido cobrindo suas bochechas e começou a enxugar o rosto para tirar as lágrimas e ranho.

— Está tudo bem — afirmou. — Tudo o que preciso fazer é tirar sua alma de sua forma física.

O coração de Mayumi apertou com força quando ela virou os olhos para o lado para desviar o olhar de Weldir e, mais importante, de Faunus.

— Sua alma escureceu ainda mais. Você não quer isso? Quer deixá-lo como está?

— De jeito nenhum. Odeio ter feito isso com ele. — Seus lábios se apertaram quando um pensamento cruzou sua mente. — Eu não entendo uma coisa. Se você pode fazer isso, foder com a alma dele, significa que você deve ter poder, certo? — Mayumi voltou seus olhos semicerrados para a essência nebulosa de Weldir. — Faunus disse que você é algum tipo de semideus ou alguma merda. Se for esse o caso, por que você não o ajudou? Ele é seu filho.

O crânio de fogo de Faunus evaporou.

Ela saltou para trás quando uma mão se materializou e empurrou direto em sua testa.

— Porque meu poder é limitado. Não consigo nem criar uma forma física neste mundo e roubei um poder que não deveria ter apenas para estar aqui. Não devo intervir, e o castigo me espera se for descoberto que o faço.

A nuvem se abriu para mostrar a Mayumi seu centro, e ela percebeu que o brilho branco que ela havia visto antes era uma alma

de chammas brancas.

— Eu usei a alma deste humano apenas para poder deixar a névoa que criei no Véu. Tenho permissão para coletar as almas de meus filhos, mas a vida deles é deles. O único lugar que eu tenho qualquer força real é Tenebris e, mesmo assim, não sou capaz de permanecer físico por muito tempo - mesmo que eu deseje. As partes fantasmagóricas que você vê de mim agora são o mesmo controle que tenho fisicamente em meu próprio reino, e quanto mais tempo estiver longe dele, mais cedo desaparecerei.

— Você realmente não poderia ter impedido o Rei Demônio de quebrar seu crânio? — Seus olhos se enrugaram com a tristeza e a pena que a inundaram. — Por que ele está atrás deles, afinal? O fato de os Caminhantes do Crepúsculo simplesmente existirem não parece uma razão boa o suficiente para mim.

— Qualquer desculpa é suficiente para um tirano — afirmou Weldir. — Mas o que você perguntou é válido. A causa da ira de Jabez tem a ver exclusivamente comigo.

Suas sobrancelhas se juntaram com força. — O que você quer dizer?

Seu rosto apareceu e virou-se na direção de Faunus para olhar para ele. Desvaneceu-se, mas ela teve a estranha sensação de que o olhar dele estava enraizado no Caminhante do Crepúsculo.

— Ele procura me enfraquecer e, portanto, escolheu meus filhos para fazer isso, já que eu não posso ser ferido, e todas as tentativas de Lindiwe se mostraram ineficazes devido a ela ser um Espírito e retornar a mim após suas muitas mortes. Não tenho permissão para intervir, a não ser como adulterei seu portal para o reino dos elfos. — O rosto pálido se materializou de frente para ela e então sua mão se ergueu como se ele estivesse dando de ombros. Ambos desapareceram ao mesmo tempo. — Tenho três tarefas neste mundo. Uma delas é tornar o portal de Jabez uma jornada de mão única, o que significa que qualquer Demônio de raça pura que cruze do reino dos Elfos para este está preso aqui. Eu sou o que impede seu exército de atacar. Eu sou a linha de defesa do povo élfico aqui.

— E ao fazer isso, você amaldiçoou a nós, humanos — afirmou

ela, rangendo os dentes de irritação.

— O que é lamentável, mas necessário. Este reino é maior, tem mais pessoas e vocês se reproduzem tão rapidamente que a esperança era que sua espécie não fosse erradicada quando o povo élfico surgiu com uma solução para remover os Demônios do seu mundo, assim como do seu próprio.

Mayumi cruzou os braços, apertando-os no peito com uma raiva que ela sabia que não poderia ser desencadeada. Seu sarcasmo, no entanto, era uma arma que ela empunhava livremente.

— Quais são suas outras tarefas então, ó grande semideus das trevas?

— Você me lembra Lindiwe. Rápida para a raiva, e ainda fria. Tem certeza de que sua alma não foi cortada da mesma chama que a dela? — Mayumi soprou uma mecha de cabelo da testa, mas antes que ela pudesse responder com uma réplica, ele disse: — Desde que os Demônios foram forçados aqui, recebi a tarefa de purificar as almas contaminadas que vêm dos Demônios. Seja um animal ou um humano, o que um Demônio come corrompe a chama da alma de alguém, e devo usar o pouco poder que tenho para curá-los. Então, minha tarefa final é dar a essas almas um lugar para viver, caso contrário, seu mundo seria invadido por fantasmas. Mesmo sendo humanos, eles não passam para quaisquer Deuses que abrigam as almas mortas daqui. Eu dou a eles um lar e, ao fazer isso, ganho poder — e é por isso que usar um como o que tenho hoje para me dar um impulso temporário na habilidade também me enfraquece profundamente.

Foi só então que ela percebeu que toda a nuvem de Weldir parecia... menor do que quando apareceu pela primeira vez.

Ela se virou para Faunus quando viu em seu periférico que ele estava coçando a corda em volta do pescoço. Um gemido de angústia saiu dele, e seus olhos se curvaram ao vê-lo fazer isso.

Ele estava preso. Isso dificilmente era uma vida para ele viver, mesmo que fosse uma meia-vida.

— Você vai levá-lo lá então? Para Tenebris, ou como quer que você chame. Ele será capaz de caminhar até lá ou será uma chama, não

realmente consciente?

— Talvez eu não precise, — disse Weldir, assim que sua nuvem se moveu para estar na frente de sua linha de visão.

— O que você quer dizer com você pode não precisar?

— Quão profundamente você se importa com este Mavka? — Uma perna se formou quando ele se aproximou dela. — Você está ciente de que eles procuram uma noiva para se tornarem estáveis neste mundo?

— Estáveis?

— Eles procuram comer carne porque são devoradores de almas e, como uma noiva que se metamorfoseia em um Espírito pelo Mavka se tornando sua âncora viva, essa alma, em troca, os ancora no mundo físico, o que os fortalece. É por isso que eles não têm mais fome uma vez que o vínculo é formado. — Seu rosto se formou antes de desaparecer e se mostrar novamente voltado para Faunus. — Você deu a ele um nome, eu estou supondo. Você disse que ele é seu amigo. Mas ele é mais? Você tentou salvá-lo, mas estaria disposta a arriscar sua vida se eu pudesse trazê-lo de volta?

Seu punho direito cerrou, querendo desesperadamente agarrar esse fio de esperança, mas com medo de fazê-lo.

— Você disse que não podia interferir.

— Eu não posso interferir com Demônios, nem posso salvar um Mavka uma vez que seu crânio foi danificado. — Seu rosto apareceu na frente dela, e mais uma vez tinha um grande sorriso cheio de presas. — Mas ele está atualmente sob meu controle. Ele morreu, o que significa que sua alma é minha para fazer o que eu quiser. Eu também não posso mexer com um ser humano vivo, a menos que tenha permissão. De que outra forma você acha que ganhei uma companheira? Minha interferência com ela se tornou nula e sem efeito uma vez que ela se tornou minha, como você faria se você se tornasse dele.

Isso despertou seu interesse, e ela levantou uma sobrancelha singular.

— O que você faria?

— Devo adverti-la. Isso pode não funcionar. Isso pode me levar

a levar suas duas almas de volta para Tenebris. Como não posso trazer ninguém de volta dos mortos, nem mesmo meus filhos, não vejo outra opção. Mas, em você manter viva parte de sua alma e neste reino consertando seu crânio antes que um dia se passasse, isso significa que não é um renascimento completo, mas meio - no qual posso quebrar as regras, por assim dizer.

— Oh, apenas cuspa! — ela gritou, assustando Faunus, que se lançou sobre ela apenas para ser puxado para trás pela corda. — Se existe uma maneira de salvá-lo, é claro que quero fazê-lo! Eu não me importo com o que isso vai me custar.

— Sua alma se iluminou, — Weldir riu. — Tenho certeza de que será melhor para ele comer quando estiver quente.

— Você está planejando alimentá-lo com ela? Isso não me tornaria sua noiva, então?

— Você parece confusa e hesitante, — Weldir disse, seu rosto franzindo como ela estava. — Por que?

— Bem, — Mayumi resmungou enquanto esfregava um de seus cotovelos. — Eu já ofereci a ele minha alma, e ele disse não porque não queria me condenar.

— Se ele se importa com você, como você se importa com ele, tudo ficará bem. — Sua mão se formou, pairando a apenas um centímetro de seu esterno. — Você deve fazer sua escolha, ou terei que levá-la em seu lugar. Como eu disse, meu tempo aqui é curto.

No momento em que seu olhar caiu sobre Faunus, ela já havia tomado sua decisão.

— Certo. — Suas bochechas ficaram quentes, quase como um rubor tímido - o que parecia estranho para alguém que raramente o fazia. — Apenas pegue.

Sem aviso, a mão disparou para frente em seu peito, afundando sob sua carne como alguém alcançando a água. Ela não sentiu nada além do calor que explodiu dela assim que sua alma foi forçada a sair de seu corpo em sua mão preta e calcária.

Então a nuvem de Weldir se moveu para ficar na frente de Faunus, que cheirou o ar. Weldir não tinha cheiro, então Mayumi imaginou que ele estava cheirando sua alma.

Weldir o dirigiu para um lado, como alguém provocando uma bola para um cachorro, e o crânio de Faunus o seguiu. Ele foi para o outro lado, Faunus o seguiu antes que Welder a jogasse nele.

Suas presas se abriram e então se prenderam ao redor. Ele virou a cabeça para cima e engoliu em seco.

— Enquanto estou aqui, posso muito bem curá-lo de suas feridas, para que ele não precise suportá-las se isso funcionar — disse Weldir, assim como areia preta e brilhante saiu de dentro de sua nuvem para envolver Faunus.

— Se é como Faunus me cura, isso não vai te machucar? — Mayumi perguntou enquanto inclinava a cabeça ligeiramente.

Ela ficou surpresa que Weldir se importasse tanto quando Faunus provavelmente iria curar isso sozinho.

Talvez porque ele é seu pai? Faunus deu a ela a impressão de que raramente o encontrava, se é que o via - o que significava que ele estivera ausente a maior parte de sua vida. Ela não esperaria que ele se importasse tanto então.

A maneira como Weldir sorriu quando seu rosto se formou momentaneamente, seus olhos enrugados com profundo humor, mostrou um sublinhado de outra coisa.

— Você não pode ferir algo que não sente *nada*.

Então, era isso. Não havia sacrifício em tomar suas feridas para si mesmo.

Independentemente do motivo, ela observou a areia brilhante encher suas feridas para não deixar nem uma cicatriz. Também o limpou, deixando seu pelo macio e brilhante à luz do sol.

Observando tudo acontecer, como não era romântico ver-se ligada a Faunus dessa maneira, em vez de em algum grande gesto, ela não pôde deixar de rir silenciosamente. Era apropriado que fosse assim para ela.

É tarde demais para mudar de ideia agora.

Não que ela estivesse planejando.

CAPÍTULO 43

Mayumi sabia pela maneira como o rosto calcário de Weldir estava se formando e se dispersando enquanto apontava na direção de Faunus que ele estava esperando para ver se funcionava.

A espera foi longa e seu coração disparou em antecipação.

Vamos... ela implorou mentalmente enquanto saltava impientemente em seus pés. Uma leve rajada de vento jogou flocos de neve soltos no ar para dançar. *Vamos lá.*

— Se isso falhar, você terá que me levar também? — ela perguntou a Weldir, preenchendo o silêncio enervante.

— Sua alma foi devorada e não pertence mais a você. Sem âncora viva, seu corpo se tornará incorpóreo e permanecerá assim. Eu só estaria deixando você aqui para sofrer como um Espírito e, eventualmente, você esqueceria quem você é ou como veio a morrer.

Seu lábio inferior se encolheu para o lado antes de levantar o braço e esfregar a nuca. — Ele morreu para me salvar. Não acho que ele ficaria feliz se soubesse que morri dando a ele minha alma.

— O que ele não sabe não vai prejudicá-lo — ele respondeu com um tom blasé.

— O que acontece com as almas que você purifica e mantém? O que é Tenebris?

Ele ficou em silêncio por um momento, mas ela observou enquanto seus lábios se estreitavam em pensamento. Era difícil descobrir como ele era, já que ela estava apenas tendo vislumbres dele. Ela pensou que ele poderia ser atraente, e suas orelhas eram pontudas e cutucando o cabelo de um centímetro de comprimento.

— Tenebris é... linda, — ele finalmente respondeu baixinho, mas com uma profundidade em sua voz que revelava seu cuidado. — Eu fiz isso para manter as almas felizes. É escuro, exceto onde uma alma permanece, e então é brilhante para eles. Eu os guio para que não tenham que vagar pelo nada e, em vez disso, encontrem a paz no mundo que criei para eles. Mantê-lo é exaustivo, mas é melhor do que ser forçado a ouvi-los chorar de medo e confusão. Isso torna mais fácil para eles aceitarem que passaram e, às vezes, nem percebem que

morreram – alguns esquecendo como era ter vivido.

– Se é tão bonito, espero nunca vê-lo então.

– Parece que você não vai, por enquanto. – Ele virou o rosto para ela com os lábios curvados para cima. – Ele aceitou sua alma, e isso permitiu que a parte dele que está aqui se fortalecesse através do vínculo para que eu pudesse forçar o fragmento perdido de volta naquele momento poderoso.

Suas sobrancelhas se uniram. – Mas seus olhos ainda não estão lá.

– Tenho certeza que eles vão aparecer, dê um tempo, – ele disse enquanto sua forma pairava para trás, uma perna se formando apenas uma vez. – Já que não sou mais necessário aqui, irei embora enquanto ainda tenho o poder da alma que consumi. Assustar minha companheira neste reino me faz cócegas profundamente, especialmente porque não posso fazer isso com muita frequência.

– Como você pode ter tanta certeza de que ele voltará ao normal?

Quando ela não recebeu resposta, ela olhou para trás para ver que ele não estava se afastando para dar espaço a Faunus e a ela, mas para ir embora.

Que seja. Mayumi deu de ombros ao encarar Faunus mais uma vez e até se aproximou um pouco mais, embora cautelosamente.

Depois de minutos tendo o mundo em silêncio, exceto pelo farfalhar das folhas e um pássaro aleatório grasnando à distância, ela finalmente notou uma mudança.

Dois pontinhos de luz amarela se formaram no momento em que a alma dela atravessou o centro da testa ossuda dele. Mas não foram as únicas mudanças que aconteceram.

O ouro que ela usou para uni-lo começou a derreter, escorrendo por sua bochecha e pelo buraco do nariz. Achatou e bifurcou ao longo do osso como se estivesse se infiltrando em pequenas fissuras que ela não tinha sido capaz de ver.

O excesso escorria dele como se a alma dela fosse uma fonte de calor que o unia adequadamente.

Quando sua alma emergiu completamente, ela estendeu os dois

braços. Fios pretos, como tinta pegajosa, saíam do topo dos chifres de carneiro dele e se enroscavam em suas mãos e antebraços. Então sua alma puxou, e puxou, como se estivesse tentando forçar seu crânio a se recompor até que seus braços estivessem cruzados sobre o peito.

Finalmente, ele enrolou e dobrou as pernas debaixo de si e colocou a cabeça no meio dos braços.

Assim que terminou, seus orbes brilharam em grandes redemoinhos rotativos de vórtice de fogo que começaram rápido antes de diminuir em velocidade.

Seu corpo se inclinou para frente como se ele estivesse respirando direito pela primeira vez em anos. Ele olhou para um lado, depois para o outro, antes de se apoiar nas patas traseiras para poder erguer as garras para encará-las – como se não pudesse acreditar que fossem reais ou que ele estivesse vivo.

Mayumi deu um passo à frente enquanto inclinava o corpo para o lado enquanto o avaliava. — Faunus?

Ele abaixou as mãos e virou a cabeça para ela.

— *Mayumi?* — Ele passou as pontas dos dedos contra a rachadura em seu crânio antes de ousar tocá-la completamente. — *Não estou com dor. Como isso é possível? Eu sei que morri.*

— É uma longa história, — ela riu levemente, o alívio que sentiu forçando-a a rir.

Ela deu a ele um momento para se recompor quando seu corpo mudou de monstruoso para a forma que ela não via há dias. O de forma humana que poderia ficar de pé com facilidade.

— Você está ligada a mim. Eu posso sentir isso.

Ele levantou a mão ainda mais e envolveu sua mão em torno de sua alma. Ele puxou até que as cordas se esticassem e eventualmente se partissem para que ele pudesse segurá-la e depois olhar para ela. Quando ele a soltou, ela flutuou de volta para estar entre seus chifres e reassumiu seu posicionamento anterior com novas cordas presas como se ele nunca o tivesse tocado.

Ele está de volta... verdadeiramente de volta.

Justamente quando ela estava prestes a agarrá-lo e abraçá-lo para sempre, acariciar aquele pelo macio e sentir seu delicioso cheiro

de capim-limão e limão que ela já sentia falta, ele fez algo que a empalideceu.

Ele agarrou o chifre no que tinha sido o lado ruim de seu rosto e então o puxou como um idiota!

— O que você está fazendo?! — Mayumi gritou enquanto corria para frente e puxou seu braço para detê-lo.

Ele a empurrou até o ponto em que ela quase caiu e continuou a puxar o chifre o mais forte que podia. Seu corpo mergulhou repetidamente sob a força.

— Não está quebrando — ele pronunciou com admiração em sua voz. Então ele se virou para a própria árvore atrás dele, colocou as mãos sobre ela e bateu com o rosto contra ela. Uma risada alegre explodiu dele. — Não está quebrando!

Ele fez isso mais uma vez e então rapidamente se virou para ela.

Seus orbes amarelos estavam mais brilhantes do que o normal, a alegria neles era óbvia antes de se tornarem rosa brilhante.

Ela teve uma fração de segundo para perceber que ele se moveu antes que ela começasse a gritar. Ele a jogou no ar, seus braços e pernas girando quando seu estômago caiu antes que ele a pegasse e colocasse seu torso sobre seu rosto.

— Não sinto dor, Mayumi. Não sinto mais que estou fugindo. Meu rosto está tão forte quanto antes. — Ele acariciou todo o maldito corpo dela como se estivesse esperando uma eternidade para fazê-lo. — Não sei como você fez isso, mas serei eternamente grato pelo resto da minha vida — especialmente com você ao meu lado.

Ela começou a escorregar para trás e caiu sobre o antebraço dele. Ela estava sentada como se fosse um poleiro ou um balanço, e ele passou o outro braço em volta da cintura dela para mantê-la firme. As pernas dela balançavam sob o antebraço dele, o peito amassado logo acima do dele enquanto os joelhos dela estavam dobrados e pressionados contra o plano duro e quente de seu abdômen.

Ele aninhou a ponta do focinho sob o queixo dela, até que se inclinou para frente para esfregar a faixa dourada embaixo dele.

O ronronar intenso e vibrante que se seguiu fez cócegas em

seus sentidos com afeto.

— Você sabe quanto tempo eu queria apenas esfregar meu maldito rosto contra você? Era quase insuportável negar a mim mesmo esse desejo.

Mayumi não conseguiu conter a risada que explodiu dela.

— Você costuma ser tão alegre assim ou apenas feliz em me ver? — ela brincou, precisando provocá-lo para saber que ela poderia novamente.

— Ambos — ele respondeu com sua própria risada. — Uma vez acreditei que meus olhos eram amarelos porque sou rápido em ficar alegre, mas também muito curioso. — Ele lambeu seu pescoço enquanto acrescentava: — Como você descobriu.

Ela passou os braços ao redor de toda a cabeça dele e a abraçou, grata por não ter que se preocupar em machucá-lo. Seu peito pulsava com uma ternura tão feliz que ela sabia que nunca experimentou nada como sua intensidade. Até causou mais lágrimas em seus olhos, mas por um motivo completamente diferente.

Ele voltou. Ele está vivo.

Quando ele puxou a cabeça para trás para olhá-la com seus orbes de um rosa brilhante, o sorriso que curvou seus lábios era suave, mas cheio de adoração.

— Eu disse a você que você não tem permissão para chorar esse tipo de lágrima por mim, — ele resmungou enquanto esfregava a ponta de sua língua contra uma de suas bochechas molhadas. — As únicas lágrimas que eu quero ver são as que você me dá quando está perdida no abandono, gemendo aquele segundo nome que você tem para mim.

Mayumi, confiando que ele não a deixaria cair, ergueu as mãos para poder segurar os cantos de sua mandíbula.

— São lágrimas de alívio, Faunus. Achei que não veria você de novo e estou muito feliz por você estar vivo.

— Eu não me importo, minha noiva feroz. — Ele bateu a ponta do focinho contra os lábios dela para roubar um beijo. — Não quando posso ver que você está chorando há um tempo. Seu rosto está todo inchado e vermelho.

— Oh, apenas cale a boca e me leve para dentro.

Já que ele queria um beijo, ela ensabooou pequenos beijinhos contra a faixa dourada em seu rosto quando ele começou a caminhar para os degraus da varanda.

Ele deu uns dois passos antes de soltar um estrangulamento e se jogar para trás. Então ele fez aquela coisa assustadora em que torceu o pescoço para olhar por cima do ombro, descobrindo que estava preso à árvore.

— Por que estou preso como um animal de estimação?

— Desculpe por isso, — ela riu enquanto desamarrava o laço em volta do pescoço dele. — Aqui, deixe-me libertá-lo.

Ele trouxe a cabeça para a frente. — Você terá que explicar o que aconteceu.

— Eu vou, mas depois — ela sussurrou com os lábios roçando o topo de seu focinho uma vez que ele foi libertado e andando. — Por enquanto, eu só quero sentir você. Quero sentir que você está realmente aqui e que está preso a mim agora.

Ela sentiu-se quicando em seu antebraço a cada passo que ele dava, suas pernas balançando debaixo de seu braço. Não havia necessidade de surpresa por ele poder segurá-la assim; ele era seu Caminhante do Crepúsculo, forte e magnífico.

— Isso soa como um mau presságio, — ele disse com a risada calorosa que ela sentia terrivelmente perdida. — Eu ia te prometer a eternidade, mas se você me torcer até secar, talvez nós dois morramos de seu desejo insaciável.

Seus lábios se curvaram em um sorriso enquanto ela tentava pensar em uma resposta espirituosa.

Felizmente ela foi sábia o suficiente para remover seus encantos, então eles não o machucaram apenas no caso de ele voltar para ela. Isso deu a eles a liberdade desimpedida de subir a varanda e passar pela porta de sua casa.



— Faunus? — ela perguntou uma vez que eles estavam dentro, e Faunus não fez nada além de segurá-la.

Faunus tinha uma mão em volta de sua coxa enquanto a outra estava em volta de seu meio, seus peitos comprimidos um contra o outro. O calor dela era reconfortante para o lado de seu crânio quando ele o aninhou contra seu pescoço, envolvido por seu queixo acima dele, sua jugular pulsando suavemente ao lado dele, e seu ombro abaixo.

— Eu não quero colocar você no chão, — ele admitiu, apertando-a mais forte como se sua existência neste mundo dependesse disso.

— Você não precisa, — ela respondeu suavemente, virando o rosto para baixo para pressioná-lo contra o dele.

Seus olhos escureceram com a pura felicidade dela indo além de apenas aceitar seu abraço, mas aprofundá-lo.

Sua casinha era aquecida pela lareira moribunda e cheirava a abóbora e sono. Ele absorvia essas sensações, assim como ela, e uma enorme sensação de gratidão o inundou.

Ele não sabia nada do que o esperava do outro lado, mas sempre se preocupou que fosse solitário.

Quando ele sacrificou sua vida em sua tentativa de salvar a dela, ele pensou que não voltaria. Ele também temia que não fosse o suficiente e que ele a encontrasse de alguma forma no outro mundo, vagando perdida e sozinha.

Essa alternativa era muito melhor do que ele jamais poderia esperar.

Ela está viva. E ele estava com ela. Ela era sua noiva, algo que ele queria até a fibra de todo o seu ser.

Sua chama era quente dentro de seu peito. Ele podia senti-la lá,

sabendo que também estava no topo de seu crânio.

Mayumi pressionou os beijos mais doces e suaves em seu rosto, seguindo alguma linha que ele podia sentir que era diferente. Ele não tinha ideia do que era, mas descobriria isso mais tarde. Tudo o que sabia era que não causava dor.

Ela se abaixou enquanto pressionava a ponta dos dedos na parte inferior do queixo dele para levantá-lo. Ela beijou a frente de suas presas, e ele abriu a visão para descobrir que os olhos dela estavam firmemente nele.

Ela parecia um pouco mais pálida do que ele se lembrava, e a parte de baixo de seus olhos estava inchada e rosada, mas quando ela sorriu com uma insinuação perversa em sua expressão, seu coração acelerou de repente. Havia um calor tenro lá também, um que ele nunca tinha visto dela antes.

Mayumi sempre foi sensual com ele, mas isso parecia puro afeto. Poderia algum Caminhante do Crepúsculo, ou mesmo humano, não ficar encantado por ela ser assim?

Acho que não vou conseguir lidar com ela sendo mais doce comigo. Apenas ela beijando seu rosto enquanto olhava para ele fez sua visão ficar rosa brilhante. O fato de ele se sentir confortável o suficiente para permitir que ela visse tornava tudo ainda melhor.

Eu gosto dela fria. Isso torna mais fácil não ser vítima dela – o que era um pensamento estranho vindo de uma fera como ele.

Então ela fez algo que fez com que suas mandíbulas se abrissem ligeiramente em uma expiração profunda.

Mayumi *lambeu* suas presas.

Na terceira vez, ela exigiu: — Abra, Faunus.

Ele abriu suas presas corretamente e cumprimentou sua língua lambendo-a com a sua. Ela aprofundou o contato passando a dela pelo dele com força e rapidez. Ele conheceu cada uma de suas deliciosas papilas gustativas pessoalmente com uma emoção passando por ele em cada golpe. Quando ela virou a cabeça e foi para o outro lado, ele fez o mesmo até que ela mordeu a ponta da língua.

A cabeça dele se jogou para trás, sem esperar que ela fizesse isso, mas ela se manteve firme, e a língua dele se estendeu entre eles.

Ele leu a expressão 'te peguei' no rosto dela.

Faunus soltou um pequeno rosnado de calor. Ele empurrou sua cabeça para frente, suas presas se separando ao redor de seu rosto enquanto enfiava sua língua entre seus dentes e profundamente dentro de sua boca.

Ele não pôde deixar de gemer com o sabor e a textura dela enquanto ela dava um gemido suave em resposta enquanto o lambia.

Quando ele sentiu as mãos dela mexendo entre eles, ele agarrou o capuz de seu casaco e tirou-o assim que ela terminou de desabotoar. Ela tirou a camisa e a deixou cair também. Ele precisava de seu belo corpo nu contra o seu. Ele precisava sentir que ela era real, que ele estava aqui com ela no mundo físico.

A mão dele acariciou desde o quadril dela até a espinha até que ele cortou o laço do cabelo dela com a garra e enfiou os dedos nas mechas maravilhosas. Ele admirou cada centímetro dela, desde a pele macia e as vértebras duras até o cabelo sedoso.

Cada pedacinho dela tinha a palma da mão formigando.

Um baque foi seguido por um segundo, uma de suas botas caindo no chão de madeira enquanto a outra caiu em cima de seu pé quando ela as chutou.

— Pensei que nunca mais conseguiria tocar em você, — ela sussurrou, roçando os dedos pelo pelo do peito dele até que deslizassem sobre seus ombros e pela parte superior de suas costas. — Ou cheirar você, — ela murmurou depois que ela plantou seu rosto contra o pescoço dele e o respirou profundamente. — Ou sentir seu calor ou ouvir sua respiração.

Uma chama foi enviada através dele, agitando todas as partes inumanas dele, desde o pelo até os espinhos que o cobriam. Até a ponta de sua cauda se enrolou em suas admissões.

Seu perfume estava amadurecendo de calmante a quente, sua excitação crescendo para envolver sua mente como uma dor. Ele ofegou contra ela e agarrou seu cabelo e coxa com mais força pela rápida tensão que isso trouxe.

Ela estava sendo tão voraz e apaixonada que ele estava perdendo o controle. Ele ficaria feliz em deixá-la comê-lo vivo, desde

que ela não parasse, adorando ser mimado por suas mãos e boca em movimento contínuo.

Ele não pôde conter o ronronar que retumbou enquanto esfregava o lado de seu crânio contra ela. Ela pressionou seu peito nu com mais firmeza para que pudesse chegar à raiz de seu pelo e tocar sua própria carne.

— Eu senti falta desse ronronar e do jeito que ele faz cócegas em meus malditos mamilos. Eu não me importo como você faz isso, mas tire minhas calças e me leve, Faunus. Deuses, senti sua falta dentro de mim.

Sua risada era provocante quando um grunhido se misturou ao ronronar dele. Ele tirou a mão do cabelo dela para poder segurar seu torso, segurando-a enquanto deixava cair o braço por baixo de seu traseiro. Suas pernas balançaram contra ele quando ele agarrou a parte de trás de sua calça, suas garras perfurando o tecido antes de arrancá-las de seu corpo. A tira de tecido entre as pernas, uma barreira magra e inútil, os acompanhava.

Ele então caminhou para frente para que pudesse colocar sua bunda perfeita, firme e redonda na beirada da mesa de jantar. Ele não estava pronto para derrubá-la completamente, não de uma forma que pudesse fazer com que ela escapasse dele.

Era quase uma altura melhor quando a trouxe para sua virilha com suas coxas bem torneadas bem abertas ao redor das dele. Faunus se curvou sobre ela em um braço esticado para engaiolá-la ainda mais.

Mayumi recostou-se em ambas as mãos, mantendo o olhar em seus orbes. Segurá-la os manteve rosados, mas olhando para seu adorável corpo nu para ele, sua visão se transformou em roxo.

Como não poderiam, quando ele a observou passar a língua na costura dos lábios antes de morder o interior do inferior com um interesse óbvio? Ou quando sua visão desceu para ver seus lindos mamilos marrons rígidos como se estivessem implorando por sua atenção - ele começou a sacudir as costas de uma de suas garras para cima e para baixo contra eles.

Seus orbes se aprofundaram em cores quando o plano magro e musculoso de seu estômago mergulhou quando ela inclinou os

quadris para frente para que pudesse apresentar mais de si mesma para ele ver.

Todos os seus outros sons foram interrompidos quando ele gemeu em suas dobras marrons e fenda rosa, tão molhada e escorregadia que era fácil de ver enquanto brilhava na luz fraca que se filtrava em sua casa. E, agora que suas pernas estavam abertas, o cheiro tentador dela estava ainda mais obstruindo sua mente.

Ele jurou que o ar estava provocando-o com pequenos gostos toda vez que ele respirava.

— Olhe como você está pequena por dentro agora, — ele murmurou enquanto desenhava sua garra indicadora para baixo do lado de seus músculos do abdômen, observando-os dançar com apertos. Ele embainhou suas garras enquanto mergulhava apenas a ponta de seu polegar em sua entrada e a abria como uma cortina. — Eu não vou caber dentro de você assim.

— Eu disse a você que não queria que você desfizesse o feitiço.

Apenas por causa de seu tom sarcástico, Faunus enfiou o polegar dentro de sua junta. Sua respiração engatou, mas ele não esperava que seus membros formigassem com arrepios em reação. Então ele o removeu, usando-o enquanto estava molhado para esfregar seu clitóris endurecido e carente enquanto deslizava o dedo médio para dentro. Ela era apertada e *quente*.

— Não... seus dedos, — ela gemeu, sua mão direita agarrando seu pulso. — Já estou pronta, Faunus. Eu preciso do seu pau dentro de mim. Eu preciso sentir você como antes de você me transformar de volta.

Mayumi geralmente não era tão impaciente por seu pênis. Contanto que ela estivesse sentindo prazer, ela não se importava que Faunus passasse seu tempo com ela - tocando, provando, sentindo, empurrando-a para alturas cada vez mais altas.

Talvez porque ela estivesse se sentindo pegajosa... ela queria ser pegajosa perto do pau dele também?

Independentemente disso, Faunus a espetou com um segundo dedo enquanto se inclinava para frente para que pudesse roçar o focinho contra sua bochecha. Ela não percebeu que Faunus estava tão

desesperado para se juntar a ela, que ele precisava estar dentro dela tanto quanto ela precisava dele. Levar seu tempo com ela era quase insuportável.

Desde o momento em que ela mordeu sua língua, seu pênis estava se movendo freneticamente com excitação e antecipação até que ele estava duro e mal capaz de contê-lo atrás de sua costura. Ele queria se tornar um com ela, reivindicar sua nova noiva em um frenesi e devorar cada parte dela, seu coração, sua alma, seu corpo de uma só vez.

— Devo montar em você, mesmo que seja só um pouco, para fazer o feitiço. — Ele retirou os dedos até quase perdê-la, antes de empurrar de volta para dentro. — Não estou interessado em destruir este lugar maravilhoso, mas terei prazer em arruiná-lo para qualquer outra pessoa.

Quando sua cabeça se inclinou ligeiramente para trás para gemer de seus dedos em movimento, expôs a coluna de seu pescoço. Ele lambeu, fazendo-a tremer e se soltar para ele.

Ele a abriu com os dedos para dar espaço para acrescentar um terceira, entrando, como antes, com grande dificuldade.

O controle que seus tentáculos tinham foi enfraquecido por esta mulher desejosa começando a empurrar seus quadris para seus dedos.

Espero que seja possível uma segunda vez... Ele não tinha certeza se poderia refazer o feitiço já que já havia feito isso com ela uma vez. A imensa pressão de seu eixo começou a escorregar de sua costura quando ele pensou, *mas não acho que posso sobreviver a esta fêmea se não puder fodê-la sem sentido.*

Porque ele a conhecia bem o suficiente para que ela o provocasse, e o provocasse, e o provocasse a ponto de ele enfiar seu pênis e quebrá-la.

— Oh, Deuses, se apresse. Juro que você só está tentando me punir. — Ela gemeu, sua cabeça balançando para o lado enquanto ele continuava a lamber seu pescoço. — Tire-os, ou eu vou vir.

Para alguém que não parecia querer isso, ela continuou tentando se mover em seus três dedos e seu polegar acariciando a protuberância dura de seu clitóris. Quanto mais ele movia os três, mais

fundo ele podia ir, estirando-a lentamente para que ela pudesse pelo menos pegar a ponta de seu grande pênis.

— Mas eu pensei que você só queria meu pau, — ele ronronou contra ela. — Ou essa boceta linda vai pegar o que eu der e gozar?

Seu pelo inchou de prazer por poder provocá-la novamente, brincar com ela, tocá-la sabendo que planejava montá-la. Uma semana atrás, ele não achava que isso seria possível novamente, e ainda assim aqui estava ele... com esta pequena fêmea embaixo dele e girando desenfreadamente.

Apenas por essa razão, ele queria brincar com ela. O motivo, e o principal, era porque ela era exigente, e ele nem sempre gostava de lhe dar o que ela queria.

— Faunus... — ela começou antes de seus lábios se separarem quando ele deliberadamente roçou aquele ponto sensível dentro dela. Ele o sacudiu com o dedo médio, os outros dois atrás ajudando a torná-lo mais fácil de encontrar e crescer quando ele empurrou.

Ele se afastou para criar espaço entre eles.

— Pegue meus chifres.

Apenas o fato de que ele poderia dizer a ela para segurar seus chifres fez seu pênis escorregar para as pontas de seus tentáculos, ameaçando se libertar. Ele teve que apertar sua virilha para manter seu domínio.

Ela levantou uma mão e agarrou o direito, enquanto a outra apenas agarrou a pele de seu ombro. Ela estava evitando o que antes era o lado ruim do rosto dele.

Suas costas se curvaram profundamente quando ele sentiu a primeira ondulação de sua vagina.

— Eu vou gozar. Eu vou gozar, — ela sussurrou baixinho.

Um longo gemido se seguiu, e ele sentiu os dedos dos pés dela se curvarem contra a parte externa de suas coxas. Assim que sua boceta se apertou, Faunus puxou os dedos dela pouco antes de seu orgasmo terminar de liberar para roubá-la.

Ela engasgou e olhou para baixo em descrença.

Suas feições se suavizaram quando os tentáculos dele se soltaram, e ela abriu as coxas em sinal de boas-vindas. Ele colocou a

ponta de seu pau latejante e duro contra sua entrada aberta.

— Eu quero que você segure meus *dois* chifres, Mayumi, — ele resmungou com o beijo de calor de pelúcia se espalhando sobre a cabeça ligeiramente pontiaguda, e ele não pôde deixar de tentar cavar mais fundo. Ela era tão suave, tão quente, tão perfeita aqui. — Segure-os bem e apertados.

Com os olhos cravados onde mal estavam unidos, ela ergueu a mão e agarrou os chifres dele com as duas mãos.

Não posso esperar mais.

Ele cravou suas garras em seu abdômen e o sentiu apertar em torno das protuberâncias duras. O sangue brotou e, pela primeira vez em sua vida, ele não se sentia faminto por isso, não tinha fome por isso.

Faunus tremeu enquanto empurrava, sentindo o corpo dela empurrando para frente enquanto ele tentava montá-la. O feitiço demorou a ser executado e, a princípio, ele pensou que não aconteceria.

Ele prendeu a respiração até que finalmente sua boceta abriu caminho para ele, lenta mas firmemente. Ele sabia que tornava mais difícil quando seu eixo inchou e liberou uma gota de pré-sêmen direto em seu núcleo trêmulo e confortável.

A última vez que ele fez isso, ele estava com raiva, ciumento e possessivo. Ele estava desesperado para espetar suas entranhas, então ele as reivindicou para si mesmo.

Desta vez era diferente. Já era dele. Ele estava apenas pegando de volta - e foi fenomenal fazer isso, sabendo que ela era sua noiva, que ela estaria para sempre ligada a ele.

Suas presas se separaram e ele gritou com a pressão forte e o estalo delicioso da cabeça sensível empurrando.

— Oh, foda-se — ela murmurou.

— Olhe para você, — ele gemeu enquanto se observava cavando cada vez mais fundo, as coxas dela se contraindo o tempo todo. — Olhe a sua boceta me pegando tão bem, abrindo caminho pra mim de novo. — O rosnado possessivo que veio dele foi em triunfo. — Tão apertada. Tão bonita quanto eu espalhando você.

Ele não precisava se afastar para molhá-la com seu lubrificante. Estava vazando dele e tornando sua entrada mais fácil, mas ele fez isso apenas para que pudesse sentir a sensação.

O que ele não sabia era que Mayumi estava tentando se controlar enquanto ele a transformava. Seu puxão para trás e impulso para frente, até que ele estava no ponto em que já a havia esticado, a enviou ao limite – exatamente como da última vez.

No momento em que ela começou a agarrá-lo, as garras de Faunus cravaram na madeira de sua mesa e a arruinaram. Ele empurrou o que tinha dentro dela, mergulhando nela com golpes famintos.

Ele forçou um crescendo de gritos dela.

Ela não tinha terminado quando ele se enterrou o mais fundo que pôde, então ele removeu suas garras de sua carne e começou a fodê-la o mais rápido que pôde na mesa. Ela oscilou sob eles, ameaçando quebrar ao bater contra a parede. Cada estrondo era alto, provando o quão selvagemmente ele a estava tomando.

Ele estava pronto para pegá-la, mas não iria parar até que sua fêmea terminasse de gozar. *Minha. Ela é minha. Minha para segurar, para foder, para tocar.*

Ondas de calor se espalharam por ele, a partir de sua virilha, e isso fez com que seu pelo e pontas se levantassem em ondulações enquanto sua pele se retesava.

Antes, havia um leve latejar em seu crânio sempre que ele estava tão duro, que só crescia a um ponto irritante sempre que ele começava a estocar.

Agora, tudo o que ele sentia era euforia enquanto esta mulher excitada tomava seu pau como a boa menina que ele precisava que ela fosse. Enquanto ela agarrava os dois chifres e até se levantava por eles em seu êxtase. Enquanto seu corpo mergulhava e se curvava em ondas enquanto ela gritava. Enquanto ela molhava seu eixo, o cheiro dele era tão delicioso que suas respirações ficaram ainda mais sufocadas – sua língua desesperada para prová-la.

Eu deveria ter lambido ela primeiro. Ele gemeu quando ela começou a relaxar. *Eu deveria ter deixado ela gozar na minha língua. Ela*

sempre tem um gosto tão maravilhoso.

Sua visão pousou em sua mão enrolada em torno de sua coxa, espalhando sangue e sua mancha sobre sua carne. Suas estocadas pararam apenas para que ele pudesse levantar a mão com segurança e lambe a palma, depois os dedos, absorvendo ambas as essências.

Seus olhos atordoados o observaram, e ele não viu nada além de luxúria neles enquanto revestia sua língua.

— Toda você têm um gosto bom — ele retumbou. — Sua boceta, seu sangue, seu suor. Eu sempre quis morder você, mas não podia antes. Acho que vou remediar isso hoje.

Seus lábios entreabertos, bufando com respirações rasas, se curvaram para cima em um sorriso assombroso.

— Eu. Vou. Morder. De. Volta.

— Eu estou apostando nisso, — ele disse enquanto recuava com seus tentáculos segurando seus quadris. — Ainda não terminamos aqui. Segure-se em mim com força.

Faunus desejou poder segurar sua bunda fofa e a parte de trás de suas coxas enquanto estava de pé, mas em vez disso ele foi forçado a se ajoelhar quando eles se afastaram da mesa.

Ela estava sentada em cima dele com as pernas em volta de suas coxas, as mãos segurando seus chifres para se manter de pé. Seu peito roçou contra seu torso quando ele a manteve imóvel e começou a empurrar seu pênis para cima em seu canal apertado.

Como sempre, seu corpo era muito pequeno para conter algo tão grande e alto quanto ele. Ele podia ver os primeiros centímetros inchando sua carne por dentro, empurrando-a para cima.

— Sim, Faun, — ela gemeu, pendurando-se pelos braços e puxando os joelhos para trás, então ela estava ainda mais aberta para ele. — Bem desse jeito. Não pare.

Seus pés estavam apontados para que ela pudesse pressionar o topo deles e suas canelas contra seus quadris em movimento. Ela os usou, e seus braços, para ajudar a saltar, obrigando-os a ir mais rápido, para que seus impactos fossem mais profundos, mais fortes.

— Eu senti sua falta, — ele gemeu enquanto inchava momentaneamente dentro dela, o calor e a gordura acariciando seu

pênis dolorido. — Eu perdi isso. Esses últimos dias foram tão difíceis para mim, Mayumi. Querer tocar em você, mas não conseguir. Eu ansiava por você, assim como sempre desejei.

— Oh, Faunus, — ela sussurrou, seus olhos se curvando no que ele pensou que poderia ser pena dele — então ele enfiou seu pau mais rápido só para que aquela expressão desaparecesse.

Seus gritos de repente ficaram mais altos, mais quebrados e perdidos. Mayumi jogou a cabeça para trás, o peito curvado em sua direção, enquanto ela começava a mexer os quadris para frente e para trás enquanto ele empurrava para dentro e para fora.

Seus movimentos de mistura fizeram seus olhos lacrimejarem, assim como seu nariz e bochechas ficarem rosadas em profunda excitação. Seu olhar perdeu completamente o foco enquanto ela olhava para o nada no teto.

E Faunus sabia pelos espasmos que ondulavam ao redor de seu pênis, que ela estava prestes a quebrar novamente. Mayumi foi completamente engolida pela entidade sombria que era sua luxúria.

— Você é tão linda assim, — ele rosnou, segurando suas coxas e quadris mais apertados e usando-os para quicá-la. — É a única vez que você fica mole. Onde sua boca suja e sarcástica não pode fazer nada além de gemer e choramingar. Você nem consegue ver direito o que está te fodendo, não é? — Ele diminuiu a velocidade apenas por algumas estocadas enquanto dizia: — Mas aposto que você pode sentir isso, pode sentir meu pau dentro de você.

Antes que ela pudesse ter a chance de organizar seus pensamentos, ele começou a voltar com seu ritmo rápido.

Seus olhos lacrimejantes começaram a enrugar, fazendo com que suas lágrimas cheias de luxúria escorressem por suas bochechas em golpes rápidos. Faunus não tinha ideia de por que vê-la chorar em êxtase o irritava tanto, mas sempre o fazia querer fazer qualquer coisa que pudesse para ver aqueles fluxos patéticos em seu rosto.

Deixando de lado a nádega, ele enfiou os dedos em forma de garra pelo cabelo dela, agarrou-o com força e empurrou a cabeça dela para frente, forçando-a a assistir seu pênis entrando e saindo dela. Ele separou seus tentáculos para se certificar de que ela pudesse ver como

os lábios de sua boceta estavam esticados ao redor da grossa circunferência de seu pênis.

Faunus gostava de transar com ela no espelho sempre que podia. Ele ocasionalmente espiava atrás dela agora, observando-o pegá-la por trás enquanto também era capaz de olhar para baixo entre eles.

Ele também adorava a maneira como suas entranhas vibravam sempre que *ela* as observava, apertando, tendo espasmos, ondulando com pequenos apertos tentadores.

– *Minha*, – ele rosnou, desejando poder enterrar seu focinho contra ela. Quando ela tentou virar a cabeça para cima, ele não deixou. – Olhe para nós. Observe-me pegar a buceta da minha noivinha. Você queria meu pau, então você pode vê-lo fazer você gozar.

Tudo o que ela podia fazer era cantar aquele apelido adorável que ela deu a ele, aquele que era reservado apenas para isso, logo antes de gritar em abandono.

Suas bolsas se ergueram na base de seu pênis enquanto ele se contraía dos espasmos confortáveis de suas paredes tentando ordenhá-lo. Faunus gemeu profundamente, seus pulmões tremendo.

– Eu disse a você o que aconteceria se você me desse sua alma, Mayumi. – Faunus estremeceu durante o orgasmo dela, as estocadas de seu pênis se tornando mais escorregadias enquanto o líquido dela se acumulava em sua costura e ao redor da base de seus tentáculos. – Que eu faria o que quisesse com esse seu ventre, e o encheria, o criaria, o tornaria *minha*.

Ele afrouxou o aperto em seu cabelo quando ela relaxou mais uma vez, e ele a deixou virar o olhar para ele. Ela ficou cara a cara com seu crânio ofegando descontroladamente, seus orbes de uma cor roxa tão escura.

Ele não sabia qual era a expressão em seu rosto, mas ela ficou em silêncio. Seu pênis ainda estava se movendo. Ele não estava indo para dar-lhe uma pausa - não quando ele estava perto de terminar exatamente onde queria.

– Eu não conheço o feitiço para evitar isso. Nunca pensei que precisaria disso, mas acho que uma parte de mim não queria saber.

Os tentáculos de Faunus a apertaram, tentando forçá-la para baixo para que ela não pudesse escapar dele.

— Eu quero tanto passar dentro de você, Mayumi. Assim, como estamos agora, com você como minha noiva preciosa... seu corpo pronto e esperando por mim. Eu sofro por isso.

Ele não sabia se ela entendia que ele esperava uma resposta dela, mas era melhor ela dar logo, ou ele faria a escolha por ela. Ela deu um pequeno miado quando seu eixo inchou assim que suas bolsas se levantaram novamente, avisando-a da inundação iminente que ele não seria capaz de conter.

— Mayumi... — ele gemeu quando ela estava demorando demais.

— Apenas faça isso — ela sussurrou. — Eu quero sentir seu calor dentro de mim mais do que qualquer coisa. Eu não me importo com o que aconteça; Eu só preciso sentir isso.

Com um grunhido de vitória, ele soltou o cabelo dela para que pudesse segurar seus ombros para apoiá-la e a si mesmo enquanto curvava a coluna e empurrava a cabeça para frente. Sem aviso, Faunus fez o que havia prometido antes e enfiou suas presas ao redor do pescoço dela.

Ele a mordeu, forte o suficiente para tirar sangue, mas não o suficiente para render seus músculos, e a empurrou para baixo sobre ele. Mayumi engasgou, suas mãos soltando seus chifres para que ela pudesse agarrar o pelo na parte de trás de seus ombros com força e puxá-lo.

Seus tentáculos se fecharam ao redor dela assim como as pontas de seu pênis endureceram e travaram. Seu rugido foi abafado pela carne, sua respiração pelo buraco do nariz resfolegou, quando a primeira explosão de sua semente espirrou dentro dela.

— *Nhn*, — ela miou, a tensão de sua mordida diminuindo enquanto ele enchia sua boceta perfeita com cada gota que ele tinha para dar.

A visão de Faunus escureceu enquanto ele se deliciava com ela, sentindo-a começar a transbordar enquanto a doçura de seu sangue gotejava lentamente em sua boca. O calor de seu corpo ao redor dele

era como o céu, assim como parecia um lar querido em seus braços.

Seu perfume sonolento de abóbora acima de tudo deixou sua mente em branco enquanto ele era dominado por ternura e prazer. Seu rugido se transformou em um gemido abalado e alterado pela mente.

Seu pênis deixou muito pouco espaço dentro dela para manter sua semente, exceto no fundo de seu útero, e o resto foi forçado a sair por seu conforto. No silêncio de sua casa, respingos pesados podiam ser ouvidos quando o resto atingiu o chão entre os joelhos abertos.

Sua cauda permaneceu enrolada em tensão o tempo todo, enquanto seu corpo dava tremores e espasmos selvagens - sua incapacidade de avançar com isso era uma agonia.

Gentilmente, Faunus removeu suas presas dela, alargando sua mandíbula apertada e puxando para trás. Algumas gotas de carmesim caíram em seu ombro quando ela caiu para frente com os braços caídos. Seu pulso estava batendo freneticamente, e ele podia não apenas ouvi-lo, mas senti-lo contra ele - assim como ele ouviu e sentiu seus pulmões trabalhando rápido.

Seu próprio coração e respiração eram ainda mais rápidos.

Mayumi acariciou e aconchegou seu pelo, então ele começou a dançar com as pontas dos dedos para cima e para baixo em sua espinha.

— Você está bem? Minha mordida dói? Você deseja que eu a cure? — Ele a curaria se ela quisesse, mas ele gostava de tê-la por mais algum tempo - a primeira de muitas mordidas que ele esperava dar a ela.

Ele gostava particularmente da ideia de morder suas coxas e bunda se ela deixasse. Ele mordiscaria cada pedacinho de carne com total alegria.

— Foi tão bom — disse ela, sem se importar com o ferimento. Então ela deu uma risada suave. — Mas tenho más notícias para você, Caminhante do Crepúsculo.

— Más notícias? — ele perguntou enquanto lambia o focinho, tentando beber cada pedacinho dela que havia roubado. Era doce e quase picante como o cheiro dela, mas metálico e salgado como todo sangue.

— Não estou mais na parte fértil do meu ciclo. — Ele inclinou a cabeça quando não entendeu o que isso significava – considerando que ele pensava que as mulheres eram férteis o tempo todo. Então, com a voz ficando suave, ela sussurrou: — Mais sorte no próximo mês... se eu deixar.

— Eu não entendo, — ele respondeu.

Isso só a fez bufar com humor.

— Claro que não. — Alguns longos mas belos segundos se passaram. Ele penteou o cabelo dela antes de passar as mãos pelo corpo dela, segurando alegremente sua nova noiva – a única que ele sempre quis. — Me ouviu?

— Ouviu o quê, Mayumi?

— Antes de você voltar, eu gritei com você. Você ouviu o que eu disse?

Faunus inclinou a cabeça para isso. — Não, eu não ouvi.

Ele não sabia há quanto tempo tinha ido embora. A última coisa que ele lembrava era lutar contra os Caçador de Demônios.

— Bom — ela murmurou contra ele. — Eu quero dizer a você corretamente.

— O que você... — antes que ele pudesse terminar de interrogá-la, querendo saber as coisas secretas que ela disse a ele, roncos suaves saíram dela.

Uma vez que toda a frente do corpo dela estava enterrada contra ele, incluindo o rosto, ele gentilmente virou a cabeça dela para descobrir que ela havia adormecido. Não apenas qualquer tipo de sono também... mas aquele em que a pessoa estava lânguida e mortalmente pálida de exaustão. Já que suas lágrimas mais recentes vieram de tensão física ao invés de angústia emocional, ele podia ver a escuridão inchada sob seus olhos.

Ela não dormiu.

Ele nunca a tinha visto tão cansada.

Faunus embaralhou-os cuidadosamente até que pudesse colocar as costas contra a parede para que pudessem descansar juntos enquanto ainda estavam unidos. Ele gostava que ela estivesse confortável o suficiente para dormir em cima dele assim, com seu

pênis ainda aninhado profundamente dentro dela para que ele pudesse ouvir e sentir seu batimento cardíaco frágil, mas forte ao seu redor.

Ele se sentaria assim para sempre se fosse o que ela precisava.

Pressionando o lado de seu focinho ossudo contra o cabelo dela, ele a acariciou enquanto sua mão continuava a brincar com sua carne em todos os lugares que ele podia tocar.

Ela não dormiu enquanto eu estava fora.

Ele não precisava perguntar por que ela havia escolhido fazer sexo com ele se estava tão exausta.

Ela fala com seu corpo. Ele sabia disso sobre ela.

Esta era a maneira de Mayumi deixá-lo saber que ela sentia falta dele, cuidava dele, o amava, assim como ele a amava. Era também sua forma de mostrar que precisava dele, não só no corpo, mas na vida. Que ela estava sofrendo profundamente antes de ele ser devolvido a ela.

Ele passou as costas de seus dedos contra sua bochecha e até a borda macia de seu nariz.

Eu nunca vou deixar você de novo. Ele roçou o nó do dedo no nariz dela desta vez e depois nos pelos curtos de suas sobrancelhas peculiares e sempre expressivas. *Eu a seguirei aonde quer que você queira ir e a ajudarei a alcançar tudo o que deseja alcançar.*

Se ela quisesse ir para o sul para o mar novamente, ele a levaria até lá. Se ela quisesse atrair e lutar contra Demônios, ele ficaria mais do que feliz em ajudá-la - especialmente porque ele ficaria muito melhor em manter a sanidade ao fazê-lo.

E se ela não quisesse fazer nada além de fodê-lo até a morte, ele ficaria absolutamente encantado.

Ele começou sua vida sozinho. Agora ele sabia que estaria cheio de lembranças travessas, alegres e provocantes. Todas elas de uma mulher mandona e absolutamente irritante, que ele acarinhara desde o momento em que a conhecera.

Sua visão encontrou o espelho para olhar adequadamente para seu rosto, vendo o brilho do ouro refletido nele, assim como sua bela alma. Seus orbes ficaram com o rosa mais brilhante que ele já tinha

visto.

Meu rosto é feito de sua vontade de me manter ao seu lado.

EPILOGO

3 meses depois

Mayumi balançava suavemente de um lado para o outro enquanto se sentava nas costas de Faunus em sua forma monstruosa, sentindo os ventos quentes soprando suavemente em seu rosto. O sol estava ameno enquanto brilhava através do dossel de folhas enquanto eles viajavam pela floresta.

Os pássaros cantavam alegremente enquanto as flores silvestres cresciam no manto fino de neve para dançar olá pela primeira vez em meses.

Havia aromas no ar, agradáveis para a maioria, mas para Mayumi...

Seu espirro alto e profundo fez com que os pássaros se dispersassem de medo. Ela esfregou o nariz que coçava e fungava. *Eu odeio a porra da primavera!*

— Esse foi grande, — Faunus riu, tomando cuidado onde pisava para ter certeza de não perturbar o ambiente e fazer com que uma nuvem de pólen se erguesse no ar ao redor deles.

— Alergias... eu juro. — Ela continuou a coçar o rosto. — Eu gostaria de poder arrancar meu nariz.

Elas geralmente não eram tão ruins, mas ela nunca viajou relativamente rápido nas costas de um Caminhante do Crepúsculo antes. Ela ergueu o lenço sobre o rosto, que tinha sido uma barreira decente até cerca das cinco horas atrás.

— Você disse que não havia flores no Véu, certo? — ela perguntou com um chiado de dor.

Ele levantou a cabeça em uma direção aleatória, ouvindo algo que ela não podia.

— Não há flores. Apenas a névoa e as árvores.

— Bom. Apresse-se e me leve para longe do mundo da superfície infestado de pólen antes que eu dispare meu cérebro através de meus seios.

Ele torceu o pescoço dessa maneira assustadora para olhar para ela de costas. Mayumi se apoiou em um braço esticado atrás dela e

ergueu uma sobrancelha.

— Você costuma ser assim... — Ele fez uma pausa quando estava tentando descobrir a palavra certa para usar.

— Vadia? — ela respondeu por ele. — É como ser rancorosa e irritada.

Ele estalou a língua enquanto assimilava a palavra. — Você costuma ser tão mal-intencionada durante a primavera?

Mayumi de repente desejou não tê-lo ajudado. Ela fez beicinho.

— Não, mas minhas alergias geralmente não são tão ruins. — Seus olhos se estreitaram em um olhar profundo e rancoroso. — Eu aposto que isso é tudo culpa *sua*. Meu maldito rosto está coçando, Faunus!

Ele olhou para baixo de seu corpo e, em seguida, rolou a cabeça para frente. Ela quase podia imaginá-lo revirando os olhos, se tivesse algum! Ele balançou a cabeça enquanto seus ombros balançavam como se ele estivesse rindo dela.

— Eu avisei que sairia vitorioso, que você não seria capaz de me impedir.

Ela colocou a mão sobre o abdômen inchado.

— Se você não estivesse carregando toda a minha merda, eu jogaria algo nessa sua cabeça grande, gorda e dura.

Atualmente, eles estavam transferindo um grande número de itens de sua casa para as profundezas do Véu. Eles estavam fazendo o caminho mais longo, evitando o máximo possível, para que pudessem entrar pelo sudoeste. Eles ainda estavam um pouco ao norte e assim estiveram durante a maior parte da semana.

Não demorou muito para Mayumi perceber que estava grávida, não que fosse uma surpresa considerando que ele havia sido honesto com suas intenções. Ela deixou acontecer, sabendo que não havia nada que pudesse fazer para impedir.

Seu jogo de arrancada foi impecavelmente ruim, considerando não apenas seus tentáculos, mas também suas farpas. Ela tentou calcular seu ciclo, tentou evitá-lo, o que falhou terrivelmente.

Por dois dias inteiros eles evitaram sexo no meio de seu ciclo, mas aqui estava ela, carregando o bebê excitado de um Caminhante do

Crepúsculo.

Uma vez que ela percebeu, depois de vomitar o que ele chamou de escuridão de seu estômago – que sugou horivelmente – ambos discutiram suas opções.

Mayumi já estava trabalhando com a ideia de entrar no Vêu desde que Faunus expressou que estava desapontado por não poder ver seus irmãos e suas próprias noivas. Ela também sabia, sem dúvida, que ele odiava sua casa.

Ele não se encaixava nela.

Não era justo fazê-lo viver ali quando ele não conseguia nem ficar em pé.

O que a fez acelerar sua decisão foi isso. Pela primeira vez em sua vida, Mayumi estava um pouco... assustada? Ok, realmente com medo. O que *diabos* ela deveria fazer com uma criança? E cuidar de um de sua espécie parecia difícil, e ele mal tinha respostas.

Magnar e Delora tinham uma, e ela planejava estrangulá-los para obter respostas se eles não dessem de bom grado. Faunus disse a ela que não precisaria, mas sua ansiedade estava fazendo com que ela quisesse ser violenta - talvez seus hormônios da gravidez também.

Faunus e Mayumi iriam encontrar uma seção da floresta perto de suas casas e construir a sua própria. Faunus planejou estabelecer sua própria proteção para mantê-la segura e esperava para forçar Magnar e Orpheus a ajudá-lo a construir uma casa que seria adequada para eles. No entanto, muitos *deles* haveria.

Agora que seu crânio está forte, ele não tem mais medo de Jabez. Faunus disse a ela que adoraria enfiar seu crânio parcialmente dourado no dele.

Mayumi soltou um pequeno suspiro.

Eu realmente espero poder voltar e coletar todas as coisas da minha família. Atualmente amarradas nas costas de Faunus, do pescoço às costas, havia mochilas e mais mochilas com as coisas dela.

Ela havia deixado para trás o que podia suportar, com toda a intenção de voltar para levá-las para sua nova casa. O que ela tinha eram suas roupas, seus jogos de tabuleiro, seus utensílios de cozinha e armas e mais armas.

Havia também uma tenda militar de estilo antigo que ela pagou a Klaus, Henry e Yoshida para roubar do antigo quartel do Posto Avançado de Colt. Eles planejaram usá-la como um lar temporário. Não era muito larga, mas era alta o suficiente para que até Faunus pudesse ficar de pé – ela esperava.

Esses meninos às vezes me irritam, mas estou feliz por ter me despedido deles.

Ela disse a eles que Faunus estava vivo, surpresa quando Yoshida parecia ser o mais aliviado com a notícia. Ela também os informou que estava saindo e não sabia quando voltaria.

Depois de um tempo de viagem, seus ataques de espíritos se acalmaram, já que eles não estavam viajando por uma seção particularmente ruim de árvores, e ela começou a olhar ao redor para o mundo em aquecimento.

Ela estava procurando por algo, esperando.

Não havia muito o que fazer nas costas de um Caminhante do Crepúsculo além de irritá-lo, e ela atualmente tinha um jogo que gostava de jogar. Ela teria que dizer que era um de seus favoritos de todos os tempos agora.

– Vire um pouco para a direita, – ela exigiu baixinho.

Quando ele o fez, ele lentamente os levou passando por um tronco de árvore caído que estava mais ou menos na altura do joelho para ele. Ela balançou a cabeça e finalmente disse a ele para ir para a esquerda quando viu outra coisa.

Uma pedra. Uma boa e grande.

– Isso parece perfeito, – ela ronronou, esfregando a parte de baixo de sua bota contra a parte de trás de seu chifre. – É a altura do seu quadril. Perfeito para me deitar.

O corpo de Faunus estremeceu *violentamente* entre as coxas dela enquanto ele estremeceu, uma de suas mãos cruzando na frente da outra antes de quase tropeçar. Ele até soltou um gemido trêmulo.

Ele jogou a cabeça para trás por cima do ombro, seus orbes roxos.

– Não – ele rosnou. – Devo alcançar uma boa distância hoje. Com a mão livre, ela passou as pontas dos dedos pelos quadris,

sobre a barriga e entre os seios. — Mas eu quero. Está perfeito, Faunus, e o chão ainda está muito coberto de neve para você me encostar nele.

— Mayumi, — ele lamentou pateticamente antes de outro estremecimento de corpo inteiro passar por ele.

Desde que soube que ela estava grávida de seu filho, o maldito Caminhante do Crepúsculo excitado ficava excitado com a queda de uma folha. Quanto mais perceptível ficava a barriga dela, o que não era difícil já que ela era magra, pior ele parecia estar.

Mayumi tomou isso como um desafio.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, profunda e ruidosamente, para o mundo. Ela sabia que ele só queria chegar ao Véu, onde era mais seguro, e ela estava sob a tutela dele. Ele também estava preocupado que a viagem pudesse demorar mais do que sua gravidez estranha e rápida.

Ela tinha quase certeza de que estar grávida estava exasperando sua maldita febre do feno! Claro, ela iria provocá-lo em retaliação.

— Vamos, Faunus. Você não quer me *violentar* enquanto coloca sua mão grande sobre minha barriga de novo?

Ele soltou um estrangulamento, e a risada dela ficou infinitamente mais conivente quando ele tentou segurar um galho, que o acertou no rosto porque ele não estava prestando atenção. Ele bufou de aborrecimento.

Oh meus Deuses! Eu amo muito mexer com ele.

Sua risada suavizou em risadinhas que eventualmente se transformaram em ela apenas sorrindo brilhantemente na parte de trás de seu crânio branco em adoração.

Estou muito feliz que ele é meu.